



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS
PROGRAMA *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA – PSSP
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

“A arte de escrever, com a palavra o Escritor”
AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO
SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA

MARCOS BUENO

Goiânia - GO

2012

MARCOS BUENO

“A arte de escrever, com a palavra o Escritor”
AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO
SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica - PUC Goiás.

Área de concentração: Psicologia social, trabalho e organizações.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Barbosa Macêdo.

Goiânia/GO

2012

Bueno, Marcos.
B928a “A arte de escrever, com a palavra o Escritor” as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho [manuscrito] : uma abordagem psicodinâmica / Marcos Bueno. – 2012.
366 f. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, 2012.

“Orientadora: Profa. Dra. Kátia Barbosa Macêdo”.

1. Escritores literários. 2. Psicologia. 3. Psicodinâmica do trabalho. Mobilização subjetiva do sujeito. 4. Prazer-sofrimento no trabalho. 5. Trabalho e arte. 4.I. Título.

CDU: 159.9:82-051(043)

MARCOS BUENO

“A arte de escrever, com a palavra o Escritor”
AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO
SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica - PUC Goiás.

Área de concentração: Psicologia social, trabalho e organizações.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kátia Barbosa Macêdo.

Goiânia, 12 de dezembro de 2012. Resultado: _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Kátia Barbosa Macêdo (Presidente/Orientadora)
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Goiás)

Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida– Membro Convidado Externo
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a Rosângela Dutra de Moraes – Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof.^a Dr.^a Vannúzia Leal Peres de Andrade – Membro interno
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Goiás)

Prof.Dr. Luc Marcel Adhemar Vandenberghe – Membro interno
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Goiás)

Prof.^a Dr.^a Daniela Sacramento Zanini - Suplente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

Prof.^a.Dr.^a Lenise Santana Borges – Suplente
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

“De Tudo Ficaram Três Coisas”

De tudo ficaram três coisas:

A certeza de que estamos começando,

A certeza de que é preciso continuar e

A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar

Fazer da interrupção um caminho novo,

Fazer da queda um passo de dança,

Do medo uma escola,

Do sonho uma ponte,

Da procura um encontro,

E assim terá valido a pena existir!

Fernando Sabino

“Não se preocupe em ‘entender’”.

“Viver ultrapassa todo entendimento”

Clarice Lispector

*Ali estava eu, à cata de respostas!
Em geral respeitei à linguagem, a maneira de ser,
escrever e falar dos escritores.
Quem é o escritor?
Que é o seu ofício?
Qual sua gênese?
Onde e como detectar lھے as vivências?
O que vem a ser o seu processo de criação?
Foi um privilégio ser contemporâneo de tão significativos
nomes da literatura goiana e brasileira.
Minha gratidão a todos vocês que partilharam seus
momentos comigo nessa viagem do imaginário e do desejo
humano!*
Edla Van Steen, *Viver e escrever* (2008, p.9).

*Homenagem ao dia do escritor. 25 de julho
“comemorando a solidão diante da palavra, a verdade, o
medo, a alegria, o amor indizíveis de só saber escrever.”
Claudio Schamis, *Viciados em livros*, 2012.*

HOMENAGEM

Presto aqui minha homenagem ao Professor Dr. Dante Moreira Leite que, graças a sua pesquisa pioneira no Brasil sobre “Psicologia e Literatura” e apresentada como Tese de Livre Docência à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP - Universidade de São Paulo em 1964 e transformada em livro em 1967 e atualmente na quinta edição de 2002, abriu as portas para minha pesquisa sobre este tema tão fascinante, o mundo imaginário e desejante do escritor que se alimenta de uma solidão criativa.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é a arte de retribuir as graças recebidas. Graças que tenho recebido em um nível maior que o do meu merecimento.

Como dizia meu professor de Mestrado, Gregório Van Varkis da UFSC, elaborar uma tese é um caminho solitário, mas, nesse caminho, ainda que solitário e muitas vezes angustiante, várias pessoas se fizeram presentes e, mesmo indiretamente, ajudaram-me para que essa tese pudesse ser realizada.

Agradecer e nominar implica correr o risco de cometer esquecimentos, não ser fiel à lembrança dos muitos que passaram e deixaram sua marca imortal nesta trajetória. E porque essa trajetória se faz de pequenos encontros, optei por agradecer a algumas pessoas que são muito especiais e representam os sentimentos que me acompanharam neste período.

Começo agradecendo a Deus, que é o meu grande e especial Terapeuta -Escritor e me conhece, me ensina, em todos os momentos, prazer e sofrimento são relativos e dependem dos sentidos da existência no contexto da vida.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Kátia Barbosa Macêdo, que, com seu rigor de pesquisadora exigente, ajudou-me a superar meus limites respeitando minha liberdade e autonomia, deu-me suporte nos momentos difíceis em que a angústia, o cansaço, as crises pessoais e financeiras bateram fortes e pude vivenciar o prazer e sofrimento de que fala Dejours na prática docente, na qual a única companhia era a solidão. Conheci de perto a patologia da solidão, conheci de perto o que é a precarização do trabalho docente e também os gestos de reconhecimento que sempre recebi.

Algumas leituras foram marcantes nesta trajetória; destaco as obras de Christophe Dejours, que mudaram meu olhar sobre o mundo do trabalho, de Michel Foucault, que mudou a ordem dos discursos e me despertou para os olhares do escritor, do autor e do leitor.

Essa tese também não teria sido possível sem o apoio financeiro como bolsista da FAPEG - Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de Goiás, que veio em um momento crítico.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC, nas pessoas do Prof. Dr. Cristiano Coelho e do Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini, pelo apoio necessário; e a todos os Professores do Programa, pelas aulas, pela orientação e pelo apoio no decorrer do curso.

Obrigado, em especial, ao caro amigo e Prof. Sólton Bevilacqua, colega do Departamento de Administração da Universidade Federal de Goiás-UFG/Campus Catalão do Doutorado na PUC, que, além da ajuda nos estudos e nas aulas, foi grande companheiro de

viagens semanais de Catalão a Goiânia. Aos demais amigos do Doutorado, Roseli Pires, Edinaldo Avelino, Daniela Guimarães, Edward Guimarães, Diógenes Carvalho, Alessandra Fleury, Hércia Daniel e Fabiana Custódio, pelo apoio e pela solidariedade nos momentos de prazer e de sofrimento no Doutorado.

Ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, por ter-me concedido licença, nesta etapa final, para qualificação e defesa.

Agradeço aos professores Eguimar Chaveiro Felício e José Henrique Staciari, da UFG, pelos encontros com a palavra desperta, pelos textos sempre lúcidos e pelo constante apoio.

Agradeço à Professora Ângela Alessandra Monteiro da Castro da FEN/UFG, pelo grande apoio durante boa parte do trabalho, no apoio material e espiritual.

Agradeço, *In memoriam*, à professora Doutora Sirlene Duarte, do Departamento de Letras da UFG/Campus Catalão, onde comecei a estudar a análise do discurso e pela sua disponibilidade em me ajudar.

Ao meu caro amigo e Professor Ibrahim Andraus Gassani, um mestre na Educação, exemplo vivo do que é ser um educador, da arte e do ofício de ensinar.

Ao Prof. Ph.D. Renan Billa, da Engenharia Mecânica da Universidade Federal de Uberlândia, que foi meu professor na Especialização e responsável pelo Mestrado da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina em Uberlândia e incentivador do nosso intercâmbio com a Université du Québec à Trois Rivières, no Canadá.

Agradeço aos Professores doutores Kênia Pereira do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia e Leonardo Pinto de Almeida, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense - UFF, por suas indicações de leituras e sugestões, que foram de grande contribuição ao meu trabalho.

Aos amigos Professores Vidigal Fernandes e Janduhy Camilo Passos, da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, amigos que me deram apoio em momentos decisivos na minha carreira docente, para com os quais tenho uma dívida de gratidão.

Agradeço aos diretores do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, Manoel R. Chaves e Maria Natividade, em especial, aos professores que, de forma direta ou indireta, auxiliaram-me nesta etapa final: Maxwell F. de Oliveira, Nádia Campos, Ana Paula Zago, Serigne Cisse Bá e Naasson Almeida; ao Psicólogo Frederico Guerreiro, pela ajuda do Departamento de Administração, pelo companheirismo e pelo acolhimento no Curso de Administração, em especial, nesta etapa final do Doutorado, quando consegui a licença e obtive o apoio necessário.

Agradeço à doutoranda Daniela Guimarães, colega do Doutorado, que me ajudou na elaboração, na análise crítica dos gráficos e na avaliação das respostas.

À Banca Examinadora, formada pelos Professores Kátia Barbosa Macêdo (orientadora), Leonardo Pinto de Almeida, Rosângela Dutra de Moraes, Vannúzia Leal Peres de Andrade, Luc Vandenberghe.

À União Brasileira de Escritores – Seção Goiás - UBE-Goiás, na pessoa de seu presidente, Edival Lourenço, que abriu as portas para a pesquisa e aos escritores Geraldo Coelho, Alcione Guimarães, Ubirajara Gali, José Mendonça Teles, Maria Luiza Ribeiro, Bariani Ortêncio, Otilo Paiva e Eguimar Felício Chaveiro, por participarem da pesquisa e por todo o apoio necessário nas entrevistas.

Aos meus caros alunos do Cesuc, quando iniciei o meu Doutorado em 2009, e os alunos da UFG/CAC, que tiveram paciência comigo nesse período do curso e de licença no final do Doutorado e confiaram na nossa troca de ensino-aprendizagem!

Ao Marcos Luiz, Naiara Bruna, Maysa Abrão, Ivone Rodrigues e Juliana, pela valiosa ajuda nas transcrições das entrevistas e da devolutiva do espaço coletivo de discussão.

Aqui lembro também da Glenda, Helena e da Martha, secretárias da Pós-Graduação da PUC-GOIAS, eu sei que, sem vocês, não há academia, vocês transformam a burocracia em resultados, o apoio de vocês foi fundamental.

A meus confrades da Academia Catalana de Letras-ACL e, em especial, ao meu patrono da cadeira nº 20 “Antero da Costa Carvalho”, lugar do escritor onde teve início a literatura para mim; aos colegas acadêmicos; Cornélio Ramos e Julio Pinto de Melo, que me levaram para a Academia de Letras e aos acadêmicos de toda hora, Braz, Coelho, Geraldo Coelho, Guillermo Leonidas Castro Moya, Ivan Corrêa, Jorcé Sivério de Mesquita, Otilio Paiva, Edson Democh, Guilherme Aires, Dan Assuero, entre outros que vivem do fazer literário, sonhadores e prosadores do desejo do inacabamento.

Pude constatar, no trabalho real, o que Christophe Dejours afirma sobre o trabalho precário do professor e do escritor. Aprendi com Cora Coralina que sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. E creio que precisamos também ser tocados pela voz do coração; por isso, não importa o tempo, mas a intensidade, o sentido, os significados.

O respeito pela individualidade aos meus colegas do curso, cujas diferenças não criaram nós, mas proporcionaram vínculos à descoberta de que cada um é o que dá conta de ser... Foi um prazer estar com vocês!

E agradeço a todos que estiveram comigo e àqueles que continuarão a perguntar: para que tudo isto? Você vai ganhar mais com esse título? Será que vale a pena investir tempo, dinheiro, energia, saúde e paixão em continuar nessa estrada da Educação? Não sei. Estou concluindo minha tese em plena greve de 100 dias dos professores, com mais sofrimento para os professores, alunos, suas famílias e o país que dividem esses sofrer por não receber o devido reconhecimento por parte dos nossos governantes. Saudamos aqui Paulo Freire!.

Dedico também aos professores/educadores este trabalho, pois conheço de perto suas lutas e suas angústias. O reconhecimento virá do trabalho bem feito junto aos alunos!

Muito obrigado a todos!

Dedicatória

A meu pai, Luiz Gonzaga Bueno, com quem aprendi a gostar de ler, pelo incentivo e pelo exemplo na leitura; e a minha mãe, que me deu condições de chegar até aqui!

Às ausências dos meus pais e de meu irmão João, meus primeiros educadores e terapeutas.

Ao meu irmão Edison Bueno Sanitarista e chefe do Departamento de Saúde Coletiva e professor na Unicamp - Universidade de Campinas. Um exemplo de cientista, de professor e de ser humano.

O apoio da família é fundamental no Doutorado: a Celina, companheira na construção do nosso livro da vida, aos queridos filhos Marcos Luiz, pesquisador e professor de Computação na UFU - Universidade Federal de Uberlândia, que me ajudou em muitos momentos nas transcrições, na construção da base dados, no apoio ao meu trabalho como professor e Matheus, Arquiteto e Urbanista que, com seu talento e com sua voz, sempre me inspira desde criança com suas perguntas e com sua lucidez. Aos filhos sou muito grato pelas sugestões, pelas contribuições, pelas cobranças e pelo apoio nas horas em que faltava luz e motivação, ensinam-me sempre o significado da vida, além das letras e das palavras.

Aos meus sogros José Rodrigues de Paula e Helena por me substituírem nas ausências.

Resumo

O mundo do trabalho atual apresenta-se pela pluralidade e complexidade e pela busca constante da emancipação do sujeito e redução dos riscos à saúde do trabalhador. O trabalho está no próprio sentido existencial do ser social. A partir das transformações tecnológicas e produtivas e do fenômeno do desemprego, o trabalho passou a ser tema central nos debates científicos. Este estudo teve como objetivo geral analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho e às suas estratégias para enfrentar o sofrimento e transformá-lo em prazer, partindo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho no que diz respeito à relação entre identidade profissional e arte, organização do contexto do trabalho e mobilização subjetiva do trabalhador. Visando a alcançar esse objetivo, o trabalho buscou esclarecer e identificar as vivências de prazer e de sofrimento além de verificar se os escritores utilizam, como estratégias de enfrentamento, os mecanismos da sublimação apontados por Freud (1914) para superar e transformar o sofrimento psíquico. Pretendeu-se identificar as vivências dos escritores literários filiados à UBE-GO em relação ao seu trabalho. Realizaram-se dois estudos: o estudo 1 foi uma pesquisa documental a partir de entrevistas com os escritores citados nos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles e do livro “O lugar do escritor” de Eder Chiodetto. No estudo 2, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório com entrevistas semiestruturadas voltadas para a temática das categorias da Psicodinâmica de Christophe Dejours, transcritas e submetidas à análise do discurso, de Silvia Lane e houve uma devolutiva, em que se buscou uma aproximação inicial com a Clínica do Trabalho. Foram entrevistados nove escritores literários, de ambos os sexos, com idades entre 40 e 87 anos, todos filiados à UBE-GO com mais de dois anos de filiação, todos com instrução superior e todos com mais de dez obras publicadas e premiadas. Como resultados, destacam-se: o sentido do trabalho dos escritores literários tem uma singularidade em relação às demais atividades da economia tradicional. A busca constante de procurar se adequar aos novos requisitos e qualificações para se inserir em um mercado indeterminado e informal revela um sujeito em constante sentimento de falta, reproduzindo a ideologia tradicional da profissão. O discurso dos escritores nos remete a conhecer um lugar social do singular e do coletivo, sinalizando as amarras discursivas que responsabilizam o sujeito pelo desencontro da relação dialética entre objetividade e subjetividade a mediação da palavra. Os escritores literários têm suas ações presentificadas, utilizando estratégias defensivas cada vez mais transitórias e dinâmicas no contexto social. Frente aos pressupostos levantados, foi possível a compreensão de que o discurso dos escritores literários é inseparável na relação entre o sujeito e o trabalho, em que a possibilidade de transformar sofrimento em prazer é um desafio constante e só conseguem produzir porque têm um sentido sublimatório no que fazem e por que o fazem.

Palavras-chave: Vivências do trabalho. Escritores literários. Prazer-sofrimento no trabalho. Clínica Psicodinâmica do Trabalho.

Abstract

The world's current work is presented by the plurality and complexity and the constant quest for emancipation of the subject and reduce risks to workers' health. Working is in the own existential meaning of social being. From technological and productive changes and the phenomenon of unemployment, the work became the central theme of scientific debates. This study aimed to analyze the experiences of literary writers concerning to their work as well their strategies to face suffering and turn it into pleasure. We started with Work Psychodynamic Clinic, concerning to the relationship between professional identity and art, work context organizing and worker subjective mobilization. In order to achieve these goals, this study aimed to identify the pleasure and suffering experiences as well to verify whether the writers use the sublimation mechanisms proposed by Freud (1914) as coping strategies for overcoming and transforming psychological distress. We aimed to identify the experiences of literary writers affiliated with Brazilian Writers Union, in Goiás. We made two studies: the first one was a documental search based on two sources — interviews with the writers cited by the Reports on Brazilian Literature of Moreira Salles Institute and the Eder Chiodetto book named “O lugar do escritor” (The Writer Place). The second study was a descriptive and exploratory qualitative search with semistructured interviews on Christophe Dejours' psychodynamic categories which were transcript and submitted to Silva Lane's discourse analysis. There was also a devolutive in which we seek an initial approximation to work clinic. We interviewed nine literary writers of both sexes, aged between 40 and 87 years, all of them affiliated with Brazilian Writers Union for more than two years, all with superior instruction and all with more than ten published and awarded works. The results show that literary writers work meaning is very singular compared to other activities in tradition economy. The constant search for new requirements and qualifications in order to entry an undetermined and informal market reveals a subject in constant feeling of lack, who reproduces the profession traditional ideology. The writers' discourse reminds us to meet a social place in the singular and the collective, pointing the discursive nodes that make the subject responsible for the mismatch among the dialectic relation between objectivity and subjectivity mediated by the word. Literary writers update their actions using defensive strategies increasingly transient and dynamic in social context. Considering the found presuppositions, it was possible to understand that the literary writers discourse is inseparable in the relationship between subject and work, in which the possibility of turning suffering into pleasure is a constant challenge and they only can produce because they have a sublimatory meaning in that they do and why they do it.

Key words: Work experience. Literary writers. Pleasure and suffering in working. Work psychodynamic clinic.

Résumé

Le monde du travail actuel se présente par la pluralité et la complexité et la recherche constante pour l'émancipation du sujet et la réduction des risques à la santé des travailleurs. Le travail est dans le propre sens existentiel de l'être social. À partir des transformations technologiques et productives et du phénomène du chômage, le travail est devenu le thème central dans les débats scientifiques. Cette recherche a comme objectif général d'analyser les expériences des écrivains littéraires en relation à leur travail et à leurs stratégies pour faire face à la souffrance et la transformer en plaisir. Nous sommes partis des propositions de la Clinique Psychodynamique du Travail en ce qui concerne la relation entre identité professionnelle et art, organisation du contexte du travail et mobilisation subjective du travailleur. Afin d'atteindre cet objectif, l'étude a cherché à éclaircir et identifier les expériences de plaisir et de souffrance ainsi que de vérifier si les auteurs utilisent les mécanismes de sublimation proposés par Freud (1914) pour surmonter et transformer la détresse psychique. Nous avons voulu identifier les expériences des écrivains littéraires affiliés à l'Union Brésilienne des Écrivains de Goiás (UBE-GO) en ce qui concerne leur travail. Nous avons réalisé deux études: l'étude 1 est une recherche documentaire à partir d'entretiens avec des écrivains cités dans les Cahiers de Littérature Brésilienne de l'Institut Moreira Salles et du livre d' Eder Chiodetto, «O lugar do Escritor» (La Place de l'écrivain). Dans l'étude 2, nous avons réalisé une recherche qualitative, descriptive et exploratoire avec des entretiens semi-structurés dirigés vers la thématique des catégories de la psychodynamique de Christophe Dejours, transcrits et soumis à l'analyse du discours de Silvia Lane. Nous avons fait une réserve lorsque nous avons cherché une approximation initiale à la clinique du travail. Nous avons interrogé neuf auteurs littéraires, des deux sexes, entre 40 et 87 ans, tous affiliés à UBE-GO depuis plus de deux ans, diplômés de l'enseignement supérieur et ayant tous plus de dix ouvrages publiés et récompensés. Les résultats montrent que le sens du travail des écrivains littéraires a une singularité par rapport aux autres activités de l'économie traditionnelle. La recherche constante de nouvelles exigences et de qualifications pour pénétrer un marché informel et indéterminé révèle un sujet en constant sentiment de manque qui reproduit l'idéologie traditionnelle de la profession. Le discours des écrivains nous conduit à connaître un lieu social du singulier et du collectif, signalisant les nœuds discursifs qui font du sujet le responsable pour le décalage de la relation dialectique entre subjectivité et objectivité la médiation de la parole. Les écrivains littéraires rendent leurs actions présentes en utilisant des stratégies défensives de plus en plus transitoires et dynamiques dans le contexte social. Face aux pré-supposés analysés, il a été possible de comprendre que le discours des écrivains littéraires est inséparable de la relation entre le sujet et le travail, où la possibilité de transformer souffrance en plaisir est un défi constant et qu'ils ne peuvent produire que parce qu'ils ont un sens sublime pour ce qu'ils font et pourquoi ils le font.

Mots-clés: Expériences de travail. Écrivains littéraires. Plaisir-souffrance dans le travail. Clinique Psychodynamique du Travail.

LISTA DE SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
ACL	Academia Catalana de Letras
CAC-UFG	Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior
CBO	Cadastro Brasileiro de Ocupações
CESUC	Centro de Estudos Superiores de Catalão
CBOPT	Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho no Rio de Janeiro
CPDT	CPDT- Clínica Psicodinâmica do Trabalho
FAPEG	Fundação de Apoio a Pesquisa do Estado de Goiás
FEN-UFG	
IBGE	Instituto brasileiro de Geografia e Estatística
OCT	Organização no Contexto do Trabalho
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
PUC-GOIAS	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
UBE	União Brasileira de Escritores
UBE-GO	União Brasileira de Escritores Seção Goiás
UFA	Universidade Federal do Amazonas
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRG	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 A leitora. Jean Honoré Fragonard (1732-1806). Data cerca de 1770 a 1772.	35
FIGURA 2 Representação do processo criativo como mecanismo utilizado pelo escritor literário para enfrentar e transformar o sofrimento.	69
FIGURA 3 O processo trabalho, mobilização subjetiva, sublimação e produção literária.	72
FIGURA 5 Modelo da Psicodinâmica	116
FIGURA 6 Categorias da Organização no Contexto do Trabalho (OCT)	118
FIGURA 7 Segunda grande categoria: mobilização subjetiva do trabalhador.....	125
FIGURA 8 Pesquisas desenvolvidas com trabalhadores que atuam na área artística	144
FIGURA 9 Representação gráfica dos dois tipos de pesquisa utilizados.....	147
FIGURA 10 Categorias de análise da Psicodinâmica	152
FIGURA 11 Relação dos escritores citados nos Caderno da literatura Brasileira, do Instituto Moreira Salles.....	154
FIGURA 12 Relação dos escritores contemplados no livro “O lugar do escritor” de Eder Chiodetto (2002).....	155
FIGURA 13 Definição de Categorias <i>a priori</i> e <i>a posteriori</i>	164
FIGURA 14 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?.....	170
FIGURA 14 As categorias utilizadas para análise do discurso dos escritores literários	172
FIGURA 15 Categorias da psicodinâmica do trabalho	174
FIGURA 15 Representação do processo criativo como mecanismo utilizado pelo escritor literário para enfrentar e transformar o sofrimento.....	181
FIGURA 16 Pesquisas desenvolvidas com trabalhadores que atuam na área artística	183
FIGURA 17 Foto do escritor literário Edival Lourenço	185
FIGURA 18 Foto do escritor literário José Mendonça Teles.....	186
FIGURA 19 Foto do escritor literário Ubirajara Galli	189
FIGURA 20 Foto do escritor literário Bariani Ortêncio	191
FIGURA 21 Foto da escritora literária Alcione Guimarães.....	192
FIGURA 22 Foto do escritor literário Geraldo Coelho Vaz	193
FIGURA 23 Foto da escritora literária Maria Luísa Ribeiro Neves - Malu.....	194
FIGURA 24 Foto do escritor literário Eguimar Felício Chaveiro.....	195
FIGURA 25 Foto do escritor literário Otilio Paiva.....	196

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados :Qual do discurso dos escritores literários ao serem perguntados sobre a sua profissão?.....	199
GRÁFICO 2 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você poderia falar um pouco mais sobre a UBE e o trabalho do escritor? Sobre reuniões, encontros, lançamento de livros, como é o comparecimento dos escritores nesses eventos?.....	203
GRÁFICO 3 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?.....	208
GRÁFICO 4 Discurso dos escritores literários diante da pergunta 4.....	212
GRÁFICO 5 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado O que é literatura para você?.....	215
GRÁFICO 6 Discurso dos escritores literários Você pode descrever como ocorre o seu processo criativo? Desde quanto sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto? Como acontece o processo criativo?	220
GRÁFICO 7 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados O que é arte para você?.....	226
GRÁFICO 8 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você considera a literatura um tipo de arte?	229
GRÁFICO 9 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Quando você pensa na profissão de escritor o que sente?	232
GRÁFICO 10 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Por que você escolheu essa profissão e por que trabalhar com literatura?.....	236
GRÁFICO 11 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você tinha algum tipo de contato com a literatura, antes de se tornar escritor (a) e quando isso ocorreu?.....	241
GRÁFICO 12 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado Você se identifica com algum profissional de literatura e se sim, como que ele influenciou seu trabalho?.....	245
GRÁFICO 13 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados O que seu trabalho significa para você? Você acha que seu trabalho é importante? Por quê? Para quem?	251
GRÁFICO 14 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você define o mercado profissional do escritor literário?	255
GRÁFICO 15 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Quais características são mais importantes para que se tenha sucesso profissional na sua área de trabalho?	258
GRÁFICO 16 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você avalia a UBE enquanto uma organização literária?	261
GRÁFICO 17 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado Em sua opinião o trabalho do escritor precisa de técnica?	265

GRÁFICO 18 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você organiza seu tempo para trabalhar?	271
GRÁFICO 19 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como sua família reage em relação ao seu trabalho? Qual o tempo que você acredita que teria ter para a família e lazer? E é suficiente para vocês?	274
GRÁFICO 20 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: O que o faria sentir reconhecido profissionalmente?	280
GRÁFICO 21 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Qual a importância do seu trabalho para a sociedade?.....	283
GRÁFICO 22 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?.....	286
GRÁFICO 23 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você sente que tem liberdade para fazer o seu trabalho?	289
GRÁFICO 24 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você percebe o trabalho coletivo do escritor? Ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações e seu processo de criação e de produção é coletivo?	292
GRÁFICO 25 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como é trabalhar em literatura? Quais as dificuldades e facilidades?	298
GRÁFICO 26 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados No trabalho como Escritor Literário, o que você sente?	302
GRÁFICO 27 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você acredita que existe sobrecarga de trabalho na profissão de Escritor literário? Você sente cansaço ou fadiga por causa do trabalho? Por quê?	305
GRÁFICO 28 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: Quais as dificuldades que você encontra para exercer o seu trabalho e se você se sente ou se sentiu cansado ou fadigado por causa do trabalho? Como percebe este cansaço e se você acha que o trabalho de escritor pode levar a algum tipo de adoecimento? O que do seu trabalho poderá lhe trazer de sofrimento? Ou prazer?.....	309
GRÁFICO 29 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você se sente seguro ou inseguro ou com medo de fracassar na realização seu trabalho literário? Poderá lhe trazer algum sofrimento? Ou prazer?.....	312

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Eventos literários que contribuíram para a constituição histórica da literatura.....	43
QUADRO 2 Constituição histórica da literatura no Brasil	46
QUADRO 3 A dinâmica do processo criativo (Sublimação) e da Identidade para a Psicanálise e para a Psicodinâmica do Trabalho - PDT	65
QUADRO 4 Modelo evolutivo da Psicodinâmica do Trabalho	112
QUADRO 5 Indicadores de prazer e sofrimento no trabalho (EIPST)	129
QUADRO 6 Evolução da Psicodinâmica do Trabalho reunindo as principais obras.....	135
QUADRO 7 Distribuição dos autores em Psicodinâmica no Brasil, por instituição.....	137
QUADRO 8 Pesquisas brasileiras no período de 1998 a 2012	139
QUADRO 9 Pesquisadores na abordagem Psicodinâmica e Clínica do Trabalho por região no Brasil.....	139
QUADRO 10 Pontos de destaque da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho segundo Karan (2010)	140
QUADRO 11 Teses (Doutorado em Psicologia) defendidas no Programa <i>stricto sensu</i> da UnB sob orientação da Prof ^a Dr ^a Ana Magnólia Mendes no período de 2006 a 2011	140
QUADRO 12 Dissertações de Mestrado do Programa <i>Stricto Sensu</i> de Psicologia da PUC-GO defendidas sob orientação da Prof ^a Dr ^a Kátia Barbosa Macêdo na abordagem Psicodinâmica do Trabalho.	141
QUADRO 13 Teses de Doutorado defendidos na PUC-GO sob orientação da Prof ^a Dr ^a Kátia Barbosa Macêdo na abordagem Psicodinâmica do Trabalho	142
QUADRO 14 Teses de Doutorado em andamento no Programa <i>stricto sensu</i> Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC- Goiás, sob orientação da Prof ^a Dr ^a Kátia Barbosa Macêdo da PUC-Goiás iniciadas em 2009, 2010, 2011 e 2012	143
QUADRO 15 Etapas da Pesquisa de campo com os escritores filiados a UBE-GO.....	163
QUADRO 16 Indicadores de Vivências de Prazer-Sufrimento dos Escritores pesquisados nos CLBs (2012) e no livro de Eder Chiodetto (2002)	177
QUADRO 17 Identificação dos participantes nas duas pesquisas (CLBs/IMS e CHIODETTO, 2002).....	184

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	25
CAPÍTULO 1 ARTE, LITERATURA E PROCESSO CRIATIVO A PARTIR DE DUAS LENTES: PSICANÁLISE E PSICODINÂMICA.....	35
1.1 Literatura e a expressão da subjetividade	36
1.2 Literatura, uma travessia poética	40
1.3 Breve recorte histórico da literatura.....	41
1.4 Breve História da literatura Brasileira	45
1.5 Psicanálise e o processo criativo na literatura	55
1.6 A Psicanálise e o processo de sublimação	65
1.7 A sublimação na psicodinâmica do trabalho	68
1.8 Sublimação como processo de ressignificação do sofrimento em prazer: sublimação, fator constituinte do reconhecimento social	72
1.9 O paradigma interpessoal da Psicodinâmica	74
CAPÍTULO 2 O ESCRITOR LITERÁRIO: UM TRABALHADOR DA PALAVRA NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE.....	77
2.1 O trabalho do escritor literário.....	78
2.2 O escritor literário, trabalhador e artista da palavra.....	81
2.3 Identidade como fator constituinte no trabalho do sujeito.....	84
2.4 Identidade para os escritores literários.....	90
2.5 A Identidade como fator constituinte na Psicodinâmica	91
2.6 A produção literária na construção da identidade.....	92
2.7 Autoria: O que é um autor?.....	94
2.8 Pesquisas atuais abordando o escritor literário – Estado da arte	96
2.9 O escritor literário como trabalhador da palavra	98
2.10 O Percurso da literatura no Brasil.....	100
2.10.1 Fundação da Academia Brasileira de Letras - ABL	101
2.10.2 Histórico e Atividades da União Brasileira de Escritores – UBE.....	101
2.10.3 Histórico e Finalidade da UBE - União Brasileira de Escritores Seção Goiás.....	103
CAPÍTULO 3 A CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	106
3.1 Pontos de convergência da Psicodinâmica do Trabalho	106

3.2 A Psicodinâmica do Trabalho no mundo e no Brasil: construção de um sentido para o mundo trabalho	109
3.3 Três premissas da Psicodinâmica do Trabalho	111
3.4 A identidade como fator constituinte na Psicodinâmica.....	114
3.5 As categorias da Psicodinâmica do Trabalho	115
3.6 Categoria 1 - Organização do Trabalho	117
3.6.1 Condições do trabalho	121
3.6.2 Relações do trabalho.....	122
3.7 Segunda categoria: mobilização subjetiva do trabalhador.....	124
3.7.1 Vivências de prazer.....	126
3.7.2 Vivências de sofrimento	128
3.7.3 Estratégias defensivas e de enfrentamento	131
3.8 O estado da arte da Psicodinâmica	134
3.8.1 Psicodinâmica do Trabalho no Brasil	135
CAPÍTULO 4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	145
4.1 Dois Estudos	146
4.2 Delineamento metodológico - Estudo 1.....	150
4.3 Estudo 1 Análise Documental dos discursos dos escritores a partir dos Cadernos de Literatura Brasileira Instituto Moreira Salles	150
4.3.1 Objetivo da pesquisa.....	151
4.3.2 O método.....	151
4.3.3 As categorias de análise.....	152
4.3.4 O campo de pesquisa: breve histórico do Instituto Moreira Sales/Cadernos de Literatura Brasileira	152
4.4 Delineamento metodológico - Estudo 2.....	156
4.4.1 Estudo 2- Pesquisa de campo com os escritores filiados a UBE-GO.....	157
4.4.2 Tipo de Pesquisa	158
4.4.3 O Campo de estudo.....	159
4.4.4 Participantes da pesquisa	159
4.4.5 Procedimentos.....	160
4.4.6 A entrevista individual e o espaço de discussão coletivo como instrumentos de coleta de dados.....	160
4.4.7 Técnica de análise dos dados	165

CAPÍTULO 5 – ESTUDO 1 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	171
Discurso dos escritores nos CLBs eno livro chiodettoEstudo 1	171
5.1 Os Escritores literários citados nos cadernos de literatura brasileira – CLBs e os que foram citados no livro de Chiodetto (2002) participantes desta pesquisa	171
Resultados do Estudo 1 – Os sentidos que os escritores literários atribuem ao seu trabalho a partir das Categorias da Psicodinâmica do Trabalho.....	172
Estudo 1172	
Categorias da psicodinâmica no trabalho dos escritores	172
Categoria 1 Organização do contexto de trabalho	173
Categoria 1.1 Organização, Condições e Relações de trabalho.....	173
Categoria 1.2 Condições de trabalho	174
Categoria 2 - Mobilização subjetiva do trabalhador.....	176
2.1Vivências de prazer.....	176
2.2Vivências de sofrimento	177
Categoria 2.3 Estratégias de enfrentamento ao sofrimento	178
Resultados do Estudo 1 - A sublimação, o processo criativo dos escritores literários e o enfrentamento do sofrimento.....	179
CAPITULO 6 ESTUDO 2 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DISCURSO DOS ESCRITORES DA UBE-GO..	183
6.1 O Tipo de Pesquisa - Estudo 2 Escritores literários filiados à UBE-GO.....	183
6.1.1 Os Escritores literários que participaram desta pesquisa.....	184
1. Edival Lourenço.....	185
2. José Mendonça Telles	186
3. Ubirajara Galli	189
4. Waldomiro Bariani Ortêncio	191
5. Alcione Guimarães	192
6. Geraldo Coelho Vaz.....	193
7. Maria Luísa Ribeiro Neves - Malu	194
8. Eguimar Felício Chaveiro	195
9. Otilio Paiva	196
Estudo 2197	
6.2 Categoria 1 – Identidade profissional e arte	197

6.3 Categoria 2: organização do contexto de trabalho (organização, condições e relações de trabalho).....	249
Categoria 2 Organização do contexto de Trabalho.....	249
6.4 Categoria 3: Mobilização Subjetiva do Trabalhador(vivências de prazer-sofrimento, estratégias defensivas ou de enfrentamento).....	276
6.3.1 Vivências de Prazer	278
6.3.2 Vivências de Sofrimento.....	279
6.5 Devolutiva e Validação dos Dados.....	315
6.6 Resumo das transcrições das falas durante as sessões (devolutivas) com os escritores.....	318
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	327
REFERÊNCIAS	333
ANEXOS 355	
Apêndice A Carta-convite	356
Apêndice B Termo de Consentimento Livre e esclarecido	357
Apêndice C Consentimento para entrevista.....	359
Apêndice D Termo de consentimento da participação da pessoa como entrevistado.....	361
Apêndice D Termo de autorização para gravação das entrevistas individuais e coletivas da participação da pessoa como entrevistado.....	362
Apêndice E Roteiro de entrevista	363
Espaço público de discussão coletiva	366

APRESENTAÇÃO

Quando nem Freud explica, tente a poesia!

(Ulisses Tavares, 2007, p.3)

A literatura como expressão da arte existe para ser interpretada, falada, escrita e lida. Para o escritor, a ficção é um mundo real. Em entrevista recente na emissora de televisão Globonews, o escritor mexicano Carlos Fuentes disse que a literatura existe apenas na medida da imaginação do escritor. Esse autor afirma, também, que o grande dilema do escritor é colocar no papel suas ideias, sendo esta um tipo de inquietude, de angústia. A literatura utiliza especificamente da arte como expressão da subjetividade, da criatividade do processo criativo.

O escritor, sendo um artista da palavra, não se prende à rotina, como acontece com a maioria dos outros profissionais, conforme afirma Almeida (2009) sobre o sujeito na experiência literária e sobre o uso da palavra.

O escritor necessita de liberdade e de autonomia para criar e escrever. Sua atividade laboral o diferencia das demais atividades existentes no mundo do trabalho da sociedade capitalista. A matéria-prima do trabalho do literato são seus sonhos, seu imaginário, suas utopias, suas transgressões como assinala Dejours (1999; 2004).

O escritor literário se configura como um trabalhador da palavra, um artista que precisa de técnica, produzir estética, de qualidade textual, de muita leitura e pesquisa. Seu trabalho é solitário, como produção, mas com representação social no coletivo. Para Dejours (2004,2012) e Moraes (2008), o reconhecimento social do trabalho do escritor literário mostra que ele está constantemente submetido à avaliação, o que gera sempre uma tensão, uma angústia que deve ser sublimada e transformada em prazer produtivo.

O trabalho como escritor literário é ambivalente, pois, de um lado, esse profissional precisa de outra profissão para seu sustento, enquanto o trabalho como artista da palavra lhe garante o trabalho artístico, da realização do desejo. Nesse sentido, o escritor literário possui um pouco dos heterônimos de Fernando Pessoa como se tivesse dupla personalidade: uma profissional e outra artística. Essa última atividade não deixa de provocar efeitos no profissional e no sujeito.

Para Foucault (1992), o escritor utiliza de três escutas: o escritor que produz a partir do seu imaginário, de seus devaneios, de seus desejos; o autor que publica sua arte, o que escreveu; e o leitor, que reconhece o trabalho do escritor. Para Dejours (2004), o trabalho ocupa lugar central na construção da identidade, nas relações de gênero e na construção da sociedade.

De acordo com o senso comum, o artista “leva a vida na flauta”, qualquer pessoa pode ser poeta ou artista, tendo em vista que fazer arte não é visto como um trabalho. Na concepção da economia capitalista, a arte não é concebida como esforço, como trabalho produtivo. A arte como a palavra, tem sido banalizada e o banal tem tomado conta do social em suas mais diversas dimensões, como afirmam Arendt (1997) e Antunes (2000).

No entanto, os sentimentos e os significados do trabalho do escritor literário ainda conseguem resistir à dominação do banal que, massificado cada vez mais pela indústria, não corresponde ao sentimento dos escritores. Nas entrevistas e no espaço de discussão coletiva, é possível observar o orgulho em fazer arte em relação às demais profissões, conforme Bueno e Macêdo (2009) e Mendes, Ferreira, Araújo e Almeida (2011).

Um aspecto é crucial no caso dos escritores com relação ao reconhecimento do artista como profissional conforme Dejours (1999): a dependência financeira. Muitas vezes, o senso comum vê o trabalho do escritor literário como *hobby*, como passatempo ou como lazer. Nesse sentido, o trabalho artístico, em pleno século XXI, ainda desperta muitas questões como o reconhecimento do trabalho literário e artístico, o fato de o artista da palavra se sentir um artista, o fato de considerar o que faz como trabalho e qual o significado desse trabalho, tanto para o literato quanto para a sociedade, além das dificuldades próprias encontradas em seu trabalho. Essas são questões que suscitam as discussões ao longo da pesquisa segundo Macêdo (2009).

Todo trabalhador faz jus ao retorno financeiro, que não é o foco principal, mas indispensável à sobrevivência. A arte literária é, portanto, um trabalho com sacrifício, que gera sentidos e significados, prazer e sofrimento, dependendo dos sentidos do trabalho para o escritor. Muitos escritores sobrevivem de pequenos “bicos” na noite, vendendo seus poemas em bares.

O tema do trabalho não tem a intenção de ser uma discussão filosófica e não foi o objetivo estudar a literatura, mas, tão somente o trabalho e as vivências de prazer e de sofrimento dos escritores literários. O trabalho aqui apresentado aborda múltiplas interpretações em função dos conceitos adotados e dos significados pretendidos como afirmam Antunes (2000), Borges (2002) e outros. Tradicionalmente, o trabalho tem sido

percebido como fonte de desprazer, de sofrimento. Entretanto, em determinados grupos de trabalhadores, em especial aqueles que lidam com a arte, com o entretenimento e com o lazer, como é o caso dos literatos, o trabalho é entendido como atividade capaz de imprimir significados e sentido à vida.

No Brasil pesquisas sobre o trabalho desenvolvido por escritores literários é recente. Por isso, é de fundamental importância trazer a lume uma discussão sobre o trabalho dos escritores literários no Brasil. Para a realização de tal discussão, essa pesquisa documental assenta-se nos Cadernos de Literatura Brasileira, nos quais é possível encontrar subsídios significativos para o embasamento da pesquisa de campo com um grupo de escritores goianos filiados à UBE-GO (União Brasileira de Escritores), com sede em Goiás, uma das mais antigas e tradicionais do Brasil, fundada em 1945, na cidade de Goiânia-GO.

Segundo Lima (2009 p.54-55), “Escrever não tem o seu fim em si mesmo, precisamente porque a vida não é qualquer coisa de pessoal.” Também Deleuze-Parnet (1977, p. 61) afirma que “a finalidade de escrever é levar a vida ao estado de um poder não pessoal”.

O sujeito não pode ser percebido sem o trabalho e, nessa relação, o trabalho, em si mesmo, reflete a condição humana, o viver existencial humano. Há uma relação existencial entre o homem e o trabalho. O ser humano tem por característica ser um sujeito do mundo, um sujeito social, uma condição singular, o trabalho e o desejo humano coexistem.

O homem é dotado de consciência e de inteligência, de desejos e de pulsões, que buscam e constroem espaços para elaboração e per laboração no conceito de Dejours (1990) nas atividades do dia a dia, entre elas, o trabalho.

Entender os mecanismos do mundo do trabalho tem despertado o interesse para identificar ou desvelar o que seja trabalho ou os seus prazeres e os desprazeres, configurando-se desse modo, como um grande desafio da modernidade. O mundo atual está diante de uma nova complexidade, está povoado de informações, de complexidades e, no entanto, falta um filtro para tanta poluição de informações. Já Botton (2009) mostra um panorama desse estranho mundo do trabalho que consome boa parte da vida do homem moderno, revelando ser um tema sobre o qual se pensa muito pouco. Botton (2009) lança uma pergunta: trabalhar é um dever ou um prazer? É possível conciliar um "ganha-pão" com uma vocação para toda a vida? Qual a importância de determinadas funções que perdem sua essência e utilidade de contribuição para a humanidade, se vistas de um plano geral?

A maior ênfase está exatamente nos serviços relacionados ao lazer e ao entretenimento. A literatura está dentro do campo das artes e do entretenimento e o mundo passa por uma demanda significativa nessas áreas, como assinala Macêdo (2009).

As relações humanas são permeadas por vínculos de poder/submissão, sendo dialéticas e permeadas por dominação, por resistências e por conflitos (FERREIRA; ARAÚJO; ALMEIDA; MENDES, 2011). Às vezes, ocorrem de forma violenta trazendo transtornos, sofrimentos e adoecimentos ao homem e à própria sociedade, como afirma Dejours (1987). Os princípios são fundamentalmente os mesmos e nada emancipadores.

Portanto, não parece razoável essa forma de se organizar o trabalho e a mente das pessoas um indulto à alienação, ao estranhamento e mesmo ao adoecimento daqueles que necessitam labutar para sobreviver. O ideal seria viver e trabalhar de forma sinérgica e saudável em uma relação mais prazerosa e menos patológica, como defende Freud (1980).

Assim, a forma que parece indicar uma possibilidade de superação desses fatores relacionados ao trabalho é a atividade artística, a atividade literária.

Trabalho como espaço de criação segundo Blanchot (2005), de discussão coletiva e de exercício da autonomia que possibilitem ao trabalhador se reconhecer no produto de seu trabalho e utilizar a sublimação ou pulsão da forma mais adequada ao seu bem-estar físico e mental (DEJOURS, 1987). Dessa forma, o trabalho retomaria seu caráter constituinte de identidade e de promotor da saúde mental. Esse é o pressuposto básico do qual partimos para elaborar a presente tese.

É possível que a sublimação no processo criativo do escritor literário constitua uma estratégia de enfrentamento do sofrimento e fator de construção de identidade.

Nesse sentido, o trabalhar com arte pode tornar-se um fator de resistência ao sofrimento, à alienação e à dominação do trabalhador, possibilitando o exercício da autonomia e da liberdade no trabalho.

A produção artística no Brasil estrutura-se, em grande parte, na exploração de trabalhadores que, por opção, buscam nele a própria identificação, a autonomia, a emancipação e a sublimação. Entretanto, instaura-se relação de exploração psíquica nos aspectos econômicos e sociais. A remuneração dos trabalhadores que atuam nas áreas de lazer, de arte e de entretenimento, muitas vezes, é insuficiente para a garantia de uma vida digna. Portanto, para manter um padrão socioeconômico satisfatório, muitos artistas são obrigados a assumir dupla jornada de trabalho: uma que possibilite sua subsistência e outra para sua realização como artista.

Às vezes, pode-se associar a busca ao sublime, ao extra-humano, àquilo que foge à vida cotidiana, embora possa dela partir. Uma forma muito particular é aquela que pode ser encontrada no trabalho, ou melhor, no trabalhar. Pode parecer contrassenso pensar no plano da realização do trabalho, ainda mais se considerarmos suas condições concretas e o que os

marxistas denominam de “alienação”. Para muitos, o trabalho é causa de adoecimento, de sofrimento, de incertezas e de exploração, como acontece na denominada economia formal.

Para Macêdo (2009), os resultados apresentados nos trabalhos anteriormente mencionados trazem alguns indicadores que chama atenção: o fato de que, em seus discursos, os artistas declaram que o fato de trabalhar com arte se torna um divisor de águas no sentido de se identificarem e se sublimarem com seu trabalho. O trabalho na arte constitui um espaço coletivo e privilegiado para o exercício da criatividade, da autonomia, da liberdade e da resistência ao sofrimento advindo do trabalho.

Outros dados resultantes das referidas pesquisas indicam que: (a) ao contrário do que imagina o senso comum, o trabalho do artista é um trabalho que cansa e sobrecarrega, pois exige técnica e disciplina; (b) o trabalho inclui sofrimento; (c) nem sempre é reconhecido pelos outros; (d) o uso do tempo é diferenciado, pois a maioria relata horário flexível que inclui madrugadas adentro em ensaios, em criação e em execução da obra de arte, dos livros; (e) a maioria dos artistas não consegue viver exclusivamente da produção da arte; eles não conseguem sustentar-se unicamente pelo trabalho na arte, o que os leva a ter dois ou mais empregos, gerando jornadas duplas ou triplas, indicando sobrecarga de trabalho; (f) os riscos à saúde são constantes, devido à exposição a lugares insalubres, horários noturnos, sem descanso ou pausas e, ainda, o fato de não haver no Brasil políticas públicas que permitam financiamentos de projetos artísticos, levando-os a viver em uma instabilidade econômica muito conflituosa.

Contudo, restam poucos espaços na sociedade para o exercício da experiência, isto é, a capacidade de ir além do próprio ego no momento de considerar as ações a serem tomadas. Tomemos o exemplo dos artistas, conforme cita Macêdo (2009), para os quais ela ocorre por meio da criação de uma obra que será deixada para o mundo. Quando um pintor pinta, o que lhe serve de inspiração é o sentimento de transcender os limites do corpo e das formas, de modo a criar novas maneiras de expressar a sensibilidade estética. Transcender, no trabalho, é sentir que, ao “sair de si”, o sujeito mergulha em um gênero profissional que o abarca e para o qual ele contribui.

Assim, a importância no trabalho ocorre quando o sujeito projeta seus desejos no futuro por meio da realização de uma obra. Muitas pessoas sofrem no trabalho, porque simplesmente não têm ou não podem ter uma obra. Trabalha-se para uma manutenção imanente – comer, trocar de carro, comprar uma casa etc. – mesmo que isso tudo esteja a serviço de outro projeto de (a família, por exemplo). Mas no trabalho diz respeito à íntima sintonia entre o sujeito e sua obra e à percepção de evolução dessa última. A obra não visa ao

curto prazo; ela não é regida pela lógica do desejo, mas, sim, pela lógica do cuidar, da paciência e do investimento. No entanto, para isso acontecer, é preciso recuperar uma dimensão “ontologicamente positiva” ao trabalho (Macêdo, 2009).

Este estudo teve por foco as vivências de prazer e de sofrimento dos trabalhadores da palavra filiados à União Brasileira de Escritores (UBE), Seção Goiás, com sede na cidade de Goiânia-GO, como também buscou analisar como esses escritores percebem o seu trabalho, partindo das categorias da Psicodinâmica do Trabalho: organização, condições e relações do trabalho, mobilização subjetiva do trabalhador e estratégias defensivas.

A pesquisa buscou estudar e analisar a sublimação no processo criativo do escritor literário, utilizada como estratégia de enfrentamento do sofrimento e considerada como fator de constituição da identidade para o escritor literário, trabalhador da palavra para o mundo do trabalho, para a sociedade, para a Psicologia social e para a Psicologia do trabalho.

Até o momento, foi identificada apenas uma pesquisa com o tema Psicologia e literatura, feita pelo prof. Dante de Oliveira Leite, da USP- Universidade de São Paulo com o tema Psicologia e literatura, sendo um trabalho pioneiro no Brasil e publicado como artigo no Boletim de Psicologia da USP, São Paulo, n.35-, p.127-41, jan. Jun. 1958 e apresentada como Tese de Livre Docência à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1964 e transformada em livro em 1967 e atualmente na quinta edição de 2002, duas teses de Doutorado cujo foco foi à produção de subjetividade na experiência literária, a primeira tese de Leonardo Pinto de Almeida, com o título “Escrita e Leitura: a produção de subjetividade na experiência literária” Doutorado sanduíche efetuado entre a PUC - Rio e o Centre de Reserche sur La Littéraire na Université de Reins Champagne-Ardenne, França em 2007, sob orientação do prof. Carlos Augusto Peixoto Júnior no Brasil e do Prof. Vincent Jouve na França; cursou Pós-Doutorado também pela PUC - Rio em 2008 e fez parte do grupo de pesquisadores e da Cátedra UNESCO de leitura PUC–Rio. A segunda tese de Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações na Universidade de Brasília – UnB de João Batista Ferreira com o título “O poder constituinte do trabalho vivo: análise Psicodinâmica da criação literária”, defendida em 2011 sob orientação da Profª Drª Ana Magnólia Mendes, precursora no Brasil da abordagem da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours.

Pelo levantamento realizado até o momento, no Brasil, esta é a primeira tese cuja preocupação central é o processo de sublimação em relação às vivências de prazer e de sofrimento dos escritores literários utilizando como referência a Psicodinâmica. O trabalho visa a estudar e a analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho:

uma análise Psicodinâmica do Trabalho com aproximação à Clínica Psicodinâmica tendo em vista ser uma categoria profissional diferenciada.

Algumas questões norteadoras direcionaram o desenvolvimento desse trabalho:

- Arte e criação literária são trabalho ou dom?
- O trabalho com a literatura possibilitaria a superação da alienação, do trabalho monótono e repetitivo por meio da sublimação?
- O escritor literário poderia se reconhecer em seu trabalho autônomo, garantindo assim, sua identidade e autonomia?
- Há prazer e reconhecimento em se ver no seu trabalho literário?

Cabe aqui destacar que este estudo é parte integrante de um projeto denominado “O trabalho dos trabalhadores de arte, entretenimento e lazer: uma abordagem Psicodinâmica” coordenada pela professora e orientadora Dr^a Kátia Barbosa Macêdo do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás. Tem como principais objetivos: (a) investigar as relações entre o trabalhador das áreas de entretenimento, de lazer e de arte e as organizações onde atuam, considerando suas condições, sua organização e suas relações de trabalho; (b) aspectos que desencadeiam vivências de prazer e de sofrimento; (c) descrever as formas de enfrentamento individuais e coletivas que esses trabalhadores desenvolvem para lidar com as vivências de sofrimento em seu trabalho, isto sua mobilização subjetiva de enfrentamento.

A partir do projeto inicial, foram defendidas 22 dissertações de Mestrado e duas teses de Doutorado, além desse estudo em fase final de pesquisa nessa abordagem, em comum o eixo de discussão em torno da capacidade do trabalho criativo na arte de emergir como estratégia de enfrentamento do sofrimento e de resistência à dominação.

O grupo de pesquisa coordenado e orientado pela Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC- Goiás a cada ano aumenta significativamente sua produção científica na abordagem da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho e espera-se conclusão de 22 dissertações de Mestrado e seis teses de doutoramento até 2013, em decorrência dos trabalhos em andamento. Nesse período, mais de vinte artigos científicos e trabalhos apresentados em congressos brasileiros e internacionais e cinco livros foram publicados divulgando esses trabalhos. ¹

¹ Grupo de pesquisa da puc-goiás que trabalha na abordagem da clínica psicodinâmica do trabalho para diferenciar das demais clínicas do trabalho (BENDASSOLLI, 2010) e que implica no uso *stricto sensu* do trabalho de Dejours.

Essa produção científica, além de colocar a PUC-Goiás entre os primeiros grupos de pesquisa em Psicodinâmica e Clínica do Trabalho no Brasil, também possibilita uma análise comparativa mais rigorosa entre os diversos temas trabalhados no grupo de pesquisa, apresentando os fatores que os diferenciam, os que os aproximam e o que caracteriza o objeto deste estudo, especificamente.

O mundo da literatura é complexo, singular, difuso e seu objetivo é transformar sonhos em palavras e palavras em desejos para o leitor e sublimar os desejos inconscientes dos escritores. Como espaço criativo da palavra, a literatura engloba temas históricos, sociais, políticos, filosóficos, culturais e psicológicos, que envolvem as contradições e os desacertos do trabalho humano, conforme discutido por Dejours (1987) desde os anos 1970 e estudado por vários pesquisadores, como Leite (2002), Deleuze (2000), Barthes (2000,2002), Almeida (2002, 2009), Assis (2008), Brant e Minayo-Gomez (2004), Brasileiro (2008), Dias (2007a), Ferreira e Mendes (2001), Heloani e Lancman (2004), Hernandez (2003), Lancman e Sznelwar (2004), Lima (2009), Macêdo (2009), Macêdo e Mendes (2004), Mendes (2004; 2007; 2010), Mendes e Araújo (2010 e 2011), Mendes e Morrone (2002), Mendes e Tamayo (2001), Merlo (2006), Moreau (2008), Potiron, Dejours, Bégue (2011), Rossi (2010), Santos (2008), Silva (2005), Souza (2010), Moraes (2011), Pires (2011) entre outros.

Também se levantou um leque de indagações referentes ao processo do trabalho dos escritores literários e a compreensão e produção da subjetividade existente entre o sofrimento psíquico e o prazer vivenciado por esses trabalhadores, visando identificar qual a relação entre trabalho e saúde mental dos literatos. A leitura aqui apresentada é da Psicodinâmica do Trabalho.

Há diversos olhares sobre o que significa o sofrimento. Analisar o sofrimento, bem como suas diversas formas de representação e de expressão, parece um trabalho nada fácil ou mesmo ilusório, parece haver no sofrimento uma ambiguidade de uso. No senso comum, o sofrimento pode estar ligado a uma perda – dor moral ou psíquica – ou a manifestações de natureza somática – dor física, perdas financeiras, falta de reconhecimento. Em outras palavras, o sofrimento pode aparecer nas diversas leituras da vida, conjugando-se sob diferentes formas, mas deve haver um núcleo comum a todos os modos de sofrer.

Para atingir os objetivos propostos e descritos, bem como responder às questões norteadoras, a tese foi construída em seis capítulos.

Na apresentação foi delineado o caminho percorrido pela tese quanto à importância do trabalho, da arte e do processo criativo para os escritores literários, já que eles produzem a partir do processo criativo que está intimamente ligado ao imaginário. Também se fez uma

reflexão sobre a importância do trabalho como constituinte da identidade e da utilização dos mecanismos sublimatórios com estratégia de enfrentamento dos escritores. Apresenta, ainda, um breve relato histórico da literatura mundial e da brasileira.

O primeiro capítulo tece considerações acerca da literatura como forma de expressão da arte e do processo criativo do escritor literário, como expressão da produção da subjetividade, a sublimação e sua utilização como estratégia defensiva do sofrimento. Foram analisadas contribuições de diversos autores sobre o campo da arte e do processo criativo. A presença de Freud e Dejours foi ponto central em termos de conceitos sobre arte na visão da Psicanálise e da Psicodinâmica do Trabalho. Foi apresentado um recorte histórico da literatura ocidental e no Brasil. Finalmente sobre o trabalho do escritor literário em termos de autonomia, sublimação e adaptação ao mercado.

Em função das questões problematizadoras levantadas no primeiro capítulo, o segundo abordou o escritor literário: um trabalhador da palavra em termos do conflito entre o trabalho real citado por Dejours (2012) e o trabalho morto e suas implicações e impactos da globalização no mundo trabalho. Delineou-se o percurso da literatura no Brasil por meio da Academia Brasileira de Letras — ABL e da União Brasileira de Escritores seção Goiás onde foi realizada a pesquisa de campo.

O terceiro capítulo tratou da teoria da Psicodinâmica do Trabalho e uma aproximação com a clínica do trabalho, com base na concepção de Christophe Dejours e de seus seguidores; buscou-se compreender o sentido do trabalho e seus impactos em termos de prazer e de sofrimento aos trabalhadores em função especialmente da organização e condições de trabalho e que afetam o trabalhador literário.

O capítulo quarto trata do delineamento metodológico utilizado para a coleta e a na análise de dados, apoiado nos princípios e nos conceitos da Psicodinâmica Clínica do Trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours. O trabalho foi dividido em dois estudos: o estudo 1 foi uma pesquisa documental nos Cadernos de Literatura Brasileira- CLBs do Instituto Moreira Sales, que deu base para o estudo 2, realizado com escritores literários e tendo como instrumentos de pesquisa entrevistas individuais e coletivas semiestruturadas. O campo de pesquisa foi a União Brasileira de Escritores seção Goiás com sede em Goiânia-GO. A técnica de análise de dados utilizada foi à análise gráfica do discurso de Sylvia Lane. As contribuições da Clínica Psicodinâmica do Trabalho.

O quinto capítulo apresenta a análise e a discussão dos resultados do estudo 1- pesquisa documental sobre o discurso dos escritores literários nos Cadernos de Literatura Brasileira – CLBs e do livro de Eder Chiodetto. No sexto capítulo, foram apresentados a

análise e os resultados do estudo 2 da pesquisa de campo desenvolvida junto aos escritores literários filiados à União Brasileira de Escritores seção Goiás e, em seguida, as considerações finais do estudo.

CAPÍTULO 1

ARTE, LITERATURA E PROCESSO CRIATIVO A PARTIR DE DUAS LENTES: PSICANÁLISE E PSICODINÂMICA.

A natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldamos próprios valores de vida (OSTROWER, 2010, p.5).

FIGURA 1 A leitora. Jean Honoré Fragonard (1732-1806). Data cerca de 1770 a 1772.



Fonte: Localização atual: *National Gallery of Art.*

1.1 Literatura e a expressão da subjetividade

Leite (2002) afirma que há uma aproximação natural entre a literatura e a Psicologia e a Psicanálise, no sentido de enfatizar papel da leitura do símbolo literário ocidental na formação do profissional de Psicologia. A literatura tem uma íntima relação com o conhecimento psicológico, até porque os autores se apropriam do conhecimento da Psicologia para definir seus personagens, as relações, os conflitos, o drama e a trama etc.

Segundo Barthes (2004), o escritor, na produção do seu texto, sabe mais que aquilo que escreve; o texto, uma vez pensado, não pertence mais ao mundo do escritor. Uma vez produzido, o texto o autor vai dando lugar ao leitor. O autor, ao dar lugar ao leitor, também sai de sua prisão solitária.

Para Kallas (2010), mesmo se um poeta estivesse encerrado em uma prisão minúscula, tendo à sua frente apenas muros, ainda assim tiraria o seu material poético de recordações de sua infância ou de um tempo retido na memória. Tudo a ser escrito pelo escritor já se encontra dentro dele, basta um mergulho no seu imaginário criativo. O fascínio e o deslumbramento é o olhar da solidão, a solidão essencial à criação poética.

Para Castelo Branco (1994), o tempo da escrita é um tempo da experiência, sempre presente. Infinitos segundos se sucedem rumo ao futuro e só se recuperam em um passado representado, em um *continuum* de um tempo sem tempo, no qual o passado anseia o presente e o futuro se determina como aquilo que será lembrado, em um lugar absurdo de um presente que sempre se esvai.

Blanchot (1987) afirma que um vazio do passado e um vazio do futuro que se fazem presentes nessa “solidão profética” de um tempo que é para sempre agora, início sem fim, tempo de escrita. A deusa-mãe da Poesia e da Memória entrega Eros aos braços de Thanatos, entrega à vida aos braços da morte, berço-tumba pulsional, morte essa que, na escrita, faz-se presente e torna-se uma promessa de imortalidade.

O poeta constrói a forma das palavras, não para se pintar ou descrever, mas para se descobrir os sentidos das ideias retidas no imaginário como descreve Blanchot nos cantos das sereias (2005). O mundo que o artista cria é produzido de forma singular, um processo peculiar do artista, pois, ao criar, ele se liberta ou expressa à luta constante com a ansiedade relativa ao resultado final de seu esforço. No mito popular, o artista é um sonhador que ignora realidades, na verdade, ele não é um sonhador, mas um artesão dos desejos. O artista não está distante da realidade, mas busca expressar sua verdade psíquica. O artista aspira a localizar seu conflito e resolvê-lo em sua criação. Portanto, a intenção do artista é despertar no público

uma resposta emocional que, nele, produzirá o ímpeto de criar. O escritor usa sua arte para sublimar suas dores.

O desejo do artista é expressar em forma de obra de arte o que sente nas profundezas de seu mundo interno. Como uma voz vinda de outro lugar na descrição de Blanchot (2002). A percepção interna do sentimento mais profundo é que leva o artista a precisar recriar algo que seja sentido como um mundo completamente novo e o que todo artista faz é criar um mundo. Por mais alegre e serena que seja a obra, ela comunica ao receptor uma tensão que subjaz ao processo criativo.

Para Johanson (2004), os desejos dos artistas expressos na obra de arte são desejos reprimidos, inaceitáveis à consciência, e uma obra de arte pode dar origem a inúmeras emoções. As obras de arte incluem não só a poesia, ou a pintura, mas também em particular a música, mesmo com a ausência de um conteúdo verbalizável, ou seja, apenas instrumental.

A liberdade é o alcance do esforço de mudança sem garantias. O ato livre, tal como a obra de arte, é o produto final que pode não ser concluído. A criação dá-se com a determinação interna, que supera a hesitação e faz com que o artista tome conhecimento de sua experiência por intermédio de sua obra e, até mesmo para ele, essa experiência não será de todo revelada, ressalta Johanson (2004).

A obra é o produto final que se desprende do artista e que será dado a conhecer, como um ser único e autônomo, *a posteriori*, com o seu desprendimento. A obra de arte é, nesse sentido, já que não há como prevê-la; até mesmo o artista só a conhece plenamente quando ela está pronta. O jogo da criação se realiza no interior de um campo de hesitação. Para o autor, a hesitação não é senão o risco de lançar-se em um movimento que não tem mais razão de seguir nessa ou naquela direção, mas que só será reencontrado depois de realizado, conforme Johanson (2004). O da obra literária é fruto de uma cultura, ou de elementos culturais que são expressos por meio da linguagem do autor, conforme cita Coli (2000); a obra é constituída, em última análise, por elementos culturais mais profundamente necessários que os próprios elementos materiais.

O objeto artístico mantém uma relação tão complexa com a cultura que se mostra inesgotável e inapreensível. A cultura que se mostra aos olhos da literatura sempre influi na visão de mundo do autor e do leitor e Janson (2001) diz que uma obra de arte influi sempre na visão de mundo do homem. A arte resiste à análise mais minuciosa e à passagem do tempo. Isso não quer dizer que todos sejam sensíveis a ela, pois as próprias limitações humanas, em matéria de personalidade, de experiência, de compreensão, impedem-no, por vezes, de apreciá-la e estudá-la.

A condensação do sonho é semelhante à metáfora poética, e a metonímia, deslizamento dos significantes, ao deslocamento das imagens oníricas ao vagar do desejo, em outra aproximação entre o texto poético e o texto onírico. Nesse ensaio de Freud (1909), “O poeta e o fantasiar”, talvez a literatura seja o lado visível do inconsciente.

Assim, quando cria, o artista trabalha com formas, e também com o potencial expressivo e significativo dessas formas. O artista, consciente desse potencial, busca de modo intencional, as configurações formais que transmitam, de modo o mais preciso possível, os conteúdos, as significações que tem em mente.

A fruição da arte pressupõe um esforço diante da cultura. A arte, no entanto, exige um conjunto de relações e de referências mais complexas, pois as regras do jogo artístico evoluem com o tempo, envelhecem, transformam-se nas mãos de cada artista segundo Coli, 2002 e Bérqson (2002).

A atitude do artista, como artista, isto é, a atitude do distraído, desligado em certo grau e em relação a certo sentido da ação prática, segue na direção oposta ao que é habitual para o espírito, ao contrário do que naturalmente requer a consciência, a saber, um máximo de concentração e, ao mesmo tempo, um mínimo de amplitude. A relação das obras de arte com o seu conteúdo de verdade são, portanto, vivenciada em um estado de extrema tensão (BERGSON, 2002, p.32).

Para Birman (1977) o autor emerge do intervalo vazio entre dois significantes, no clarão que acende o desejo. Lugar do sujeito do inconsciente, um dos destinos sublimatórios da pulsão.

O melhor de mim são os personagens que me tomam, diz o Eu; direi a voz deles, nas suas próprias e na minha. Essa condição de exilado do texto, esse estranhamento que pode nos causar a leitura de nosso próprio escrito, nos leva à surpreendente pergunta: Será que fui Eu quem escreveu Isso? (BIRMAN, 1977, p. 34)

Sábato (2003) pergunta: Quem é esse escritor que perambula pelas páginas em branco, buscando na memória um motivo, um desejo, uma provocação do inconsciente? É um poeta, um prosador, um utopista, um ilusionista, um romancista, um construtor de palavras, um trágico, um dramaturgo, um biógrafo, um professor? Talvez tudo isso, talvez mais além, vivendo em um mundo que transcende o cotidiano, em um mundo e sonhos utópicos, e em uma realidade de dimensões atemporais. Sua tarefa é escrever para alguém, para o outro, não qualquer escrita, mas, sim, aquela produzida a partir de um sentido para gerar um produto literário para o leitor que também busca um sentido na leitura. Discorrer e refletir sobre o trabalho do escritor literário que vive em um mundo recluso, na solidão e muitas vezes sendo

vítima de um preconceito de que vive em um mundo recluso e é pouco afeito ao trabalho segundo Sábato (2003).

De acordo com Amorim (2008), o quadro de leitores no Brasil indica uma realidade pouco animadora. Enquanto nos países de primeiro mundo, como Estados Unidos e França, há uma média de leitura de até sete livros por pessoa ao ano, no Brasil, essa média baixa para 1,8 livros por pessoa ao ano e, mesmo assim, aí estão incluídos os livros técnicos e acadêmicos. As pesquisas mostram que esse número cai drasticamente, quando os alunos deixam as salas de aula. A produção de livros no Brasil, no período de 1998 a 2004, estava em torno de trezentos milhões de livros por ano, mas 99,3% desse total eram livros acadêmicos, e somente 0,7% obras literárias, o que indica que esse sombrio panorama pede mudanças. Infelizmente, não temos uma cultura nem incentivo para a leitura, em especial para obras literárias (EL FAR, 2006).

Escrever livros, em especial de literatura, no Brasil, exige dos escritores, além do talento literário, da técnica, algo mais, que o faz superar todos os desafios que são parte da História do livro e do escritor.

O escritor vive angústias em seu processo criativo e busca transformar em desafios criativos (FREUD, 1907-1908), transformar o sofrimento em prazer e o faz por meio da sublimação, por meio de uma travessia poética, de uma ponte que liga o imaginário do escritor com o imaginário do leitor.

O escritor constrói uma travessia entre a subjetividade do escritor construída em um mundo solitário, que permeia os desejos de produzir e de deixar registrados nas palavras seus sonhos, seus devaneios. Freud abordou esse aspecto em “Escritores criativos e devaneio” (texto de 1907-1908), no qual queria saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes. O interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna (*insight*) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa em nada irá contribuir para nos tornar escritores criativos.

1.2 Literatura, uma travessia poética

A literatura é uma solução para o mal-estar provocado pela solidão (BOTON, 2009, p 45) ².

Para abordar o trabalho do escritor literário, será apresentado um breve recorte histórico da literatura no mundo e no Brasil e em Goiás, a fim de situar o trabalho dos escritores. A literatura como espaço criativo da palavra envolve aspectos filosóficos, históricos, sociais, políticos, culturais, psicológicos, abordados por autores como Carpeau (1947; 1982; 1999; 2005), Candido (2004; 2006); Nejar (2011); Bosi (1987).

A literatura é a arte de escrever. Também se pode definir, de acordo com Dissanayake (1990) “literatura como a arte” de criar e recriar textos, de compor ou estudar escritos artísticos; o exercício da eloquência e da poesia; para Almeida (1597-1655), o conjunto de produções literárias de um país ou de uma época; o mundo das letras. Contudo, com a publicação, em 1916, da História da literatura Brasileira, de José Veríssimo, a disputa pela definição do objeto da historiografia literária tem-se acirrado entre diversos autores. Veríssimo (1916) contesta o gênero genérico de Romero (2001) que, em 1882, publicou o livro pioneiro, a “Introdução à História da literatura Brasileira”, e propõe outro mais específico:

Literatura é arte. Somente o escrito com propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura. Esta é neste livro sinônimo de boas ou belas letras, conforme a vernácula noção clássica literatura, que é a melhor expressão de nós mesmos, claramente mostra que somos assim conforme Veríssimo (1916; 1963).

Da mesma forma, Nejar (2011) aborda cinco séculos de nossa cultura literária, fazendo um cotejamento entre a História e a poesia. A sensibilidade poética e filosófica do autor procura desvelar o oculto dos escritores brasileiros entre o eu e o mundo.

A palavra literatura vem do Latim *litteris* que significa "Letras" e, possivelmente, uma tradução do grego *grammatikee*. Em Latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever de forma artística. O termo literatura também é usado como referência a um corpo ou um conjunto escolhido de textos.

²Livro “Os Prazeres e desprazeres do trabalho”

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida por meio da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio (COUTINHO, 1978, p.9-10).

Sartre (1999) comenta que ninguém é escritor por haver decidido dizer certas coisas, mas por haver decidido dizê-las de determinado modo. E o "estilo", decerto, é o que determina o valor da prosa. O livro revela o estilo polemista de Sartre, com intensa força, coloca o leitor em contato com um escritor que efetivamente exerce a sua liberdade de ter opiniões. Coerente com as suas ideias, escreve para revelar-se como homem em situação diante do mundo. Os escritores revelam o que pensam sobre o mundo. Essa posição polêmica de Sartre coincide com a proposta da abordagem Dejouriana da autonomia e da liberdade como prática para um trabalho com sentido, um trabalho vivo e real.

A literatura desde a Antiguidade de Aristóteles, vivida na Grécia antiga tem caminhado com arte, como afirmam Lima (1954) e Cândido (2006); o que distingue literatura e as demais artes dar-se-á por meio de seus elementos intrínsecos, a matéria e a forma do verbo, entre outros elementos da palavra e da linguagem. Uma definição de literatura como a arte de criar e recriar textos, de compor ou estudar escritos artísticos; o exercício da eloquência e da poesia; o conjunto de produções literárias de um país ou de uma época; a carreira das letras. (LAJOLO, 2001); ABREU, 2000).

Na literatura, o trabalho do escritor é fazer a palavra circular em busca de um sentido literário. A definição de literatura está comumente associada à ideia de estética, ou melhor, da ocorrência de algum procedimento estético. Um texto é literário, portanto, quando consegue produzir um efeito estético e quando provoca catarse, quando se torna veículo linguístico da sublimação do escritor, o efeito de definição aristotélica, no leitor.

O texto literário, segundo Nejar (2012) tem fogo; é, portanto, aquele que pretende emocionar e que, para isso, emprega a língua com liberdade e beleza. Na literatura, quase tudo é metafórico nas palavras (NEJAR, 2011; LIMA, 1954; COUTINHO, 1978).

1.3 Breve recorte histórico da literatura ocidental

Em um determinado momento, os homens sentiram o desejo de registrar a linguagem de maneira permanente e, por isso, iniciaram a busca de um caminho que os levasse à

representação gráfica de sua linguagem oral. Foi um longo percurso, desde as pinturas representativas e ideográficas, até se chegar à escrita alfabética, como hoje a conhecemos e que começou há apenas 5.000 anos, 20.000 anos depois que os primeiros artistas da humanidade iniciaram o ciclo das pinturas rupestres, com as quais decoravam caprichosamente as cavernas onde se abrigavam como as descobertas no interior das grutas de Lascaux, na França, e de Altamira, na Espanha (El Far, 2006).

Durante o século XX, o esforço dos editores em disseminar o livro e a leitura continuou enfaticamente. Coleções populares a preços reduzidos e títulos de interesse popular ganharam espaço crescente nas livrarias, conforme El Far (2006). Mas é preciso frisar que o livro, em nosso País, nem sempre foi algo cotidiano e trivial. Em decorrência da política colonial e ditadura portuguesa, que proibia qualquer tipo de impressão, e de um limitado acesso à instrução e à Educação, o volume impresso no Brasil, por um longo período circulou em espaços bastante restritos e com muitas dificuldades.

A literatura tem percorrido, ao lado do homem, os caminhos desafiadores em termos de trabalho, de sonhos, de desejos e das vivências de prazer e de sofrimento para realizar essa atividade marcada como estética artística e realização pessoal.

A História da literatura ocidental estuda os ciclos ou movimentos literários ao longo do tempo. O desenvolvimento literário se divide em movimentos denominados estilos de época ou escolas literárias. As escolas literárias representam as tendências e influências, em uma determinada época, em seus estilos estético-temáticos das obras literárias produzidas pelos escritores. Autores como Carpoux (1990) descrevem os gêneros literários.

Segundo Cabral (2012) a literatura antiga pode ser classificada da seguinte forma:

Na Grécia clássica, os textos literários se dividiam em três gêneros:

O gênero épico que era narrações de fatos grandiosos, centrados na Figura de um herói e segundo Aristóteles, a palavra narrada;

O gênero dramático os textos focavam a representação cênica forma de tragédia ou de comédia. Segundo Aristóteles a palavra representada;

O gênero lírico eram textos de caráter emocional, centrados na subjetividade dos sentimentos. Segundo Aristóteles, a palavra cantada (CABRAL, 2012).

QUADRO 1 Eventos literários que contribuíram para a constituição histórica da literatura ocidental.

Época	Eventos literários
Séculos VIII A.C. a II A.C	As primeiras obras da História que se tem informação são os dois poemas atribuídos a Homero: <i>Ilíada</i> e <i>Odisséia</i> . Os dois poemas narram às aventuras do herói Ulisses e a Guerra de Tróia. Na Grécia antiga os principais poetas foram: Píndaro Safo e Anacreonte. Esopo fica conhecido por suas fábulas e Heródoto, o primeiro historiador, por ter escrito a História da Grécia em seu tempo e dos países que visitou entre eles o Egito Antigo.
Séculos I A.C. a II D.C.: A literatura na História de Roma Antiga	Vários estilos que se praticam até hoje, como a sátira, são originários da civilização romana. Entre os escritores romanos do século I a. C. podemos destacar: Lucrécio (<i>A Natureza das Coisas</i>); Catulo e Cícero. Na época de 44 a. C. a 18 d. C., durante o império de Augusto, corresponde uma intensa produção tanto em poesia lírica, com Horácio e Ovídio, quanto em poesia épica, com Virgílio autor de <i>Eneida</i> . Neste período destacam-se os poetas Sêneca, Petrônio e Apuleio.
Séculos III a X	Após a invasão dos bárbaros germânicos, a Europa se isola, forma-se o feudalismo e a Igreja Católica começam a controlar a produção cultural. A língua (Latim) e a civilização latina são preservadas pelos monges nos mosteiros. A partir do século X começam a surgir poemas, principalmente narrando guerras e fatos de heroísmo.
Século XI: As Canções de Gesta e as Lendas Asturianas	É a época das Canções de Gesta, narrativas anônimas, de tradição oral, que contam aventuras de guerra vividas nos séculos VIII e IX, o período do Império Carolíngio. A mais conhecida é a <i>Chanson de Roland</i> (Canção de Rolando) surgida em 1100. Quanto à prosa desenvolvida na Idade Média, destacam-se as novelas de cavalaria, como as que contam as aventuras em busca do Santo Graal (Cálice Sagrado) e as lendas do rei Artur e dos Cavaleiros da Távola Redonda.
Séculos XII a XIV: O trovadorismo e as cantigas de escárnio e maldizer	É o período histórico do trovadorismo e das poesias líricas palacianas. O amor impossível e platônico transforma o trovador em um vassalo da mulher amada, exemplo do amor cortês. Neste período, também foi comum o poema satírico, representado pelas cantigas de escárnio (crítica indireta) e de maldizer (crítica direta).
Séculos XIV ao XVI: Humanismo	O homem passa a ser mais valorizado com o início do humanismo renascentista. A literatura mantém características religiosas, mas nela já se podem ver características que serão desenvolvidas no Renascimento, como a retomada de ideais da cultura greco-romana. Na Itália, podemos destacar: Dante Alighieri autor da <i>Divina Comédia</i> , Giovanni Bocaccio e Francesco Petrarca. Em Portugal, destaca-se o teatro do poeta de Gil Vicente autor de <i>A Farsa de Inês Pereira</i> .
Século XVI: O classicismo na História	O classicismo tem como elemento principal o resgate de formas e valores da cultura clássica, ou seja, greco-romana. O mais importante poeta desse período histórico foi Luís de Camões que escreveu <i>Os Lusíadas</i> , narrando às aventuras marítimas da época dos descobrimentos. Destacam-se também os franceses François Rabelais e Michel de Montaigne. Na

	Inglaterra, o poeta de maior sucesso foi William Shakespeare se destaca na poesia lírica e no teatro. Na Espanha, Miguel de Cervantes faz uma sátira bem humorada das novelas de cavalaria e cria o personagem Dom Quixote e seu escudeiro, Sancho Pança, na famosa obra Dom Quixote de La Mancha.
Século XVII	As ideias da Contrarreforma marcaram profundamente essa época, principalmente nos países de tradição católica mais forte como, por exemplo, Espanha, Itália e Portugal. Na França, a oratória sacra é representada por Jacques Bossuet, que defendia a origem divina dos reis. Na Espanha, destacam-se os poetas Luís de Gôngora e Francisco de Quevedo. Na Inglaterra, marca significativamente a poesia de John Donne e John Milton, autor de O Paraíso Perdido. Na dramaturgia, podemos destacar as obras teatrais do escritor e dramaturgo francês Molière. Molière, por meio da sátira, denunciou de forma realista os grandes defeitos do comportamento humano, principalmente de burgueses e religiosos. Entre suas principais obras, podemos destacar: "Tartufo", "O Avarento" e "O burguês fidalgo".
Século XVIII: O Neoclassismo	Época da valorização da razão e da ciência para se chegar ao conhecimento humano. Os filósofos iluministas fizeram duras críticas ao absolutismo. Na França, podemos citar os filósofos Montesquieu, Voltaire, Denis Diderot e D'Alembert, os organizadores da Enciclopédia, e Jean-Jacques Rousseau. Na Inglaterra, os poetas Alexander Pope, John Dryden, William Blake. Na prosa pode-se observar o pleno crescimento do romance. Obras e autores desse período da História: Daniel Defoe autor de Robinson Crusoé; Jonathan Swift (As Viagens de Gulliver); Samuel Richardson (Pamela); Henry Fielding (Tom Jones); Laurence Sterne (Tristram Shandy). Nessa época, os contos de As Mil e Uma Noites aparecem na Europa em suas primeiras traduções.
Século XIX (primeira metade): O Romantismo	No Romantismo há uma valorização da liberdade de criação. A fantasia e o sentimento são muito valorizados, o que permite o surgimento de obras de grande subjetivismo. Há também valorização dos aspectos ligados ao nacionalismo. Poetas principais dessa época: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Giacomo Leopardi, James Fenimore Cooper, Edgard Allan Poe.
Século XIX (segunda metade): O Realismo	Movimento que mostra de forma crítica a realidade do mundo capitalista e suas contradições. O ser humano é retratado em suas qualidades e defeitos, muitas vezes vítimas de um sistema difícil de vencer. Principais representantes: Gustave Flaubert autor de Madame Bovary, Charles Dickens (Oliver Twist), Charlotte Brontë (Jane Eyre), Emily Brontë (O Morro dos Ventos Uivantes), Fiodor Dostoiévski, Leon Tolstói, Eça de Queiroz, Cesário Verde, Antero de Quental e Émile Zola, Eugênio de Castro, Camilo Pessanha, Arthur Rimbaud, Charles Baudelaire.
Décadas de 1910 a 1930: fugindo do tradicional	Os escritores desse momento da História vão negar e evitar os tipos formais e tradicionais. É uma época de revolução e busca de novos caminhos e novos formatos literários. Principais escritores desse período: Ernest Hemingway, Gertrude Stein, William Faulkner. S. Eliot, Virginia Woolf, James Joyce, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Cesar Vallejo, Pablo Neruda, Franz Kafka, Marcel Proust, Vladimir Maiakovski.
Década 1940:	O pessimismo e o medo gerados pela Segunda Guerra Mundial vão

a fase pessimista	influenciar este período. O existencialismo de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus vão influenciar os autores dessa época. Na Inglaterra, George Orwell faz uma amarga e triste profecia do futuro na obra 1984.
Década de 1950: crítica ao consumismo	As obras dessa época da História criticam os valores tradicionais e o consumismo exagerado imposto pelo capitalismo, principalmente norte-americano. O poeta Allen Ginsberg e o romancista Jack Kerouac são seus principais representantes. Henry Miller choca a crítica com sua apologia da liberdade sexual na obra <i>Sexus, Plexus, Nexus</i> . Na Rússia, Vladimir Nabokov faz sucesso com o romance <i>Lolita</i> .
Décadas de 1960 e 1970	Borges e Julio Cortázar. Na obra do colombiano Gabriel Garcia Márquez, <i>Cem Anos de Solidão</i> , misturam-se o realismo fantástico e o romance de caráter épico. São épicos também alguns dos livros da chilena Isabel Allende autora de <i>A Casa dos Espíritos</i> . No Peru, Mario Vargas Llosa é o romancista que ganha prestígio internacional. No México destacam-se Juan Rulfo e Carlos Fuentes, no romance, e Octavio Paz, na poesia. A literatura muda o foco do interesse pelas relações entre o homem e o mundo para uma crítica da natureza da própria ficção. Um dos mais importantes escritores a incorporar essa nova concepção é o italiano Ítalo Calvino. Surge o realismo fantástico, como na ficção do argentino Jorge Luis.

Fonte: elaborado pelo pesquisador adaptado de Carpoux (1990) e Nejar (2011).

Percebe-se claramente pelos marcadores históricos da literatura a sua relação com a evolução histórico-social das sociedades. Desde as primeiras obras da História que se tem informação os dois poemas atribuídos a Homero: (*Ilíada* e *Odisséia*) até os dias atuais, com a poesia de Otavio Paz, Mario Vargas Llosa, Jorge Luiz Borges a José Saramago Prêmio Nobel de literatura em 1998, representando a Língua Portuguesa, à literatura ultrapassou os seus limites literários e participa da construção social com a potência e fazendo a palavra circular em todas as esferas do conhecimento humano.

1.4 Breve História da literatura Brasileira

A literatura no Brasil: afinal, somos ou não um país de leitores? Nos primeiros anos do século XX, escritores de grande importância no cenário intelectual do Rio de Janeiro deram vez a uma discussão que até hoje merece nossa atenção. A questão, na época, era: o Brasil é um país de leitores?

El Far (2006) afirma que o famoso cronista João do Rio no início do século XX, que costumava caminhar pelas ruas da então Capital Federal, em busca de temas cotidianos e, ao

mesmo tempo, provocantes para suas colunas nos jornais, dizia, ao observar o intenso movimento das livrarias e o número cada vez maior de mercadores ambulantes de livros, que o Brasil, de fato, lia.

Essa colocação entusiasmada de João do Rio provocou uma análise dura do colega, Olavo Bilac, poeta, cronista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que dela discordava veemente. Utilizando como prova os dados censitários que denunciavam o alto índice de analfabetismo em todo o País e a constante queixa dos romancistas eminentes de que mal conseguiam esgotar a primeira edição de suas obras, Bilac deixava clara as suas opiniões: o Brasil não lia, pela “razão única e terrível de não saber ler”.

A literatura Brasileira também passou por escolas ou períodos ou gêneros literários, a saber: História da literatura brasileira, Escolas Literárias do Brasil, Quinhentismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo, Modernismo, Neorrealismo (Quadro 2).

QUADRO 2 Constituição histórica da literatura no Brasil

Época	Eventos literários
Quinhentismo (século XVI)	A fase inicial da literatura brasileira ocorreu no começo da colonização. Representante da literatura Jesuíta ou de Catequese destaca-se Padre José de Anchieta com seus poemas, autos, sermões cartas e hinos. O objetivo principal desse padre jesuíta, com sua produção literária, era catequizar os índios brasileiros. Nessa época, destaca-se ainda Pero Vaz de Caminha, o escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral. Por meio de suas cartas e seu diário, elaborou uma literatura de Informação (de viagem) sobre o Brasil. O objetivo de Caminha era informar o rei de Portugal sobre as características geográficas, vegetais e sociais da nova terra.
Barroco (século XVII)	Essa época foi marcada pelas oposições e pelos conflitos espirituais. Esse contexto histórico acabou influenciando na produção literária, gerando o fenômeno do barroco. As obras são marcadas pela angústia e pela oposição entre o mundo material e o espiritual. Metáforas, antíteses e hipérboles são as figuras de linguagem mais usadas neste período. Podemos citar como principais representantes dessa época: Bento Teixeira, autor de Prosopopéia; Gregório de Matos Guerra (Boca do Inferno), autor de várias poesias críticas e satíricas; e padre Antônio Vieira, autor de Sermão de Santo Antônio ou dos Peixes.
Neoclassicismo ou Arcadismo (século XVIII)	O século XVIII é marcado pela ascensão da burguesia e de seus valores. Esse fato influenciou na produção das obras dessa época. Como as preocupações e conflitos do barroco são deixados de lado, entra em cena o objetivismo e a razão. Os ideais de vida no campo são retomados (<i>fugere urbem</i> = fuga das cidades) e a vida bucólica passa a ser valorizada, assim como a idealização da natureza e da mulher amada. As principais obras

	dessa época são: Obra Poética de Cláudio Manoel da Costa, O Uruguai de Basílio da Gama, Cartas Chilenas e Marília de Dirceu de Tomás Antônio Gonzaga, Caramuru de Frei José de Santa Rita Durão.
Romantismo (século XIX)	A modernização ocorrida no Brasil, com a chegada da família real portuguesa em 1808, e a Independência do Brasil em 1822 são dois fatos históricos que influenciaram na literatura do período. Como características principais do romantismo, podemos citar: individualismo, nacionalismo, retomada dos fatos históricos importantes, idealização da mulher, espírito criativo e sonhador, valorização da liberdade e o uso de metáforas. As principais obras românticas que podemos citar: O Guarani de José de Alencar, Suspiros Poéticos e Saudades de Gonçalves de Magalhães, Espumas Flutuantes de Castro Alves, Primeiros Cantos de Gonçalves Dias. Outros importantes escritores e poetas do período: Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Teixeira e Souza.
Realismo - Naturalismo (segunda metade do século XIX)	Na segunda metade do século XIX, a literatura romântica entrou em declínio, juntos com seus ideais. Os escritores e poetas realistas começam a falar da realidade social e dos principais problemas e conflitos do ser humano. Como características dessa fase, podemos citar: objetivismo, linguagem popular, trama psicológica, valorização de personagens inspirados na realidade, uso de cenas cotidianas, crítica social, visão irônica da realidade. O principal representante dessa fase foi Machado de Assis com as obras: Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro e O Alienista. Podemos citar ainda como escritores realistas Aluísio de Azevedo autor de O Mulato e O Cortiço e Raul Pompéia autor de O Ateneu.
Parnasianismo (final do século XIX e início do século XX)	O parnasianismo buscou os temas clássicos, valorizando o rigor formal e a poesia descritiva. Os autores parnasianos usavam uma linguagem rebuscada, vocabulário culto, temas mitológicos e descrições detalhadas. Diziam que faziam a arte pela arte. Graças a essa postura foram chamados de criadores de uma literatura alienada, pois não retratavam os problemas sociais que ocorriam naquela época. Os principais autores parnasianos são: Olavo Bilac, Raimundo Correa, Alberto de Oliveira e Vicente de Carvalho.
Simbolismo (fins do século XIX)	Essa fase literária inicia-se com a publicação de Missal e Broqueis de João da Cruz e Souza. Os poetas simbolistas usavam uma linguagem abstrata e sugestiva, enchendo suas obras de misticismo e religiosidade. Valorizavam muito os mistérios da morte e dos sonhos, carregando os textos de subjetivismo. Os principais representantes do simbolismo foram: Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraes.
Pré-Modernismo (1902 até 1922)	Este período é marcado pela transição, pois o modernismo só começou em 1922 com a Semana de Arte Moderna. Está época é marcada pelo regionalismo, positivismo, busca dos valores tradicionais, linguagem coloquial e valorização dos problemas sociais. Os principais autores desse período são: Euclides da Cunha (autor de Os Sertões), Monteiro Lobato, Lima Barreto, autor de Triste Fim de Policarpo Quaresma e Augusto dos Anjos.
Modernismo (1922 a 1930)	Este período começa com a Semana de Arte Moderna de 1922. As principais características da literatura modernista são: nacionalismo, temas do cotidiano (urbanos), linguagem com humor, liberdade no uso de palavras e textos diretos. Principais escritores modernistas: Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Cassiano Ricardo, Alcântara Machado e

	Manuel Bandeira. Foi denominada de Primeira geração modernista.
Neo-Realismo (1930 a 1945)	Fase da literatura brasileira na qual os escritores retomam as críticas e as denúncias aos grandes problemas sociais do Brasil. Os assuntos místicos, religiosos e urbanos também são retomados. Destacam-se as seguintes obras: Vidas Secas de Graciliano Ramos, Fogo Morto de José Lins do Rego, O Quinze de Raquel de Queiróz e O País do Carnaval de Jorge Amado. Os principais poetas dessa época são: Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Foi a chamada 2ª geração modernista. O Regionalismo.
1945...	Início da contemporaneidade da literatura brasileira. Na poesia, ganha corpo, a partir de 1945, uma geração de poetas que se opõe às conquistas e inovações dos modernistas de 1922. Essa geração de escritores negou a liberdade formal, as ironias, as sátiras e outras "brincadeiras" modernistas. Os poetas de 45 partem para uma poesia mais equilibrada e séria, distante do que eles chamavam de "primarismo desabonador" de Mário de Andrade e Oswald de Andrade. A preocupação era quanto ao restabelecimento da forma artística e bela; os modelos voltam a serem os mestres do Parnasianismo e do Simbolismo. Esse grupo, chamado de Geração de 45, era formado, entre outros poetas, por Ledo Ivo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Geir Campos e Darcy Damasceno. O final dos anos 40, no entanto, revelaram um dos mais importantes poetas da nossa literatura, não filiado esteticamente a qualquer grupo modernista anterior: ninguém menos que João Cabral de Melo Neto. Contemporâneos a ele, e com alguns pontos de contato com sua obra, destacam-se Ferreira Gullar e Mauro Mota.

Fonte: elaborado pelo autor adaptado de Bosi (1986); Nejar (2011).

Para Guidin (2012) a literatura brasileira tem um marco histórico que foi a Semana de Arte Moderna, em 1922 foi chamada de Primeira Geração Modernista, e do incisivo e duro modernismo de 1930, em que predominou o romance regionalista Segunda Geração Modernista, começam a se instalar, a partir de 1945/1950, novos rumos para a literatura brasileira.

No Brasil, a essa geração de escritores que revolucionaram a literatura brasileira dá-se o nome de Terceira Geração Modernista. Esse início da segunda metade do século XX tem um momento cultural muito rico, as produções literárias, marcadas por inovações literárias na forma e conteúdo, diversificavam-se; acabava o predomínio da poesia da primeira geração ou da prosa na segunda. Gêneros literários convivem com a literatura e passam a viver uma fase de experimentação temática e linguística, uma nova linguagem e muitos dos textos escritos para os jornais (as crônicas) começam a crescer e ganhar status de literatura. Atualmente, as crônicas têm maior produção e espaço na mídia do que a poesia. Aumentou e diversificou a produção literária e também os escritores e maior aproximação com a música segundo Guidin (2012).

Esse foi considerado um momento histórico, ao mesmo tempo em que a prosa (romance, conto) buscava ampliar caminhos para se destacar no mundo literário, inovando brilhantemente as técnicas de expressão — como fizeram Guimarães Rosa e Clarice Lispector, a poesia moderna se destacava ainda mais nos temas, de preocupação social e investigação psicológica, com Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector Ruben Fonseca, Rubem Alves e outros. A poesia se juntou à música e fez mais crítica social do que a prosa, durante o período entre 1945 e 1965, como no trecho de "Carta a Stalingrado", em que Carlos Drummond de Andrade registra a dor pela guerra e a morte: O ano de 1945 foi especialmente importante para o Brasil literário, é o ano da morte de Mário de Andrade—o grande artista, poeta e teórico do modernismo. Com sua morte, encerram-se, simbolicamente, as primeiras vanguardas que realizaram a Semana de Arte. Vinicius de Moraes abandona a diplomacia e se dedica à poesia e à música, mesmo depois do fim da guerra; também se deteve no sofrimento mundial, mergulhando na imagem da "Rosa de Hiroshima". Esse poema foi musicado na voz de Ney Matogrosso (GUIDIN, 2012).

Muitos historiadores dizem que o mundo, tal qual a História o conhecia, deixou de existir a partir da década de 1950. Televisão, liberação feminina, eletrodomésticos novos, telecomunicações muito rápidas, urbanização maciça... Todo esse novo mundo estaria vinculado à nova cultura de massa, não à cultura letrada nem à cultura popular (GUIDIN, 2012).

O trajeto da literatura nesse século XXI é ainda uma incógnita para muitos pesquisadores e escritores. Qual o gênero vai se destacar, poesia, prosa, conto, romance, autoajuda, que é muito mal vista pelos escritores sérios e críticos? Esse é o mundo contemporâneo, em que as regras deixaram de ser regras, tudo passa a ser imprevisível. E os escritores, no Brasil, participam dessa contemporaneidade sem fronteiras e quase sem regras. Como isso, em um trecho de Cecília Meireles, a poeta dessa geração que, já em 1938, era premiada pela Academia Brasileira de Letras.

A literatura faz uma imersão em um novo movimento histórico-social e começa a ser percebida de forma mais crítica como trabalho artístico e a Psicanálise se torna uma grande aliada nesse território entre o mundo do imaginário, do sonho e do devaneio que tanto Freud (1907/1908) citava em seus trabalhos.

Nós, leigos, sempre sentimos uma intensa curiosidade- como o cardeal que fez uma pergunta similar a Ariosto- em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, extrai seu material, e como consegue produzir em nós tal

impressão com ele e despertar-nos emoções das quais, talvez, nem mesmo nos julgássemos capazes (FREUD, 1908, p.143).

Para Morais (2004; 2010) a arte e a literatura encontram-se nos pilares da construção psicanalítica, desde as primeiras formulações freudianas do Inconsciente e do complexo de Édipo, inspiradas em Sófocles e nas tragédias de Shakespeare. A referência à arte oferece certa universalidade e porto seguro às incipientes teorizações de Freud, embasadas na sua autoanálise e na sua clínica. Grande leitor de poetas e escritores, em especial Goethe, o mais lido, ele lhes manifesta admiração e respeito, e coloca-os no lugar daqueles profundos conhecedores da subjetividade humana.

A arte e a literatura estão intimamente interligadas na construção da Psicologia e da Psicanálise, conforme Leite (2002) e Morais (2010). Já Oliveira (2005) afirma que são infinitas as possibilidades de articular literatura e Psicanálise. Também no texto de Freud (1907, 1908) traduzido, no Brasil, por “Escritores Criativos e Devaneio”, (1925) ele aborda a relação entre jogo, fantasia e escrita poética, pensando a estrutura temporal que as perfaz, torna-se difícil separar essa relação tão íntima entre a arte, a literatura e a Psicanálise. Freud (1903), por ter sido um excelente escritor, teve aproximações literárias com importantes escritores, como em seu texto sobre “Delírios e sonhos na Gradiva”, de W. Jansen (1903) em que teceu elogios a Jensen pela obra literária que foi apresentada a Freud por Jung. Há ainda o texto de Freud (2019) “O Estranho”, todo construído em um diálogo com a obra de Hoffmann. Freud (1907) afirma em seu texto “O poeta e o fantasiar”, sobre essa relação entre o passado, o presente e o futuro interligados pelo fio do desejo que é a energia criadora do poeta e escritor. O escritor, no presente, busca, em suas vivências passadas, material para o seu escrito e o lança no futuro, a dizer o que não sabe e mais do que quis dizer.

Para Segal (1993), a citação de Freud (1908, p.143) “Escritores criativos e devaneio”, escrito em 1907 quando escreve que a energia criadora do escritor é construída pelo fio do desejo nessa relação entre passado, presente e futuro que só o poeta, o escritor consegue fazer. Freud não escondeu em suas obras a fascinação pela arte, por isso é comum à aproximação, desde o início, da Psicanálise com a arte. O editor de Freud, Strachey, lista nada menos que 22 artigos de Freud que tratam, direta ou indiretamente, de obras de arte de artistas em diversos campos de situações e temas retratados na literatura ou de problemas relativos à criatividade artística. Não resta dúvida de que Freud foi um grande escritor criativo e produziu uma obra estética que denominou de Psicanálise. Segal (1993) afirma que, nos livros e nos artigos de Freud há referências em profusão a obras de arte, o que não surpreende, pois a pesquisa de Freud se faz no interior de toda manifestação da natureza humana e ele, dificilmente, poderia

esquivar-se desse mundo fascinante do homem. Diz, ainda, a citada autora que seria difícil fazer plena justiça à contribuição da Psicanálise para a compreensão da arte. Freud bebeu da arte literária que tem como matéria-prima a fantasia, o devaneio, o imaginário, o sonho, o subjetivo, o simbólico.

Esse encontro da arte com o sujeito provoca sensações, sentidos, motivos, prazer e sofrimentos, como destaca Segal (1993); esse autor declara que a criatividade artística envolve muita dor e o desejo de criar é compulsivo, não pode ser abandonado com facilidade. O abandono de um esforço artístico é sentido como fracasso, às vezes, como desastre. No próprio trabalho criativo, por maior que seja a alegria de criar, há sempre também um elemento importante de dor, sendo necessária grande quantidade de trabalho consciente associado a um alto grau de autocrítica, frequentemente muito dolorosa. A obra literária toma corpo, toma vida, ou quase toma vida própria aos olhos do autor.

A arte atua com força impulsionadora dos desejos que se manifestam pela expressão da palavra. A arte transita entre as possibilidades de um mundo utópico, um tipo específico de satisfação movido pela cultura e pela arte, por parte de um público restrito devido a condições econômicas, culturais e educacionais. Quem produz arte e em especial literatura tem identificação com seus projetos e com objetivos individuais e sociais.

A discussão acerca do que é arte ocupa os homens desde a Antiguidade e as formas de suas manifestações, os pontos de vista acerca do assunto e seu conceito foram-se modificando ao longo da História da humanidade. Não é objetivo discutir os termos estéticos, históricos e rituais religiosos, pois, como assevera Coli (2000).

Restam às manifestações artísticas, bem menos dependentes do suporte material, como o teatro, a música e a dança, que devem sua sobrevivência a uma cadeia de aprendizado, a uma corrente de tradições recolhidas por uma instituição muito justamente chama conservatório (COLI, 2000, p. 78).

A intrincada relação entre arte e cultura – cultura que a engendra e que dialoga incessantemente com ela — determina a crítica das noções de sensibilidade inata, fruição espontânea. Os objetos artísticos encontram-se intimamente ligados aos contextos culturais: eles nutrem a cultura, mas também são nutridos por ela e só adquirem razão de ser nessa relação dialética, só podem ser apreendidos com base nela. O discurso sobre a arte exprime unicamente a relação da cultura do autor com o objeto cultural, que é a obra de arte. Afirma Coli (2000, p. 126): “a arte escapa às definições. Seu domínio, movente e fugidio, estende-se além da razão, além das determinações racionais e lógicas”.

Em outras palavras, a arte incorpora, simboliza e evoca no receptor certa espécie de emoção arcaica. A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, outro mundo. Na obra artística, há uma organização astuciosa de um conjunto complexo de relações, capaz de atingir e enriquecer a sensibilidade das pessoas declaram Coli (2000) e Segal (1993). A possibilidade da arte torna-se complexa em uma sociedade em que a racionalidade mercantil transforma os objetos de arte em produtos da indústria cultural.

A arte, segundo Janson (2001), é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. Esse autor afirma que o desejo de fazer arte é exclusivamente humano e a capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível. Esse autor descreve as seguintes capacidades (ou requisitos) presentes no trabalho artístico: coordenação, inteligência, personalidade, imaginação, criatividade e sentimento estético. A arte satisfaz o desejo premente do homem de compreender a si próprio e ao universo. Ao mesmo tempo, o artista desempenha, por vezes, o importante papel de veículo das próprias convicções e valores, a que ele dá voz, servindo-se para tal de uma tradição contínua.

A arte é energia transgressora e sedutora, porque criada do núcleo da pulsão de vida e de morte, de Thanatos, potência criativa que subverte, transforma, visita o inconsciente, rebela-se contra a ordem estabelecida; a arte de escrever tem o comportamento do adolescente que deseja e quer. Colocar-se nessa posição de estrangeiro, de exilado da própria língua e manter vivo esse intervalo, essa alteridade, é necessário, pois o que é o ato de escritura senão o que insurge nesse espaço de desconhecimento do autor em relação à linguagem? (MORAIS, 2004; 2010). A arte é, em si, capaz de comover e promover o humano desde os primórdios da civilização.

Há na arte sempre uma possibilidade de transformação da realidade, uma vez que ela denuncia suas contradições. A arte questiona o caráter de diversão que lhe é atribuído, privando-se de sua função na ordem capitalista, o que, de acordo com Benjamin (1994), abala sua validade social. O questionamento do caráter de diversão parte do princípio fundamental da arte que encerra fruição, gozo, e, ao mesmo tempo, reflexão. A arte propõe uma viagem de rumo imprevisto – da qual não se conhecem as consequências –, entretanto, empreendendo-a, o que conta não é a chegada, é a evasão. Segundo Coli (2000), “buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa”. A arte é formulação fantástica e o trabalho é real; entretanto, ambos têm em comum a tendência para a ordem, para a harmonia, para a beleza, mediante o aperfeiçoamento dos meios expressivos.

Na obra de arte, estão presentes tanto os valores provenientes do contexto cultural do artista como aqueles valores provenientes de seu mundo subjetivo, individual. Pode-se falar dos significados presentes em uma obra como o seu conteúdo, o que não é diferente de sua forma. Forma e conteúdo, em arte, são duas noções intimamente relacionadas, sendo difícil, ou mesmo impossíveis, se estabelecer a diferença exata entre os dois.

É a forma das coisas que corresponde ao conteúdo significativo das coisas [...] a forma incorpora e expõe o seu conteúdo significativo. Comunicando-nos suas ordenações, a forma nos comunica a razão de seu ser e o sentido (OSTROWER, 1987, p. 79).

A arte e a literatura, na concepção do criador da Psicanálise, seriam redutos do processo primário e o artista teria acesso privilegiado aos elementos do Inconsciente, pelo seu talento natural, em uma perspicácia de vanguarda que lhe iluminaria caminhos ao porvir. Se perguntássemos ao filósofo Diógenes, ele talvez dissesse que a literatura é a lanterna do conhecimento. Se Freud sempre buscou um estatuto científico para a Psicanálise, há de se convir que nunca tenha deixado de embebedar-se no porto seguro de suas fontes primárias, a arte. Em seu ensaio de 1909 “O poeta e o fantasiar”, ele se pergunta em que fontes o escritor se embriaga para criar suas obras.

Para Segal (1993), alguns artistas sentem, de modo particularmente poderoso, que a obra adquire existência quase independente. O trabalho de reparação do artista nunca é concluído e, no fundo, uma obra de arte deve ser original. Se há na arte satisfação de desejo, não se trata de uma simples satisfação onipotente de um desejo, mas de uma satisfação do desejo de elaborar um problema de um modo particular, e não do que se entende por satisfação de desejo. A natureza do conflito psíquico e o modo pelo qual o artista busca resolvê-lo em seu ego inconsciente podem objetivar o artista sobre a forma significativa.

Ainda que Freud se tenha ocupado de outras formas de arte (pintura, escultura), era o escritor, o poeta (*Der Dichter*) que ele tinha em mente sempre que se referia à natureza da capacidade artística em geral. Em “Escritores Criativos e Devaneio”, pequeno ensaio de 1908, Freud lança as bases do que poderia se chamar de estética psicanalítica, que se assenta na teoria já esboçada por Aristóteles na Poética, de que há uma continuidade genética entre o brincar da criança e a criação artística. A paixão de Freud pela literatura não encontra paralelo em nenhum dos analistas que o seguiram. Não podemos sequer saber até que ponto essa paixão terá influído na rara qualidade literária da obra do Mestre que, em toda a sua longa vida, recebeu apenas um prêmio importante: o prêmio Goethe de literatura, em 1930, da cidade de Frankfurt, pelo valor científico e literário de sua obra, pelo conjunto de sua obra e

pela fronteira sutil com a literatura. Tão precoce é o interesse de Freud pela literatura quanto o despontar de seus próprios dons para escrever (PEYON, 2008).

De acordo com Freud (1908), ao estudar e nominar os processos da fantasia e sublimatórios bebeu da fonte da arte. Consciente e/ou inconsciente, ele se beneficiou dessa fonte inesgotável. Freud (1910) teve particular interesse em estudar grandes artistas, como o fez em analisar o perfil do artista e gênio Leonardo da Vinci e uma lembrança da infância (Freud, 1909), quando procura desvelar o desenvolvimento psicosssexual de Leonardo com uma pesquisa de dados biográficos escassos para a época.

A linguagem é de suprema importância na obra de Freud, ela constitui o instrumento imprescindível de seu ofício. O seu uso da língua alemã foi não só magistral, mas frequentemente poético; Freud expressou-se quase sempre com verdadeira eloquência. (Bettelheim, 1982, p.58).

Segundo Peyon (2008), Freud foi grande leitor de poetas e de escritores, em especial Goethe, o mais querido, ele lhes manifesta admiração e respeito, e coloca-os no lugar daqueles profundos conhecedores da subjetividade humana, assim como foi leitor de William Shakespeare. A própria teoria psicanalítica talvez se inscreva mais no campo da criação literária que no da pesquisa científica.

Por mais cientificista que Freud tente ser, a própria matéria de que trata no campo da Psicanálise talvez o obrigue a se fazer poeta. [...] Uma teoria do homem deve, portanto, retomar esse movimento de criação ficcional, fazendo-se um pouco literatura (RIVERA, 2002, p. 08).

Para Morais (2010) Freud como bom observador da subjetividade humana que era percebeu que a arte e a literatura, seriam redutos do processo primário e o artista teria acesso privilegiado aos elementos do Inconsciente, pelo seu talento natural, em uma perspicácia de vanguarda que lhe iluminaria caminhos ao porvir. Pode-se dizer que se Freud sempre se interessou em busca de uma base científica para a Psicanálise, percebe-se também que registrou seus interesses nas suas fontes primárias, a arte.

Pode-se afirmar, de acordo com Janson (2001) que uma obra de arte influi sempre na visão de mundo do homem. A arte resiste à análise mais minuciosa e à passagem do tempo. A cultura teve forte impacto no século XX.

O artista busca transformar seu público em observadores interessados pretende despertar interesse e causar impacto em seu público. Encontrar novos meios simbólicos de fazê-lo é o encontro com seu trabalho. Enfim, ele necessita de uma capacidade muito especial para enfrentar os conflitos mais profundos e encontrar expressão para eles, para traduzir o

sonho em realidade. Para o artista, a obra de arte é uma dádiva duradoura paralela ao mundo, conforme Dimatos (1999) e Vasconcelos e Kirschbaum (2005).

Para Segal (1993) e Johanson (2004), a vida artística é acompanhada de rótulos negativos, de preconceitos e de estigmas sociais da sociedade em relação aos artistas. Esses autores também afirmam que a imagem do artista construída socialmente afeta de modo negativo a formação de uma identidade profissional, portanto ele experimenta, entre outros, sentimentos negativos.

O desejo de fazer arte é exclusivamente humano, e a capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível. A Psicanálise se debruça sobre a arte para buscar compreender seu processo.

1.5 Psicanálise e o processo criativo na literatura

Da mesma forma que Bachelard (1998) afirma que formar o espírito científico não é nos ensinar coisas, mas ensinar a pensar, também é possível fazer uma correlação com a arte literária que não tem o propósito de ensinar ler textos literários (mas de ensinar a sentir os desejos que já tem na voz dos escritores).

Freud (1909-1997) em seu ensaio “O poeta e o fantasiar”, pergunta em que fontes o poeta se embriaga para criar suas obras. O poeta carrega consigo a fórmula de Ezra Pound: *Dichter = condensare*, e marca a poesia como a forma mais condensada de expressão verbal. A condensação do sonho é semelhante à metáfora poética, e a metonímia, deslizamento dos significantes, ao deslocamento das imagens oníricas ao vagar do desejo, em outra aproximação entre o texto poético e o texto onírico. Nesse ensaio, Freud (1909) compara o trabalho criativo do escritor ao da criança que brinca e encena criativamente, ação que lhe proporciona, por meio de um prazer prévio, uma fruição, um jogo com o imponderável. Compara o poeta também ao adulto em devaneios, com seu fantasiar propiciador de cenas que encobrem, dentro de certos limites, o abismo de Real que ali subjaz. Todavia, o escritor cria e expõe, pela forma, a sua fantasia, compondo uma cumplicidade com o leitor, que a toma para si, dela usufrui, e com ela realiza seus próprios anseios (MORAIS, 2010).

Freud percebeu que o escritor, o poeta, é uma voz sem fronteiras e sem idiomas, é uma voz do mundo, que se torna própria, à medida que, ao se apropriar de um patrimônio cultural, milenar da literatura, da poesia, e centenário da Psicanálise, constrói a partir do labor uma

subjetividade. Um texto literário não deixa de ser uma representação social de várias vozes, polifonia, recortes de labores que se fazem parte de gerações, formas variadas a serem desveladas pela linguagem, sob o gesto do autor (MORAIS, 2010).

O artista, para criar, cria a partir dos desejos humanos, da impotência, do desamparo, do sublime. A partir de sua criação artística, constrói sua identidade. O poeta, o escritor é um artesão de palavras que forja o verbo com martelo e bigorna dos sentidos e dos significados da subjetividade humana. Para Lacan (1999, p.25), elevar a língua “à dignidade do indizível”, do objeto perdido, do pulsional em seu efeito sublimatório que se sustenta sobre nada. Se se aproximar o fazer psicanalítico e o poético, pode-se dizer que em ambos existe uma capacidade criadora capaz de instaurar novas realidades.

(A arte, diz o pintor suíço expressionista Paul Klee (1957; 2001 p. 1081), “não reproduz o visível, ela faz visível”, assim como o poema não reproduz o dizível, ele cria o dizível).

Leite (2002) e Moraes (2010) afirmam que há algumas aproximações entre o trabalho do poeta e o do psicanalista, com destaque para a premissa de que tanto a Psicanálise como a poesia e a literatura procuram vestígios, procuram dar contornos ao indizível, ao invisível. É de um distanciamento com a linguagem, de um exílio que se escreve na solidão do escritor.

A Psicanálise necessita de um corpo da palavra poética para falar do inefável, do oculto na mente, nas pulsões nos devaneios, nos desejos, nos sentidos. Já a arte é, em si, capaz de transfigurar, de comover o humano desde os primórdios da civilização. Quintana, no Caderno H (1973; 2009) escreveu que talvez o poeta, o escritor, queira imitar inconscientemente o Criador, sem dar-se conta de suas pulsões instintivas que se projetam na construção das palavras. “E eis que, tendo Deus descansado no sétimo dia, os poetas continuaram a obra da Criação”.

Para Moraes (2010) a Psicanálise no seu fazer, cria na escuta do texto do seu cliente, o psicanalista cria palavras (e silêncios) com poder de gerar outras palavras, palavras-coisas, que tocam o Real, quebram sentidos e produzem efeitos simbólicos outros, que a repetição do mesmo. A arte e a literatura, por sua vez, encontram-se nos pilares da construção psicanalítica, desde as primeiras formulações freudianas do Inconsciente e do complexo de Édipo, inspiradas em Sófocles e nas tragédias de Shakespeare. A referência à arte oferece certa universalidade e ancoradouro às incipientes teorizações de Freud.

Lemos (2012) diz que a Psicanálise parte do pressuposto de que todo ser humano possui dois tipos de pulsões, a pulsão de vida e a pulsão de morte e desse dualismo do polo pulsional e representacional da linguagem, desse intervalo do aparelho psíquico, desse

rompimento radical entre a pulsão e o simbólico para o sujeito, intervalo esse que se denomina de desamparo no discurso freudiano, é desse estado abissal e trágico de desamparo que o homem cria e a arte e a literatura se faz presente. A experiência artística e literária, assim como a Psicanálise, possibilita um lugar em que o a intensidade pulsional e erótica estruturam a realidade de forma sublimada e singular e que organizem no processo criativo. A fonte da criação está nos desejos e nas pulsões.

Morais (2010) perguntam por onde anda o desejo. Para os escritores, a representação de ideias, coisas, projeta-se na palavra, tornando-se visível para o sujeito, ou seja, consciente. As palavras constroem a materialidade sensorial, visual, sonora e corporal da representação do escritor. Pode-se dizer que ocorre uma rede de energia pulsional, a dar vida ao sabor do desejo e da criação poética.

Antes da palavra, para Moraes (2010), existe alguma coisa que não é palavra, mas são significados, sentidos poéticos. O pensamento pensa o que já era e é ele que captura a palavra, como se o pensamento fosse um captador de sonhos como falavam os índios americanos em sua ingênua e sábia poesia existencial. O poeta, o escritor é um capturar de sonhos. Percebe-se essa captura do pensamento no sentido das palavras de Lispector:

Minha nascente é obscura... Meu pensamento com a enunciação de palavras mentalmente brotando, este meu pensamento de palavras é precedido por uma instantânea visão sem palavras do pensamento, palavra que se seguirá quase imediatamente, diferença espacial de menos de um milímetro... Eu escrevo por meio de palavras que ocultam outras – as verdadeiras. É que as verdadeiras não podem ser denominadas. Mesmo “que eu não saiba quais são as verdadeiras palavras, eu estou sempre me aludindo a elas” (LISPECTOR, 1978, p.10).

Para Lispector (1978), o processo criativo do pré-elaborar é angustiante para os poetas e escritores literários, pela nebulosa sensação de um sentir não descrito: por isso que se diz que poesia são palavras e poema é o sentido, se ater às emoções das palavras é a criação que inicia seu processo criativo na mente do escritor-poeta, que se vai construindo na mente oculta e que só há libertação depois de pensar com palavras, metaforicamente como se fosse à sublimação de um ato sexual desejado.

Também Flaubert (1973), ao falar de si como escritor, diz que, de belo, gostaria de fazer um livro sobre o nada, sem ligações externas, sustentado por si mesmo, pela forma interna de seu estilo, tal como a terra se mantém no espaço. Representações suspensas no vazio.

No vazio metafísico do escritor, do sujeito que se desfaz no intervalo fugidio entre dois significantes. Palavras suspensas no limbo da linguagem. Sustentadas pelo estilo. É no

embate com o indizível, citado por Lispector, nessa luta de palavras, que o estilo, a singularidade irreduzível, faz-se no encontro-limite com a impossibilidade de dizer (LEMOS 2010). A poesia não é para ser interpretada, mas, sim, ouvida, sentida com todos os sentidos e desejos. Essa é a opinião de Artaud (1993), para quem a voz, o registro do dizer e ouvir torna-se imprescindível na leitura da poesia. Artaud teve sua voz censurada nos hospícios franceses e sublimou seu sofrimento na poesia. “A tragédia no palco não me basta mais, vou transportá-la para a minha vida”.

A construção literária é um processo criativo de fazer emergir a elegância, a nudez da palavra, a sonoridade da voz, o ritmo, a arte da poesia, colocar o poema em ato, surpreender a escuta, fugir do sentido comum das palavras e das ideias. Na sua Poética como fazer versos, Mayakovsky fala do murmúrio do ritmo no poema e se pergunta:

De onde vem este ritmo-rumor de fundo? Impossível dizê-lo... Pode ser produzido tanto pelo barulho repetido do mar, como pela criada que, quase todas as manhãs fazem bater à porta e este barulho repete-se, arrasta-se, penetrando na minha consciência e até o movimento da terra à volta do Sol, que para mim, como num armazém de material para lições de coisas, alterna e se liga de modo caricatural e inevitável com o vento que se levanta e assobia (MAYAKOVSKY, 1984, p.34).

Já para Lacan (1992, p.25): percorrendo esse sentido, essa escuta da palavra afirma “Mas basta escutar a poesia... para que se faça ouvir uma polifonia e se veja que todo o discurso se alinha nas várias pautas de uma partitura”. Também em suas cartas ao jovem aprendiz, o poeta Rilke (2001) diz de seu desejo imperioso de escrever, acometendo-o na calada da noite, forçando-o ao gesto da escrita, e confessa, sinceramente, que morreria caso lhe fosse vedado escrever. Compara a criação intelectual à mesma ao encontro, enlevada e eterna, da volúpia do corpo que revive, em uma ideia criadora, as mil e uma noites de amor esquecidas, partes desse patrimônio humano que passa por gerações e gerações, evoca o futuro e eclode na solidão essencial de algum jovem poeta.

Desse desejo íntimo e pulsional da escrita, cita Duras:

Não se pode escrever sem a força do corpo. É preciso ser mais forte do que si mesmo para abordar a escrita... O escrito é o grito das feras noturnas, de todos, de você e eu, o grito dos cães... Ela ainda se acha como no primeiro dia. Selvagem... É a selvageria anterior à vida... (DURAS, 1994, p.23).

Os pensamentos de Mayakovsky (1984) e Duras (1994) remetem à criação freudiana do conceito de desejo e pulsão como território-limite, limite de continentes, terra e mar, corpo e linguagem, volúpia da carne e volúpia da subjetividade, e mais ainda, ao conceito de pulsão na sua vertente quantitativa, como força, “uma medida de exigência de trabalho que é imposta

ao psíquico em consequência de sua ligação ao corporal” e, mais além, aos conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, pulsão ligada ao polo representacional e pulsão desligada, energia livre, a eterna antinomia de Eros e Thanatos (FREUD, 1913; 1920).

O texto de Freud (1919; 1980) “O Estranho”, conduz a essa surpreendente estranheza com tudo que é mais íntimo e familiar em nós, irrupção do que deveria permanecer oculto, mas veio à luz e nos coloca diante da função do Belo em Psicanálise, sustentação e falha do imaginário, lugar do equívoco, a desvelar o horrível, o homem frente a frente com sua transitoriedade e finitude. Um lapso de imagem, efeito surpresa, impacto, faíscas de Eros e Thanatos, acompanhado de intensa angústia, se refere ao ponto em que o Belo (FRANÇA, 1997).

Para Morais (2010), esse dualismo do polo pulsional e representacional da linguagem, desse espaço simbólico do psiquismo, dessa cisão radical entre as exigências da pulsão e os instrumentos de simbolização insuficientes para o sujeito, intervalo esse denominado desamparo pelo discurso freudiano, é desse estado abissal e trágico de desamparo que o homem cria. O escritor precisa mergulhar na vastidão da subjetividade humana para poder emergir seu processo criativo. Para ela, experienciar a atividade artística e literária, assim como a Psicanálise, possibilita um lugar em que o excesso e a intensidade pulsional, erótica, organizem a realidade de forma singular, organizem novos caminhos da simbolização. O poeta produz sob o dom poético, sob o talento pulsional que transforma suas angústias pela sublimação em arte. O poeta, escritor conseguem organizar os desejos de forma a dar visibilidade àquilo que é invisível no senso comum.

Pode-se ver, na visão psicanalítica de Freud, a circulação da palavra e permite ao escritor-autor colocar-se mais próximo ao polo representacional da palavra ou ao polo pulsional, em um maior ou menor distanciamento e proximidade com o texto vivo, pulsátil, sem fôlego que conduz o leitor a vivências e a identificações muito sensoriais, semelhantes àquelas que ele supõe que o autor tenha vivenciado e transforma a linguagem em um palco onde o escritor encena seu drama (MORAIS, 2010).

Se, como diz Pessoa (1977, p.164), “o poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”, outros autores também se colocam mais íntimos do polo da pulsão. Pode-se ainda pensar em uma escrita rica de significados que proliferam e transitam. Se um poema é escrito na primeira pessoa, o Eu do poema não é necessariamente o do autor. O Eu que aí se apresenta é o de um personagem, de imagem diversa do Eu que o poeta parece mostrar.

Entre o escritor-autor e o leitor há um itinerário que conduz aos significados da literatura: ela é a fronteira do vivenciável e o limite do dizível segundo Blanchot (2005). Assim como para Sousa (2001) há um descentramento do sujeito, não mais senhor de sua casa, mas submetido à linguagem, um exilado que não se reconhece em seu próprio texto. Um apagamento do Eu, descobrindo-se o estranho e desconhecido que o sujeito pode ser para ele mesmo. Essa morte aparente é desnaturalizada pela e na linguagem que habitamos: a literatura, diz ele, “vai para si própria, para a sua experiência singular, que é o seu desaparecimento” (BLANCHOT, 1984, p.205). A solidão do escritor é um estado de fascinação, como descreve Blanchot (1984, p. 29), “entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça E correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço” e continua nessa inquietação provocativa “Ela é a paixão de se questionar a si própria” (BLANCHOT, 1984, p.220).

Segundo Birman (2001), o ato de escrever emerge do intervalo vazio entre dois significantes, no clarão que acende o desejo, lugar do sujeito do inconsciente, um dos destinos sublimatórios da pulsão. O melhor de mim são os personagens que me tomam, diz o Eu; direi a voz deles, nas suas próprias e na minha. Essa condição de exilado do texto, esse estranhamento que pode causar-nos a leitura de nosso próprio escrito nos leva à surpreendente pergunta: Será que fui eu quem escreveu isso? Duas mãos escrevem o texto. Uma, da qual a caneta não desgruda, em uma psicografia inconsciente e outra que recorta, sublinha, corta, refaz, pontua, coloca o um a mais das mil noites, o ponto final das infinitas pontuações.

Para Foucault (1992), percebe o escritor como um sujeito histórico no mundo, um sujeito no mundo, vigiado pelo poder e pela História social. Duas inconsciências escrevem ao mesmo tempo: uma, que não sabe de si e outra, que quer conta de si e se quer autor do seu próprio texto. Ele afirma que um autor se faz, quando seu texto transgride, torna-se um risco, e indica um novo lugar, uma responsabilidade a mais desse autor. Dejours (1999) também fala do desejo da transgressão para o sujeito, mas no mundo do trabalho, no qual procura sentido para a sua vida, a definição de transgressão se configura em quatro casos típicos de infrações: infrações inevitáveis; infrações a contragosto; infrações de má-fé; e infrações para si mesmo.

Janson (2001) e Kallas (2010) comentam que a arte, para ser considerada criativa, precisa ousar inventar-se, deslocar-se do eixo da rotina do aqui-e-agora e torna-se uma ação transgressora, corajosa porque criada da fusão da pulsão de vida (Eros) e de morte (Thanatos), potência criativa que subverte e transforma a ordem estabelecida. A arte criativa não deixa de ser o que Dejours (1994) denomina de sofrimento criativo. Esse autor distingue dois tipos

específicos de sofrimento, sendo o primeiro o patogênico e o segundo o criativo, que passa pelo caminho da transgressão artística, ousada.

Para Lacan (1988), a palavra revela e oculta, ao mesmo tempo, a palavra bela, que carrega consigo “um sopro de morte”, a palavra alada terrivelmente bela, reveladora do desamparo e da incompletude do ser, diante da ameaça de destruição, aparição do Anjo aniquilador rilkeano.

A fugacidade do tempo, capturada no escrito. O tempo da escrita é um tempo sempre presente, infinitos segundos se sucedem rumo ao futuro e só se recuperam em um passado representado, em um *continuum* de um tempo sem tempo, no qual o passado anseia o presente e o futuro se determina como aquilo que será lembrado, em um lugar absurdo de um presente que sempre se esvai, como em uma solidão (Castelo Branco, 1994).

No tempo da arte de escrever, um vazio do passado e um vazio do futuro se fazem presentes nessa “solidão profética” de Blanchot:

[...] de um tempo que é para sempre agora, início sem fim, tempo de escrita. A deusa-mãe da Poesia e da Memória entrega Eros nos braços de Thanatos, entrega à vida nos braços da morte, berço-tumba pulsional, morte essa que na escrita faz presente e se torna uma promessa de imortalidade (BLANCHOT, 1987, p. 249).

O escritor, esse trabalhador da palavra, vive nos labirintos da solidão e perde a noção da temporalidade da escrita; o escritor se torna um divagante na sua solidão. Cardoso (2001, p. 43) diz que “Escrevo, diz o poeta Lucio Cardoso e meu coração pulsa... Escrevo apenas porque em mim alguma coisa não quer morrer e grita por sobrevivência. Escrever para não morrer”.

Freud (1932) afirma sobre essa relação entre passado, presente e futuro interligados pelo fio do desejo, uma fronteira tênue e quase imperceptível. Morais (2004) comenta que o escritor, vivenciando o presente, busca em suas vivências passadas, material simbólico para o seu trabalho e o projeta no futuro, e diz o que não sabe e mais do que quis dizer, o que está no seu desejo. Morais e Lemos (2004; 2010) diz que o poema sabe mais que quem o escreve.

O fascínio é o olhar da solidão, a solidão essencial à criação poética. Desfazer-se da fantasia grudada à carne e embrenhar-se nesse fascinante e doloroso mundo da linguagem, como tartaruga arrancada do casco, frágil massa sem contornos, a procurar formas nas letras, para seu próprio ser (LEMOS 2010, P.22).

O mundo da linguagem perde-se nesse mundo das palavras, adormecidas na solidão seminal, dá-lhes vida e escapa dessa agonia muda. E dali emerge com a palavra plena carregada de vida, pulsões, sentidos e desejos. Se o poeta existe, é necessário um leitor, a

Figura do outro que o faça existir e a quem o poema se dirija, o poema precisa de uma escuta. Escritor e leitor são faces da mesma história, da mesma angústia da vida (MORAIS, 2010).

Autor e escritor comungam de um mesmo mundo, o mundo da linguagem expresso pelas palavras ditas e pelas não ditas. Quando o escritor produz poesia, é a sua voz que se manifesta no texto; quando produz prosa é a voz dos outros que se manifestam e o autor se distancia do texto.

O leitor anônimo lerá o poema e nele falarão outras vozes além das que o poeta foi porta-voz, de suas fantasias inconscientes e, a cada leitor, o poema tocará de uma forma singular. Uma singularidade, um estilo a enlaçar o corpo social, e formar nos sujeitos um vínculo sublimatório em comum com o objeto do texto e seu autor (MORAIS, 2010, p.2).

Barthes (2002) afirma que é necessário descobrir esse leitor sem saber onde ele está.

Criar um espaço de autoridade, possibilitador de uma dialética do desejo, de uma imprevisão, de uma surpresa, que os dados ainda não estejam lançados, que haja jogo. E esse leitor formará o seu próprio texto a partir de sua leitura. E esse leitor fará o poeta e o dirá. Texto significa tecida, teia, uma teia tecida com letras entrelaçadas pelo desejo travestido em aranha, uma aranha ilógica da escrita, arranha a pena ao papel e sem nenhuma pena, captura o leitor e o devora. E destas entranhas, dessa estranha aranha-teia-texto, iniciar uma travessia (BARTHES, 2002, p.9).

O escritor, no seu processo criativo de trazer ao visível àquilo que está em seu imaginário, em seus sentidos, em seus desejos mais ocultos, na sua energia pulsional, procura caminhos para fazer com que as palavras circulem, transite do imaginário para o papel, para o real. Brandão (2001) fala de forma metafórica esse movimento literário, esse movimento das palavras. E nas errâncias dessa travessia, literária e analítica, faz emergir como um sujeito-autor-escritor.

Em “O Processo criativo: transformação e ruptura”, o psicanalista e artista plástico Castelo Filho (2006) explica o que acontece na mente quando ocorre um processo criativo, usando a Psicanálise como linha condutora. Ele cita que uma nova via para a compreensão do processo criativo favorece o surgimento da intuição, da percepção imediata do significado de um evento, de uma ação. Os fatos do passado e a recuperação de memórias reprimidas não são relevantes para o processo criativo. O autor afirma, então, que são dois os momentos marcantes no processo criativo dos escritores: o primeiro é um estado de mente não racional em que predominam a intuição, a inspiração, o desconhecido. Nesse estado, revelam-se novas ideias que invadem a mente de modo dominante e capturam o indivíduo que, por sua natureza, tem uma disposição para o acolhimento e para a tolerância das experiências emocionais.

Para Castelo Filho (2006, p. 23), o segundo momento é marcado pelo caráter lógico-racional: “a razão serve para organizar aquilo que se obtém de maneira irracional O trabalho que se faz com a razão são posteriores, ’’e um trabalho para representar e comunicar aquilo que captamos”. Para exemplificar o processo criativo, Castelo Filho (2006) relata o comportamento de dois escritores. Pirandello escreve sobre um cartaz afixado na porta de seu escritório que continha a seguinte mensagem: Suspensas a partir de hoje, as audiências a todos os personagens, homens, mulheres, de qualquer classe social, de qualquer idade, de qualquer profissão, que fizeram o pedido e apresentaram qualificações para serem admitidos em algum romance ou conto. Já a escritora Lygia Fagundes Telles afirmava que não criava os personagens, mas eles se criavam e se impunham a ela. Esses personagens tinham uma existência própria e ela dialogava com eles.

Castelo Filho (2006) propõe a ideia de que o verdadeiro artista não deveria ter a pretensão de criar ou de inventar alguma coisa. Ele se pode permitir observar e deixar-se penetrar por aquilo que vem do seu mundo imaginário. A grandeza e a permanência de uma obra que o escritor seria capaz de captar e transmitir, ou seja, de fazer os outros compartilharem a experiência emocional e pessoal. Ele afirma que essa é a característica fundamental da verdadeira obra de arte, seja plástica, literária, musical, cinematográfica ou dramática com ou sem consciência por parte do artista.

Castelo Filho (2006) destaca, para apresentar um recorte sobre a experiência criativa de visão de Bion:

Parte das ideias do psicanalista Wilfred Bion e sua teoria sobre o pensar, buscando esclarecer a evolução do pensamento psicanalítico e suas teorias, o autor busca entendimento da relação entre a experiência emocional e a capacidade para criar e pensar. Para o autor, os grupos anseiam pelo surgimento de indivíduos excepcionalmente dotados, chamados de gênios ou místicos, e as elucidações, pensamento que eles possam captar e transmitir. Ao observarmos uma obra de arte, ouvir uma bela canção ou lermos um bom livro muitas vezes nos questionamos como seus autores chegaram àquele resultado. Mas afinal, como se dá o processo criativo? (CASTELO FILHO, 2006, p. 253).

Para o autor, um ato criativo é aquele que o psicanalista cumpre no momento da intuição do desconhecido na sessão analítica. Bion (1975) sugeriu que o psicanalista deveria frequentar um ateliê de arte para fazer criações artísticas e estéticas fora da sessão. Não é a razão que garante a percepção do encontro revelada pelo *insight* — é necessário desconstruir o conhecimento estabilizado (obstáculo epistemológico) para se abrir a novos espaços para a inovação e renovação e para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Os escritores projetam nos livros uma dimensão existencial e criativa de suas obras, como no caso de Cora Coralina, descrita por Ramón (2006), que é plena de poder metafísico, de metáforas com que converte as coisas do cotidiano em “coisas em segundo grau” dando vida ao imaginário. Para ele, o artista é estranho e esconde sua intimidade criativa.

Freud (1908), em seu artigo “Escritores criativos e devaneio”, compara e contrasta o escritor criativo com o devaneador: ele se baseia no conceito de prazer-desprazer e do princípio da realidade para explicar essa ideia sobre os escritores criativos. Para o autor, o devaneio, que é muito comum nos escritores, é uma fantasia consciente, o que, de alguma forma, aproxima-se daquilo que os escritores falam sobre a realidade para os escritores, muitas vezes, é apenas uma fantasia sem sentido para um leitor comum. Freud (1908) diz, ainda, que o artista é um devaneador; Segal (1993) amplia a ideia de Freud, afirmando que aquele que devaneia em seu devaneio, ignora a realidade e dá asas a seu princípio do prazer-desprazer; ao desenvolver fantasias de desejo, o artista tem isso em comum com o devaneador.

Luft (2007) cita que a reflexão de cada nova obra como o mais difícil. O processo que mais demora é o de meditar, de deixar que os personagens venham a mim, ver o que eles querem. Só começa a escrever quando o livro quer ser escrito. Em geral, leva de cinco a seis meses. A autora comenta: mas se não posso escrever se tenho que viajar, não me aflige porque é meu, está dentro de mim. Na hora certa eu retorno, diz.

As palavras conduzem a uma busca de materialidade dos sentidos, do visual, da polifonia e corporal da representação do desejo, além do significado dos desejos do autor. Antes da palavra, existe alguma coisa que não é palavra, apenas o desejo que precisa dar visibilidade ao (in) visível. O pensamento pensa o que já existia, sem o saber, e é ele que captura a palavra. Palavras têm corpo, têm forma, têm densidade, têm intensidade e intimidade, têm sabores (MORAIS, 2010).

Castelo Filho (2004) apresenta um novo olhar para o esclarecimento do processo criativo, desenvolvido a partir das ideias do psicanalista Wilfred Bion e sua teoria sobre o pensar, buscando esclarecer a evolução do pensamento psicanalítico e suas teorias. Por essas características, o livro torna-se uma espécie de guia para um melhor entendimento da relação entre a experiência emocional e a capacidade para criar e pensar. Literatura e Psicanálise trabalham com essa matéria-prima: pensar e criar.

1.6 A Psicanálise e o processo de sublimação

Tendo em vista que a Psicodinâmica do Trabalho tem suas bases epistemológicas na Psicanálise freudiana, foi desenvolvido o Quadro nº 3, para explicar os conceitos centrais em ambos os paradigmas que se explicam e se complementam. Para a Psicanálise, desejos não satisfeitos podem gerar algum tipo de angústia, enquanto, para a Psicodinâmica, o equivalente ao desejo não satisfeito são as vivências de sofrimento, que é resultam da interação entre organização do contexto de trabalho com o trabalhador. Para a Psicanálise, a perspectiva da sublimação é intrapessoal, ao passo que, para a Psicodinâmica, é interpessoal.

QUADRO 3 A dinâmica do processo criativo (Sublimação) e da Identidade para a Psicanálise e para a Psicodinâmica do Trabalho - PDT

INTRAPSÍQUICO PARA A PSICANÁLISE (Processos internos individuais conscientes e inconscientes)	INTERPSÍQUICO Para a Psicodinâmica do Trabalho (Processo de interação entre indivíduo – trabalho- colegas)
Desejos não satisfeitos geram incômodo/angústia.	Sofrimento advém da interação trabalhador – organização.
Essa angústia passa por processo de sublimação (individual e inconsciente). É transformada em obra de arte literária.	Sofrimento patológico que pode gerar adoecimento ou sofrimento criativo que usa estratégias de enfrentamento para transformar sofrimento em prazer. São coletivas/ conscientes. Inteligência astuciosa ou prática (sublimação).
O indivíduo, ao ver sua obra, identifica-se com ela.	O resultado das estratégias faz com que o sujeito seja reconhecido (superiores e pelos pares) e se identifica com seu trabalho.

Fonte: O pesquisador

O resultado dessa angústia, sob o olhar da Psicanálise, vai buscar uma segunda via por meio da sublimação de forma inconsciente e individual e, como resultado, a produção literária. Já para a Psicodinâmica do Trabalho, o sofrimento tem duas possibilidades: o sofrimento patológico vai se transformar em adoecimento, enquanto o sofrimento criativo, que é desafiante, positivo, construtivo e, uma vez superado, transforma-se em processo criativo por meio de estratégias de enfrentamento pelo uso da sublimação. Pela Psicanálise, o sujeito, ao ver sua obra produzida, entregue e reconhecida pelo leitor, identifica-se com ela e sente um enorme prazer. Já na Psicodinâmica, o resultado das estratégias obtém reconhecimento dos seus superiores por meio de um reconhecimento técnico da beleza pelos seus pares.

Esse foi um tema central na teoria freudiana. A resistência dos trabalhadores aos sofrimentos no mundo do trabalho se justifica pelo uso dos mecanismos sublimatórios como estratégias de enfrentamento diante das condições de trabalho. Buscou-se nos textos literários, psicanalíticos e da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (1990; 1999; 2000) a base para analisar a mobilização desses trabalhadores em relação ao seu trabalho e sofrimento. A articulação com a função da sublimação no processo criativo e sua interface com o sofrimento patogênico e criativo inspira a questionamentos acerca do processo adoecimento e de superação no trabalho literário.

O escritor cria e expõe pela forma a sua fantasia, compondo uma cumplicidade com o leitor, que a toma para si, dela usufrui, e com ela realiza seus próprios anseios. Ao abordar o processo criativo, a Psicanálise utiliza o conceito de sublimação. O termo sublimação é definido como:

Termo derivado das belas-artes (sublime) qualifica (sublimar) e da Psicologia (subliminar) para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais além da consciência, Sigmund Freud conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, à medida que essa se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.734).

Freud (1914) fez longo trabalho sobre os mecanismos de defesa e, entre eles, um dos mais importantes, se não for o mais importante para Freud, foi à sublimação. Para Fenichel (2000); Greenson (2003); Laplanche e Pontalis (2000) e Carvalho (2000) a sublimação é o mais eficaz dos mecanismos de defesa, à medida que canaliza os impulsos libidinosos para uma postura socialmente útil e aceitável. As defesas bem sucedidas podem colocar-se sob o título de sublimação, expressão que não designa mecanismo específico; vários mecanismos podem usar-se nas defesas bem sucedidas; por exemplo, a transformação da passividade em atividade; o rodeio em volta do assunto, à inversão de certo objetivo no objetivo oposto.

O fator comum está em que, sob a influência do ego, a finalidade ou o objeto (ou um e outro) se transforma sem bloquear a descarga adequada. (O fator de valoração que habitualmente se inclui na definição de sublimação é melhor omitir). Deve-se diferenciar a sublimação das defesas que usam contratexto; os impulsos sublimados descarregam-se, se bem que drenados por uma trilha artificial, como os outros não se descarregam (LAPLANCHE, PONTALIS, 2000 e CARVALHO, 2000).

Em 1908 Freud fala da Sublimação como uma palavra utilizada pra definir atividades aceitas socialmente como do senso comum que não tenham uma ligação direta com a sexualidade. É uma alternativa do objetivo ou do objeto sexual, por algo aceito socialmente.

A pulsão sexual põe à disposição do trabalho cultural quantidades de força extraordinariamente grandes, e isto graças à particularidade, especialmente acentuada nela, de poder deslocar a sua meta sem perder, quanto ao essencial, a sua intensidade. Chama-se a essa capacidade de trocar a meta sexual originária por outra meta, que já não é sexual, mas que psiquicamente se aparenta com ela, capacidade de sublimação (FREUD, 1908/1987, p. 193).

Para Fenichel (1999, p.131), a sublimação é uma defesa bem sucedida em que a pulsão é descarregada, com permissão do ego que transforma a finalidade ou o objeto pulsional, isto é, “[...] cessa o impulso original pelo fato de que a respectiva energia é retirada em benefício da catexia do seu substituto”. Constitui-se na pré-genitalidade e, portanto, uma das suas características é ser dessexualizada e trocar o objeto sexual, por um não sexual, no caso específico Dejours levou a sublimação para o mundo do trabalho.

Na sublimação, cessa o impulso original, pelo fato de que a respectiva energia é retirada em benefício da catexia do seu substituto. Nas outras defesas, a libido do impulso original é contida por uma contracatexia elevada. As sublimações exigem uma torrente incontida de libido, tal qual a roda de um moinho precisa de um fluxo d’água desimpedido e canalizado. É por isso que as sublimações aparecem após a remoção de certa repressão. Para usar uma metáfora, as forças defensivas do ego não se opõem frontalmente aos impulsos originais, conforme ocorre no caso das contracatexia, mas incidem angularmente; daí uma resultante em que se unificam a energia instintiva e a energia defensiva, com liberdade para atuar. Distinguem-se as sublimações das gratificações substitutivas neuróticas pela sua dessexualização, ou seja, a gratificação do ego já não é fundamentalmente instintiva (FREUD, 1914-1916/1982).

Quais são os impulsos que experimentam vicissitudes dessa ordem e quais são as condições que determinam a possibilidade ou a impossibilidade de sublimação? Se não forem rejeitados pelo desenvolvimento de uma contracatexia (o que os excluirá do desenvolvimento ulterior da personalidade), os impulsos pré-genitais e as atitudes agressivas concomitantes organizam-se, mais tarde sob a primazia genital. A realização mais ou menos completa dessa organização é indispensável para que tenha êxito à sublimação daquela parte da pré-genitalidade que não é usada sexualmente no mecanismo do pré-prazer. É muito pouco provável a existência de sublimação da sexualidade genital adulta; os genitais constituem um aparelho que visa à realização da descarga orgástica plena, isto é, não sublimada. O objeto da

sublimação são os desejos pré-genitais. Se esses, todavia, tiverem sido reprimidos e se permanecem no inconsciente, competindo com a primazia genital, não podem ser sublimados (FREUD, 1919, FENICHEL, 2000; GREENSON, 2003; LAPLANCHE; PONTALIS, 2000; CARVALHO, 2000).

O fato empírico de as sublimações, sobretudo as que se originam na infância, dependerem da presença de modelos, de incentivos que o ambiente forneça direta ou indiretamente, corrobora a ideia de Freud, no sentido de que a sublimação talvez se relacione intimamente com a identificação (identidade). Mais ainda: os casos de transtorno da capacidade de sublimar mostraram que essa incapacidade corresponde a dificuldades na promoção de identificações. Tal como ocorre com determinadas identificações, também as sublimações são capazes de se oporem e de se desfazerem, com êxito relativo. É possível ver precursores das sublimações em certas brincadeiras infantis, nas quais os desejos sexuais se satisfazem por uma forma “dessexualizada”, em seguida a certa distorção da finalidade ou do objeto; e as identificações também são decisivas nesse tipo de brincadeiras. Freud (1919) comparou o processo criativo dos escritores com o brincar das crianças.

Varia muito a extensão da divisão do objetivo na sublimação. Há casos em que a diversão se limita à inibição do objetivo; a pessoa que haja realizado a sublimação faz, precisamente, aquilo que o seu instinto exige que faça, mas isso depois que o instinto se dessexualize e se subordine à organização do ego. Em outros tipos de sublimação, ocorrem transformações de alcance muito maior. É até possível que certa atividade de direção oposta ao instinto original substitua, de fato, esse último.

1.7 A sublimação na psicodinâmica do trabalho

Para Macêdo (2009, 2010) os escritores utilizam a sublimação como mecanismo defensivo inconsciente para lidar com a angústia. Conforme vários autores psicanalistas, a sublimação é considerada, inclusive por Freud (1982), como o mecanismo defensivo “superior”, pelo fato de ela proporcionar uma satisfação do desejo pulsional, de forma que a pessoa consegue satisfazer seu desejo encontrando uma forma socialmente aceita.

Quando se olha a partir da abordagem Psicodinâmica do Trabalho, deve-se considerar que há dois tipos de sofrimento: o patogênico e o criativo, de acordo com Dejours (1992). O patogênico, como o próprio nome diz, é aquele que não é capaz de promover na pessoa que o

sente um movimento psíquico interno capaz de transformá-lo em outra coisa socialmente aceita ou em prazer. Já o sofrimento criativo é aquele que, via utilização do mecanismo de sublimação, capacita a pessoa a transformar o sofrimento em vivência de prazer, conforme está ilustrado na Figura 2. Esse mecanismo pode ser ilustrado na Figura 2, apresentada a seguir.

FIGURA 2 Representação do processo criativo como mecanismo utilizado pelo escritor literário para enfrentar e transformar o sofrimento.



Fonte: Desenvolvida pelo pesquisador

O julgamento de outras pessoas, da família e da comunidade tem como objetivo, para o sujeito, o seu reconhecimento frente às relações sociais que ele estabelece para sua vida. Tal fato é reconhecido por Dejours (1993) como a sublimação. Assim, para o autor, a sublimação desencadeia o reconhecimento social e, conseqüentemente, interfere na identidade e na saúde mental do sujeito.

O reconhecimento subjetivo do sujeito de seus esforços advém para conseguir controlar a angústia e o seu sofrimento; em seguida, o indivíduo vai procurar outras formas de superar o ressurgimento do sofrimento, desenvolvendo novas estratégias de enfrentamento.

Quando não consegue beneficiar-se do trabalho para dominar seu sofrimento e transformá-lo em trabalho criativo, há a desestabilização do sujeito, levando-o à doença, tratado pelo autor como “sofrimento patogênico” (DEJOURS, 1993).

Sublimar é uma Arte? Ou fazer “Arte” é sublimar?

Arte (Latim ARS, significando técnica e/ou habilidade) geralmente é entendida como a atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular essas instâncias de consciência em um ou mais espectadores. A arte está por todos os cantos, pois não se restringe apenas em uma escultura ou pintura, mas também em música, cinema e dança. O ser que faz arte é definido como o artista. O artista faz arte segundo seus sentimentos, suas vontades, seu conhecimento, suas ideias, sua criatividade e

sua imaginação, o que deixa claro que cada obra de arte é uma forma de interpretação da vida (PINHEIRO, 2007, p.1).

Com o advento da Psicanálise na Cultura, a "arte" sempre é citada como algo simbólico da sublimação. Às vezes é até confundida com a própria sublimação. Freud (1969) criou a noção de sublimação a partir da indicativa de que para existir a civilização houve a "necessidade" de sublimar os instintos.

Para Pinheiro (2010), em seu artigo sobre a sublimação e idealização e a pós-modernidade, afirma que falar sobre sublimação talvez seja uma das tarefas mais difíceis de realizar em Psicanálise; a autora diz que é uma situação, no mínimo, curiosa, pois, se de um lado falta à definição ao conceito de uma costura metapsicológica, por outro lado, parece que todos sabem do que estão falando. Pinheiro (2010) cita que Freud (1919) apontava que a sublimação seria como única saída para a humanidade, pois o que se espera ao final de uma análise é da ordem da sublimação. Birman (2000) diz que a sublimação na obra freudiana tem o “estatuto de passagem”, funcionando sempre como argumento para demonstração de outro conceito. “Ou seja, Freud jamais construiu uma teoria da sublimação”. Em seu artigo sobre a “Sublimação e idealização e a pós-modernidade”,

Em “Mal-estar da civilização”, Freud (1930) cita uma definição de sublimação “A sublimação das pulsões constitui um dos traços que mais sobressaem do desenvolvimento cultural; é ela que permite as atividades psíquicas elevadas, científicas, artísticas ou ideológicas, desempenhando um papel bastante importante na vida dos seres civilizados”.

A Psicanálise freudiana dá ênfase à questão da sublimação da pulsão sexual. A definição de sublimação dada por Freud em 1914 é a seguinte: “A sublimação é um processo que concerne à libido de objeto e consiste no fato de que a pulsão se dirige para outro objetivo, distante da satisfação sexual; o que é acentuado aqui é o desvio que distancia do sexual”.

Freud (1914) faz uso da sublimação para designar a mudança de um estado psíquico para outro por meio de uma “transformação” de uma pulsão, a pulsão sexual. A sublimação é algo simbólico de “quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual”. Segundo ele, tais satisfações parecem mais refinadas e mais altas. Como diz ele em seu livro “O Mal-Estar da Civilização” (1930-1936), a intensidade da sublimação “se revela muito tênue quando comparada com a que se origina da satisfação de impulsos instintivos grosseiros e primários; ela não convulsiona o nosso ser físico”. Diz ainda:

A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possíveis às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Essas pessoas se tornam independentes da aquiescência de seu objeto, desviando-se de seus objetivos sexuais e transformando o instinto em um impulso com uma finalidade inibida (FREUD, 1914, p.112).

Em seus raros momentos de dúvida, Freud (1914, p.112) fala sobre a sublimação e a pulsão sexual: “Às vezes, somos levados a pensar que não se trata apenas da pressão da civilização, mas de algo da natureza da própria função (sexual) que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos. Isso pode estar errado; é difícil decidir”.

Para Garrido (2012), a atividade artística é aquela em que há um acesso controlado de conteúdos do próprio inconsciente, inconscientemente, havendo quase que uma passagem sublime de uma instância a outra. A sublimação funciona como uma ponte entre a pulsão do inconsciente e o desejo em realizar uma obra de arte. Para o autor, uma atividade criativa só pode ser entendida a partir de si mesma. Já para o psicanalista Lucas Napoli, da UFRJ (2012), um exemplo paradigmático disso ocorreu com o conceito de sublimação. Até Freud (1969) não havia nenhuma dificuldade para definir tal conceito. Qualquer incauto que tivesse lido o texto “Pulsões e destinos da pulsão” (1915) ou “Os instintos e suas vicissitudes” sabia perfeitamente que a sublimação era uma das saídas possíveis que o sujeito encontra para lidar com a pulsão sexual, cuja peculiaridade seria o fato de utilizar a energia sexual para a realização de atividades culturais como escrever, pintar, organizar um manifesto etc. Partindo da própria etimologia da palavra, segundo Napoli (2009), podemos dizer que sublimar significa transformar a baixeza das paixões da carne em matéria-prima de coisas sublimes.

Para Freud (1920/1987), a felicidade está relacionada à noção de prazer no trabalho. O prazer no trabalho é o destino feliz do sofrimento no trabalho; ele é o produto secundário do sofrimento quando a sublimação é social e eticamente possível.

O conceito de sublimação refere-se à mudança da satisfação do desejo, ou da pulsão do campo erótico para o campo social (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). O desejo encontra uma via de satisfação nova, a pulsão desemboca em um objeto socialmente valorizado. Nesse sentido, a sublimação significa uma defesa criadora. Tal valorização, de relativo interesse para a Psicanálise individual, é central para a Psicodinâmica do Trabalho.

A sublimação é indissociável das exigências do ideal do eu. O ideal de eu é “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do eu) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 222).

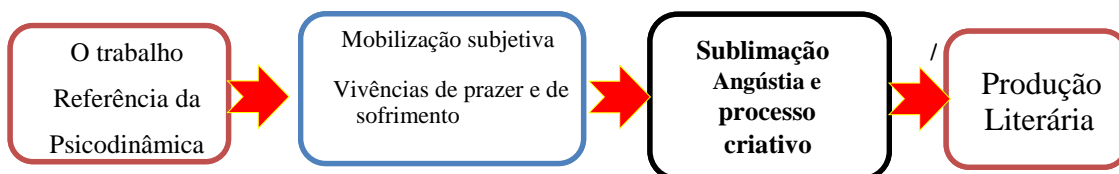
1.8 Sublimação como processo de ressignificação do sofrimento em prazer: sublimação, fator constituinte do reconhecimento social

Dejours (1987c) compreende que, frente a uma situação de agressão ao Ego, o indivíduo defende-se, primeiramente, pela produção de fantasmas, que lhe permitem construir uma ligação entre a realidade difícil de suportar, o desejo e a possibilidade de sublimação. O autor diz que, por meio dos mecanismos de defesa empregados pelo trabalhador é que será possível estudar e desvendar seu sofrimento. Assim, Dejours (1987a, p.22) estabelece uma separação fundamental entre os "coletivos de defesa" produzidos por sublimação e aqueles gerados por mecanismos simplesmente adaptativos: Se os coletivos de defesa por sublimação mantêm uma relação de relativa continuidade com o desejo, os coletivos originados em defesas estritamente adaptativas têm uma tendência maior de quebrar com a expressão do desejo [...]. Isso ocorre, porque a sublimação, diferentemente de outras defesas, garante, frente ao sofrimento, uma saída pulsional, não destruidora para o funcionamento psíquico e somático, ao passo que a repressão é limitante para o jogo pulsional.

A sublimação é a condição pela qual os escritores literários conseguem transformar suas pulsões em energia criadora por meio das vivências literárias, que são formas terapêuticas de aliviarem suas angústias.

Como é apresentado na Figura 3, o escritor literário mobiliza mecanismos sublimatórios para ativar seu processo criativo e, assim, dar vazão a sua produção literária. A Figura 3 mostra o fluxo do processo da sublimação.

FIGURA 3 O processo trabalho, mobilização subjetiva, sublimação e produção literária.



Fonte: O pesquisador

Freud (1930), sob a ótica psíquica, busca entender o que o indivíduo percebe em relação ao trabalho:

[...] a atividade profissional constitui fonte de satisfação se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) persistentes ou constitucionalmente reformados.

No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e essa aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis (FREUD, 1930/1974, p.37).

O sofrimento passa a ser criativo, quando o trabalho é reconhecido e todo o investimento pessoal demandado e que, de certa forma, está carregado de sofrimento, adquire um sentido; é criativo, porque contribui com algo novo para a organização. É nesse momento que o trabalho faz a passagem do sofrimento para o prazer. Essa passagem denomina-se sublimação (Dejours, 1998).

A sublimação, conforme cita Dejours (1993) em seus diversos livros e aqui especialmente na psicopatologia da Psicodinâmica do Trabalho, afirma que o sofrimento pode, assim, ter dois destinos diferentes: de um lado, a sublimação, como no exemplo dado por Dejours (1993, p.102) da atividade dos pilotos de caça, para os quais a defesa é a sublimação que permite aberturas novas; e, de outro, os trabalhadores submetidos à execução de tarefas repetitivas, para quem as defesas contra o sofrimento são a repressão pulsional, a auto-aceleração a ideologia defensiva de profissão que expulsam, de um lado, o sujeito de seu desejo e favorecem a lógica da alienação na vontade do outro (Dejours, 1987, p. 21).

Um dos pontos básicos no mundo do trabalho refere-se ao julgamento dos outros. Como disse Sartre (1988, p.16) “o inferno são os outros”. O julgamento de outras pessoas, da família e da comunidade tem como objetivo para o sujeito o seu reconhecimento frente às relações sociais que ele estabelece para sua vida. Tal fato é reconhecido por (DEJOURS, 1993 p. 158-159) como a sublimação.

Assim, para o autor, a sublimação desencadeia o reconhecimento social e, conseqüentemente, interfere na identidade e na saúde mental do sujeito. Tão logo o sujeito assimile o reconhecimento subjetivo de seus esforços para conseguir controlar a angústia e o sofrimento, em seguida vai procurar outras formas de superar o ressurgimento do sofrimento, desenvolvendo novos projetos. Quando o indivíduo não consegue beneficiar-se do trabalho para dominar seu sofrimento e transformá-lo em trabalho criativo, há a desestabilização do sujeito, levando-o à doença, tratado pelo autor como “sofrimento patogênico”.

Mendes (1995) destaca que a Psicodinâmica do Trabalho inaugura os estudos do uso da sublimação no cotidiano e, seguindo a indicação de Freud (1920/1987), busca as bases para

que as pessoas encontrem a felicidade pela via do trabalho. Mendes (1995) aponta que a busca do prazer no trabalho e a evitação do desprazer constituem um desejo permanente para o trabalhador diante das exigências nas relações e na organização do trabalho, o que confirma a tese freudiana da evitação do desprazer e a busca do prazer no trabalho, tendo em vista que o trabalho representa, para o sujeito, um fator determinante de tempo de sentido existencial. Esse, muitas vezes, só oferece condições contrárias a esse propósito, gerando desprazer, expresso em uma vivência de sofrimento, com sintomas específicos, transformando o trabalho em necessidade de sobrevivência, no lugar de fonte sublimatória de prazer.

A sublimação, desde os estudos de Freud até os dias atuais, ainda permanece uma inquietação ao procurar explicações tendo em vista que ela é, provavelmente, uma estratégia de enfrentamento para a transformação de angústias em prazer via processo criativo do escritor (SEGAL, 1993).

A arte, a literatura e a criatividade fazem parte da subjetividade do escritor literário e fazem parte das estratégias defensivas ou de enfrentamento para poder trabalhar e viver com dignidade. O trabalho literário, com raras exceções, é pensado, recompensado ou levado a sério em nossa sociedade. Há, pois, um conflito entre o ganho econômico pelo trabalho mal remunerado e reconhecido e a paixão de escrever. A arte tendo sido produzida como consumo rápido, tem valor reduzido, É efêmera, volátil, não se firma na materialidade do mundo, daí a sua pouca importância em um mundo de consumo extremado (PIRES, 2011).

1.9 O paradigma interpessoal da Psicodinâmica

Para Alderson, 2004, p.254 “o prazer no trabalho se refere ao estado de bem estar psíquico que o trabalhador conhece quando seu trabalho satisfaz seus desejos de reconhecimento, permitindo-lhe assim construir sua identidade”. Para que o prazer no trabalho possa ser vivido, sugere-se uma inserção do sujeito em uma coletividade, na qual haja senso de comunidade, de confiança e de solidariedade. O prazer no trabalho será maior, quanto mais verdadeiro for o coletivo de trabalho.

Dejours (1990/1996) observa que o teatro do trabalho é menos generoso em suas possibilidades de satisfação, pelo fato de que, no trabalho, não encontramos exata correspondência entre nossos desejos e as condições objetivas para sua satisfação. Há

heteronímia na regulação do desejo, regras vindas dos objetivos de produção e das relações sociais de trabalho, regras às quais todos que trabalham têm de se ajustar.

O indivíduo espera retribuição e essa é de natureza simbólica e se trata de reconhecimento. Dimensões do Reconhecimento: Constatação: A ciência é a técnica; as falhas organizacionais; a contribuição de todos para o além do prescrito e por fim a gratidão. As três dimensões essenciais no mundo do trabalho. O trabalho, prazer e sofrimento e reconhecimento. O ideal humano é que essas três dimensões se relacionem forma saudável para as organizações e para os trabalhadores (MORAES, 2008).

O trabalhador se defronta constantemente, no ato de trabalhar, com o real, que é a resistência da matéria, dos utensílios ou das máquinas utilizadas no trabalho. O real são as dificuldades encontradas durante a atividade profissional. Para um sujeito trabalhar, ele precisa ter habilidade com o real e, nesse caso, a inteligência é fundamental; ela é a capacidade de reconhecer o real, assumir a impotência perante ele, perceber as perdas normais do labor. No entanto o trabalhador tem recursos subjetivos e objetivos de resistir ao fracasso, é capaz de sofrer, encontrar a solução para os problemas resultados pelo real. Assim, por meio da inteligência astuciosa ou prática, ele consegue solucionar os problemas do seu dia a dia, e sua inteligência astuciosa ou prática se desenvolve.

Todo trabalho é realizado em uma relação entre o trabalho individual e o trabalho coletivo; nessa interseção está o sofrimento. Segundo Traesel e Merlo (2009), o estudo do reconhecimento passou a ser mais bem estudado a partir das pesquisas de Dejours (2004; 2004a; 2004b). As pessoas, segundo o autor, assumem riscos e sofrem, porque esperam uma retribuição. Essa recompensa não é somente uma recompensa material, mas também simbólica. Trabalhando, o trabalhador espera o reconhecimento da utilidade e da qualidade de seu trabalho. Assim, o reconhecimento do trabalho é o que permite a transformação do sofrimento em prazer.

Para Dejours (2004a), o reconhecimento possibilita que o sofrimento no trabalho já transformado em prazer e em realização pessoal. Quando as atividades ou tarefas são de ordem imaterial, isto é, quando o produto é imaterial, como acontece no caso dos serviços, em que a parte mais importante do trabalho é “invisível”, há uma dificuldade no reconhecimento do seu trabalho (DEJOURS, 2004b). O autor afirma que a Psicodinâmica do Trabalho destaca dois tipos de reconhecimento: o reconhecimento baseado no julgamento de utilidade, advindo dos superiores e, eventualmente, dos clientes, e o reconhecimento de estética, cuja origem provém dos colegas.

Segundo Dejours (2009), o reconhecimento da qualidade do trabalho pelos outros proporciona o reconhecimento do registro do fazer para o registro do ser, ou seja: eu sou mais

esperto, mais hábil. Essa passagem do registro do fazer para o do ser fortalece a identidade do trabalhador. O reconhecimento da qualidade do trabalho também proporciona ao trabalhador a ideia de pertencimento a um grupo. Assim, o reconhecimento confere ao trabalhador, em troca do sofrimento, um pertencimento que faz desaparecer a solidão. Então, a realização de um trabalho com qualidade, sendo reconhecida, fortalece a identidade e o sentimento de pertença grupal, o que vai fortalecer ideia do coletivo, proposta por Dejours.

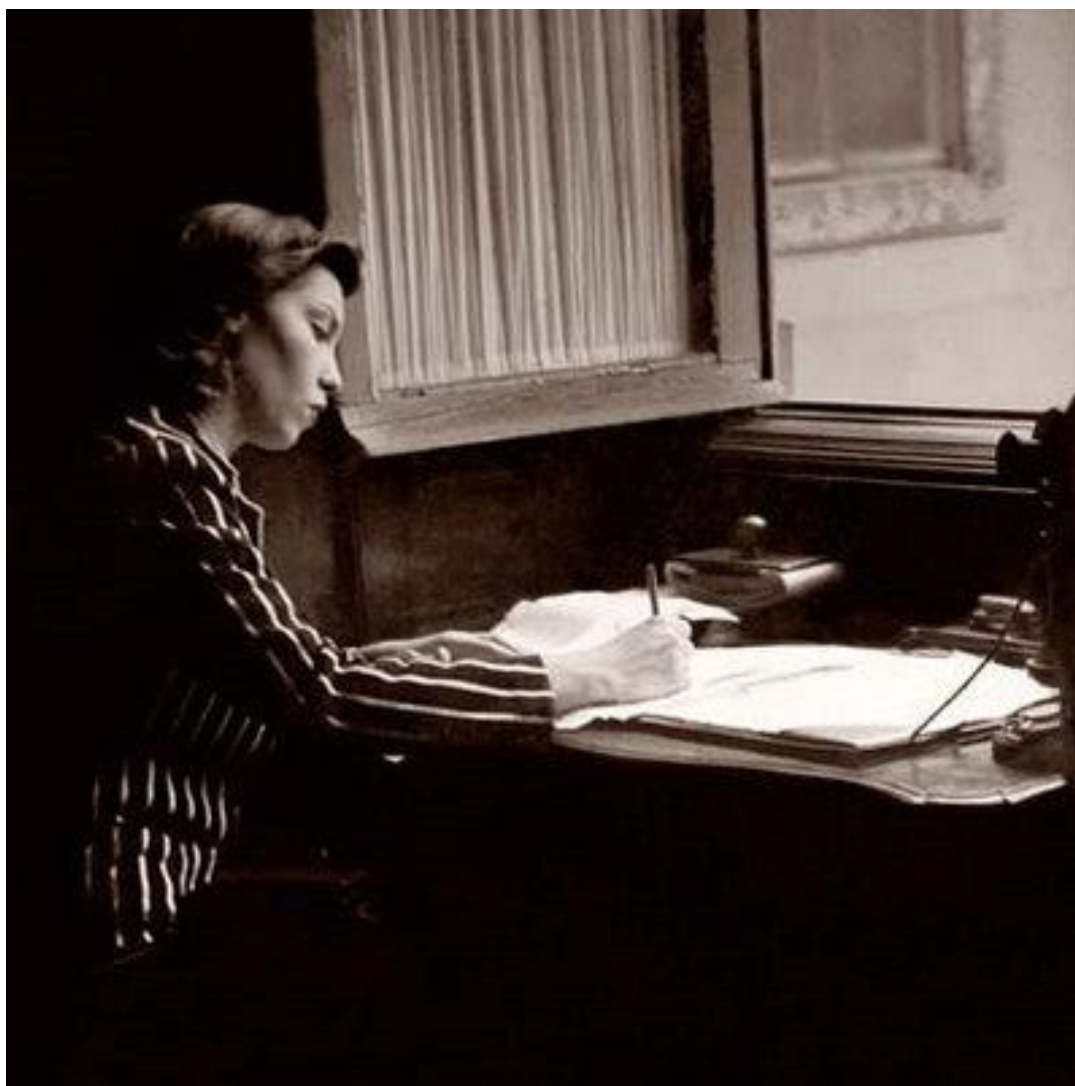
Do ponto de vista da Psicodinâmica do Trabalho, o desejo do trabalhador acontece no sentido de que ele não seja frustrado no seu labor, ou seja, que o trabalhador não seja visto apenas como mão de obra sem afeto e sem inteligência, condenado à obediência e à passividade. No entanto, para o autor, ainda que o reconhecimento represente uma forte expectativa dos trabalhadores, raramente ele acontece (DEJOURS, 2001).

Percebe-se que produzir literatura é produzir arte a partir do processo de criação do escritor, dessa busca incansável e até mesmo utópica, graças à sublimação que os escritores conseguem enfrentar seus sofrimentos, suas angústias, uma luta entre a vida e a morte do autor como cita Blanchot (2003) quando escreve sobre o espaço da morte e o espaço da fala. No próximo capítulo será tratado do trabalho do escritor como trabalhador da palavra que procura mostrar o desejo invisível pela linguagem da palavra escrita.

CAPÍTULO 2
O ESCRITOR LITERÁRIO: UM TRABALHADOR DA PALAVRA NA
CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

Seja qual for o caminho que eu escolher, o poeta já passou por ele antes de mim (FREUD, 1908, p.149).

FIGURA 4 Clarice na cabeceira. Romances. Organização: José Castello



Fonte: Clarice Lispector, organização José Castello, 2010.

Segundo Antônio Houaiss o Brasil denomina os escritores de trabalhadores da palavra e muitos de expressão internacional. Antônio Houaiss gostava de definir-se como "um humilde operário das letras". O sofisticado intelectual era filólogo, tradutor, professor, diplomata, enciclopedista e *gourmet*. Foi também Ministro da Cultura e Presidente da Academia Brasileira de Letras.

2.1 O trabalho do escritor literário

Blanchot (1987) afirma que o ato de escrever literatura é um ofício difícilíssimo, pois envolve situações como envolvimento, solidão contínua e concentração, que são três componentes de quem produz um bom texto.

[...] é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça. É correr o risco da ausência de tempo, onde reina o eterno recomeço. É passar do Eu ao Ele, de modo que o que me acontece não acontece a ninguém, é anônimo pelo fato de que isso me diz respeito, repete-se em uma disseminação infinita (BLANCHOT, 1987, p.24).

Assim, ele explica o quase não dito, mas que reflete a vivência do escritor, trabalhar na solidão que gera certo fascínio, por ser um mundo do qual, de certa forma, o leitor se amedronta e, por isso, tenta fugir desse encontro mágico, mas que o fascina. Também o escritor vivencia a temporalidade de modo singular, pela sua ausência no mundo, ao mergulhar no terreno da criatividade, em que constrói sua identidade num mundo que só diz respeito a ele mesmo.

O escritor literário também está inserido na sociedade do trabalho, aquela em que as pessoas são definidas e descritas na sua cidadania pelo trabalho assalariado que possuem, apesar de o escritor raramente receber um salário pelo seu produto, uma contradição de pertencer uma sociedade marcada pela economia, mas que nega esse direito aos escritores e aos artistas em geral. Segundo Antunes (2000), o Século XXI enfrenta uma nova era da precarização estrutural do trabalho. A crise da sociedade do trabalho se caracteriza por uma crescente “banalização” e “brasilianização” conceito utilizado por Antunes e Back (2005) e Kurz, Jappe, e Antunes (2000), que afirmam que década de 1990 foi paradigmática e complexa para o mundo do trabalho. Também, por Dejours (2000), quando trata da banalização da (in) justiça social, o autor analisa as graves questões econômicas que afetam direta ou indiretamente o mundo do trabalho. Apesar de o contexto referir-se à França, muitos

pontos relacionados ao trabalho podem ser extrapolados para outras sociedades, inclusive para o Brasil. O autor faz críticas à perspectiva de que os indivíduos somente irão conseguir ficar no mercado se superarem a si próprios, tornando-se cada vez mais competitivos e eficientes que os colegas, pares, ou concorrentes, primando pelo individualismo.

Dejours (2000), baseando-se em Marx, em Habermas, em Arendt entre outros, deixa claro que a crise que se apresenta aos trabalhadores tem sua gênese na natureza do sistema econômico, no mercado ou na globalização, contudo explica que as condutas humanas diante dessas situações têm contribuído, e muito, para o agravamento de problemas laborais, principalmente no que se refere ao sofrimento no cotidiano do trabalho, que o foco a que dedica seu olhar de pesquisador atento.

De um lado, o trabalho tem sido considerado como fundamento da sociedade, em que todas as pessoas giram ao redor do trabalho, isto é, têm o trabalho como ponto de referência, como centralidade; no entanto, por outro lado, tudo tem sido feito para torná-lo raro, talvez até de forma utópica perder o sentido e entrar em rota de extinção em uma sociedade totalmente dominada de forma agressiva pelo capital que aliena impiedosamente, um capital sem sentido, sem afeto, sem emoções. Ou seja, a economia cada vez menos necessita do trabalho e o trabalho tem sua centralidade na vida humana, em que os sentidos vão sendo gradualmente esvaziados de forma lenta e imutável. Desse modo, pode-se afirmar, segundo os autores, que a sociedade do trabalho passa a existir somente no imaginário das pessoas, porque todas as forças estabelecidas se opõem a reconhecer essa perda da centralidade do trabalho (DEJOURS, 2000).

Para Kurz, Jappe e Antunes (2000), que investigam o aspecto social, histórico e psicológico, é necessário ir à procura da origem do termo trabalho, e o enfoque maior está na função do trabalho, da atuação e da vivência profissional. A palavra trabalho é, portanto, o grande desafio de desvelamento.

Independente do termo, a concepção que se tem do significado do trabalho resvala sempre para o sentido negativo, às vezes até pejorativo. Tal assim se confirma que, no período da escravidão, o trabalho era algo de vergonhoso para a nobreza. Havia luxo e requinte no ócio. Há, na literatura de todo o mundo, centenas de exemplos dessa conotação de inferioridade dada ao trabalho (KURZ; JAPPE; ANTUNES, 2005).

As mobilizações no mundo trabalho estão provocando novas e complexas análises como atestam Lancman e Uchida (2003, p.81), os anos 1980 e 1990 estão repletos de acontecimentos e mobilizações que demonstram, cada vez mais, a importância das pessoas no contexto organizacional, o que levou ao surgimento de “novas relações entre capital e

trabalho.” Assinala Zanelli (2004), que o trabalho pode ser entendido como todo esforço humano, que intervém em seu ambiente com um determinado fim, criando formas de desenvolvimento pessoal e coletivo. É a engrenagem do progresso no mundo social.

Segundo o Dicionário Brasileiro Globo (1952, p. 165), a palavra trabalho vem dotada de diversos significados, entre os quais estão: “aplicação da atividade física ou intelectual, esforço, tarefa, serviço, fadiga, labutação, atividade humana aplicada à produção da riqueza”, entre outros.

Clot (2006, p.69) cita J. Bruner, ao afirmar que o trabalho é “a atividade mais humana que existe”, envolve a subjetividade do trabalhador, o seu suposto saber e a relação entre ambas, o que irá remeter aos chamados trabalho prescrito e trabalho real defendido por Dejours.

Codo (2000, p.43) afirma que o termo trabalho teve sua origem no século XI, provindo do termo *tripalium*, mas não assume só essa significação de aparelho de tortura. Para esse autor, refere-se, também, ao lugar onde se colocavam os bois para serem ferrados e era um “instrumento feito de três paus aguçados, munidos, algumas vezes, de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los.” Era a flagelação. Buril que lapidava o homem para a sua perfeição. E toda perfeição tinha raiz no sofrimento e não havia maior sofrimento que trabalhar.

A relação entre homem-trabalho é uma contínua reconstrução, uma contínua conquista a partir dos recursos, dos desejos, dos olhares, recriando o acesso que temos à nossa potencialidade de amar, de trabalhar, de dar sentido à vida. A liberdade não se dá, ela se conquista. O mesmo acontece com relação à organização do trabalho. É possível até que não exista solução ideal e que, aqui como em tudo mais, seja, sobretudo a evolução a portadora da esperança. Considerando o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica por meio da organização do trabalho. Entretanto, o problema não é absolutamente, criar novos homens, mas encontrar soluções que permitam pôr fim à desestruturação de certo número deles pelo trabalho (DEJOURS, 1991).

Para Dejours (1999), o trabalho significa, para o trabalhador, uma forma de afirmar sua identidade. O trabalho coletivo é visto como fator de desenvolvimento, do progresso, o individual como fator de realização pessoal, como forma de realizar experiências de superação, de abertura de pensamento, de completude.

A Psicodinâmica do Trabalho busca compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir das relações e da organização do trabalho. Busca estudar os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores ao longo do processo

produtivo, tais como: mecanismos de cooperação, reconhecimento, sofrimento, mobilização da inteligência, vontade e motivação e estratégias defensivas que se desenvolvem e se estabelecem a partir das situações de trabalho. Compreende que o trabalho é um elemento central na construção da saúde e da identidade dos indivíduos e que sua influência transcende o tempo da jornada de trabalho propriamente dita e se estende para toda a vida familiar e tempo do não trabalho (Dejours, 1992; 1993; 1994; Brandt *Et Al.*, 1995).

2.2 O escritor literário, trabalhador e artista da palavra

A proposta é revelar o mundo criativo e transformador dos escritores em seu trabalho retratando elementos de sua organização, a singularidade de valores em que estão inseridas, as relações profissionais, as dificuldades na produção de seu trabalho, assim como as possibilidades de produção de subjetivação do trabalho e as relações entre trabalho e vivências de prazer-sofrimento e o processo de sublimação e identidade. O percurso literário ressalta pontos da literatura e da história de vida dos escritores literários e apresentar como é constituída a organização de trabalho desses trabalhadores da palavra.

O escritor utiliza da arte para o seu trabalho, e o fazer do artista é escrever literatura e seus modos de produção de subjetivação a partir dessa atividade laboral; não cabem aqui definições do fazer artístico, a não ser quando a discussão exigir reflexões ao fazer e às relações profissionais desses artistas da palavra. Objetiva-se ver o escritor como um trabalhador e entender como utiliza sua arte, que deve ser construída por ele, para que seu trabalho possa ser apresentado com arte.

É um trabalhador que se insere na lógica de um tempo histórico. Cada escritor acompanha sua época, seu momento e seu contexto histórico. Vive na sociedade de consumo e adapta-se para existir, mesmo que de modo tenso e com certos conflitos nessa realidade. Como destaca Enriquez (1994 e 1997), o consumo pelo consumo e a conseqüente descartabilidade dos bens questiona o valor do trabalho como emancipador do homem, como foi reverenciado pelo século XVIII, após a Revolução Industrial na Inglaterra. O trabalho torna-se o centro de uma utopia industrial salvadora da humanidade. Leva-se em conta o fator humano e constrói-se a solidariedade entre os homens, condição que se mantém até os anos de 1970.

A virada neoliberal da época intensifica o mal-estar desse modelo de civilização, realçando a faceta mortificante do trabalho. A ordem é construir para destruir em seguida. As corporações funcionam sobre o primado do lucro e derrubam qualquer possibilidade de proteção e de sentido do emprego. Empresa não tem afetos e, com bons resultados, demitem para garantir o lucro a qualquer preço; impera a ideologia da qualidade total e das reengenharias, da otimização produtiva. Olha-se a qualidade dos processos e dos produtos, mas esquece-se da qualidade de vida no trabalho e a taxa de acidentes e doenças do trabalho apesar das medidas paliativas do governo ainda os números são muito altos e os gastos com afastamentos e lesões também são elevados.

Não só de doenças do corpo, mas, nos últimos anos, as doenças emocionais como depressão, transtornos de ansiedade, síndrome do pânico entre outras, têm aumentado. Dejours (2000) afirma que se vive sob os preceitos de uma guerra econômica imaginária. Em escala mundial, os salários dos trabalhadores diminuem, enquanto os dirigentes aumentam suas riquezas. Nesse contexto insere-se o artista da palavra escrita com sua perspectiva, no plano subjetivo, de autor realização, reconhecimento e construção de sua identidade.

Com efeito, todos sabem que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (CANDIDO, 2004, p. 12-13).

A fundamentação histórica constitui um recurso fundamental ao pesquisador na compreensão dos temas históricos, sociais, políticos, culturais e psicológicos; aliando-se à compreensão do complexo universo do mundo do escritor literário; desde quando surgiu à escrita, há mais de 5000 anos, o homem escreve seus sonhos, desejos e palavras conforme os registros históricos.

O trabalho passa a ser a ação, o meio, que pode propiciar condições de superação do sofrimento para o prazer, quando ocorre o espaço aberto de discussão e são respeitadas a singularidade e a subjetividade de cada um, possibilitando a construção de relações mais satisfatórias (DEJOURS, 1990).

Sábato (2003), prêmio Miguel de Cervantes de literatura e um dos nomes expressivos na literatura latino-americana e mundial diz que o escritor literário tem um papel central de ser o intérprete, o porta voz da palavra, bem como o facilitador da circulação da palavra por meio dos meios de comunicação nem sempre disponíveis. O espaço de discussão não está dado, ele deve ser conquistado, construído, o que evidencia a responsabilidade do escritor literário na contribuição para a construção desse espaço de circulação do imaginário por meio

das palavras. Deleuze (2000) descreve, em vários ensaios sobre a filosofia do desejo, que, em sua maioria, voltam-se para o texto literário e para a reflexão sobre a escrita literária e seus aspectos constitutivos. “o trabalho do homem era pensar e produzir novas formas de vida” (DELEUZE, 1997, p. 57).

Pensar e produzir novas formas de viver a vida tem sido um desafio constante para filósofos, escritores psicólogos. Para Deleuze (1983, p. 11) o ato de “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem da Vida que atravessa o vivível e o vivido”[...] escreve ao dizer que o escritor “não é doente, mas médico, médico de si e do próprio mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um “empreendimento de saúde”, como já afirmara Foucault (1980) no nascimento da Clínica.

Chiodetto (2002) mostra, por meio das lentes de sua percepção fotográfica, os registros de espaços físicos e psicológicos, que certamente ultrapassam as fronteiras da mente humana, do imaginário humano, dos olhares sem fronteiras e sem limites no horizonte utópico da realidade humana. Quando se fala sobre o sentido do trabalho para os escritores literários, estamos fazendo uma pergunta: Qual é o lugar do escritor? Qual o lugar na mente, no coletivo social, na História, na subjetividade humana? Assim como o lugar da imagem. Ela está em toda parte, em terna busca: ela cerca e acompanha o seu objeto de desejo e de legado à História humana. Imagem e linguagem se completam sinergicamente. E o poeta a inscreve sob o dom poético, sob o talento bíblico de que daquele a quem mais se dá mais lhe será cobrado. A palavra estanca parcialmente o jorro de gozo que invade o psíquico, dá forma ao que não tem nome, enxuga os excessos. Permite ao autor colocar-se mais próximo ao polo representacional da palavra ou ao polo pulsional, em um maior ou menor distanciamento e proximidade com o texto.

A linguagem literária foge ao convencional, ao óbvio, não podemos enquadrá-la como ciência, mas não podemos também ignorá-la; o autor fala à linguagem que todos temos e não sabemos que temos por isso nos identificamos com tantos escritores.

Os escritores têm muitos fantasmas como companhias em seus momentos de solidão criativa. Os sentimentos e razões vão sendo mobilizados em uma alquimia imprevisível no sentido de se construir uma escrita, um registro do pensamento e da fantasia.

Segundo Macêdo (2009), o reconhecimento do trabalho só passou a ter mais visibilidade principalmente a partir do Renascimento, quando o artista passou a ser associado à sua criação. Até esse período histórico, o trabalho do artista, com raras exceções, era comum

ficar no anonimato ou até mesmo ser mal visto, como não sendo um trabalho produtivo no mundo da normalidade econômica do capital. O reconhecimento dessa autoria criativa, com o passar do tempo, ampliou-se às diversas manifestações de arte, do lazer entre as quais a criação literária. O reconhecimento do trabalho de criação literária, com o tempo, passou a ser um fator relevante para a constituição da identidade profissional do escritor. Identidade diretamente ligada à expressão da palavra e que pode ser entendida como uma identidade profissional.

A complexidade da vida moderna exige diferentes identidades, o que também é nominado como papéis, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Woodward (2009) diz que se podem viver, na vida pessoal, tensões entre diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma determinada identidade interfere com as exigências de outra, como na identidade de pai ou mãe e na identidade de empregado, quando em uma determinada situação pode-se entrar em conflito entre ter que ir à reunião da escola do filho e um compromisso com o seu chefe para trabalhar naquele horário extra que coincide com o horário da reunião. Tais são as exigências da vida moderna que a identidade também mudou para acompanhar essa dinâmica social e cultural da vida atual.

As identidades são fabricadas por meio da definição da diferença e essa definição ou a marcação, termo utilizado por Woodward (2009), ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social, portanto a identidade depende da diferença para se definir como um marcador histórico.

2.3 Identidade como fator constituinte no trabalho do sujeito

O mundo do trabalho está diante novos desafios que coloca a identidade em um processo visibilidade e transformação que provoca fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais. Para Macêdo (2012), a questão da identidade não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento.

Macêdo (2012) pergunta: De onde se originou o conceito de identidade? Na Filosofia? Na Sociologia? Na Psicologia? Na Antropologia. Derivado do Latim *identitās*, equivalente ao Latim *ident* (idem). O conceito tem como sinônimos as palavras individualidade; personalidade, significando traços que caracterizam uma pessoa e a tornam única, singular e

também um membro de um grupo, cultura ou sociedade. Identidade está na ideia de alteridade, ou seja, é necessário existir o outro e seus caracteres para definir, por comparação e por diferença, os caracteres pelos quais a pessoa se identifica. Percebe-se que há múltiplos olhares na literatura.

Pode-se dizer, em resumo, que identidade define a marca pessoal e intransferível de uma pessoa. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento como: História, Sociologia, Antropologia, Direito, Psicologia, Administração, Filosofia etc. Pode-se falar de vários tipos de identidade, como por exemplo: identidade individual, coletiva, social; falsa ou verdadeira; presumida ou ideal, perdida ou resgatada, sexual, gênero.

Para Macêdo (2012), há vários tipos de identidade: identidade no sentido filosófico é o que faz uma coisa seja da mesma natureza que outra paridade absoluta. Já na Antropologia, identidade consiste de um aglomerado de signos. Na Sociologia, identidade significa compartilhar ideias e ideais de um determinado grupo. No Direito, a identidade constitui um conjunto de caracteres que, delimitados legalmente, tornam a pessoa ou um bem individuado e particularizado, diferenciando-o dos demais e, como tal, sujeito a direitos e/ou a deveres.

Na Psicologia, merecem destaque: a identidade social e a abordagem psicanalítica. A teoria da identidade social foi inicialmente formulada pelos psicólogos sociais Henri Tajfel e John Turner, encontrando-se num processo de reelaboração contínua. A sua principal área de aplicação é a das relações intergrupais. Na Psicanálise, a constituição da identidade tem na obra de Erik Erickson seu principal nome. Essas duas abordagens possuem em comum o fato de compreenderem a identidade pessoal como resultado de um processo de interação social e significando a consciência que alguém tem de si mesmo. Circunstância de um indivíduo ser aquilo que diz ser ou aquilo que as outras pessoas presumem que ele seja (MACÊDO, 2012).

O conceito de identidade é impreciso e polissêmico, Pode-se referir a vários objetos, à pessoa e sua personalidade, ao grupo (identidade biológica, social, profissional, ocupacional e cultural) e a instituições. Atualmente não se fala mais em identidade, e sim em identidades.

Para Macêdo (2012), o conceito de identidade passou a ser concebido como uma compreensão dialética, no sentido de que ela se refere tanto às semelhanças internas que a pessoa tem em relação ao seu grupo de pertença (endogrupo) quanto às diferenças que tem em relação aos outros grupos que sente desejo de se diferenciar (exogrupo). Para a autora, a dialética exige uma compreensão no processo de aculturação (Antropologia) socialização (ciências sociais) ou identificação (Psicologia e Psicanálise) a partir do qual a pessoa é, ao mesmo tempo, influenciada e reflete as normas e valores de seu grupo, quanto também é agente de ação transformadora da cultura.

A identidade pressupõe a emergência de um ou mais papéis sociais em função de um determinado contexto social. Denomina-se identidade social a noção (crença) do indivíduo de pertencer a dadas categorias, sendo que essa cognição está sempre acompanhada por um componente afetivo—um sentimento mais ou menos forte de pertença. Cada indivíduo tem uma variedade de identidades sociais que se apresentam de maneira estruturada e o conceito da identidade social parte da crença de que o indivíduo enquadra, automaticamente, as outras pessoas e a si próprio nas mais variadas categorias de classificação (Macêdo, 2012).

O conceito de identidade, para a Psicanálise, segundo Macêdo (2012), não é fruto de uma noção freudiana. Ela sofreu uma adequação por seus teóricos: estrutura que expõe e explica o narcisismo, e que faz parte integrante do Eu; capacidade de permanecer o mesmo mediante mudanças; sentimento de continuidade; soma das representações que cada um tem de si mesmo. Ela implica sempre uma relação com o outro e na importância adquirida pela noção de identidade como uma decorrência de sua proximidade com a Psicologia do Ego, que propõe que se considere o Ego como uma estrutura relativamente autônoma e potencialmente isenta de conflitos. A importância da identidade na clínica e na psicopatologia data da década de 1950.

Identidade e identificação têm raízes comuns. As crianças, em diferentes fases de seu desenvolvimento, identificam-se com aspectos parciais de pessoas pelos quais elas próprias são mais diretamente afetadas, quer na realidade quer na fantasia.

A identidade é um processo em construção. Quando o processo ocorre, tanto a identidade individual é reafirmada quanto a identidade grupal ou social é fortalecida, pois a construção é dialética. A comunidade se sente reconhecida pelo indivíduo que se interessa em solicitar reconhecimento, ou pode sentir-se profundamente rejeitada pelo indivíduo. A identificação pode ser considerada como o resultado do processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações. Pode-se dizer que identificar-se é tornar-se igual. A identidade se fortalece no processo do reconhecimento.

A construção da identidade, nesse mundo contemporâneo em que se discute como interpretar o funcionamento subjetivo, emocional, desejante, inconsciente do sujeito se ele é um sujeito social? Ou seja, de alguma maneira a subjetividade é uma produção social, nela está inscrita a totalidade, a História, mas, por outro lado, ela é identidade do indivíduo. Ser alguém é ser portador de uma forma de ver, pensar, de desejar, de sentir. Para Felício (2010),

alguns eixos de discussão são importantes nessa questão da identidade e da subjetividade como:

A sociedade atual através da cultura de massa, da mídia, dos novos meios de comunicação e de transporte faz os símbolos circularem; os símbolos trafegam criando a subjetividade mediante intenções ocultas; os símbolos do consumo, de beleza performática, da imagem top-model, de riqueza, do corpo sarado, de força muscular tem atrás as instituições hegemônicas desta sociedade, como mercado, dinheiro, indústria, esses elementos intentam criar uma subjetividade que corresponda aos interesses dessas instituições, penetrarem a cabeça da juventude, produzir o desejo, o inconsciente está sendo produzido; ao se proceder assim cria sujeitos divididos - porque a mesma sociedade não oferece condições de consumo a todos, então os divide, os fazem neuróticos, depressivos, medrosos e, além disso, a operação da desigualdade social na subjetividade do sujeito o dilacera moralmente, quebra as suas referências morais, distende a sua serenidade psíquica, desmonta o esquema das relações familiares, amorosas. O mundo global fragmenta o sujeito, esse sujeito fragmentado e fragilizado se adere com facilidade aos ventos da moda ou cria regimes de compensação ou linha de fugas na drogadição, na crença metafísica, no fanatismo religioso, no hedonismo sexual, delinquência social. Esse indivíduo é narcísico, mas vive na solidão, é informado, mas não tem serenidade para produzir sentidos à informação, tem a cabeça ruidosa vive desamparado, vive na solidão, não na solidão criadora e apaziguadora, mas na solidão do terror, do sofrimento (FELICIO, 2010, p. 1).

Para Malvezzi e Nascimento (2012), a análise da identidade como um fator constituinte do sujeito exige uma reflexão que abarca aspectos de uma nova configuração do mundo do trabalho por meio de uma nova perspectiva ou uma nova lente psicossocial. O contexto de trabalho exige dos indivíduos, em meio a incertezas e instabilidades características da contemporaneidade, a representação de inúmeros papéis, colocando em destaque a categoria Identidade e/ou uma suposta crise de Identidade à qual os indivíduos estariam expostos. As mudanças na configuração do trabalho estão diretamente relacionadas à globalização e definidas como um fenômeno complexo, relacionado ao desenvolvimento das novas mídias de informação e comunicação, fundamentadas em cinco pilares básicos para a articulação do mundo trabalho, da sociedade e da cultura, a saber: (1) compressão do espaço e do tempo; (2) rapidez na incorporação de capital financeiro e de tecnologia para os negócios; (3) imprevisibilidade do campo político, social e cultural sobre os negócios; (4) contínuo bombardeio de significantes sobre sujeitos e objetos; (5) possibilidade de viverem diferentes identidades.

As mudanças têm influenciado fortemente nos processos de construção das identidades tanto pessoais quanto profissionais. O conceito de identidade abarca a singularidade do indivíduo, aquilo que é próprio dele, construído na relação eu-outro, baseado

em atributos observados e creditados a uma pessoa (CIAMPA, 1987). Essa constituição da identidade do sujeito depende de antagonismos que viabilizam o “engajamento” necessário para a produção da identidade das partes relacionadas. Mas o novo contexto de trabalho traz uma ausência de figuras responsáveis pelos antagonismos (o diferente) necessários ao engajamento. Pode-se pensar que é possível sobrepujar desafios impostos à construção da identidade em tempos de presumida “falta” de referenciais para a sua edificação? Segundo Malvezzi (1999) a opção pela construção da identidade profissional, por meio do agir reflexivo, serviria de ferramenta ao enfrentamento de novos impasses no mundo do trabalho?

O estudo da identidade como categoria de análise da relação homem-trabalho, no contexto atual, exige uma análise de alguns aspectos que definem o novo conceito de identidade no mundo trabalho, o que Dubar (2009) chamou de crises das identidades em relação a cinco aspectos ou eixos de discussão: Fragmentação; Instabilidade; Incertezas; Fragilização e Ruptura de vínculos na relação homem-trabalho. As características propostas por Dubar (2009) pedem uma reflexão sobre identidade sobre algumas questões norteadoras: o trabalho ainda é facilitador da constituição de identidade? Como se dão as construções identitárias na configuração do trabalho no contexto atual em que se tenta sublimar o desejo pelo consumo absurdo? Existem formas criativas para se viver em meio às mudanças no mundo do trabalho ou for criativo na atualidade tornou-se mera utopia?

Para Hannah Arendt, trabalho é necessidade. Na modernidade, o mundo passa por mudanças complexas. Este fato abriu um grande espaço para críticas e denúncias que expuseram os limites e a incapacidade da era moderna de programar o seu próprio projeto. Foram inúmeras as análises pessimistas sobre a modernidade e suas utopias, principalmente no meado do século XX, estimuladas pelas experiências das grandes guerras, dos regimes totalitários e pelo grande avanço tecnológico. Entre essas críticas feitas à modernidade, encontra-se o pensamento de Hannah Arendt. Hannah Arendt dedicou grande parte da sua obra para entender e analisar as causas que levaram os homens a praticarem horrores inimagináveis com a sua própria espécie durante as experiências totalitárias no século XX. A análise da identidade no contexto do mundo do trabalho vista pela dimensão do trabalho torna-se interessante recuperar a proposta de Arendt (1987, p. 30) que vê no trabalho três categorias de atividade:

1. O Labor (processo de reprodução da vida, portanto atividade compartilhada entre todos os seres vivos);

2. O Trabalho (criação de objetos extraídos da natureza, os quais são convertidos em mercadorias, transformando o mundo em um espaço compartilhado);

3. A Ação (atividade exercida pelas pessoas sem a mediação das coisas e da natureza, propiciando o surgimento da figura do trabalhador) (ARENDR, 1987).

A Dimensão psicossocial trata de uma atividade intermediadora de acesso ao mundo real, que permite o reconhecimento psicossocial de indivíduos engajados na atividade (Dejours, 1999).

A representação da relação entre três papéis constrói a identidade de um sujeito. O Eu sendo o eixo central do sujeito, a razão de ser no mundo, o Real que é o vivido pelo sujeito diante da angústia da vida, das exigências do pré-escrito e do desejo e o outro que faz o contraponto da diferença sem o qual a identidade não se apresenta.

A identidade, conforme Ciampa (1987) e Malvezzi (2000), não são condições estáticas, mas um constante movimento, construído na dinâmica dos atributos dentro da relação eu-outro. Para Demazière e Dubar (2006) e Dubar (2009); é possível falar em “formas identitárias” construídas no mundo do trabalho. A ideia ou conceito de identidade pode levar à inclusão ou à exclusão de indivíduos em determinados grupos sociais, o que mostra ser a identidade relacional, fruto de uma construção simbólica e cultural. Isso demonstra que a identidade é, assim, marcada pela diferença. A identidade é marcada por símbolos; por exemplo, pelos produtos que são consumidos em determinado grupo. Woodward (2009) afirma que existe uma associação entre identidade da pessoa e as coisas que ela usa. Quem é cliente de produtos de luxo é facilmente associado à identidade da marca do produto.

Para Woodward (2009, p. 13) a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e ilustrar alguns aspectos da identidade e da diferença em geral e sugere alguns pontos:

Precisa de conceitualizações. Para compreender como a identidade funciona, é preciso conceitualizá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões.

A identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence a quem não pertence a um determinado grupo identitário, nos quais a identidade é vista como fixa e imutável.

Certas reivindicações estão baseadas na natureza, como por exemplo, para as identidades étnicas.

A identidade é na verdade relacional, e a diferença é estabilidade por uma marcação simbólica relativa a outras identidades, como nos símbolos nacionais.

A identidade está mais vinculada também a condições sociais e materiais como em determinados grupos onde tem uma marcação de amigo ou inimigo.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades.

Quando se fala em identidade, surge a pergunta o que é essencial e o que não é? (RUTHERFORD, 1990; WOODWARD, 2009; HALL, 2007).

O corpo: é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade, por exemplo, para a identidade sexual. Afirma que para analisar o conceito de identidade é preciso examinar a forma como a identidade se insere no “circuito da cultura”, bem como a forma como a identidade e a diferença se relacionam com a discussão sobre a representação; A identidade então assume um papel relevante, pois tem preocupações com as identidades nacionais, identidade pessoal e com a política sexual. Para o citado autor a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade como comenta Rutherford (1990): A identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora... A identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação (RUTHERFORD, 1990, p. 19-20).

Segundo Mercer (1990, p. 4) “a identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”, e como o mundo deixou viver a fase das certezas e o normal são as incertezas da contemporaneidade.

2.4 Identidade para os escritores literários

A identidade para os escritores literários representa sua marca pessoal, seu estilo, é condição vital para exercerem seu ofício. A identidade é uma marca pessoal e intransferível do escritor-autor, é um processo que vai sendo construído ao longo dos anos, dos trabalhos literários e do reconhecimento pelo público. A identidade é o que nos distingue dos outros, é o estilo pessoal na relação com a tarefa de ser reconhecido pelo outro. O indivíduo precisa ser útil, sentir-se útil e capaz, ver seu produto final, saber a sua história no trabalho, ter prazer no que faz não se mecanizar, participar, encontrar sentido, criar significados. Ter uma identidade significa não se alienar (MENDES *et al.*, 2003).

Identidade e subjetividade são, às vezes, palavras que parecem ser intercambiáveis, mas não são. Subjetividade sugere a compreensão que temos sobre nosso eu, que envolve pensamento, emoções conscientes e inconscientes que no fundo constituem a concepção que

temos sobre “quem somos nós”. A subjetividade envolve mais pensamentos e sentimentos pessoais, segundo Woodward (2009), mas vivemos nossa subjetividade em um contexto sociocultural no qual a linguagem e a cultura oferecem significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade. Para a autora supracitada, a subjetividade pode ser tanto racional quanto irracional.

2.5 A Identidade como fator constituinte na Psicodinâmica

Para Dejours (1993), um dos eixos centrais da arquitetura da Psicodinâmica é a construção da identidade na dinâmica intersubjetiva do reconhecimento no trabalho; concerne, essencialmente, ao acabamento de si no campo das relações sociais. Na relação homem-trabalho, Dejours (1993) enfatiza que, em qualquer circunstância ou situação, o trabalhador nunca deve ser considerado um indivíduo isolado, pois sempre terá uma atuação ativa frente às relações no trabalho: relações com os outros trabalhadores que sofrem, o que o impulsiona na construção de estratégias defensivas em comum. O sofrimento seria a inexistência de possibilidades, a limitação do ser humano a um estado de paralisia. Um risco que inviabiliza a construção da identidade e integridade dos sujeitos (DEJOURS, 1994).

Quando a qualidade de trabalho é reconhecida, também os esforços, as angústias, as dúvidas, as decepções, os desânimos adquirem sentido, então ocorre um mecanismo sublimatório nesse momento, acontece uma ressignificação do trabalho e o sofrimento passa a ser criativo, surge o prazer sublimado. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez do sujeito, em compensação, um sujeito diferente daquele que ele era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho, ou mesmo da obra, pode, depois, ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade (DEJOURS, 1998, p. 34).

Dejours (2001) fala de sua pesquisa atual, dizendo que trabalha em áreas situadas nas fronteiras do campo da Psicanálise: Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho, nos limites com as ciências sociais; e psicossomática, nos limites com as ciências biológicas. Diz que o trabalho tem lugar central na construção da identidade, nas relações de gênero e na construção da sociedade; convoca, ainda, as duas dimensões do corpo: a biológica, implicada por produzir energia mecânica e por sofrer acidentes de trabalho e doenças profissionais; a erógena, implicada na habilidade técnica e na inteligência da tarefa.

Ainda Dejours (2001), em entrevista, destaca que, em *Psicodinâmica do Trabalho*, procura argumentar com a tese da centralidade do trabalho. A centralidade ante a construção da identidade, sendo concebida como essencialmente inacabada, à espera de confirmação e de realização. O trabalho não é apenas uma atividade solipsista. É também uma atividade dirigida ao outro: trabalhamos sempre para alguém, para um patrão, para um chefe, para nossos subordinados, para nossos colegas. Uma vez reconhecido, o trabalho oferece não apenas a oportunidade de transformação de si mesmo, mas também a de realização no campo social. Assim, o trabalho pode ser um poderoso mediador da construção da identidade, em particular, quando a realização de si mesmo no campo erótico — no amor — é posta em xeque. À medida que a identidade constitui a base da saúde mental (toda crise psicopatológica é centrada por uma crise de identidade), podemos dar-nos conta de como o trabalho pode constituir uma segunda oportunidade de construirmos nosso equilíbrio psíquico e nossa saúde mental. Mas não há neutralidade do trabalho e se ele não oferecer a possibilidade de reconhecimento, só produzirá sofrimento e progressivamente impelirá o sujeito para a descompensação. Portanto, centralidade ante a identidade e a saúde mental.

A questão da identidade sempre provocou debates polêmicos ligados às perspectivas de cunho social, segundo Bauman (2005). No entanto, como afirma o autor polonês, uma realidade em que o global se insere de maneira mais intensa e os valores se tornam mais “líquidos”- para usar um termo do próprio Bauman, que recoloca o problema da identidade em uma dimensão que exige a renovação dos paradigmas de entendimento até então utilizados.

2.6 A produção literária na construção da identidade

O elemento essencial para os escritores produzirem literatura é a constituição da identidade como artista e como trabalhador da palavra que encanta e desperta o leitor. Provoca no leitor uma viagem ao mundo imaginário criado pelo escritor. Dejours (1980/1992) afirma que a identidade protege o indivíduo da doença mental, além de proteger o corpo. A saúde mental, na *Psicodinâmica do Trabalho*, é problematizada a partir da identidade. Dejours (1980/1992) indica o quanto, pelas condições e pelas relações de trabalho, o indivíduo é afetado nos seus desejos e na utilização que os gestores fazem deles, às vezes de forma sutil e

inteligente. Dejours (2002), ao tratar das relações de gênero e de dominação no trabalho, analisa tal questão:

O recurso teórico até o momento repousava sobre a ideia de que a conquista da identidade psicológica passava essencialmente por duas dinâmicas distintas: a da realização de si no campo social, implicando, em primeiro lugar, o trabalho de produção; a da realização de si no campo erótico, implicando, em primeiro lugar, o amor (DEJOURS, 2002, p. 29). Dejours comenta que toda descompensação psicopatológica passa primeiro por um problema de identidade, que não é um dado estático que homens e mulheres possuem, significando, antes de tudo, uma dimensão inacabada e conflituosa.

Lutar para construir a sua identidade pessoal consiste em procurar, ou mesmo em inventar compromissos em diferentes escalas entre esses três determinismos [a saber, determinismos biológicos, psicofamiliar, e social], que tendem a fragmentar e a desestabilizar constantemente o sujeito (DEJOURS, 2002, p. 31).

A identidade, diferentemente da personalidade — que se mantém estável ao longo da vida — constitui a parte do indivíduo que nunca está totalmente completa, jamais se estabiliza por inteiro e necessita de uma confirmação que deve ser continuamente reiterada (ALDERSON, 2004). O sujeito só pode ter tal identidade reiterada, se passar pelo olhar do outro, ele depende da percepção do outro. A conquista é orientada pelo desejo de realização de si, de satisfação das demandas narcísicas do Ideal de Eu.

A construção da identidade dá-se, no primeiro momento, na esfera privada, no ambiente familiar, na busca pelo amor dos pais. Somente em etapa posterior o indivíduo procura essa elaboração no campo social: “Em Psicanálise denominamos, em termos técnicos, mudança de objeto (da pulsão) e mudança de fim (da pulsão)” (DEJOURS, 1990/1996, p. 156).

Em resumo, a identidade tem-se destacado com uma questão central nas discussões, em especial no mundo da Sociologia do trabalho, nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos novos movimentos sociais, que demonstram estar mais preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Na Antropologia já há correntes de pensadores que afirmam que a cultura foi diluída e hoje não temos mais aquilo que conhecíamos claramente como cultura, temos hoje uma miscigenação de traços culturais, que afetam diretamente o que chamamos de identidade do sujeito social. A identidade para se tornar visível, necessita da diferença, que é o elemento central dos sistemas sociais e simbólicos.

Identidade é aquilo que é e aquilo que não é. Por exemplo, sou brasileiro, sou jovem, sou negro, sou heterossexual, sou homem. A identidade assim parece ser uma positividade (aquilo que sou) e, dessa forma, a identidade só tem como referência ela mesma. A construção da identidade vive, na atualidade, um momento entre a crise da globalização que dilui essa identidade em uma sociedade líquida, como afirma Bauman (2001), que coloca a identidade em um processo de transformação e provocam fenômenos como a crise do multiculturalismo, o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais da *Internet*. Segundo o autor, a identidade não pode ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento.

Faz-se necessário desenvolver uma nova reflexão mais adaptada à dinâmica do transitório, que se impõe sobre o perene. As reflexões preocupantes de Bauman refletem o mundo do trabalho de possibilidades que envolvem, de um lado, a precarização do trabalho abordada por Marx (1988) e por Antunes (2000), entre outros sociólogos do trabalho e, por outro lado, Dejours (1999) traz um novo olhar sobre a construção da própria trajetória de vida no trabalho e sobre a abertura entre essas possibilidades. Já Malvezzi (1999) coloca o trabalhador como agente econômico reflexivo capaz de produzir valor econômico por meio da reflexão sobre a própria condição de trabalhador, agindo na construção e reposição de si mesmo.

2.7 Autoria: O que é um autor?

A literatura começa com a escrita (BLANCHOT, 2005, p. 1).

Autor é o sujeito que produziu que criou um texto literário. O autor, em relação à Literatura ou outro tipo de arte, é aquele a quem se deve uma obra. É alguém que tem uma determinada visão do mundo e a exprime em termos artísticos. O autor representa um dos três pilares da narrativa literária, sendo as outras o narrador e o leitor. O leitor e o autor coabitam o mundo imaginário, simbólico e o mundo real, o mundo vivido (SOUZA, 1987) O autor cria, produz um mundo alternativo, com personagens e cenários e eventos que mostra o imaginário, o desejo. O leitor procura entender e interpretar o texto literário. Enquanto que o narrador existe *no* mundo da história (e apenas nele) e aparece de uma forma que o leitor possa compreendê-lo.

Para Blanchot (2005) o autor busca promover um encontro com o imaginário. O livro, a escrita é um registro do imaginário do autor que percorre caminhos inimagináveis até por ele mesmo. Citando Bakhtin (1992, p.121) “O autor é uma unidade ativa de visão e estruturação”, ou seja: é aquele que dirige a visão do leitor e sua atividade de compreensão do texto, sendo que “... dentro da obra, o autor é para o leitor o conjunto de princípios estruturantes que devem ser realizados, a unidade dos momentos transgressores da visão ativamente referidos ao personagem e seu mundo” (BAKHTIN, 1992).

Em 1969, Michel Foucault pronunciou sua conferência, na Sociedade Francesa de Filosofia, intitulada “O que é um autor?”. Na ocasião como afirma Carreira (2008) ficou claro a densidade e um tema polêmico. O que foi testemunhado principalmente pelo polêmico debate final como era esperado nas falas de Foucault, sobretudo no que toca na questão do sujeito: morto ou vivo? Quem fala: o sujeito ou a estrutura? As estruturas não vão às ruas? Um confronto com o movimento estruturalista onde em seu discurso aponta estaria o sujeito morto? Seria ele um puro efeito da estrutura? (FOUCAULT, 1969-1992, 2000).

Sobre a autoria levantou perguntas que não se calam, em sua obra “O que é o autor?” Carregada de interrogações, quando afirma que o autor é o inaugurador de uma nova discursividade, e integra o quadro de produtores originais de linguagem? É um mistério, um enigma a tentativa de separação entre escritor e autor, é uma discussão inacabada (TFOUNI, 2008). Foucault, nos anos 1960, abordou a ontologia da literatura e o nascimento da noção de autoria (Foucault, 1969/1999). Carreira (2008) destaca que em “A ordem do discurso” Foucault (197), sua aula inaugural no Collège de France, ele volta ao tema mais uma vez: O que é um autor? O que é uma obra? Qual a relação do autor e da obra com o sujeito? Para Carreira (2008) é na letra que se pode encontrar a marca do autor.

Para Foucault, há três papéis determinantes na literatura: o escritor, que cria; o autor, que publica; e o leitor, que lê e se torna a voz do escritor. O escritor, ao produzir sua obra de arte e publicá-la, torna-se um autor e, ao mostrar para o público seu carisma, sua intimidade, ele torna visível sua subjetividade pela sua identidade. O autor constrói, ao longo de sua história de vida, sua identidade, espelhando-se na relação com o outro.

Diante de perder a autonomia, indignação, atônitos, deslumbrados com tantas loucuras nesse mundo contemporâneo, como, de certa forma, previu Freud, em 1930, ao escrever o livro “O mal estar da civilização”, previu o conflito entre sujeitos e cultura e a renúncia dos desejos mais vitais da vida humana.

O trabalho do autor não é, como se acredita frequentemente, limitado ao tempo físico efetivamente passado na oficina ou no escritório. “O trabalho ultrapassa qualquer limite

dispensado ao tempo de trabalho; ele mobiliza a personalidade por completo” (DEJOURS, 2004, p. 31).

2.8 Pesquisas atuais abordando o escritor literário – Estado da arte

*As palavras me antecedem e me ultrapassam, elas me tentam e modificam-me, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas.
Sem eu as ter dito. Ou pelo menos não era apenas isso.
Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não
Posso me resignar a seguir um fio só;
Meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas
Histórias. E nem todas posso contar.*
(CLARICE LISPECTOR, 1967, p. 10)

O valor e reconhecimento do trabalho artístico passaram a ter mais evidência, em especial, a partir do movimento renascentista, quando o nome do artista passou a ser integrado à sua criação, ao seu produto artístico. Até então, a produção do artista tendia a ficar no anonimato. O reconhecimento do trabalho artístico, a partir de então, estendeu-se às diversas manifestações de arte, entre as quais a criação literária. O reconhecimento social do trabalho de criação literária tornou-se um fator relevante para a constituição da identidade do escritor. A identidade diretamente envolvida na expressão da palavra e que pode ser entendida como uma identidade narrativa, um discurso como citava Foucault em “O que é um autor” (1969) em “A ordem do discurso” (1970).

O trabalho dos escritores literários tem sido incorporado ao patrimônio sócio-cultural-histórico da humanidade. Investigar o trabalho do escritor literário, com esse olhar, é provável que possibilite tirar conclusões sobre como a arte da expressão do imaginário, da subjetividade impacta uma significativa dimensão do trabalho como produtor de sentido e de vivências de prazer e de sofrimento do trabalho que constitui ligações do sujeito com o mundo, que estabelece cria laços de identidade individual com o coletivo e o social. Para os escritores literários, escrever é uma das formas de buscar espaços para a palavra, espaços sobre a crise e sonhos do mundo. Para os escritores, o ato de escrever é provável que seja uma das formas de trabalho que permite a construção de teorias e práticas individuais e/ou coletivas sobre a singular arte de viver.

Segundo Maheirie (2010), esse conceito de o escritor ser um sujeito de transformação revela um sujeito que vive as possibilidades e impossibilidades de ser no mundo. Um ser

criativo que, a partir das condições que lhe são impostas cria e recria a vida. No Brasil o início da literatura foi com a criação da Academia Brasileira de Letras cujo primeiro Presidente foi Machado de Assis, um autodidata literário genial. Desde os anos de 1990, várias pesquisas científicas têm sido feitas a respeito do que se denomina “Estado da arte” que nada mais é do que um permanente estado de observação e de conhecimento adquirido, a serviço de determinada ciência e enfoque.

Também nesse aspecto, faz um inventário, uma retrospectiva de tudo que foi produzido e estudado em determinado setor, garantindo a consistência da pesquisa nesse início de século. O trabalho do escritor literário está sujeito ao contexto do mundo do trabalho. É um trabalho diferente porque é um trabalho criativo na arte. Arte é uma forma de expressão. Na literatura o escritor se utiliza para se expressar de forma artística de conteúdos inconscientes e conscientes. Então nos interessa investigar e analisar como ocorre o processo de construção de uma obra literária a partir das vivências dos escritores, como ele trabalha etc.

Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma. Peculiar, segundo essa teoria, a literatura é a escrita que, nas palavras do crítico russo Roman Jakobson, representa uma “violência organizada contra a fala cotidiana”. A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana (EAGLETON, 2003, p. 2).

De acordo com o *site* do Ministério do Trabalho e Emprego na CBO - Classificação Brasileira de Ocupações encontra-se a classificação para escritor da CBO: 1-51. 20.

Descrição resumida: Escreve contos, romances e outras obras literárias, criando temas e coligindo dados relativos a seu conteúdo, para publicá-los ou possibilitar sua adaptação ao teatro, cinema ou televisão:

Descrição detalhada: determina o assunto de sua obra literária, colhendo dados, criando modelos, redigindo e comentando assuntos de várias naturezas, a fim de obter a base para a execução do trabalho; desenvolve pesquisas, compilando dados da documentação de base e inserindo outros necessários, para organizar os fatos relativos à obra a ser escrita; prepara o roteiro de trabalho, ordenando o material pesquisado, para facilitar o desenvolvimento da obra; redige a minuta do trabalho literário, transcrevendo as ideias selecionadas com base no roteiro estabelecido, para manter o esboço da obra; revisa a minuta do trabalho, corrigindo deficiências e melhorando certas expressões, para dar-lhe forma definitiva e encaminhá-la à publicação (CBO: 1-51. 20).

No Brasil, as entidades que congregam e representam os escritores são a União Brasileira de Escritores, que tem seções em todo o território nacional, e a Academia Brasileira de Letras – ABL, que representa a literatura brasileira.

2.9 O escritor literário como trabalhador da palavra

Segundo Darnton (2009), a invenção da escrita foi uma das maiores conquistas civilizatórias da humanidade. Gutemberg, há 500 anos, deixou um grande legado aos escritores e leitores. O autor afirma que, hoje, são publicados mais de um milhão de novos títulos a cada ano. Novos desafios surgem, uma produção literária como nunca se conseguiu na História, mas surge a revolução digital e os escritores jornalistas que escrevem sob encomenda para autores que não têm habilidade na produção literária. Os escritores literários, há algumas décadas, eram respeitados, exerciam funções de grande importância na escola, na Igreja e nas comunidades. Eram respeitados não somente pelos pais, mas também pelos alunos, pelos professores. Ainda hoje, o consumo da leitura é baixo, comparado com outros países até mesmo da América do Sul como Argentina e Chile (PRADO; SOLIGO, 2007).

O estudo das condições de saúde e de trabalho dos escritores permite caracterizar os processos laborais e descrever o perfil dos trabalhadores literários, avaliando possíveis associações entre ocupação e problemas de saúde.

O escritor cada vez mais se vê diante de inúmeras situações às quais precisa adaptar-se, entre elas as demandas e pressões externas advindas da família, do ambiente, do meio social, do trabalho/escola, das editoras etc. O trabalho ocupa um papel central na vida das pessoas, inclusive como identidade do sujeito e na inserção social das mesmas pessoas. Existem ocupações humanas que, por sua natureza, são mais atingidas pelo estresse. Além disso, cumprimento de prazos, grupos de estudo e jornadas literárias para participar, plano de trabalho a desenvolver e executar, projetos, reuniões são fatores do cotidiano da vida de um escritor.

Estes tipos de desgaste a que as pessoas estão submetidas permanentemente tem levado as pessoas nas relações com o trabalho a fatores determinantes de doenças psicossomáticas. Da dor ao prazer é uma travessia nem sempre lúcida e consciente ao escritor literário que trabalha com o imaginário, o desejo, os dramas, os sentidos existenciais.

O escritor tem a possibilidade de ser um construtor do imaginário, constrói sonhos, desejos e anseios em um mundo em que transita o possível e o impossível naquele momento, no seu tempo, o que provoca choques e reações diante desse fanatismo por quebrar os interditos do seu tempo. O autor é atemporal. Estamos mergulhados no mundo da linguagem e ela está em toda parte, no mundo real ou no mundo do imaginário. Vivemos nela e por meio

dela, como se ela fosse ou fizesse parte de um *habitat* natural e intrínseco das pessoas (ALMEIDA, 2009).

Um escritor é um escutador do inconsciente, dos desejos, por isso sonha acordado e se embriaga no seu devaneio, em que tudo é permitido. Fugir da palavra costumeira. Como Sade, escrever com seu próprio sangue e dejetos, fazer escrita das ruínas, dos restos, dos resíduos (MORAIS, 2004,2010).

O escritor tem seus fantasmas, seus outros eus nessa construção do pensamento criativo, linguagem e palavra escrita. É um constante mundo em conflito entre o eu e o outro. A questão da escrita que toma como ponto de partida, um olhar, o “escritor e seus outros”, como afirmam Sábato (2003). O outro está dentro do próprio escritor, seus fantasmas, ou em seus heterônimos como diria Fernando Pessoa, um dos maiores poetas do século XX e criador de Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro.

Para Mota (2007), os escritores não escrevem exatamente para alguém, mas escrevem mais para si mesma, como resposta de um desejo, uma pulsão insaciável, a um desejo, como diz Lygia Fagundes Telles.

Para Ramon (2006), os escritores projetam nos livros uma dimensão existencial e criativa de suas obras, como no caso de Cora Coralina, plena de poder metafísico, de metáforas com que converte as coisas do cotidiano em “coisas em segundo grau”, alcançando assim uma dimensão universal. Para o autor, o artista é estranho e esconde sua intimidade criativa. O artista se desnuda para produzir sua obra, revela-se, desvela-se e encontra o novo, o inimaginável. O artista é um descobridor, um inventor do mundo de sua fantasia, de seu mundo imaginário que ele transforma como artesanato em um produto literário, em uma obra de arte. O motivo: a palavra criativa, como ensina Jung, sempre transcende seu autor.

A obra literária transcende o autor, uma vez produzida, não pertence mais ao seu autor, mas ao mundo do leitor, que é imprevisível e cheio de mutações, de expectativas e de desejos, como cita o escritor argentino Sábato (2003).

A experiência humana é um grande e metafórico laboratório criativo. O escritor pontua sua presença. Duas inconsciências escrevem ao mesmo tempo. Duas inconsistências. Uma que não sabe de si e outra que quer se der conta de si e se quer autor do seu próprio texto. Um autor se faz, quando seu texto transgride, torna-se um risco, e indica um novo lugar, uma responsabilidade a mais desse autor (FOUCAULT, 1992).

Sábato (2003) diz que o maior problema dos escritores literários talvez seja o de evitar a tentação de juntar palavras para fazer uma obra. O escritor é a voz de seu tempo. O escritor substitui o padre, vestiu a clâmide dos mártires, sofreu de mil males, tomou a luz de sobre o

altar e a difundiu no seio dos povos; ele foi príncipe, mendigo; ele consolou, ele maldisse, ele profetizou, ele foi o guru da autoajuda, só não conseguiu substituir os políticos.

O sonho do escritor talvez seja conseguir transcender os limites dos seus sonhos, quem escreve/quem lê o que se escreve/o que se lê, e nessa discussão que entremeia utopias, sonhos, desejos e realidades está o medo e a liberdade de se comunicar com seu leitor. As palavras e todas as contradições possíveis que surgem como consequência da linguagem escrita — quando socializada, publicada, divulgada, compartilhada, enfim, lida pelo leitor. Sem o leitor não há o livro, não há o escritor, fica apenas os fantasmas para atormentar a mente dos escritores.

Os escritores tem a possibilidade de escrever para socializar seus sonhos, desejos e o conhecimento. Há, no entanto, aqueles escritores por profissão escrevem para outros “escritores” que não sabem escrever, trabalham para editoras especializadas, são os escritores fantasmas cujos nomes não aparecem nos livros, aparecem seus clones, na verdade poderíamos chamá-los os que se utilizam dos escritores como plágios de escritores.

Rivera (2002), afirma que editores e livreiros acreditam que Goiás pode ser um bom mercado cultural e que o Brasil tem o maior mercado editorial da América Latina, que movimenta, anualmente, cerca de dois bilhões de reais. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, a indústria editorial brasileira faturou, no ano passado, 2,3 bilhões de reais, vendendo 255 milhões de exemplares. Além disso, as editoras brasileiras oferecem uma grande variedade de títulos. Em 2002, por exemplo, foram publicados mais de 15.000 títulos em primeira edição e quase 25.000 mil em reedições, totalizando cerca de 40.000 títulos. Entretanto, o mercado editorial enfrenta problemas de distribuição. Estima-se que, em todo o país, existam apenas 3.500 pontos de venda de livros, contando com as papelarias. Por outro lado, 25% dos municípios brasileiros não dispõem de bibliotecas públicas. E as bibliotecas escolares, quando existem, são precárias e nem sempre emprestam livros para os alunos.

2.10 O Percurso da literatura no Brasil

O marco histórico do trabalho literário no Brasil tem início com a criação da Academia Brasileira de Letras - ABL, projeto semelhante à Academia Francesa de Letras em que Machado de Assis e outros escritores literários da década de 1890 buscaram inspiração.³

³ A UBE foi utilizada por representar enquanto organização do trabalho literário dos escritores. Por ser chamada de A voz dos escritores em Goiás.

2.10.1 Fundação da Academia Brasileira de Letras - ABL

De acordo com o *site* oficial da ABL (2010), no fim do século XIX, Afonso Celso Júnior, ainda no Império, e Medeiros e Albuquerque, já na República, manifestaram votos por uma academia nacional, como a Academia Francesa. O êxito social e literário da Revista Brasileira, de José Veríssimo, daria coesão a um grupo de escritores e, assim, possibilidade à ideia.

O pioneirismo de Lúcio de Mendonça teve, então, a iniciativa de uma Academia de Letras, sob a égide do Estado, que se escusaria, à última hora, a tal aventura de letrados. Foi fundada então, independentemente, a Academia Brasileira de Letras.

As primeiras notícias saíram a 10 de novembro de 1896, na Gazeta de Notícias, e, no dia imediato, no Jornal do Comércio. A 15 de dezembro, às três da tarde, na sala de redação da Revista Brasileira, na travessa o Ouvidor, nº 31, foi logo aclamado Presidente Machado de Assis. A 28 de janeiro do ano seguinte, seria a sétima e última sessão preparatória. Compareceram a ela, instalando a Academia: Araripe Júnior, Artur Azevedo, Graça Aranha, Guimarães Passos, Inglês de Sousa, Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Olavo Bilac, Pedro Rabelo, Rodrigo Otávio, Silva Ramos, Teixeira de Melo, Visconde de Taunay. Também Coelho Neto, Filinto de Almeida, José do Patrocínio, Luís Murat e Valentim Magalhães, que haviam comparecido às sessões anteriores. Ainda Afonso Celso Júnior, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Garcia Redondo, conselheiro Pereira da Silva, Rui Barbosa, Sílvio Romero e Urbano Duarte, que aceitaram o convite e a honra.

No dia 20 de julho de 1897, em uma sala do *Pedagogium*, na Rua do Passeio, realizou-se a sessão inaugural, na qual estiveram presentes dezesseis acadêmicos. Fez uma alocução preliminar o Presidente Machado de Assis. Rodrigo Otávio, Primeiro Secretário, leu a memória histórica dos atos preparatórios, e o Secretário-Geral, Joaquim Nabuco, pronunciou o discurso inaugural (ABL, 2010).

2.10.2 Histórico e Atividades da União Brasileira de Escritores – UBE

Segundo Levi Bucalem Ferrari (2010), Presidente atual, a União Brasileira de Escritores - UBE - é entidade cultural fundada em 17 de janeiro de 1958, em consequência da fusão da Associação Brasileira de Escritores (Seção de São Paulo) e da Sociedade Paulista de

Escritores, que, por sua vez, sucederam a antiga Sociedade dos Escritores Brasileiros, fundada a 14 de março de 1942, a primeira entidade de escritores do País, criada por um grupo de escritores, tendo à frente Sérgio Milliet e Mário de Andrade.

O nome UBE - União Brasileira de Escritores - pertence à entidade de São Paulo (Associação Brasileira de Escritores (Seção de São Paulo), conforme registro de marca UBE - União Brasileira de Escritores, sob Nº 812912333-marcas e patentes).

A UBE, ao longo de sua História, publicou revistas e periódicos destinados aos sócios. Primeiro foi a Revista Comunicação, a seguir o Boletim UBE, e, posteriormente, o Boletim da União Brasileira de Escritores. A partir de 1982, passou a editar “O Escritor”, publicação cultural que melhor espelha o espírito da entidade. Chegou ao número 110, com tiragem que tem o alcance de 10.000 leitores, distribuída aos associados, escritores e intelectuais de todo o País, universidades, entidades culturais, inclusive do exterior. A partir do número 111 transformou-se na revista “O Escritor”.

A UBE possui um quadro de associados de, aproximadamente, 3.500 escritores, metade dos quais no interior de São Paulo e demais Estados do País. A entidade literária vem, ao longo de todos estes anos, orientando os seus associados em questões de direitos autorais, ajudando-os nos seus problemas junto às editoras e trabalhando pela implantação de um contrato padrão que elimine as imperfeições dos contratos existentes, em detrimento do escritor.

A UBE colabora na área cultural, durante as Bienais do Livro, organizadas pela Câmara Brasileira do Livro, e participando delas com estande particular, para exposição de livros dos associados e recepção de escritores visitantes.

Abriu núcleos da entidade no interior do Estado e colaborou decisivamente para abertura das entidades co-irmãs em Goiás, Ceará, Piauí, Pará, Mato Grosso, Mato grosso do Sul, Pernambuco, Santa Catarina, e tem representatividade instalada em Nova Iorque.

A UBE, por ser a mais antiga e a mais importante entidade de escritores do País, é uma fonte permanente de consultas para jornais, rádios, televisão, professores, estudantes, pesquisadores e para o público em geral, sobre os mais diversos assuntos ligados à cultura e às nossas letras, do passado ao presente.

Para Edival Lourenço, a UBE tem participado, ativamente, juntamente com outras entidades, na defesa dos direitos autorais dos escritores e integrou o Grupo Interministerial sobre Propriedade Intelectual e aderiu a acordos internacionais existentes no âmbito de direito do autor e direitos conexos. Criou o Mutirão Cultural, movimento surgido para a salvaguarda da nossa cultura, enriquecimento social do cidadão e dignificação da nossa juventude.

A UBE tem abrangência nacional e trabalha em parceria com associações de núcleos de jovens e estudantes. Trabalha junto a escolas e universidades, em um esforço conjunto para melhor integração do jovem nas letras, no próprio campo didático, visando ao engrandecimento social e cultural do País.

2.10.3 Histórico e Finalidade da UBE - União Brasileira de Escritores Seção Goiás

De acordo com Carlos Souza de Jesus (2012), a tradição da literatura no Brasil teve início na Bahia começou com a Carta de Pero Vaz de Caminha, em 1500, quando ele pisou em solo que logo depois seria parte do território baiano. Na Bahia, também em 1724, foi criada a Academia Brasílica dos Esquecidos, que funcionou por menos de um ano. Passados 29 anos (1759), surgiu a Academia Brasílica dos Renascidos, com o intuito de resgatar o trabalho iniciado pelos "esquecidos".

No âmbito dos estados, estão as academias estaduais. Além das academias, existe a União Brasileira de Escritores (UBE), a mais antiga associação de escritores do Brasil. Sua criação se deu em 17 de janeiro de 1958, fruto da fusão da Sociedade Paulista de Escritores com a Associação Brasileira de Escritores. Ao longo de sua História, mais de 3.700 escritores de todo o Brasil filiaram-se a instituição, que continua recebendo novos associados. A função principal da UBE é defender os interesses dos escritores em todas as manifestações literárias, além de discutir políticas culturais de valorização dos artistas da palavra.

A UBE-GO foi fundada em 4 de abril de 1945, por um pequeno grupo de escritores, entre eles o pernambucano Cristiano Cordeiro Coutinho, o primeiro Presidente a ocupar a cadeira e que logo depois retornou a Pernambuco, deixando a presidência da entidade ao vice, o imortal da ABL, escritor Bernardo Elis. Durante algum tempo, as reuniões aconteceram na Avenida Goiás, à sombra de um pequizeiro, árvore nativa do cerrado goiano. A UBE-GO teve o apoio na sua implantação da UBE-SP. A entidade recebeu, inicialmente, o nome de Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Em 1962, quando o Presidente era Gilberto Mendonça Teles, o estatuto foi modificado e absorveu-se o nome União Brasileira de Escritores, entidade criada no Rio de Janeiro que sucedeu a ABDE.

Inicialmente denominada ABDE (Associação Brasileira de Escritores), só em 1962 veio a se transformar em União Brasileira de Escritores. Segundo depoimento do acadêmico, escritor e folclorista Bariani Ortêncio, ex-presidente e um daqueles jovens fundadores, a UBE

de Goiás foi à primeira entidade no gênero a possuir sede própria no País, adquirida em 1958, na gestão do então Presidente Oscar Sabino. No entanto, somente três anos depois, Gilberto Mendonça Teles, então Presidente, recebeu as chaves da sala 409 no Edifício Vila Boa na Avenida Goiás, no centro da cidade, o endereço que permaneceu até dezembro de 2000.

Aquino (2001) e UBE-GO (2003) comentam que após um longo tempo a UBE-GO conseguiu sua sede própria. Conforme cita em sua crônica no Diário da Manhã de 12 de agosto de 2001 “Nossa casa em casa nova; e para valer!”. Graças à gestão da então Presidente e acadêmica Maria Luiza Ribeiro (Malu).

Afirma Edival Lourenço, Presidente em exercício da União Brasileira de Escritores seção Goiás, que é uma associação de classe de literatos, representativa em âmbito nacional, com personalidade jurídica e patrimônio próprio, de utilidade pública, sem fins lucrativos, sediada na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, na Rua 21 nº 262 – Centro. Com mais de 500 associados, tem como finalidade zelar pelos interesses dos escritores, divulgar a literatura e promover a interação com outras entidades afins.

Em parceria com o poder público municipal, realiza anualmente, além de outros, o Concurso Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, o mais antigo concurso literário do País. E, em parceria com a Editora Kelps, publica, em média, doze títulos anuais por intermédio das Edições Consorciadas. Promove eventos culturais como encontros, simpósios, palestras, saraus, lançamentos de livros e outros, que viabilizam o cumprimento das finalidades dispostas em seu estatuto vigente.

Do mesmo modo que as unidades de outros Estados como Rio de Janeiro: São Paulo, Santa Catarina, Paraíba, Pernambuco, a UBE de Goiás possui estatuto e regimentos próprios, não existindo, portanto uma União Brasileira de Escritores, mas várias seccionais autônomas, sem nenhuma relação de hierarquia ou interdependência.

Em dezembro de 2000, na primeira gestão de Maria Luiza Ribeiro Neves, a UBE saiu da pequena sala para um espaço mais amplo, alugado pelo município. Em 2001, por meio de uma parceria com o Governo do Estado e com o empresariado goiano, foi adquirida a atual sede.

Presidiram a União Brasileira de Escritores seção de Goiás: Cristiano Cordeiro Coutinho, Bernardo Élis, Eli Brasiliense, José Bernardo Félix de Sousa, Oscar Sabino, José Décio Filho, Gilberto Mendonça Teles; Haroldo de Brito, Waldomiro Bariani Ortêncio, Modesto Gomes, Jaime Câmara, Miguel Jorge, Aidenor Aires, Luiz Fernando Valadares, Kleber Branquinho Adorno, Brasigóis Felício Carneiro, Geraldo Coelho Vaz, Iúri Rincon Godinho, Ubirajara Galli, Luiz de Aquino Alves Neto e Maria Luíza Ribeiro Neves.

Em maio de 2008, foi eleito o escritor Edival Lourenço, tendo como vice Brasigóis Felício e Secretário Geral Valdivino Braz, com a plataforma de ampliar os programas existentes da UBE, tais como as Edições Consorciadas, Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, o Porto do Escritor – Vitrine do Autor Goiano e criar um programa de oficinas, palestras, saraus e outros eventos. E assim, no aproveitamento máximo da infraestrutura deixada pela gestão anterior, investir fortemente na integração de seus membros, respeitando as diferenças e valorizando as diferenças.

A seguir o capítulo terceiro que vai abordar a psicodinâmica do trabalho como referencial teórico escolhido para o presente trabalho.

CAPÍTULO 3

A CLÍNICA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

[...] “A gente não é mais útil, a gente se deixa levar” “Chega uma hora em que a gente não tem mais vontade de sarar” (DEJOURS, 1992, p. 320).

Neste capítulo, buscou-se apresentar os conceitos que fundamentam as bases epistemológicas da Psicodinâmica do Trabalho e suas principais contribuições. Cabe destacar aspectos essenciais da teoria de Christophe Dejours em relação à Clínica Psicodinâmica do Trabalho - CPDT e à contribuição dela para o trabalho artístico dos escritores literários, tendo em vista que a CPDT consegue apresentar embasamento teórico adequado a esse tipo de trabalho. Também são apresentadas considerações de outros autores que atuam na mesma abordagem com relação à teoria de Dejours, como resposta ao estudo do processo de sofrimento psíquico advindo do mundo do trabalho, situações essas enfrentadas por diversas categorias profissionais, inclusive a dos escritores literários no campo do prazer e do sofrimento.

3.1 Pontos de convergência da Psicodinâmica do Trabalho

Os pressupostos compartilhados por essa abordagem resumem-se a quatro pontos de convergência: o interesse pela ação no trabalho, o entendimento sobre o trabalho, a defesa de uma teoria do sujeito e a preocupação com o sujeito e com o coletivo em situações de vulnerabilidade no trabalho (Bendassoli; Soboll, 2010),

O interesse em pesquisar o trabalho dos escritores literários é fruto das escassas pesquisas, publicações e referenciais teóricos em função da relevância do tema, um campo ainda a ser explorado como pôde perceber no levantamento do estado da arte. Temas relacionados ao estudo da Psicologia do trabalho, que envolvem o interesse por estudar o mundo do trabalho e seus desafios, ou seja, prazer e sofrimento, inclusão exclusão social e trabalho de profissionais que atuam nas áreas da arte, do lazer e do entretenimento. Conforme

Macêdo (2009) tem ocorrido um aumento significativo no interesse no campo de estudos relacionados à arte, ao lazer e ao entretenimento, em função dos fatores: as políticas culturais nos países em desenvolvimento, como o Brasil, o aumento de pesquisas acadêmicas que estudam a arte, o lazer e o entretenimento e, especialmente a Psicodinâmica do Trabalho de Dejours tem ocupado espaços importantes nos congressos internacionais e brasileiros como nos encontros de Brasília, de São Paulo, de Florianópolis e do Rio de Janeiro.

A Psicodinâmica do Trabalho possibilita uma compreensão adequada da subjetividade no trabalho; essa abordagem tem provocado novos olhares ao estudo do mundo trabalho, pois analisa aspectos subjetivos e intersubjetivos do mundo do trabalho de maneira mais completa que as demais abordagens. Dejours (1992), pela sua ousadia e pela sua criatividade, tornou-se um revolucionário nas ciências do trabalho nessa passagem do século XX para o XXI, ao lado de Enriquez (1994; 2007) e de Pagés (2011), ao dar atenção aos impactos do trabalho na vida das pessoas e às causas geradoras de prazer e de sofrimento. Esse impacto, nesta pesquisa, está ligado ao mercado de bens simbólicos e à importância do setor de entretenimento, de lazer e de arte para a sociedade. Essa importância transformou o trabalho em alvo privilegiado de alguns pesquisadores, como Dimatos (1999), Maheirie (2001), Macêdo (2009), Graciolli (2006), Polato (2004) Ferreira (2011), Almeida (2002 e 2009), Lima e Mendes (2009,) Mendes e Costa (2003).

Dados levantados indicam que alguns aspectos relacionados ao processo criativo e ao trabalho do escritor são comuns a outros artistas pesquisados nos estudos de Macêdo (2010); Alves (2010); Assis (2010); Bueno (2009, 2010, 2011 e 2012), Souza (2001) e Maheirie (2001), Ferreira (2011) e Almeida (2009), que apontam que o trabalho do escritor está enraizado na arte, utiliza o processo criativo, mas, antes de tudo é trabalho.

Além disso, ele tanto gera prazer, ligado à autonomia, à liberdade principalmente no processo criativo, mas também sofrimento, ligado à falta de reconhecimento e à sobrecarga. O fato de grande parte dos escritores também ter outras atividades laborais nas quais adquirem recursos financeiros também é comum aos artistas que trabalham com dança, teatro, música, artistas plásticos, conforme configurado nas obras a citadas anteriormente.

Pesquisadores no Brasil e no exterior têm estudado, desde a década de 1990, as obras, resultado de pesquisas empíricas de Dejours, que têm dado substancial contribuição, para validar suas pesquisas no campo da saúde do trabalho. Podem-se destacar, no Brasil, as pesquisas pioneiras dos professores da UnB, Prof^a Dr^a Ana Magnólia Bezerra Mendes, do Prof. Dr. Mário César Ferreira, da Prof^a. Dr^a Marta Rezende Cardoso, da UFRJ, do Prof. Dr. Álvaro Roberto Crespo Merlo, da UFRS, da Prof^a. Dr^a Rosângela Dutra Moraes da UFA, da

Prof. Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, da PUC Goiás, orientadora deste trabalho. A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica, desenvolvida na França na década de 1980, por Christophe Dejours, médico francês, com formação em Psicanálise e em Psicossomática, diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho. Dejours (2004) tem pesquisado a vida psíquica no trabalho há mais de 30 anos, tendo como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e transformação do trabalho em fonte de prazer.

Conforme Assis (2008) e Pires (2011), os estudos de Dejours sobre a Psicopatologia do Trabalho dos anos 1950 passaram a denominar-se Psicodinâmica do Trabalho nos anos 1990, e, também por isso, é uma disciplina relativamente recente e em fase construção.

Dejours (1996) incorpora importantes contribuições desse paradigma hermenêutico. Isso trouxe fortes impactos e implicações teóricas e metodológicas no campo da Psicologia do Trabalho, deslocou-se de um foco funcionalista organizacional, para o corpo, em seguida para o subjetivo do sujeito, mas com a lucidez de contribuir para o distanciamento de uma abordagem puramente psicologizante ou muito abstrata, com forte ênfase na Psicanálise freudiana e de uma Psicologia aplicada fragmentada pelas distinções entre ciências da natureza e ciências do espírito.

Bouyer (2010) destaca como eixos centrais da Psicodinâmica do Trabalho, com base em trabalhos publicados por Dejours e colaboradores: (1) a importante contribuição do reconhecimento; (2) a construção da identidade; (3) o compromisso entre sofrimento e defesa; (4) sublimação como estratégia de enfrentamento; (5) a racionalidade prática (*prathique*); (6) a preocupante alienação social, entre outros fatores ou eixos de focos. Essas questões permitem uma compreensão com lógica e fundamentada em bases científicas (pode-se afirmar dentro de uma tradição compreensiva e de construção de sentido pelos atores da organização do trabalho) as relações entre saúde mental e trabalho contemporâneo, talvez seja um dos grandes temas do século XXI.

Este capítulo apresenta desafios que o trabalho atual impõe à formação da identidade, que segundo Lancman (2008), é o alicerce do sujeito trabalhador apoiados em pesquisas teóricas e empíricas:

Um dos pontos mais destacados na Psicodinâmica do Trabalho é a importância do trabalho na formação da identidade. A constituição da identidade é aqui entendida como processo que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito, e que está vinculada à noção de alteridade. Este processo deixa sempre em aberto uma lacuna, que nunca é preenchida. É a partir do “olhar do outro” que nos constituímos como sujeitos; é justamente na relação com o outro que nos reconhecemos em um processo de busca de

semelhanças e de diferenças; são as relações cotidianas que permitem a construção da identidade individual e social, a partir de trocas materiais e afetivas, fazendo com que o sujeito, ao longo de toda a sua vida, constitua sua singularidade em meio às diferenças. Na vida adulta, o espaço do trabalho será o palco privilegiado dessas trocas. Ele aparece como o mediador central da construção, do desenvolvimento, da complementação da identidade e da constituição da vida psíquica (LANCMAN, 2008, p. 34).

A Psicodinâmica do Trabalho, como uma evolução epistemológica veio reconhecer o valor que estava praticamente ausente nas organizações, a constituição da identidade do trabalhador, esse é um ponto fundamental, no que tange as estratégias defensivas ou de enfrentamento dos desafios do labor. O mundo do trabalho vem mudando em uma dinâmica que as teorias organizacionais tradicionais não conseguem mais dar respostas eficazes para os problemas atuais, especialmente no que se refere ao crescimento econômico do setor de serviços que é o setor que mais está crescendo no mundo conforme afirma Macêdo (2009).

3.2 A Psicodinâmica do Trabalho no mundo e no Brasil: construção de um sentido para o mundo trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho tem sido uma abordagem com um olhar abrangente sobre as relações entre capital e trabalho e saúde e adoecimento no mundo do trabalho. Relação complexa e conflituosa que, segundo Dejours (1999), traz descrições diferenciadas para as organizações, que classifica como descrição gerencial. O autor cita que é fornecido pelo setor de qualidade, recursos humanos ou de métodos e refere-se à descrição da produção por meio dos resultados e não das atividades. No mundo literário, esses resultados aparecem de forma diferenciada, nem sempre são imediatos. Há livros que demoram anos para serem produzidos, como fica isso no conceito de resultados tradicional da economia? Pires (2011) destaca que o que o conflito é inevitável, quando se trata do mundo do trabalho artístico. Esses resultados são os responsáveis pelo reconhecimento individual e do coletivo. A descrição subjetiva é construída a partir da vivência dos trabalhadores e descreve o trabalho, suas dificuldades e as maneiras de lidar com elas.

A Psicopatologia do Trabalho tem seus primórdios em bases de materialidade, nas condições de trabalho, como visto nos trabalhos de Le Guillant, Begoin, Sivadon. A Psicologia do Trabalho, na França, emergiu de trabalhos que tinham algo em comum, nos aspectos concretos das condições de trabalho, como confirmam o movimento higienista de

1802 e a criação da Liga de Higiene Mental, e os trabalhos de Edouard Toulouse (um dos fundadores da Psiquiatria Social), Armand Imbert, Josepha Joteyko e Jean-Maurice Lahy, em meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Contribuições importantes foram auferidas pela Psicologia do Trabalho, na França, pelas interações com a Ergonomia francesa. As contribuições da Ergonomia à Psicologia do Trabalho destacam-se e consolidam-se, em especial, com os estudos de Suzane Pacaud (por volta de 1946) e, posteriormente, com Ombredane, Faverge, Leplat, Theureau, Pavard, Catherine Teiger, Alain Wisner e François Daniellou (Bouyer, 2010).

Segundo Lima (2009), o início da História da Psicodinâmica do Trabalho ocorre nos anos 1970, na França, muito próxima, na época, da Psicopatologia do Trabalho. Em meados dos anos 1990, seus estudos destacam-se da corrente – iniciada por Begoin, Fernandez-Zoïla, Le Guillant, Sivadon e Veil – da Psicopatologia do Trabalho, fundando-se a disciplina Psicodinâmica do Trabalho. Esse novo modelo começou a investigar o tema do sofrimento no trabalho aliviando a relação causal precedente utilizada pelos psicopatologistas do trabalho da época. O foco de preocupação é problematizar o sofrimento gerado na relação homem-trabalho, quando o trabalho é fonte de sofrimento, está nas raízes de possíveis descompensações psicossomáticas.

Dejours (1980,1992) então se torna um pioneiro que vai formular a nova ciência trata da “análise do sofrimento psíquico resultante do confronto dos homens com a organização do trabalho”. Dejours (1993, p. 49), em definição posterior, entende que se trata da “análise Psicodinâmica dos processos intra e intersubjetivos mobilizados pela situação de trabalho”. O sofrimento passa a ser o centro da análise que, articulada às exigências da organização do trabalho, revela os modos de subjetivação, principalmente, da classe trabalhadora. Finalmente o trabalho ganha voz no mundo trabalho.

A Psicodinâmica do Trabalho tem como objeto central de estudo as relações entre organização do trabalho e as mobilizações subjetivas do trabalhador que se manifestam nas vivências de prazer-sofrimento, nas estratégias de enfretamento para mediar o sofrimento, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento (MENDES, 1999).

3.3 Três premissas da Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica tem-se desenvolvido graças ao contínuo interesse em suas pesquisas como Alderson (2004, p. 252) que destaca três premissas utilizadas pela Psicodinâmica do Trabalho: a primeira se refere ao sujeito em busca de auto realização:

A concepção teórica do sujeito em PDT postula, com efeito, que todo indivíduo é habitado pelo desejo de realização que se inscreve na busca da identidade que o anima, que ele persegue e que o leva a querer oferecer sua contribuição à criação social ou à construção de uma obra comum (ALDERSON, 2004, p. 252).

Se a primeira premissa teve por foco a busca do auto realização do sujeito, que é a força que impulsiona o sujeito no seu trabalho; o autor cita em seguida a existência de um hiato entre o que é prescrito e o trabalho real. As subjetividades desenvolvidas no dia a dia são mobilizadas para dar conta dessa lacuna.

Este fato mobiliza o sujeito e suscita seu investimento subjetivo na atividade de trabalho. Ao interpelar a inteligência prática do sujeito e ao solicitar sua criatividade, o trabalho que deixa uma margem de autonomia oferece ao indivíduo a possibilidade de autor realização e de construir sua identidade (ALDERSON, 2004, p. 253).

Nessa segunda dimensão, o espaço entre o trabalho prescrito e o trabalho real Dejours (1992) destaca-se como um dos grandes desafios da subjetividade humana, pois é nesse momento que ele vai utilizar de todo seu potencial criativo para ressignificar o sofrimento e construir sua identidade.

A terceira premissa consiste no desejo de julgamento do outro, mais especificamente, trata do reconhecimento. Conforme Alderson (2004, p. 253), “construção da identidade no trabalho se apoia sob o ângulo da PDT, sobre o necessário olhar do outro que pode ser tanto um coletivo de trabalho ou uma comunidade de pertença”.

Para Dejours (1999), a organização do trabalho, para possibilitar o caráter construtor do trabalho, deve levar em conta três racionalidades: o ato de trabalhar representa organizar o trabalho prática, intersubjetiva e instrumental. O trabalho deve satisfazer os desejos dos trabalhadores e da organização, as regras de convívio e os objetivos de produção. Essas racionalidades nem sempre se harmonizam, exigindo o esforço adaptativo das pessoas envolvidas no processo.

Dejours (2004) tem por objeto de pesquisa a vida psíquica no trabalho, como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a

superação e a transformação do trabalho em fonte de prazer. Também Assis (2008) ressalta que os estudos de Dejours sobre a Psicopatologia do Trabalho dos anos 1950 passaram a denominar-se Psicodinâmica do Trabalho, nos anos 1990, e, também por isso, é uma disciplina relativamente recente e em fase de construção.

Inúmeros estudos sobre as contribuições de Dejours visam a reconhecer e validar sua contribuição substancial no campo da pesquisa da saúde do trabalho, em âmbito mundial, e também no Brasil. Outros pesquisadores têm apresentado pesquisas nesse campo, como: Dr^a Ana Magnólia Bezerra Mendes, pesquisadora da UNB pioneira no Brasil nessa abordagem, Dr^a Marta Rezende Cardoso, Professora Adjunta da UFRJ, Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, professora da PUC-GO, coordenadora do grupo de pesquisa na PUC-GO.

No processo de construção desse conceito, em 1984, Dejours organizou o primeiro “Colóquio Nacional de Psicopatologia do Trabalho”, quando foram apresentados vários indicadores de sofrimento, com a participação de sindicalistas e profissionais da saúde do trabalhador. Desde essa década, a abordagem da Psicodinâmica tem passado por reformulações importantes, vindo a ser reconhecida na comunidade científica, quando, no ano de 1992, foi proposta a atual denominação Psicodinâmica do Trabalho, que incorporaria, no seu interior, as questões da Psicopatologia do trabalho e da Psicanálise conforme mostra no Quadro 4, a seguir.

QUADRO 4 Modelo evolutivo da Psicodinâmica do Trabalho

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
1970 O nascimento	Primeira etapa: psicossomático, estudo do sofrimento psíquico (inconsciente).
1980 Segunda fase	O foco foi na Psicopatologia e Psicodinâmica (Ergonomia) início dos estudos sobre as estratégias defensivas.
1990 Terceira fase	O foco foi na ampliação da Psicodinâmica, (ARENDETT, 1983) e influências mais críticas, a partir da teoria comunicacional - crítica de (HABERMAS, 1989) e a banalização da injustiça social (DEJOURS, 1998), e no estudo do prazer e os mecanismos de enfrentamento dos trabalhadores para a saúde no trabalho.
2000 Quarta fase	O foco foi na ênfase ao estudo do trabalho na construção da identidade do trabalhador e as vivências de prazer-sofrimento no trabalho, na Psicologia do reconhecimento e da sublimação como estratégia de enfrentamento e nos estudos sobre Clínica do Trabalho, proposta de uma ação transformadora através do espaço de discussão coletiva em que a palavra possa ter autonomia e liberdade de expressão, a “fala livre” e Clínica do Trabalho.

Fonte: adaptado de Pires, 2011 e de Dias, 2007, p. 43.

Para Dias (2007) e Pires (2011), a primeira delas, desenvolvida na década de 1970, voltava-se para o estudo do sofrimento psíquico, sua gênese e suas transformações derivadas do confronto entre psiquismo do trabalhador e organização do trabalho. Concentrava-se na análise da dinâmica do sofrimento e das estratégias defensivas suscitadas por esse sofrimento.

A segunda etapa deu-se até meados da década de 1980, direcionou-se para o eixo da saúde, ao abordar o estudo de prazer e a análise dos mecanismos utilizados pelos trabalhadores para tornar o trabalho saudável com o início dos estudos sobre as estratégias defensivas.

A terceira etapa tem-se desenvolvido até por volta dos anos 2000, com enfoque mais crítico utilizando as ideias de Habermas sobre a teoria comunicacional e a análise do trabalho na construção da identidade do trabalhador, ao estudo da dinâmica do reconhecimento e de seu papel sobre a vivência de prazer e de sofrimento no trabalho das novas estruturas da organização do trabalho.

Habermas privilegia o entendimento da linguagem verbal ou não verbal como ponto focal do estudo do fenômeno comunicacional. Para ele, a comunicação seria um agir, isto é, um comportamento, uma expressão humana observável e identificável. A aplicação da hermenêutica, tão defendida pelo autor, implicaria buscar os significados dos atos comunicacionais. Portanto, o sujeito observador identifica a ocorrência de determinado agir, o descreve, explica o seu provável conteúdo semântico e avança na direção de compreender o que ele significa no contexto social de sua existência. Transcendental e indaga reflexivamente às circunstâncias dos que se comportam racionalmente pressupondo um mundo objetivo (HABERMAS, 1991, p. 202).

A quarta etapa do histórico sobre a Psicodinâmica do Trabalho (Quadro 4), que inicia em 2000 até os dias atuais, abrange um novo período em que a Psicodinâmica passa a utilizar um método específico, que envolve intervenção à pesquisa, e é fundado nos princípios da pesquisa-ação. Em virtude de suas características específicas, foi seguindo essas etapas à quarta seria denominada de Clínica do Trabalho.

A Clínica do Trabalho busca desenvolver o campo da saúde mental e do trabalho, partindo do trabalho de campo e se deslocando e retornando constantemente a ele. Visa a intervir em situações concretas de trabalho, compreender os processos psíquicos envolvidos e formular avanços teóricos e metodológicos reproduzíveis em outros contextos. A Psicodinâmica do Trabalho é considerada como uma clínica, que se desdobra para um trabalho de campo radicalmente diferente do lugar da cura (HELOANI; LANCMAN, 2004).

A Clínica Psicodinâmica do Trabalho e da ação desenvolvida por Christophe Dejours na França teve início nos anos 1990 nas discussões do seminário Interdisciplinar de Psicopatologia do Trabalho, que deu origem aos textos de 1998 sobre prazer e sofrimento no trabalho, publicados pelo CNRS e traduzidos na publicação organizada por Lancmam e Sznelwar (2004 e 2005) no Brasil. Desenvolveu um método específico e pautado nos

princípios da pesquisa-ação, mas devido às suas características específicas é intitulada Clínica do Trabalho.

Mendes e Araujo (2011) destacam que, nesse momento de mudança para a Clínica Psicodinâmica do Trabalho, em que ocorre uma revolução em termos metodológicos e de visão, também ocorre uma tensão com as duas disciplinas basilares dos estudos dejourianos: a Ergonomia e a Psicanálise. De um lado, a Psicanálise passa não contribuir com seus estudos sobre o aparelho psíquico, mas com a escuta centrada no conteúdo latente, além do manifesto. Do lado da Ergonomia, que pressupõe ação prática sobre essa organização e preza pela eficiência, não correspondendo ao sentido de ação tratada nos atos da fala.

3.4 A identidade como fator constituinte na Psicodinâmica

Para Dejours (1993), um dos eixos centrais da arquitetura da Psicodinâmica é a construção da identidade na dinâmica intersubjetiva do reconhecimento no trabalho concerne essencialmente ao acabamento de si no campo das relações sociais. Na relação homem-trabalho, enfatiza que, em qualquer circunstância ou situação, o trabalhador nunca deve ser considerado um indivíduo isolado, pois sempre terá uma atuação ativa frente às relações no trabalho: relações com os outros trabalhadores, que sofrem o que impulsiona na construção de estratégias defensivas em comum. Para Dejours (1994), o sofrimento seria a inexistência de possibilidades, a limitação do ser humano a um estado de paralisia. Um risco que inviabiliza a construção da identidade e da integridade dos sujeitos.

Quando a qualidade de trabalho é reconhecida, também os esforços, as angústias, as dúvidas, as decepções, os desânimos adquirem sentido, então ocorre um mecanismo sublimatório nesse momento, acontece uma resignificação do trabalho e o sofrimento passa a ser criativo e surge o prazer sublimado. Todo esse sofrimento, portanto, não foi em vão; não somente prestou uma contribuição à organização do trabalho, mas também fez do sujeito em compensação, um sujeito diferente daquele que era antes do reconhecimento. O reconhecimento do trabalho, ou mesmo da obra, pode, depois, ser reconduzido pelo sujeito ao plano da construção de sua identidade (DEJOURS, 1998, p. 34).

Dejours (2001) fala de sua pesquisa atual, dizendo que trabalha em áreas situadas nas fronteiras do campo da Psicanálise: Psicodinâmica e Psicopatologia do Trabalho, nos limites com as ciências sociais; e psicossomática, nos limites com as ciências biológicas. Diz que o

trabalho tem lugar central na construção da identidade, nas relações de gênero e na construção da sociedade, e convoca ainda as duas dimensões do corpo: a biológica, implicada por produzir energia mecânica e por sofrer acidentes de trabalho e doenças profissionais; a erógena, implicada na habilidade técnica e na inteligência da tarefa.

Ainda Dejours (2001), em entrevista, destaca que em *Psicodinâmica do Trabalho*, procura argumentar com a tese da centralidade do trabalho. A centralidade ante a construção da identidade, sendo concebida como essencialmente inacabada, à espera de confirmação e realização. O trabalho não é apenas uma atividade solipsista. É também uma atividade dirigida ao outro: trabalhamos sempre para alguém, para um patrão, para um chefe, para nossos subordinados, para nossos colegas. Uma vez reconhecido, o trabalho oferece não apenas a oportunidade de transformação de si mesmo, mas também a de realização no campo social. Assim, o trabalho pode ser um poderoso mediador da construção da identidade, em particular, quando a realização de si mesmo no campo erótico — no amor — é posta em xeque. À medida que a identidade constitui a base da saúde mental (toda crise psicopatológica é centrada por uma crise de identidade), podemos dar-nos conta de como o trabalho pode constituir uma segunda oportunidade de construirmos nosso equilíbrio psíquico e nossa saúde mental. Mas não há neutralidade do trabalho e, se ele não oferecer a possibilidade de reconhecimento, só produzirá sofrimento e, progressivamente, impelirá o sujeito para a descompensação. Portanto, centralidade ante a identidade e a saúde mental.

A questão da identidade sempre provocou debates polêmicos ligados às perspectivas de cunho social dentro das mais diversas abordagens como na Filosofia, na Psicologia, na Sociologia etc. O problema da identidade em uma dimensão que exige a renovação dos paradigmas de entendimento até então utilizados.

3.5 As categorias da Psicodinâmica do Trabalho

Dejours (1994) defende que “o conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico, vai além do modelo ‘causalista-funcionalista’” Vê o trabalho não como enlouquecedor, mas como algo que pode levar o homem ao sofrimento psíquico, dependendo do ambiente de trabalho em que ele se encontra. Visando a apresentar uma arquitetura de trabalho para *Psicodinâmica do Trabalho* e para a *Clínica do Trabalho*, Dejours propõe o modelo abaixo contendo três grandes grupos: Organização e trabalho, que é o espaço

em que se realiza o trabalho, o eterno conflito entre o prescrito normativo, definido por regras e metas e planos e o trabalho real, o trabalho possível de ser realizado. O segundo grupo é formado pela mobilização subjetiva dos sujeitos, em que acontece a ação das estratégias defensivas e de enfrentamento para se evitar o sofrimento e obter o reconhecimento. O terceiro grupo é formado pelas patologias oriundas do fracasso das estratégias defensivas e podem desencadear adoecimentos (Figura 5).

FIGURA 5 Modelo da Psicodinâmica



Fonte: Adaptado de Mendes 2012

Dejours (2004) percebe em suas pesquisas, que os trabalhadores não se mostraram passivos, mas capazes de se proteger dos efeitos negativos e patológicos do ambiente de trabalho à sua saúde mental. Percebe que eles sofriam, mas sua autonomia e liberdade eram exercidas, mesmo de forma limitada, na construção de sistemas defensivos, estruturantes e, principalmente, coletivos. Com base nessas premissas, Dejours então elabora as categorias da Psicodinâmica, visando a responder a essas demandas polares entre prazer e sofrimento, saúde e doença. Essa descoberta importante fez com que o foco de sua pesquisa fosse modificado: saiu do foco de buscar doenças mentais geradas pelo trabalho para o sofrimento e as defesas contra esse sofrimento (por exemplo, a sublimação). Daí, o enigma é a normalidade, mesmo com sua instabilidade, a busca constante de equilíbrio, precariedade, entre sofrimentos e defesas. Em função da temática desse estudo ser de natureza subjetiva as preocupações de Dejours com relação a trabalho e subjetividade se justificam.

Nessa perspectiva o trabalho é aquilo que implica do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar. O real do trabalho sempre se manifesta afetivamente para o sujeito, aí se estabelece uma relação primordial de sofrimento, experimentada pelo sujeito, corporificada. Trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real (DEJOURS, 2004, p. 27).

O real do trabalho é considerado por Dejours (2004) como ponto central na Psicodinâmica; refere-se ao conceito de trabalho pré-escrito e trabalho real. Conceito totalmente revolucionário no mundo do trabalho para qualquer atividade, sempre há uma expectativa por resultados e um trabalho possível de ser realizado como define Dejours (2004, p. 28) “Como, então, o sujeito que trabalha reconhece essa distância irreduzível entre a realidade, de um lado, e de outro as previsões, as prescrições e os procedimentos? Sempre sob a forma de fracasso: o real se revela ao sujeito pela sua resistência aos procedimentos, ao saber-fazer.”.

As contribuições da Psicodinâmica do Trabalho tiveram um olhar atento sobre as vivências de prazer e de sofrimento em decorrência do trabalho. Dejours e Abdouchelli (1994, 1995) propuseram, então, que as categorias de organização do trabalho, as condições de trabalho e as relações de trabalho estão articuladas, uma vez que se referem à gestão da organização. Para os autores, a organização do trabalho pode ser estudada em categorias: (1) Organização do trabalho; (2) Condições de trabalho; (3) Relações de trabalho; (4) Mobilização subjetiva do trabalhador; (5) Vivências de prazer e de sofrimento; espaço de discussão coletiva; estratégias defensivas ou de enfrentamento. Conceitos básicos do processo do referencial: sublimação, ressonância simbólica, mobilização subjetiva, vivências de prazer e resignificação do sofrimento e identificação com o trabalho subjetivo.

3.6 Categoria 1 - Organização do Trabalho

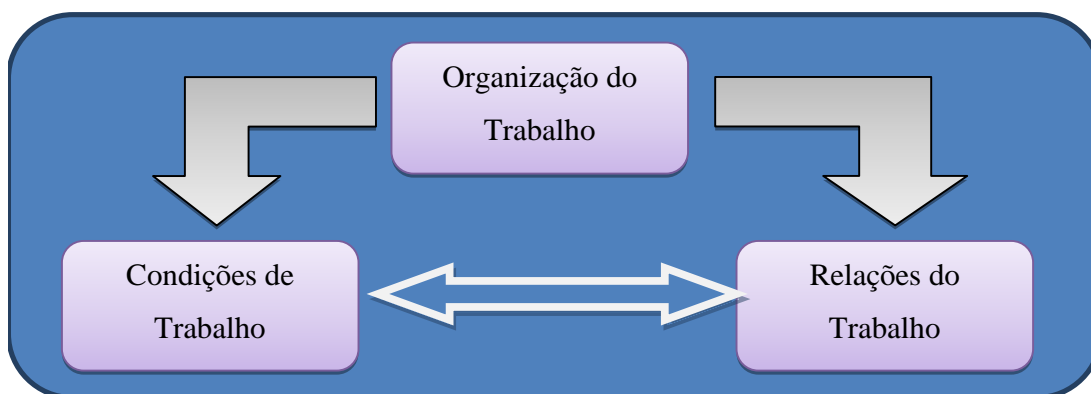
Com o objetivo de apresentar as contribuições da Psicodinâmica do Trabalho nos processos de prazer e sofrimento, faz-se necessário identificar os elementos que compõem a organização do contexto de trabalho desenvolvida por Dejours, ou seja, organização do trabalho, as condições de trabalho e as relações de trabalho estão integradas, tendo em vista que se referem à organização do trabalho como um todo sistêmico.

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora (DEJOURS, 1987, p. 119).

Desde os anos 1970, a disciplina Psicopatologia do Trabalho estuda a interface homem e organização do trabalho. De um lado, a organização do trabalho, caracterizada pela rigidez e por se constituir um sistema de imposições e restrições essencialmente técnicas e imóveis como proposto no taylorismo-fordismo. De outro lado, o funcionamento psíquico, caracterizado pela liberdade de imaginação e pela expressão dos desejos inconscientes do trabalhador (MENDES, 1995).

Na década de 1980, tiveram ênfase os estudos e pesquisas especialmente de Dejours (1980) sobre os transtornos psíquicos e a saúde mental que são desencadeados pela organização do trabalho (condições físicas, biológicas, químicas e divisão de tarefas), levando em consideração as relações humanas nela existentes, a que Dejours chama de Fatores Humanos. As categorias centrais da Psicodinâmica do Trabalho estão organizadas em três pilares: organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho (Figura 6).

FIGURA 6 Categorias da Organização no Contexto do Trabalho (OCT)



Fonte: Desenvolvida pelo pesquisador

Em uma segunda etapa, nos anos 1990, já denominada, Psicodinâmica do Trabalho, a organização do trabalho é caracterizada pela mobilidade e pela mutabilidade, e o funcionamento psíquico, pelos mecanismos de mobilização subjetiva, tendo o trabalhador um papel ativo diante das imposições e da possibilidade de transformar concretamente as situações de trabalho, para que elas possam trazer benefícios para a saúde mental (Mendes, 1995).

Dejours e Betiol (1994) afirmam que as condições de trabalho prejudicam a saúde do corpo do trabalhador, enquanto a organização do trabalho atua no nível do funcionamento psíquico. A divisão de tarefas e o modo operatório evocam o sentido e o interesse de trabalho para o sujeito e a divisão de homens mobiliza os investimentos afetivos, a solidariedade e a confiança.

Mendes (1995) adota a definição de Dejours (1987), que conceitua organização do trabalho como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa (à medida que ele dela deriva), o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade.

Os aspectos relativos à divisão e ao conteúdo das tarefas, sistema hierárquico e relações socioprofissionais são estabelecidos a partir de padrões específicos do sistema de produção que, por sua vez, determina a estrutura organizacional na qual o trabalho é desenvolvido (MENDES, 1995).

Dejours e Abdoucheli (1990) consideraram que a organização do trabalho resulta das relações intersubjetivas e sociais dos trabalhadores com as organizações. Dinamicamente são estabelecidos compromissos entre os homens para definir regras defensivas e regras de ofício, e entre níveis hierárquicos para negociar essas regras, e obter novos compromissos renegociáveis posteriormente, caracterizando-se pela sua evolução em função dos homens, do coletivo, da história local e do tempo.

A organização do trabalho compreende a divisão dele, a descrição de cargos assim como a “divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, cadência e, portanto, o modo operatório prescrito e a divisão das pessoas: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle etc.” (DEJOURS, 1994, p. 125).

De acordo com Mendes (2002)

A organização do trabalho é resultado de um processo intersubjetivo, no qual se encontram envolvidos diferentes sujeitos em interação com uma dada realidade, implicando uma dinâmica de interações própria às situações de trabalho, enquanto lugar de produção de significações psíquicas e de construção de relações sociais (MENDES, 2002, p. 28).

A Organização do Trabalho buscou na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (1987) conhecimentos sobre o processo da comunicação humana. Para Gonçalves (1999), a Teoria da Ação Comunicativa de Jurgen Habermas (1929/1987), filósofo e sociólogo alemão contemporâneo, tem seu nome associado à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, cujos principais representantes são Adorno (1903-1969), Marcuse (1898-1979), Horkheimer (1895-1973) e Benjamin (1892-1940). Não obstante as diferenças de pensamento desses filósofos,

um tema perpassa a obra de todos eles: a crítica radical à sociedade industrial moderna, em cuja fonte Dejours foi beber.

Com o processo de modernização passou a prevalecer nas sociedades industriais uma forma de racionalidade: a racionalidade instrumental. Essa racionalidade define-se pela relação entre meios e fins, ou seja, pela organização de meios adequados para atingir determinados fins ou pela escolha entre alternativas estratégicas com vistas à consecução de objetivos. Habermas compartilha essa crítica, mas permanece, no entanto, no momento da negatividade e tenta salvar a razão da perplexidade e do pessimismo. Ao repensar a ideia de razão e de racionalização, Habermas busca superar as oposições que transpassam a cultura contemporânea, que, como resume McCarthy (1996, p. 10), são: “modernidade *versus* pós-modernidade, racionalismo *versus* relativismo, universalismo *versus* contextualismo, subjetivismo *versus* objetivismo, humanismo *versus* ‘morte do homem’”.

A importância de Habermas (1989) para a Psicodinâmica deve-se ao fato que Dejours reconhece como fundamental para a Clínica do Trabalho em que se faz a escuta autêntica dos sujeitos no espaço público de discussão e dessa forma utiliza Habermas para buscar superar o conceito de racionalidade instrumental, ampliando o conceito de razão, para o de uma razão que contém em si as possibilidades de reconciliação consigo mesma: a razão comunicativa. Discutiremos a seguir esses dois conceitos básicos no pensamento de Habermas. A contribuição de Habermas (1987, 1989) para os estudos da organização do trabalho deve-se, sobretudo, ao fato de ele ter estruturado a Teoria da Ação Comunicativa a partir da mediação estabelecida por meio dos atos da fala, com base em três princípios que ele denominou “mundos”.

1. O mundo objetivo das coisas: que corresponde a pretensões de validade referentes às verdades das afirmações feitas pelos participantes no processo comunicativo;
2. O mundo social: corresponde a pretensões de validade referentes à correção e à adequação das normas;
3. O mundo subjetivo, das vivências e sentimentos: corresponde a pretensões de veracidade, ou seja, que os participantes do diálogo estejam sendo sinceros na expressão dos seus sentimentos (HABERMAS, 1989, p. 135).

Dessa forma, a Clínica Psicodinâmica encontrou conhecimento para explicar não só os processos comunicacionais, mas, sobretudo, para dar voz aos sujeitos para que pudessem expressar-se com toda autonomia e liberdade.

Refletindo sobre o conceito de técnica, o mundo objetivo e o mundo subjetivo se organizam. A técnica é, ao mesmo tempo, um processo, um ato de transformação do mundo e

ato de transformação do sujeito. No caso dos escritores literários, poderá se dar em três momentos: autoavaliação, crítica feita pelo mercado leitor, por fim, avaliação feita pelas organizações que editam e divulgam o produto literário. Esse processo de organização do trabalho, por ser fruto das relações do trabalhador com o meio em que está inserido, irá impactar em todas as esferas de sua vida, inclusive e principalmente, em sua esfera psíquica.

3.6.1 Condições do trabalho

Com relação às condições de trabalho, Dejours e Abdoucheli (1994) admitem que elas tenham por alvo, sobretudo, o corpo, e a organização do trabalho atua no plano do funcionamento psíquico.

Em relação às condições de trabalho, Dejours (1992) estabelece o conjunto que envolve o ambiente físico (temperatura, pressão, barulho), também as condições de higiene e de segurança e as características ergométricas do local de trabalho, cujo alvo é o corpo do trabalhador, ao qual ocasiona desgaste, envelhecimento e doenças. As condições de trabalho, ao lado da organização do trabalho, é um dos fatores que mais impactam na qualidade de vida do trabalhador pelo descaso das organizações. As condições de trabalho historicamente tem sido uma das maiores responsáveis pelos acidentes de trabalho, em que tantos trabalhadores perderam a vida ou ficaram mutilados para o resto da vida.

Outro ponto fundamental para Dejours (1992) refere-se à ergonomia do trabalho, indiretamente, a situação rotineira de conflito existente entre o empregado e a organização do trabalho, uma vez que, o conteúdo ergonômico resulta da divisão do trabalho. O grande desafio objetivo é que a organização do trabalho consiga proporcionar satisfação ao trabalhador e não mais sofrimento e adoecimento além daquele advindo naturalmente do trabalho em si.

Dejours destaca o grande desafio de enfrentar o conflito ente a instituição do trabalho e o funcionamento psíquico do trabalhador. Aqui aborda uma questão central para Dejours: relata que o trabalho prescrito e o trabalho real e as condições de trabalho e a própria organização trabalho são, na maioria das vezes, os grandes dificultadores para o real do trabalho, para o trabalho vivo defendido por Marx.

Para Dejours (1992) as condições de trabalho devem abranger:

O ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho (DEJOURS, 1992, p. 25).

Ao concluir sobre condições de trabalho, torna-se importante resgatar um dos principais nomes da Psicodinâmica do Trabalho: Gillon (1962) considerava que não havia uma relação de especificidade entre o tipo de distúrbio mental e o trabalho efetuado, exceto nos casos provocados por intoxicações ou naqueles que ele atribuía a "condições de trabalho particularmente penosas", sem precisar as atividades englobadas nessa qualificação. Ainda que ele considerasse como excepcional a possibilidade de que as condições de trabalho fossem responsáveis por distúrbios mentais, citava pesquisas que demonstravam que existiam "elementos desfavoráveis" no trabalho, a saber:

A duração excessiva do trabalho, um trabalho considerado como monótono, muito leve ou muito sedentário, um trabalho exigindo aptidões que não estão ao alcance da inteligência do operário, um trabalho exigindo um grau de atenção muito alta ou não permitindo suficientemente a iniciativa, um ciclo de trabalho muito longo (GILLON, 1962, p.163).

3.6.2 Relações sociais de trabalho

Para Dejours e Abdoucheli (1994), a divisão das tarefas e o modo operatório caracterizam o sentido e o interesse pelo trabalho, enquanto a divisão de homens exige, sobretudo, as relações entre pessoas e mobilizam os investimentos afetivos, o amor e o ódio, a amizade, a solidariedade, a confiança.

Outra categoria importante na Psicodinâmica do Trabalho é a relação do trabalho. Se, na organização, o foco é a organização (condições físicas, biológicas, químicas e divisão de trabalho), nas condições de trabalho, são os recursos que a organização oferece aos trabalhadores (ambiente físico, temperatura, pressão luminosidade, ruído, higiene e segurança). A organização e as condições de trabalho são os fatores mais impactantes na qualidade de vida do trabalhador, segundo Dejours (1992).

Para Dejours (2004), é por meio do desenvolvimento teórico e empírico que a teoria Psicodinâmica do Trabalho concebe o modelo de homem como um ser que pensa em sua relação com o trabalho; interpreta sua situação e, em razão dela, reage e se organiza. O sujeito no mundo do trabalho tem uma história singular, complexa, que constrói sobre o sentido do

trabalho. Nessa categoria a relação do trabalho é a categoria mais subjetiva, pois trata do invisível no sujeito no mundo do trabalho.

Dejours (2004) afirma que esse ser humano que está aí é sujeito, é um sujeito que vive em relação, tendo em vista que não sucumbe às pressões do trabalho e luta pela manutenção de sua saúde mental. E, sobretudo, não é isolado: toda vivência subjetiva relativa ao trabalho é construída nas relações entre sujeitos ou entre grupos, privilegiando a intersubjetividade.

A identidade do sujeito vai ser construída principalmente na qualidade das relações de trabalho e vai dar estrutura de ego ao sujeito para enfrentar os desafios e sofrimentos no trabalho. Freitas (2000) traz contribuições importantes, ao afirmar que um bom ambiente de trabalho é condição fundamental para o desenvolvimento profissional; mas a identidade social também é uma condição predominante para esse desenvolvimento.

Enquanto Macêdo (2009) destaca que, se de um lado, o profissional que pensa nas suas relações de trabalho e atribui um sentido às situações, mas depende das condições socioeconômicas oferecidas, de outro, as situações de trabalho modificam as percepções desse trabalhador de si mesmo, dos outros e do próprio trabalho.

Segundo Lancman e Sznelwar (2004), as relações de trabalho, além de sua importância como categoria, propiciam um grau extra na complexidade e na integração da organização do trabalho. Elas asseguram a vontade, a energia motivacional, o sentido de as pessoas de trabalharem juntas (desejo de cooperar – *orexis*) e de superarem coletivamente as contradições que surgem da própria natureza ou da experiência da organização do trabalho. Entre tantos aspectos a serem considerados no contexto das relações no trabalho, é importante considerar ainda o reconhecimento. Dejours esclarece:

O reconhecimento é a forma específica de retribuição moral-simbólica dada ao ego, como compensação por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho, isto é, pelo engajamento de sua subjetividade e inteligência. Assim, estamos agora em condições de fechar a dinâmica da visibilidade dos achados da inteligência (DEJOURS, 1997, p. 55-56).

O reconhecimento é um dos temas atuais abordados por Dejours, que escreve sobre a importância do reconhecimento para o sujeito e para as organizações. O reconhecimento tem um forte viés cultural, por isso não é comum; certas culturas e certas organizações tradicionais e conservadoras ainda encontram dificuldades para fazer do reconhecimento uma prática de gestão. Lancman e Sznelwar (2004) destacam que, na ausência do reconhecimento, o que é muito comum, os sujeitos se mobilizam em estratégias defensivas para evitar a doença mental, com sérias consequências para a organização do trabalho, pois ela corre o risco de paralisia ou

de perdas operacionais. O custo em ter uma política de reconhecimento é ínfimo, entretanto, sua falta pode causar sérios prejuízos à organização.

Aprender e compreender as relações de trabalho exige mais do que uma simples observação, mas, sobretudo, exige uma escuta voltada a quem executa o trabalho, pois ele implica relações subjetivas meio evidente que precisam ser desvendadas (LANCMAN; HELOANI, 2004).

Dejours (1992) afirma que a dinâmica do reconhecimento nas situações de trabalho sugere que a cooperação seja indissociável da identidade e da saúde mental no trabalho e destaca, ainda, que a ideia central do sentido do trabalho é de que o sofrimento e o prazer são, em suas origens, provenientes de uma relação específica com o inconsciente. As relações no mundo do trabalho, por estar na esfera subjetiva, encontram muitas dificuldades por parte dos gestores. As relações de trabalho são invisíveis, o que vemos ou percebemos são seus efeitos.

3.7 Segunda categoria: mobilização subjetiva do trabalhador

Segundo Freud (1914), a atividade do homem toma duas direções: a busca de ausência de sofrimento e de desprazer e a experiência intensa de prazer. Dessa forma, Freud explica essa busca hedonista e a tentação das situações de sofrimento do homem moderno.

Dejours (1994 e 1999) afirma que a mobilização subjetiva é caracterizada como um processo caracterizado pelo uso dos recursos psicológicos do trabalhador e pelo espaço público de discussões sobre o trabalho. A utilização desses recursos depende da dinâmica contribuição-retribuição simbólica que pressupõe o reconhecimento da competência do trabalhador pelos seus colegas e pelos superiores hierárquicos. Para ele, o processo de mobilização subjetiva não é prescrito; é vivenciado individualmente pelo trabalhador. Ressalta-se que essa mobilização é fundamental no processo da organização do trabalho, à medida que evita o uso de estratégias defensivas ou de descompensação psicopatológica.

Baseado no estudo do modelo japonês organizado por Hirata em 1990, Dejours (1990) apresentou as características e condições de mobilização no trabalho como um tipo de Inteligência Criativa, Astuciosa e Corporal, passando depois à Inteligência Prática e à Sabedoria Prática, chegando ao conceito de fator humano. Vê o trabalho em seu caráter sempre enigmático, ressaltando três dimensões essenciais: a engenhosidade, a cooperação e a mobilização subjetiva.

De acordo com Dejours (1990) a categoria Mobilização Subjetiva do Trabalhador está organizada em três pilares: vivências de prazer, vivências de sofrimento e estratégias defensivas ou de enfrentamento, aqui discutidas separadamente. As categorias de mobilização subjetiva do trabalhador (Figura 7) possibilitam perceber as vivências do trabalhador com relação a cada categoria e quais estratégias esses trabalhadores utilizam.

Para Pires (2011), a categoria de mobilização subjetiva do trabalhador, conforme se pode ver na Figura 7, possibilita perceber as vivências do trabalhador com relação a cada categoria e quais estratégias estes trabalhadores utilizam.

FIGURA 7 Segunda grande categoria: mobilização subjetiva do trabalhador



Fonte: Adaptado com base em Pires (2011).

Para Mendes (1995), o prazer está intimamente relacionado à satisfação dos desejos representados pelo sujeito, tornando-se, dessa forma, manifestação constante, tendo em vista os conflitos impostos pela civilização. A esse conceito, acrescenta-se a afirmação de Dejours e Betiol (1994), de que o prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza.

Por outro lado, o sofrimento é caracterizado por sensações desagradáveis provenientes da não satisfação dos desejos. Elas são de origem inconsciente e estão relacionadas aos desejos mais profundos dos sujeitos, revelados muitas vezes ao consciente em forma de projetos e expectativas de vida.

Freud (1930) considerava que o sofrimento ameaçava o sujeito em três direções: a do próprio corpo, do mundo externo e a dos relacionamentos com os outros homens. Essa visão de Freud se acentuou no século XX e no início do século XXI.

Dessa forma, o sofrimento não tem origem na realidade exterior, mas sim, nas relações que o sujeito estabelece com essa realidade. O que Dejours (1990) denomina de estratégias de enfrentamento é a demanda pulsional do meio externo que conduz a uma representação penosa, o ato de dar-se conta do que o meio exige.

Mendes (1995) afirma que o trabalho, como parte do mundo externo ao sujeito e do seu próprio corpo e relações sociais, representa uma fonte de prazer ou de sofrimento, desde que as condições externas oferecidas atendam ou não à satisfação dos desejos inconscientes.

A atividade profissional constitui fonte de satisfação, se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) persistentes ou constitucionalmente reformados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. A maioria das pessoas só trabalha sob pressão e essa aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis (FREUD, 1937-1931).

A busca do prazer no trabalho e a evitação do desprazer constituem um desejo permanente para o trabalhador, diante das exigências nas relações e na organização do trabalho. Este, muitas vezes, só oferece condições contrárias a esse propósito, gerando desprazer, expresso em uma vivência de sofrimento, com sintomas específicos, transformando o trabalho em desejo de sobrevivência, no lugar de fonte sublimatória de prazer (MENDES, 1995).

Dejours (1990) afirma que o tipo do sofrimento está relacionado à cadeia biográfica e à história de vida do sujeito, ou seja, quando as condições externas salientam essa cadeia, haverá um reencontro das relações parentais infantis com a realidade atual, o encontro da história de vida do sujeito com a história do mundo seu trabalho.

3.7.1 Vivências de prazer

Para Dejours (1994), as vivências de prazer emergem quando as exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa convergem para satisfação dos desejos do

trabalhador; de tal modo que a simples execução da atividade proporcione prazer. A importância da autonomia no trabalho como a possibilidade de alteração da prescrição da sua tarefa de forma a adequá-la ao real do trabalho, permitindo ao trabalhador a regulação de seu modo de desenvolver atividades (FERREIRA, 2010). É o grau de independência do sujeito em relação às prescrições, objetivos e método que constituem o seu trabalho.

Já Pagés (1987) indica como fontes de prazer o salário, a carreira, viagens, contatos e o prazer de identificar-se com o poder da organização. Se há prazer no trabalho, esse prazer só pode advir do ganho obtido no trabalho, justamente no registro da construção da identidade e da realização de si mesmo. “O prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho” (DEJOURS, 1994, p. 59).

As componentes mais evidentes com o trabalho como vivências de prazer para Santos (2008), satisfação concretas e simbólicas, vivências coletivas e individuais, conteúdo do trabalho, reconhecimento, cultura, liberdade e autonomia, que juntos formam um conjunto de fatores extremamente positivos.

O reconhecimento no trabalho contribui como um dos vetores sobre o qual é construída a identidade dos sujeitos no trabalho. É nesse ponto que aparece outro elemento fundamental para que o sofrimento no trabalho ganhe sentido e se transforme em prazer e saúde: o reconhecimento. Para Dejours (1997,1999a) ele é condição indispensável no processo de mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade no trabalho e se dá por duas vias de julgamento: o julgamento de utilidade e o julgamento de “beleza”. O primeiro, como o próprio nome designa, diria respeito à utilidade técnica, social ou econômica dada à atividade singular desempenhada pelos trabalhadores. Quem estaria em condições de proferir esse julgamento seriam aqueles que, em relação ao sujeito, encontra-se em uma posição hierárquica diferente: chefes, gerentes, supervisores, e mesmo, os subordinados. O julgamento de “beleza” por outro lado, é aquele efetuado pelos pares, ou seja, aqueles que, situados na mesma faixa hierárquica e compartilhando o mesmo ofício, estão em condições de avaliar a singularidade e a “beleza” do trabalho executado. Por isso, refere-se às regras *dométier*, construídas por meio do processo de burla das regras prescritas (MERLO, 2002).

Bendassoli (2012) também destaca a importância do reconhecimento, afirma que, nas duas últimas décadas, o reconhecimento tornou-se um tema relevante para a compreensão de diversos fenômenos sociais contemporâneos. No campo da Psicologia das organizações e do trabalho, particularmente a relevância do tema também se faz notar pelo crescente número de estudos dedicados a compreender suas relações com tópicos como identidade, sofrimento,

saúde, motivação e percepção de justiça e de reciprocidade nas relações intersubjetivas nas organizações.

Para o autor, na Psicologia, particularmente na Psicologia Social, influenciada pelo interacionismo simbólico, a temática do reconhecimento, mesmo que não apresentada diretamente como tal, também tem seu lugar de destaque (Caillé, 2010). No entanto, nas últimas décadas, o debate sobre reconhecimento parece ter ganhado um destaque, graças ao trabalho de filósofos sociais como Habermas (2002), Taylor (1997), Fraser (1996), Honneth (2003) e Ricoeur (2004), responsáveis por sua reintrodução em discussões sobre multiculturalismo, conflitos culturais e religiosos, ética e justiça social, identidade e intersubjetividade.

Para Bendassolli (2012), apesar de haver diversos estudos discutindo teoricamente e resultados de pesquisa sobre reconhecimento, em especial no âmbito da Psicodinâmica do Trabalho brasileira (Mendes, 2007, 2008; Mendes, Merlo, Morrone e Facas, 2010), segundo o autor, há ainda um longo espaço a ser trilhado, no sentido de uma apreciação em conjunto das perspectivas existentes no domínio mais amplo da Psicologia do Trabalho e das Organizações sobre o reconhecimento. Além da retribuição financeira, os sujeitos esperam, especialmente, retribuição de natureza simbólica, que assume uma forma específica: o reconhecimento (DEJOURS, 2007).

Já para Dejours (2009), o reconhecimento depende da realização de julgamentos, que recaem sobre a qualidade do trabalho realizado, sobre o fazer – e não sobre a pessoa; mas o reconhecimento pela qualidade do trabalho pode inscrever-se no nível da personalidade em termos de ganhos no registro da identidade. Isso nos conduz a outra importante postulação: a relação entre trabalho e identidade é mediada pelo outro no julgamento de reconhecimento.

3.7.2 Vivências de sofrimento

O trabalho é central na vida humana, e nunca é neutro em relação à saúde. Pode conduzir à saúde ou ao adoecimento, dependendo dos processos psicodinâmicos desenvolvidos no trabalhar. O sofrimento é inerente ao viver e ao trabalhar, entretanto, o sofrimento criativo surge como uma alternativa saudável quando conduz à mobilização subjetiva, que inclui o uso da inteligência prática, da cooperação e a dinâmica do reconhecimento. Nesse processo, o trabalho pode ser um mediador para a saúde, por meio do

fortalecimento da identidade (Dejours, 2008a; Martins, Moraes e Lima, 2010; Mendes E Araújo, 2010; Moraes, 2011).

Pode-se trabalhar com indicadores de prazer e sofrimento como apresentado no Quadro 5.

QUADRO 5 Indicadores de prazer e sofrimento no trabalho (EIPST)

INDICADORES DE PRAZER	INDICADORES DE SOFRIMENTO
Realização	Desgaste (sobre carga)
Liberdade e autonomia	Desvalorização (falta de reconhecimento)

Fonte: Desenvolvida pelo pesquisador

No entanto, observa-se que as novas formas de organização do trabalho muito preocupadas com a acumulação do capital, trouxeram como resultados um trabalho precário, pois se baseiam em ameaças constantes de desemprego, apoiadas pela pressão e na competição exacerbada. Assim, proliferam as novas patologias do trabalho, classificadas por Mendes (2007) como patologia da sobrecarga, da servidão voluntária e da violência.

A ausência do reconhecimento favorece situações de sofrimento. Dejours (1994) afirma que, quando a organização do trabalho torna-se rígida, dificultando a expressão criativa e autonomia dos sujeitos, ou ainda, quando o reconhecimento não acontece, emerge o chamado sofrimento patogênico. A Psicodinâmica do Trabalho, portanto, situa o trabalho como um espaço que tanto pode dar origem a processos de alienação e mesmo de descompensação psíquica, como pode ser fonte de saúde. O trabalho implica muito mais que conhecimento técnico, também implica mobilização subjetiva que encontra ressonância em sua inserção no coletivo de trabalho. Tal fato significa que, quanto mais o trabalhador está sobrecarregado, menos prazer ele sentirá no trabalho, portanto mais suscetível ao sofrimento.

Bendassolli (2012) destaca que o real é o que resiste as regras, às normas e às técnicas, interpelando a engenhosidade do sujeito e o expondo ao fracasso. Surge, então, outro conceito importante da Psicodinâmica, intimamente relacionado ao de reconhecimento: o do sofrimento que, para Dejours (2009), emerge do encontro do sujeito com o real, ponto de partida para o processo de subjetivação. Aqui se desvela o fato de o trabalho ser uma prova subjetiva: diante da experiência do real e do fracasso, o sujeito deve buscar os recursos para poder agir, ou mesmo transgredir o prescrito para criar e transformar. O fracasso imposto pelo

real demanda à mobilização do corpo e dos afetos, daí a relação estreita entre sofrimento no trabalho e inteligência prática.

Para Dejours (1990), o sofrimento sendo efeito de um evento por parte da organização do trabalho, varia de acordo com a política administrativa de cada empresa e começa quando ocorre o choque entre a história individual (do trabalhador), portador de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora, exclui e submete. Quando o trabalhador é privado da possibilidade de adaptar o seu trabalho aos seus desejos, abre-se a possibilidade para que o sofrimento se manifeste. Os pesquisadores citados afirmam que podem ocorrer vivências de prazer e/ou de sofrimento no trabalho, expressas por meio de sintomas específicos relacionados ao contexto socioprofissional e a própria estrutura de personalidade (estrutura de ego) dos sujeitos.\.

Dejours afirma que não se vive sem trabalho nem sem sofrimento. “Sofrimento dos que temem não satisfazer, não estar à altura das imposições da organização do trabalho” (Dejours, 1999, p. 28). São as normas e procedimentos, os horários rígidos, o ritmo acelerado de formação, de aprendizagem, de nível de instrução e de diploma, de experiência, de rapidez de aquisição de conhecimentos teóricos e práticos e de adaptação à “cultura” ou à ideologia da empresa, às exigências do mercado, às relações com os clientes, os particulares ou o público, entre outros. O que é normal no trabalho? O conceito de normalidade, para Dejours, é dividido em três partes: (a) equilíbrio precário (psíquico); (b) constrangimentos desestabilizantes do trabalho e (c) defesas psíquicas.

Dejours (1992) define o sofrimento como o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o “bem estar”, e, de outro, a doença mental.

Ferreira e Mendes (2001) destacam as vivências de sofrimento que aparecem associadas à divisão e à padronização de tarefas com subutilização do potencial técnico e da criatividade; rigidez hierárquica, com excesso de procedimentos burocráticos, ingerências políticas, centralização de informações, falta de participação nas decisões e não reconhecimento; pouca perspectiva de crescimento profissional.

Para Mendes, Costa e Barros (2003) o sofrimento pode ser definido como uma vivência individual ou coletiva e podem ser de caráter frequente e permanente, muitas vezes inconsciente, de experiências dolorosas como angústia, de medo e de insegurança provenientes do conflito entre as necessidades de gratificação do binômio corpo-mente e a restrição de satisfazê-las, pelas imposições das situações de trabalho. O sofrimento foi o ponto de partida da abordagem de Dejours (1990) e posição central na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, visto que é inevitável, em função das contradições e pressões do sistema de

produção vigente com o acirramento do capital em termos de busca desesperada pelo lucro a qualquer preço. Por um lado, o trabalho pode exercer efeitos poderosos sobre o sofrimento psíquico, levando o trabalhador, progressivamente, a alterações psicossomáticas e psíquicas; por outro, pode contribuir para subverter o sofrimento, ressignificando-o e transformando as situações que o geraram, isto é a transformação de sofrimento criativo em prazer que é o ideal.

Mendes, Costa e Barros (2003) afirmam, a partir de inúmeras pesquisas realizadas na França e no Brasil, que a vivência de sofrimento instala-se quando a realidade não oferece as possibilidades de gratificação das necessidades dos trabalhadores. Destacam que é no contexto de trabalho em termos de organização, condições e relações sociais que se encontram as origens do processo de sofrimento dos trabalhadores, que não permanece e constitui um mobilizador para a busca de prazer. Nesse sentido, o sofrimento no trabalho não é patológico, mas criativo, desafiador, uma tensão positiva e criadora, possui um papel fundamental no aumento da resistência e no fortalecimento e construção da identidade pessoal, significando, assim, que ele pode ser uma possibilidade de fazer o trabalhador encontrar estratégias para enfrentá-lo de forma criativa e mudar as situações que o provocaram. Estratégias essas, na maioria das vezes, por intermédio da sublimação. Quando Freud (1905) deu a primeira definição de sublimação, definiu um princípio de elevação estática comum a todos os homens, mas do qual, a seu ver, só eram plenamente dotados os criadores e os artistas e Dejours (1990) que percebeu sua importância como estratégia de enfrentamento.

3.7.3 Estratégias defensivas e de enfrentamento

Para a Psicanálise, o sujeito diante da angústia, mobiliza estratégias para o processo de sublimação que é transformado em obra de arte. É um processo individual e inconsciente. Já para a Psicodinâmica, no sofrimento criativo o sujeito utiliza estratégias de enfrentamento para transformar sofrimento em prazer. São processos coletivos e conscientes. Também utiliza a inteligência astuciosa ou prática (sublimação).

Visando a equilibrar o sofrimento decorrente do mundo do trabalho, os trabalhadores utilizam estratégias defensivas que, conforme Rocha (2003) constituem as possibilidades de adaptação à organização, à cultura organizacional, ajustamento às normas e procedimentos da

organização do trabalho ou sua transformação para colocá-la em concordância com o desejo deles. Quando fracassam, abre-se espaço para o adoecimento no trabalho.

As estratégias defensivas no trabalho podem ser individuais ou coletivas. Dejours *et al.*(1994) definem as estratégias defensivas coletivas como os mecanismos pelos quais o trabalhador busca alterar, suavizar, modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que causa sofrimento no sujeito. Definem esse processo como estritamente mental, geralmente não altera ou modifica a realidade de pressão patogênica imposta pela organização do trabalho. Na realidade o que muda é a percepção do sujeito em função de sua estrutura de ego. Para Dutra (2010)

[...] as estratégias de defesa apresentam um funcionamento inconsciente e, na maioria das vezes, são construções a partir de uma denegação em relação à percepção daquilo que faz sofrer e por essa razão os trabalhadores não diretamente sobre o sofrimento; antes tentam negá-lo (MORAES, 2010, p. 102).

Os mecanismos psicológicos mais frequentes nas estratégias defensivas são a negação e a racionalização ambos oriundos da Psicanálise. Essa mobilização é resultado da margem de liberdade oferecida pela organização ao trabalhador para ajustar suas necessidades pessoais às situações de trabalho. Esse ajuste vai definir a relação ou *gap* entre o trabalho prescrito e o trabalho real. É necessário um espaço para discussão, para participação, para cooperação e para a solidariedade dos trabalhadores, especialmente uma crença nas mudanças e nas suas contribuições efetivas para as modificações das situações cotidianas do trabalho, geradoras de sofrimento (MENDES; COSTA; BARROS, 2003; MORAES, 2011).

Para os autores Rocha (2003) e Dejours (1994), apesar de os mecanismos de defesas individuais coexistirem com os coletivos, as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores são, na sua maioria, coletivas e não individuais. O grupo compartilha o sofrimento e encontra em conjunto soluções para o enfrentamento dessas situações. Essas estratégias coletivas diferenciam-se das individuais à medida que desaparecem, quando afastada a situação que gera sofrimento. Ao ser retirada a fonte geradora de sofrimento, as estratégias vão desaparecendo gradualmente.

Segundo Dejours (1987); Dejours e Abdoucheli (1990) e Betiol (1994) tais estratégias para enfrentar as pressões psicológicas do trabalho podem tornar-se um objetivo em si mesmo, o que leva o trabalhador a um processo de alienação, bloqueando qualquer tentativa de transformação da realidade, estabilizando-se no desencorajamento e na resignação diante de uma situação que só gera sofrimento. Como se observa, por exemplo, nos movimentos grevistas atuais em que aqueles trabalhadores que não aderem à greve por medo ou pressões

da organização procuram se resignar diante do fato e evita o sofrimento que aparece estando ou não na greve.

As estratégias são elementos essenciais na preservação da qualidade de vida no trabalho dos sujeitos. Dejours (1999) defende que as estratégias coletivas de defesa, para a Psicodinâmica do Trabalho, contribuem de maneira decisiva para a coesão do coletivo de trabalho. As estratégias defensivas ativadas para enfrentar o sofrimento podem ser individuais e/ou coletivas.

O ato de trabalhar envolve ações estratégicas nem sempre conscientes aos sujeitos, não é apenas ter uma atividade, mas, também, viver: viver a experiência da pressão, viver em comum, estabelecer relações com outrem, enfrentar a resistência do real, construir o sentido do trabalho, da situação e do sofrimento (DEJOURS, 1999).

Lancman e Heloani (2004) comentam que as estratégias desenvolvidas em situações que envolvem perigo ou risco, a saber: banalização do risco, exaltação e negação do perigo, exaltação da virilidade, entre outras. Essas defesas explicam, em parte, condutas aparentemente irracionais, quando trabalhadores submetidos a condições de trabalho altamente perigosas, apesar de orientados, por vezes, não usam ou negligenciam medidas de proteção.

Já Macêdo (2008; 2009; 2010) afirma que as estratégias defensivas exercem um papel paradoxal: necessárias à proteção da saúde mental contra os efeitos deletérios do sofrimento, as estratégias podem funcionar como uma armadilha que insensibiliza aquilo que faz sofrer, podendo levar a um tipo de congelamento do afeto e da sensibilidade para evitar o contato com o sofrimento.

Assim, a proteção da saúde não depende apenas do talento de cada indivíduo, mas passa, também, pelas estratégias coletivas de defesa, que desempenham um papel relevante na capacidade de desenvolver sua resistência aos efeitos desestabilizadores do sofrimento (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

As estratégias de enfrentamento resultam de uma forma específica de cooperação entre os trabalhadores para lutarem contra o sofrimento engendrado pelos constrangimentos do trabalho. Entre estes está o medo do acidente, a angústia de não ser capaz de seguir as cadências ou os limites de tempo impostos, o medo das agressões provenientes dos usuários, o receio da dominação e da autoridade exercida pela hierarquia, entre outros (LANCMAN; SZNELWAR, 2004).

Dejours (1990) comenta o uso da cooperação, da inteligência astuciosa, racionalização e quebra-galhos para contornar os obstáculos à realização do trabalho.

Uma das principais características das estratégias defensivas ou de enfrentamento desenvolvida pelos trabalhadores pode mascarar o sofrimento para não torná-lo patológico e atenuar a consciência do sofrimento (DEJOURS, 1990). Dessa forma, na sociedade em geral e especialmente nos espaços culturais, quando se discute sobre o profissional, é perceptível o desgaste. Nota-se que cada realidade cultural tem seus sentidos e significados e o seu caráter universal. Torna-se necessário que o artista conheça o seu lócus cultural para compreender as suas transformações, suas riquezas, suas misérias e sua multiplicidade. Uma tarefa que não é fácil é e muito menos rentável.

3.8 O estado da arte da Psicodinâmica

A Psicodinâmica, no mundo e no Brasil, tem-se caracterizado como uma abordagem científica pautada em uma discussão de problemas epistemológicos nas correntes empírico-analítica e histórico-hermenêutica, com fortes influências marxistas e da teoria crítica comunicacional de Habermas e das contribuições de Hanna Arendt. A Psicodinâmica se distancia completamente do terreno das ciências empírico-analíticas herdeiras das tradições positivistas, mas aproxima-se das ciências histórico-hermenêuticas, herdeiro da tradição compreensiva. A Psicodinâmica do Trabalho adota o pressuposto intra e intersubjetivo na relação homem-trabalho. Ela concebe o homem como um ator social que pensa sua situação de trabalho, interpreta-a, reage a ela e a organiza mental, afetiva e fisicamente.

Considera também que o homem não é um joguete passivo das pressões organizacionais; ele é portador de uma história singular e de uma subjetividade próprias, participa do processo de construção de uma subjetividade do trabalho no confronto entre o psíquico e o social e resultante da ação-reação diante de uma realidade que transforma e pela qual é transformado no mundo do trabalho (DEJOURS, 1994; FERREIRA; MENDES, 2003).

Para Dejours (1987b), o campo de atuação da Psicodinâmica do Trabalho é aquele que percebe o sofrimento e o conteúdo, da significação e das formas desse sofrimento advindos da relação sujeito-trabalho. Dejours (1987b) situa sua investigação no contexto do infra-patológico ou do pré-patológico. Para o autor, o sofrimento é um espaço clínico intermediário, que marca a evolução de uma luta entre, por um lado, funcionamento psíquico e mecanismo de defesa e, de outro, pressões organizacionais desestabilizantes, com o objetivo de conjurar a descompensação e conservar, apesar de tudo, um equilíbrio possível, mesmo se ele ocorrer ao

preço de um sofrimento, com a condição que se preserve o conformismo aparente do comportamento e satisfaçam-se os critérios sociais de normalidade.

3.8.1 Psicodinâmica do Trabalho no Brasil

Segundo Merlo e Mendes (2009), o percurso da produção brasileira em Psicodinâmica do Trabalho teve início na década de 1980 e acompanha o desenvolvimento da própria teoria, preconizada por Christophe Dejours, estando envolvidas, nessa rede de construção, todas as tensões necessárias para o avanço científico de uma teoria e de sua aplicação.

Mendes (2007) descreve a evolução da disciplina reunindo as obras clássicas e os assuntos de seu interesse através das últimas décadas. Ela aponta três momentos-chave que tiveram como frutos as seguintes publicações no Quadro 6:

QUADRO 6 Evolução da Psicodinâmica do Trabalho reunindo as principais obras

Ano	Obra
1980	A loucura do trabalho. “Centrada no estudo da origem do sofrimento no confronto do sujeito-trabalhador com a organização do trabalho”
1993	Adendum
1993	O fator humano. “Enfoca as vivências de prazer sofrimento como dialéticas e inerentes a todo contexto de trabalho, bem como estratégias usadas pelos trabalhadores para confrontar a organização do trabalho, para manter a saúde, evitar o adoecimento e assegurar a produtividade”.
1998	A banalização da injustiça social,
2000	13ª edição de A loucura do Trabalho,
2003	Avaliação submetida à prova do real. Mira-se em como os trabalhadores subjetivam as vivências de prazer e de sofrimento, ou seja, nas formas pelas quais os trabalhadores dão sentido ao trabalho.
2004	Trabalho, subjetividade e ação.
2005	O fator humano, nova edição revisada.
2008	Da psicopatologia a Psicodinâmica do Trabalho
2010	Suicídio e trabalho - o que fazer?

Fonte: adaptado de Mendes (2007)

Vieira (2005) observa que, na última etapa, investiga-se também a Psicodinâmica do reconhecimento e a construção da identidade dos trabalhadores, o reconhecimento do trabalho, da relação do homem com o real.

O início da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil deu-se com o lançamento do livro “A loucura do trabalho”, de Christophe Dejours, em 1987, como uma nova proposta teórica trazida pela obra, foi um livro revolucionário no mundo trabalho.

A obra de Dejours (1987) tornou-se referência para muitos pesquisadores que atuam no mundo trabalho e suas interfaces. A discussão e a abordagem apresentadas nesse livro eram inovadoras, provocaram muitos incômodos nos gestores, trouxeram muitas respostas e abriram caminhos e possibilidades para que se pudessem pensar as consequências do trabalho – em especial pela forma pela qual ele, trabalho, está organizado – sobre a saúde psíquica dos trabalhadores e as condições de trabalho. Também sobre o trabalho prescrito e o trabalho real e os sentidos do trabalho.

Na realidade, provocou uma revolução radical de como ver, perceber, pensar e agir sobre o trabalho. A nova proposta veio preencher uma lacuna, no Brasil e no mundo, sobre capital e trabalho e na maneira pela qual eram compreendidas essas relações, que, até aquele momento, encontravam-se restritas a enfoques da Administração, da Ergonomia, da Psiquiatria e da Psicologia do trabalho, para os quais o trabalho representava, quando muito, um “fator desencadeante” de distúrbios latentes. A nova abordagem provou uma fusão criativa e prática das categorias da Psicologia, da Psicanálise, da Ergonomia e da Sociologia do trabalho para poder pensar o papel que o trabalho colocava na construção do difícil equilíbrio psíquico que os trabalhadores devem estabelecer para se manterem saudáveis em ambientes de trabalho muito hostis. Dejours (1987) descortina, desvela um mundo oculto em que os trabalhadores trabalhavam sob a ótica da subjetividade e da intersubjetividade. Na verdade, ele permite objetivar o invisível nas ações do trabalho. Passa a dar visibilidade àquilo que até então não era só percebido, mas ocultado e não reconhecido. Dejours (1990) vem mostrar que o trabalho é constituinte da identidade dos sujeitos.

O interesse pelos pesquisadores e leitores brasileiros pela Psicodinâmica tem crescido nas participações em congressos e produção de livros e artigos científicos e dissertações de Mestrado e teses de doutoramento; a evidência está nos congressos Internacionais e Brasileiros realizados no Brasil nesses últimos dez anos. Também o interesse nas universidades pela abordagem tem crescido com a criação de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, cursos de especialização e extensão e disciplinas sendo oferecidas, por exemplo, na Universidade de Brasília-UnB, Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Federal de Goiás- UFG, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRG, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Mato Grosso, Universidade Federal de Santa Catarina, entre outras instituições superiores de ensino - IES.

As contribuições das pesquisas realizadas na França por Abrahão (1986); Christophe Dejours, diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho do Conservatório Nacional de

Artes e Ofícios de Paris, criador da teoria; (1980, 1987, 1992, 1995 1999, 2000); Christian Jayet, Paris; Dejours e Abdoucheli (1990); Betiol (1994); Heliete Karan, da Universidade de Paris; Isabelle Gernet, professora da Universidade de Lille; Thomas Périlleux, professor da Universidade Católica de Louvain, Bélgica e no Brasil por pesquisadores como Ana Magnólia Mendes (1995); Mendes e Abrahão (1996), Mendes (1996), Mendes e Tamayo (2001), Ferreira e Mendes (2001) e Morrone (2001); Macêdo (2009, 2010, 2011) têm em comum a crítica ao modelo taylorista e funcionalista-positivista em que as organizações ainda continuam operando e demonstram que é a organização do trabalho a responsável pelas consequências causadoras de sofrimento e de adoecimento ou favoráveis para o funcionamento psíquico do trabalhador. Segundo Dejours (1987), o taylorismo é responsável por uma tripla divisão: divisão do modo operatório, divisão do organismo entre órgãos de concepção intelectual, enfim, divisão dos homens, compartimentados pela nova hierarquia. Afirmando, ainda, que o trabalhador, artesão do trabalho, desaparece para dar à luz a um aborto, isto é, um corpo instrumentalizado operário de massa, despossuído de seu potencial intelectual e de seu trabalho mental.

QUADRO 7 Distribuição dos autores em Psicodinâmica no Brasil, por instituição.

Local	Instituição Acadêmica de Ensino	Pesquisador
Brasília	Universidade de Brasília – UnB Uniceub-DF Universidade Católica de Brasília - UCB	Profª Drª Ana magnólia Bezerra Mendes. Prof.Dr. Mário Cesar Ferreira Profª Drª Elisabeth Zulmira Rossi. Prof.Dr. José Vieira Leite Profª Drª Kátia Tarouquella Brasil. Prof. Dr. João Ferreira Batista Profª Drª Júlia Issy Abrahão Profª Drª Magali Costa Guimarães. Profª Drª Lêda Gonçalves de Freitas.
Minas Gerais	PUC - MG	Prof.Dr. José Newton Garcia de Araújo
Rio Grande do Sul	UFRGS Unisinos UFPR UFRGS	Prof.Dr. Álvaro Roberto Crespo Merlo Profª Drª Janine Kieling Monteiro Profª Drª Lis Andrea Soboll Profª Drª Tatiana Cardoso Baierle
Rio de Janeiro	UFPR UFF	Profª Drª Marta Rezende Cardoso Prof.Dr. Fernando de Oliveira Vieira
Amazonas	UFAM	Profª Drª Rosangela Dutra de Moraes
Santa Catarina	UCRC.	Profª Drª Soraya Rodrigues Martins
São Paulo	USP USP Unicamp	Profª Drª Selma Lancman Prof. Dr.Laerte Idal Sznelwar Prof. Dr.Roberto Heloani
Goiás	PUC-GO IPOG ALFA	Profª Drª Kátia Barbosa Macêdo Profª Drª Lúcia Kratz de Sousa Profª Drª Roseli Pires
Maranhão	UFMA	Profª Drª Carla Vaz dos Santos Ribeiro
Rio G. Norte	UFRGN	Prof.Dr. Pedro Bendassolli

Fonte: adaptado pelo autor de Pires (2011) e do *site* da ANPEPP, (2012).

Conforme os dados disponíveis encontrados na ANPEPP, UnB e nas teses de Doutorado pesquisadas, atualmente, o Brasil conta com 31 pesquisadores em Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, sendo onze no Distrito Federal/Brasília, que conta com o grupo pioneiro e com o maior número de pesquisadores coordenados pela Prof^a Dr^a Ana Magnólia Bezerra Mendes da Universidade de Brasília- UnB. Essa professora defendeu suas teses de doutoramento e de pós-doutorado na França com Dr. Christophe Dejours; em seguida o grupo de Goiás coordenado pela Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo com cinco pesquisadores que tem ótima produção científica com cinco livros publicados e mais de vinte artigos e trabalhos publicados; e o grupo do Rio Grande do Sul também com cinco pesquisadores tendo à frente o Prof. Dr. Álvaro Roberto Crespo Merlo, um nome de destaque no Brasil e nos congressos; em terceiro lugar, o grupo de São Paulo, com três pesquisadores que produzem muito com vários livros traduzidos e publicados, por último, os estados de Santa Catarina, que conta com a Prof^a Dr^a Soraya Rodrigues Martins, nome de destaque no cenário nacional e o Maranhão, Amazonas e Minas Gerais com um pesquisador cada.

De acordo com Mendes e Morrone (2010), em uma análise longitudinal que demarca a construção dessa recente abordagem que é a Psicodinâmica do Trabalho, sinalizam-se três etapas bem definidas, com características de definição e reformulação de conceitos e ampliação das abordagens e por novas integrações de vertentes conceituais.

O momento atual, segundo Mendes (2012), apresentou o modelo abaixo no V CBOPT Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho no Rio de Janeiro. O modelo apresentado por Mendes (2012) consta de três dimensões: organização do trabalho, mobilização do trabalho e as patologias. O Brasil tem-se destacado em pesquisa na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho.

Mendes (2012) tem desenvolvido um Modelo do método da Psicodinâmica do Trabalho adotado no Brasil, que apresentou no recente Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho, no Rio de Janeiro, em maio de 2012. Esse modelo já foi consagrado por Dejours (1993 1999,2000).

No decorrer desse período de levantamento de dados da pesquisa de Mendes e Morone (2010), pôde-se perceber a relevante importância para os avanços teóricos realizados até o momento. No levantamento bibliográfico realizado pelas pesquisadoras brasileiras no período de 1998 a 2007 foi considerada apenas a produção científica que abordou aspectos do sofrimento psíquico do trabalhador sob a ótica da Psicodinâmica e que apresentou texto completo ou resumos que fornecessem elementos satisfatórios para a compreensão temática, revelou-se o total de 123 estudos, evidenciando os avanços da Psicodinâmica no País, no

período, sendo que 59,3% deles produzidos nos últimos três anos e 25,2% em 2007. No período entre 2008 e 2012 mais dezessete artigos registrados e dezesseis dissertações e teses de doutoramento. As fontes de referência da pesquisa são teses de doutoramento e dissertações de Mestrado, disponíveis no Banco de Dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (Capes) assim como artigos de periódicos acessíveis no *site do Científic Eletrônico Libraryon-line*. No Quadro 8, têm-se os resultados desses levantamentos.

QUADRO 8 Pesquisas brasileiras no período de 1998 a 2012

Período	Artigo, Teses e dissertações.	Total de estudos
1998 a 2007	59,3%	73
2007	25%	50
2008 a 2012	17 artigos e 16 dissertações e teses.	33
1998 até 2012	-	156

Fonte: adaptado de Mendes e Morrone (2011)

A pesquisa feita por Mendes e Morrone (2010) estudou a atividade com trabalhadores da área de saúde (enfermeiros, agentes comunitários, auxiliares e técnicos de enfermagem); educação; bancária; teleatendimento, serviço público, construção civil e cargos operacionais entre outros no Quadro 9:

QUADRO 9 Pesquisadores na abordagem Psicodinâmica e Clínica do Trabalho por região no Brasil

Tipo da Pesquisa	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro Oeste	Região Nordeste
	(São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo.).	(Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina).	(Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal).	(Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe).
95% qualitativa	36,5%	22,8%	21,13%	19,5%

Fonte: Desenvolvido pelo pesquisador, com base em Mendes e Morrone (2011).

Percebe-se, na pesquisa recente de 2010 de Mendes e Morrone, que o tipo de pesquisa é predominantemente qualitativo e a região do Brasil onde mais se produz é a Sudeste. E foram estudados os núcleos temáticos: caracterização das vivências de prazer e de sofrimento psíquico no trabalho; fatores propiciadores à vivência de sofrimento e de prazer no trabalho; modos de enfrentamento do sofrimento e interfaces da Psicodinâmica com outras correntes teóricas.

Karam (2010), em sua pesquisa, apresenta alguns pontos de destaque para o desafio da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil, tendo em vista ser o Brasil o segundo país depois da França a dar mais impulso a essa abordagem que tem sido construída em diversos espaços no mundo do trabalho, em diversos países (Quadro 10):

QUADRO 10 Pontos de destaque da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho segundo Karan (2010)

Pontos importantes da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho	
1	A construção do espaço coletivo de discussão;
2	Levar o trabalhador à aquisição de outra inteligibilidade do sofrimento e do trabalho
3	Trabalhar com uma clínica se pauta pela cooperação, em um mundo que se deixa colonizar pela competitividade como valor.
4	A escuta de risco e o compromisso com a verdade;
5	Viabilizar a elaboração coletiva das experiências.

Fonte: O pesquisador com base em Karan (2010)

Percebe-se, nos pontos assinalados por Karan (2010), que o mundo do trabalho sinaliza um novo paradigma em construção no espaço de trabalho com mais saúde e dignidade pelo reconhecimento, pela autonomia e pela liberdade.

As primeiras dissertações defendidas no Brasil sob orientação da Prof^ª Ana Magnólia Mendes, da UnB, estão muito próximas das primeiras pesquisas feitas na França por Christophe Dejours nas décadas de 1980 e 1990, o que mostra que o Brasil tem acompanhado de perto a evolução das pesquisas da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho. As dezessete orientações de dissertações sobre Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, feitas pela Prof^ª Dr^ª Ana Magnólia Mendes, representam uma produção muito significativa para essa abordagem no Brasil e no mundo. A seguir, é apresentada, no Quadro 11, a produção de seis teses de doutoramento no período entre 2006 e 2012, o que representa também uma produção muito significativa na qualificação de pesquisadores dessa abordagem para o Brasil.

QUADRO 11 Teses (Doutorado em Psicologia) defendidas no Programa *stricto sensu* da UnB sob orientação da Prof^ª Dr^ª Ana Magnólia Mendes no período de 2006 a 2011

Ano	Título/autor
1	2011 PAULA, Patrícia Pinto. Saúde Mental na Atenção Básica: Política, Trabalho e Subjetividade. 203 f.
2	2011 LIMA, Suzana Canez da Cruz. Coletivo de Trabalho e Reconhecimento: uma análise Psicodinâmica dos cuidadores sociais. 216 f.
3	2011 FERREIRA, João Batista. O poder constituinte do trabalho vivo: análise Psicodinâmica da criação literária. 203 f.
4	2008 ROSSI, Elisabeth Zulmira. Reabilitação e reinserção no trabalho de bancários portadores de LER/DORT: Análise Psicodinâmica. 2008. 270 f.
5	2008 BEDANI, Marcelo. Valores, práticas e criatividade organizacional: Estudo do perfil cultural de uma instituição bancária. 2008. F.
6	2006 FREITAS, LEDA GONÇALVES. Saúde e processo de adoecimento no trabalho dos professores em ambiente virtual. 2006. 245 f.
7	1999 MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional. 1999. 306 f. Tese (Doutorado em Psicologia) sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Tamayo.

Fonte: Desenvolvido pelo pesquisador, com base no Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho/UnB⁴

O estado de Goiás, desde 2007, tem-se destacado na Psicodinâmica e Clínica do Trabalho graças à pesquisa, à iniciativa, à orientação e à coordenação da Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, que criou o projeto pioneiro no estado e um dos mais importantes no Brasil denominado “O trabalho dos trabalhadores de arte, entretenimento e lazer: uma abordagem Psicodinâmica”, em que foram desenvolvidas doze pesquisas relacionadas à Psicodinâmica do Trabalho. Tais pesquisas tiveram como foco ampliar o conhecimento sobre as atividades laborais dos trabalhadores e as organizações em que atuam, investigando fatores como organização e condições de trabalho, vivências de prazer e de sofrimento e as estratégias de enfrentamento individuais e coletivas que os profissionais utilizam (PIRES, 2011).

Esse trabalho do Grupo de Pesquisa em Psicodinâmica e Clínica do Trabalho, coordenado pela Prof^a Kátia Barbosa Macêdo, organizou duas pesquisas, uma sobre arte (parte 1) e outra sobre entretenimento e lazer (parte 2). Desse projeto pioneiro, em Goiás e no Brasil, resultaram três livros, um intitulado “O trabalho de quem faz arte e diverte o outro”, que é uma coletânea de trabalhos e pesquisas, organizada pela Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, publicado em 2009 pela editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC– Goiás. O outro foi lançado em 2012, no V CBPOT no Rio de Janeiro, intitulado “Dominação e Resistência no contexto trabalho-saúde” organizado por Mário César Ferreira, José Newton Garcia de Araújo, Cleverson Pereira de Almeida e Ana Magnólia Mendes, pela editora Mackenzie; e o terceiro são trabalhos apresentados no II Congresso Brasileiro de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho realizado em Florianópolis em 2010 e em Brasília em 2011.

O grupo de pesquisa coordenado pela Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo abriu um espaço inovador e, ao mesmo tempo, desafiador no estado de Goiás.

O Quadro 12 apresenta a produção atual do Mestrado e do Doutorado em Psicologia na linha de pesquisa Psicologia social, trabalho e organizações na abordagem da Psicodinâmica e Clínica do Trabalho sob a coordenação e orientação da Prof^a. Dr^a Kátia Barbosa Macêdo da PUC-Goiás.

QUADRO 12 Dissertações de Mestrado do Programa Stricto Sensu de Psicologia da PUC-GO defendidas sob orientação da Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo na abordagem Psicodinâmica do Trabalho.

⁴ Dados obtidos junto ao Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho da UnB.

	Ano	Título/autor
1	2012	CARVALHO, Fabiana Os gestores do ensino superior e suas vivências em relação ao trabalho: uma abordagem Psicodinâmica. Qualificou em setembro/12 e defesa prevista para dezembro/2012.
2	2012	GUIMARÃES, Edward. O empreendedorismo a partir de uma visão Psicodinâmica. Qualificou em setembro/12 e defesa prevista para dezembro/2012.
3	2010	SILVA, Kássia Kely Gomes. O trabalho para o atleta profissional de futebol: uma perspectiva Psicodinâmica.
4	2010	RIBEIRO, Nívia Chaves. O trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas: uma abordagem Psicodinâmica.
5	2009	TOMAZINI, Talita. As vivências dos trabalhadores de um Shopping Center em relação ao seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica.
6	2008	ASSIS, Tavares Ferreira de. O trabalho em uma banda de Blues: uma abordagem Psicodinâmica. Daniela.
7	2008	ARAÚJO, Robson Luis de. O trabalho dos professores de ginástica de uma academia: entre o divertir e o sofrer.
8	2008	BRASILEIRO, Juliana Evangelista. A vida no circo: Psicodinâmica e sentidos do trabalho.
9	2007	DIAS, Fabiana Ramos. As vivências dos trabalhadores de uma organização de entretenimento: uma abordagem Psicossociológica e Psicodinâmica.
10	2003	SANTOS, Elise Alves dos. O Trabalho dos Bailarinos Profissionais de uma Companhia de Dança Contemporânea: uma perspectiva Psicodinâmica.
11	2003	FERNANDES, Janete Capel. As vivências de prazer e de sofrimento: um estudo exploratório com trabalhadores de um hotel em Goiânia.
12	2003	CAIXETA, Cássia Maria Moura. A Psicodinâmica do Trabalho em uma organização comercial com contexto de qualidade de vida no trabalho.
13	2003	MACEDO, Goiacira Nascimento Segurado. A Construção da Relação de Gênero no Discurso de Homens e Mulheres, Dentro do Contexto Organizacional.

Fonte: desenvolvido por Bueno (2012).⁵

Observa-se que a produção de dissertações no Programa *Stricto Sensu* de Psicologia da PUC-Goiás sob orientação da Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo tem apresentado um bom nível de produção quando se compara com outros núcleos no Brasil, o que mostra a pujança do programa e do Grupo de pesquisa que se destaca nos principais congressos sobre Psicodinâmica e Clínica do Trabalho no Brasil. No último V CBPOT- Congresso Brasileiro de Psicologia Organizacional e do Trabalho houve nove trabalhos aceitos e apresentados entre apresentação breve de pesquisa, mesas redondas e simpósios e três livros lançados no Congresso com capítulos dos membros do grupo de pesquisa coordenado pela Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo. Com a criação do curso *lato sensu* de Psicodinâmica e Clínica no Trabalho na PUC-Goiás tudo indica que a produção científica irá avançar mais ainda no estado. No quadro 13 é apresentada a produção de teses defendidas no período de 2010 e 2011.

QUADRO 13 Teses de Doutorado defendidas na PUC-GO sob orientação da Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo na abordagem Psicodinâmica do Trabalho

	Ano	Título/Autor
1	2011	VIEIRA, Roseli. Os sentidos do trabalho para os atores de teatro: uma abordagem Psicodinâmica

⁵ Dados obtidos junto ao grupo de pesquisa em Psicodinâmica e Clínica do Trabalho da Prof^a Kátia Barbosa Macêdo.

2	2010	SOUZA, Lúcia Kratz de. As vivências dos designers de moda: uma abordagem Psicodinâmica
---	------	--

Fonte: Desenvolvido por Bueno (2012)⁶

No entanto, o grupo de pesquisadores coordenados pela professora e orientadora Kátia Barbosa Macedo está trabalhando em diversas pesquisas empíricas, como mostram os trabalhos apresentados no Quadro 14, para ser concluídos no período de 2012 a 2015, ao passo que, no Quadro 13, é apresentado o status atual das teses de Doutorado em andamento com trabalhos, artigos e capítulos de livros já apresentados e publicados nesses últimos quatro anos referentes às teses.

QUADRO 14 Teses de Doutorado em andamento no Programa *stricto sensu* Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC- Goiás, sob orientação da Prof^a Dr^a Kátia Barbosa Macêdo da PUC-Goiás iniciadas em 2009, 2010, 2011 e 2012

	Ano	Título/Autor
1	2009-2012	BUENO, Marcos “As vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica.” Qualificado em setembro/12.
2	2010-2013	DEMITO Alessandra. “O adoecimento do professor universitário”. Início: 2010 e conclusão prevista para 2013.
3	2010-2013	CARVALHO, Diógenes. O consumidor endividado: culpado ou vítima do sistema? Início: 2010 e conclusão prevista para 2013.
4	2011-2014	BEVILACQUA, Sólon Consumo de produtos de luxo: uma visão Psicodinâmica. Início: 2011 e conclusão prevista para 2014.
5	2011-2014	SILVA, Helcia Daniel da. Clínica do trabalho em grupo de trabalhadores vítimas de assédio moral. Início: 2012 e conclusão prevista para 2014.
6	2012-2015	GUIMARÃES, Daniela Cristina. Clínica do trabalho em grupo de trabalhadores comerciários Início: 2012 e conclusão prevista para 2015.

Fonte: Desenvolvido por Bueno (2012)⁷

Pode-se observar que, durante os anos de 2008 a 2011, foram defendidas duas teses de doutoramento, enquanto no período de 2009 a 2015 estão previstas e bastante adiantadas sete teses de doutoramento, o que evidencia um aumento significativo da produção e da qualificação. Os doutorandos têm apresentado trabalhos em congressos no Brasil e no exterior e com participação no GT da ANPEPP.

A Figura 8 possibilita melhor visualização das pesquisas e de aspectos semelhantes ou não nas organizações pesquisadas no segmento de entretenimento, lazer e arte.

⁶ Dados obtidos junto ao grupo de pesquisa de psicodinâmica e clínica do trabalho da professora Kátia Barbosa Macêdo da PUC-Goiás, 2012.

FIGURA 8 Pesquisas desenvolvidas com trabalhadores que atuam na área artística



Fonte: Desenvolvida pelo pesquisador.

Nas pesquisas sobre arte, foram encontrados diversos pontos coincidentes com relação ao prazer nas relações socioprofissionais; bom relacionamento interpessoal; bom ambiente de trabalho, no que tange aos pontos: segurança e estabilidade; divisão do trabalho; sobrecarga de trabalho; pressão interna; remuneração salarial; ausência de benefícios (plano de saúde e outros); ausência de tempo livre; falta de autonomia; trabalho individualizado; deixam muito a desejar. No caso dos escritores, eles não têm carteira de trabalho assinada, não têm qualquer tipo de garantia trabalhista nem para aposentadoria ou benefícios e eles precisam ter tudo isso de forma independente e dependem de outra profissão que de o sustento financeiro.

Pontos diferentes encontrados nas pesquisas de arte foram liberdade e autonomia; reconhecimento no trabalho, do público externo; horários totalmente livres e independe, cada escritor faz o seu; idade não é limitadora para escrever; alguns tipos de preconceito; insegurança no trabalho; condições de trabalho precárias; ausência quase completa de remuneração; trabalham sozinhos; trabalho significa prazer, satisfação e orgulho; precisam muito de reconhecimento do público; horários de trabalho diferenciados e livres; acreditam que são artistas; capacidade de autonomia; realização pessoal.

No próximo capítulo é apresentado o método com base na teoria de Dejours utilizado na pesquisa. Foram utilizados dois métodos, o primeiro denominado de Estudo 1, uma pesquisa do tipo documental nos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles e o livro “O lugar do escritor” de Eder Chiodetto, um trabalho foto documental de 36 escritores de renome nacional, dos quais doze fazem parte dos Cadernos de Literatura Brasileira; e o Estudo 2, a pesquisa de campo com nove escritores filiados à União Brasileira de Escritores Seção Goiás.

CAPÍTULO 4

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo deste capítulo é apresentar o delineamento metodológico utilizado no trabalho. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu *labor* e ao processo criativo, a partir da Psicodinâmica do Trabalho.

A partir desse objetivo geral, construíram-se os seguintes objetivos específicos: (a) analisar a organização do trabalho literário; (b) descrever as vivências dos trabalhadores literários em relação às condições e relações de trabalho; (c) levantar dados sobre quais as estratégias defensivas ou de enfrentamento do sofrimento foram utilizados pelos Escritores Literários relatados no livro de Eder Chiodetto “O lugar do escritor” e nos Cadernos de Literatura Brasileira do IMS e pelos escritores filiados a UBE-GO em relação ao seu trabalho.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa em dois estudos buscou esclarecer se os escritores literários conseguem superar e transformar o sofrimento psíquico, utilizando a sublimação como estratégia defensiva ou de enfrentamento.

Tendo em vista a singularidade e inovação em termos de pesquisa nesse tema definiram-se, também, questões norteadoras para a pesquisa: (1) Quais são os sentidos atribuídos ao trabalho pelo escritor literário, partindo das categorias da Psicodinâmica do Trabalho?; (2) se o trabalho do escritor literário pode gerar vivências de prazer e de sofrimento, seria o processo criativo uma estratégia de enfrentar o sofrimento?; (3) de que forma a sublimação atua no processo criativo do escritor literário, como fator de constituição de identidade?

Durante a pesquisa, foram identificados alguns pressupostos na realização do trabalho, que a nortearam: o primeiro deles é que o trabalho literário é artístico, sendo resultado do processo criativo e pode significar autonomia, levando o autor a reconhecer-se e a identificar-se com sua obra, além de levar à superação e à emancipação. O segundo, o processo criativo do escritor se constitui pela sublimação e pelo fantasiar como mecanismo de enfrentamento das vivências de sofrimento do artista. E o terceiro, dependendo das configurações que esse

sofrimento adquire (se criativo ou patogênico), o escritor-artista poderá submeter-se a um processo de fragilização do Ego, indicando uma tendência a sublimar ou a adoecer.

Como referencial teórico de análise do *corpus* da pesquisa, foi escolhida a abordagem da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, que tem metodologia própria. Nas palavras de Rossi (2010),

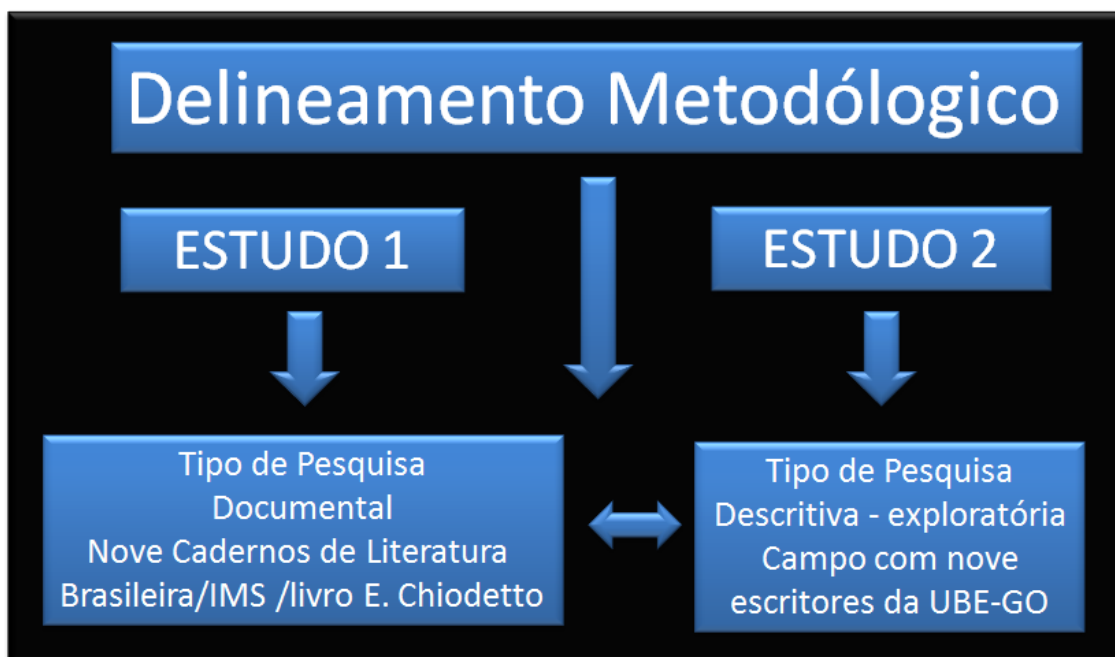
A metodologia de pesquisa da Psicodinâmica do Trabalho está apoiada na epistemologia das ciências históricas e hermenêuticas, que recorre à técnica de interpretação. O seu objetivo é a elaboração da vivência do sofrimento no trabalho à medida que permite desvendar a vivência subjetiva dos sujeitos em relação à organização do trabalho; perceber aquilo que na organização é fonte de pressões, de dificuldades, de desafios passíveis de ocasionar sofrimento, mas também de prazer (ROSSI, 2010, p. 113).

Com vistas a alcançar os objetivos descritos anteriormente, o estudo buscou esclarecer se os escritores conseguem superar e transformar o sofrimento psíquico por meio da sublimação como estratégia de enfrentamento.

4.1 Dois Estudos

Este pesquisador optou por realizar dois estudos complementares. O primeiro foi documental baseado nos CLBs e bibliográfica, usando como fonte o livro de Chiodetto (2002) “O lugar do escritor”. O Estudo 2 teve o caráter descritivo exploratório, que, segundo Triviños (1999, p. 14), “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. Foram utilizadas as categorias da Psicodinâmica do Trabalho para analisar o trabalho literário e analisar se o fato de esse trabalho for criativo indica uma forma de resistência diante do sofrimento. Na Figura 9, são apresentados de forma gráfica os dois tipos de pesquisa utilizados no delineamento metodológico.

FIGURA 9 Representação gráfica dos dois tipos de pesquisa utilizados



Fonte: O pesquisador

O Estudo 1 é uma pesquisa do tipo documental com recortes das publicações nos Cadernos de Literatura Brasileira-CLBs do Instituto Moreira Sales, com sede em São Paulo e no Rio de Janeiro: uma organização de referência no meio acadêmico, intelectual e sociocultural com relação a arte, a cultura e a grandes nomes da literatura nacional. Também complementa uma pesquisa bibliográfica com trechos de falas dos escritores escolhidos do livro de Chiodetto (2002) "O lugar do escritor", que fotografou e entrevistou 36 escritores brasileiros de renome nacional, em seus locais de trabalho esses, onze estão também nos Cadernos de Literatura Brasileira.

O objetivo de utilizar dois estudos foi construir uma base de dados com conhecimento *a priori* sobre os sentidos e significados do trabalho para os escritores literários. Essa leitura prévia sobre os escritores relacionados nos Cadernos de Literatura Brasileira forneceu informações adequadas para o Estudo 2, que foi a pesquisa de campo com os escritores filiados à UBE-GO.

Para realização da pesquisa, utilizou-se a metodologia da Clínica Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (1992). O material de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho é uma observação comentada, conforme Dejours (1992, p. 154) "afasta-se da objetivação do dizer dos trabalhadores, para a objetivação da intersubjetividade". A palavra livre com autonomia é,

assim, um instrumento mediador privilegiado, complexo, sendo a principal fonte de pesquisa, entendida como um discurso, que deve ser analisado segundo um método adequado. Nesse trabalho, foi utilizado o método discursivo Lane (1984) como um ato, e não como uma série de palavras comumente registradas em entrevistas ou em questionários que não levam em conta esse olhar inter e intrassubjetivo. Dejours (1992) foi buscar na teoria comunicacional de Habermas (1987) o conhecimento para a interpretação dos discursos.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas (1987) tem sido objeto de estudo e de pesquisa de muitos estudiosos que buscam associá-la a diversas áreas; em especial no campo do trabalho, os três mundos que se integram — o objetivo, o social e o subjetivo. Habermas (1987) defende a coletividade em detrimento da individualidade, destaca que sua teoria tem como objeto principal romper com o poder da interpretação correta, única, centralizada. Dejours (1992) utilizou a proposta de Habermas (1987) com relação ao poder da comunicação, da palavra sob medida.

Habermas, por sua vez, buscou em Popper a ideia de um mundo social reflexivo, tentando, portanto, propor a ideia da construção da ordem social por meio da partilha de significados: a definição de uma situação estabelece uma ordem [social]. Por meio dela participantes em um processo de comunicação atribuem os vários elementos de uma situação de ação a cada um dos três mundos [o objetivo, o social e o subjetivo] e, desse modo, incorporam a situação de ação atual no seu mundo da vida pré-interpretado. A definição da situação por outra parte que diverge da definição de um de nós coloca um problema de tipo peculiar, pois, em um processo cooperativo de interpretação ninguém possui o monopólio da interpretação correta (AVRITZER, 2000, p. 6).

A Teoria da Comunicação de Habermas (1987) foi desenvolvida a partir de um campo que engloba não somente as pessoas, mas também o ambiente social em que elas vivem. Esse ambiente envolve a cultura, a linguagem e as ações que são desenvolvidas nesse contexto. Percebe-se, na proposta de Habermas, a complexidade do mundo comunicacional e sua integração com pessoas, linguagem, ambiente social e suas variáveis culturais. Dessa forma, traz uma importante contribuição ao campo da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, já que envolve conversa ação dirigida por regras e ação subjetiva.

Existem três tipos puros de ação comunicativa, que é a conversa, a ação dirigida por regras e a ação dramática. Junto com as atitudes básicas, objetivando, em conformidade com as normas e expressiva atitude performativa, são introduzidas simultaneamente no mundo objetivo, social e subjetivo. As patologias da comunicação são o resultado de uma confusão entre ações orientadas para o sucesso e ações voltadas para o entendimento (HABERMAS, 1987, p. 58).

Após o levantamento das informações sobre o sentido do trabalho e suas vivências, obtidas nos Cadernos de Literatura Brasileira e no livro “O lugar do escritor”, de Chiodetto (2002) passou para a aprovação da pesquisa pela instituição (UBE-GO), realizaram-se as seguintes etapas: pesquisa inicial para levantamento de informações e confirmação da demanda, que incluíram alguns contatos iniciais e entrevistas informais com o Presidente da UBE-GO e os escritores; visita a UBE-GO e conhecimento de sua dinâmica e organização de trabalho e, por fim, escuta em forma de entrevistas individuais, no início, e coletiva no final de um grupo de escritores, que participaram dos encontros por livre adesão, propondo-se a responder as perguntas norteadoras e a discutirem temas relativos às suas vivências subjetivas na situação de trabalho, tendo como norteadores os objetivos de pesquisa. Destaca-se que a pesquisa inicial e as entrevistas informais não foram apresentadas na discussão dos resultados, pois tiveram como objetivo apenas conhecer a organização e o perfil do grupo, antes de iniciar os encontros e confirmar a demanda, conforme é a proposta de Dejours (1992).

Os encontros iniciais com os escritores e a leitura dos Cadernos de Literatura Brasileira e do livro de Chiodetto (2002), puderam confirmar o propósito de analisar as vivências de prazer e de sofrimento dos escritores literários em relação ao seu trabalho, que estão apresentadas no Estudo 2, em continuação ao Estudo 1 e realizado com nove escritores literários filiados à União Brasileira de Escritores seção Goiás, a mais antiga do Brasil (1945).

O motivo da escolha dos dois estudos foi consequência do levantamento do *corpus* da pesquisa realizado durante a fase inicial da pesquisa, de 2009 a 2010 e a dificuldade de localizar pesquisas e teses de Doutorado específicas relacionadas ao tema, “trabalho literário e Psicodinâmica”.

Na área da Psicologia foram localizadas apenas duas teses de Doutorado já informadas anteriormente, mas não na área desta pesquisa, comentadas no capítulo terceiro, sobre Psicodinâmica. Na área de literatura, a Professora Dr^a Kênia Maria Pereira, do Curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, produziu um texto sobre escritores, denominado “Prazer rima com sofrer na literatura” e indicou uma pesquisa na base de dados dos Cadernos de Literatura Brasileira CLBs do Instituto Moreira Salles e, nesse banco de dados, registra desde 1996 as contribuições e a produção dos principais nomes da literatura, a maioria já falecidos; uma parte desses cadernos aborda o trabalho dos escritores e suas vivências, o eixo central da presente pesquisa.

4.2 Delineamento metodológico - Estudo 1

Segundo Silva, Almeida e Guindani (2009), a pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais, porque a maior parte das fontes escritas – ou não – é quase sempre a base do trabalho de investigação. Apresenta-se como um método de escolha e de verificação de dados; visa ao acesso às fontes pertinentes e, a esse título, faz parte integrante da heurística de investigação. Portanto, a pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir conhecimentos, criar formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como têm sido desenvolvidos. O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais, porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. Por exemplo, na reconstrução de uma História vivida.

4.3 Estudo 1 Análise Documental dos discursos dos escritores a partir dos Cadernos de Literatura Brasileira Instituto Moreira Salles

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas em um passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que eles permitem acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, de grupos, de conceitos, de conhecimentos, de comportamentos, de mentalidades, de práticas, entre outros. Para Cellard (2008, p. 295-296). “A técnica documental vale-se de documentos originais, que ainda não receberam tratamento analítico por nenhum autor. [...] é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas.” Tanto a pesquisa documental como a pesquisa bibliográfica tem o documento como objeto de investigação. No entanto, o conceito de documento ultrapassa a ideia de textos escritos e/ou impressos (FIGUEIREDO, 2007).

Cellard (2008) comenta a avaliação preliminar dos documentos. Tal avaliação constitui a primeira etapa de toda a análise documental que se aplica em cinco dimensões:

contexto, autor (ou os autores), autenticidade e confiabilidade do texto. Foram adotadas as cinco categorias de análise propostas por Dejours (1993): organização, condições de trabalho, mobilização subjetiva: vivências de prazer e de sofrimento e estratégias defensivas ou de enfrentamento.

4.3.1 Objetivo da pesquisa

O objetivo foi identificar e analisar a produção literária em nove Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, no período entre 1996 e 2011. Essas revistas são as mais representativas, em termos de literatura no Brasil, e congregam os melhores e mais produtivos autores literários no Brasil. Há que se considerar também que há número insuficiente de publicações que envolvam literatura e Psicologia para uma análise que nos permita conhecer as vivências de prazer e de sofrimento em relação ao trabalho dos escritores literários no Brasil, o estado da arte da Psicologia e literatura no Brasil.

Com base nessa leitura e análise, primeiramente, do livro de Eder Chiodetto “O lugar do escritor” e, em seguida, nos Cadernos de Literatura Brasileira, foi possível consolidar e validar a pesquisa de campo com os escritores da União Brasileira de Escritores seção Goiás. Pôde ser comprovado, no final da pesquisa, que as dificuldades em relação às vivências de prazer e de sofrimento no trabalho dos escritores são bastante semelhantes.

4.3.2 O método

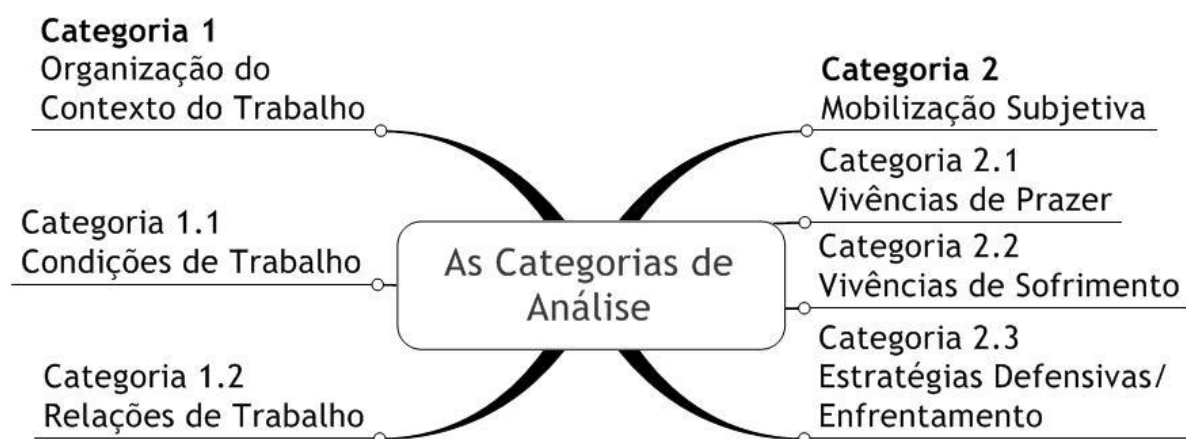
Foi utilizada como método a leitura sistemática dos Cadernos de Literatura Brasileira, visando a identificar as vivências de prazer e de sofrimento em relação ao trabalho dos escritores e sua categorização conforme a corrente teórica da Psicodinâmica do Trabalho. Dessa forma, foi possível definir um quadro representativo das vivências e do trabalho dos escritores literários a partir dessas publicações, únicas no Brasil, ao que tudo indica, pelo levantamento feito singular em pesquisa de Doutorado envolvendo o trabalho literário com a abordagem da Psicodinâmica. Ao mesmo tempo, trata-se também de contribuir com a História recente da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil, à medida que foi possível traçar um paralelo

entre as vivências e do trabalho dos escritores relatados nos Cadernos de Literatura Brasileira com a pesquisa de campo feita com nove escritores filiados à União Brasileira de Escritores seção Goiás no período entre 2010 e 2012.

4.3.3 As categorias de análise

Foram utilizadas as mesmas categorias de análise da Psicodinâmica da pesquisa de campo com os escritores da UBE-GO, conforme a Figura 10.

FIGURA 10 Categorias de análise da Psicodinâmica



Fonte: Desenvolvida pelo pesquisador, com base em Dejours.

4.3.4 O campo de pesquisa: breve histórico do Instituto Moreira Sales/Cadernos de Literatura Brasileira

Fundado em 1992, pelo embaixador e banqueiro Walther Moreira Salles (1912-2001), o Instituto Moreira Salles é uma entidade civil sem fins lucrativos, que tem por finalidade exclusiva a promoção e o desenvolvimento de programas culturais. Seu acervo reúne cerca de 550.000 fotografias, 100.000 músicas (entre as quais, 25.000 gravações digitalizadas), uma biblioteca com 400.000 itens (quase 90.000 deles catalogados) e uma pinacoteca com mais de 3.000 obras. Entre as coleções desse conjunto, que são mantidas por meio das mais modernas técnicas de restauração e de conservação, destacam-se as de Marc Ferrez, Marcel Gautherot,

José Medeiros, José Ramos Tinhorão, Humberto Franceschi, Pixinguinha, Decio de Almeida Prado e Ana Cristina Cesar.

O IMS possui três centros culturais, em que promovem exposições, palestras, shows, ciclos de cinema e eventos. Na área editorial, além de livros e catálogos de arte, publica a série Cadernos de Literatura Brasileira e duas revistas de ensaios. O Instituto Moreira Salles reúne e preserva acervos que pertenceram a personalidades da cultura brasileira. São coleções compostas por livros, revistas, manuscritos, discos, fotografias, correspondências, partituras e obras de arte, entre outros objetos e raridades. A equipe da reserva técnica Literária trabalha na catalogação, na conservação e na divulgação desse material. O banco de dados conta hoje com cerca de 90.000 itens catalogados, de um total próximo de 400.000, cobrindo um período que vai dos séculos XVII a XXI. O objetivo é estimular estudos e publicações. Para tanto, podem ser feitas consultas com agendamento prévio na unidade do Rio de Janeiro. Parte do material também está na *Internet*.

Conforme informações do *site* reunindo ao longo de uma década um acervo único de entrevistas, ensaios, depoimentos, manuscritos inéditos e registros fotográficos sobre a vida, a obra e o universo dos principais escritores brasileiros, os Cadernos de Literatura Brasileira-CLBs tornaram-se referência entre as publicações voltadas para a literatura contemporânea. Em suas 25 edições, a publicação inaugurou no País um gênero de abordagem que encontra poucos paralelos, mesmo em contextos de maior tradição cultural e editorial. Os Cadernos de Literatura Brasileira -Instituto Moreira Salles têm prestado um reconhecimento aos maiores nomes da literatura brasileira. Com um número dedicado ao poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, o Instituto Moreira Salles lançou, em março de 1996, os Cadernos de Literatura Brasileira, publicação semestral que a cada edição trata da vida e da obra de um autor nacional. Do ponto de vista editorial, os Cadernos situam-se entre a revista e o livro didático. Em sua vocação jornalística, a publicação é marcada pelo esforço em oferecer ao leitor a maior gama possível de material inédito: originais, entrevistas, depoimentos.

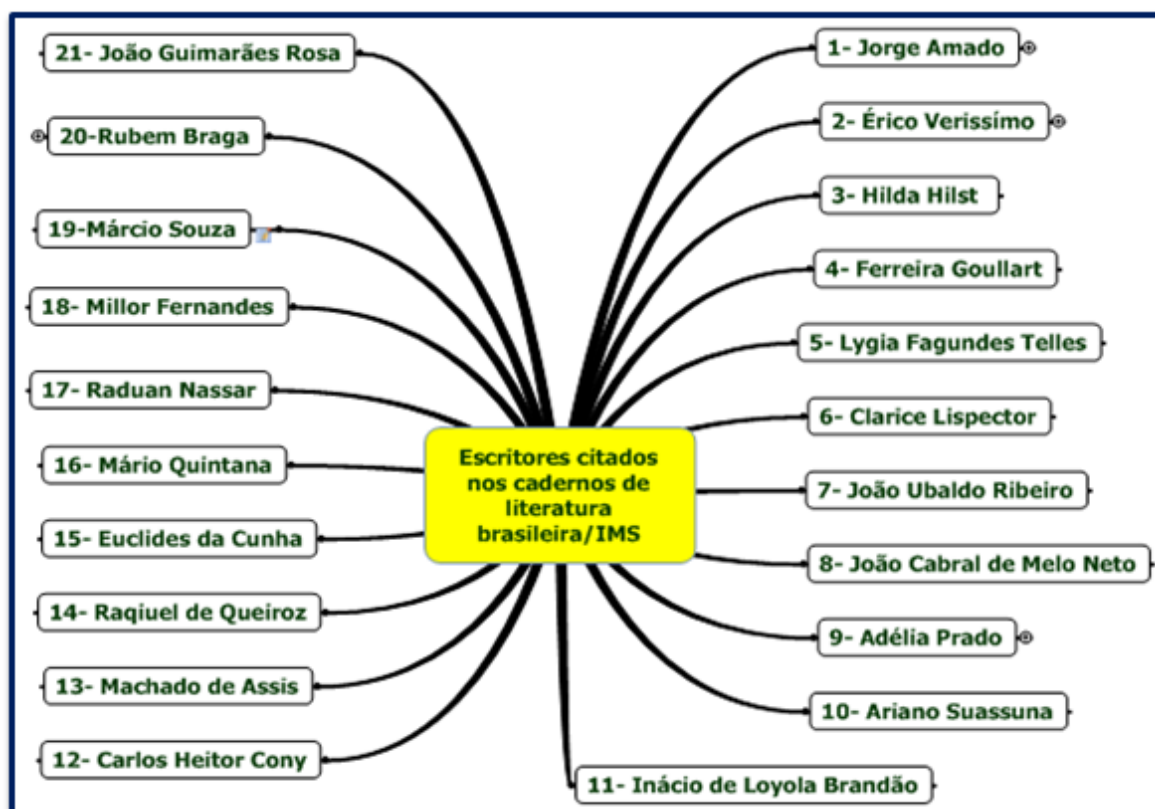
O Estudo 1 forneceu base adequada para corroborar e validar, com as questões norteadoras e conclusões para o Estudo 2, uma pesquisa do tipo qualitativa, descritivo-exploratória com nove escritores da UBE-GO. Foram feitas também análises documentais em relatórios e outros documentos históricos disponíveis na UBE-SP, UBE-GO e na ABL.

No Estudo 1, foram identificados trechos de falas dos escritores dos CLBs e do livro de Eder Chiodetto, utilizando as categorias da Psicodinâmica. A pesquisa documental visou a compreender e a complementar as informações fornecidas pelos entrevistados, bem como a entender a macroestrutura social e política, na qual a organização está inserida, bem como os

escritores, esses trabalhadores da palavra. Os trechos dos discursos publicados no período de 1996 a 2011 de alguns escritores instigam a discussão do tema.

Os Cadernos de Literatura Brasileira representam um retrato real da literatura brasileira e são compilados seguindo as normas científicas, tendo-se tornado referência entre as publicações voltadas para a literatura contemporânea brasileira. As obras reúnem, ao longo de mais de uma década, um acervo único de entrevistas, ensaios, depoimentos, manuscritos inéditos e registros fotográficos sobre a vida, a obra e o universo dos principais escritores brasileiros, conforme apresenta a Figura 9. Os escritores citados nos Cadernos de Literatura Brasileira-CLBs fizeram parte do primeiro inventário documental para subsidiar a pesquisa de campo com os escritores literários da UBE-GO.

FIGURA 11 Relação dos escritores citados nos Caderno da literatura Brasileira, do Instituto Moreira Salles



Fonte- Instituto Moreira Salles

Os Cadernos de Literatura contemplados citados na Figura 9 foram analisados sob o olhar do trabalho do escritor em termos de vivências de prazer e de sofrimento. Os doze escritores assinalados com * (asterisco) são os que aparecem também no livro de Chiodetto (2002).

Na Figura 10, que se segue, é apresentada a relação dos escritores contemplados no livro de Chiodetto (2002), que comprovam a mesma tese sobre o trabalho dos escritores literários citados nos Cadernos de Literatura Brasileira, isto é, a dificuldade de produzir literatura como uma forma de trabalho praticamente sem remuneração, exceto aqueles que, após muitos anos de atividade literária, conquistaram nome na mídia e reconhecimento junto ao mercado e conseguem obter remuneração adequada na venda de livros e direitos autorais.

FIGURA 12 Relação dos escritores contemplados no livro “O lugar do escritor” de Eder Chiodetto (2002)



Fonte: O pesquisador

No plano de estudos, os Cadernos trazem sempre ensaios sobre o escritor-tema e um guia de serviços bibliográficos. Fazem parte do projeto do IMS de valorização do autor nacional, integrando-se à série "O escritor por ele mesmo", que promove encontros de grandes nomes da ficção e da poesia do país com seu público. A publicação do IMS pode ser encontrada nas principais livrarias do país, nas lojas dos centros culturais do Instituto Moreira Salles e dos Espaços Unibanco de Cinema e em Portugal. São 22 escritores citados nos Cadernos de Literatura Brasileira publicados pelo IMS e 36 citados no livro de pesquisa foto-jornalística de Eder Chiodetto que teve como objetivo conhecer o lugar de trabalho, sendo que doze deles também fazem parte dos Cadernos de Literatura Brasileira do IMS (IMS, 2012).

No Estudo 1 foi analisado trechos dos discursos de escritores literários com o objetivo de verificar os sentidos atribuídos por eles ao trabalho como escritor e utilizou como

categorias de análise o processo criativo e as categorias da Psicodinâmica do Trabalho. Os resultados relacionados às categorias da Psicodinâmica do Trabalho são apresentados na Primeira Parte e os relativos ao processo criativo, na segunda parte do Estudo 1.

A obra é o produto final que se desprende do artista, e que será dado a conhecer, como um ser único e autônomo, *a posteriori*, com o seu desprendimento. A obra de arte é, nesse sentido, um desafio, já que não há como prevê-la; e até mesmo o artista só a conhece plenamente quando ela está pronta. O jogo da criação se realiza no interior de um campo de hesitação. Para o autor, a hesitação não é senão o risco de lançar-se em um movimento que não tem mais razão de seguir nessa ou naquela direção, mas que só será reencontrado depois de realizado, conforme Johanson (2004). Toda obra literária é fruto de uma cultura, ou de elementos culturais que são expressos pela linguagem do autor conforme se pode ver em Coli (2000), que cita que a obra é constituída, em última análise, por elementos culturais mais profundamente necessários que os próprios elementos materiais.

4.4 Delineamento metodológico - Estudo 2

O Estudo 2 foi realizado com os escritores literários filiados à União Brasileira de Escritores- UBE-GO, com sede em Goiânia/GO; também foram feitas análises documentais em relatórios e em outros documentos históricos disponíveis na UBE-SP, na UBE-GO e na ABL. No Estudo 1 e no Estudo 2 foram analisados trechos dos discursos dos escritores literários, utilizando as categorias da Psicodinâmica do Trabalho. No Estudo 2, foi realizada também uma aproximação do espaço público de discussão coletiva dentro da proposta de Dejours (1990), quando foi apresentada em quatro sessões a devolutiva dos resultados na primeira parte e ampliada com a participação dos escritores no espaço público de discussão coletiva. O espaço público é construído pelos próprios trabalhadores, constituindo o momento em que são partilhadas a cooperação, a confiança e as regras comuns. Representa o espaço da fala, da expressão coletiva do sofrimento e da busca de mecanismos de transformação da situação vigente (DEJOURS, 1990).

4.4.1 Estudo 2- Pesquisa de campo com os escritores filiados a UBE-GO

Vários estudos têm sido desenvolvidos, com o objetivo de analisar as vivências de artistas que atuam em várias modalidades artísticas, entre os quais se podem citar Assis (2008); Bueno e Macêdo (2009, 2010, 2011 e 2012); Chiodetto (2002); Dias (2007); Macêdo (2010); Maheirie (2001); Ramón (2006); Mendes (2000); Ferreira (2011) e Almeida (2010); Sousa (2010) e Pires (2011).

O Estudo de Caso é apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais.

Um dos métodos mais usados em pesquisa social é o estudo de caso, apesar de existirem críticas, quanto ao rigor científico diante da possibilidade de distorções por parte do pesquisador. [...] o estudo de caso, como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados (YIN, 2001, p. 35).

Yin (2001) aponta algumas vantagens na utilização dos estudos de casos: eles podem ser usados em situações distintas tais como: estudos organizacionais, estudos gerenciais, na administração pública entre outros; é uma investigação de caráter empírico, que investiga um dado fenômeno dentro do contexto real da pesquisa e, via de regra, enfrenta uma dada situação tecnicamente única, na qual haverá muito mais variáveis de interesse e baseia-se em várias evidências.

O estudo de caso deve ser escolhido ao se examinar acontecimentos contemporâneos quando não se podem manipular comportamentos relevantes. Como uma estratégia de investigação, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico, seguindo-se de um conjunto de procedimentos pré-especificados. O estudo de caso costuma utilizar pelo menos duas técnicas de coleta de dados, a entrevista e a observação, mas pode também utilizar outras técnicas como, por exemplo, o questionário e a análise de documentos (YIN, 2001, p. 205):

Para Lancman e Heloani (2004), o objeto de estudo é tratado como única representação particular da realidade, pela investigação e pela busca da centralidade das relações de trabalho, ao passo que Dejours (1990) formula suas hipóteses no campo da pesquisa, por técnicas de conteúdo e de discurso, avaliando os postulados necessários à compreensão exata do momento social e político do trabalhador em um mundo em constante modificação.

Cabe explicar que o estudo é exploratório, pois, conforme Triviños (1987), os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado

problema, ou seja, o pesquisador parte de questões norteadoras e aprofunda seu estudo nos limites de uma realidade específica. Conforme descreve Alves (1991), esse tipo de pesquisa proporciona uma visão geral, evita o enviesar do problema e contribui para a focalização das questões e para a identificação de informantes.

4.4.2 Tipo de Pesquisa

Esse estudo caracteriza-se como um estudo de caso de caráter descritivo e exploratório, pois, de acordo com Triviños (1987), pretende descrever “com exatidão” as características de um dado fenômeno de determinada realidade, ou seja, deseja conhecer a sua natureza, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam.

Propõe-se uma leitura crítica dos aspectos socioculturais e psíquicos ligados às vivências de prazer e de sofrimento no trabalho dos escritores literários. Utiliza, do ponto de vista metodológico, uma abordagem da Clínica Psicodinâmica de Cristophe Dejours, com entrevistas individuais, reuniões coletivas acerca do sentido do trabalho para os escritores literários e tem como universo investigativo os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as ações dos indivíduos, expressos mediante relações que conformam uma dada sociedade.

Os resultados desse trabalho se referem à utilização de um novo olhar da Clínica Psicodinâmica na investigação de uma forma de trabalho ainda não pesquisada, as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho. Uma forma de trabalho que, no caso de alguns escritores, foi incorporada ao patrimônio cultural da humanidade. Investigar o trabalho de criação literária, nessa perspectiva, talvez possibilite conclusões sobre como a arte da expressão da subjetividade reflete uma significativa dimensão do trabalho como produtor de sentido, do trabalho que constitui conexões do sujeito com o mundo, que estabelece laços da identidade individual com o coletivo e o social. Escrever é uma das formas de buscar espaços para as ideias, para a palavra, para a objetivação do desejo, dos espaços de discussão sobre as adversidades crescentes do mundo. Escrever talvez seja uma das formas de trabalho que permite a visualização de teorias e práticas individuais e/ou coletivas sobre a complexa arte de viver.

4.4.3 O Campo de estudo

A organização escolhida para pesquisa foi a União Brasileira de Escritores-UBE-GO seção Goiás, criada em 1945, que atua expressivamente no campo da literatura, sendo chamada como a “A voz dos escritores”. A UBE-Go possui cerca de 300 escritores associados não só de Goiás, mas de outros estados também e cerca de 40 frequentam com assiduidade as reuniões mensais e os lançamentos de livros ou outras atividades programadas pela direção da entidade.

A escolha pela UBE-GO se deu pelo fato de ser única entidade que representa os escritores em Goiás e por ser uma das mais antigas do Brasil. As entrevistas foram realizadas na sede da UBE-GO em Goiânia e nos dois Institutos Cultural José Mendonça Teles e Bariani Ortêncio; os demais escritores foram entrevistados em seus respectivos espaços de trabalho, conforme disponibilidade de cada um nos escritórios ou oficinas literárias, como alguns preferem chamar seu local de trabalho, no primeiro semestre de 2011. As entrevistas coletivas foram realizadas na sede da UBE-GO entre os dias 27 e 28 de março de 2012. Percebemos que todos se sentiram muito à vontade durante as entrevistas; cada qual durou entre uma hora e trinta minutos e duas horas. O pesquisador procurou, por meio da observação, anotar características não ditas nas mensagens e que foram transcritas nos gráficos dos discursos.

4.4.4 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada com nove escritores que aceitaram participar das entrevistas; os demais dados sobre os participantes constam da seção participantes da pesquisa no sexto capítulo do Estudo 2.

Para Dejours (1994 e 1999) e para Mendes (2007), a pesquisa, para a Psicodinâmica, dá ênfase à fala livre, em especial a coletiva, a escuta autêntica, a fala centrada em reclamações e em ressentimentos, a repetição, o dito que não saiu da individualidade para que pudesse aparecer o real enfrentado. Não houve tempo para identificação, os sintomas não foram decifrados, a simbolização foi dificultada, impedindo a transferência entre os participantes; não ocorreu mobilização, não foram trabalhadas as frustrações que possibilitariam a construção de “O pesquisador deve estar livre para escutar o que está fora de sua expectativa” (MENDES, 2007, p. 67).

4.4.5 Procedimentos

O instrumento de coleta de dados foi de entrevista individual semiestruturada na primeira fase da pesquisa de campo e coletiva na segunda etapa. A teoria de base foi Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours, sendo dividida em cinco categorias. As entrevistas foram gravadas com a autorização por escrito (Termo de autorização em anexo) dos sujeitos. Os procedimentos adotados para a gravação foram um gravador *MP3 Player* portátil, modelo Madri 1GB *made in P.R.C.*, marca GT, com capacidade para gravar até nove horas. As transcrições foram feitas pelo pesquisador, digitadas, corrigidas e apresentadas aos sujeitos para aprovação; em seguida a armazenagem dos dados foi feita no computador do pesquisador, em pasta e arquivo devidamente identificado, para efeito de pesquisa com códigos, para garantir o anonimato dos sujeitos. Os procedimentos de sigilo foram garantidos em todas as etapas.

4.4.6 A entrevista individual e o espaço de discussão coletivo como instrumentos de coleta de dados

Foi realizada uma entrevista inicial com o Presidente da UBE-GO, para demarcar a demanda que confirmou e demonstrou grande interesse e expectativa da instituição e dos escritores em relação ao trabalho. Tivemos também contatos iniciais com os escritores José Mendonça Teles e Ubirajara Gali, ambos do Instituto Cultural José Mendonça Teles, Eguimar Felício, Bariani Ortêncio, Geraldo Coelho e Otílio Paiva para confirmação da demanda; esse tempo foi relativamente longo, em função da disponibilidade de agenda de cada escritor participante.

Cabe destacar que, após a etapa das entrevistas individuais com a respectiva transcrição e a análise dos gráficos dos discursos dos escritores e a validação deles por parte da equipe do grupo de pesquisa, foram realizadas entrevistas coletivas (devolutiva) para validação dos dados pelos escritores, o que transcorreu de acordo com o planejado e esperado.

As entrevistas tiveram por foco a História de vida, trajetória profissional, identidade, arte, processo criativo, organização do trabalho do escritor, vivências de prazer e de sofrimento do escritor, estratégias de enfrentamento e sublimação.

Tendo em vista o objetivo geral e os objetivos específicos da presente pesquisa, a entrevista tornou-se o instrumento de coleta de dados no Estudo 2,

[...] porque essa, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis, para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Optou-se, nesse caso, por adotar o tipo de entrevista individual semiestruturada, com uso de um gravador, definida por Triviños (1987) como aquela que parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e perguntas que interessam à pesquisa e que oferecem um amplo campo de interrogativas; resulta em novas perguntas que vão surgindo, à medida que se recebem as respostas dos entrevistados. Portanto, o pesquisador contou com um roteiro de perguntas previamente elaboradas e testadas que serviu de base para as entrevistas.

O roteiro direcionado para os escritores foi composto inicialmente por 34 questões que foram testadas e validadas na entrevista-piloto realizada com o Presidente da UBE-GO e também com o grupo de pesquisa (Anexo 1) que, após as análises discursivas, resultaram em 29 perguntas, devido à similaridade de respostas. Diversas perguntas receberam respostas com conteúdo e com significados e sentidos similares, o que nos obrigou a reduzir para 29 gráficos. A primeira pergunta está relacionada com os dados de História de vida e profissão e identidade e com o processo criativo; as demais sobre as cinco categorias de Dejours. Como se trata de uma entrevista semiestruturada, foi dada aos entrevistados liberdade para emitirem suas opiniões e exercitarem o uso da palavra com autonomia, em especial no espaço público de discussão coletivo, no momento das devolutivas.

A entrevista abarca, entre suas vantagens, a possibilidade de coleta de dados em profundidade a respeito do comportamento humano em seus diversos aspectos, bem como abrange temas complexos que não se dão a conhecer por meio de instrumentos mais exatos como questionários ou escalas. Por isso é largamente utilizada na investigação social.

A fase seguinte foi composta de entrevistas individuais que duraram, em média, duas horas cada e foi utilizado gravador digital; as entrevistas tiveram tratamento qualitativo por meio da técnica de análise gráfica do discurso, de Silva Lane (1985), cujo objetivo foi identificar os núcleos de pensamento, as categorias, o sentido e a compreensão do discurso expresso nas entrevistas dos escritores. Em seguida, as falas foram transcritas na íntegra, preservando-se o anonimato dos participantes da pesquisa. Aconteceu em nove encontros individuais e foram gravadas e transcritas e originaram cerca de 200 páginas e cerca de 20 horas de gravação.

As entrevistas seguiram roteiro semiestruturado com 34 questões, em que se buscou responder as quatro questões norteadoras: (1) Arte e criação literária são trabalho ou dom?; (2) o trabalho com a literatura possibilitaria a superação da alienação, do trabalho monótono, repetitivo por meio da sublimação?; (3) o Escritor Literário poderia reconhecer-se em seu trabalho, ser autônomo? Sua identidade e sua autonomia estariam presentes na obra?; (4) há prazer e reconhecimento em se ver no seu trabalho literário?

Na etapa inicial do trabalho, realizou-se uma pesquisa preliminar com os integrantes do grupo de estudos do Programa de Doutorado e de Mestrado em Psicologia da PUC Goiás. A pesquisa teve como objetivo confirmar quais as categorias da Psicodinâmica que poderiam ser utilizadas nesse primeiro momento, para subsidiar na elaboração do roteiro semiestruturado de entrevistas, feito sob supervisão de nossa orientadora a ser utilizado *a posteriori*. Após esse levantamento prévio, o trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética, que avaliou os seus impactos no contexto de sua aplicação e aprovou a continuidade da pesquisa.

A coleta e realização por intermédio de entrevistas individuais e/ou coletivas segundo Dejours (1990; 1995; 1998; 2000), tem algumas semelhanças e algumas características fundamentais. Dejours afirma que, nas entrevistas coletivas, normalmente se consegue ampliar e aprofundar as respostas, devido ao espaço público da palavra. A palavra deve circular livremente e com autonomia, para que se possa, de fato, perceber a organização do trabalho, assim como as condições e as relações de trabalho e também a mobilização subjetiva, ou seja, se há prazer e sofrimento e identificar as estratégias defensivas e de enfrentamento no ambiente de trabalho. No entanto, a entrevista em si não oferece a investigação mediante um conjunto de questões predeterminadas, como geralmente se faz com o questionário, que é mais objetivo e focado, entretanto mais rígido. Conforme Bauer e Gaskell, (2008, p. 73). “Na entrevista “as perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir”“. E pode-se perceber exatamente o que afirmam Bauer e Gaskell nas entrevistas com os escritores: todos se sentiram muito à vontade para fazer uso da sua palavra, que normalmente fica dentro deles mesmos. Eles deram voz às suas palavras.

As entrevistas semiestruturadas, individuais e coletivas com os integrantes do grupo de escritores filiados a UBE-GO, foram realizadas durante o ano de 2011. Mendes (2002) descreve as estratégias de coleta de dados que podem ser usadas na pesquisa em diversos tipos de organizações: observações, entrevistas e documentos. Nesse tipo de pesquisa, segundo Chizzotti (1995), os dados obtidos visam a revelar atitudes, preferências, pontos de vista e

sentimentos que as pessoas têm a respeito do assunto a ser investigado. O Quadro 15 apresenta de forma sintética as etapas de pesquisa de campo com os participantes.

QUADRO 15 Etapas da Pesquisa de campo com os escritores filiados a UBE-GO

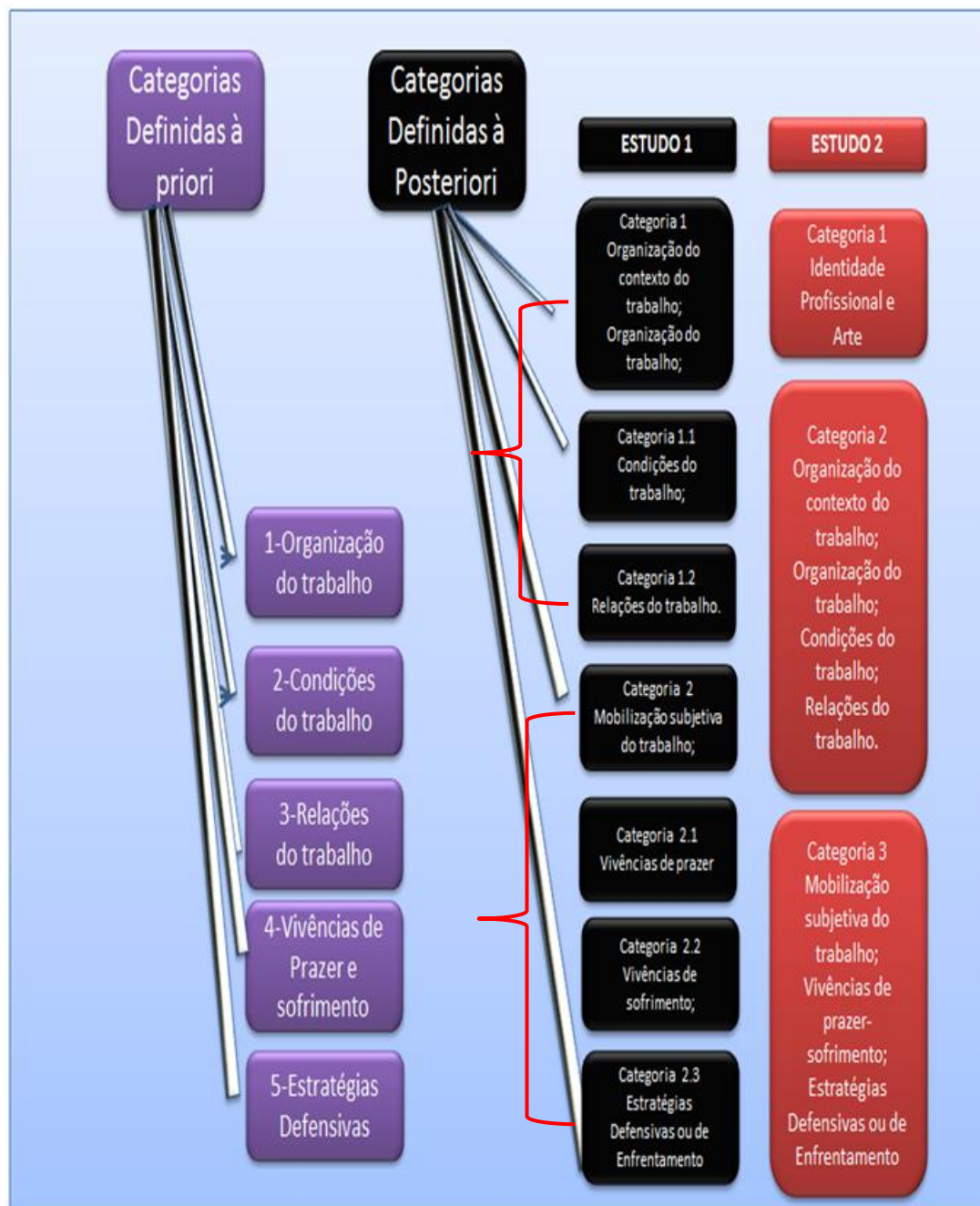
Etapa	Data	Discriminação
1ª etapa	2009	Fundamentação teórica das categorias da Psicodinâmica do Trabalho
2ª etapa	2009	Realização de entrevista individual com alunos do programa de Doutorado e Mestrado em Psicologia da PUC Goiás.
3ª etapa	2010	Aprovação do projeto pelo Comitê de Ética.
4ª etapa	2010	Realização das entrevistas individuais com o Presidente da UBE-GO e sete escritores literários de Goiás para confirmação da demanda como prevê o modelo de Pesquisa de Dejours.
5ª etapa	2010	Após a confirmação da demanda foi então realizadas as entrevistas individuais semiestruturadas com nove escritores literários de Goiás, com a devida assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido, conforme normas do Comitê de Ética da PUC Goiás.
6ª etapa	2011	Realização da análise gráfica do discurso, modelo Lane, contando com a supervisão de uma especialista.
7ª etapa	2011	Validação dos gráficos por especialistas do grupo de pesquisa do Programa de Doutorado e Mestrado em Psicologia da PUC – Goiás.
8ª etapa	2012	Entrevistas coletivas para validação dos dados.
9ª etapa	2012	Discussão dos dados, devolutiva e quatro sessões para o espaço público de discussão coletiva na sede da UBE-GO e no instituto Bariani Ortêncio, ambos com sede em Goiânia-GO.
10ª etapa	2012	Devolutiva

Fonte: O pesquisador

De acordo com a pesquisa inicial, foi construído o instrumento de coleta de dados com questões nas cinco categorias, da Psicodinâmica do Trabalho definidas *a priori* e no desenvolvimento da pesquisa definiu-se as categorias *a posteriori* e, nesse caso, houve duas formas de apresentação dessa categoria uma para o Estudo 1 com base na análise dos escritores relacionados nos Cadernos de Literatura Brasileira-CLBs do Instituto Moreira Salles e no livro “O lugar do escritor” de Chiodetto (2002), conforme é apresentado na Figura 12, e sua aplicação se deu da seguinte forma:

Apresentação gráfica das categorias *a priori* e *a posteriori* da pesquisa.

FIGURA 13 Definição de Categorias *a priori* e *a posteriori*



Fonte: Adaptado de Pires (2011)

A coleta dos dados ocorreu no período de janeiro a julho de 2011, junto à sede da UBE-GO, no Instituto Cultural José Mendonça Teles, no Instituto Cultural Bariani Ortêncio e nos escritórios ou oficinas literárias dos escritores com agendamento prévio e liberação de sua agenda e no do contexto de trabalho dos escritores; cada um deles tem uma forma organizacional peculiar, apesar de todos terem como ligação organizacional e institucional a UBE-GO. Foram escolhidos nove autores pelo pesquisador, em função da representatividade

de cada um nos gêneros poesia, conto, romance, prosa e ensaios e biografias, sendo uma escolha de caráter intencional não probabilística, por ser uma pesquisa do tipo qualitativa.

4.4.7 Técnica de análise dos dados

Foi utilizada a técnica de análise discursiva Lane (1985) na análise das entrevistas com os escritores literários da UBE-GO. Buscou-se na técnica evidenciar no contexto geral, a visão de Dejours no que concerne ao trabalho prescrito e o trabalho real que é o *focus* da Psicodinâmica do Trabalho e como se dá esse trabalho em termos de vivências de prazer e de sofrimento e as respectivas estratégias defensivas. A análise de dados é a forma científica pela qual se obtêm respostas às questões norteadoras da pesquisa de forma segura e confiável. De acordo com Lane (1985),

[...] é a partir da linguagem que o ser humano poderá ampliar suas noções de tempo e espaço e irá desenvolver sua capacidade de raciocínio abstrato e, conseqüentemente, será capaz de planejar suas ações e avaliá-las depois de realizadas (LANE, 1985, p. 1).

Para Dejours (1992) a análise das informações obtida nos discursos deve consistir em obter dados ou opiniões contrárias aos discursos, isso é ter liberdade para dizer e analisar o contraditório. Os pesquisadores, durante o processo de pesquisa, devem ter atenção especial para perceber expressões de sofrimento ou de prazer, assim como as expressões de silêncio em relação a alguns assuntos próprios ou inerentes à organização. Isto é, toda comunicação, mesmo o silêncio tem um significado e um sentido.

Essa técnica é adequada com a proposta de Dejours, no que tange ao mundo do trabalho. No entanto, é por meio da análise dos discursos que se torna possível obter as respostas para os problemas propostos. O procedimento da análise discursiva trata de buscar, graficamente, os núcleos do pensamento, permitindo aflorar as emoções, os pensamentos e as ações. Por meio das palavras que se repetem ou de seus sinônimos, seguindo a continuidade do discurso, utiliza-se a sequência dos números para cada “unidade de significação” que indica também com que frequência essas palavras aparecem no transcorrer dos discursos. Essa técnica tem raízes na técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), que afirma que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que tem por objetivo fazer uma leitura do discurso produzido pelo indivíduo, levando em consideração a sua realidade subjetiva, que determina seus comportamentos, assim como propõe Habermas

(2004), quando escreve sobre o autor que sobreviverá em seus textos, que despendeu toda a sua energia intelectual na leitura incessante dos grandes textos e que celebrou o primado do escrito transmissível sobre a presença da palavra.

Para Macêdo (1999), as descrições dos dados devem ser realizadas a partir da pergunta feita aos participantes da organização, como, por exemplo: “Você sente que é um artista?”. Isso é denominado núcleo induzido. As transcrições das respostas de todos os participantes são reconhecidas por P1 (resposta do participante 1), P2 (resposta do participante 2), e assim sucessivamente.

Os gráficos representam os núcleos de pensamento ligados por setas numeradas, com cores diferentes no núcleo induzido. De acordo com os discursos dos participantes, emergem as unidades de significação, ou seja, palavras que se repetem. Essas unidades de significação que se assemelham são agrupadas com base nas repetições. As unidades que têm maior número de incidência representam um núcleo de pensamento.

Macêdo (1999) destaca que o procedimento efetuado para a análise gráfica do discurso obedece à seguinte sequência: (1) transcrição do discurso da forma mais fiel possível; (2) análise, identificação e enumeração das unidades de significação; (3) ligação por setas seguindo a direção da seriação das frases nos textos discursivos; e (4) busca das palavras-chave ou dos núcleos de pensamento. Para a autora, essas quatro etapas descritas permitem a construção gráfica adequada do discurso dos participantes e, conseqüentemente, a realização de sua análise. A análise acontece de acordo com os núcleos de pensamento, compostos pelas unidades de significação. Então, elabora-se um quadro, de modo que um novo reagrupamento, no qual se configurem os núcleos de pensamentos correspondentes, seja organizado, visando a conter as categorias ou unidades de significação que as compõem, bem como as relações entre elas.

Em seguida, a construção do núcleo induzido pela quinta pergunta “Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?” (É denominada de núcleo induzido) a partir da ideia principal de cada pergunta da entrevista. A técnica da análise exige a identificação e numeração dos núcleos de pensamento. Em cada grupo, as perguntas referiam-se ao núcleo de pensamento induzido. Nas respostas, deve-se fazer a identificação das unidades de significação destacadas como frases ou palavras comuns na sequência dos relatos dos discursos.

As unidades de significação foram ligadas por setas de cores diferentes, de acordo com a frequência. A ligação dos núcleos de pensamentos por setas numeradas permite a leitura do discurso de acordo com a forma pela qual ele foi desenvolvido. Direção das setas em direção

a uma mesma palavra mostra que o pensamento expresso deslocou-se “da” palavra ou “para” a palavra. A frequência desse movimento em uma mesma palavra significa ser ela o núcleo de pensamento expresso em relação àquele núcleo induzido.

Em seguida à identificação das palavras de maior frequência ou dos núcleos de pensamento, faz-se a reorganização do discurso, acompanhando-se a sequência em que ele se apresentava por unidades de significação, numerando as setas para caracterizar tal sequência.

Os sujeitos foram identificados, conforme já comentado, com a letra E de Escritor participante da pesquisa, seguida por números de 1 a 9, conforme exemplo a seguir, em que foi perguntado sobre: O exemplo da pergunta P5. A pergunta Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista? Foi reconhecida por P3 (Pergunta 3). As transcrições das respostas de todos os participantes são reconhecidas por E1 (resposta do participante 1), E2 (resposta do participante 2) e assim sucessivamente, até E9. Seguem-se as transcrições das respostas dos nove participantes:

P3-(Pergunta 5) - Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?

E1 Alcione Guimarães

Bom, dizem que eu **sou artista** né? Agora agente espera até ser correspondido né? Aquela expectativa dos críticos que disseram que agente **faz arte** né?

E2 Edival Lourenço

Sim, acho que minha profissão é **genuinamente arte**. Sinto-me **um artista**, no sentido de que faço **trabalho estético**.

E3 Eguimar

Eu vejo um primeiro elemento, o professor e o pesquisador é um profissional dos símbolos, um **artista** é um ser dos **símbolos**, o professor, o pesquisador é profissional da linguagem, o artista o poeta, inclusive o pintor, que trabalha com linguagem não verbal é também um agente da linguagem, e ambos, e nos poderíamos colocar juntos os religiosos e os filósofos nesse grupo, todos estão irradiados no mundo da **linguagem** e dos símbolos, quando nascem nós recebemos um nome e vida toda a gente fala, comunica, defende, argumenta, persuade, rebate, faz quadrinhas, ouve cantos, dá sentido e significado, quando morre cantam ladainha, registra a nossa memória, quando estamos dormindo, estamos sonhando, estamos ligados com a linguagem e o símbolo, nesse elemento não há fronteira, não há fronteira para os símbolos. O **escritor ou o artista** ouvem o simbólico (?) é **estético**, ele, o **poema é uma voz do mundo**, o quadro é uma voz do mundo, mas objetivo do poema e do quadro, da sinfonia, ou de uma peça de teatro como voz do mundo é dar um sentido estético, é fazer uma leitura estética do mundo, aí se diferencia, um visa criar situações, significativos de aprendizagem, o outro situações significativas de estética.

Eu sinto professor, e eu **sinto artista** não no sentido idolatrado e mistificado do **artista**, aquele que só se realiza com o beneplácito do aplauso, da fama e do prestígio, eu sinto artista porque eu sinto na condição de **criar**, mas eu sinto também

que uma pessoa muito simples que tem o 4º ano primário, é capaz de pegar o barro e criar uma escultura, ele é igualmente um **artista**, e sinto que alguém que é capaz de inventar uma piada e essa piada sintetizar um princípio filosófico, às vezes um sentido negativo, ele também **é um artista**.

E4 Geraldo Coelho

Não, desde pequeno eu quis ser advogado, desde pequeno eu quis ser jornalista, trabalhei muitos anos na Folha de Goiás, desde pequeno eu quis ser **poeta**, o primeiro poema que fiz que achasse que era uma poesia boa, foi o poema da ascensão, eu morava em Catalão, devia ter uns 16 anos, naquela época não tinha televisão em Catalão... Eu estava lendo e ouvindo música e escrevi o poema da ascensão que na realidade foi o primeiro poema que eu achei que era um poema bom. Quando eu lancei o meu primeiro livro de poesia Poema da ascensão que eu usei o título da poesia para o livro a **crítica** foi muito boa, **elogiosa** para esse poema, então foi um poema que foi trabalhado por diversos críticos literários e eu acho que foi o primeiro poema que eu me senti realizado. O problema de **ser artista** é muito amplo, eu acho que o **poeta** é um artista, **quem escreve** é um artista, um artista da **escrituração**, eu acho que **eu sou um artista**, não sei se sou um **bom artista**, mas eu pelo menos **trabalho** e não **vivendo** como um artista, mas vivendo dentro das migalhas que vem financeiramente dos livros que agente vende, que tem umas editoras que distribuem e todo ano cai alguma coisa, mas não dava para sobreviver não, então eu acho que sou um **artista**, pelo menos eu trabalho **o texto** e trabalhando o texto eu acho que sou até **um artista**.

E5- Maria Luíza Ribeiro

O Direito, tal qual a literatura é infinito e se nutre da **força da palavra**. O advogado lida com perdas e ganhos que de certa forma interferem no emocional. Também em comum existe a plurissignificância da **linguagem** e diferentes leituras de uma mesma situação. Entretanto o profissional do direito lida com fatos e situações reais e o **escritor lida com o imaginário**. Ele **cria fatos**, pessoas e situações fictícias ou retrata o real com peculiaridades de **artista**. O **escritor é um artífice da palavra**. É assim que me sinto.

E6 Otílio Paiva

Sinto-me, me **sinto um artista**, me sinto, eu tenho a plena consciência de que eu **sou um criador**, mesmo porque na verdade veja você eu sou **ficcionista**, não é todo o meu **trabalho é ficcional**, mesmo que muito entre os meus **trabalhos** tem coisas confissões minhas, da minha vida, dos meus problemas, dos meus prazeres, das minhas alegrias, mas faça a pergunta de novo... É exatamente então, eu me **sinto um artista**, no sentido de criador, à medida que, porque eu sou um **ficcionista**, quer dizer, o que eu **escrevo é criação**... Eu digo na primeira pessoa e é uma opinião minha mesmo, coisa minha mesmo, como você pode observar nos meus **poemas**, que tem uns **poemas** que são confessionais, confissão de mim mesmo, aqui nesse novo livro são coisas de mim mesmo... no entanto são observações minhas a respeito do mundo, não é, é **visão do mundo**, é visão das coisas, **visão de tudo** isso que constitui o mundo, as crenças, os ideais, as falhas, as limitações do ser humano, é por aí.

E7 Ubirajara Galli

Eu me sinto, a **literatura**, a **arte** como o todo, ela exerce sobre nós um poder, uma espécie de dominação reflexiva muito grande, impõe muita responsabilidade, claro que tudo que for fazer, você tem que fazer com responsabilidade para ter um bom resultado, enfim eu acho que a gente veio para esse mundo com esse propósito

aqui,... Eu realmente me **sinto um artista**, mas um trabalhador como outro qualquer, só que deram um nome de **artista** pra isso, e a profissão que eu escolhi ela contribuiu e contribui muito para o meu exercício como **escritor**, o curso que eu fiz Administração de empresas, me deu a tranquilidade, a certeza, segurança de repente estar produzindo 2, 3 livros ao mesmo tempo sem que as coisas se misturem, então me deu organização, então... Tem uma ligação **intrínseca com a arte**, com certeza.

E8 W. Bariani Ortêncio

Não, é tudo **integrado**, porque a maior parte desse povo que pinta eles são tudo **escritor**, também **escrevem**. Eu, por exemplo, em arte eu não sei fazer nem um coração eu sei fazer, mas tem muita gente aí que faz as duas coisas, sabe, teve uma mulher que ela tem livro de prosa, verso e pinta e tal, então aqui essa produção que eu te falo, aqui em Goiás é muito produtiva, é muito vasta, é muito diversificada também, então eu não tenho essa... Falar que o fulano tem mais pintor que... Aqui tem mais **poeta** do que tudo.

E9 José Mendonça Teles

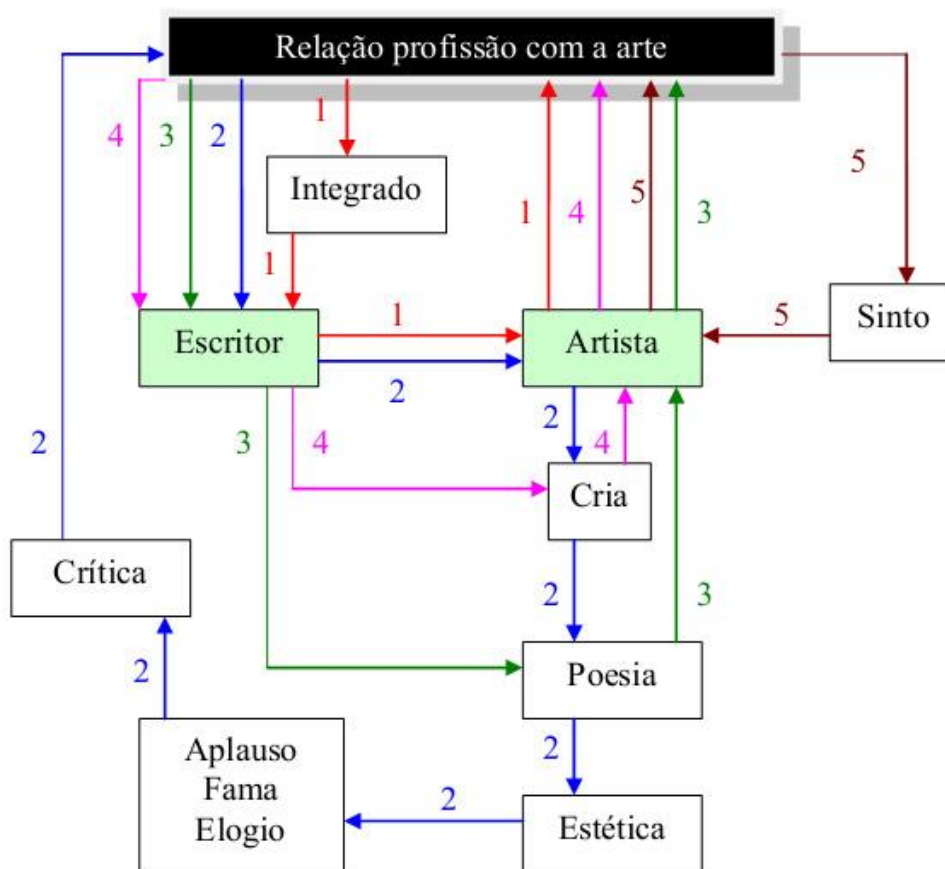
Sim vejo que fazer **literatura está relacionado com arte**, poesia é **arte**, romance é **arte**, crônicas é **arte**. Toda literatura é **arte**.

O núcleo induzido refere-se sempre à ideia central contida em cada pergunta da entrevista. No caso do exemplo acima, seria: pergunta P3. **Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?** Nos gráficos são representados os núcleos de pensamento ligados por setas numeradas e de cores diferentes, de acordo com o número, ao núcleo induzido.

Com a reorganização do discurso, foi possível elaborar um modelo de desenho Gráfico, formado pelos núcleos de pensamento e suas unidades de significação que mantiveram relação entre si pela semelhança de conteúdo. Assim, para cada pergunta formulada a um grupo, construiu-se um desenho específico.

A seguir, é apresentada a Figura 13, construída com base nos procedimentos descritos, referente à pergunta P5.

FIGURA 14 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?



Fonte: o pesquisador

Conforme apresentado na Figura 14, o discurso é elaborado e se reproduz graficamente, de forma que as setas numeradas indicam a relação e a sequência desse discurso. Essa configuração possibilita, ainda, visualizar o destaque dos núcleos do pensamento, que permitem apreender o significado dos fatos pesquisados.

Nos capítulos 5 e 6, denominados “Apresentação, análise e discussão dos resultados” considerando a extensão do trabalho, Estudo 1 e Estudo 2 são apresentados em categorias e sua análise será feita no final de cada um dos gráficos, visando à melhor compreensão do discurso dos escritores.

CAPÍTULO 5 – ESTUDO 1

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Discurso dos escritores nos CLBs eno livro chiodettoEstudo 1

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros.

No gabinete de meu avô, havia-os por toda a parte; era proibido espaná-los, exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ou nobremente espacejadas em aleias de menires, eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia delas. Elas se pareciam todas; eu folgava num minúsculo santuário, circundado de monumentos atarracados, antigos, que me haviam visto nascer, que me veriam morrer e cuja permanência me garantia um futuro tão calmo como o passado. Eu os tocava às escondidas para honrar minhas mãos com sua poeira, mas não sabia bem o que fazer com eles e assistia todos os dias a cerimônias cujo sentido me escapava: meu avô tão canhestro, habitualmente, que minha mãe lhe abotoava as luvas manejava esses objetos culturais com destreza de oficiante (SARTRE, 1998, p. 31).

Neste capítulo, são apresentados dois estudos que se completam. O primeiro, aqui denominado de **Estudo 1**, refere-se à apresentação da pesquisa documental – bibliográfica realizada nos Cadernos de Literatura Brasileira – CLBs do Instituto Moreira Sales, com sede em São Paulo e escritores citados no livro de Chiodetto (2002) para subsidiar as respostas as questões norteadoras do trabalho. Foi feita uma escolha intencional de nove cadernos, visando a subsidiar o trabalho de campo no Estudo 2. Ainda no Estudo 1, a pesquisa foi dividida em duas partes, sendo a primeira os sentidos que os escritores literários atribuem ao seu trabalho a partir das Categorias da Psicodinâmica do Trabalho e, na segunda parte do Estudo 1, foram apresentados a sublimação, o processo criativo e o enfrentamento ao sofrimento dos escritores literários.

5.1 Os Escritores literários citados nos cadernos de literatura brasileira – CLBs e os que foram citados no livro de Chiodetto (2002) participantes desta pesquisa

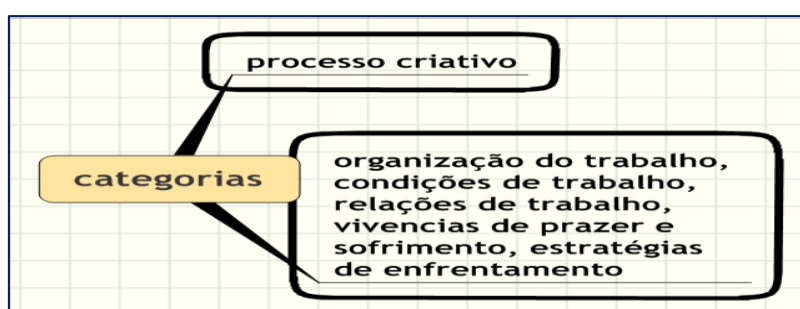
No Estudo 1 foram analisadas as falas dos escritores escolhidos contemplados nos cadernos de literatura brasileira citados mais afrente.

Já no **Estudo 2**, que será apresentado no capítulo 6, foi feita uma pesquisa do tipo descritivo-exploratório com nove escritores literários filiados à UBE-GO que autorizaram o uso de seus nomes e imagem, o que está registrado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido, objetivando a melhor compreensão dos participantes desta pesquisa que apresenta a análise e a discussão dos resultados aqui obtidos. Seguem a análise e as discussões embasadas na teoria da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, com suas categorias estabelecidas *a priori* por Dejours (1994; 1997; 2004).

Resultados do Estudo 1 – Os sentidos que os escritores literários atribuem ao seu trabalho a partir das Categorias da Psicodinâmica do Trabalho

Aqui são apresentados trechos do discurso dos escritores literários, selecionados pelos autores e com uma breve análise com base nas categorias criadas por Dejours (2004): organização do trabalho; condições e relações de trabalho; vivências de prazer e de sofrimento e estratégias de enfrentamento.

FIGURA 14 As categorias utilizadas para análise do discurso dos escritores literários



Fonte - O pesquisador

Estudo 1

Categorias da psicodinâmica no trabalho dos escritores

Depoimentos contidos nos trechos do discurso de Adélia Prado, Lygia Fagundes Telles e Raquel de Queirós ilustram essa categoria.

Categoria 1 Organização do contexto de trabalho

Compreende a divisão deste, a descrição de cargos bem como a “divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, cadência e, enfim, o modo operatório prescrito e a divisão das pessoas: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle.” (Dejours, 1994, p.125).

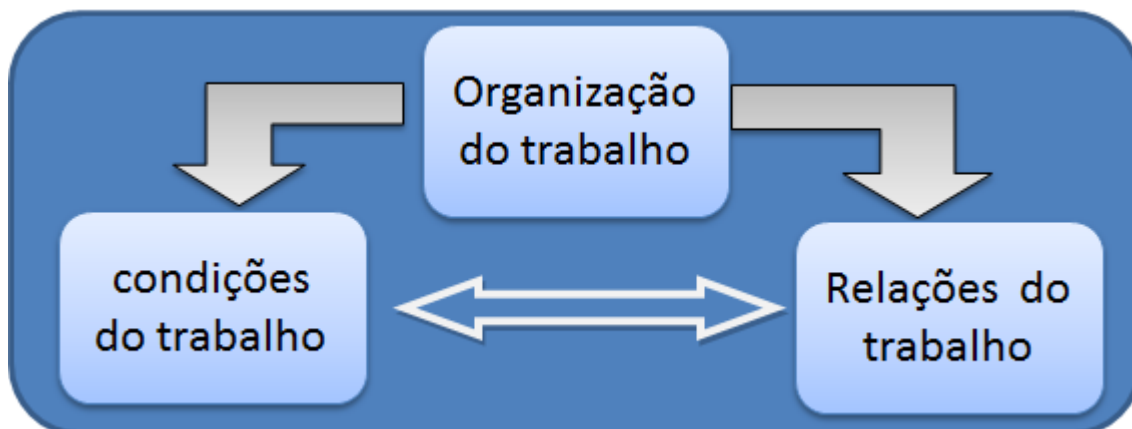
Adélia Prado é homenageada no Caderno de Literatura Brasileira, nº 10 de 2000 e afirma que: “Escrevo a mão, em cadernos, não importa em que lugar da casa.” A organização do trabalho para Prado (Chiodetto, 2002, p.20) é no seu caderno. Ela diz que registra tudo até o livro ficar pronto, depois queima tudo. “Ela diz que o seu escritório de trabalho é sua vida. Se montasse um escritório, ficaria pateta lá dentro, não teria o que fazer.”

Lygia Fagundes Telles está no Caderno de Literatura Brasileira nº05 de 1998 e descreve sua tarefa em Chiodetto (2002, p.44): “Datilografa, para, pinta o erro com o corretor líquido no papel sulfite e prossegue. Revisa o que acabou de escrever e parece descontente com o resultado do seu trabalho. Corta a parte ruim, cola e recoloca o papel na máquina e volta a escrever. “Ganhei um computador do meu editor e talvez no próximo livro eu aposente minha máquina de escrever.” Lygia gosta de ouvir música enquanto escreve. “Não pode ter letra, se não me desconcentro”. Invento, mas invento com a secreta esperança de estar inventando certo.”.

Raquel de Queiroz está presente nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº07 de 1997 e no livro de Chiodetto (2002, p.80) conta que: “No meu escritório ninguém entra. Ali é o santuário da gente.” Percebe-se que o trabalho ocorre principalmente em função de uma necessidade e desejo individual e a forma pela qual os organizam internamente e organizam o seu ambiente de trabalho é bem particular e individual, impedindo, portanto, que façamos qualquer generalização indevida.

Categoria 1.1 Organização, Condições e Relações de trabalho

Quanto à organização do contexto de trabalho dos escritores literários, não temos registros de divisão, espaços, repartição, comando etc. Chiodetto (2002) afirma que “o lugar do escritor” são todos os lugares. Percebe-se que é uma organização praticamente individual, em que cada escritor cria seu espaço de acordo com seu estilo de produção e não segue a estrutura formal do mundo trabalho tradicional. Essa mesma constatação foi encontrada na pesquisa de campo do Estudo 2 com os escritores literários da UBE-GO. A Figura 16 apresenta a primeira grande categoria da psicodinâmica que abarca organização, as condições e as relações de trabalho propostas por Dejours.

FIGURA 15 Categorias da psicodinâmica do trabalho

Fonte: O pesquisador

Categoria 1.2 Condições de trabalho

Dejours (1992) considera as condições de trabalho como o conjunto que envolve o ambiente físico (temperatura, pressão, barulho); as condições de higiene e de segurança; e as características ergonômicas do local de trabalho, tendo como alvo o corpo do trabalhador, e podendo ocasionar desgaste, envelhecimento e doenças. Em relação a essa categoria, temos os depoimentos de Moacyr Scliar, Ariano Suassuna e Régis Bonvicino.

Moacyr Scliar afirma que: “Não faço questão de silêncio. Pode ter barulho, movimento de pessoas, telefone que toca. Atendo e retorno a escrita sem perder a concentração. Consegui superar essa compulsão pelo isolamento que assola a maioria dos escritores. Mantenho meus livros deitados nas prateleiras, para que os autores também descansem” (CHIODETTO, 2002, p.24).

Ariano Suassuna está nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 10 de 2000 e conta que: “escreve a mão, em uma pequena mesa, depois datilografã em uma máquina antiga, mais tarde revisa os escritos deitados em uma cama enorme seu local preferido de leitura, repleta de livros” (CHIODETTO, 2002, p.38).

Régis Bonvicino. “O ato de escrever depende de muita concentração. Como nem sempre consigo tranquilidade, aprendi a escrever no caos. Gosto de escrever como um músico de jazz que trabalha muito com improvisação” (CHIODETTO, 2002, p.52)

O mundo que o artista cria é produzido a partir de se imaginário, de outra forma, pois ao criar, ele se liberta ou expressa aluta constante com a ansiedade relativa ao resultado final de seu esforço. No mito popular, o artista é um sonhador que ignora realidades na verdade ele não é um sonhador, mas um artesão supremo. O artista não está distante da realidade, mas busca expressar sua verdade psíquica seu fazer no real. O artista aspira a localizar seu conflito e resolvê-lo em sua criação. Portanto, a intenção do artista é despertar no público uma resposta emocional que nele produzirá o ímpeto de criar.

Categoria 1.3 - Relações do trabalho.

Para Dejours (2004), é por meio do desenvolvimento teórico e empírico que a teoria psicodinâmica do trabalho concebe o modelo de homem como um ser que pensa em sua relação com o trabalho; interpreta sua situação e, em razão dela, reage e se organiza. O sujeito no mundo do trabalho tem uma história singular, complexa, que constrói sobre o sentido do trabalho.

Trechos dos discursos dos escritores comentam essa categoria.

Ariano Suassuna: Está nos Cadernos de Literatura Brasileira nº 10, 2000, e diz: “quando me fecho no meu gabinete ninguém me aperreia, consegui impor esse respeito pelo meu trabalho (CHIODETTO, 2002, p.38)

Ferreira Gullar está nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 06 de 1998 e diz que escreve a mão, que a poesia é coisa intempestiva, ninguém controla, é inteiramente aleatória. A poesia não o obriga a rotina, ela quebra a rotina. Escrevo quando tenho vontade, não forço a barra, não me submeto a uma disciplina rígida. Escrever é um troço bravo. Tem momentos que estou mais intelectual, mais cerebral, outros mais sensoriais (CHIODETTO, 2002, p.28).

José J. Veiga: afirma que “escrever é abstrair o mundo”. Quando escrevo me ausento daqui. Abstraio totalmente. O lugar é o imaginário do escritor” (CHIODETTO, 2002, p.34)

Para **Lygia Fagundes Telles**, a grande dama da literatura brasileira, está nos Cadernos de Literatura Brasileira nº 05 de 1998: “O escritório, no inverno, é num dos quartos, mas com o calor do verão me mudo aqui para a sala. Fico deprimida no frio. Se morasse na Europa, seria alcoólatra” (CHIODETTO, 2002, p.44).

Patrícia Melo: “Ao mesmo tempo em que preciso de concentração e solidão, preciso de certa desorganização física, um desarranjo que tem no meu escritório. Só trabalho em meio a uma pilha de livros. Quanto mais avanço nos meus romances, mais vai sendo criado um

caos que se instala no meu escritório. A morte me obriga a escrever” (CHIODETTO, 2002, p.38).

Muitos escritores vivem em um clima de solidão para produzirem seus trabalhos e Barros (2007) propõe o que chama de solidão criativa, a solidão do encontro, nesse caso o encontro do escritor com ele mesmo, com seus personagens, com suas fantasias, com seu imaginário.

Conforme foi identificado nos Cadernos de Literatura Brasileira e no livro de Chiodetto (2002) e também no Estudo 2 com os escritores goianos, em virtude de o trabalho criativo do escritor literário ocorrer de forma muito individual e, também, talvez em decorrência de que os mesmos relatam trabalhar sozinhos, as relações de trabalho para essa categoria profissional fiquem limitadas dentro do conceito que entendemos como relações de trabalho.

Categoria 2 - Mobilização subjetiva do trabalhador

A mobilização subjetiva é definida como um processo caracterizado pelo uso dos recursos psicológicos do trabalhador em relação ao seu trabalho, expressos em vivências de prazer e de sofrimento relacionados ao trabalho. Alguns trechos dos discursos dos escritores abordam essa questão.

2.1 Vivências de prazer

As vivências de prazer emergem quando as exigências intelectuais, motoras ou psicossensoriais da tarefa convergem para satisfação das necessidades do trabalhador; de tal modo que a simples execução da atividade proporcione prazer (DEJOURS, 1994).

Rubens Figueiredo afirma que: “Não durmo com facilidade em nenhum lugar. meu sono é escasso. A escrivanhinha fica a três passos da cama. Levanto, lavo o rosto, tomo o café, volto para cá e começo a trabalhar desde cedo” (CHIODETTO, 2002, p.66).

Para **Augusto de Campos**, “Livros são almas. Não posso deixar que Gertrude Stein e Exara Pound se misturem. Ficam de lado opostos na estante, eles não se entendem” (CHIODETTO, 2002, p.70).

Ariano Suassuna. Está presente nos Cadernos de Literatura Brasileira nº 10, 2000 e afirma, no seu jeito bem nordestino e solto de se expressar: “Outro meu neto começou a chorar enquanto eu escrevia, pequei no colo e fiquei brincando com ele e percebi que aquela

invasão da realidade era mais bonita que a ficção que eu tentava escrever” (CHIODETTO, 2002, p.).

2.2 Vivências de sofrimento

Não vivemos sem trabalho e sem sofrimento. “Sofrimento dos que temem não satisfazer, não estar à altura das imposições da organização do trabalho” (DEJOURS, 1999, p.28). Esse sofrimento advém das normas e dos procedimentos, dos horários rígidos, do ritmo acelerado, de formação, de informação, de aprendizagem, de nível de instrução e de diploma, de experiência, de rapidez de aquisição de conhecimentos teóricos e práticos e de adaptação à “cultura” ou à ideologia da sociedade, às exigências do mercado, às relações com os clientes, particulares ou o público, entre outros. Alguns trechos dos discursos dos escritores abordam aspectos relacionados ao sofrimento.

João Ubaldo Ribeiro consta dos Cadernos de Literatura Brasileira nº 7,99 e cita no livro de Chiodetto (2002, p.72) que: “Sou composto por dois personagens: o Grande Ubaldo, um cara legal, que leva a vida numa boa, e o pequeno Ubaldo, que me cobra, pega no meu pé, um chato”.

João Cabral de Melo Neto homenageado nos Cadernos de Literatura Brasileira nº 1, 1996 e comenta no livro de Chiodetto (2002, p.60). “Não sou mais um escritor”. Estou cego. Para escrever preciso ver. Não leio, não consigo escrever também. “Sou um ex-escritor”.

QUADRO 16 Indicadores de Vivências de Prazer-Sofrimento dos Escritores pesquisados nos CLBs (2012) e no livro de Eder Chiodetto (2002)

	Indicadores das Vivências de Prazer e Sofrimento dos Escritores	Tipo de vivências
1	O fato de trabalhar com arte se torna um divisor de águas no sentido de se identificarem com seu trabalho.	Vivências de Prazer
2	O trabalho na arte se constitui num espaço privilegiado para o exercício da criatividade, da autonomia, liberdade e resistência ao sofrimento advindo do trabalho.	Vivências de Prazer
3	Ao contrário do que imagina o senso comum, o trabalho do artista é um trabalho que cansa e sobrecarrega, pois exige expertise técnica e disciplina; o trabalho inclui sofrimento; nem sempre é reconhecido pelos outros; o uso do tempo é diferenciado, pois a maioria relata horário flexível que inclui madrugadas adentro no desenvolvimento, criação e execução da obra de arte.	Vivências de Sofrimento

4	A maioria dos artistas não consegue se sustentar unicamente pelo trabalho na arte, o que os leva a ter dois ou mais empregos, gerando jornadas duplas ou triplas, indicando sobrecarga de trabalho; os riscos à saúde foram constantes, devido à exposição em lugares insalubres, horários noturnos, sem descanso ou pausas.	Vivências de Sofrimento
5	No Brasil ainda é incipiente o número de políticas públicas voltadas para o incentivo cultural, isso gera uma instabilidade financeira nos artistas.	Vivências de Sofrimento

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, adaptado de Macêdo (2010).

O sofrimento, para Dejours (1993, p. 153), “É definido como o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o ‘bem-estar’ (para retomar aqui o termo consagrado pela definição de saúde fornecida pela OMS), e, de outro, a doença mental.”.

Os escritores descrevem que entram em contato com alguns fantasmas em seus momentos de solidão criativa. Os sentimentos e razões vão sendo mobilizados em uma alquimia imprevisível, no sentido de se construir uma escrita, um registro do pensamento e da fantasia.

Percebe-se, nas vivências dos escritores, um sentimento de desamparo e solidão que permeia o processo criativo deles. Pereira (2007) propõe uma análise do que chama de polaridade entre o desamparo, uma instância primitiva, inicial da vida do sujeito e a sublimação, que é o ápice do funcionamento psíquico. Dessa forma, acreditamos ser possível um complemento às categorias de Dejours, neste trabalho, sobre desamparo e sublimação no processo de criação e no trabalho em si dos escritores.

Os autores, em geral, perdem o medo do absurdo, perdem o medo de construírem caminhos do imaginário para o real, em que a sociedade tem muita dificuldade e resistências em aceitar como válidos. Os autores literários sofrem, porque estão acordados do sono induzido pelos preconceitos sociais de regimes autoritários, dominadores e deformadores da consciência humana.

Categoria 2.3 Estratégias de enfrentamento ao sofrimento

O sofrimento pode ser patogênico ou criativo. Para que o sofrimento criativo possa ser transformado em vivência de prazer, o artista deve, necessariamente, utilizar o mecanismo de sublimação para construir essa transformação. Os trechos dos discursos de alguns escritores instigam a discussão do tema.

Manoel de Barros. “Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira. Não tenho inspiração. Escrevo religiosamente todo dia da sete ao meio dia. fecho-me no escritório e não saio de lá por nada.” (CHIODETTO, 2002, p.94).

Jorge Amado está nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 03 de 1997 e Zélia Gattai, sua esposa, afirma que “A tristeza e a frustração são evidentes. Jorge acorda. Melhor: inicia seu processo de acordar. Em dez minutos está finalmente de volta a este mundo.” (CHIODETTO, 2002, p.96).

Para Mendes *et al.* (2003) e Dutra (2011) as estratégias defensivas no trabalho podem ser individuais ou coletivas. Dejours *et al.* (1994) definem as estratégias defensivas coletivas como os mecanismos pelos quais o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que o faz sofrer. Esse processo é estritamente mental, pois geralmente não modifica a realidade de pressão patogênica imposta pela organização do trabalho. Para os autores, apesar de os mecanismos de defesas individuais coexistirem com os coletivos, as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores são, na sua maioria, coletivas e não individuais.

Resultados do Estudo 1 - A sublimação, o processo criativo dos escritores literários e o enfrentamento do sofrimento

Para Macêdo (2010), os escritores utilizam a sublimação como mecanismo defensivo inconsciente para lidar com a angústia. Conforme vários autores psicanalistas, a sublimação é considerada, inclusive por Freud (1914) como o mecanismo defensivo “superior” pelo fato de ela proporcionar uma satisfação do desejo pulsional, de forma que a pessoa consegue satisfazer seu desejo encontrando uma forma socialmente aceita.

Para exemplificar o processo criativo, Castelo (2004) relata o comportamento de dois escritores. Pirandello escreve sobre um cartaz afixado na porta de seu escritório que continha a seguinte mensagem: “Suspensas a partir de hoje, as audiências a todos os personagens, homens, mulheres, de qualquer classe social, de qualquer idade, de qualquer profissão, que fizeram o pedido e apresentaram qualificações para serem admitidos em algum romance ou conto.” Já a escritora Lygia Fagundes Telles afirmava que não criava os personagens, mas

eles se criavam e se impunham a ela. Esses personagens tinham uma existência própria e ela dialogava com eles.

Os escritores projetam nos livros uma dimensão existencial e criativa de suas obras, como no caso de Cora Coralina descrita por Ramón (2006) que é plena de poder metafísico, de metáforas com que converte as coisas do cotidiano em “coisas em segundo grau” dando vida ao imaginário. Para ele, o artista estranha e esconde sua intimidade criativa.

Aqui são apresentados trechos do discurso dos escritores literários, selecionados pelos autores, enfocando o processo criativo.

João Cabral de Melo Neto: comenta que não é possível escrever poemas sem o olhar. Afirma: “Estou com a visão muito ruim, dos dois olhos-acho difícil Eu, para escrever, preciso ver muito que estou escrevendo... O poema, para mim, é como se eu pintasse um quadro. Preciso ver como é que está ficando a forma dele” (Cadernos de Literatura Brasileira, nº 01 de 1996 e 1994, p. 155).

Mário Quintana, presente nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 25 de 2009, afirma que “Às vezes você acha que está dizendo bobagens e está é fazendo poesias. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? Exatamente por execrar a chatice, a longuidão, é que eu adoro a síntese. Outro elemento da poesia é a busca da forma (não da fôrma), a dosagem das palavras. Note-se que é o mesmo caso de Carlos Drummond de Andrade, de Alberto de Oliveira, de Érico Veríssimo—que bem sabem (ou souberam) o que é a luta amorosa com as palavras” (QUINTANA, 1982, p155).

Lygia Fagundes Telles (in BRITO, 1999), afirma que:

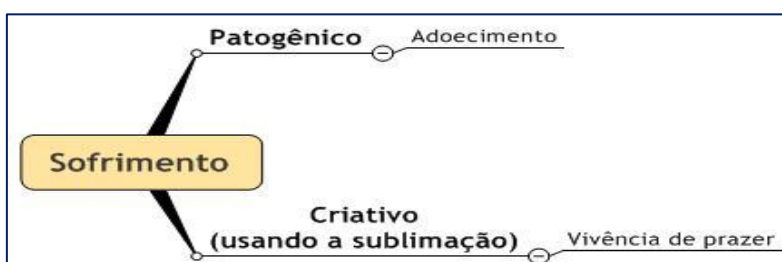
Escrever é realizar um desejo que é forte. Como eu já disse, é uma fatalidade, uma vocação. O ato de escrever é um ato que me realiza, independentemente se o trabalho tenha ou não tenha sucesso: não me interessa mais isso. Escrevendo, eu me realizo (TELLES, In: BRITO, 1999, p. 109).

Clarice Lispector presente nos Cadernos de Literatura Brasileira, nº 17/18 de 2004 é talvez a escritora mais circunspecta, misteriosa, que abordou profundamente temas relacionados ao desamparo e ao processo de subjetivação. Como podemos ver no texto de Rosenbaum (2000), que aborda que Clarice Lispector pela via criativa da linguagem, do desamparo e do processo de subjetivação humana com seu romance A paixão segundo G.H. (1964). Lispector afirma nessa obra que “o que vi arrebeta a minha vida diária (LISPECTOR, 1963, p.13) fala dessa vivência de crise”. Talvez Lispector seja a maior

escritora radicada no Brasil a falar sobre as vivências de crises de prazer e de sofrimento no campo literário.

Já o sofrimento criativo, conforme Dejours (1992, 1999), é aquele que, via utilização do mecanismo de sublimação, capacita a pessoa a transformar o sofrimento em vivência de prazer, conforme está ilustrado na Figura 18. Para o autor, pode-se compreender que o sofrimento pode ter como consequência a criação de uma defesa, isto é, a criatividade é usada para transformar o sofrimento, aumentando a resistência do trabalhador ao risco de desestabilização psíquica e somática. Nesse caso, o trabalho funciona como mediador da saúde. Mas quando o uso dessa criatividade é bloqueado ou quando já foram usados todos os mecanismos possíveis e as pressões no trabalho continuaram, o sofrimento pode tornar-se patogênico e levar o sujeito ao desequilíbrio psíquico e à descompensação e, como resultado, à doença. Dejours (1992) afirma que o trabalho irá funcionar como estabilizador e mediador da fragilidade da saúde (MILANESI; COLET; VIEIRA; OLIVEIRA, 2008). Esse mecanismo pode ser ilustrado pela Figura 15, apresentada a seguir.

FIGURA 15 Representação do processo criativo como mecanismo utilizado pelo escritor literário para enfrentar e transformar o sofrimento



Fonte- desenvolvida pelo pesquisador, com base em Dejours (1992,1999).

O processo de sublimação ficou evidente nos depoimentos dos escritores, que consideram que a obra literária transita pelo mundo do desejo, da angústia e da subjetividade. Nem sempre o escritor se dispõe a solucionar os conflitos humanos, muitas vezes escancara seus conflitos, desnudando-os, o que provoca reações da crítica.

Do dualismo do polo pulsional e representacional da linguagem, do intervalo constitutivo do psiquismo, da cisão radical entre as exigências da pulsão e os instrumentos de simbolização insuficientes para o sujeito, intervalo esse denominado desamparo pelo discurso freudiano, é desse estado abissal e trágico de desamparo que o homem cria. A experiência artística e literária, assim como a Psicanálise, possibilita um lugar onde o excesso e a intensidade pulsional, erótica, estructurem a realidade de forma estilizada e singular, organizem e constituam novos caminhos e inscrevam a pulsão no registro da simbolização (SEGAL, 1993; JOHANSON, 2004).

Quando partirmos da abordagem psicodinâmica do trabalho, consideramos que há dois tipos de sofrimento: o patogênico e o criativo. O patogênico, como o próprio nome diz, é aquele que não é capaz de promover na pessoa que o sente um movimento psíquico interno capaz de transformá-lo em outra coisa socialmente aceite ou em prazer.

CAPITULO 6 ESTUDO 2

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DISCURSO DOS ESCRITORES DA UBE-GO

Este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa de campo realizada no Estudo 2 com nove escritores literários filiados à União Brasileira de Escritores seção Goiás- UBE-GO, com sede na cidade de Goiânia, Goiás.

Segue a análise e a discussão tendo como referencial a teoria da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, com suas categorias estabelecidas *a priori* por Dejours (1994; 1997; 2004).

6.1 O Tipo de Pesquisa - Estudo 2 Escritores literários filiados à UBE-GO

Esta pesquisa faz parte de um projeto maior denominado “O trabalho dos trabalhadores de arte, entretenimento e lazer: uma abordagem psicodinâmica”, orientado por Macêdo (2008,2009), do qual também fazem parte os pesquisadores Dias (2007), Assis (2008), Santos (2008), Brasileiro (2008), Souza (2010), Pires (2011) e Bueno (2011), conforme Figura 19.

FIGURA 16 Pesquisas desenvolvidas com trabalhadores que atuam na área artística



Fonte: Adaptado com base em Pires (2011).

6.1.1 Os Escritores literários que participaram desta pesquisa

No mundo da literatura, muitas pessoas se aventuram a escrever poesias, contos, crônicas, romances, mas poucos se tornam, de fato, escritores literários e que atuam no mundo da literatura em Goiás. Nove deles, filiados à União Brasileira de Escritores-UBE-GO, foram entrevistados individual e coletivamente e autorizaram a divulgação de sua trajetória profissional no presente trabalho, cujos resultados fazem parte do *corpus* desta pesquisa. A UBE-GO tem cerca de 400 escritores filiados, porém somente, em média, 40 escritores participam das atividades literárias mensais; os que mais participam são os que foram convidados para participar da pesquisa. Nove deles foram entrevistados individualmente e, na fase devolutiva, tivemos três encontros coletivos e foi autorizada a divulgação de sua trajetória profissional no presente trabalho. Nesse sentido, seguem algumas informações biográficas que possibilitarão a melhor compreensão sobre esses trabalhadores da palavra.

A pesquisa foi realizada com nove (09) escritores filiados à União Brasileira de Escritores - UBE-GO que aceitaram participar do estudo. Esse número de escritores foi definido, em conjunto pela orientadora, com o presidente da UBE-GO e com o pesquisador, tendo por base que representam 20% do quadro de escritores filiados, que participam ativamente das reuniões convocadas pela direção da UBE-GO e dos eventos literários na cidade de Goiânia e no estado de Goiás. O número de escritores que participam em média nas reuniões ordinárias é em média de 37 escritores filiados.

QUADRO 17 Identificação dos participantes nas duas pesquisas (CLBs/IMS e CHIODETTO, 2002).

Escritor	Sexo	Idade	Educação	Profissão	Tempo	Tempo UBE
E1	Masc.	58	Administrador	Aposentado CEF	32	25
E2	Masc.	71	Advogado	Aposentado	58	40
E3	Fem.	70	Advogado	Funcionária Pública	16	12
E4	Masc.	80	Advogado	Aposentado	70	60
E5	Masc.	50	Administrador	Produtor cultural	34	30
E6	Masc.	87	Odontologia inc.	Empresário	75	65
E7	Masc.	60	Advogado	Empresário	40	25
E8	Masc.	43	Geógrafo	Professor	28	15
E9	Fem.	50	Advogada	Funcionaria	25	25

Fonte: O pesquisador

Ao fazer uma análise do coletivo dos escritores literários pesquisados, percebe-se que dos nove entrevistados, sete são homens e duas escritoras, oito concluíram o Ensino Superior, seis formados em Direito, uma escritora formada em Direito e Letras, um escritor doutorou-se em Geografia e é professor universitário, um escritor cursou Odontologia, mas

não concluiu e tornou-se empresário de sucesso, um escritor formou-se em Administração. Todos vivem financeiramente graças às suas profissões de origem, exceto o escritor que é administrador que vive exclusivamente do trabalho literário, como pode ser evidenciado no Quadro 18.

1. Edival Lourenço

FIGURA 17 Foto do escritor literário Edival Lourenço⁸



Nasceu em Iporá, GO, no dia 13 de agosto de 1952. Filho de Geraldo Lourenço de Oliveira e Doraci Paes de Oliveira. É Bacharel em Direito, gerente de Comunicação Social e Promoção Cultural da Caixa Econômica Federal em Goiás. Participa de mais de quinze antologias e teve cerca de 50 premiações, entre as quais, o Troféu Tiokô de Literatura-Prosa, no ano de 1992. É membro da Academia Goiana de Letras (AGL) e Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás. É ex-Conselheiro Estadual de Cultura e atual Conselheiro Municipal. Recebeu o Prêmio Nacional de Romance do Estado do Paraná pelo romance A Centopeia de Neon e a Comenda Jorge Amado, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, pelo conjunto da obra.

Obras - Poemas: Estação do cio, Coisa incoesa, As vias do voo, Pela alvorada dos nirvanas, Os enganos do carbono e A caligrafia das heras – Crônicas: O elefante do cego, As Luzes do pântano e Aqueles tiros de domingo – Contos: Mundocaia e Os Carapinas do Sri Lanka – Romance: A Centopeia de Neon e Naqueles morros depois da chuva.

⁸Fonte: Todas as fotos dos escritores foram retiradas do *site* da União Brasileira de Escritores – UBE-GO, 2012

2. José Mendonça Telles

FIGURA 18 Foto do escritor literário José Mendonça Teles



Nasceu em Hidrolândia-GO, no dia 25 de março de 1936. Filho de João Alves Teles e Celuta Mendonça Teles. Fez os estudos primários em Brazabrantas, Hidrolândia e Goiânia (Bairro de Campinas), no Grupo Escolar Henrique Silva. Concluiu o Curso Básico na Escola Técnica de Comércio de Campinas e o Curso Secundário no Lyceu de Goiânia e MABE – Moderna Associação Brasileira de Ensino, no Rio de Janeiro, em 1960. Graduado em Direito, turma de 1966, da Universidade Católica de Goiás, atual PUC (GO). Durante décadas como professor, lecionou no Colégio 5 de Julho, de Goiânia, no Centro de Formação de Oficiais da Polícia Militar, na Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis-GO, na Universidade Federal de Goiás, na Faculdade Cora Coralina, da Cidade de Goiás e na Universidade Católica de Goiás, onde foi professor titular até 2003, quando recebeu o título honorífico de Doutor *Honoris Causa*. Foi Presidente da Academia Goiana de Letras, durante dez anos, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, durante doze anos, fundador e ex-Diretor Geral do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central, da Sociedade Goiana de Cultura, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, Secretário de Cultura do município de Goiânia, membro do Conselho de Cultura do município de Goiânia, Presidente da Aliança Francesa, em Goiânia. Atual Presidente *Ad vitam* do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Presidente do Instituto Cultural José Mendonça Teles e membro do Conselho do Patrimônio Histórico de Goiânia. Pertence a inúmeras instituições culturais do País, entre elas: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (único goiano a integrá-lo como sócio correspondente), Academia Paulistana de História de São Paulo e da Ordem Nacional dos Bandeirantes de São Paulo. Sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos

de Santa Catarina, Distrito Federal, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Alagoas, Bahia, Paraná e Rio de Janeiro. Entre as condecorações e homenagens, recebeu o diploma de Honra ao Mérito da Universidade Católica de Goiás, Medalha João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, Medalha Tiradentes e Medalha Anhanguera, Grau de Comendador, outorgadas pelo governo de Goiás e o troféu Jaburu, distinção do Conselho Estadual de Cultura. Recebeu da Academia Goiana de Letras a homenagem ao nomear o ano de 2011 como Ano Cultural José Mendonça Teles. Autor das letras do hino oficial do Cinquentenário de Goiânia e do hino oficial de Goiás, musicados pelo maestro Joaquim Jayme. Coordenou e executou os projetos de reedição do periódico *A Matutina Meiapontense*, dos livros *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*, *Anais da Província de Goyaz*, *Goyania*, *Dicionário da Língua Brasileira*, da *Revista Oeste* e da série *Memórias Goianas* do volume I ao XVII. Coordenou o Projeto Resgate da Documentação Histórica da Capitania de Goiás e do Piauí, existente em Portugal, trazendo para esses Estados, todos os documentos microfilmados, referentes ao período de 1731 a 1822. Autor do projeto que resultou no tombamento de quinze bens históricos de Goiânia. Exerceu os cargos públicos de Assessor Cultural da Fundação Cultural de Goiás e Assessor Cultural da Vice-Governadoria de Goiás. É Cronista do *Jornal O Popular*, há mais de vinte anos.

Obras: *Poesia & Contos Bacharéis I*, antologia. Goiânia: Oriente, 1966; *A Cidade do Ócio*, contos. Goiânia: Oriente, 1970; 2ª edição, 1973; *Contítulos*, conto bibliográfico. Goiânia: Oriente, 1972 e 2ª edição, 1975; *General Curado*, estudo biográfico. Goiânia: Oriente, 1973. Menção Honrosa do Concurso do Sesquicentenário da Independência; *Poesias & Contos Bacharéis II*, antologia. Goiânia: Oriente, 1976; *Fronteira*, estudos literários. Goiânia: Oriente, 1977; *Vida e Obra de Silva e Souza*, ensaio. Goiânia: Oriente, 1978; 2ª edição, Goiânia: Cegraf, 1999; *Um rio dentro de mim*, discurso de posse da Academia Goiana de Letras e outros ensaios. Goiânia: Oriente, 1979; *Via Sacra*, contos. Goiânia: CERNE, 1979. Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 2ª edição, Goiânia: CEGRAF, 1985; *Setembro nos reúne*, crônicas. Goiânia: Oriente, 1981; *Gente & Literatura*, estudos literários. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1983; *Memórias goianienses*, depoimentos. Goiânia: UCG, 1985; *Encantamento*, poemas. Goiânia: UCG, 1985; *Em defesa de Goiânia*, memória histórica. Goiânia: UCG, 1988; *Quando os Flamboyants florescem*, poemas. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1988 e 2ª edição, Goiânia: UCG, 1989; *A Imprensa matutina*, ensaio. Goiânia: CERNE, 1989. Prêmios Bolsa de Publicações José Décio Filho, da UBE-GO, *Clio de História*, da Academia Paulistana de História e Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras; *No Santuário de Cora Coralina*, ensaio.

Goiânia: Editora Kelps, 1991; 2ª edição, Editora Kelps, 2001 e 3ª edição, Editora Kelps, 2003; Amor Diário, poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1992; A Vida de Pedro Ludovico, ensaio. Goiânia: Editora Kelps, 1992; 2ª edição, Editora Kelps, 1999, 3ª edição, Editora Kelps, 2005; Atlético, Sentimento & Glória, crônicas. Goiânia: Editora Kelps, 1995; Crônicas da Campininha, crônicas. Goiânia: Editora Kelps, 1997; Crônicas de Goiânia, crônicas. Goiânia: Editora Kelps, 1998; Crônicas & outras histórias de O Popular, antologia. Goiânia: Editora Gráfica O Popular, 1998; Itinerário Poético Vila Boa-Pirenópolis, poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1999; Chão Goiano, ensaios. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 1999. Dicionário do Escritor Goiano. Goiânia: Editora Kelps, 2000; Aventuras de Zé Pequeno, cordel. Goiânia, 2002; Crônicas de Hidrolândia, 1ª edição Goiânia: Editora Kelps, 2003, 2ª edição 2005; A Vida de Pedro Ludovico – Fundação de Goiânia: Editora Kelps, 2004; Semeadores de Futuros, crônicas. Editora da UCG e Contato, 2005; Crônicas Vilaboenses. Goiânia: Editora Kelps, 2005; Eu te vejo, Goiânia, história e poemas. Goiânia: Editora Kelps, 2005; Crônicas de Mim. Goiânia: Editora Kelps, 2006; A Coluna Prestes em Goiás, História/Depoimentos. Goiânia: Kelps, 2008; Crônicas de Pirenópolis, crônicas. Goiânia: Kelps, 2009; Amor Diário 2, poemas. Coleção Goiânia em Prosa e Verso. Editora Kelps e Editora da UCG, 2009. Crônicas Vilaboenses, crônicas. 2ª edição. Goiânia: Kelps, 2010; Crônicas da Campininha, crônicas. 3ª edição. Goiânia: Kelps, 2010; Goiânia, Coração do Brasil, infantil. São Paulo: Editora Cortez, 2010; A Cidade do Ócio. Fortuna Crítica Comemorativa dos 40 anos. 4ª edição. Goiânia: Kelps, 2010. Campininha das Flores e sua História (produção coletiva). Goiânia: Editora Scalla, 2010.

3.Ubirajara Galli

FIGURA 19 Foto do escritor literário Ubirajara Galli



Nasceu em Pires do Rio-GO, no dia 22 de fevereiro de 1954. Filho dos odontólogos Ludgero Carolino Soares Vieira e Elisa Galli Vieira. Estudou na Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, em Pires do Rio. Iniciou o curso primário no Colégio Estadual Vasco dos Reis Gonçalves, em Urutaí-GO, ocasião em que morou na casa de tias paternas, vindo a concluí-lo, em Pires do Rio, na Escola Estadual Martins Borges. O ginásio cursou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Pires do Rio e na Escola Estadual Professor Ivan Ferreira, de Pires do Rio, onde também iniciou o ensino médio, que foi concluído no Lyceu de Goiânia e Colégio Pré-Universitário, de Goiânia. Graduado em Administração de Empresas pela Faculdade Anhanguera, de Goiânia. Foi diretor da UNART – União dos Artistas, editor do Suplemento Cultural do Jornal Top News, diretor do Instituto Goiano do Livro, Assessor Cultural da Secretaria da Cultura de Goiás, diretor da Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco (Goiânia), Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás, diretor de Ação Cultural da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, Presidente da Fundação Cultural de Pires do Rio, Presidente da Academia Piresina de Letras e Artes, Presidente do Country Clube de Pires do Rio e membro do Conselho Municipal de Cultura de Goiânia. Atualmente é diretor do Instituto Cultural José Mendonça Teles, produtor de textos da empresa Contato Comunicação e da Fundação Cesar Baiocchi – Acqua Vitae. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, da Academia de Letras, Artes e Ciências de Urutaí “Marília de Dirceu Vieira”. Sócio correspondente da Academia Catalana de Letras e da Academia de Letras, Ciências e Artes de Inhumas. Patrono do Instituto Histórico e Geográfico de Inhumas. Possui dezenas de premiações literárias em Goiás e em outros Estados. Assina a Coluna Historiografia Goiana, veiculada aos domingos no jornal Diário da Manhã, Goiânia (GO).

Obras: Poemas e Papos. Poemas. Goiânia: Editora Oriente, 1977; A Fábula do Êxtase. Poemas. Goiânia: Gráfica e Editora Roriz, 1982; Poemas Balzaquianos. Poemas. Goiânia: Editora da UCG, 1986; Licores da Carne. Poemas. Goiânia: Editora da UCG, 1988; Amor Inverso. Poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1990; Antologia da Poesia Piresina. Volume I. Organizador. Goiânia: Editora Kelps, 1991; Antologia do XI Concurso de Poesia Falada Cidade de Pires do Rio. Organizador. Poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1993; Almíscar. Poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1994; Tatuagens em Fuga. Poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1998; A História da Indústria Gráfica em Goiás. Goiânia: Contato Comunicação, 2004; A História da Mineração em Goiás. Goiânia: Contato Comunicação e Editora da UCG, 2005; A História da Pecuária em Goiás. Goiânia: Contato Comunicação e Editora da UCG, 2005; A História da Hotelaria em Goiás. Goiânia: Contato Comunicação e Editora da UCG, 2005; Limpador de Nódos. Contos. Goiânia: Editora Kelps, 2005. Antologia Poética Brasil, Chile e Peru. Organizador. Goiânia: Editora Kelps, 2005; Orlando Alves Carneiro – Iluminado Empreendedor. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2006; A História do Batismo Cultural de Goiânia. Goiânia: Contato Comunicação e Editora da UCG, 2007; Os Anhangueras em Goiás. História. Goiânia: Editora Kelps, 2007; Carlos Dayrell. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2007; A História do Comércio Varejista em Goiás. Goiânia: Contato Comunicação e Editora da UCG, 2007; Heribaldo Egídio, vida e negócios - Biografia. Editora Kelps. Goiânia, 2007; Jaldo de Souza Santos, 50 anos dedicados à Farmácia. Biografia. Editora Kelps. Goiânia, 2007; José Asmar – Biografia. Goiânia : Editora da UCG e Contato Comunicação, 2008; Deputado José de Assis – A trajetória de um líder. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2008; Dr. Aldemar de Andrade Câmara – História de uma vida. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2009; Antologia do Concurso de Poesia Falada – Geraldo Coelho Vaz – 50 Anos de Literatura. Organização. Goiânia: Editora Kelps, 2009; Dr. José Fleury Curado – Fundação Cesar Biocchi - Coleção Vitae. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2010; Praça da Inspiração – 77 personalidades da Calçada da Fama de Goiânia. Biografias. Goiânia: Contato Comunicação, 2010; AHEG– Associação dos Hospitais do Estado de Goiás – 40 anos de história e realizações. Goiânia: Cir Gráfica e Editora Ltda, 2010; Estudo da História da Administração – Sua presença em Goiás. Goiânia: Editora Kelps, 2010; Antologia do Concurso de Poesia Falada – José Mendonça Teles – 40 Anos de Literatura. Organização. Goiânia: Editora Kelps, 2010; Israel de Amorim – um homem que reluziu mais que seus diamantes. Goiânia: Editora Kelps, 2011; Elpídio de Souza Santos. Pensador Político em Iporá. 1944-1961. Goiânia: Editora Kelps, 2011; Jerônimo Rodrigues da Silva – Jerominho. Fundação Cesar Biocchi - Coleção Vitae. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2011; Altamir

Mendonça – de empresário a político, o trabalho habita a alma desse homem. Biografia. Goiânia: Editora Kelps, 2011.

4. Waldomiro Bariani Ortêncio

FIGURA 20 Foto do escritor literário Bariani Ortêncio



Nasceu em Igarapava, São Paulo no dia 24 de julho de 1923. Veio para Goiânia em 1938, estabelecendo-se comercialmente no Bairro de Campinas, com o Bazar Paulistinha. Um dos fundadores da União Brasileira de Escritores-Seção Goiás, foi Presidente por três mandatos. Atual Presidente da Comissão Goiana de Folclore. Membro da Associação Goiana de Imprensa, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Academia Goiana de Letras, Sociedade Geográfica Brasileira, Comissão Nacional de Folclore, Conselho Estadual de Cultura, Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, Trindade-GO, Academia de Letras do Centro-Oeste, Barra do Graça-MT, Ordem Nacional dos Bandeirantes, São Paulo-SP, Academia Paulistana da História, SP, etc. É compositor, cronista do Jornal O Popular e participante do programa de televisão da TV Anhanguera “Frutos da Terra”. Recebeu várias premiações, entre elas: Prêmio João Ribeiro/1997, com a obra “Cartilha do Folclore Brasileiro”. Com “A Fronteira” (Revolução Constitucionalista de 1932 e Minha Vida de Menino), ganhou o prêmio CLIO da Academia Paulistana da História e edição premiada pelos Correios.

Obras: O que foi pelo Sertão; Sertão – o Rio e a Terra; Sertão sem fim; A Cozinha Goiana, Receituário; Vão dos Angicos; Força da Terra; Morte sob Encomenda; Dr. Libério – O Homem Duplo; Histórias de Crimes e do Detetive Waldir Lopes; Dicionário do Brasil Central; O Enigma do Saco Azul; Aventura no Araguaia; *A Deal With Death*; Meu Tio-Avô e o Diabo, foi adotado no Vestibular do ano de 1998, em 3 Universidades de Goiás (UFG, UCG e UNIVERSO), em 27 faculdades e em todos os colégios do segundo grau do Estado de

Goiás; Medicina Popular do Centro-Oeste; João do Fogo; Cartilha do Folclore Brasileiro; O Homem que não Teimava; Crônicas & Outras Histórias; João do Fogo e Pimentinha-Novas Aventuras; Caminho da Liberdade; A Fronteira (A Revolução Constitucionalista de 32 e Minha Vida de Menino).

5. Alcione Guimarães

FIGURA 21 Foto da escritora literária Alcione Guimarães



Nasceu em Goiânia, GO, no dia 12 de abril de 1940. Filha de Gilberto Canedo Guimarães e Mirtes Oliveira Guimarães. É casada com o escritor Geraldo Coelho Vaz. É advogada, formada na primeira turma da Universidade Católica de Goiás, 1963. Artista plástica desde 1963 e apresenta seus trabalhos em exposições individuais e coletivas em Goiás, Rio de Janeiro e até na França. Utilizando-se da pintura ela desenvolveu uma temática em torno dos elementos do mundo rural, expressando a diversidade dos homens, animais e paisagens em suas relações e singularidades. Em 2000 estreou na literatura e atualmente está com três livros publicados: “Zuarte” (com ilustrações) 2000, livro de poemas e pinturas – prêmio de Poesia Centenário de Henriqueta Lisboa, pela Academia Mineira de Letras; “Fuso de Prata” - livro de contos – Troféu Goyazes – Conto Bernardo Élis, pela Academia Goiana de Letras e lançou no dia 05/04/2011 o livro “ Trama da Luz” – poemas – Vencedor da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos. Conferido pela União Brasileira de Escritores de Goiás.

6. Geraldo Coelho Vaz

FIGURA 22 Foto do escritor literário Geraldo Coelho Vaz



Nasceu em Goiânia (Campinas) no dia 24 de setembro de 1940, filho de Glicério Coelho e Maria Vaz Coelho. Fez seus estudos iniciais em Catalão e, em 1966, concluiu o curso de Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Goiás. Professor de Direito Penal e Processual Penal na Escola dos Oficiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, repórter da Folha de Goyaz, foi Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás; Secretário de Cultura do Estado, um dos fundadores do Grupo de Escritores Novos (GEN) e fundou os jornais A Voz do Escritor, Mutirão Cultural e Painei Cultural.

Pertence a diversas entidades culturais com várias premiações, participou de muitas antologias brasileiras e estrangeiras e presidiu a Academia Goiana de Letras.

Em 2004, foi agraciado com o Prêmio Clio de História, pela Academia Paulistana de História, com o livro Senador Canedo – vida e obra, e recebeu a comenda Grão-Mestre da Ordem do Mérito Anhanguera, do Estado de Goiás, no grau Comendador, pelos relevantes serviços prestados à cultura goiana.

Tem publicadas as seguintes obras: Vultos Catalanos (antologia), 1959; Poemas da Ascensão (poemas), 1963; Mensagem livre (poemas), 1971; Águas do Passado, (poemas), 1986; Re (vi) vendo (ensaio), 1987; Corpo Noturno (poemas), 1990; Rastro literário (crônicas) 1991; Caminhos de sempre (poemas) 1996; Memória do Poder Judiciário de Goiás (pesquisa histórica) 1998; Diário de Tropeiro (poemas), 1999; Literatura goiana – síntese histórica (pesquisa literária: português, francês e espanhol), 2000; Aquino Porto e a industrialização em Goiás (pesquisa histórica), 2001; Goiânia-69 (poemas), 2002; Senador Canedo – Vida e Obra (pesquisa histórica), 2004; Coelho Vaz – Poemas Reunidos (poemas) 2004; Seleta Acadêmica (antologia), 2005; Força literária (crônicas), 2005; Vinte poemas e

desenhos iluminados, 2006 e O outro caminho (poemas), 2007, prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, Prefeitura de Goiânia e UBE-GO.

7. Maria Luísa Ribeiro Neves - Malu

FIGURA 23 Foto da escritora literária Maria Luísa Ribeiro Neves - Malu



Nasceu em Goiânia, Capital de Goiás, no dia 18 de junho. Filha de Cássio Ribeiro e Ângela Araújo Ribeiro. Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Goiás, pós-graduada em Processo Penal e Criminalística. Licenciada em Letras-Português pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente (2010) é Presidente da Academia Goianiense de Letras. Conselheira Editorial da Universidade Católica de Goiás.

Funções Exercidas:- Em 1983 exerceu o cargo de Delegada Regional de Educação da região de Jussara-GO.;- Exerceu o cargo de Presidente da União Brasileira de Escritores-Seção Goiás no período de 2000 a 2008 (4 mandatos), sendo a 1ª mulher a assumir o cargo após 55 anos de fundação da entidade; - Membro da Comissão Julgadora de Projetos Culturais da Secretaria Municipal de Cultura no período de 2002/2004;

Entidades das quais participa:- União Brasileira de Escritores-Seção Goiás; - Academia Goianiense de Letras; - Agência Goiana de Imprensa; - Associação Nacional de Escritores – D.F.

Premiações:- Comendadora da “Ordem Anhanguera”; - Diploma de “Honra ao Mérito”, do Instituto Goiano do Livro, pelos serviços prestados na realização dos seus projetos Literários e Artísticos no ano de 1999; - Em 2002 recebeu o “Troféu Pelicano” da Grande Loja Maçônica de Goiânia; - Diploma “Personalidade Cultural do Ano 2003 – Láurea

Benedito Rodrigues Nascimento”, da Casa do Poeta Brasileiro e Federação Brasileira de Alternativos Culturais do Estado de Goiás; - Certificado de “Homenagem”, do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro e a Casa de Cultura Lima Barreto, em reconhecimento à sua dedicação em prol da Cultura do Brasil no ano de 2004; - Diploma de “Mérito Editorial” da Editora da U.C.G., órgão da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa, pela publicação da obra “Confraria do Porto do Escritor” (Antologia) no ano de 2005;- Diploma de “Mérito Editorial” da Editora da U.C.G., órgão da Pró-Reitoria de Pós Graduação e pesquisa, pela publicação da obra “O Leve Peso da Sombra” em 2005.- Prêmio Colemar Natal e Silva pela Academia Goiana de Letras no ano de 2005.

Obras Publicadas: Poesias: “O Tempo Responde” – Ed. Kelps, Goiânia “Além do Alambrado” – Ed. Kelps, Goiânia-GO. 1990; “O Leve Peso da Sombra” – Ed. Kelps/UCG, Goiânia-GO. 2005; “O Pássaro do Bico de Ferro” – R&F Editora, Goiânia – GO. 2010; **Literatura Infantil:** “Veneno da Lagartixa” – Grafopel Gráfica e Editora, Goiânia-GO. 2000; “Gata, gata, Gatarina” – Grafopel Gráfica e Editora, Goiânia-GO. 2001; “O Anjinho que falava palavrão” – Grafopel Gráfica e Edt, Goiânia-GO. 2001; “Nave Pensamento” – R & F Editora, Goiânia-GO. 2009; **Contos:** “O Senhor dos Desencantos” – Ed. Kelps, Goiânia-GO. 2001; “O Domador do Rio” – Ed. Kelps, Goiânia-GO. 2003; **Romance:** “Os Cordeiros do Abismo” – R & F Editora=Participa de várias Antologias Nacionais e Internacionais.

8.Eguimar Felício Chaveiro

FIGURA 24 Foto do escritor literário Eguimar Felício Chaveiro



Nasceu em Trindade-GO, possui Graduação em Geografia pela Universidade Católica de Goiás (1987), Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996) e doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2001). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Goiás, vice-diretor do Instituto de Estudos

Sócio-Ambientais - IESA. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: educação ambiental, a dinâmica da cidade, geografia urbana, geografia do trabalho e desenvolvimento urbano. Atividades: Professor, geógrafo, pesquisador, historiador, conferencista, cronista.

Livros Publicados: Goiânia Reinventada. A Dinâmica demográfica de Goiás. Geografia e Cultura - os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas. A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla Dimensão Socioespacial. A Vida é um Engenho de Passagens.

9. Otilio Paiva

FIGURA 25 Foto do escritor literário Otilio Paiva



Nasceu em Catalão, no dia 25 de setembro de 1948, filho de João Batista Neto e de Maria Silva Batista. Fez os cursos primário e ginásial no São Bernardino de Siena. O segundo grau no Colégio Diocesano de Uberaba e no Colégio Triângulo e concluiu na Escola Técnica de Comércio Wagner Estelita Campos de Catalão. Em 1974, bacharelou-se em Direito, pela Faculdade de Direito de Uberlândia. Vem exercendo a advocacia e foi vereador de Catalão, por duas legislaturas, ex-presidente da Academia Catalana de Letras, ocupando a cadeira número 12, cujo patrono é o poeta Ricardo Paranhos. Pertence a União Brasileira de Escritores de Goiás e, atualmente, é empresário e dedica-se às artes plásticas e à literatura com vários livros publicados como Violação de 1997 (romance), Jornada incerta em 2007 e sob o olhar dos deuses de 2008, com mais dois livros de poesias no prelo.

Após o esboço biográfico a respeito dos autores sujeitos desta pesquisa, esclarecemos que este capítulo foi dividido em três categorias.

- Categoria 1: identidade profissional e arte;
- Categoria 2: a organização do contexto de trabalho;
- Categoria 3: os aspectos subjetivos do trabalho dos escritores literários, com o foco nas suas vivências de prazer e de sofrimento e estratégias de defensivas e de enfrentamento.

Estudo 2

A seguir são apresentados os gráficos do Estudo 2, dos discursos dos escritores literários na **Categoria 1: Identidade profissional e arte**; na sequência a **Categoria 2: organização do contexto de trabalho (organização, condições e relações de trabalho)** e concluindo com a **Categoria 3 : Mobilização subjetiva de trabalho (vivências de prazer-sofrimento, estratégias defensivas ou de enfrentamento)**

6.2 Categoria 1 – Identidade profissional e arte

Seguem as perguntas que fazem parte dessa categoria cujos gráficos será apresados a seguir.

1-Qual a sua profissão?

2-Você poderia falar um pouco mais sobre a UBE e o trabalho do escritor? Sobre reuniões, encontros, lançamento de livros, como é o comparecimento dos escritores nesses eventos?

3-Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?

4-Você se encontra com outros escritores? Quando? Onde? Como? Você frequenta reunião de escritores? Com quem? Na UBE também, tem esses encontros?

5-O que é literatura para você?

6-Você pode descrever como ocorre o seu processo criativo? Desde quanto sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto?

7-O que é arte para você?

8-Você considera a literatura um tipo de arte?

9-Quando você pensa na profissão de escritor o que sente?

10-Por que você escolheu essa profissão e por que trabalhar com literatura?

11-E você tinha algum tipo de contato com a literatura, antes de se tornar escritor (a) e quando isso ocorreu?

12-Você se identifica com algum profissional de literatura e se sim, como que ele influenciou seu trabalho?

Nessa categoria 1, são apresentados discursos dos escritores quanto à trajetória profissional e à constituição da vida visando à construção da identidade profissional, que é uma característica importante aos escritores para se diferenciarem entre os demais. Refere-se a quanto ou como o indivíduo se percebe no seu trabalho, no qual constrói sua identidade profissional. Para Souza (2010), Macêdo (2010, 20012) a identidade é um princípio fundamental na formação do sentido do trabalho para os indivíduos, princípio este constituído pelo coletivo e pelo social.

De acordo com Macêdo (2010), cabe ressaltar que há, no labor artístico, uma possibilidade de transformação da realidade, que escapa às definições tradicionais e denuncia suas contradições, revelando, assim, outras intenções. Depreende-se das diversas abordagens apresentadas acima, que o conceito de identidade é impreciso e polissêmico. A identidade pode se referir a vários objetos, à pessoa e sua personalidade, ao grupo (identidade biológica, social, profissional, ocupacional e cultural) e a instituições. Atualmente não se fala mais em identidade e, sim, em identidades.

O conceito de identidade para Macêdo (2012) passou a ser concebido como um fenômeno relacional resultado da oposição entre aquilo que há de comum e faz com que um indivíduo se perceba como membro de um grupo, e o que há de diferente, levando esse mesmo indivíduo a se perceber como não membro de outros grupos. Desse modo, abordar identidade pressupõe uma compreensão dialética, no sentido de que ela se refere tanto às semelhanças internas que a pessoa tem em relação ao seu grupo de pertença (endogrupo) quanto às diferenças que tem em relação aos outros grupos que sente necessidade de se diferenciar (exogrupo). Além disso, a dialética também se faz necessária para compreender o processo de aculturação (antropologia) socialização (ciências sociais) ou identificação (psicologia e psicanálise) a partir do qual a pessoa é ao mesmo tempo influenciada e reflete as normas e valores de seu grupo, quanto também é agente de ação transformadora da cultura.

O Gráfico 1, a seguir refere-se à questão dos escritores perceberem seu trabalho como profissão.

GRÁFICO 1 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados :Qual do discurso dos escritores literários ao serem perguntados sobre a sua profissão?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Qual é sua profissão?”, emergiram do discurso quatro categorias que sentem pela profissão: escritor, advogado, professor e outros. Na primeira categoria, eles sentem a profissão voltada para a produção da literatura, mas não como condição lucrativa; todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães. Advogada e artista plástica:

Bom, hoje eu posso dizer que eu ainda sou uma artista plástica, apesar de que não to tão atuante porque eu já deixei de fazer aqueles compromissos que eu tinha anteriormente, até porque eu me dediquei à literatura, mas ainda continuo fazendo alguns desenhos e assim, mas sem data pra exposição porque agente vai começando a ficar mais ligente e você fala assim:.

E2 Edival Lourenço:

Bancário/ professor Universitário (aposentado) Segunda Profissão (atual): Escritor/ Dirigente de entidade Cultural/ Consultor área Cultural.”

E3 Eguimar:

Geógrafo, professor universitário.

E4 Geraldo Coelho:

Eu vivi por muitos anos da advocacia e fui funcionário público, porque quando eu vim de Catalão eu vim trabalhar com o Mauro Borges que era governador do Estado de Goiás, trabalhei com ele no Palácio, fui inicialmente oficial de gabinete dele, depois surgiu à criação do Plano MB, que era a criação do Plano Mauro Borges e todo mundo chamava de Plano MB, foi criado o cargo de Chefia Cerimonial do Palácio e ele então me convidou para assumir e eu assumi até o final da administração dele, foi quando afastou ele do governo. Nesse período do governo do Mauro eu viajei muito com ele, não só aqui no Estado de Goiás como fora do Estado, algumas vezes até representando o Mauro e tive uma ligação estreita até familiar com ele, porque a minha ligação com ele naquela época de chefe de cerimonial foi uma espécie de Secretário Particular do Governo, eu o acompanhava,[...] ele então sempre dizia sobre a história e eu acho que eu por meio desses contatos é que eu passei a gostar mais ainda da história e passei a pesquisar mais sobre a história e na realidade foi à advocacia que me deu a estabilidade para eu exercer a literatura. E tem até um fato interessante, quando eu estava ainda começando a fazer poesias, lendo, fui repórter da Folha de Goiás muitos anos, o Bariani Ortêncio um dia me chamou e falou “você está se esquecendo de alguma coisa, você está novo, literatura não dá dinheiro, você então começa a pensar, trabalhar para você quando estiver na fase adulta e hora que você deixar de trabalhar, você estar estabilizado e pode ficar por conta da literatura”. Fiz direito na Católica, sou da 4ª turma e a Alcione da 1ª turma de direito, porque naquela época só existiam duas faculdades de direito aqui em Goiânia, a Católica e a Federal e quando eu cheguei a Goiânia, no início do ano de 62.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Bacharel em Direito e pós-graduada em Letras Português.

E6 Otilio Paiva:

Ah sim, mas eu não tenho outra profissão, eu advoguei durante vinte e cinco anos, até 1994. Foi quando eu achei que eu estava muito ocioso no meu trabalho porque o volume de serviço de advocacia tinha diminuído muito, e como eu tinha outros interesses econômicos, eu não estava dependendo daquilo lá, simultaneamente ocorreu o seguinte que, eu sairia de lá e ganharia tempo para poder fazer alguma coisa que eu sempre tinha sonhado que é escrever, foi quando eu comecei a escrever, né e aí passaram a, escrevi o primeiro conto, e tinha começado a surgir às ideias pra outros textos né, esses insights que vão surgindo quando se coloca naquela posição de passar a gostar de escrever e tiver aquilo como projeto né, e aí eu achei que eu precisava me instrumentalizar, antes de escrever os próximos contos, eu passei a fazer uma série de leituras básicas né, leituras, por exemplo, teóricas, como por exemplo, M. Moisés, em que eu li sobre poesias, sobre prosa né, conto, romance, poesia, teatro, romance, e depois que eu me senti assim mais ou menos, eu já tinha uma visão melhor, pensei agora eu vou escrever melhor essas ideias todas que eu já to acumulando, e tem vindo acumulando ao longo da vida, quer dizer, eu tenho muita coisa anotada, anotada, e de vez em quando eu folheio e gosto das ideias e acho que são ideias interessantes.

E7 Ubirajara Galli:

A minha profissão eu defino como um produtor de texto, como escritor realmente, porque o meu ganha-pão, digamos, em uma escala de 1 a 100, pelo menos 80%, esse provimento vem do meu fazer intelectual, da minha produção como escritor.

E8 W. Bariani Ortêncio:

Minha profissão é comerciante industrial. Hoje eu não sou, entreguei tudo para os meus filhos e tal. Eu só trabalho com as coisas que eu gosto, é literatura... Eu sou mais compositor de música do que escritor, eu tenho mais discos gravados do que livro, então, mas eu fui industrial, trabalhava em cerâmica, serralheria cerrava granito, mexi com muitas coisas, hoje eu só mexo com literatura, música e pescaria.

E9- José Mendonça Teles:

Sou advogado, professor aposentado da UFG e da PUC e escritor.

Os discursos dos escritores confirmam alguns questionamentos feitos no início da pesquisa quanto a: Quem é o escritor? Que é o seu ofício? Qual sua gênese? O Escritor Literário poderia se reconhecer em seu trabalho, ser autônomo? Sua identidade e sua autonomia. Há prazer e reconhecimento em se ver no seu trabalho literário? O trabalho do escritor literário que cria, transforma, lê, escreve. As condições do mercado de trabalho não permitem que os escritores possam viver da literatura, são obrigados a ter uma profissão âncora que de sustento financeiro a suas vidas, eles só vão poder se dedicar totalmente a literatura após se aposentar ou quando se tornam referência nacional em algum gênero que seja muito comercial como é o caso da autoajuda, o que não é caso dos escritores entrevistados que, em geral, não dão importância a esse tipo de literatura.

Somente um dos entrevistados vive exclusivamente de literatura. Os discursos relatam o trabalho do escritor literário pouco reconhecido, mas consideram a escrita como uma das mais importantes formas de registro Gráfico inventada pelo homem. Não qualquer escrita, mas, sim, aquela produzida a partir de um sentido para gerar um produto literário para o leitor que também busca um sentido na leitura. O trabalho do escritor literário que vive normalmente num mundo recluso, na solidão e, muitas vezes, sendo vítima de um preconceito de que vive num mundo recluso e é pouco afeito ao trabalho.

É preciso conceber a arte literária como algo que oferece um recurso objetivo ao desamparo do leitor que busca no livro uma forma não lúdica, mas sublimatória como afirma Freud (1908), a arte literária é capaz de induzir novas formas de conceber o mundo não somente pela lógica do lucro imediato do capital sem sentimentos, mas pela visão mais integral, em termos do sentido da própria existência.

Por um trabalho, fator de equilíbrio como define Dejours, Dessors e Desraux (1993), outros tipos organizações do trabalho livre e flexível, em que a divisão do trabalho, hierarquia, estrutura, normas, etc., são completamente diferentes da forma tradicional de organizações, há maior possibilidade de realização do trabalho.

Porque escrever é fazer história (Guilherme do Val Toledo Prado, 2007).

Os escritores registram o momento histórico por meio dos livros que escrevem e citando Danton (2010) “A invenção da escrita foi uma das maiores conquistas civilizatórias da história da humanidade.” Escrever livros, em especial de literatura, no Brasil, exige dos escritores além do talento literário, da técnica, algo mais, que o faz superar todos os desafios que faz parte da história do livro e do escritor. O escritor transformar sua angústia em desafios criativos, transformar o sofrimento em prazer e o faz por meio da sublimação, que será vista mais à frente neste trabalho.

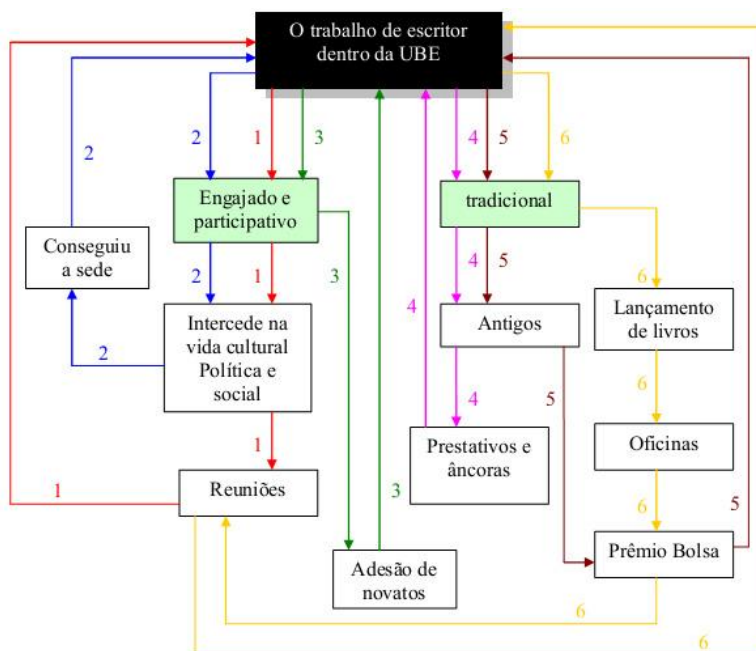
Percebe-se pelos relatos a importância de ter uma profissão que dê o sustento econômico para eles produzirem literatura com liberdade, ao mesmo tempo em que eles vão construindo sua identidade, sua marca pessoal.

Pode-se afirmar que, no trabalho dos escritores, há certa correlação com os profissionais de teatro segundo Pires (2011) ou com o dos trabalhadores de circo, uma vez que, segundo Brasileiro (2008), “o conhecimento é o maior valor existente no circo. Cada indivíduo é detentor de um saber herdado de uma família à qual pertence”. No caso da literatura, a influência de avós e pais também contribui para o aparecimento do escritor como foi visto nos Cadernos de Literatura Brasileira no caso de Luiz Fernando Veríssimo, que foi muito influenciado pelo seu pai Érico Veríssimo e, no caso dos escritores goianos, há os escritores Bariani Ortêncio, José Mendonça Teles, pela influência de um contato com nada menos que Malba Tahan e de seu irmão Gilberto Mendonça Teles, um dos grandes nomes da literatura nacional, entre outros que sofrem influências familiares na arte de escrever.

Os escritores assim como os trabalhadores que trabalham com arte, falam de seu orgulho em fazer o que gostam, de sentirem-se livres para pensar e criar sem a pressão empresarial, de uma organização que precariza diretamente seu trabalho. O trabalho dos escritores deixa o trabalhador orgulhoso, porque passam semanas preparando uma peça teatral para o espetáculo e, ao encená-la, em questões de minutos, conseguem ser ovacionados pela plateia. Isso lhes traz realização profissional, sentimento de satisfação e gratificação.

O Gráfico2, a seguir, aborda o trabalho do escritor dentro da UBE.

GRÁFICO 2 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você poderia falar um pouco mais sobre a UBE e o trabalho do escritor? Sobre reuniões, encontros, lançamento de livros, como é o comparecimento dos escritores nesses eventos?



Fonte: O pesquisador

Quando os sujeitos foram solicitados a falar mais sobre a UBE e sobre o trabalho do escritor com relação a reuniões, encontros, lançamento de livros, comparecimento dos escritores nesses eventos apareceu diante do núcleo induzido: “O trabalho de escritor dentro da UBE”- emergiram do discurso duas categorias *Engajado e participativo* e *Tradicional*. “Na categoria “engajada” e participativa” eles sentem que a UBE oferece um espaço para se projetar como escritor, para participar dos prêmios que dão reconhecimento ao escritor, a UBE acaba suprindo em parte a baixa remuneração do escritor, a profissão voltada para a produção da literatura, no entanto não como condição lucrativa, todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais. Já no núcleo “tradicional” denota a presença dos escritores mais velhos da UBE que respondem pela tradição dos seus valores, mas que fazem questão de acolher os novos escritores e promovem bons e salutares encontros literários, atualmente a direção da instituição tem os tradicionais e os novos na gestão.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Bom, eu só posso ficar muito feliz com a UBE porque foi ela que me deu a oportunidade dessa premiação da bolsa Hugo de Carvalho Ramos, que eu entrei assim por acaso porém não tão por acaso porque hoje a UBE faz uma divulgação de toda essa programação que eles têm que foi por meio de e-mail que eu recebi essa coisa do regulamento. Eu, eu participo não tanto quanto o Geraldo, eu participo

assim de escritores que eu conheço que eu tenho afinidade, que eu admiro, mais assim eu não sou tão assídua, sabe? Mais acho importante quando vou, porque quando eu vou a esses lançamentos eu sempre falo porque que eu não venho mais? Porque você está em contato com o pessoal conversando e tal, mas é porque eu tenho o temperamento assim mais arredo sabe? Eu tenho certa dificuldade de sair, gosto de ficar quieta.

E2 Edival Lourenço:

A UBE é uma associação de escritores criada em 1945, portanto conta já com 57 anos de existência. É uma entidade cultural, de interesse público, sem fins lucrativos, cuja finalidade precípua é agregar os escritores e defender seus interesses. Seja diante dos órgãos públicos no sentido de traçar políticas culturais, seja diante as leis de incentivo, seja ainda em questões que envolvam direitos do escritor relativamente à sua obra. A UBE realiza eventos, tais como oficinas literárias, saraus, confraternizações e em especial eventos de lançamentos de livros. Além disso, a UBE administra a Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, o concurso literário mais antigo do País, (O primeiro vencedor foi Bernardo Elis com Ermos e Gerais) com o custeio do certame bancado pela Prefeitura de Goiânia. Promove também o Troféu Tiokô (Boneca carajá), distinguindo as pessoas e entidades de maior destaque na área cultural em Goiás a cada biênio. A UBE tem cerca de 300 associados e nossos eventos, tais como lançamentos de livros atingem normalmente 150 pessoas. Mas há também pequenas reuniões, de segmento interessado por assunto específico. No entanto, o mais forte de nosso trabalho é na verdade o atendimento individual. Diariamente atendo os associados das 14 às 17 horas, que trazem assunto e problemas variados.

E3 Eguimar Felício:

Eu participo da UBE e participo Também da academia Trindadense de Letras, sou membro da academia, e tenho amigos na academia goiana de letras, e aí existem duas perspectivas, sempre em debate, uma é de uma perspectiva mais engajada, e participativa que intercede na vida cultural, política e social da cidade e como se ela pendesse mais pro lado político a partir da literatura ou da arte, e tem outra que é um pouco da tradição, da origem nossa francesa, que na verdade é reunir os pares e lançar livro, participar de alguns editais, motivarem a mobilização cultural do estado, etc. me parece que é muito difícil ir por essa segunda via, essa via do engajamento total, com a tradição que nos temos, com a herança institucional que nos temos, mas a UBE cumpre bem, ela participa dos editais, ela comparece nos grandes eventos, por exemplo, bienal do livro, nos concursos, ela colabora com as leis de incentivo a cultura, ela consegue bem não ser um grupo solitário, separado de escritores, um lugar beletrista (?) e não consegue também despojar disso e ser só uma arma militante, ela consegue fazer uma mediação boa.

E4 Geraldo Coelho:

“Bom, eu como Presidente da UBE, nós criamos a Voz do Escritor, um jornal que permaneceu lá por muito tempo”. A Voz do Escritor era oito páginas, quatro folhas, a folha do meio era sós poemas, poemas de poetas que eram inscritos na União Brasileira de Escritores, aí fazíamos um casamento, cada número que saia mensalmente, nós convidávamos um artista plástico para fazer a ilustração dos poemas e fazíamos entrevistas, entrevistamos pessoas não só da área da literatura, como a do cinema, da música e era um jornal, nossa eu tenho até aí a coleção dele, foi um período aí de dois anos consecutivos. Na época também nós criamos as edições consorciadas, como existia consórcio para carro, para televisão (que naquela época tinha muito), geladeiras, aí eles criaram um consórcio, a pessoa pagava

mensalmente e com aquele dinheiro nós publicávamos um livro de um autor goiano. Essas edições consorciadas inicialmente nós reuníamos dez escritores, todo mês esses dez depositava na conta da UBE uma importância X, todo final de mês nós pegávamos aquele dinheiro, levávamos para a editora Kelps quando ela também iniciou foi nessa época e a editora Kelps publicava o livro. foram publicadas aproximadamente uns 100 livros naquele período, isso já faz mais de dez anos que não existe mais as edições consorciadas. Então saiu mais ou menos cem mil exemplares. Deve ter saído mais, porque nós ampliamos, em vez de sair 10 passamos para 15, para 20, aí convidávamos os escritores filiados da UBE que tinham livros na gaveta e nós publicávamos esses livros. Nós fizemos também um Encontro Nacional de Escritores aqui em Goiânia, onde nós tivemos a oportunidade de trazer aqui na época o José J. Veiga. O Pablo Neruda veio a Goiânia em 1945, que foi o primeiro encontro internacional. Que foi também a União Brasileira de Escritores que chamava ABDE, Associação Brasileira de Escritores é que movimentou e que fez esse Encontro Internacional de Literatura, depois o Kleber fez um ou dois e depois eu assumi e fiz mais dois, eu acho que era o terceiro/quarto Encontro de Escritores Estadual. E vieram diversos escritores de diversos Estados.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

A UBE – GO fundada em 1945. Foi a terceira seccional no país, pois até então existiam a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Fundada por um grupo de jovens escritores como Bernardo Élis, Bariani Ortêncio, Eli Brasiliense, Cristiano Cordeiro. Teve como primeiro Presidente Cristiano Cordeiro um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro. Desse grupo somente Bariani Ortêncio ainda se encontra entre nós. Trata-se de uma entidade voltada para a literatura que pela sua tradição, pelo número de autores que agrega (em torno de 600) e pelo perfil de seu quadro de associados tem certo peso no contexto político Estadual. Sua primeira sede própria foi à sala 409 (28 m quadrados) do edifício Vila Boa na Av. Goiás, onde permaneceu de 1959 até 2002. Durante 55 anos foi administrada por homens. Em junho de 2000 fui eleita a primeira Presidente em Goiás e única no Brasil e permaneci no cargo por 4 mandatos consecutivos: 2000 – 2008. Em 2002 inauguramos a sede atual, de 500m. Quadrados o que com maior espaço físico possibilitou maior participação dos escritores, realização de eventos, oficinas, encontros, lançamentos de livros. A UBE-GO sediou 6 Encontros Nacionais de Escritores com a presença de grandes nomes da literatura Brasileira sendo o mais recente em 2004 durante o meu segundo mandato. Falta apoio efetivo do poder público para que a associação cumpra o seu papel de utilidade pública, mas graças à boa vontade de muitos nossa casa continua de pé. Os amantes da literatura e novos escritores continuam chegando com uma bagagem cada vez melhor, dando a sua contribuição e constituindo o grupo mais participativo. Os associados mais antigos participam pouco dos eventos, mas são muito prestativos e verdadeiras âncoras nas questões de interesse da entidade. Foi um grande prazer trabalhar e conviver com todos eles. Meu sucessor escritor Edival “Lourenço homem de talento e garra tem feito uma brilhante administração”.

E6 Otílio Paiva:

A minha relação com a UBE é o seguinte, Catalão, Goiânia, eu sou filiado a UBE de São Paulo, me filiei primeiro a UBE de SP, em SP eu tive varias vez no escritório da UBE fez grandes amizades com Caio Porfírio, amigo meu, somos amigos, sempre quando eu vou a São Paulo eu o visito NÉ, temos assim uma interação muito boa, alias um grande escritor, Caio Porfírio, tem uns textos muito bons, depois em função disso quando eu soube q tinha a UBE em Goiás, eu resolvi me filiar também a UBE em Goiás, me filiei e eu diria pra você que não participei de nenhuma reunião infelizmente, mas sempre tive correspondências, votei, inclusive votei no Geraldo Coelho, foi candidato, curioso, e aí o Geraldo me ligou e disse, Otílio sou candidato

único e quero ter muito voto, então você pega aí uma autorização de todo mundo que é filiado a UBE em Catalão, e me mande pra, uma procuração, pra alguém votar pra mim, então eu encaminhei isso pra ele, mas quer dizer, fiz trabalho, e sempre, agora fora daí realmente não tive, não participei das outras reuniões, alias, participei de uma vez de um concurso, mandei aquele romance meu, violação, com a intenção de publicá-lo por aquele, eles tem um premio lá, Hugo Ramos, Hugo Carvalho Ramos, então tem essa relação, é por aí... Participei também de concurso de contos, concurso literário, então esse concurso contemplava várias categorias literárias, e eu concorri com contos, não ganhei nada.

E7 Ubirajara Galli:

É a UBE ela tem uma história muito bonita, é uma das primeiras entidades, assentadas na capital erguida por Pedro ainda na década de 1940, então logo após o antológico batismo cultural de Goiânia celebrado em 1942, que foi à forma que Pedro Ludovico encontrou para apresentar a cidade de Goiânia, por meio da cultura dos pais, então a UBE surgiu logo após o advento do batismo cultural, e é uma entidade que ao longo da sua historia bem construída com exemplo presidentes que se esforçaram ao máximo para ir construindo essa historia, escritores importantíssimos, como o próprio Gilberto Mendonça teles, que passou pela união brasileira de escritores, Eli Brasiliense, Bariani Ortêncio, então do que nos temos hoje de mais representativo dentro da literatura goiana, passaram também como gestores da UBE, e a UBE no ano de 1954 promoveu o seu primeiro encontro internacional de escritores, inclusive aqui em Goiânia com a presença do ainda Nobel de literatura Pablo Neruda e outros representantes, uma historia construída anos após anos, com uma felicidade muito grande construtiva, e é uma entidade também gestora desde 1944, do concurso mais tradicional nos pais para publicação de obras que é a bolsa de publicação Hugo C Ramos, que a cada ano contempla um livro, natureza prosaica, na hora da prosa, e outro de poesia, então é uma entidade que vem ao longo das décadas prestando um trabalho interessante para a classe que ela representa.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Tempo como membro na UBE. Da década de 1950 (60 anos). Eu sou do tempo da Associação Brasileira de Escritores, que depois eu fui Presidente da UBE três vezes. A União Brasileira dos Escritores é em São Paulo, né, chama Associação ABDE, então eu sou do tempo da ABDE, então eu sou do tempo do Bernardo Élis, Eli Brasiliense, Godoy Garcia e aí passou no tempo do Oscar Sabino Júnior passou para União Brasileira de Escritores, foi na década de 50 ainda, aí então, ou no começo de 60? E aí eu fui Presidente três vezes na União de Escritores e eu sou tesoureiro de todas as entidades sem dinheiro cultural de Goiás: Que nós transformamos então em UBE, mas não foi por aqui, foi em São Paulo, que transformou em São Paulo que era a matriz da UBE, então, aí a nossa sede era na AGI, essa AGI era a Associação Goiana da Imprensa, a reunião era lá, então ficava ali na Avenida Goiás esperando dar coro para subir por causa da panelinha e acaba não tendo reunião e mais tarde nós construímos, estavam fazendo o Banco UNIBANCO ITAÚ, a construção, então nós compramos uma sala na base para construir na planta, então quando foi comprada a sede da UBE aqui foi o Oscar Sabino Junior era Presidente e eu tesoureiro, então nós dois que assinamos o documento, então aí depois era uma sala pequena, aí no final deixei mais tarde Nesse tempo ela passou lá para a Rua 02, lá embaixo, 12 e teve uma Presidente nossa lá muito importante que era a Malu Ribeiro e ela conseguiu que o Governador Marconi Perillo doasse né, comprasse aquela casa que está atual, então aquilo lá foi um trabalho nessa moça Malu – Maria Luiza Ribeiro. E aí a UBE hoje é, está na mão do Edvaldo Lourenço, que é um batalhador, lá tem site, lá tem biblioteca e nunca teve. Então a UBE hoje é uma entidade muito Importante devido os presidentes que assumiu depois, não é aquele

povo retrógado, aqueles escritores, aqueles poetas antigos que mandava lá e não ia para frente, então foi com outras pessoas que ela subiu. E lá a União Brasileira dos Escritores ela quem dirige a publicação à bolsa Hugo de Carvalho Ramos, então a UBE ela faz o concurso, ela fica com a parte de 300 livros, 700 do produtor e no meu tempo era assim, era mil livros, não tinha poesia não, 1000 livros de prosa, aí eu consegui trocar 500 livros de prosa por 500 livros de poesia com a Livraria Brasil Central que era na Rua 03.

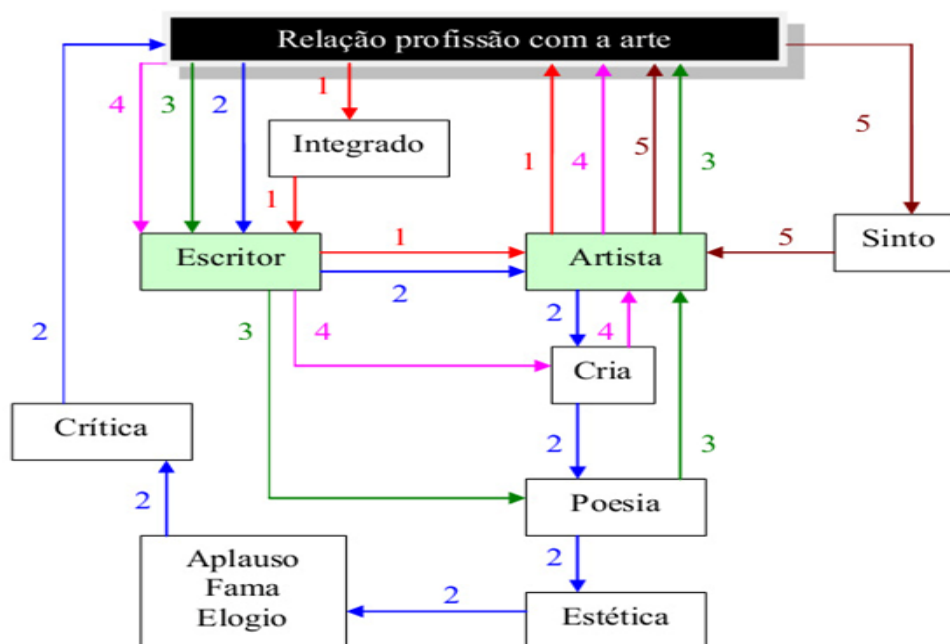
Os discursos foram unânimes em reconhecer o valor histórico da UBE para os escritores, para Goiás e para a literatura. Eles veem a UBE como a Voz do Escritor. Enquanto a Academia de Letras é porta-voz da literatura a UBE é a porta-voz dos escritores.

A UBE de uma forma indireta ela insere e procura proteger e reconhecer o trabalho do escritor no mercado literário. Procura valorizá-lo social, intelectual e artisticamente. O escritor literário se sente inserido na sociedade do trabalho, aquela em que as pessoas são definidas e descritas na sua cidadania pelo trabalho assalariado que possuem, apesar do escritor raramente recebe um salário pelo seu produto, uma contradição de pertencer uma sociedade marcada pela economia, mas que nega esse direito os escritores e artistas em geral.

Para Antunes (2000) o Século XXI, enfrenta uma nova era da precarização estrutural do trabalho. A crise da sociedade do trabalho se caracteriza por uma crescente “banalização” e “brasilianização” conceito utilizado por Antunes e Back (2005). Kurz, Jappe, e Antunes (2000) afirmam que a década de 1990 foi paradigmática e complexa para o mundo do trabalho.

Dejours (2000), sobre banalização da (in) justiça social, analisa as graves questões econômicas que afetam direta ou indiretamente o mundo do trabalho. Apesar de o contexto referir-se à França, muitos pontos relacionados ao trabalho podem ser extrapolados para outras sociedades, inclusive para o Brasil. O autor faz críticas à perspectiva de que os indivíduos somente irão conseguir ficar no mercado se superarem a si próprios, tornando-se cada vez mais competitivos e eficientes que os colegas, pares, ou concorrentes, primando pelo individualismo. O Gráfico3, a seguir, vê relação de sua profissão de escritor com a arte.

GRÁFICO 3 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados “Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?”



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Relação profissão com a arte”- emergiram do discurso dois núcleos “escritor” e “artista”. Na primeira categoria, eles se sentem como escritores, todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais e dar condições para sobreviver como escritor. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Bom, dizem que eu sou artista né? Agora agente espera até correspondido né? Aquela expectativa dos críticos que disseram que agente fez arte né.

E2 Edival Lourenço:

Sim, acho que minha profissão é genuinamente arte. Sinto-me um artista, no sentido de que faço trabalho estético.

E3 Eguimar:

Eu vejo um primeiro elemento, o professor e o pesquisador é um profissional dos símbolos, um artista é um ser dos símbolos, o professor, o pesquisador é profissional da linguagem, o artista o poeta, inclusive o pintor, que trabalha com linguagem não verbal são também um agente da linguagem, e ambos, e nos poderíamos colocar juntos os religiosos e os filósofos nesse grupo, todos estão irradiados no mundo da linguagem e dos símbolos, quando nascem nós recebemos um nome e vida toda a gente fala, comunica, defende, argumenta, persuade, rebate, faz quadrinhas, ouve cantos, dá sentido e significado, quando morre cantam ladainha, registra a nossa memória, quando estamos dormindo, estamos sonhando, estamos ligados com a linguagem e o símbolo, nesse elemento não há fronteira, não há fronteira para os

símbolos, eles se unem, aonde que esta uma diferenciação necessária, os símbolos são tão presentes, tão prementes na vida do ser humano que eles estão, eles se dão a diferentes usos e diferentes apropriações, o professor ele dá um vetor pros símbolos e pra linguagem, o ensino, a aprendizagem, a mobilizar interrogações, etc., o pesquisador ele explica, apanha informações, ele estabelece conexões, ele analisa, o escritor ou o artista ouvem simbólico (?) é estético, ele, o poema é uma voz do mundo, o quadro é uma voz do mundo, mas objetivo do poema e do quadro, da sinfonia, ou de uma peça de teatro como voz do mundo é dar um sentido estético, é fazer uma leitura estética do mundo, aí se diferencia, um visa criar situações, significativos de aprendizagem, o outro situações significativas de estética.

E4 Geraldo Coelho:

Não, desde pequeno eu quis ser advogado, desde pequeno eu quis ser jornalista, trabalhei muitos anos na Folha de Goiás, desde pequeno eu quis ser poeta, o primeiro poema que fiz que achasse que era uma poesia boa, foi o poema da ascensão, eu morava em Catalão, devia ter uns 16 anos, naquela época não tinha televisão em Catalão, tinha rádio e você ligava o rádio e ficava ouvindo músicas até altas horas da madrugada, eu estava lendo e ouvindo música e escrevi o poema da ascensão que na realidade foi o primeiro poema que eu achei que era um poema bom. E de fato porque quando eu lancei o meu primeiro livro de poesia Poema da ascensão que eu usei o título da poesia para o livro a crítica foi muito boa, elogiosa para este poema, então foi um poema que foi trabalhado por diversos críticos literários e eu acho que foi o primeiro poema que eu me senti realizado.

O problema de ser artista é muito amplo, eu acho que o poeta é um artista, quem escreve é um artista, um artista da escrituração, eu acho que eu sou um artista, não sei se sou um bom artista, mas eu pelo menos trabalho e não vivendo como um artista, mas vivendo dentro das migalhas que vem financeiramente dos livros que agente vende, que tem umas editoras que distribuem e todo ano cai alguma coisa, mas não dava para sobreviver não, então eu acho que sou um artista, pelo menos eu trabalho o texto e trabalhando o texto eu acho que sou até um artista.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

O Direito, tal qual a literatura é infinito e se nutre da força da palavra. O advogado lida com perdas e ganhos que de certa forma interferem no emocional. Também em comum existe a plurissignificância da linguagem e diferentes leituras de uma mesma situação. No entanto o profissional do direito lida com fatos e situações reais e o escritor lida com o imaginário. Ele cria fatos, pessoas e situações fictícias ou retrata o real com peculiaridades de artista. O escritor é um artífice da palavra. “É assim que me sinto.”

E6 Otilio Paiva

“Sinto”-me, me sinto um artista, me sinto, eu tenho a plena consciência de que eu sou um criador, mesmo porque na verdade veja você eu sou ficcionista, não é todo o meu trabalho é ficcional, mesmo que muito entre os meus trabalhos tem coisas confissões minhas, da minha vida, dos meus problemas, dos meus prazeres, das minhas alegrias, mas faça a pergunta de novo... É exatamente então, eu me sinto um artista, no sentido de criador, na medida em que, porque eu sou um ficcionista, quer dizer, o que eu escrevo é criação, mesmo que em alguns casos, mesmo que em alguns casos, eu digo na primeira pessoa e é uma opinião minha mesmo, coisa minha mesmo, como você pode observar nos meus poemas, que tem uns poemas que são confessionais, confissão de mim mesmo, aqui nesse novo livro são coisas de mim mesmo, outras coisas, no entanto são observações minhas a respeito do mundo,

não é, é visão do mundo, é visão das coisas, visão de tudo isso que constitui o mundo, as crenças, os ideais, as falhas, as limitações do ser humano, é por aí.

E7 Ubirajara Galli:

Eu me sinto, a literatura, a arte como o todo, ela exerce sobre nos um poder, uma espécie de dominação reflexiva muito grande, impõe muita responsabilidade, claro que tudo que for fazer, você tem que fazer com responsabilidade para ter um bom resultado, enfim eu acho que a gente veio para esse mundo com esse propósito aqui, me deixa completar... Isto, eu realmente me sinto um artista, mas um trabalhador como outro qualquer, só que deram um nome de artista pra isso, e a profissão que eu escolhi ela contribuiu e contribui muito para o meu exercício como escritor, o curso que eu fiz Administração de empresas, me deu a tranquilidade, a certeza, segurança de repente estar produzindo 2, 3 livros ao mesmo tempo sem que as coisas se misturem, então me deu organização, então... Tem uma ligação intrínseca com a arte, com certeza.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Não, é tudo integrado, porque a maior parte desse povo que pinta eles são tudo escritor, também escrevem. Eu, por exemplo, em arte eu não sei fazer nem um coração eu sei fazer, mas tem muita gente aí que faz as duas coisas, sabe, teve uma mulher que ela tem livro de prosa, verso e pinta e tal, então aqui essa produção que eu te falo, aqui em Goiás é muito produtiva, é muito vasta, é muito diversificada também, então eu não tenho essa... Falar que o fulano tem mais pintor que... Aqui tem mais poeta do que tudo.

E9- J.MendonçaTeles:

Escrever literatura, poesia, contos, romances tudo isso é arte sem dúvida.

A arte literária representa uma possibilidade de superação e fruição. A arte, segundo Janson (2001), é um objeto estético, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. A necessidade de fazer arte é exclusivamente humana, e a capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível. Esse autor descreve as seguintes capacidades presentes no trabalho artístico: coordenação, inteligência, personalidade, imaginação, criatividade e sentimento estético.

Mesmo em meio às misérias e contradições da profissão, há um orgulho em se pertencer à classe artística, o que no fundo gera o prazer em ser diferente, como afirmou Vinícius de Moraes: “todo poeta só é grande se sofrer” (CASTELO, 2005, p. 40).

Os escritores se sentem artistas e esse fato de se sentirem artistas promove uma condição sublimatória diante das dificuldades, dos desafios e das angústias do desejo de querer produzir literatura diante de uma condição de trabalho quase sem nenhuma remuneração.

Poucos escritores conseguem viver da arte de produzir seus livros e assim mesmo, após muitos anos de estudo, pesquisa, de datilografia nas máquinas de escrever antigas, de digitação atual, peregrinação em editoras, participação em concursos literários e palestras em escolas e eventos literário, citados por José Mendonça Teles, e Bariani Ortêncio, ambos os mais velhos escritores da UBE e com longa tradição cultural e literária em Goiás e no Brasil e ambos têm hoje seus Institutos Culturais e Literários que será o legado deles a literatura goiana.

Sentirem-se artistas, escrever e produzir uma tela, uma música, uma peça de teatro são atividades que gera prazer por estar criando algo novo, inusitado, para atender o lazer, o entretenimento das pessoas. Os artistas são inventores do inusitado do novo que surge, aparece, flui do imaginário para o real.

Para Janson (2001) e Kallas (2010), a arte para ser considerada criativa precisa ousar inventar-se, deslocar-se do eixo da rotina do aqui-e-agora e torna-se uma ação transgressora, corajosa porque criada da fusão da pulsão de vida (Eros) e de morte (Thanatos), potência criativa que subverte e transforma a ordem estabelecida. A arte criativa não deixa de ser o que Dejours denomina de sofrimento criativo.

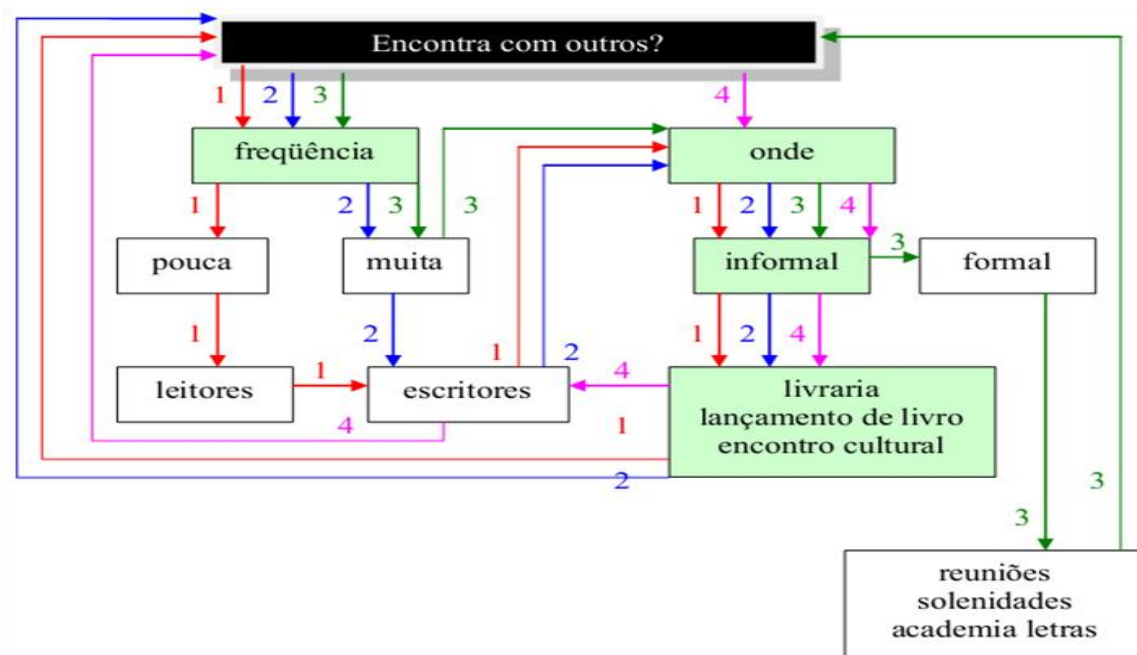
Dejours (1994) distingue dois tipos específicos de sofrimento, sendo o primeiro o patogênico e o segundo o criativo, que passa pelo caminho da transgressão artística, ousada.

Segundo Dejours, Dessors e Desraux (1993), ainda devem ser consideradas organizações do trabalho livre e flexível, em que a divisão do trabalho é reduzida, em que há maior possibilidade de mudança nos conteúdos significativos.

O tempo da arte de escrever. Um vazio do passado e um vazio do futuro se fazem presente nesta “solidão profética” de Blanchot (1987). A literatura está impregnada de arte. Praticamente impossível fazer poesia sem transitar pela arte. A arte literária é reconhecida como expressão artística, apresenta origem na expressão do imaginário humano, diante do mistério da própria existência, das contradições e do inacabamento como diz Pál Pelbart (1992).

O Gráfico 4 diz respeito ao questionamento se você se encontra com outros escritores? Você frequenta reunião de escritores? Com quem? Na UBE também, tem esses encontros?

GRÁFICO 4 Discurso dos escritores literários diante da pergunta 4



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Encontra com outros escritores?”- emergiram do discurso as categorias: *Frequência*, *Onde*, *Informal* e *Livraria, lançamento e Encontros culturais*. Na primeira categoria, a maioria comentou que frequenta pouco a UBE, a maioria vai a lançamento de livros e eventos culturais e literários.

Alguns têm seus próprios grupos de encontros por afinidades literários, gêneros e estilos. Os escritores, de forma geral, são mais reclusos em suas oficinas e espaços literários onde recebem os amigos, imprensa, editores e leitores.

Quando recebem convites formais normalmente vão às reuniões da UBE ou da Academia de Letras. Os escritores que estão na gestão da UBE têm contatos diários com escritores, editoras e organizadores de eventos literários por força do cargo.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

“Não, eu frequento muito pouco, eu, nós, eu tenho um grupo de, nem num é um grupo, eu tenho duas pessoas que eu respeito muito em questão de literatura, sabe”? Que um nem escritor é, é um leitor, que às vezes o leitor é mais importante que o escritor. É verdade, é verdade.

Porque eu acho que a pessoa que não é um bom leitor, dificilmente ele vai ser um bom escritor, então essas duas pessoas eu sempre to encontrando, nós estamos sempre discutindo sobre literatura. Agora, frequento as reuniões da academia quando eu sou convidada né? Quando tem uma solenidade, mais assim alguma palestra, mais raramente, não sou muito de frequentar não, sabe? Eu “sou mais de ficar sozinha mesmo, fazer meu trabalho solitário”.

E2 Edival Lourenço:

Atualmente, em razão da UBE, encontro diariamente com escritores. Fora da UBE, troco telefonemas, e-mails. Antigamente trocava cartas. Vou a lançamentos em livrarias e outros ambientes. Normalmente vou só. Às vezes com minha mulher. Às vezes com outros escritores ou mesmo com amigos que não são do meio, mas eventualmente participam de eventos literários.

E3 Eguimar:

Formalmente eu tenho me encontrado e eu me encontro na Academia Trindadense de Letras e, aliás, tem sido para mim um júbilo, uma revelação e lá é muito interessante que tem um grupo de jovens, gente que fez Mestrado, doutorado e que escreve poesias e que tem um raciocínio muito rápido, mas tem gente idosa de 80 ou quase 90 anos que tem outras experiências, etc. e eu estou no meio Dalí, inclusive muito interessante e aí agente conversa, agora mesmo, nós vamos organizar um café lítero filosófico e eu estarei na frente disso. No Instituto Histórico e Geográfico de Goiás que eu sou membro, eu encontro com escritores também e por via pessoal eu encontro com alguns amigos e às vezes agente chega a fazer igual o que estamos fazendo agora, a gravar, e agente conversa sobre livros, sobre literatura. Tem sete anos que eu organizo um evento no Instituto que eu levo um escritor, um de geografia e literatura e sempre em um momento de conversa e diálogo. E eu sinto que eu tenho mais fome desses encontros, eu sinto que há um espaço aberto para que eu escute escritores falar das suas leituras, dos seus momentos das suas experiências e eles me ouvirem também, então esse é um espaço aberto. E quando você senta com um escritor bebendo uma cerveja e vai falar de livro sempre é uma realização maravilhosa, sempre um encontro maravilhoso, por conta do grau de sensibilidade que alguém que escreve um poema, um romance ou um conto aprende o exercício de fazê-los. Na UBE também, tem esses encontros? Da UBE eu não tenho tanta presença, mais pela minha agenda e pelos eventos do que pelas oportunidades. Outra vez, quando a Maria Luíza ainda era a Diretora, ela chegava a falar de utilizar o auditório e de fazer algumas entrevistas, é um espaço aberto, eu pessoalmente acabo não tendo por conta de tempo. E às vezes sou convidado para fazer programa de rádio e as pessoas se esforçam para estarem juntas.

E4 Geraldo Coelho:

Olha, eu frequento muito. Vou muito a lançamentos, recebo muita gente que esta iniciando mesmo quando o trabalho não é tão bom, mas eu sempre digo que para escrever a pessoa precisa só de uma coisa que é ler, ler, ler, ler, continuar lendo a vida toda e ler mesmo, porque é por meio da leitura que a pessoa tem condições de aperfeiçoar. Eu recebo diversos escritores, vou a diversos lançamentos, faço parte da Academia Goiana de Letras, do Instituto Geográfico de Goiás, no Instituto eu sou um eterno vice-presidente, porque há muitos anos que eu sou um vice-presidente lá, fui diretor da Revista do Instituto, pertencço a União Brasileira de Escritores onde fui por duas vezes consecutivas o Presidente, depois eu voltei mais dois anos como Presidente e pertencço a diversas academias guianenses. Pertencço à Academia Paulistana de História, no Mato Grosso pertencço a Academia de Aragarças que é Centro Oeste, no Estado de Goiás eu acho que eu pertencço há mais de umas 15 academias, inclusive Catalão que foi a primeira Academia que pertenci na minha vida e foi até uma generosidade dos fundadores, falam que sou fundador, mas na realidade quem fundou a Academia Catalana de Letras foi o Júlio de Melo, Cornélio Ramos e o Chaud e o Dr. Jamil e eles convidaram fora o pessoal de Catalão, apenas dois que moravam fora que era? E eu aqui em Goiânia e senti muita alegria nisso.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Confesso que quando publiquei meus primeiros livros tinha uma convivência maior, participava de um número maior de eventos culturais. Como Presidente da UBE 2000-2008 convivi mais intensamente com os colegas. Hoje, na Presidência da Academia Goianiense de Letras meu convívio se dá em reuniões mensais de diretoria. E existem aqueles que se tornaram grandes amigos com os quais me encontro em visitas, telefonemas e em algum evento cultural.

E6 Otílio Paiva:

Eu frequento reuniões com escritores da Academia Catalana de Letras. Converso muito de literatura com eles, por exemplo, tenho uma proximidade muito grande com o Guilherme Castro, foi o Guilherme que, inteligente, consome muito tempo, o Guilherme, o Guilherme, os outros assim esporadicamente assim dentro daquele contexto da reunião da Academia de Letras, mas Guilherme e Guilherme principalmente são meus interlocutores.

E7 Ubirajara Galli:

Frequento, eu tenho uma vida associativa, cultural muito intensa, dentro do próprio instituto Jose Mendonça Telles, que eu honrosamente tenho a alegria de dirigi-lo, seja como membro da Academia Goiânia de Letras, do instituto histórico-geográfico de Goiás, da união brasileira de escritores, como ex-presidente, atualmente como diretor-conselheiro, enfim de varias entidades culturais do nosso estado, inclusive como sócio correspondente da academia Catalana de letras, atendendo ao convite do meu amigo Cornélio ramos, então me sinto plenamente integrado dentro das associações, e fora das associações também.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Já participei muito das atividades da UBE, hoje fico mais restrito ao meu instituto cultural escrevendo meus livros e minhas musicas e livros da culinária goiana.

E9- José Mendonça Teles:

Também tive participação muito intensa nos encontros de escritores, lançamento de livros, palestras e na UBE, atualmente tenho ficado mais na sede do meu instituto cultural.

Há escritores que veem nas reuniões verdadeiros encontros literários de engajamento político e literário e percebem que a literatura também provoca movimentos sociais. Alguns, como Ubirajara Gali, José Mendonça e Bariani Ortêncio, chegaram a criar um Instituto Cultural, tal a intensidade dos encontros e da produção literária. Todos os pesquisados elogiam muito a UBE, pois, na opinião deles, ali é um verdadeiro espaço público de discussão coletiva onde a voz tem toda a liberdade de opinar e criticar a literatura.

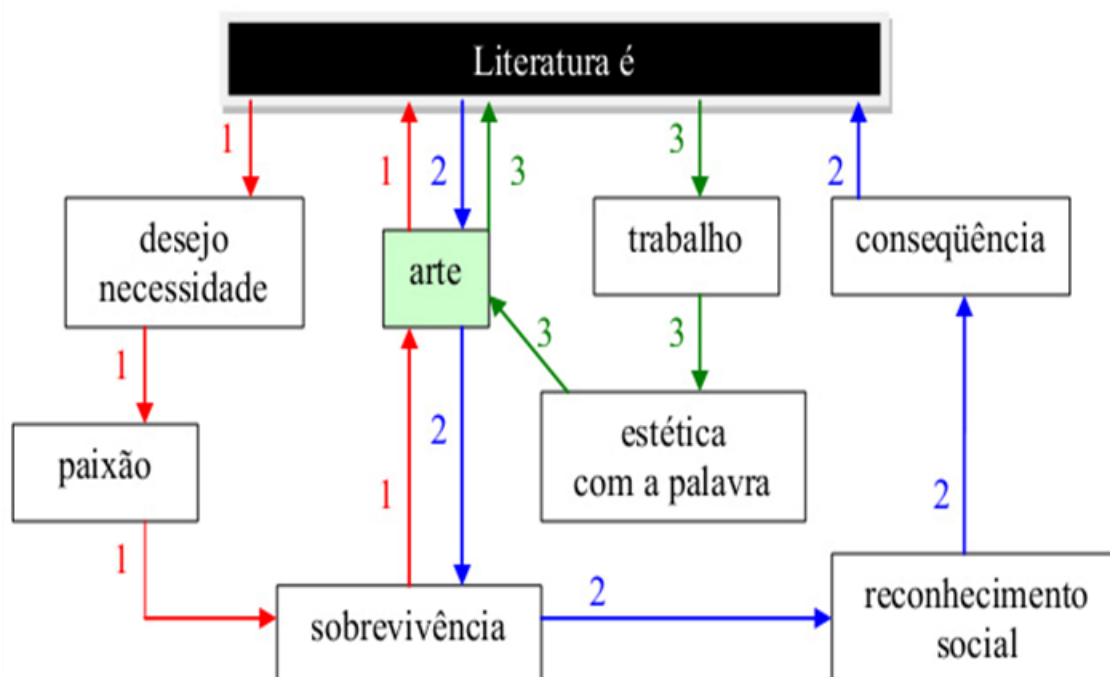
A UBE, para os escritores, é um espaço onde podem sair do isolamento da solidão criativa e dialogar com os pares, compartilhar seus sonhos, projetos, concursos, prêmios, viagens, a fugacidade do imaginário.

Para Souza (2010) o espaço do encontro na UBE reflete sobre o trabalho “é uma construção social, em um processo interativo, por meio do qual os indivíduos se relacionam no tempo e no espaço”. O trabalho literário propicia o exercício da autonomia e da busca do prazer na produção.

A UBE é um espaço aberto, livre e coletivo onde se pode falar sobre tudo na literatura sem se preocuparem com a censura ou as impossibilidades de publicação. Coli (1998), afirma que o trabalho na arte não é um trabalho que se alia à rotina, ao contrário, é um trabalho que exige constante criatividade e uso do imaginário.

O Gráfico 5, a seguir, representa o que é literatura para os escritores.

GRÁFICO 5 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado O que é literatura para você?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Literatura é?”- emergiu do discurso a categoria: *Arte*. Para os escritores literatura é arte e é percebida como uma das coisas mais importantes na vida deles, o que dá sentido existencial, significado aos dilemas da vida, do cotidiano.

Ainda definindo literatura, para August Wilhelm, ela é a imortalidade da fala. ou, conforme André Gide, “é com bons sentimentos que se faz literatura ruim.”. Ainda a distinção entre literatura e as demais artes vai operar-se nos seus elementos intrínsecos, a matéria e a forma do Verbo. De que se serve o homem de letras para realizar seu gênio inventivo? Não é, por natureza, nem do movimento como o dançarino, nem da linha como o escultor ou o

arquiteto, nem do som como o músico, nem da cor como o pintor. E sim – da palavra. A palavra é, pois, o elemento material intrínseco do homem de letras para realizar sua natureza e alcançar seu objetivo artístico (LIMA, 1954).

Não é de hoje que os estudiosos procuram conceituar a Literatura de um modo convincente e conclusivo. No entanto, por mais esforços que tenham sido feitos, o problema continua aberto. E por quê? Ora, pelo simples fato de que, nesse particular, somente podemos usar conceitos, nunca definição. A Definição pertence ao campo da ciência. Definir é dar uma explicação precisa, exata de algo. Não é fácil o trabalho de conceituar a Literatura. Por trás de todo conceito haverá sempre um posicionamento crítico. Todavia, é possível alguns conceitos, para subsidiar as colocações dos participantes. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1-Alcione Guimarães:

A literatura para mim hoje é uma das coisas importantes da minha vida, sabe por que eu me apaixonei pela literatura. Eu me apaixonei tanto que eu praticamente eu deixei a pintura por conta da literatura, então é uma paixão. Meu pai falava pra mim, olha, sabe, só existe uma explicação, paixão, você se apaixona pela literatura, você num acha?

E2 Edival Lourenço:

É trabalho realizado com pretensões estéticas por meio do uso da palavra.

E3 Eguimar:

A literatura é um campo da arte, cujo objetivo é ser uma voz metafórica e estética do mundo, a partir da criação de um enredo, de personagens e situações. A metáfora ao falar do mundo com a burla da metáfora ela pode ir num lugar que a ciência, que a filosofia ou a religião não vão porque está instruída para olhar o mundo de outra maneira, a metáfora ela abre a porta do real para que o sujeito que lê as situações metaforizadas entre também no real e coloque sua memória o seu escondido na palavra, esse é o grande papel da literatura. Eu coordeno nacionalmente um grupo de literatura e geografia e a ciência tem muita dificuldade de ir ao lugar da existência, é no íntimo da existência, de sentir e ficar desistência que a literatura vai. Talvez a literatura tenha uma dificuldade de sintetizar e clarificar em poucas palavras os conflitos sociais que discordem do mundo que é a ciência e eu nesse exato momento estou defendendo que o papel estético da literatura é fazer estética da existência. A estética da existência que é uma expressão do Foucault e o Foucault diz o seguinte “Os intelectuais, os artistas são três as fazes da malha do poder instituído, a estética da existência é escrever para existir para contaminar a existência do mundo, para entranhar o mundo, para intensificar o tempo do sujeito no tempo do mundo”. É escrever não para palpitar o sucesso ou a glorificação, o belo é para dizer que a vida é bela e só é bela se ela se intensificar, se ela sair dos padrões, se ela for capaz de se arquivar fora das malhas dos poderes instituídos das burocracias e da norma. A minha vontade é isso, e a minha vontade é tão absurda.

E4 Geraldo Coelho:

“É um vício”. Um vício salutar e cheio de surpresas. É como o vinho; quanto mais velho, mais apreciável na degustação. É o ar que respiramos, sem ele vamos à falência literária.

Você pode descrever como ocorre o processo do seu processo criativo?

Na poesia, muitas vezes, ela surge completa, pronta. Vem de mansinho, apoderando do nosso subconsciente e como por milagre, ali está ela pronta e salva. Na prosa, por meio de anotações, ela é elaborada e de repente, ela conduz caminho próprio, sem pedir licença ao escritor e saem sorratamente pela estrada distribuindo alegria, tristeza, angústia, maldade, características naturais do ambiente social.

Desde quando sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir?

Faço o plano e pesquiso a história no ato do fazer literário. Consulto minhas anotações e as coloco em prática. Para finalizar o trabalho burilo o texto, mudando as palavras, períodos até o momento que chego à conclusão de alcançar a perfeição da obra literária no seu início, meio e fim, dentro da estética e da beleza necessárias para sua editoração.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

A literatura faz parte da minha vida desde sempre. Quando nasci, meu primeiro presente foi uma coleção de Monteiro Lobato. Minha infância transcorreu no meio de muitos livros. E à medida que saí da cadeira de leitora e ocupei também de escritor literatura foi se transformando em algo vital. Eu não consigo ficar sem escrever.

E6 Otilio Paiva:

Ah sim, se eu ia saber que você ia me fazer essa pergunta, eu tenho que pensar um pouquinho, mas literatura pra mim é dizer, dizer algo que eu acho que é importante para alguém, quer dizer, algo que vai causar emoção em alguém de forma positiva, não é? De forma positiva, em função daquela ideia que você valoriza, não é, e acho que passando para as outras essas outras pessoas podem ganhar por ela, agora não é só isso não, é também, você tem a expectativa de que as pessoas reconheçam que você tem valor literário, você tem um conhecimento original.

E7 Ubirajara Galli:

Eu acho que é uma mãe, é um pai, que molda a minha existência. Eu não saberia viver sem a literatura, para mim ela é fundamental, é o segundo coração, não dá para ficar distante dela e nem penso em ficar distante dela e espero que ela faça isso comigo também.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Literatura para mim é uma necessidade, porque se eu não escrevo em um dia e não leio, eu não durmo então me falta uma coisa, sabe então para mim a literatura é tudo, eu quando... Eu falei para minha mãe: olha eu ainda quero ser escritor! E ela: Ah, mas você precisa trabalhar escritor não ganha nada, você não tem nem máquina para escrever. Aquela coisa e tal e tal, aí eu coloquei na cabeça: eu vou ser, vou ser, vou

ser. Porque eu tenho um tio que é padre, Padre Bariani, ele tem 94 anos e lá no Estado de São Paulo, ele estudava em Ribeirão Preto e ele tinha muito livro e eu era molecote e gostava de ler e lá em Igarapava não tinha nem biblioteca, Estado de São Paulo não tinha, então eu pegava o livro dele e ia lendo, eu pegava o livro dele começava a ler uma história assim e eu falava essa história vai acabar desse jeito assim, se ela não acabasse do jeito que eu queria eu ia lá riscava e colocava do jeito que eu queria, aí eu acabei riscando o livro dele todo, aí uma vez eu falei assim: escuta já que eu tenho capacidade de estar emendando histórias, consertando histórias, eu vou escrever minhas histórias e comecei. Lá em São Paulo, tinha um jornal chamado O Tempo, esse jornal tinha mais de um século, e tinha uma coluna lá, aí quem ganhava lá onde eles publicava, eles mandavam um livro de brochura de prêmio (de consolo), eu ganhei 14 vezes. Aí quando o jornal ia fazer um livro dos principais ganhadores que aí chamar 60 contos por 20 cruzeiros, o jornal foi à falência, já pensou? Já estava montado os meus 14 mais 10 de tal de Luis Francisquini, aí como já estava montado nós fizemos por nossa conta, mas foi em linha d'água, papel subsidiado, só para jornal, então o livro nosso saiu em linha d'água àquela coisa, metade meu, metade dele.

E9- José Mendonça Teles:

É minha vida, o gosto de fazer, ler e escrever.

Apaixonaram-se pela literatura, pela arte de escrever. É o trabalho feito com estética, algo belo feito por meio da palavra. Uma voz metafórica e estética do mundo. A literatura viaja por espaços que a ciência, a religião ou a filosofia não vai, devido o seu olhar no lugar da existência.

A literatura faz a estética da existência, como diz Eguimar Felício, que cita Foucault: “Os intelectuais, os artistas são três as fazes da malha do poder instituído, a estética da existência é escrever para existir para contaminar a existência do mundo, para entranhar o mundo, para intensificar o tempo do sujeito no tempo do mundo.”

É escrever não para palpitar o sucesso ou a glorificação, o belo é para dizer que a vida é bela e só é bela se ela se intensificar, se ela sair dos padrões, se ela for capaz de se arquitetar fora das malhas dos poderes instituídos das burocracias e da norma. Geraldo Colho diz literatura é um vício. Um vício salutar e cheio de surpresas, como um bom vinho, quanto mais velho melhor.

Ubirajara Gali expressa: “eu acho que literatura é uma mãe, é um pai, que molda a minha existência”. Percebe-se nas falas dos escritores a importância vital de trabalhar com literatura, é trabalhar com a própria existência.

De acordo com Massaud (1966) em seu livro; A Criação Literária. Um dos mais antigos textos sobre o conceito de Literatura é a Poética, de Aristóteles. Nesse texto, o filósofo grego afirma que “arte é imitação (*mimesis* em grego)”. E justifica: “o imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois de todos, é ele o mais imitador

e, por imitação, apreende as primeiras lições), e os homens se comprazem no imitado". O que ele quer nos dizer é que o imitar faz parte da natureza humana e os homens sentem prazer nisso; em síntese, arte como recriação. A literatura nos permite viver num mundo em que as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, transgredidas segundo Dejours (1888) em que nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites (LOSA). O trabalho literário possibilita o exercício da autonomia.

A transgressão no trabalho literário parte do princípio de que os escritores costumam criar suas próprias regras para fazer poesias, como faz o poeta português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, escritor, argumentista, teatrólogo, ensaísta, jornalista, dramaturgo, contista, romancista que em seus livros são construídos textos longos, cansativos e não obedecem as regras básicas da construção de textos. Para definir transgressão, Dejours (1999, p.51) utiliza o sentido da palavra para a Psicologia, que quer dizer o termo mais amplo da infração. Portanto, transgressão de normas corresponde a uma ação dissonante de uma orientação prescrita de maneira expressa em um determinado normativo. Dejours (1999, p. 51-55) distingue quatro casos típicos de infrações no mundo do trabalho que também pode ser aplicado ao mundo da literatura, uma vez que os escritores são conhecidos pela sua contumaz vontade de transgredir:

- 1-Infrações inevitáveis: São aquelas em que há contradições entre diversas regras e então o sujeito se vê diante de injunções paradoxais ou pelo menos contraditórias. O indivíduo não tem outra opção, senão a de transgredir;
- 2-Infrações a contragosto: Trata-se de uma transgressão feita de maneira consciente pela pessoa, mas a contragosto e em favor de outros;
- 3-Infrações de má-fé: São infrações com o objetivo de enganar alguém, em detrimento de outra pessoa;
- 4-Infrações para si mesmo: Elas são feitas sem a intenção de prejudicar, por prazer, desejo ou pelas convicções da pessoa que a faz. O autor destaca ainda que: Só existe transgressão quando existe desejo, ou seja, quando cedendo a seu desejo pessoal um trabalhador desrespeita uma regra estabelecida (DEJOURS, 1999, p. 55).

Como o trabalho dos escritores é desvelar e revelar os desejos, eles passam constantemente pela transgressão apontada por Dejours (1999).

O Gráfico 6, a seguir, representa o processo criativo dos escritores.

GRÁFICO 6 Discurso dos escritores literários Você pode descrever como ocorre o seu processo criativo? Desde quanto sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto? Como acontece o processo criativo?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Você pode descrever como ocorre o seu processo criativo? Desde quanto sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir?” Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto? Como acontece o processo criativo? – emergiu uma sequência de núcleos a partir da palavra internamente, onde se inicia o processo criativo que se alimenta do desejo da criação, da produção que precisa enfrentar o medo do sofrimento e da frustração que faz parte do cotidiano do artista e que ao enfrentar esse sofrimento de forma, criativa como cita Dejours (1993), sublima o sofrimento como estratégia de enfrentamento e surgem ideias, insights para desenvolver um tema, podendo entrevistar pessoas, pesquisar, ler até a produção final da sua obra literária e aguardar o reconhecimento do público leitor. Alcione Guimarães diz que ocorre uma mobilização interna, uma inspiração e vai surgindo então a ideia.

A sublimação ou angústia mobiliza e/ou retira ou transfere bloqueios ao processo criativo do escritor, ela permite o fluxo da energia, da pulsão criadora fluir do imaginário do

escritor para o papel ou para a tela digital. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Bem, por exemplo, porque eu já fiz tão pouca coisa né? Mas assim, o livro de poemas foi uma coisa que aplacou com todo mundo, porque eu li recentemente até que a que Carlos Drummond de Andrade fez um livro chama a vida passada a limpo, então eu acho que a poesia é a vida passada a limpo, a vida é um rascunho, porque são as experiências que você tem ao longo da sua vida que faz com que você coloque aqueles pensamentos e transforme aquilo em poesia que é muito difícil, eu não acho fácil, sabe? Porque eu sou uma pessoa muito, eu sou perfeccionista, eu sô de fica encima dum poema, dum texto muito tempo, sabe? Por isso eu demoro sabe? Porque eu vou revendo, revendo, tirano, tirano sempre mais do que coloca no, sabe? Desde quando sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Desde quando? É, quando que começa né, esse processo de você, de você escrever até conseguir fazer ou produzir um poema ou mesmo um livro, né, completar né? Eu acho assim, que eu nem, eu nem sei explicar como que é o começo disso. Eu acho que é o começo de qualquer coisa que te mobiliza, que te faz inspirar, que te inspira né? Que te fala, fala assim disso eu posso fazer um conto, desse acontecimento eu posso fazer um conto, dessa, duma, tem um poema, por exemplo, da, desse último livro meu que fala duma moça que passa correndo em uma bicicleta e acaba esbarrando num cacho de acácia que desfaz e tal, aquilo inspira então, aquilo cê parte daquilo pra você atingi aquele sinal, mas depois é aquela busca pra você atingi uma coisa perfeita que real, não sei se agente consegue, mas pelo menos agente pensa que consegue né?

E2 Edival Lourenço:

O processo criativo ocorre de modo variado. Normalmente as ideias aparecem como um estalo, num vislumbre, mas ainda sem desenvolvimento. Então eu anoto aquilo num caderninho que carrego e depois volto àquela ideia e a desenvolvo. Aí já não ocorre mais aquele estalo (ou às vezes até ocorre em uma ideia complementar) e o trabalho se torna mais técnico, racional e de pesquisa. É o suor sobre a inspiração. Às vezes tenho que escrever por compromisso e não tenho ainda a ideia preconcebida até eu me pergunto: E então? E anoto algum fato, mesmo que não tem ainda um grande sentido. E vou perguntando e daí? Respondo. E pergunto de novo: E daí? Quando eu digo: Ah, bom! Aí o texto está pronto. Ou pelo menos um arremedo de texto que pode ser trabalhado com proveito. Mas sem fazer o texto eu não fico por falta de ideia. Entre o que a gente planeja e o resultado, sempre fica um espaço, um gap. Antigamente isso me frustrava muito. Hoje já aprendi a conviver com isso. Já não sinto medo de não atingir o texto ideal, nem ficar frustrado pelo não atingimento. Essa diferença é o normal de quanto produz arte.

E3 Eguimar:

O fato é que quase ninguém consegue fazer aquilo que planejou. Carrego como lema transformar, isso parece que é do Gaudêncio, toda frustração num desafio e carrego como lema também, isso é um pouco uma peça de humor, mas interessante, talvez mais importante que um sonho é um dilema. O sonho é pra ser realizado, o dilema é pra ser enfrentado. Eu vivo tentando ter coragem pra enfrentar os meus dilemas e vivo tentando ter coragem pra transformar as frustrações num desafio e talvez eu seja exageradamente satisfeito com o que faço ou igualmente descuidado. Eu não tenho uma exigência de mim...

E4 Geraldo Coelho:

Fico frustrado, fico aborrecido, eu tenho ainda alguns projetos que estou trabalhando e eu fico preocupado, mas eu acho que tudo aquilo que eu tenho planejado eu tenho alcançado, eu tenho conseguido, muitas vezes trabalho de pesquisa, alguns deles, como dois deles que eu posso citar, até um deles foi premiado que é a Vida e Obra de Senador Canedo, que eu levei mais de 30 anos fazendo esse trabalho e depois mais recentemente o A história e Antologia da Academia Goiana de Letras, esse primeiro livro foi premiado pelo prêmio Clio de São Paulo, pela Academia Paulista de História, esse último que eu estava citando que também é de pesquisa, por isso que leva mais tempo, levei mais de 30 anos pesquisando a respeito da Academia Goiana de Letras, até entrar na academia, depois passei a ser Presidente e tive mais facilidade com as atas e com os trabalhos que foram feitos e realizados lá na academia, então não resta dúvidas que são trabalhos que demanda de muito tempo de pesquisas.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Sou ficcionista. Meu processo criativo normalmente acontece por etapas. Primeiro em uma Imagem mental. Uma imagem meio desfocada. Daí a vontade de descobrir que existe por trás e porque veio àquela imagem. No meu ateliê literário mora uma janela. Olho para a janela e dou passagem a uma frase poética no caso de poesia e a seguir outros versos virão. E no caso de prosa dou abertura aos personagens. E as imagens vão tomando forma, identidade... Daí estes seres imaginados começam a se movimentar, a ter características peculiares e vida própria. E fazem seu próprio caminho. Às vezes me espanto como constato o quanto se tornam reais. E quando estou finalizando um livro sofro muito por uma saudade antecipada. Não planejo produzir. Em determinado momento a coisa acontece. Mas é claro que busco um efeito literário o que nem sempre consigo. Quando me deparo com tal situação fecho o livro para que amadureça e muitas vezes início outro. Um belo dia retorno àquela obra iniciada a coisa decola naturalmente ou é descartada. Também é comum eu escrever dois ou até três livros há um mesmo tempo sem que nenhum interfira no outro. Não vivo de literatura, mas sou profissional só que quando escrevo a preocupação principal já não é mais publicar. A minha responsabilidade com a arte é produzir algo que de certa forma incomode e pelo menos sirva para alguma coisa maior que minha vaidade.

E6 Otílio Paiva:

É meu processo criativo é o seguinte, eu tenho uma ideia, normalmente é assim, é um insight, que me ocorre em qualquer lugar NÉ, que eu anoto, depois, depois com mais tempo, eu desenvolvo, deixo dormindo, eu, por exemplo, eu penso assim, eu tento escrever um romance, tenho que escrever um romance, então vou desenvolver aquela ideia da primeira anotação, dez, vinte linhas que eu fiz e acho que da pra escrever, desenvolver um romance, e a partir dali eu vou pensando e fazendo anotações e vão surgindo as ideias são inevitáveis, e quanto mais surgem ideias, mais vão surgindo outras ideias periféricas, por exemplo, voltando aquele caso do livro Violação, eu, me ocorreu um dia, não sei bem qual o momentinho, um menino ligando dum orelhão pro um pai, um cara, por exemplo, um irresponsável, um bêbado, um cara bebido, atrevido, corajoso, ligando pro pai pro qual ele tinha o numero, dizendo que ia comer a filha dele, ele tinha uma amiga, que era amiga dela, que ia por na mão dela, e o pai da menina era paraplégico, então me ocorreu essa ideia, e anotei, anotei pra escrever como um conto, à medida que fui desenvolvendo, e vendo e sempre voltando ali, pra poder juntar material e poder escrever o conto, porque você tem você tem partir daquela ideia e pensando aquela ideia pra que surjam outras, é tipo uma pesquisa mental, não é uma pesquisa mental, pra você reunir um pouco de raciocínio que lhe permita desenvolver essa ideia, então na medida em que eu fui anotando, foram vindo ideias uma atrás da outra, profusão, eu de repente senti que aquilo não era conto, não precisava, podia ser mais do que um conto, podia ser um romance, aí fui desenvolvendo, criando material, recolhendo

material, ate que num dado momento, e grosso modo isso acontece com meus textos todos, sobretudo com os grandes, eu fiz um roteiro, não é, peguei esse roteiro, dividi em capítulos, então, o meu primeiro capítulo é sempre a primeira parte do roteiro, o segundo capítulo é a segunda parte do roteiro, bom Definido Isso, aí eu fui considerando uma porção de anotações que eu tinha, qual que é cada capítulo, mas aí então eu perdi tempo em pensar ali, e no que eu pensava em uma coisa que eu deveria colocar nesse capítulo, me ocorreu que depois eu tinha que colher uma ideia pra colocar no outro na sequência, quando eu chegar ao ultimo eu precisava colocar aquilo pra ter coerência com o ultimo capítulo, e naturalmente que em função disso, e dessa ideia sobre o livro violação, e aí já começou a surgir nesse conjunto às ideias, por exemplo, que eu queria discutir uso de drogas, sexologia, sexo, violência policial, eu achei que eu precisava fazer pesquisa, então eu li, li livros nessas áreas, entrevistei pessoas, como por exemplo, entrevistei o Edno sobre isso, entrevistei o Nelson, dai a razão pela qual eu depois peguei as partes que tratava daqueles assuntos sobre os quais eu entrevistei esta certo, não é, não, isso aqui, essa palavra esta errada, então você tem que isso, mas foram coisas mínimas, alias ate acho que foram coisas muito finas porque eu captei, soube fazer as perguntas e captei bem depois às respostas, e depois dessa pesquisa toda, e aí já foram surgindo muito mais ideias para colocar em cada capítulo, eu então defini o assunto de cada capítulo, eu fiz um roteiro de como eu ia escrever aquele conjunto, aquele texto que eu tinha anotado pro capítulo, fiz o roteiro, comecei e fui escrevendo, primeiro capítulo segundo capítulo, terceiro capítulo, essa é a minha técnica. Escrevo a não, normalmente eu escrevo tudo a mão, e normalmente eu tenho uma pagina, eu uso uma pagina na qual eu to escrevendo o texto, primeiro a pagina na qual eu fiz o roteiro, to escrevendo o texto, e tem mais duas outras paginas duas outras folhas brancas, na hora que eu to escrevendo aqui, escrevi dez linhas, me ocorre uma ideia do que eu devo colocar no fim, aí eu anoto La, eu to aqui no fim, me ocorre uma ideia de que eu posso colocar no começo porque tem a ver aí eu anoto La no começo, terminou o capítulo eu faço as revisões todas, aí resolvo as questões, aí fecho, mais ou menos assim.

Desde jovem, eu lembro meu pai sempre nos incentivou a ler, e eu de doze anos já era um leitor assim voraz, não da boa literatura necessariamente, aqueles livrinhos que vinham policiais, aquela coisa toda, eu me lembro de que com dezesseis anos eu escrevi umas três historiazinhas policiais assim, mostrava pro papai, papai lia, dava opinião, às vezes achava bom, às vezes achava graça das ideias que eu desenvolvia, depois já aos 18 anos eu escrevi três contos que se perderam, foram pro jornal do qual eu fui diretor, chamava diretor literário, chamava o ululante, inclusive um dia desse encontrei com um rapaz que trabalha pro Nicolau, la no Paulinho tomando cerveja, um amigo falou assim esse aqui é fulano que trabalha no Nicolau, ah é mesmo, aí ele sentou e tudo contando sobre as coisas que queria fazer, sabe qual é uma coisa que eu queria fazer pro Dida, e o Dida era o Presidente da ONG, da qual eu era...

E7 Ubirajara Galli:

Cada pessoa tem o seu temperamento, tem a sua forma de andar, de conversar, de pensar, cada ser é um ser e graças a Deus as coisas são assim, nós não somos uniformes. Eu tenho a minha forma de produção, de fazer o meu trabalho, de desenvolver o meu trabalho, mas eu não tenho uma metodologia rígida para que a minha literatura aconteça, eu tenho organização, eu não tenho excessos. Depende da natureza do trabalho, Se é um trabalho de uma essência poética, ficcional ou então estereográfica. A estereográfica não, ela existe quando você trabalha uma realidade histórica, então você tem uma essência definida do trabalho que você vai desenvolver claro que isso demanda pesquisa, um esforço a mais, um suor a mais. Agora com relação à produção poética ou ficcional essa não. Essa você inicia, mas você ainda esta construindo esse universo, dando identidade para esses seres que vão habitar esse seu processo de criação o que diferencia, então, por exemplo, há uma

perspectiva maior de definição entre a estereográfica e a ficcional. Marcos: Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Ubirajara: Muita angústia e um sentimento quase de frustração, porque se eu projetei desenvolver certo trabalho, então é porque já havia esforçado, já tinha uma essência, já tinha metas, enfim para que esse trabalho acontecesse e isso naturalmente deixa qualquer escritor, qualquer pessoa de qualquer atividade frustrado por não ver isso acontecendo.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Um conto, uma crônica, um poema bem feito também é arte né? Quem não for artista não faz. A pessoa se sabe jogar as tintas nos pincéis, sabe jogar as palavras. Uma de lá, outra de cá, tudo é arte. Desde quando sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto? Bariani: Eu já falei para você que sou eu que faço feira, faço supermercado, faço palestras nas escolas quase todos os dias, dou entrevista para a televisão e venho para a oficina, a minha vida apertada, estou com 87 anos e não estou vendo passar esta passando depressa demais. Agora eu fiz um acervo meu ali das minhas coisas tipo um museu e que todas as coisas que eu tenho estou juntando e colocando lá, então minha vida é esse aí, quando eu vejo o dia já acabou, eu durmo é duas três horas da manhã porque eu fico até meia noite aqui no escritório e quando eu recebo mensagem, porque eu não falo e-mail não, melhor eu falar correio eletrônico, eu recebo mais de cinquenta por dia aqui, então depois da meia noite é que eu vou ler minhas coisas lá encima, devo ir dormir umas três horas, quando é 7 da manhã eu levanto e tal, vou ao bosque ali fazer caminhada essas coisas, igual você esta vendo aqui.

E9- José Mendonça Teles:

Literatura é arte, poesia é arte.

"A linguagem literária perde o mundo para recriá-lo melhor" Leyla Perrone-Moisés, "Flores da escrivantina".

Para Carvalho (1994) o processo criativo está ali naquele lugar do escritor, onde o mistério da palavra nos aparece como mistério, será necessário, a partir desse movimento sedutor da ausência e da presença, produzir uma palavra - isto é, uma tradução ou uma versão do desejo, uma significação, ou uma interpretação, a fim de que seja possível desvelar, esse outro "de dentro" como cita Laplanche (1988, p.108-125) em sedução generalizada.

Na criação artística, como afirmou Freud (1914, p.112-113.), "A sublimação é um processo que concerne à libido de objeto e consiste no fato de que a pulsão se dirige para outro objetivo, distante da satisfação sexual; o que é acentuado aqui é o desvio que distancia do sexual".

Sublimação é um sintoma "melhor" que os outros, condenados à solidão individual pela vergonha e pela censura do neurótico - uma vez que a sublimação expressa de uma maneira mais "feliz", ou seja, fora da repressão (reconhecemos aqui o curioso parentesco

entre a sublimação e a perversão, duas das várias formas de destino da pulsão), os mesmos conflitos que os sintomas patológicos tentam expressar com um dispêndio enorme de energia e quase sempre voltados ao fracasso.

O processo criativo não deixa de ser um doce mistério e uma poderosa sedução, como cita Carvalho (1994).

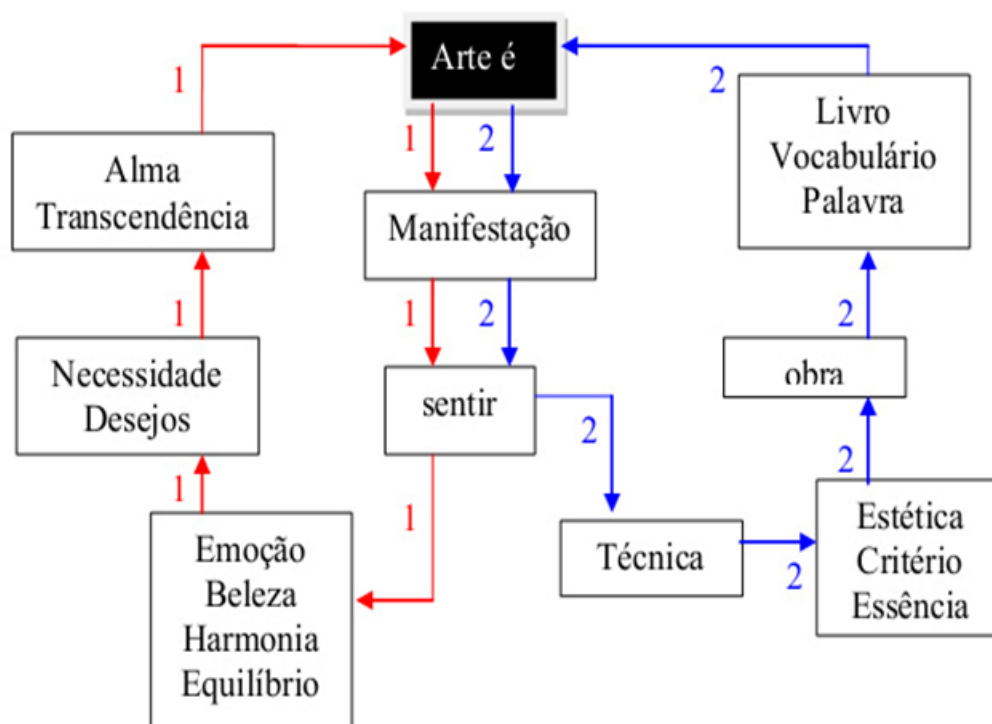
A criação literária parece ser movida não pela repetição, mas pela transformação, pelo novo que se renova a cada palavra, cada poema, cada texto, cada desejo, já que é pela escrita da palavra que o autor se reinventa ou inventa o mundo, lida com seu imaginário, aproximando as vizinhanças entre ele e o outro e eliminando os limites.

Pode-se perceber, pelos seus discursos, que os escritores estão sempre escrevendo ou reescrevendo a mesma história. A criação artística, como os sonhos, traz a marca da realidade psíquica e histórica sobre a qual se constrói a subjetividade do autor se mostra e se revela. A criação literária é um processo, um mistério como se debruçou Freud (1908) em seu ensaio *Escritores criativo e devaneio* onde comparou o trabalho do escritor com o do analista.

Freud afirmava que ambos eram personagens de histórias humanas fruto do desejo inconsciente. Como cita Deleuze (1993, p.14) “A criação literária é um processo, um devir. A doença, pelo contrário parece ser a interrupção, a *parada* no processo.” Para Deleuze e Guattari (1976,2011) enunciam no *Anti-Edipo*, devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejantes ou agenciamentos): desejar é passar por devires. Deleuze deixou um legado importante nessa área da literatura em seu último livro, *Crítica e clínica*, uma coletânea de ensaios sobre literatura e filosofia, foi publicada em 1993. Literatura é dar corpo ao desejo ou as máquinas desejantes citadas por Deleuze.

O Gráfico7 representa as respostas dos escritores a respeito sobre que é arte.

GRÁFICO 7 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados O que é arte para você?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “O que é Arte?” - emergiu do discurso o núcleo manifestação do sentir que toma duas direções. Uma no sentido subjetivo da emoção, da beleza, da harmonia e equilíbrio visando atender necessidades e desejos de uma subjetividade que visa o contemporâneo. De outro lado mais objetivo o da técnica que visa à construção da estética com critério e valor para produzir uma obra, um livro pelo uso da palavra.

Para os escritores, arte é ampliar a realidade. Arte como a subjetividade da sociedade. Uma forma elaborada de comunicação. É a essência do tudo. No trabalho artístico, a flexibilidade faz parte da própria instabilidade criativa, é sempre um risco de sair um bom trabalho ou um trabalho medíocre não aceito pelo mercado.

O artista da palavra é sua própria organização de trabalho e precisa se organizar segundo seu estilo pessoal, sua identidade, sua forma de se organizar para trabalhar e nesse sentido cada escritor disse que tem sua própria organização e métodos e disciplinas e técnicas. No entanto o escritor artista cultiva e constrói sentimentos de orgulho pelo trabalho realizado, o artista é um trabalhador diferenciado no mercado, e o seu trabalho é percebido como lazer, divertimento e prazer. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Agora, com a palavra é totalmente diferente, você tem que buscar novas fórmulas, você tem que preocupar com o vocabulário, coma riqueza do vocabulário. Eu sou uma pessoa que sou tão de perseguir as coisas que eu não gosto nem com uma palavra rime com outra na mesma página, porque eu acho que é uma coisa que já, que incomoda o leitor. Eu preocupo com o leitor, eu sou escritora preocupada com o leitor, sabe? Não com crítica não, aceito bem critica, sabe? Mas eu falar assim: gente uma pessoa pegar um livro para ler e depois ficar “nossa para que eu comprasse esse livro”? Que livro chato, enjoado.

E2 Edival Lourenço:

Arte é a manifestação do espírito capaz de emocionar, enlevar, alargar a realidade e até criar realidade nova.

E3 Eguimar: Felício

Para responder esta pergunta, sempre faço uma separação de filosofia, a filosofia tem como preceito universalizar o entendimento do ser e pensar o pensamento que o faz; a religião tem como critério estabelecer uma ligação a partir da fé no individuo com preceitos universais mediante o mistério; a ciência tem como função explicar, analisar e criar as ferramentas de fazer e a arte tem a missão de apresentar, de expor conteúdos e faces da alma humana pelo critério da beleza, pelo critério da estética, este é o papel da arte. E ela faz isso de diferentes maneiras, em diferentes épocas, por diferentes sujeitos. Há a institucionalização da arte é outra coisa, a burocratização da arte é outra coisa.

E4 Geraldo Coelho:

Olha se eu pegar ali alguns historiadores, alguns filósofos é muito fácil definir o que é arte. Bom eu acho que a arte é uma necessidade do ser humano. O ser humano precisa da arte porque é a alma da sociedade. Eu entendo que a arte é necessária.”

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Arte para mim é uma forma elaborada de comunicação. Está na escrita, na pintura na fotografia, num movimento, na interpretação, num toque diferente e até mesmo em uma filosofia de vida. Somando o conceito de que arte é a forma do ser humano expressar suas emoções, sua história e sua cultura por meio de alguns valores estéticos como beleza, harmonia e equilíbrio.

E6 Otílio Paiva:

Arte para mim é, criação de alguma coisa bonita, sobretudo, a arte para mim é uma criação bonita, de valor, de mérito, não é, que você sente ali o esforço do autor em fazer alguma coisa que cause um impacto agradável ao seu semelhante, contribuição por beleza.

E7 Ubirajara Galli:

É a essência do tudo. É aquilo que eu falei para definir exatamente a arte isso envolveria teorias, discussões infundas, porque graças a Deus as pessoas não veem a arte como uma expressão nitidamente definida, isso é arte. Eu acredito que tudo é arte, inclusive a essência dessa nossa entrevista.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Arte? Aí, daí para cá eu tive sorte e tal e agora já publiquei quarenta e tantos livros. Eu tenho meu carro chefe, eu tenho A Cozinha Goiana, Dicionário Brasil Central, A Medicina Popular do Centro Oeste e depois tem o quarto que é o A Cartilha do Folclore Brasileiro e vou soltar agora a segunda edição da À Cartilha do Pré Escritor, Você gostaria de escrever um livro? Então vou começar a lançar agora dia 30 só nas escolas, então, por exemplo, o meu livro da Cozinha Goiana tem Mestrado sobre ele, tenho eu sou o criador do peixe na telha, agora eu vou abrir o Festival de Gastronomia de São Simão sobre o peixe na telha, pirão e. Aí tem o Dicionário Brasil Central que esta no site da novela Araguaia, já fiz contato com a Globo, contrato não, prestação de direitos porque ninguém paga nada, porque a pessoa quer saber alguma coisa, esta lá no dicionário e o meu livro da Medicina Popular do Centro Oeste esta saindo à terceira edição agora, então é um livro só para as embaixadas, só os estrangeiros que se interessam por essas coisas, então quando eu for pelos menos tem uns 4 que vão ficar aí.

Para Kallas (2010), mesmo se um poeta estivesse encerrado em uma prisão minúscula, tendo à sua frente apenas muros, ainda assim tiraria o seu material poético de recordações de sua infância ou de um tempo retido na memória. Tudo a ser escrito pelo escritor já se encontra dentro dele, basta um mergulho no seu imaginário criativo. O fascínio e o deslumbramento é o olhar da solidão, a solidão essencial à criação poética.

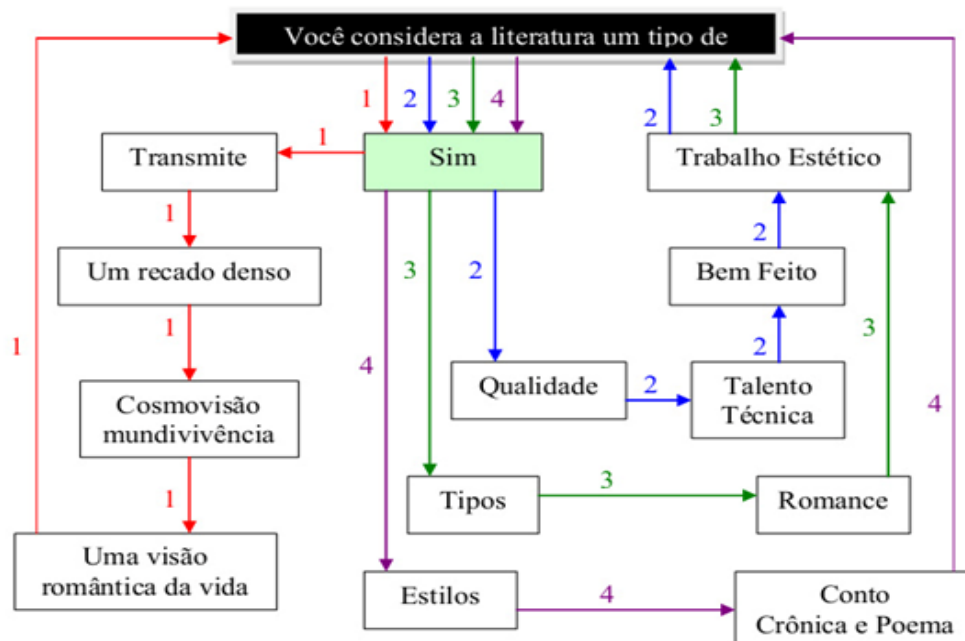
Para os escritores a arte é a essência de tudo na produção do livro. Carvalho (1994) cita que não existe pretensão mais narcísica do que a de se imortalizar num livro. Escrever é uma construção nos caminhos do intrincamento pulsional. O dito popular plantar uma árvore, ter um filho, escrever um livro... É provável ser essas conquistas visariam na verdade, a garantir ao narciso dentro de nós. A existência torna-se perene no livro que nos substitui, marcando nossa ausência com a concretude da criação literária.

Janson (2001) comenta que arte é um objeto incomum, estético, é uma representação do belo, do que é feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. O ser humano tem uma necessidade incontida de fazer arte, e um dos traços singulares do homem é criar arte. A arte literária não é para o escritor um simples passatempo, é algo que transcende a própria estética do livro, é manifestação da arte pela palavra do escritor como afirma Sábato (2006).

A arte precisa ser catequizada, na palavra do escritor, como diz o novelista Dias Gomes (1999, apud BRITO, 1999, p.41). Se não escrever, não vivo: fico angustiada. Escrevo diariamente, religiosamente. O dia em que não escrevo, fico com um sentimento de culpa enorme. Se ficar três dias então, fico totalmente neurótico. Tenho que estar ocupada, se não, falta alguma coisa na minha vida.

O Gráfico 8 representa a resposta dos escritores sobre se os escritores consideram a literatura um tipo de arte.

GRÁFICO 8 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você considera a literatura um tipo de arte?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Você considera a literatura um tipo de arte”? - emergiu do discurso a categoria: *Sim*. Nos discursos dos escritores e emerge uma literatura com arte, o que eles denominam de transmitir um recado denso, uma cosmovisão da vida, uma visão romântica da vida. Também é preciso ter qualidade nesse trabalho literário, trabalhar o talento, a técnica, um trabalho bem feito, um trabalho literário com estética. Também emergiram os tipos e estilo de gêneros como romances, conto, poesia, crônicas, etc.

No mito popular, o artista é um sonhador que ignora realidades, na verdade ele não é um sonhador, mas um artesão dos desejos. O artista não está distante da realidade, mas busca expressar sua verdade psíquica. O artista aspira a localizar seu conflito e resolvê-lo em sua criação. Portanto, a intenção do artista é despertar no público uma resposta emocional que nele produzirá o ímpeto de criar. O escritor usa de sua arte para sublimar suas dores.

O desejo do artista é expressar em forma de obra de arte o que sente nas profundezas de seu mundo interno. A percepção interna do sentimento mais profundo é que leva o artista a precisar recriar algo que seja sentido como um mundo completamente novo, e o que todo

artista faz é criar um mundo. Por mais alegre e serena que seja a obra, ela comunica ao receptor uma tensão que subjaz ao processo criativo. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Eu acho que é uma arte, porque você elabora você não faz aquilo sem essa preocupação de atingir a beleza né? Ou então um recado mais denso talvez, que você só consegue por meio da arte, não é por meio de uma coisa mais transcendental que você só consegue com arte. Sem arte você não consegue né?

E2 Edival Lourenço:

Sim. É um tipo de arte antiga e básica. É dela que derivam as demais artes. Acho que contar antes de dançar e pintar as rochas da caverna, o homem primitivo se reunia ao redor do fogo e contava casos. Aquele que conseguisse contar o caso com mais engenho e arte com certeza era distinguido dentro da tribo com melhor posição, com a mulher mais bela etc..

E3 Eguimar:

Considero. Dizendo que há vários níveis, qualidades, tipos e estilos de literatura. Um romance pode ser uma arte... Não arte seu o seu processo de significação, sem o seu processo de apropriação, sem o processo de interação humana. A arte não se realiza só num produto, ela se realiza além do produto. Uma peça de teatro não se realiza só no produto cênico, mas no que ela age depois, no que ela contamina.

E4 Geraldo Coelho:

Eu acho que a literatura faz parte desse mundo aglomerado de artes, eu acho que o trabalho literário é um trabalho artístico. Eu entendo que seja. Olha eu tive uma época que eu trabalhava na parte da manhã levantava cedo, não atendia ninguém e ficava até 10 horas. 10 horas eu ia para o serviço. Depois com o tempo, desacostumei e ultimamente eu tenho trabalhado a noite, fico até meia noite, às vezes até uma hora, eu acho que é o período mais tranquilo em minha vida para poder escrever.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Sim considero a literatura um tipo de arte, porque não se escreve literariamente sem talento, no entanto (não tenho uma visão romântica), há que se aliar este talento à técnica. Não se faz literatura de modo inconsciente. O autor imprime uma marca no seu texto que o diferencia dos demais. Mas o embasamento teórico é fundamental.

E6 Otilio Paiva:

Não, eu considero a literatura a arte, uma grande arte né, a arte de transmitir cosmovisão e mundivivência, o útil, extremamente útil à sociedade né, eu já li, não me lembro de aonde, que dizia o seguinte o livro não muda o mundo, o livro, não é o livro que muda o mundo, o que muda o mundo são os políticos, os líderes, os humanistas, são essa coisa toda, mas aí eu me lembro de que, me lembro de um, eu

acho isso bonito, é do, daquele escritor gaúcho, poeta gaúcho, aquele poeta que o falcão dava um suporte pra ele, foge, da uns brancos assim, mas aí você vai descobrir depois você... Não, ele morreu recentemente, morava no rio grande do sul, morava num hotel... Mario Quintana, pois eh, o Mario Quintana tinha uma frase, ele dizia o seguinte, o livro não muda o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros só mudam as pessoas, não eh, então o seguinte, a literatura muda o mundo, eu não sei se era bem certinho, mas era mais ou menos isso aí, eu acho chique demais.

E7 Ubirajara Galli:

Sim, é uma das vertentes mais bonitas de todas de realização de expressão cultural.

E8 W. Bariani Ortêncio

Um conto, uma crônica, um poema bem feito também é arte né? Quem não for artista não faz. A pessoa se sabe jogar as tintas nos pincéis, sabe jogar as palavras. Uma de lá, outra de cá, tudo é arte.

E9- José Mendonça Teles:

Sim, tudo que fazemos em literatura não deixa de ser considerado como arte.

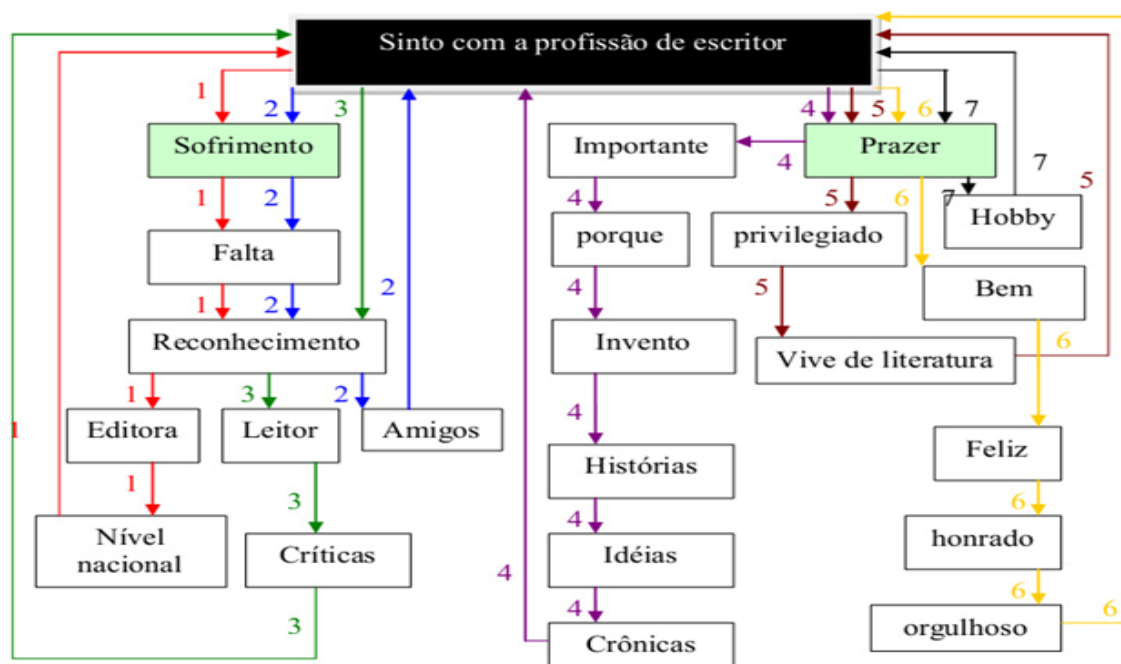
Por algumas falas dos discursos dos participantes, eles consideram que literatura é arte, tudo é arte. Quem faz é artista é preciso ter essa veia artística. Uma das vertentes mais bonitas de todas de realização de expressão cultural. Foi citado o escritor Mario Quintana que, em uma frase, dizia o seguinte: o livro não muda o mundo, quem muda o mundo são as pessoas, os livros só mudam as pessoas, então a literatura muda o mundo, eu não sei se era bem certinho, mas era mais ou menos isso aí, eu acho chique demais. Literatura um tipo de arte, porque não se escreve literariamente sem talento, no entanto (não tenho uma visão romântica), há que se aliar este talento à técnica.

Muitos escrevem com arte para socializar seus sonhos, desejos e o conhecimento. Há, no entanto, aqueles escritores por profissão escrevem para outros “escritores” que não sabem escrever, trabalham para editoras especializadas, são os escritores fantasmas que seus nomes não aparecem nos livros, aparecem seus clones, na verdade poderíamos chamá-los os que se utilizam dos escritores como plágios de escritores.

Sábato (2003) diz que o maior problema dos escritores literários Talvez seja o de evitar a tentação de juntar palavras para fazer uma obra. Disse Claudel que não foram as palavras que fizeram a Odisseia, mas o oposto. Sábato (2003) escreve que o escritor é a voz de seu tempo.

O escritor substitui o padre, veste a clâmide dos mártires, sofre de mil males, toma a luz de sobre o altar e a difundiu no seio dos povos; ele foi príncipe, mendigo; ele consolou, ele maldisse, ele ou, ele profetizou, ele foi o guru da autoajuda, só não conseguiu substituir os políticos.

GRÁFICO 9 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Quando você pensa na profissão de escritor o que sente?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “O que você sente na profissão de escritor?” - emergiram do discurso dois núcleos: *Prazer e Sofrimento*. No primeiro, eles sentem o sofrimento como ausência de reconhecimento tanto por parte das editoras quanto de amigos e do leitor para por meio da crítica obterem um *feedback* sobre seu trabalho e também da falta de remuneração decente aos escritores. Reclamam que não há valorização social. No tocante ao prazer, porque eles inventam e criam histórias, crônicas e por outro lado se sentem um privilegiado por viver da literatura, vivem felizes, honrados, orgulhosos e veem como *hobby* também. Os escritores percebem e se sentem muito importantes. Gostariam de ser mais lidos. Gostariam de ter mais tranquilidade para exercer a profissão de escritor. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Ah eu me sinto muito importante. Eu acho importante ser um escritor, sabe? Porque você passa tanta ideia, tanta coisa interessante para as pessoas né? Tantas histórias. Você inventa tantas coisas não é? Eu parti, por exemplo, no livro de fusiopatra, eu

parti de muitas histórias que aconteceram comigo e depois eu inventei tanta coisa encima daquelas histórias que me diverti com aquilo, sabe? Então eu adoro escrever.

P2 Edival Lourenço

A profissão de escritor no Brasil ainda é vista mais como um hobby. Dificilmente um escritor consegue remuneração decente para seu trabalho. São poucos os que conseguem viver condignamente com seus ganhos de escritor. Sinto que somos um povo que valoriza muito pouco a leitura. Não há valorização social para a leitura.

P3 Eguimar Felício:

Eu, talvez, eu gostaria de ser mais lido. Talvez eu tenha a vaidade de ser mais lido, mas tenho um princípio sobre o qual já conversamos. O papel da sabedoria é lutar contra qualquer narcisismo espiritual. O professor, o escritor, o artista de circo, o pastor, essas pessoas que mexem com altos símbolos da espiritualidade podem se tornar facilmente reféns do narcisismo espiritual. Às vezes tenho oportunidade de escrever pra um jornal fazer crônica e, às vezes, penso: “isso não vai ser bom”. Isso quem está falando não sou eu, é o meu narcisismo espiritual, é bom ficar quieto, vamos ficar quieto porque, de repente, não estou vendo a luminosidade do instante, o cheiro das coisas que estão em minha volta, à beleza daquilo que é possível. Fui convidado para escrever crônicas em O Popular e foi muito prazeroso o processo de escrever e é muito interessante pra gente ver porque eu poderia ter feito àquela crônica e talvez não por conta de serem publicadas me exigiu mais pesquisa, mais atenção, mais primor. Poderia ter feito como faço, sem O Popular, mas é muito prazeroso. O interessante é que ora ou outra acho um leitor que me reconheceu, mas não foi tanto assim. Talvez, por internet são mais lidas. Então, na minha condição de escritor, posso querer e desejar isso ser legítimo, mas meus textos são lidos e, às vezes, a leitura deles não é menor ou pior do que se tivesse publicado em grandes livros etc.

Agora, pra você ver, deve estar com uns quatro ou cinco anos que um monte de gente que ganha patrocínio para escrever um livro de crônicas, essas crônicas mais psicanalíticas e aí nunca me senti à vontade. Deve ter uns 10 livros se for juntar, são coisas razoáveis, boas e ruins.

E4 Geraldo Coelho:

Eu me sinto bem. Fico feliz, eu não sou desses que muita gente fala que para escrever é um sofrimento, é isso é aquilo. Não, eu acho que escrever não é sofrimento, escrever é uma alegria, para mim sempre foi. Eu sempre entendi que escrever que eu tenho necessidade dela, como eu tenho necessidade de tomar água eu tenho necessidade de escrever. Agora eu acho que isso me dá alegria, como quando eu tenho sede eu tomo um copo d’água me dá alegria porque eu estou matando aquela minha sede e na literatura eu sinto da mesma forma.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Eu não vivo de literatura. Poucos conseguem. Não credito que na região Centro Oeste tenha alguém que consegue viver da escrita. Trabalho com a arte literária por pura paixão pela palavra.

E6 Otílio Paiva:

Olha, eu me sinto honrado de ser capaz de escrever e como os textos são razoáveis eu me sinto orgulhoso de ser escritor, agora eu tenho uma descrença muito grande de repente ser conhecido como escritor, porque eu, por exemplo, todos os meus livros aqui maior ou menor, tiveram repercussão em Catalão e na região, nunca recebi elogio de alguém a não ser os meus amigos de Goiânia que leram e gostaram, eu digo da imprensa, não aquela imprensa que você vai e diz que escreveu um livro, eles fazem uma matéria, uma reportagem, quer dizer da crítica, da boa crítica, salvo duas raríssimas exceções, uma crítica elegante que você fez do meu livro jornada incerta, não é isso, foi jornada incerta, e uma crítica também muito elegante e compensatória num outro aspecto, apesar de um não concordar com os pontos de vista, do Fernando Safatle, sobre o jornada incerta, mas fora daí, quer dizer, eu sinto assim, eu queria ser conhecido nacionalmente, tanto é que esses livros, o violação, o jornada incerta, eu mandei esses livros pra dezenas de editoras no Brasil para ver se, todas editoras importantes, porque você manda pra uma editora importante se ela aprovar o resto é com ela, no interesse econômico com ela, ela vai promover seu livro, ela vai fazer todo o trabalho, mas eu não consegui fazer isso, então quer dizer, não se sabe a crítica, a boa crítica não se sabe conhecido da minha literatura, eu diria que a boa crítica da literatura goiana, também não sabe do meu livro, quer dizer nunca viu um artigo num jornal dizendo que elogiando um livro meu, mas então quer dizer, eu acho assim muito difícil pra gente, por isso muitos desanimam, o Arnaldo costumava dizer o seguinte, uma vez eu o vi ele criticando um escritor, tinha escrito um livro muito bom, e o Arnaldo estava comentando sobre uma crítica com a qual o Arnaldo concordava pelo menos naquela época, uns 20 anos atrás, em que se dizia escritor de um livro só, quer dizer desmerecendo o indivíduo, aí depois que eu fui Escrever escrevi Meu livro, e publiquei, tive aquela trabalhadeira toda, publiquei ninguém deu confiança direito, aí eu falei Arnaldo o negócio é o seguinte, o cara às vezes escreve um livro só porque ele fica com preguiça de fazer tudo de novo pra no final ninguém dar confiança, ninguém nem sequer elogiar, você manda o livro, dá o livro, dá de presente para um amigo seu que gosta ler, e ele nem de longe assim, oh recebi seu livro La, quer dizer, não é nem o caso de agradecer, não é nem o caso de elogiar, dizer oh recebi seu livro, acontece isso demais, é o grosso da coisa, você tem essa experiência também, então agora, eu não me deixo vencer n, mas nem por isso também, mas também, não fico também, não tenho aquela disposição de estar escrevendo sempre, sempre, sempre, sempre.

E7 Ubirajara Galli:

Eu gostaria de ter mais tranquilidade para realmente dizer. A minha profissão é de escritor, é de ser escritor mesmo, assim 24 horas por dia, mas infelizmente, apesar de que eu me sinto até privilegiado com relação à grande maioria do que produz literatura em Goiás de pelo menos ter os meus dividendos, o meu ganho com a literatura. Isso ocorre em uma escala muito pequena. Eu gostaria que a minha atividade fosse reconhecida como tal, ainda não é, mas da forma que é já sou muito feliz com ela porque estou vivendo uma exceção.

E8-W. Bariani Ortêncio:

Você quando lê uma coisa que você gosta você já se inspira em fazer um paralelo e eu, por exemplo, eu tenho um livro meu que eu criei um detetive que resolve tudo com problema de matemática, ele chama A história do crime do detetive Waldir Lopes, eu publiquei ele na melhor editora do país que é a Ática, então é um livro assim que nas escolas até hoje eles me pedem, mas no mundo do jornal a minha temática é assim eu leio uma coisa, bolo outra, você para escrever tem que ser

conversador, me relacionar, conversar e muitas vezes você pensa que não vai sair nada em uma coisa, mas sai então minha temática é colhida no meio do povo, das coisas e também inspirada em leituras, você lê uma coisa e já bola outras.

Para Bueno, Avelino e Macêdo (2009), quando escritor pensa em sua profissão, busca os sentidos do seu trabalho e faz um mergulho no imaginário. Nesse mundo fantástico dos escritores literários, procura revelar sua subjetividade para que o leitor possa ter um passatempo, um lazer, ócio, não trabalho.

Os escritores projetam nos livros uma dimensão existencial e criativa de suas obras, como no caso de *Cora Coralina*, descrita por Ramón (2006) plena de poder metafísico, de metáforas com que converte as coisas do cotidiano em “coisas em segundo grau”, alcançando assim uma dimensão universal.

O artista estranha e esconde sua intimidade criativa. O artista se desnuda para produzir sua obra, revela-se, desvela-se e encontra o novo, o inimaginável. O artista da palavra é um descobridor, um inventor do mundo a partir de sua fantasia, de seu mundo imaginário que ele transforma como artesão num produto literário, em uma obra de arte. A palavra criativa como ensina sempre transcende seu autor (FREUD, 1908).

Quem é esse escritor que perambula pelas páginas em branco buscando na memória um motivo, um desejo, uma provocação do inconsciente? É um poeta, um prosador, um utopista, um ilusionista, um romancista, um construtor de palavras, um trágico, um dramaturgo, um biógrafo, um professor? Talvez tudo isso, talvez mais além, vivendo num mundo que transcende o cotidiano, num mundo e sonhos utópicos, e em uma realidade de dimensões atemporais. Sua tarefa é escrever para alguém, para o outro (SABATO, 2003).

O escritor tem seus fantasmas, seus outros nessa construção do pensamento criativo, da linguagem e da palavra escrita. É um constante mundo em conflito entre o eu e o outro. A questão da escrita que toma como ponto de partida, um olhar, o “escritor e seus outros”, como diz Sábato (2003).

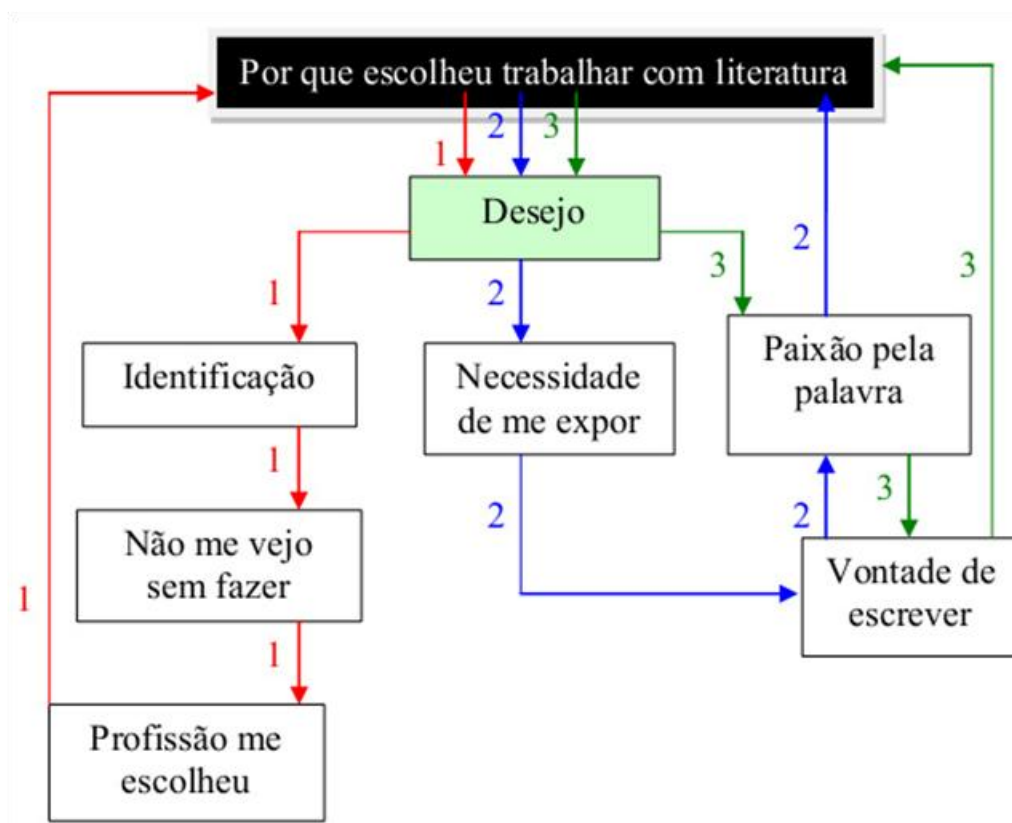
O sonho do escritor talvez seja conseguir transcender os limites dos seus sonhos e da própria escrita, quem escreve e quem lê o que se escreve o que se lê e, nessa discussão que entremeia utopias, sonhos, desejos e realidades, estão o medo e a liberdade de se comunicar com seu leitor. As palavras e todas as contradições possíveis que surgem como consequência da linguagem escrita — quando socializada, publicada, divulgada, compartilhada, enfim, lida pelo leitor. Sem o leitor não há o livro, não há o escritor, fica apenas os fantasmas para atormentar a mente dos escritores (SABATTO, 2003). Também Foucault (1969) sobre o autor

afirma que o autor não é nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles.

Os escritores expressaram que sentem prazer e sofrimento no seu trabalho. Eles demonstram compromisso pelo trabalho mesmo em duplas ou triplas jornadas de trabalho. Se, por um lado, sentem prazer quando a obra está pronta, por outro, sofrem com a instabilidade, com a insegurança, com a necessidade de ter outra atividade profissional para garantir sua subsistência e de sua família. Souza (2010) diz que o trabalho “é uma construção social, em um processo”.

O Gráfico10 representa o sentimento dos escritores no trabalho com literatura.

GRÁFICO 10 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Por que você escolheu essa profissão e por que trabalhar com literatura?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Por que escolheu trabalhar com literatura” - emergiu do discurso a categoria: O *Desejo*, que busca construir uma identidade de um fazer contínuo e percebem que a literatura os escolheu. Por outro lado percebem também que fazer literatura tem uma necessidade de se expor para o outro, ao leitor, eles tem uma necessidade incontestante

pela palavra e na vontade de escrever, alguns dizem que não conseguem ficar um dia sem escrever. A possibilidade de inventar o texto, de criar, de se diferenciar.

Blanchot (1987) afirma que o ato de escrever literatura é um ofício difícilíssimo, pois envolve envolvimento, solidão contínua e concentração que são três companheiros dessa viagem do imaginário inseparáveis de quem produz um bom texto para o deleite do leitor.

Trabalhar com literatura conforme Blanchot (1987) é produzir o quase não dito, mas que reflete a vivência do escritor, trabalhar na solidão que gera certo fascínio por ser um mundo que de certa forma o leitor se amedronta e tenta fugir desse encontro mágico, mas que o fascina. Também o escritor vivencia a temporalidade de modo singular pela sua ausência no mundo, ao mergulhar no terreno da criatividade onde constrói sua identidade num mundo que só diz respeito a ele mesmo.

Trabalhar com literatura, todos os escritores entrevistados confirmaram, é uma paixão quase incontrolável, eles não conseguem ficar sem escrever poesias ou crônicas, romances etc. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

Alcione:

Por uma questão, talvez aí que o Bira falou né? Eu acho que se eu não escrevesse hoje, eu não seria a mesma pessoa que eu sou. Eu me sinto assim realizada com o trabalho que eu faço e não me vejo sem fazer isso.

Edival:

A profissão de escritor ou de qualquer segmento artístico, normalmente não é escolhida. Ela é que escolhe o profissional. Desde a minha infância eu não tinha dúvidas de que um dia eu ia me sentar e escrever livros. Mas como não era possível viver de escrever, toquei mais de uma profissão paralelamente. Não me arrependo. Acho que trabalhar com literatura é uma forma de resistir a ao consumismo que reduz as pessoas à mercadoria, a insumo do capital, que mediocriza tudo, que banaliza a vida. Literatura é uma luta contra essas coisas.

Eguimar:

A minha profissão, professor, pesquisador e trabalho com literatura. Eu tenho necessidade de expor. Para mim, a literatura não pode ser adorno, não pode ser um brinco no corpo magnético da ciência, ela tem que ser algo que se entrelaça pra revelar à existência humana, os conflitos humanos, as possibilidades humanas, a beleza humana. A minha resposta já está escrita em vários textos, é mais ou menos o seguinte: Aí daquele pensamento que não vê a ordem histórica e social pela qual o mundo é criado e aí daquele pensamento que não vê os elementos da existencialidade, da singularidade, das ações que são constituidoras das essências, daí o trabalho com literatura.

Geraldo:

Sinceramente eu não sei. É uma questão de desde pequeno, de criança, eu tive sempre vontade de escrever. Tanto que quando eu estive no seminário, tinha 11 anos na época, lá no seminário tinha o refeitório, que hoje chamamos de restaurante e

todo mundo ficava ali caladinho, comendo na hora do almoço e o seminarista lia um capítulo de um livro, eu lembro bem de um livro que era lido lá, que se chamava “As Aventuras de Tom Playfair”, o Hélio Rocha que é jornalista, continua escrevendo no O Popular, é também membro da Academia Goiana de Letras, era meu colega e nós dois pensamos e tentamos escrever naquela época um romance dessas aventuras jogando nós dois como aventureiros, mas nem sei se chegamos à primeira página ou na segunda página, mas pelo menos, desde aquela época eu já pensava que era um sonho que eu tinha de ser escritor.

Maria Luiza:

Eu não vivo de literatura. Poucos conseguem. Não acredito que na região Centro Oeste tenha alguém que consegue viver da escrita. Trabalho com a arte literária por pura paixão pela palavra.

Otilio:

Foi uma consequência natural, fui escrevendo e peguei gosto pela literatura.

Ubirajara Gali:

Identificação com meu desejo de escrever, produção cultural.

Bariani Ortêncio:

Foi uma coisa natural desde a infância como já respondi.

J.Mendonça Teles

Tive a influência do meu irmão Gilberto Mendonça Teles.

Os participantes revelam que, além de ser algo natural que vai sendo construído em suas vidas, também constitui a construção da identidade ao afirmarem que sem a literatura não seria a mesma pessoa e que a profissão de escritor o (a) escolheu, uma forte identificação com literatura é comum entre os escritores entrevistados.

O escritor Cristovão Tezza (2012) que lançou seu livro “O espírito da prosa” foi entrevistado pelo *site* G1⁹ sobre os sentidos da literatura em tempos históricos diferentes e, se comparada com outras épocas, quando teve um peso e uma repercussão muito maiores, a literatura de hoje não parece ocupar um espaço menor na sociedade? Qual o sentido da literatura hoje? E qual o seu poder? Respondeu que a literatura hoje ocupa um espaço muito menor. Compare-se com uma sociedade semelhante à nossa, como nos países mais adiantados da Europa do século XIX, que consolidou as classes médias e a figura do leitor moderno – a

⁹<[HTTP://G1.com.br](http://G1.com.br)>, *site* de notícias da Rede Globo de Televisão.

literatura era uma fonte inesgotável de informação, entretenimento, discussão filosófica, sociológica, moral, artística. A literatura estava no centro de tudo, tinha uma presença fortíssima. Na virada do século XX, ela foi perdendo terreno, para o cinema, para as artes visuais, para os esportes de massa (considerando estritamente o entretenimento, que também é parte da literatura), para o jornalismo, para a televisão e agora para a Internet. (No caso da Internet, a literatura começa a recuperar algum terreno, pela facilidade que o meio lhe dá – o que é outra conversa).

Darnton (2009) comenta, sobre as mudanças ocorridas na literatura, que a invenção da escrita foi uma das maiores conquistas civilizatórias da História da humanidade. Cita ainda com a passagem da escrita caligráfica para a página impressa, a partir da prensa de Gutenberg. As ideias e informações puderam se disseminar de forma ampla e efetiva como nunca ocorrera, afetando dessa forma o próprio curso da História.

Ainda segundo Darnton (2009), anualmente são produzidos cerca de um milhão de títulos novos a cada ano. O renomado pesquisador sobre o campo da História do livro, assim como Chartier (2002 e 2009), também aborda com essa mudança rápida na produção, distribuição e inovação tecnológica nos meios ou mídias que a literatura e o livro estão inseridos nesse século digital. Hoje é possível um escritor produzir apenas um exemplar digital e disponibilizar na Internet para consulta ou venda em apenas algumas horas, o que era impensável há alguns anos.

Trabalhar com literatura é um trabalho que exige esforço físico, mental e emocional e muita criatividade. Não é um trabalho qualquer como o senso comum costuma dizer; os artistas não “levam a vida na flauta”. Muitos escritores vivem de pequenos “bicos” e à noite saem para vender suas poesias em uma folha de papel nos bares e restaurantes. É preciso ter coragem para realizar esse trabalho.

Dejours (1998) afirma que as exigências do trabalho e da vida são uma ameaça constante ao próprio trabalhador, que sujeito a riscos de sofrimento (o que era conhecido como Miséria Operária), que se compara a uma doença contágios. O autor resgata a força política conquistada pelos trabalhadores o que ele denomina literalmente, de direito à vida.

As organizações têm levado o trabalho e os trabalhadores a uma condição de precarização, em que o que importa é o lucro a qualquer preço. No caso dos escritores, foi citado um dos grandes nomes da literatura goiana recebe R\$270,00 por mês para escrever uma coluna dominical em um grande jornal de Goiânia. Qual o nome que damos a essa condição? Muitos escritores escrevem de graça por anos afio em colunas de jornais e em revistas na

esperança de um dia se tornarem conhecidos do grande público, como acontece com os escritores da literatura de autoajuda.

Dejours (1998) afirma que as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente, despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho.

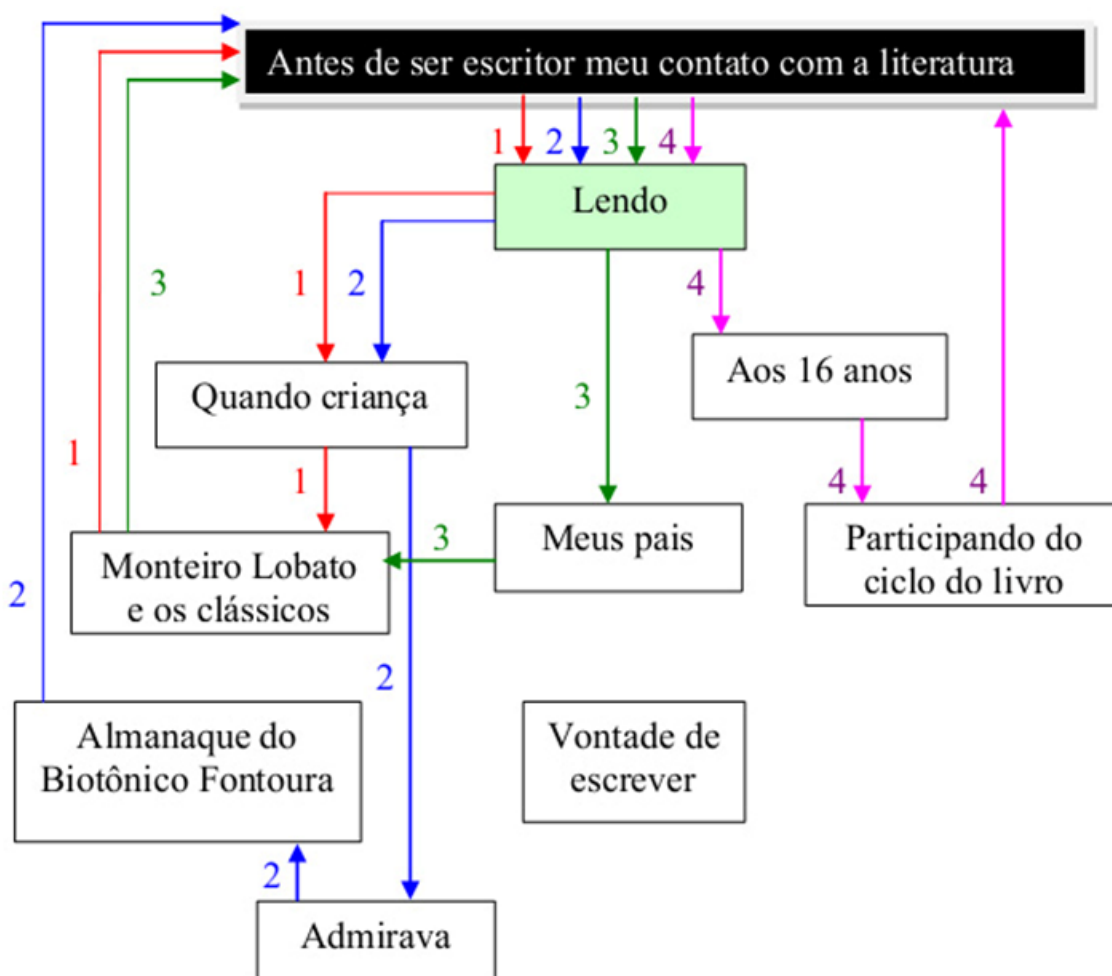
O trabalho literário não é um trabalho qualquer, como citado por Macêdo (2008,2009) é um trabalho que exige arte, autonomia, criatividade, inovação. O trabalho artístico tem sido banalizado da mesma forma que o trabalho nas demais organizações ditas produtivas, também tem feito com os trabalhadores que, ao ingressarem em uma fábrica “perdem” sua identidade e ganham um número, um crachá para marcar seu ponto diário.

Pelo menos no trabalho artístico, de forma geral e, em especial, na literatura, os trabalhadores conseguem preservar a sua identidade sem precisar de crachás ou de cartão de ponto ou ter que colocar a digital ou a íris dos olhos para marcar presença e não perder o descanso semanal remunerado (DSR) tão conhecido nas organizações ditas produtivas.

Dejours (2000), quando trata da banalização da (in) justiça social, analisa as graves questões econômicas que afetam direta ou indiretamente o mundo do trabalho. O autor faz críticas à perspectiva de que os indivíduos somente irão conseguir ficar no mercado se superarem a si próprios, tornando-se cada vez mais competitivos e eficientes que os colegas, pares, ou concorrentes, primando pelo individualismo. No caso dos escritores, a competitividade também é muito acentuada, fazendo uma comparação correlata com os jogadores de futebol descrita por Silva (2009).

O Gráfico 11 representa o sobre se você tinha algum tipo de contato com a literatura, antes de se tornar escritor (a) e quando isso ocorreu.

GRÁFICO 11 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você tinha algum tipo de contato com a literatura, antes de se tornar escritor (a) e quando isso ocorreu?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Antes de ser escritor o seu contato com a literatura” - emergiu do discurso a categoria: “*Lendo*”. Todos os escritores foram unânimes em dizer que leram muito desde crianças. Os pais estimularam muito a leitura dos clássicos (entre eles Monteiro Lobato) e a vontade de escrever. No meio rural, liam o Almanaque Biotômico Fontoura. Queriam aprender a ler para ver os que estavam escrito ali.

A escritora Alcione fala que sobre a influência de seu avô, que era jornalista e escritor, mas teve maior influência do esposo, também escritor renomado, começou a se interessar pela literatura, mas teve um período de interrupção para se dedicar a pintura, o que significa que continuou na área das artes, das letras e da linguagem para a imagem em tela sobre óleo.

Já o escritor Edival cita que começou seu interesse pela leitura logo cedo na escola rural e se tornou um bom leitor o que facilitou o caminho para se tornar escritor de sucesso com vários livros publicados.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu tive contato assim, quando criança eu lia Monteiro Lobato, mas eu não, vou falar com toda sinceridade, eu não era uma pessoa tão ligada à literatura como eu deveria ser, porque meu avô que era o Guimarães era um escritor, um jornalista, mas ele teve muita pouca convivência com agente porque ele morreu muito cedo, eu nem o conheci, mas depois quando eu conheci o Geraldo né? Que a gente começou a namorar, eu comecei a me interessar, mas não tanto quanto deveria ter me interessado também, porque eu perdi muito tempo e depois a pintura também me roubou muito dessa coisa porque a pintura como você sabe ela... Você tem que trabalhar demais e sobra muito pouco tempo para a leitura, mas eu li muito e tenho lido muito ultimamente assim só bons livros também, eu não perco tempo com livro ruim, porque se não eu tenho muito pouco tempo pela frente. Não posso perder tempo mais.

E2 Edival Lourenço:

Antes mesmo de ir para a escola, morando no meio rural, eu já admirava a letra impressa nos almanaques de Biotômico Fontoura. Eu queria aprender a ler para ver o que estava escrito ali. Quando fui para a escola, tive contato com a cartilha Vamos Estudar, de Theobaldo Miranda Santos, foi pra mim uma aventura. Depois conheci as obras de Monteiro Lobato. Ainda no ciclo básico comecei a ler os clássicos. Há Quase meio século a leitura tem sido minha fonte mais duradoura e garantida de prazer. Como disse Rui Castro, aquilo que você está pensando é *hors concours*. Na verdade acho que sou mais leitor do que escritor.

E3 Eguimar: Felício

Como já havia dito talvez o primeiro contato tenha sido com meu pai. Uma literatura oral, popular que é igualmente magnética. Eu decorava o livro de Lampião e Maria Bonita e talvez pela boca de um pai, da força que tem um pai para um filho, aquilo era magnético e era muito bonito. Talvez, se eu forçar a minha memória, vou dizer que são os mais belos poemas, que as coisas se misturam, a poesia, a circunstância, o lugar da vida, a representação do meu pai se misturam. Agora, tem um fato interessante: com 16 anos fui trabalhar no escritório para limpar o escritório, lavar o carro da patroa e jogar água nas plantas e no período, no final de 70 pra 80, tinha uma empresa chamada Cia do Livro e tinha dois amigos, um especialmente era mais intelectualizado, que ele participava do clipe do livro e já enxergava que eu era um começo de leitor e pediu se eu pudesse entrar no ciclo do livro. E o ciclo do livro, ou a gente comprava um livro por mês ou a cada 3 meses mandava um e passei a comprar um por mês e lia todos. Eu digo para as pessoas que eu com 16 anos era um razoável leitor. E talvez este fato das forças do acaso e as suas combinações com as forças das determinações. E daí, cada livro que eu lia... Uma vez eu disse isso na UEG e isso já está na boca de outro escritor também. Ali, com 16 anos, a falência do meu pai, o alcoolismo do meu pai, uma vida sofrida etc. e era uma idade de encontrar com as meninas e eu não tinha um estímulo para fazer. O fato de ler, algumas meninas diziam: “Você fala diferente”. O livro levantava a minha estima de ser ali no contato da minha masculinidade com as meninas na minha adolescência. Pode ser que esse fator sexual da literatura seja mais importante do que eu imagino.

E4 Geraldo Coelho:

O meu pai tinha assinatura lá em Catalão do Estado de São Paulo, só que o Jornal Estado de São Paulo chegava em Catalão com dois, três dias de atraso e Catalão não tinha livraria e nós comprávamos livros por reembolso postal. Reembolso postal muitas vezes a pessoa não sabe como é, você pede o livro no correio, quando ele chega você vai lá paga e retira e nós fizemos a nossa biblioteca lá em casa porque todo mundo gostava de ler, não sei se por interferência também do meu pai que assinava O Cruzeiro, semanalmente tinha O Cruzeiro, o Estado de São Paulo, que era um jornal que entrava lá em casa e naquela época minha mãe gostava muito das telenovelas, não era telenovelas não, revista de rádio que tinha as novelas e agente acompanhava aquilo e eu acho que essa ligação... O meu pai sempre foi uma pessoa lutadora, um peão de boiadeiro, ele dizia para nós, se nós não estudássemos nós íamos pegar no cabo da dolorosa, ou seja, pegar no cabo da inchada, então nós tínhamos que estudar para ser alguém e meu pai se orgulhava porque naquela época, quando a pessoa terminava o curso ginásial, fazia uma festa, tirava muita fotografia, o pessoal todo muito bonito e meu pai conservavam uma galeria dos dez filhos dele que iam formando no ginásial. Lá em casa tinha, não sei se você lembra-se disso, então depois os dez filhos do meu pai conseguiram formar, terem uma profissão liberal e eu acho que essa influência teve um pouco do meu pai. Meu pai era mineiro e quando veio para Goiás, lá em Minas teve um padre francês, que ele andava com esse padre lá nas redondezas e meu pai dominava um pouco o francês e ele nos ajudava muitas vezes no curso ginásial, naquela época tinha matéria em francês.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Quando nasci, ganhei de presente de meus pais uma coleção de Monteiro Lobato. Depois Contos da Carochinha. Livros que meu pai lia para eu adormecer. Em minha casa era permitido levar livros para o quintal, fazer deles cama de boneca... Depois de alfabetizada comecei a tomar verdadeiro gosto pela leitura. Li toda a coleção de Malba Tahan, Viagens de Gúliwer e os clássicos. Eu não me lembro da minha vida sem livros. Aos 11 anos de idade fiz meu primeiro poema: MEU RISO (pág. 48 do meu livro de estreia O Tempo Responde).

E6 Otilio Paiva:

Ah sim, de ler, a essa altura já tinha lido muitos bons livros de muito boa qualidade né, se bem que quando eu resolvi escrever, e continuar escrevendo melhor, eu fui atrás dos melhores autores, os melhores autores, li uma porcentagem deles, um exemplo pratico de cada um, talvez a obra mais importante de cada um, e de uma centena, duas centenas de escritores importantes, que é uma coisa ínfima perto da quantidade excepcional de obras que existe.

E7 Ubirajara Galli:

“Desde criança sempre gostei de ler e frequentar bibliotecas.”

E8 W. Bariani Ortêncio

Meu início foi assim lendo livros de aventuras e contos. Você quando lê uma coisa que você gosta você já se inspira em fazer um paralelo e eu, por exemplo, eu tenho um livro meu que eu criei um detetive que resolve tudo com problema de matemática, ele chama A história do crime do detetive Waldir Lopes, eu publiquei

ele na melhor editora do país que é a Ática, então é um livro assim que nas escolas até hoje eles me pedem, mas no mundo do jornal a minha temática é assim eu leio uma coisa, bolo outra, você para escrever tem que ser conversador, me relacionar, conversar e muitas vezes você pensa que não vai sair nada em uma coisa, mas sai então minha temática é colhida no meio do povo, das coisas e também inspirada em leituras, você lê uma coisa e já bola outras.

E9- José Mendonça Teles:

Desde criança me interessei por livros e bibliotecas e tive influência do meu irmão Gilberto Mendonça Teles.

O escritor Eguimar diz que seu contato inicial com a literatura foi com seu pai. Participar do Clube do Livro (era obrigado a receber um livro todo mês) talvez o tenha obrigado a ler e desenvolver o gosto pela leitura. Aos dezesseis anos, em plena adolescência, com a ausência do pai que falecera talvez sublimasse essas dores lendo poesias para flertar com as moças da época.

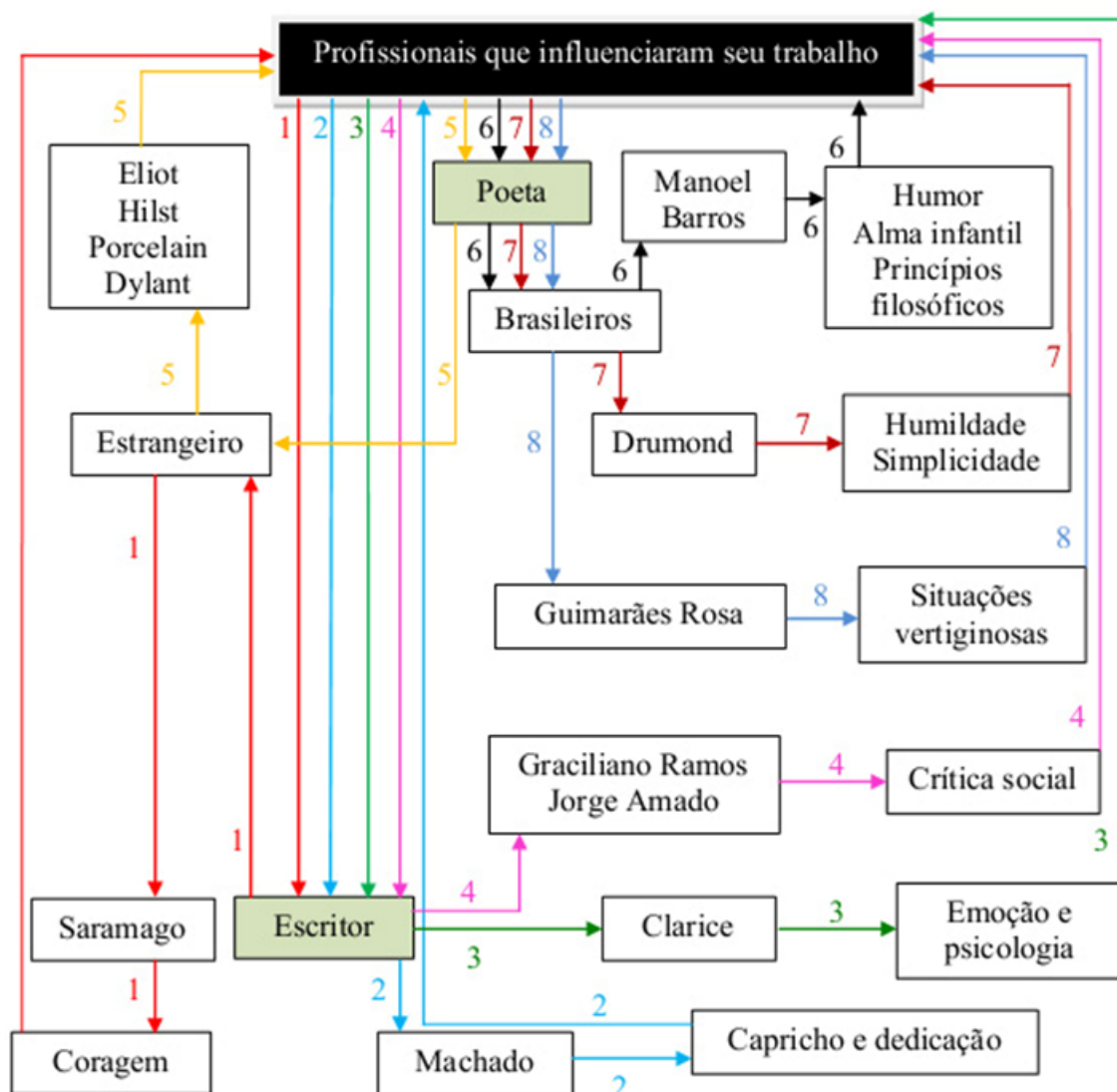
Maria Luiza diz que ganhou a sua primeira coleção do pai que lia toda noite pra ela, o pai se tornou um contador de histórias o que a fez despertar o interesse pela leitura e depois pela escrita. Leu toda a coleção de Malba Than e aos onze anos escreveu sua primeira poesia e de lá pra não parou mais de escrever e ler. José Mendonça não só leu como conheceu pessoalmente Malba Tahan e diz que esse encontro e mais as conversas com seu irmão Gilberto Mendonça Teles tiveram grande influência na vida de escritor.

Os demais escritores todos tiveram influencias literárias na infância de familiares e a descoberta das primeiras bibliotecas como Ubirajara e Bariani.

O contato com o mundo mágico da literatura, das bibliotecas, o incentivos dos pais, muita leitura desde criança fizeram com que despertassem o interesse, a criatividade e o gosto pela arte literária. Segundo Coli (1998), o trabalho na arte não é um trabalho que se alia à rotina, ao contrário, é um trabalho que exige constante criatividade e uso do imaginário.

O Gráfico12, a seguir, representa a resposta dos escritores sobre você se identifica com algum profissional de literatura e se sim, como que ele influenciou seu trabalho.

GRÁFICO 12 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado Você se identifica com algum profissional de literatura e se sim, como que ele influenciou seu trabalho?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Profissionais que influenciaram seu trabalho”, emergiram do discurso as categorias: “Escritores” e “Poetas”. Segundo o discurso dos escritores, a categoria escritores recebeu influências de escritores brasileiros como Machado de Assis, Clarice Lispector, Graciliano Ramos entre outros e estrangeiros como José Saramago. Já para os poetas receberam influências principalmente de Drumond, Guimarães Rosa e Manoel de Barros e para os estrangeiros Eliot entre outros. Percebe-se, nos discursos, que os escritores buscam construir suas identidades.

Todos os escritores entrevistados disseram que receberam influências tanto de escritores brasileiros quanto estrangeiros. Mas, foram-se distanciando dessas influências no sentido de construir sua identidade própria e seu estilo pessoal.

Como é o caso da escritora Alcione, que cita Hilda Hilst, Eliot Dylan, Bowles, Clarice Lispector e Virginia Wolf entre outros, Maria Luiz diz também que recebeu influência de Clarice Lispector. A leitura diversificada contribui para a formação do escritor, esse é um fato comum nas entrevistas.

Já Edival cita Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Luiz Borges, José J. Veiga entre outros grandes nomes da literatura nacional que o influenciaram. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu leio muito e tenho muitas assim portas que eu admiro e não sei se me influenciaram porque eu acho que agente que lê muito talvez tenha sido influenciado por muitos né? E nem saiba quem que foi, mas assim, eu gosto muito do Eliot, gosto nacionalmente gosto da Ilda Hilst, gosto muito dela, gosto a de tantos Porcelain agora estou gostando muito de Porcelain, é Dylan Thomas, tem assim uma série de... Agora escritor me, não digo que me influenciou, mas que me fez pensar assim: gente eu quero ser escritora foi quando eu li Bowles pela primeira vez, foi que, eu não sei se você sabe é o que fez o, aquele que o Bertolucci fez o filme O céu que nos protege baseado no romance dele, então eu achei que não tem nada dele, mas ele me tocou tanto que eu falei gente eu quero escrever porque eu fiquei assim encantada com um livro de contos dele, sabe? Porque tem escritor que você lê e que você fala assim: eu queria tanto ter escrito isso, não é? Esse foi um e foi até da geração Bit, mas ele não tinha aquela coisa da geração BIT tão voltada para a droga não. É um homem que gostava de uns assuntos estranhos e muito interessantes, não era uma coisa comum porque eu não gosto de regionalismo também, sabe? Então, eu tenho algumas preferências aí que a gente às vezes nem... Eu tenho lido muita coisa boa, sabe? Gosto muito da Clarisse, gosto da, quem mais que eu gosto da, além dessas escritoras eu a da Virgínia Woolf gosto muito dela. Gosto de várias, mas não sei se me influenciaram, porque agente vai lendo demais né?

E2 Edival Lourenço:

Identifico-me com vários escritores, como Machado, Guimarães Rosa, Jorge Luiz Borges, José J. Veiga e tantos outros. Mas tento não fazer nada que se pareça com o trabalho deles. Inspiro-me no capricho com que eles se dedicaram ao trabalho.

E3 Eguimar:

Vida a fora são várias e isso está muito em cada contexto. Agora, pra você ver, a descoberta no meu caso não é tão recente da poesia de Manoel de Barros, mas ela foi fundamental. Ela legitimou algo que em mim é muito forte, que é o humor e a alma infantil que está no conteúdo de qualquer criação. Criar é ter a capacidade de fazer um olhar inaugural, que faz olhar inaugural é a criança e em qualquer idade temos que dar sobrevida à criança que nós somos e que não pode ser morta. Nós não podemos envelhecer. Os princípios da poesia de Manoel de Barros, tanto da linguagem quanto das imagens, quanto dos princípios filosóficos foram influência muito grande. Agora, por exemplo, passei a ler Clarice Lispector e é muito interessante porque eu tinha muita notícia, já tinha lido dissertações sobre Clarice Lispector e tinha lido dois livrinhos infanto-juvenis e quando peguei a obra da Clarice (A Hora da Estrela, A Paixão Segundo GH...), fiquei muito fascinado e naquele momento eu estava em uma circunstância de estudar muito os elementos

psicológicos e emotivos e, para mim, aquilo que fala dela é verdadeiro. Ela é a escritora das tramas completas da psique feminina e do caráter irrefreável, da sede que a mulher tem de mundo e de sua sensibilidade e o grau complexo que é essa sensibilidade, esse querer não querer, esse desejar não desejar, essa certeza cheia de dúvida. Fiquei magnetizado com a literatura. Agora, por exemplo, li uns seis livros Mia Couto, um escritor moçambicano, ele vai chegar no prêmio Nobel da Literatura de fato deve chegar e a eliminação da fronteira entre prosa e poesia que eu já gostava bastante, por exemplo, em Guimarães Rosa, é uma vontade de estilo que tenho. Ele é capaz de criar situações poéticas tão vertiginosas, tão bonitas... O rio são nuvens que rasteja, rastejam até o mar infinito. As mulheres que carregam a trouxa de roupas equilibrada na cabeça de algum São situações Poéticas muito bonitas. Quando li, por recomendação, o Evangelho Segundo os Espíritos – de Saramago – a pessoa que me recomendou disse, fez a interrogação: “Como alguém pode fazer algo tão genial ou tão bonito?”. Reescrever carnalmente a história de Jesus e falar do humano imaginando que está falando a história de Jesus até irreverentemente daquele jeito é uma mobilização de motivação muito forte para escrever, é uma coragem literária. Ora ou outra quase religiosamente, mas talvez não, leio o Drummond. A concentração quase emburrada do Drummond, o modo que o Drummond poetiza as coisas do mundo se colocando como uma pessoa humilde e simples, para mim, é sempre muito bonito e ao mesmo tempo filosófico. A poesia, os versos simples e inteligentes, as cantigas de roda, não sei dizer para você qual a influência. Até as conversas de 20 anos com Brasigóis...

E4 Geraldo Coelho:

Não, eu tive, eu acho que quando comecei poesia, até hoje é para mim um dos grandes poetas da literatura nacional, o Manoel Bandeira, eu acho o Manoel Bandeira um grande poeta e eu achei que depois de muitos anos, que algumas poesias minhas, no início da minha carreira tinha haver alguma coisa com a poesia do Manoel Bandeira. Só que eu era um principiante e ele já um nome nacional e internacional e que eu me identifico muito com o trabalho dele.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Meu trabalho tem uma identificação com a introspecção de Clarice Lispector. Exploro a temática psicológica, minha literatura é intimista, minha abordagem é mental, o inconsciente vem em primeiro plano, deixando para segundo plano as ações reais e o ambiente externo. As questões existenciais do ser e do estar estão sempre presentes. Os personagens são na maioria das vezes pessoas que carregam estigmas e dores. Mesmo na poesia esta característica se faz presente. Não prendo uma narrativa ao rigor gramatical, minha literatura é plurissignificante, linguagem densa, gosto de neologismos... Eu não diria que há uma influência direta porque nem li tanto Clarice. Mas vejo sinto esta identificação.

E6 Otílio Paiva:

Sim, não, não, sim... No romance eu sofri uma influência muito grande daqueles escritores de, daquela vertente do romance de crítica social, não eh, tanto aqui no Brasil, como nos EUA, por exemplo, Jein Steinberg, William Falkner, Joao dos Passos, aqui no Brasil, por exemplo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimaraes Rosa, se bem que Guimaraes Rosa ele ate não é bem nessa linha de crítica literária, de crítica social, porque na verdade é de crítica social, mas é de experimentalismo formal, ele cria todo um vocabulário no livro dele, uma linguagem, uma maneira de dizer, de contar uma historia, ah não, outros escritores também, na poesia, Walt

Whitman, Elza Pound, T. S. Elliot, apesar de ter lido Clarice, Proust, mas eu não escrevi nada nesse sentido, tenho vontade de experimentar, no conto li conto de varias pessoas, mas o meu conto é mais uma ideia pra contar uma historia com base e instrumentalizar pela teoria que eu li.

E7 Ubirajara Galli:

Muitos escritores de alguma forma me influenciaram, mas tenho buscado meu estilo próprio de produzir literatura.

E8 W. Bariani Ortêncio:

Depois também, uma coisa que tem aqui, aqui no Brasil é um país... Você acredita que eu tenho um livro que chama Meu Tio Avo e o Diabo, da editora Ática, esse livro entrou em todos os vestibulares, 320 mil vestibulandos em 89, então a editora o livro era 22, aí eu falei há 22 vão xerocar tudo, então eu fui lá e consegui que ele cedesse a edição para a editora Kelps, então saiu a 9,00, você não acredita que o livro já estava pronto a 3,50 na Federal, na Católica, em tudo quanto é vestibular nas faculdades já esta pronto a 3,50 xerocado e não vendeu nada, sem pedir direitos autorais. Esse meu livro da Cozinha Goiana, esse livro meu a editora Abril, publicou na Revista Claudia. A Cozinha de Goiás e Mato Grosso, aí eu estava nos Estados Unidos quando eu peguei a Revista Claudia e quando eu vi lá meus trem eu fiquei satisfeito demais, mais cadê meu nome? Nada, nada, nada. Aí eu toquei uma demanda, foi sete anos, ganhei, na época eu tinha uma empresa de mineração comprei um caminhão com o dinheiro, tanto que foi a única vez que ganhei dinheiro. Depois também a Rede Globo, tem uma novela muito importante que chama O bem amado é todo meu livro que chama Vão Dos Angicos, igualzinho e o meu livro Vão Dos Angicos da editora José Olympio, uma das mais importantes, aí na televisão, muitos capítulos e tal então precisava de um script, então eu não me meti com isso porque se não eles ia me tomar ate minha casa. Mais tem essas coisas também você quando consegue entrar, eles....

E9- José Mendonça Teles:

Com meu irmão Gilberto Mendonça Teles e Malba Taam na adolescência.

O escritor Eguimar disse que recebeu boas influências de Manoel de Barros, Clarice Lispector, Mia Couto, Suely Rolnick, Guimarães Rosa, Drummond, Saramago e Brasigóis Felício entre tantos outros. Geral do Coelho diz ter recebido influências apenas de Manuel Bandeira.

A construção da identidade, para os escritores, é questão em seus trabalhos, representa seu estilo, gênero, influências, sua marca pessoal e sua diferença. A identidade é um processo dinâmico e acompanha as mutações socioculturais, a questão da identidade não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento.

Já o escritor Otilio Paiva diz que foi influenciado por Guimarães Rosa, Falkner, Walt Whitman, Elza Pound, T. S. Elliot, apesar de ter lido Clarice e Proust. Portanto uma formação bem diversificada em termos de interesses e gêneros.

O escritor José Mendonça foi muito influenciado pelo contato com Malba Than e seu irmão Gilberto Mendonça Teles que é um nome respeita na literatura nacional.

6.3 Categoria 2: organização do contexto de trabalho (organização, condições e relações de trabalho)

Perguntas

13-O que seu trabalho significa para você? Você acha que seu trabalho é importante? Por quê? Para quem?

14-Como você define o mercado profissional do escritor literário?

15-Quais características são mais importantes para que se tenha sucesso profissional na sua área de trabalho?

16-Como você avalia a UBE enquanto uma organização literária?"

17"Em sua opinião o trabalho do escritor precisa de técnica?"

18-Como você organiza seu tempo para trabalhar?

19-Como sua família reage em relação ao seu trabalho? Qual o tempo que você acredita que teria ter para a família e lazer? E é suficiente para vocês?

Categoria 2 Organização do contexto de Trabalho

A psicopatologia do trabalho, movimento anterior à psicodinâmica do trabalho tem por foco central o que no mundo do trabalho é fator causal que gera adoecimento, para essa compreensão foi criada a categoria "Organização do contexto de trabalho" organizada em três pilares, organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho, discutidas isoladamente. Permite perceber as semelhanças e as características de cada uma que compõe o contexto de trabalho. Segundo Dejours (1999; 2005), a ação de trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, tão precarizadas na atualidade, mas também a ação de conviver no coletivo. Para compreender a importância da Psicodinâmica do Trabalho no trabalho e em especial nas atividades de prazer e sofrimento, deve-se destacar a sinergia das três grandes categorias: organização, condições e relações de trabalho.

Para Mendes e Morrone (2002), a organização do trabalho é resultado de um processo intersubjetivo, no qual se encontram envolvidos sujeitos em relação a uma dada realidade, construindo uma dinâmica intra e intersubjetivas nas mais diversas situações de trabalho, e produz significações psíquicas e de construção de relações sociais e de identidade dos sujeitos.

A organização de trabalho é, portanto, composta por dois elementos: a atividade de trabalho e as relações socioprofissionais. A atividade de trabalho inclui os modos operatórios, cognitivos, procedimentos e instrumentos. A atividade abrange aspectos perceptivos e simbólicos, visto que o sujeito interpreta as regras e atribui significado à OT (DEJOURS, 2004A; MENDES; MORRONE, 2002).

Moraes (2008) destaca que o avanço das pesquisas mostrou que os trabalhadores não são passivos diante das contradições da organização de trabalho. Ao contrário, constroem estratégias para lidar com o problema da “imperfeição irredutível da organização de trabalho”, visto que precisam interpretar as regras para executar suas tarefas. Contudo, a multiplicidade de interpretações leva ao conflito; é nesse patamar que a organização de trabalho se concretiza como compromisso entre os trabalhadores: construir um compromisso implica um jogo social.

Para a Clínica Psicodinâmica do Trabalho, a organização do trabalho é uma ação mútua e contínua entre quem o organiza, isto é, o capital, e quem o faz, o trabalhador. Há uma constante evolução da organização visando à qualidade do trabalho e ao aumento da produtividade e da lucratividade e, ao mesmo tempo, uma transformação geral, processos, mercados tecnologia, o cliente, as relações de trabalho.

A organização do trabalho abarca desde a tradicional e taylorista divisão de tarefas e as relações, buscando obter as vantagens e desvantagens do trabalho, bem como a satisfação, motivação e o sentimento do trabalhador em relação ao trabalho.

Lancman e Uchida (2003) citam que a organização do trabalho é uma relação social, um compromisso entre objetivos e prescrições (procedimentos, maneira de organizar o trabalho, método) e as dificuldades reais para a sua realização. Desse confronto com o mundo real surgem os sofrimentos do trabalho.

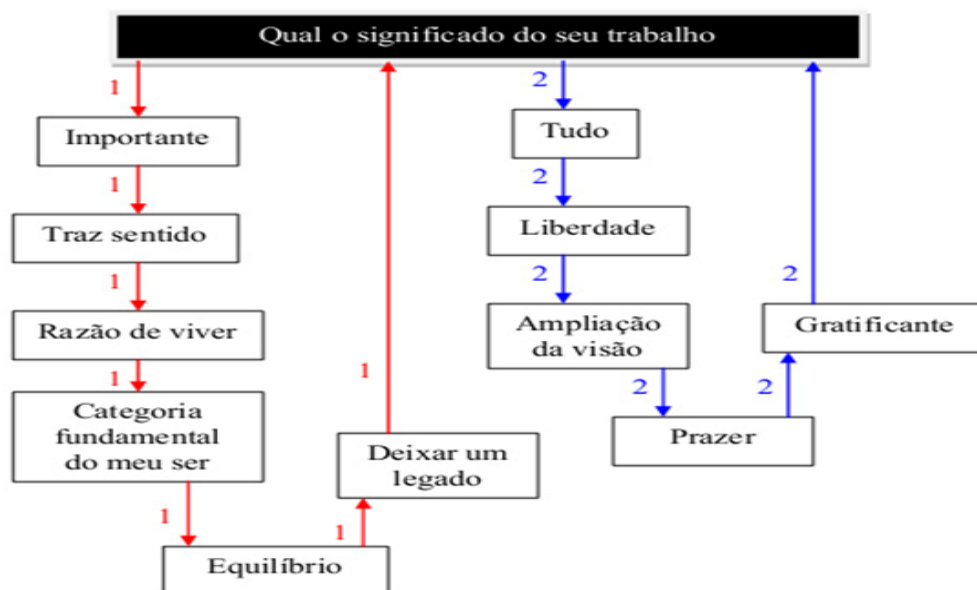
Segundo Dejours (1987, 1992, 1993,1994) para a Psicodinâmica do Trabalho, a categoria “Organização do Trabalho” é a que traz o maior impacto em termos de provocar sofrimento e adoecimento nos trabalhadores. Ela é definida e organizada em três pilares, organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho. Isso possibilita perceber as semelhanças e as relações das características de cada uma que compõe o contexto do trabalho. Nessa abordagem, o trabalho com os escritores a organização do trabalho tem um

enfoque diferenciado devido a ser um trabalho na maior parte do tempo autônomo e independente, no entanto existem aqueles que prestam serviços, ou trabalham sem vínculo empregatício para organizações e, nesse caso, enquadram-se na proposta de Dejours (1994).

Para Mendes e Araújo (2011) e Mendes e Morrone (2010) e Pires (2011), a organização do trabalho é resultado de um processo intersubjetivo, no qual se encontram envolvidos diferentes sujeitos em interação com uma dada realidade, implicando uma dinâmica de interações próprias às situações de trabalho, como lugar de produção de significações psíquicas e de construção de relações sociais.

Segundo Dejours (1999; 2005), trabalhar não é apenas exercer atividades produtivas, mas também conviver, o que, para os escritores, é fundamental para compensar o vazio da solidão. Para compreender as contribuições da Psicodinâmica do Trabalho nos processos de prazer e de sofrimento, é necessário destacar que as categorias de organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho estão construídas de forma integrada, por representarem a organização da organização. No caso do trabalho dos escritores, a definição de Lancman e Uchida (2003) diz que a organização do trabalho é uma relação social, é um compromisso entre objetivos e prescrições (procedimentos, maneira de organizar o trabalho, método) e as dificuldades reais para a sua realização torna-se importante e se adequa a essa nova configuração do mundo do trabalho.

GRÁFICO 13 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados O que seu trabalho significa para você? Você acha que seu trabalho é importante? Por quê? Para quem?



Diante do núcleo induzido: “Qual é o significado do seu trabalho” - emergiram do discurso as categorias: “*Importante*” e “*Tudo*”. A categoria importante está relacionada com a busca de um sentido no trabalho, uma razão de viver, deixar um legado enquanto que aqueles que falaram que o trabalho para eles significa tudo, uma visão ampliada da vida, do prazer e da gratificação em produzir.

Os escritores percebem a importância e o sentido do trabalho para ele e para a sociedade, para leitores.

Para Deleuze (1993), o ato de “Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem da vida que atravessa o vivível e o vivido”. Ainda no mesmo ensaio Deleuze (1993) escreve ao dizer que o escritor “não é doente, mas médico, médico de si e do próprio mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde” (Deleuze, 1983, p.11). Para Deleuze o ato de escrever é um trabalho fruto do inacabamento do sujeito no mundo, àquilo que ele denomina de o Fora, está no exterior do sujeito. O escritor trabalha para o de Fora, para o outro que está fora dele.

As relações entre arte e trabalho exigem um sentido para ser um trabalho real, um trabalho vivo citado por Marx (1988) e são tão antigas quanto o próprio homem e balizam a existência humana. Nos últimos anos, os artistas descreveram seu processo criativo como trabalho, descrevendo tanto os seus produtos ou obras, quanto seu processo de criação propriamente dito. Esse olhar coloca a criação artística por uma compreensão mais ampliada sobre o mundo do trabalho, visto aqui como espaço que possibilita sentir, pensar e inventar a existência humana em suas diversas dimensões. O trabalho percebido como um instrumento de expressão da subjetividade e próprio do sujeito.

Dejours (2000), por ter recebido fortes influências de Marx, Habermas, Arendt entre outros, deixa claro que a crise que se apresenta aos trabalhadores tem sua gênese na natureza do sistema econômico, no mercado ou na globalização, contudo, explica que as condutas humanas diante dessas situações têm contribuído e muito para o agravamento de problemas laborais, principalmente no que se refere ao sofrimento no cotidiano do trabalho que é onde dedica seu olhar de pesquisador atento.

Os desafios enfrentados por Marx (1988) no século XIX continuam na vida moderna nesse confronto na relação homem-trabalho. Marx, ao refletir sobre a relação entre homem e natureza o trabalho afirma que o homem cria a si mesmo pelo trabalho.

O trabalho, para os escritores, é a coisa mais importante. “Isso tem um significado muito forte na relação com o que eles fazem”, conforme cita a escritora Alcione, “eu acho que atualmente é uma das coisas mais importantes da minha vida depois da minha família...”

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

Alcione:

Olha, eu acho que atualmente é uma das coisas mais importantes da minha vida depois da minha família, porque se eu não tivesse um trabalho eu acho que a vida não teria sentido, tá? Eu acho que o trabalho engrandece a pessoa.

Edival:

Meu trabalho significa a minha razão de viver.

Eguimar:

Minha vida é muito entrelaçada ao trabalho, é o pão de todos os dias, é muitos amigos, viagens, a minha consciência, acredito nisso. Tomando-me como exemplo, o trabalho é uma categoria fundamental do meu ser.

Geraldo:

Significa tudo. Tudo porque desde quando eu pensei, desde quando eu era criança que eu queria ser escritor e eu consegui realizar. Não sei se eu serei, ou vou ser ou sou um bom escritor, mas o importante é que eu sou um escritor, isso é que eu acho que é o mais importante.

Maria Luiza:

Da liberdade que ele me proporciona, do alargamento da minha visão, da leitura de mundo, do prazer de abrir, tocar um livro que saiu daqui de dentro e acreditar que ele vai alcançar o outro. Enfim, meu trabalho de escritor é minha Nave.

Otilio:

Não significa muito, sabe, eu sinto em prazer um trabalho, ver um capítulo pronto, e ver que aquilo que eu queria dizer ali eu disse, mesmo que tendo todos os defeitos do mundo, ver um poema pronto, eu acho bom sim, sinto prazer nisso, me gratifica, eu, o meu trabalho literário me gratifica e independente da crítica, e outra coisa, por exemplo, se eu recebo uma boa crítica de que eu tenha um respeito e reconhecimento o valor literário nele, ninguém mais precisa me elogiar, to satisfeito sabe, agora vou ficar muito mais satisfeito se me elogiarem mais, mais gente me elogiar, se eu fizer sucesso nacional, se eu vender muito livro, tiver notícia de vários lugares as pessoas dizendo que o livro é bom, ou mesmo que o livro é ruim, entendeu, mas que digam alguma coisa, a indiferença é a pior coisa que existe.

Ubirajara Gali

Meu equilíbrio, minha fundamentação, minha tranquilidade poder caminhar por esse mundo fazer aquilo q a essência de minha alma deseja.

Bariani Ortêncio

Realização pessoal acima de tudo, sem fazer o que faço minha vida não teria sentido.

José Mendonça Teles

Representa a realização dos meus sonhos de escrever e produzir livros.

Para os escritores, o trabalho, após a família, representa a coisa mais importante, o sentido existencial. Dá significado à existência, é a razão de viver e o entrelaçamento da vida com o trabalho principal e o literário, o pão de todos os dias. Os escritores utilizam muito as metáforas para explicar o significado da literatura na vida deles.

Trabalhar com literatura, para os escritores, tem um sentido profundamente existencial, metafísico, como emancipação. Marx (1988/ 2008) faz uma análise dos períodos de produção no artesanato e na manufatura; nesse caso, o homem se vale da ferramenta; na produção mecanizada o homem é apenas um servo da máquina, não podendo contemplar o fruto do seu trabalho, ou seja, o homem era obrigado a fazer e obedecer. A contemplação da obra feita seria, nesse caso, um dos maiores prazeres posteriores ao ato do trabalho. Com o tecnicismo tal fato foi abolido

O Gráfico 14, a seguir, representa o sentimento dos escritores sobre o mercado profissional do escritor literário.

GRÁFICO 14 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você define o mercado profissional do escritor literário?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “O mercado profissional do escritor é definido como” - emergiram do discurso as categorias: *Complicado, difícil, altamente competitivo e conflituoso*, faltam condições para publicação, distribuição e divulgação e como “prima pobre” da arte, não tem uma remuneração compatível com o trabalho e normalmente tem que ser feito por prazer.

Os escritores têm plena consciência de ser um mercado difícil, complicado e muito competitivo e veem a atividade literária como a “prima pobre” da arte. Uma percepção crítica, mas muito realista, nem por isso desanima a continuar nesse mercado. Conforme cita Alcione “Olha, eu acho que profissionalmente é muito complicado a vida de escritor.” A falta de uma remuneração justa, digna, no entanto, ela afirma ser um trabalho que dá prazer. O fato de ser considerado um escritor já supera o sofrimento remuneratório.

O escritor Geraldo Coelho, com sua experiência de escritor de renome em Goiás, diz: “literatura, em Goiás, com raríssimas exceções, pessoas que já faleceram, eu acho que nós não temos nenhum escritor que vive exclusivamente da literatura, todo escritor que eu conheço aqui em Goiás, ele tem uma profissão paralela, porque a literatura em si, não dá o resultado necessário para a sobrevivência”.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu acho que profissionalmente é muito complicado a vida de escritor né? Porque é um trabalho que não é remunerado, não é bem remunerado, não é remunerado. É um trabalho que só te dá prazer, muito prazer, que eu acho que é o mais importante da literatura e, mas assim como profissão só o fato de ser considerado um escritor, todo mundo considera né? Fala: olha a escritora tal, mas assim não vejo essa coisa como uma profissão mesmo não. Que é diferente com a pintura, porque com a pintura você sobrevive com seu trabalho, é diferente. Hoje eu não sei como que esta o mercado mais na minha época eu vendia muito.

E2 Edival Lourenço:

É uma profissão de amor à causa. Você pode até vir a ganhar dinheiro. Mas não pode ter ansiedade por isso. Senão acaba fazendo concessão por dinheiro e deixa de ser um escritor e se transforma em escrevente.

E3 Eguimar:

As pessoas dizem que a literatura é a prima pobre da arte. Eu dei uma assessoria para o MST e ele vive a seguinte contradição. “Se o individuo pega um lote e se dá bem demais no mundo liberal e se enriquece está errado”. O escritor, se ele enriquece, tem um problema pra resolver com a própria arte, ou seja, a literatura no mundo liberal, no mundo financeiro, no mundo das instituições de valores é a prima pobre. Mas quem mercantiliza demais e passa a realizar obras para esse mundo, esta errada. Então isso é um conflito. Eu diria a literatura não é um bom negócio econômico e é melhor que não seja.

E4 Geraldo Coelho:

Olha literatura em Goiás, com raríssimas exceções, pessoas que já faleceram, eu acho que nós não temos nenhum escritor que vive da exclusivamente da literatura, todo escritor que eu conheço aqui em Goiás, ele tem uma profissão paralela, porque a literatura em si, não dá o resultado necessário para a sobrevivência, então a pessoa tem que ter sempre um trabalho paralelo e eu acho que para, poder talvez um goiano com sucesso precisava de três coisas, que é a publicação do livro, a divulgação do livro e a distribuição do livro, porque não adianta você escrever, distribuir, se não tem a divulgação e não adianta você divulgar o livro se não tem a distribuidora para distribuir para as livrarias, dentro da internet, ou qualquer coisa.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Altamente competitivo em que poucos sobrevivem. Predominam o escritor que não nasce e o escritor que não morre. As reedições em grande escala atrapalham a descoberta de novos valores.

E6 Otílio Paiva:

Eu olhei no relógio, mas não preocupe não esta, você podia reformular a pergunta? Olho eu acho que é um mercado muito difícil, se você observar raramente você vê, por exemplo, ao longo da historia do Brasil de escritores, algumas poucas dezenas realmente publicaram livros e que foram republicados, que eventualmente ate

ganharam algum dinheiro com livros, isso eh nacional e mundial, se você for pegar, for ver, é uma porcentagem ínfima do universo de pessoas que escreve, e escreve bons textos que vê seus livros publicados por boas editoras e compradas e lidas, não eh, por exemplo, muitos livros, sobretudo num aspecto do mercado, tem muitos autores aí bons, que fazem sucesso, são best-seller, depois passa aquela fase da boa critica, aquela fase apos a boa critica, e apos as pessoas procurarem, e você vai ver a edição de livros deles chega a dois mil livros no máximo, então esses escritores que escreve, publica, tem uma circulação de 100 mil livros, 200 mil livros, 1 milhão de livros, isso eh coisa rara, e muitas vezes não são livros que são necessariamente a melhor literatura, eh exatamente talvez a pior literatura, que assim faz sucesso tudo, porque ela agrada aos incultos inclusive.

E7 Ubirajara Galli:

Difícil, escritor e livros tem pouco valor no Brasil, produzo mais biografias o que par Amim é um bom mercado de trabalho literário.

E8 W. Bariani Ortêncio

Eu já falei para você que aqui você só consegue vender livro no dia do lançamento e consegue vender livros se o livro for adotado nas escolas, acabou daí ninguém vai a uma livraria escolher um livro seu. Daí então é dar, daí você encontra uma pessoa e fala sim: você leu o meu livro? Ela responde: Você não me deu!

E9- José Mendonça Teles:

Mercado difícil é preciso muita determinação e disciplina do escritor e desenvolver sua forma de vender como eu faço por meio de palestras nas escolas.

Edival diz que trabalhar como escritor é uma profissão de amor à causa. Eguimar diz que a literatura não é um bom negócio econômico e é melhor que não o seja, para evitar a banalização pelo mercado e pelo poder do capital.

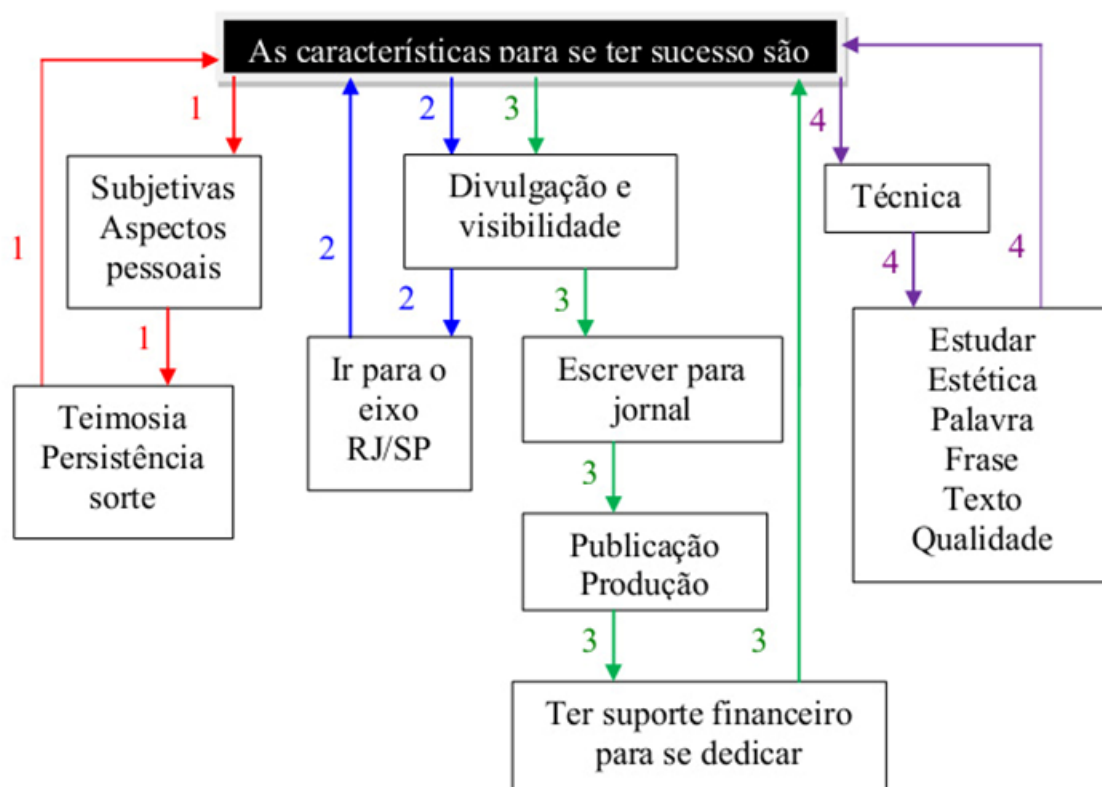
O mercado profissional do escritor é um dos pontos centrais, difícil para os escritores, complicado, conflituoso, competitivo. Citaram, em seus discursos, que é preciso ter amor à causa literária para sobreviver nesse mercado em que impera a precarização e desvalorização do trabalho de quem trabalha com arte.

Diante desse conflito entre precisar ser remunerado para viver e fazer arte com prazer tem-se um dilema. Para Antunes (1995, p.123) “na formulação marxiana o trabalho é o ponto de partida do processo de humanização do ser social. Também é verdade que tal como se objetiva na sociedade capitalista, o trabalho é degradado.” O processo de trabalho se transforma em meio de subsistência; a força de trabalho torna-se uma mercadoria. A esse

processo o autor denomina fetichismo da mercadoria e discute a conversão do trabalho em mercadoria. Em outras palavras, é a partir dele que o homem torna-se um ser social.

O Gráfico 15, a seguir, representa o sentimento dos profissionais quando pensam sobre as características mais importantes para obter o sucesso na carreira literária.

GRÁFICO 15 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Quais características são mais importantes para que se tenha sucesso profissional na sua área de trabalho?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “As características para se tiver sucesso são...” - emergiram do discurso as categorias: *Subjetivas, aspectos pessoais e Divulgação e visibilidade*. A categoria eles sentem a profissão voltada para a produção da literatura, no entanto não como condição lucrativa, todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais.

O sucesso é consequência de um conjunto complexo de variáveis, algumas controláveis como estudar muito, estar localizado geograficamente nos eixos culturais, escrever para jornais desde que seja aceito, mas tem as incontrolláveis, como mercados, o leitor, o editor, a publicação e o suporte financeiro por exemplo.

Os escritores pedem uma abertura maior do mercado fora dos eixos culturais São Paulo e Rio de Janeiro. Estudar muito e gostar da estética da palavra, ser apaixonado pela palavra. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu acho que se agente tivesse uma abertura maior no mercado, no eixo Rio/São Paulo é que seria para mim, mas é uma coisa que eu não vou desistir, porque eu me lembro de quando eu fui à primeira vez, que eu fui com o Geraldo lá no Yuri, conversando sobre isso eu falei eu vou publicar meu livro de contos em São Paulo, aí ele falou assim: como? Eu conheço muita gente mais importante que você que não conseguiu lá, como é que você vai conseguir? Eu falei, mas eu vou conseguir, porque eu vou correr atrás, e vou insistir até que eu vou conseguir. Consegui!, Levei depois de muita espera né? Mas só que não tive resultado assim como imaginava que poderia ser, mas foi um como se fosse uma sementinha que foi plantada e eu acredito que vão germinar algumas coisas por meio disso porque eu fiquei conhecendo o editor, ele hoje fala comigo, me manda e-mail, mas assim eu espero algum dia poder ultrapassar essa barreira e também acho que Goiás já está caminhando para ter essa, vamos dizer assim, para as pessoas enxergarem o estado. Porque antigamente, falava no Estado de Goiás que tinha onça aqui em Goiânia né? Hoje você vê no noticiário que não é bem assim né? Nós temos governador que preocupa com cultura e que aparece nacionalmente e tudo isso leva a crer que se pode melhorar essa condição nossa daqui. E essa reclamação nossa também é uma reclamação não só de Goiás mais até do Nordeste.

E2 Edival Lourenço:

Estudar, estudar e estudar. Ter uma curiosidade insaciável. Não pensar em ser celebridade, ter amor e compaixão pelo próximo a ponto de querer ajudar quem não quer receber ajuda. Gostar a estética da palavra, da frase, do texto, enfim.”

E3 Eguimar:

Sob o ponto de vista da publicação, as pessoas dizem que é o primeiro caminho são os jornais para o individuo ser reconhecido. É bem possível que o nível de qualidade ainda se instale uma crônica muito boa, um poema muito bom e ele vai ter um endereço promissor. Sob o ponto de vista dos concursos, são poucos concursos. Sob os critérios de pagar um livro, acho que tem que mudar agora o adágio, o ser humano não é pra fazer um filho e fazer um livro, a produção de um livro deixou de ter um significado que tinha, ou seja, a facilidade, isso cobra, cobra do escritor que ele seja melhor e cobra do leitor que ele saiba escolher, ou seja, o acesso... Pelo menos virtual... Ou seja, esse mundo resolveu o problema do acesso, pelo menos minimamente, agora da produção de sentido. Então, me parece que o sucesso tem a ver com a publicização, ele tem que ser reconhecido e disseminado, tem que ter um nível de qualidade e tem também que estabelecer parcerias. Se a gente quiser colocar um nome, fazer algumas negociações porque senão isso não é publicizado. Se você tem uma grande engenhosidade criativa e se você não tem como fazer uma divulgação disso, se você não tem um meio, isso não é reconhecido. Mas se o seu reconhecimento é estéreo, ele é só feito pela negociação, não tem qualidade, aí não tem permanência. Daí penso que tem que ter os dois elementos. Ter o lado mundano e o lado da qualidade.

E4 Geraldo Coelho:

Ser sério, ser honesto consigo mesmo, ser profissional, procurar ter sempre um horário para ler e escrever.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Acima de tudo um bom texto, localização geográfica, teimosia e a sorte de cair nas graças de uma boa editora, que cuide efetivamente da mídia e estratégias de distribuição.

E6 Otílio Paiva:

Não, eu achava o seguinte, primeiro você morar num grande centro, São Paulo, rio, você, por exemplo, to falando de escritor pobre né, escritor que não tem condição de bancar, fazer contato com, conhecer críticos literários, frequentar o ambiente dele, fazer amizade com ele, conhecer escritores famosos né, e aí sim você tem chance de repente o seu livro você tem pra quem mostrar cujo quem tem poder pra dizer eu quero ver esse livro publicado, agora eu acho, agora também tem outra maneira de alcançar sucesso, se o seu texto é razoável e você tem muito dinheiro, você manda fazer, paga pra fazer, fazer, publicar, publicizar, tudo, seu livro faz sucesso, aí você tem que se dispor a gastar esse dinheiro, tem que ter esse dinheiro, ter essa disposição, em minha opinião, eu se fosse um homem rico, eu contrataria alguém, no jornada incerta, eu faria do jornada incerta eu faria, um livro interessante de ser lido, mas no jornada incerta, eu causava um reboliço, porque é um livro controvertido né, um assunto controvertido, o livro tem uma dinâmica boa, tem uns personagens muito fortes né, e umas situações muito criticas não eh, sobre um tema, um tema nacional e quase mundial inclusive né, porque acontece em todos os países, e com condição de sofrer criticas de todos os lados né, quer dizer, o que promoveria mais, poderia virar ate filme, essa coisa toda, mas teria que ter dinheiro nesse caso.

E7 Ubirajara Galli:

Muita leitura, dedicação, persistência na melhoria da produção literária.

E8 W. Bariani Ortêncio:

Esse tipo de pergunta eu não sei responder não. O sucesso do escritor é quando ele consegue colocar um livro no meio do sucesso, mas hoje nós aqui não temos esse sucesso, tem livro assim de referência, por exemplo, meu dicionário, A minha cozinha goiana, a minha medicina popular, minha cartilha, são livros de referência, mas literatura mesmo, aqui não tem nenhum que marcou que fez sucesso lá fora. O Bernardo Élis era o Presidente da academia aqui, mas ele também não conseguiu publicar José Olímpio aquelas coisas, mas não fez sucesso, sabe? O único escritor de Goiás que fez sucesso chama José J. Veiga, esse, ele foi para o Rio de Janeiro, de lá ele foi para a Alemanha, foi para a Inglaterra trabalhar na BBC correspondente de guerra, o livro dele esta em mais de 20 países, em vários idiomas, então esse é que fez, mas era um cara arredio, não quis entrar na academia nossa aqui, ele tinha que entrar e não quis um cara que gosta muito de beber, sabe muito amigo meu, depois te mostro a foto nossa tudo aqui, então ele é o único escritor que é conhecido no mundo inteiro, ele chama José Jacinto Veiga.

E9- José Mendonça Teles:

Leitura, pesquisa, determinação e muito trabalho.

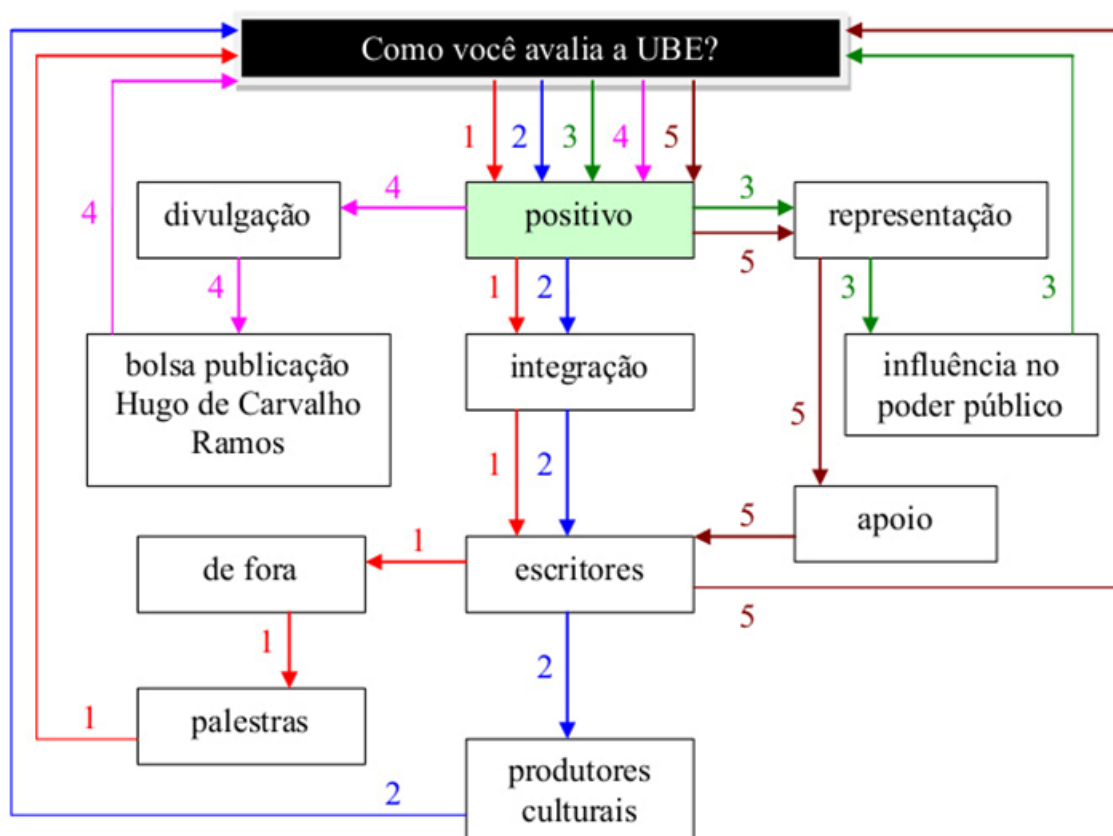
Ter sucesso nesse mercado exige muita dedicação, produção de qualidade, bom relacionamento com editoras. Quando o escritor consegue colocar seu livro e tem boa aceitação pelos leitores, obtém patrocínio e divulgação das editoras.

O sucesso é um caminho que o escritor vai construindo pela qualidade do seu texto, pela rede de contatos, pela determinação constante.

Zanelli (2004) explica bem o processo do sucesso como o trabalho pode ser entendido como todo esforço humano, que intervém em seu ambiente com um determinado fim, criando formas de desenvolvimento pessoal e coletivo. É engrenagem do progresso.

O Gráfico 16 representa a resposta dos participantes quanto ao que lhe faria sentir reconhecido profissionalmente.

GRÁFICO 16 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você avalia a UBE enquanto uma organização literária?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Como você avalia a UBE?” - emergiu do discurso o núcleo: *Positivo* que promove a integração dos escritores novos com os mais antigos, com os produtores culturais. Também os escritores participantes percebem a UBE como uma

instituição que auxilia nos encontros com escritores de fora do país e nas palestras e com produtores culturais e divulgação dos seus produtos literários e estimula a participação na bolsa de publicação Hugo de Carvalho Ramos a mais antiga de Goiás.

A UBE também representa os escritores e tem certa influência no poder público; alguns escritores já foram secretários municipais e estaduais de cultura de Goiás. A UBE foi chamada por alguns escritores como a voz do escritor, ele procura reconhecer o trabalho, o talento dos escritores e abrir portas sempre que possível junto ao mercado livreiro, editores, patrocinadores, empresários, etc. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Bom é como eu disse anteriormente, eu acho que é importante demais porque se agente não tivesse a UBE, quem que ia nos representar? Não é? Eu acho assim, como o Geraldo aquela vez que, quando ele era Presidente que ele trouxe escritores de fora foi um momento maravilhoso porque eu conheci inclusive aquele Caio, Caio Fernando de Abreu né, que ele chama? Aquele que morreu de AIDS, aquele escritor é maravilhoso, que eu conversei com ele e falei gente em que eu teria tido essa oportunidade de falar com ele se não tivesse essa organização da UBE para trazer esses escritores pra gente fala com eles e outros escritores, outras pessoas que eles trouxeram para fazer palestra e essa coisa do site também, eu to acho muito importante atualmente.

E2 Edival Lourenço:

Acho que a UBE é uma instituição essencial à cultura, para a integração dos escritores e até mesmo de outros produtores culturais, tais como fotógrafos, artistas plásticos, roteiristas etc. Seu papel de influenciadora do poder público para a adoção de políticas culturais merece destaque especial no conjunto de suas ações.

E3 Eguimar:

A minha avaliação é positiva. É dentro disto que o mundo dos livros, não é um mundo do partido político do sindicato e a política que decorre da leitura, da literatura, não é que decorre do Movimento Social, daí as suas ações serem diferenciadas de fato, né, e há, portanto possibilidades e limites próprios que decorrem aos homens dos livros e as mulheres dos livros em relação há outros grupos. Isso é uma mera opinião sem um estudo, mas eu penso que ela cumpre e tem uma avaliação positiva esse papel de. Por exemplo, lá não tem muito preconceito, lá não tem muita hierarquia sobre o ponto de vista da aceitação. Todos que escrevem e são aceitos, são aceitos e participam gente que escreveram muitos livros, gente que tem um nome, gente que tem um tale com a linguagem mais acumulada, gente que esta começando, são tidos como escritores. E se agente olhar isso do ponto de vista provisória, nós não estamos mistificando o escritor, né? Isso pode ser uma critica também, nem todos que escrevem têm um nível estilístico, estético para ser, mas eu penso que ela cumpra um papel positivo.

E4 Geraldo Coelho:

A UBE-GO é uma organização que congrega os escritores goianos, valorizando, incentivando e defendendo os associados. Além do mais, é uma entidade que mantém seus filiados em contato com as publicações de escritores de Goiás, ou fora do nosso Estado, como lançamentos, reuniões literárias e outras atividades. Sua respeitabilidade está no número acima de seiscentos filiados e mantém, desde o ano de 1944, a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, com premiação de 20 salários mínimos e publicação da respectiva obra literária, com 1000 exemplares, nas categorias de verso e prosa. Isso anualmente.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Avalio a UBE- GO como uma referência de Associação literária no Estado de Goiás. Assim como as outras unidades que são referência em seus Estados. Além de ser a maior em número de associados congregar os maiores nomes da nossa literatura é uma entidade aberta e pronta a acolher novos valores.

E6 Otílio Paiva:

Olha, eu vou dizer pra você, eu acho a UBE excelente, enquanto ela promove esse prêmio Hugo C Ramos, porque ela incentiva as pessoas a escrever, quer dizer, o escritor do interior de repente não se sente entusiasmado, porque a proximidade ela é em Goiânia, e quem mora em Goiânia e vive aquele cotidiano, ele tem muito mais chance de ser motivado a escrever e justificar isso em termo da expectativa de conseguir o prêmio e publicar a obra dele, porque a grande verdade é o seguinte, o grosso dos escritores costuma dizer, o grosso dos artistas, pessoas que gostam disso, são pobres, não tem condição de publicar suas obras, então, quer dizer, ele gosta, ele precisa do apoio de uma entidade, apoio do poder público, e nos temos visto acontecer aqui em catalão essas várias publicações, não fosse a prefeitura fazer isso aí, eles livros todos não teriam sido publicados, de repente estariam todos na gaveta, eu por ex apesar de ser um escritor pobre, como eu gosto, eu guardo um dinheiro e publico meus livros, salvo aquele dos cinco livros que eu tenho você sabe o nome dos outros, o único que foi publicado sem que eu tivesse gastado dinheiro, sem que fosse por mim mesmo, foi o jornada incerta, que foi pela UFG, eu mandei o texto, o conselho editorial eles aprovaram, e publicaram e quer dizer e não paguei nada.

E7 Ubirajara Galli:

É uma boa Organização.

Tenho uma convicção que o escritor que se filia a UBE ele passa a ter um referencial da sua produção, enfim é uma forma de receber a identidade para aquilo que ele faz. É uma forma de personalizar sua identidade como escritor, então é tipo uma certidão, esta aqui sua carteirinha como membro da entidade, enfim é muito importante que as pessoas se afiliem.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Boa organização participo dela desde o início. Fui Presidente e acompanhei sua evolução ao longo do tempo.

J.Mendonça:

Faço parte da UBE desde sua fundação e tenho uma relação muito boa com ela e seus membros. Uma organização muito importante para a literatura e para Goiás.

Quanto à relação dos escritores com a UBE, analisadas do ponto de vista da teoria da organização do trabalho, sob o olhar da teoria de Dejours (1992) e de Dejours e Abdoucheli (1994), é possível observar, por meio dos depoimentos dos escritores, que existe um prazer em participar dela, uma vez que ela representa os escritores nas mais diversas instâncias e oportunidades de acesso à realização do trabalho, o que muitas vezes não ocorre em outras profissões da economia formal.

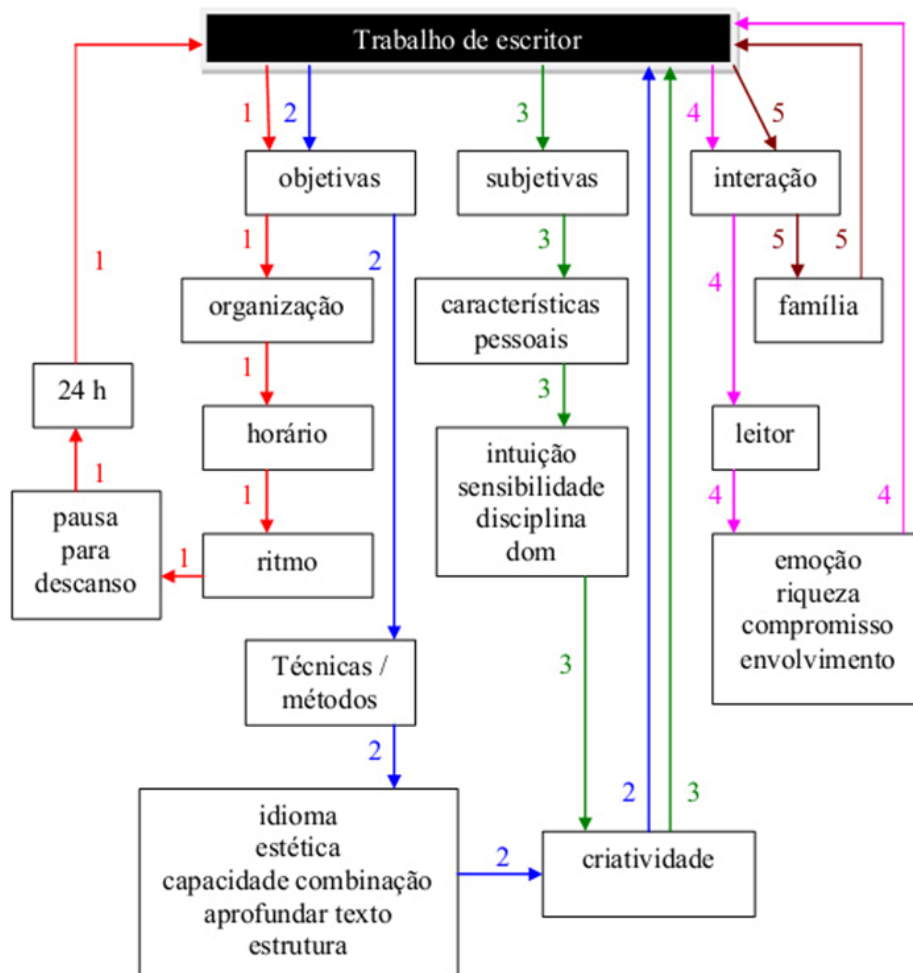
Na perspectiva de Dejours (1992), o trabalhador precisa integrar-se no ambiente do próprio trabalho e sentir-se partícipe de todos os processos ali realizados, o que constitui, com certeza, o grande diferencial que percebemos no grupo de escritores que se aproxima do grupo de teatro e demais profissionais que atrapalham no campo da arte, entretenimento e laser.

A relação homem-trabalho depende muito de uma boa organização de trabalho e a UBE faz esse papel ao dar suporte aos escritores. A UBE é uma contínua reconstrução, uma contínua conquista a partir dos recursos, dos desejos, dos olhares, recriando o acesso que temos à nossa potencialidade de amar, de trabalhar, de dar sentido à vida. A liberdade não se dá, ela se conquista. O mesmo acontece com relação à organização do trabalho. É possível até que não exista solução ideal e que, aqui como em tudo o mais, seja, sobretudo a evolução a portadora da esperança. Considerando o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica por meio da organização do trabalho. Entretanto, o problema não é absolutamente, criar novos homens, mas encontrar soluções que permitam pôr fim à desestruturação de certo número deles pelo trabalho. (Dejours, 1991).

Alguns indicadores, já apontados em trabalhos anteriores na área da arte como de Dias (2007), Brasileiro (2008), Assis (2008), Santos (2008), Souza (2010) e Pires (2011) sinalizam como principais indicadores da organização do trabalho a divisão do trabalho, o trabalho variado, o tempo fora do trabalho, os horários que podem ser flexíveis e os fixos. Também Ribeiro (2010) acrescenta as prescrições e regras formais e informais, o tempo, à natureza e o conteúdo das tarefas. Com relação a esses quesitos acima a organização do trabalho dos escritores seguem uma ordem e uma dinâmica totalmente atípica que mercê ser analisada sob um novo olhar.

O Gráfico17, a seguir, representa a opinião do trabalho do escritor se ele precisa de técnica.

GRÁFICO 17 Discurso dos escritores literários ao ser perguntado Em sua opinião o trabalho do escritor precisa de técnica?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “*O Trabalho de escritor*” - emergiram do discurso as categorias: *Objetivas*, *subjetivas* e *interação*. Na categoria *Objetivas* precisam de uma organização do seu trabalho, de definição de horários para trabalhar num determinado ritmo com pausas para descanso de até 24h.

Também percebem uma dimensão técnica e métodos para produzir, o domínio do idioma, da estética, da capacidade de combinar e aprofundar um texto e poder utilizar a criatividade.

Existe a categoria subjetiva que utilizam de características pessoais, intuição, sensibilidade disciplina e dom para explorar a criatividade. Há ainda a categoria interação com a família e com os leitores como figuras fundamentais no trabalho do escritor que envolve emoção, riqueza, compromisso. O escritor precisa de liberdade para escrever.

Entender essa dinâmica entre o escritor e o seu trabalho não é uma atividade fácil. A Psicodinâmica do Trabalho busca compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir das relações e da organização do trabalho. Busca estudar os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores ao longo do processo produtivo, tais como: mecanismos de cooperação, reconhecimento, sofrimento, mobilização da inteligência, vontade e motivação e estratégias defensivas que se desenvolvem e se estabelecem a partir das situações de trabalho. Compreende que o trabalho é um elemento central na construção da saúde e identidade dos indivíduos e que sua influência transcende o tempo da jornada de trabalho propriamente dita e se estende para toda a vida familiar e tempo do não-trabalho (DEJOURS, 1992; 1993; 1994; BANDT *et al.*, 1995). Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Eu acho que não. Preciso de muita leitura pra aprender a técnica, então como eu não fiz letras, eu não tenho nada de, eu sou muito intuitiva e acho assim que num é todo mundo que tem essa intuição, eu acredito que o escritor que não tem tanta intuição eu acho que ele deve ter técnica, precisa ter técnica. Eu acho que no meu caso eu não sinto essa necessidade. Até, conversando um dia com o Geraldo e o Guilherme, eles, eu falei eu vou escrever um romance, ah mais você não sabe nada de técnica de romance, eu falei assim, eu invento. Não, no meu caso não, porque é uma coisa tão simples, é eu sou uma pessoa que eu hoje, por exemplo, na fase da minha vida, eu não tenho grandes coisas pra fazer, então eu dedico o tempo que eu quiser desde que eu não deixe de lado minha família, né? Primeiro a minha família depois, então eu sou uma escritora de, nem tem horário, de horas vagas, mais produzo sempre, to sempre fazendo, sabe? Sô igual uma formiguinha. Não, eu ritmo não tenho ritmo nenhum, eu faço o seguinte, eu... Geralmente eu tenho um papel perto de mim pra se eu sentir que tem alguma coisa que eu possa acrescentar no livro, se é o caso, por exemplo, de prosa né? Tal coisa que eu possa acrescentar eu rabisco aquilo ali mais ou menos só pra eu não esquecer, pra depois passar pro computador. Agora o poema é diferente, porque o poema cê que é poeta cê sabe como é que é agente às vezes descobre um poema assim até em uma frase que a pessoa fala, mas só que o poema cê tem que trabalhar né? Tem até um poema do Ferreira Goulart que ele fala nessa pincelada. Resplandeceu, completou, aconteceu, assim é o poema. Mais na prosa eu faço de os punhados de papelzinho e depois eu vou organizando aquilo dentro sabe? Vou colocando aqui..., é complicado porque aí cada vez que você acrescenta você tem que lê novamente tudo, né?

E2 Edival Lourenço:

Como qualquer trabalho, a literatura não pode abrir mão de uma técnica. Seja de como escrever, de como utilizar o idioma, quais ferramentas de realce ou de estética usar e assim por diante. Para que o trabalho seja produtivo o autor tem que dividir suas tarefas. Seja as de escritor com outros trabalhos da vida fora da literatura, sejam os trabalhos da própria literatura. De um modo geral, os escritores têm várias ideias e projetos que trafegam por vários gêneros (conto, poesia, romance, teatro etc.), por isso é preciso dividir o trabalho e concentrar, um de cada vez, senão seu trabalho não será produtivo. Muitas vezes o autor tem prazos para entregar seus trabalhos,

como o compromisso com uma editora de publicar um livro, de entregar uma crônica ou um artigo para um jornal e assim por diante. Acho que o grau de poder e hierarquia a que o escritor está submetido é relativamente menor do que aquele que um empregado convencional assume em uma empresa, por exemplo. O escritor precisa se organizar tiver horário para produzir, tirar um tempo de seu dia como expediente literário. Ainda que esse horário seja mais anárquico que o horário de uma repartição convencional. O trabalho de escritor mobiliza as relações sociais, pois de alguma forma ele recebe para escrever e alguém paga, ainda que essa relação de ténue e de difícil identificação, não é como um empregado de carteira assinada pelo patrão. Além de que o que o escritor escreve vai mobilizar pessoas para ler comentar escrever sobre aquilo etc..

E3 Eguimar:

Há uma dimensão técnica em uma frase ou, por exemplo, em um vocabulário que consta no texto, ou, por exemplo, nas imagens”. Há uma dimensão técnica, o essencial não é a dimensão técnica, mas quem conhece as ferramentas técnicas do seu trabalho, por exemplo, o mundo da palavra e a sua farta capacidade de combinação e de criação, os objetivos estéticos, a sensibilidade, o aprofundamento, fica mais fácil. E quem desconsidera e desconhece os recursos técnicos, a sensibilidade, o aprofundamento, a tendência é ficar prejudicado. O Edmar diz uma coisa muito interessante: “Eu estudo português, eu estudo linguagem oito horas por dia para depois eu fazer uma espécie de delitos em seu leito”, ou seja, e o autor? Diz uma coisa assim: “Aí daquele escritor que em uma contravenção da linguagem e aí daquele que faz sem a consciência de estar fazendo”, ou seja,... O papel do escritor é mexer nas ordens técnicas da linguagem ou de outros elementos, mas deve fazer com certa consciência, ele deve reconhecer esse elemento. O horário e a hierarquia há pessoas que necessitam de uma mesa muito organizada e há pessoas que com uma mesa muito organizada eles não produzem, ele já tem caos em outro nível. Então, não pode ter uma regra e há pessoas que escrevem por pressão, conheço, mande uma crônica para o jornal, mande um conto para fazer o livro, aí às pessoas escrevem. Há pessoas que se não pedir não fazem. E há pessoas que se pedir, mande uma crônica, jamais irá mandar. Aí entra muito em um universo muito íntimo e muito profundo daqueles que escrevem. E essa pergunta sua é muito interessante para dizer o seguinte: Não são os mesmos processos e as mesmas causas e as mesmas situações que leva alguém a escrever, podem ser processos, histórias e situações diferenciadas. Não são as mesmas condições para um e para outro que levam os indivíduos a escreverem. Eu tenho amigos escritores que acordam três, quatro da madrugada e aí eles dizem mais ou menos o seguinte: O poema nasceu ali na noite, etc., “Passou pelo sonho, entrou no diafragma até cutucar o sistema nervoso e me acordou e aí eu tinha uma coisa para fazer, ou eu colocava no papel, ou eu passava a noite com insônia”. E outras pessoas não, né, aí é da dimensão profunda do íntimo de um alguém que vai se dizer, tem gente que senta na mesa e diz agora eu vou escrever, tem gente que não. Agora, não convém separar quem escreve de quem lê e não convém separar que a leitura de um texto ela é sinal da vitalidade desse texto tanto quanto da alma daquele que o fez. Eu tinha uma certa dificuldade em pacificar o meu lado mais pedagógico e de pesquisa com o lado mais literário e poético e isso foi relativamente sofrível e eu batalhei muito para unificar esses dois elementos. E hoje eu unifico um pouco, se se ler uma tese minha de doutorado e comparar com uma dissertação, a tese de doutorado é mais literária e aí os meus textos mesmos científicos ao terem um fulgor mais literário pode ser que eles são mais aceitos por determinados grupos né? Eles tem uma vida social, mesmo os textos científicos, mas a leitura que eu faço dos livros, agora por exemplo, eu estava lendo o Mia Couto “O escritor Moçambicano”, aquela argamassa simbólica da literatura me leva até enxergar diferente o conceito e talvez o meu discurso de professor, segundo dizem o meu discurso ao falar de conceito do cerrado ou de qualquer tema que eu for lidar, ele tem uma ação forte da literatura especialmente da poesia, ele tem um fulgor poético ali que pode ajudar quem se interessa por isso a mobilizar, a se motivar, ou a ter emoção. Houve já emoções coletivas em salas de

aula e pode atrapalhar quem não é afeito e acostumado e em relação aos textos a minha avaliação é mais positiva, a simbiose do científico e do poético me parece que dá brandura e candura no científico e dá lucidez no poético, aí eu acho que age melhor.

E4 Geraldo Coelho:

A técnica é necessária em qualquer trabalho, desde o mais simples ao mais sofisticado. Assim, também, no falar e no escrever. O escritor "per si" descobre sua própria técnica, o que torna o escrito mais belo, mais significativo, mais apaixonante, prendendo o leitor ao texto do autor. O escritor precisa de liberdade para escrever. Quanto ao método, cabe a cada um seguir melhor o caminho desenvolvido pela sua capacidade criativa. Escrevo geralmente no período da noite. Nesse momento existe mais calma, sossego e tranquilidade para desenvolver o ato da criação literária. A existência entre o escritor e o leitor é importante, pois o escritor necessita desse relacionamento humano. A criação literária mobiliza, induz e compromete as relações sociais. Na maioria das vezes pode, inclusive, mudar o caminho da história.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Acredito que como todo trabalho precisa de técnica e disciplina. Mas no caso do escritor, não existe hierarquia, relações de poder ou qualquer coisa neste sentido. O trabalho de criação é um trabalho solitário, livre e dentro do seu próprio ritmo. Às vezes, quando estou escrevendo um novo livro costumo mergulhar fundo e conseqüentemente me isolo.

E6 Otilio Paiva:

Precisa de técnica, porque é preciso ter uma ordem no livro, não eh, primeiro para começar, o livro precisa ter um começo, meio e fim, se bem que por ex isso como regra dentro de varias vertentes do romance, como por ex, o romance de realismo crítico, o romance de experimentação formal, o cara que experimenta palavras e maneira de escrever, mas sempre tem um começo, meio e fim, de contar a historia né, mesmo realismo fantástico, romance aquela vertente realismo fantástico, também, por ex, 100 anos solidão tem começo, meio e fim, apesar de toda aquele surrealismo, escapa na minha opinião aí, o romance de introspecção, tem um nome, romance de introspecção... Ah não sei, depois você acha, então eh o escritor pensando, nos temos aqui no Brasil Clarisse Lispector, temos na França o Proust, Marcel Proust. 10 - (o escritor precisa de uma divisão de trabalho) Não, não, relação de poder não, relação de poder não, o escritor precisa primeiro pelo menos, cada um cada um né, eu não escrevo a hora que me da vontade, a hora que inspira, quer dizer, eu guardo as minhas ideias, então, eu não inspiro na hora que eu estou... Quer dizer, me inspiro, mas em decorrência de uma experiência (?) anterior que eu anotei, pra um dia desenvolver, então eu sento pra desenvolver aquele texto, agora eu tenho quando eu vou desenvolver um texto, eu estabeleço um horário, um horário pra mim escrever, não eh, então por ex, eu vou fazer esse trabalho, então vou tirar tantas horas por dia nesse horário, e nesse horário eu sento na mesa, pego todo aquele material, inspirado ou não, quer dizer, inspirado ou não, não necessariamente inspirado ou não, com disposição ou não, e gasto aquele tempo ali, pra que eu não relaxe e não quebre essa disciplina de trabalhar (?) todo dia, e por incrível que pareça, aqueles dias que você não.. Está cansado, com sono, com preguiça, você puxa as coisas, as anotações aqui, já tem um capítulo pelo meio, aí você acaba escrevendo um pouquinho, acaba surgindo uma ideia que você vai inserir Naquele texto, entende? E determinação, sabe? Ou seja, ser convidado pra isso como

escritor? Sim já fui convidado pra selecionar contos, né, não eh, de concursos, poemas, noites de autógrafos, palestras sobre os livros, essas coisas, sim.

E7 Ubirajara Galli:

Conhecimento. Conhecimento é técnica, isso é fundamental. Você pode ter o dom, o dom natural, umbilical, sensibilidade extremada, mas se você não tiver os meios, os aparelhos necessários, as condições necessárias que você constrói no seu cotidiano em busca de um conhecimento maior para você elaborar o trabalho, você vai ser simplesmente um escritor com sensibilidade. Mas medíocre esteticamente. Foi isso que o curso de administração me deu, essa organização, se você não se organiza você produz de uma forma desconstruída, desarmoniosa, falta harmonia, enfim o seu produto final não vai ter a mesma qualidade. O descanso é fundamental, você precisa dessa oxigenação, mas o artista como um todo tem aquilo de 24 horas pensando. Você termina um trabalho, você ausenta desse trabalho, procura o lazer, mas a cabeça esta sempre associada àquilo que você esta fazendo, que você realizou que você pensa em realizar. É um exercício que eu diria de 24 horas. O escritor que não pensar dessa forma e pensar que o trabalho dele possa contribuir efetivamente para a sociedade, que o seu produto é interessante a uma colaboração, a um enriquecimento daquilo que esta produzindo, se ele não pensar dessa forma e não procurar fazer dessa forma, ele pode buscar outra atividade.

E8 W. Bariani Ortêncio:

Não. Quem é escritor já nasce escritor. Tem muita gente aí que é bom orador, mas na hora que coloca uma folha branca para escrever, para compor qualquer coisa, ele não faz nada. Então, não sei se existe isso aí não. Não, eu, por exemplo, eu sempre falo mais é de mim, porque eu sei da minha vida, então, por exemplo, eu faço caminhada no bosque ali todo dia de manhã, lá eu boto minhas coisas, venho para cá, faço e muitas vezes eu já vou dormir na hora que eu leio aquele negócio eu levanto, corro lá, você sabe, dependendo assim eu vou lá escrevo, então eu não tenho... Minha vida é muito apertada, eu estou para todo lado, aqui eu que faço compras no supermercado, eu que faço feira, cuido de tudo, família, aquela coisas, então eu escrevo na hora que... O profissional como o jornalista ele senta lá e tal o editor fala escreve um artigo sobre fulano, daí ele fala: a favor ou contra? Aí então eu sento ali para fazer aquilo, mas nós que somos diletantes, não temos horário não, eu aqui por exemplo, eu pus ali Oficina Literária, você viu? Porque escritório é sempre um negócio bonito e como aqui é tudo desorganizado, então aqui chama Oficina Literária. (2c) Você acha que o trabalho do escritor, ele mobiliza a sociedade de uma forma geral? Sempre agente é respeitado, sabe? Mobilizar não, porque você sabe que é assim, você escreve as suas coisas, eu escrevo, tenho 40 anos de livros publicados, eu tenho música, tal, mas você não conseguiu ter um livro, ou então, uma música que estourou então você esta sempre naquela esperança, tal, então você nunca se sente importante como um cara que esta na mídia. Agora eu acho que nós escrevendo, eu sou muito mais importante que os políticos porque o político em quatro anos acaba e nós estamos sempre aí, sempre melhor, então eu acho que não tem... Nós somos muito bem recebidos, eu por exemplo.

Dejours (1993), Morrone (2002) e Pires (2011) afirmam que um bom ambiente de trabalho é condição fundamental para o desenvolvimento profissional; também a identidade social, é uma condição predominante para esse desenvolvimento. Daí emerge o questionamento em relação ao ambiente de trabalho vivenciado pelos escritores. Tanto as organizações, quanto as condições e relações de trabalho no caso dos escritores têm uma

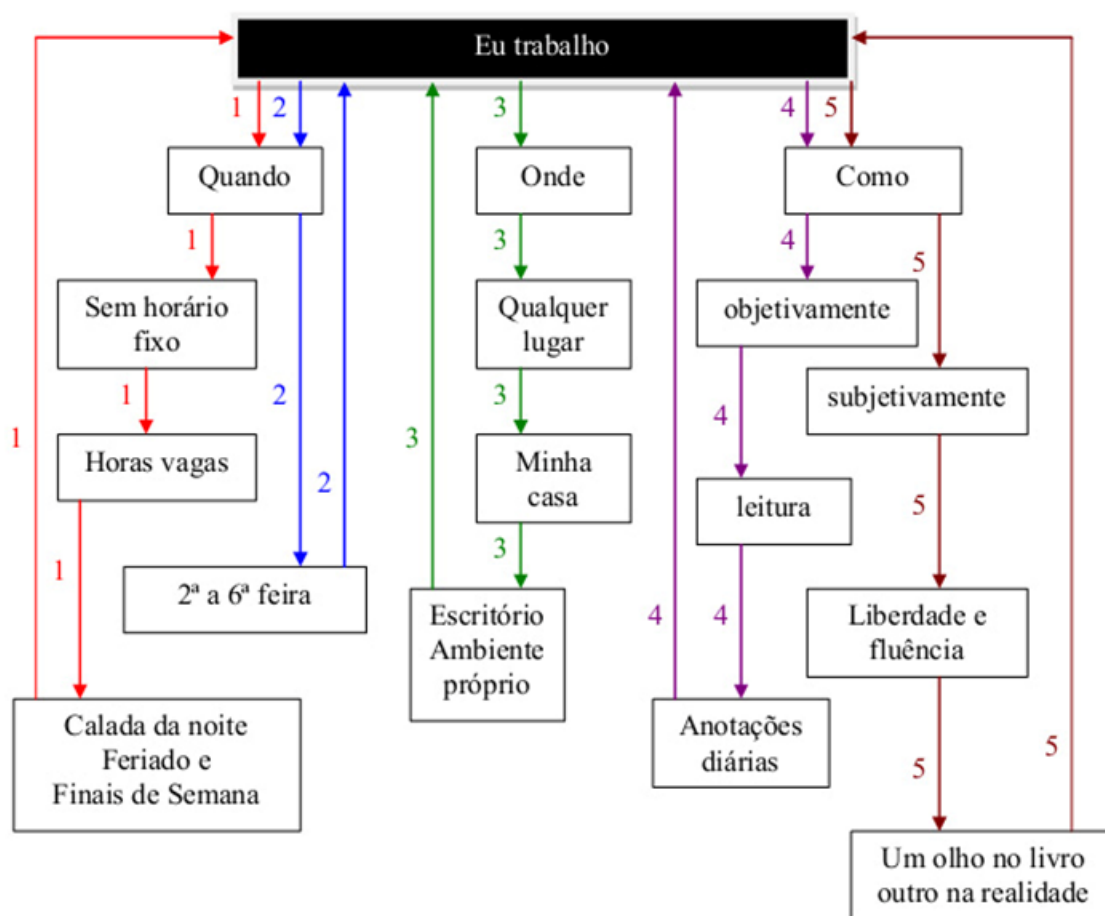
dinâmica própria, pois todos os pesquisados trabalham em casa ou nos seus institutos culturais com condições bastante razoáveis de trabalho. Como condição de trabalho, define-se, segundo Dejours (1992), o conjunto que abrange o ambiente físico (temperatura, pressão, barulho), as condições de higiene e de segurança e as características ergométricas do local de trabalho, tendo como alvo o corpo do trabalhador em relação ao seu desgaste, envelhecimento e doenças. Para Dejours (1992), a questão ergonômica do trabalho refere-se, indiretamente, ao conflito existente entre o empregado e a organização do trabalho, uma vez que o conteúdo ergonômico resulta da divisão do trabalho. O objetivo é que a organização do trabalho proporcione satisfação ao trabalhador. No caso dos escritores, essa condição e da organização não está totalmente adequada totalmente, tendo em vista que trabalham em casa, em boas condições de trabalho.

Conciliar técnica com arte, com o dom de escrever, como diz Bariani Ortêncio, é um longo tempo de trabalho. O escritor não nasce pronto, assim como sua identidade, ele vai construindo o seu talento literário.

O escritor utiliza da arte para realizar o seu trabalho e o fazer do artista é produzir literatura e seus modos de produção de subjetivação a partir desta atividade laboral. Objetiva-se ver o escritor como um trabalhador e entender como utiliza sua arte, que deve ser construído por ele para que seu trabalho possa ser apresentado com arte.

O Gráfico18 representa o sentimento como você organiza seu tempo para trabalhar. Condições de trabalho.

GRÁFICO 18 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você organiza seu tempo para trabalhar?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “*Eu Trabalho*” - emergiram do discurso as categorias: Onde, Quando e Como. A categoria Quando define horários fixos de trabalho ou nas horas vagas, na caída da noite e em finais de semana.

A categoria Onde se refere ao lugar de trabalho do escritor como cita Chiodetto (2002) em seu livro de pesquisa documental “O lugar do escritor”, que o lugar do escritor em que organizam o lugar em que passam, senão a maior parte de suas vidas, ao menos alguns de seus momentos mais intensos e tensos, em que a criatividade borbulha, vem à tona nesse veículo chamado desejo.

Chiodetto (2002) continua dizendo em seu livro que queria ter a chave de acesso ao mundo da ficção, como também era o desejo de Freud (1908). Como nasce uma história? De em que surgem os personagens? Porque da necessidade do isolamento? Que ressonâncias desse mundo inventado encontraria no escritório ou na oficina literária como alguns gostam de nominar esse lugar, em que rompe e nasce a ficção? Na categoria como trabalham

definiram que trabalham de duas formas objetivamente com muitas leituras e anotações em caderninhos de bolso diárias subjetivamente com liberdade e fluência com um olho no livro e outro na realidade.

Os escritores se organizam de forma totalmente diversificada e individual. Há aqueles que dizem que não se organizam, acomodam-se, como acontece como Alcione. Outros, como Edival, já se organizam mais, talvez até em função da formação e do trabalho empresarial em bancos durante muitos anos. Outros, como Geraldo, Maria Luiza, Otilio e Bariani e José Mendonça, organizam-se em seus tempos de folga. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos citados acima.

E1 Alcione Guimarães:

Eu não organizo, é acomodado do jeito que acontece, sabe? Não tem como organizar.

E2 Edival Lourenço:

Minha divisão de tempo, depois que me aposentei do banco e da faculdade, normalmente de manhã eu me dedico à escrita; à tarde me dedico a instituições culturais (UBE, Comissões de projetos culturais da SECULT GOIÂNIA, Comissão de patrimônio de Goiânia etc.). À noite eu leio. Mas em quaisquer desses turnos interrompo tudo para atender a demandas da família (esposa, três filhos, mãe, irmã, sobrinhos, sogra etc.).

E3 Eguimar:

Fora as ações mais institucionais, não tem muita organização. Se começo a ler um livro e esse livro me encanta profundamente, de alguma maneira, arrumo tempo, é impressionante, ver a relativamente do tempo, dois ou três dias acabo de ler esse livro fazendo mil coisas, eu arrumo tempo.

E4 Geraldo Coelho:

Eu organizo mais a noite, no período da noite.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Sou advogada, Presidente da Academia Guianense de Letras, agente cultural durante o dia. À noite a palavra me atrai, me prende e eu sou escritora.

E6 Otilio Paiva:

Eu tiro um tempo pra isso né.

E7 Ubirajara Galli:

Entre o meu compromisso com a família que é grande literatura e também está guardada na estante do meu dia a dia eu procuro harmonizar essa atividade familiar de produtor de texto de gestor da cultura de tal forma que uma contribua para a existência da outra.

E8 W. Bariani Ortêncio:

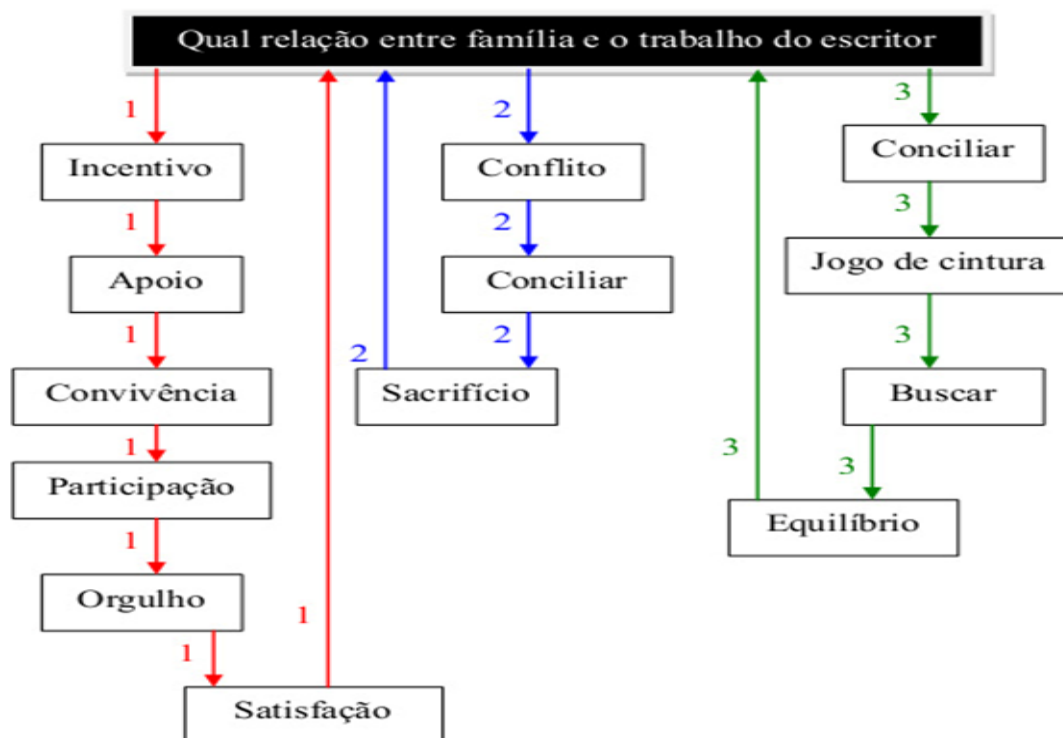
Eu não sei se você esta me perguntando coisas que eu já respondi e eu já te falei minha vida é esse aí trabalhar é hora que eu vou ali, bola uma coisa eu venho cá e escrevo bolo outra aqui e tal, então meu trabalho é continuo e primeiro eu escrevia a mão, bolava na cabeça e escrevia a mão, depois eu ia bater na máquina, hoje não, hoje eu já estou batendo direto no computador. A maior ferramenta de um escritor é o computador. O Coelho Neto escreveu 101 livros e naquele tempo nem na máquina não era, era na mão e os outros que batiam para ele, então já pensou se o cara tivesse um computador naquela época quantos livros ele teria feito, então o computador é uma ferramenta sim. O Zé Mendonça Teles e o Carmo Bernardes tinha uma frescura assim: ahhh eu tenho uma Olivettizinha, não quero saber dessa coisa não, aí eu chamei ele aqui, tanto o Zé Mendonça quanto Carmo Bernardes e falei bate aí um negócio assim, naquele tempo o computador para bater sinal, assim como o til não era igual é, ele bateu tudo e disse agora vamos consertar, aí falei assim, agora vamos aumentar a letra, agora vamos tirar essa parte daqui e passar para cá, vamos... Aí ele falou: Vou comprar um trem desses. Todos os dois sabem! Então hoje tem um poeta aí chama Gabriel Nascente, uma produção doida, ele bate os dois dedos na máquina, diz que não quer saber de computador não.

Os escritores definem que têm autonomia e liberdade para definirem a organização do tempo para trabalhar, cada um define de acordo com seu estilo de trabalho, à noite, nos finais de semana, algumas horas por dia, enfim, no trabalho literário, o que dificulta para eles é a sobrecarga de um turno extra para esse trabalho, mas não o trabalho em si.

Segundo Dejours (1999), a sobrecarga leva o profissional à fadiga e à perda do prazer pelo trabalho. Por meio dos depoimentos, foi possível perceber que tais fatos não foram identificados na profissão do escritor. Apesar de serem obrigados a ter outras atividades remuneratórias, turnos extras para escrever, percebe-se prazer em produzir literatura, ainda que em detrimento de horários de lazer e outros compromissos pessoais e com a família.

O escritor, um trabalhador que se insere na lógica de um tempo histórico. Cada escritor acompanha sua época, seu momento e seu contexto histórico. Vive na sociedade de consumo e adapta-se para existir, mesmo que de modo tenso e com certos conflitos, nessa realidade. Como destaca Enriquez (1994 e 1997), o consumo pelo consumo e a conseqüente descartabilidade dos bens questiona o valor do trabalho como emancipador do homem, como foi reverenciado pelo século XVIII, após a Revolução Industrial na Inglaterra. O trabalho torna-se o centro de uma utopia industrial salvadora da humanidade. Leva-se em conta o fator humano e constrói-se a solidariedade entre os homens, condição que se mantém até os anos de 1970.

GRÁFICO 19 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como sua família reage em relação ao seu trabalho? Qual o tempo que você acredita que teria ter para a família e lazer? E é suficiente para vocês?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Qual relação entre família e o trabalho do escritor?” - emergiram do discurso as categorias: *Incentivo*, *Conflitos* e *Conciliar* foi um grande desafio integrar essas três categorias. Na categoria *Incentivo* precisam de apoio da família, de amigos, de escritores, das editoras e dos leitores. A convivência é fundamental para compensar o tempo da solidão, a participação em eventos literários, o orgulho de produzir um produto literário e cultural que deixar um legado social, a satisfação de um trabalho bem feito. A categoria *Conflito* lida com as próprias estratégias defensivas e de enfrentamento preconizadas por Dejours (1994) e como a relação entre escritor-livro-leitor se estabelece por causa do amor pelos livros e como a capacidade de ler modifica a visão de mundo tanto do escritor quanto do leitor, o que contribui nessa dinâmica prazer-sofrimento. Essa dinâmica é resultado do enfrentamento do mesmo, seja pelo uso de estratégias defensivas, que visam à negação ou ao controle do mesmo, seja pelas estratégias de mobilização coletiva, que ajudam na resignificação do sofrimento e visam a transformar essas situações geradoras em situações geradoras de prazer. O fracasso na utilização dessas estratégias pode levar ao adoecimento do indivíduo no trabalho (MENDES, COSTA e BARROS, 1993). A categoria *Conciliar* é a arte

da relação entre o fazer do escritor e a busca contínua do equilíbrio entre seu trabalho, a família e a sociedade, muito jogo de cintura. É necessária a participação da família no trabalho do escritor, para que ela se sinta participante do trabalho, senão ela poderá jogar contra pela falta de retorno financeiro da profissão. Eles dizem que a família os conhece que pelo que leem do que escrevem. “Aos poucos, a família foi respeitando as ausências sem fazer da literatura uma rival e entendendo que sem a palavra eu não fico de pé”. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

O núcleo *Incentivo* está relacionado à identificação com o trabalho, ou por se sentirem seduzidos pelo prazer do labor artístico ou porque os familiares optaram pela mesma profissão. A seguir, um exemplo:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu acho que, o Geraldo, por exemplo, me incentiva muito, o meu filho também, os meninos também até que o mais velho dos netos agora, por exemplo, outro dia me encantou porque ele chegou falando, olha eu pensava assim ele não vai ler o livro, porque os meninos não estão gostando de ler, então ele chegou aqui e falou: li seu livro e gostei muito disso, disso e daquilo e foi comentar, ele tem 13 anos, aí eu falei, olha foi bom. Então minha família me apoia muito sabe? Muito, muito mesmo.

O núcleo *Conciliar* tem forte presença nos discursos dos entrevistados, pois se percebe que necessitam do apoio da família para exercerem essa profissão como no exemplo a seguir:

E2 Edival Lourenço:

É preciso ter muito jogo de cintura para conciliar a profissão e a família. É bom sempre procurar envolver os familiares naquilo que você está fazendo, porque aí começam a torcer pelo seu trabalho, junto com você. Assim tudo fica mais leve. Se você não der participação a eles e como a profissão normalmente não dá um dinheiro considerável, eles vão ficar torcendo contra você.

E3 Eguimar:

A família sempre sente orgulho, sente satisfeita. Minha mãe lê tudo, inclusive aquilo que pode parecer pornográfico e anacrônico ao sentido dela e, às vezes, já vi minha mãe ou meu irmão me conhecer pelos meus textos.

E4 Geraldo Coelho:

Todos me apoiam todos. E não só minha mulher, não só meu filho, não só minha nora, não só meus três netos, como meus irmãos, meu pai que também valorizou muito, minha mãe quando viva foi em alguns lançamentos dos meus livros, meu pai tinha orgulho em dizer que tanto eu como o Braz, meu irmão escritor, tinha orgulho em dizer que os filhos dele escreviam, tanto que, meu pai escreveu um livro de memórias com 95 anos, ele faleceu com quase 100 anos, e ele tinha um livro de memórias que era uma passagem histórica de Minas e de Goiás.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Sendo duas coisas que valorizo, procuro o equilíbrio sendo uma profissional da literatura e mãe-família sem permitir que uma coisa interfira na outra. Já houve certo ciúme, mas minha família aos poucos foi absorvendo, respeitando minhas ausências sem fazer da literatura uma rival e entendendo que sem a palavra eu não fico de pé.

E6 Otilio Paiva:

Nunca atrapalhou o relacionamento familiar não, porque nesse meu tempo nunca, nunca, prejudicou, eu trabalho de manhã, né, então nunca prejudicou ninguém, quer dizer a família vê de um modo geral quando esta pronto e de repente dizer gosta, ou finge gostar, né.

E7 Ubirajara Galli:

Com extrema convivência, com muito apoio e isso ocorre desde que quando namorava minha esposa, casado a trinta e cinco anos algo que sempre tive é a paixão pelo que eu faço e sempre feliz com a chegada de um novo livro e projeto.

E8 W. Bariani Ortêncio

Eu tenho seis filhas e formada eu só tenho três, psicóloga e jornalista, mas ninguém influi em nada. Eu tenho minha filha Nanci que é jornalista, ela tem dois livros publicados também, mas quando ela era menina, hoje ela não quer saber de mais nada, então eu também não faço questão de mostrar não, porque gente de casa e está tudo em casa, está acostumado, então ninguém influência comigo não, ninguém me chateia, nem nada, eu não fico mostrando em casa o que fez, eu não, eu vou publicando e está aí se quiser ler, lê.

Quando se buscam explicações na teoria de Dejours (1994), notam-se os núcleos distintos em relação às atividades exercidas pelo escritor e os diversos desafios que precisa conciliar como as demandas da família, as próprias demandas pessoais e sociais. Mesmo havendo diversas cobranças e preocupações, falta de reconhecimento, nota-se o sentimento de orgulho e prazer pelo que faz. O desgaste físico e o emocional, muitas vezes, são compensados pelo prazer na realização da atividade. Nesses depoimentos, aparecem, com muita nitidez, os sentimentos de orgulho e de paixão em deixar como legado seus livros à sociedade.

6.4 Categoria 3: Mobilização Subjetiva do Trabalhador(vivências de prazer-sofrimento, estratégias defensivas ou de enfrentamento)

A seguir, são relacionadas às perguntas relacionadas aos discursos dos escritores.

Perguntas:

- 20 - O que lhe faria sentir reconhecido profissionalmente?
- 21 - Qual a importância do seu trabalho para a sociedade?
- 22 - As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?
- 23 - Você sente que tem liberdade para fazer o seu trabalho?
- 24 - Como você percebe o trabalho coletivo do escritor? Ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações e seu processo de criação e de produção é coletivo?
- 25-Como é trabalhar em literatura? Quais as dificuldades e facilidades?
- 26-No trabalho como Escritor Literário, o que você sente?
- 27-Você acredita que existe sobrecarga de trabalho na profissão de Escritor literário?
- 28-Você sente cansaço ou fadiga por causa do trabalho? Por quê?
- 28-Quais as dificuldades que você encontra para exercer o seu trabalho e se você se sente ou se sentiu cansado ou fadigado por causa do trabalho? Como percebe este cansaço e se você acha que o trabalho de escritor pode levar a algum tipo de adoecimento? O que do seu trabalho poderá lhe trazer de sofrimento? Ou prazer?
- 29-Você se sente seguro ou inseguro ou com medo de fracassar na realização seu trabalho literário? Poderá lhe trazer algum sofrimento? Ou prazer?

Para Dejours (in BERTIOL, 1994) e Dejours (2000), o trabalho tem seu caráter sempre enigmático, ressaltando três dimensões essenciais: a engenhosidade, a cooperação e a mobilização subjetiva. Segundo Dejours (1994; 1999) e Pires (2011), a mobilização subjetiva é definida como um processo caracterizado pelo uso dos recursos psicológicos do trabalhador e pelo espaço público de discussões sobre o trabalho. A utilização desses recursos depende da dinâmica contribuição-retribuição simbólica, que pressupõe o reconhecimento da competência do trabalhador pelos seus colegas e pelos superiores hierárquicos. Essa definição, no âmbito do profissional artístico, aqui no caso dos escritores, tem um olhar diferenciado em função do tipo de atividade. Reconhecimento nesse aspecto não aparece como resultado financeiro, mas sob o reconhecimento pelo mercado do nome, da identidade. Os valores de reconhecimento passam por outra dimensão profissional e pessoal.

Para Dejours (1994; 1999), o processo de mobilização subjetiva não é prescrito; é real, o possível de ser realizado pelo trabalhador, é o trabalho vivo defendido por Marx e por Dejours. É vivenciado pelo trabalhador, em sua singularidade e em sua subjetividade, à medida que evita o uso de estratégias defensivas ou de descompensação psicopatológica. A categoria mobilização subjetiva é composta por subcategorias que abrangem as vivências de prazer e vivências de sofrimento e as estratégias de defensivas e de enfrentamento individuais

e coletivas. As subcategorias envolvem aspectos subjetivos relacionados às vivências do trabalhador. As vivências de prazer do trabalhador referem-se à possibilidade de autonomia, liberdade no trabalho, reconhecimento (PIRES, 2011). No caso dos escritores, eles mobilizam significativamente as vivências de prazer utilizando a sublimação como estratégias de enfrentamento devido às dificuldades de remuneração financeira e ser um trabalho mais informal do que formal.

Para Dutra e Cavalcante (2012), as vivências de sofrimento dizem respeito às dificuldades relacionadas à sobrecarga na realização das tarefas, ao cansaço ou à fadiga no trabalho, à falta de reconhecimento, à autonomia, à liberdade, à insegurança profissional, à falta de tempo para a família e ao sentimento de insegurança ou medo de fracassar na realização das tarefas. Esses pontos apareceram nos discursos dos escritores. As estratégias de enfrentamento são recursos que o trabalhador desenvolve para evitar o sofrimento, a pressão e tensão no trabalho, o medo do fracasso, o sentimento de frustração. Como estratégia de enfrentamento, ficou evidente a utilização da sublimação abordada por Freud (1930/1969). Chauí (2000) cita que, na sublimação, os desejos inconscientes são transformados em outra coisa, manifestam-se pela criação de outra coisa como as obras de arte, a literatura, as ciências, a religião, a Filosofia, as técnicas, as instituições sociais e as ações políticas. Artistas, místicos, pensadores, escritores, cientistas, líderes políticos satisfazem seus desejos pela sublimação e, portanto, pela realização de obras e pela criação de instituições religiosas, sociais, políticas, etc. Dejours (1987) pensa que é possível utilizar-se o conceito de sublimação como um instrumento de compreensão de situações de trabalho.

Rocha (2003) destaca que essas estratégias constituem as possibilidades de adaptação à organização: a cultura organizacional, o ajustamento às normas e aos procedimentos da organização do trabalho ou sua transformação para colocá-la em concordância com o desejo dos trabalhadores. Quando os profissionais fracassam, abre-se espaço para o adoecimento no trabalho.

6.4.1 Vivências de Prazer

Segundo Pires (2011), algumas vivências de prazer no trabalho como a satisfação concreta e simbólica, as experiências coletivas e individuais, o conteúdo do trabalho, o

reconhecimento, a cultura, a liberdade e a autonomia. Juntas, formam um conjunto de fatores extremamente positivos. No trabalho artístico literário, ocorre com frequência para que os escritores consigam produzir. Há grande prazer em trabalhar com a produção, a apresentação, a elaboração e a estruturação de um livro ou texto literário. Para se analisar essa situação de vivências, foram feitas perguntas relacionadas ao significado do trabalho, ao que mais se gosta no trabalho, à liberdade, à autonomia, entre outras.

6.4.2 Vivências de Sofrimento

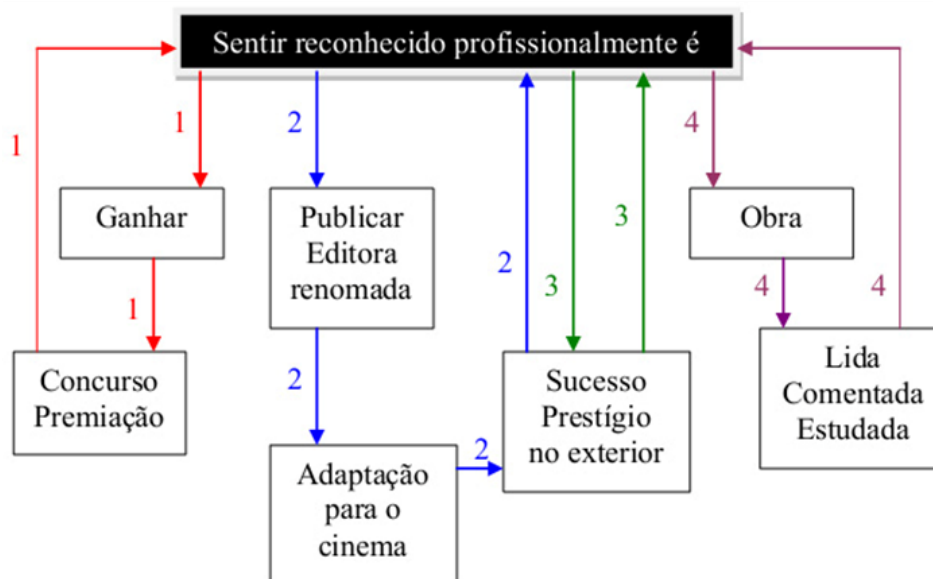
Macêdo (2010) cita que as vivências de sofrimento fazem parte de outra dimensão relativa à vida do ser humano, quer seja individual ou coletiva. É por meio das estratégias defensivas que o indivíduo se defende das psicopatologias do trabalho. Hernandez (2003) e Pires (2011) afirmam que o trabalho pode ser fonte de equilíbrio, se permitir a diminuição da carga psíquica dos sujeitos, e de desequilíbrio, se contribuir para o aumento dessa carga. Na função do trabalho literário, essas dimensões estão muito próximas.

Dejours e Abdoucheli (1994) explicam que, ainda que utilizando estratégias defensivas, o sofrimento faz parte do contexto e essas vivências são inevitáveis. Dejours (1999) cita vários princípios que podem desencadear o sofrimento no trabalho, como normas e procedimentos, horários rígidos, ritmo acelerado, adaptação à cultura ou à ideologia da empresa, exigência de mercado, entre outros.

Os gráficos 20 a 29 representam a resposta dos escritores como é trabalhar com literatura e quais as dificuldades e facilidades nessa atividade laboral.

O Gráfico 20 representa se existe reconhecimento na profissão do escritor literário.

GRÁFICO 20 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: O que o faria sentir reconhecido profissionalmente?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Sentir reconhecido profissionalmente” emergiram do discurso às categorias: Ganhar prêmios e Publicar em editoras renomadas e ter o livro adaptado para um filme ou novela de TV, obter sucesso no exterior como poucos autores conseguem e ter uma obra lida, comentada e estudada. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Olha, eu não sei bem te responder isso não, mas eu acho que é o reconhecimento, por exemplo, você ganhar um concurso, não é? Como, por exemplo, eu tinha que me sentir feliz e reconhecida porque todos os três livros que eu publiquei todos foram premiados, aquele Zuarte foi pela Academia Mineira de Letras, depois Fuso de Prata pela Academia daqui e esse agora pela UBE. Então agora eu estou querendo participar de tudo quanto toda vida eu gostei de participar de concurso, mesmo como pintora, sempre participei sabe? É um tipo assim de você avaliar o seu trabalho e você conseguindo eu acredito que isso é um reconhecimento, né? Não tem reconhecimento maior que uma premiação, né?

E2 Edival Lourenço:

Acho que o que mais realiza um escritor é sua obra ser lida comentada e até estudada.

E3 Eguimar:

Acho que já sou reconhecido... Para os meus sonhos... Mas o lugar que eu estava para sonhar... Eu já passei do que eu sonhava e a gente pode entender essa palavra sua de duas maneiras. A gente entende o reconhecimento como fama, sucesso, prestígio externo. Se eu entendo que o reconhecimento é um texto que intervém, que ajuda as outras pessoas a lerem, que motiva as outras pessoas a gostarem de ler... Nesta plataforma, acho que os meus textos cumprem para os meus desejos, para os meus sonhos, aquilo que foi feito. E talvez por isso é que o meu grande livro não precisa ser publicado.

E4 Geraldo Coelho:

Eu nunca me preocupei com isso, sinceramente. Eu acho que o trabalho que estou fazendo não é um trabalho para mim, é para a posteridade, amanhã ou depois aquilo que eu escrevi que é um tema bom, é de valor, isso vai ser reconhecido e tem tantas coisas que eu escrevi que eu acho que não vão ser reconhecidas, sei lá, isso aí é só o tempo.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Adaptação de um romance para cinema, ganhar um Jabuti e cair nas graças de uma editora renomada.

E6 Otílio Paiva:

Faria me sentir reconhecido profissionalmente como escritor? A crítica, a crítica, mesmo a crítica ruim.

E7 Ubirajara Galli:

Ser reconhecido pelo meu trabalho, poder publicar e ser lido.

E8 W. Bariani Ortêncio

Eu li Machado de Assis agora, mas não decorei não, sabe, e depois eu também tenho medo de pegar influência porque eu sou muito versátil, então eu faço as minhas coisas sem precisar dos outros. Tenho meu estilo próprio. Já sou reconhecido pelo meu trabalho.

E9- José Mendonça Teles:

Obras lidas e publicadas e reconhecimento dos leitores.

Para Dejours (2004b), a psicodinâmica do reconhecimento para os escritores é ponto fundamental para alimentar a motivação e a sublimação no seu trabalho. Conforme o autor,

O reconhecimento possibilita que o sofrimento no trabalho seja transformado em prazer e realização. Quando as tarefas evoluem na direção das tarefas imateriais, isto é, quando não há produção de objetos materiais, em particular no caso das atividades de serviço, em que a parte mais importante do trabalho efetivo é “invisível”, é agravada a invisibilidade da contribuição deste trabalhador e consequentemente, o reconhecimento do seu trabalho (DEJOURS, 2004b, p. 5).

Quando analisamos os discursos “faria me sentir reconhecido profissionalmente como escritor? A crítica, a crítica, mesmo a crítica ruim” ou “Obras lidas e publicas e reconhecimento dos leitores”, percebemos a importância do fator reconhecimento defendido por Dejours (2004)

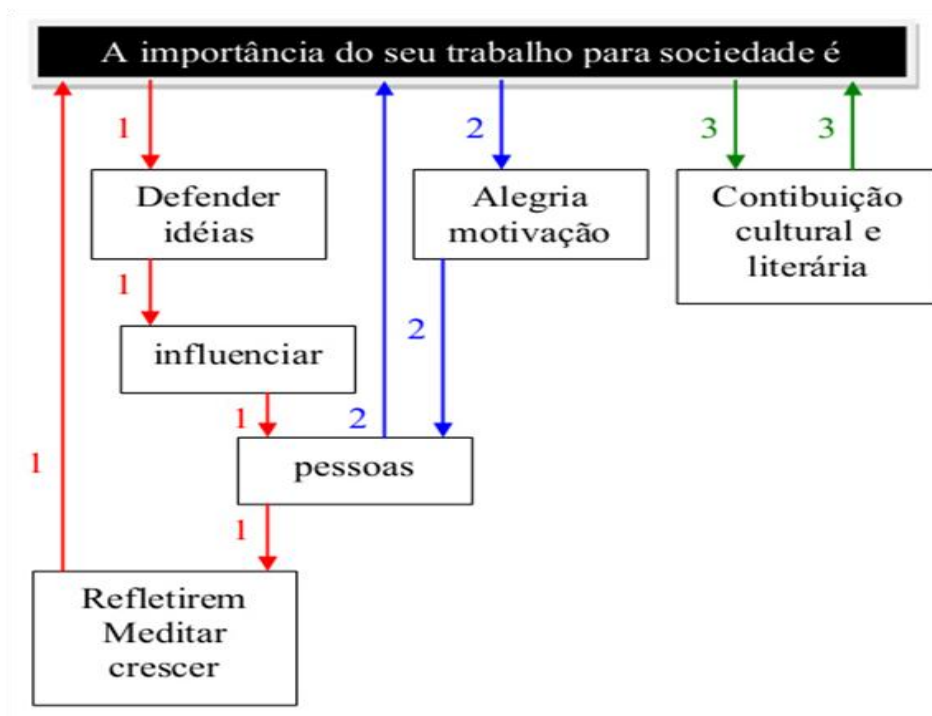
Refletindo-se sobre as consequências disso para o trabalhador, o autor aponta que “na ausência deste reconhecimento, sua tendência é desmobilizar-se. Geralmente o faz a contragosto, porque as consequências são graves para a saúde mental” (DEJOURS, 2004, p. 71).

Segundo Brito (1980), começou um novo olhar para o reconhecimento do trabalho artístico, a partir da privatização dos bens culturais, das políticas públicas de incentivos via lei Ruanet e outras formas de fomento cultural, artistas, inseridos em programas financeiros que, lentamente, estão obtendo uma melhor condição de vida a quem vive de arte. Tem sido um recurso importante para que a arte pudesse sobreviver; aqui no Brasil.

Conforme já apontado na Psicodinâmica do Trabalho, há dois tipos de reconhecimento: o reconhecimento baseado no julgamento de utilidade advindo dos superiores e, eventualmente, dos clientes (aqui leitores) e o reconhecimento de estética, cuja origem provém dos colegas (aqui os escritores) (DEJOURS, 2004).

O Gráfico 21, a seguir, representa a resposta dos escritores sobre qual a importância do seu trabalho para a sociedade.

GRÁFICO 21 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Qual a importância do seu trabalho para a sociedade?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “A importância do seu trabalho para sociedade é” - emergiram do discurso as categorias: *Defender ideias*, *Alegrias-motivação* e *Contribuição cultural e literária*. A categoria eles sentem a profissão voltada para a produção da literatura, no entanto, não como condição lucrativa, todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Ah isso eu não sei falar o que é que pode ser importante, talvez essa história aí dos meninos lá do Paraná terem escrito para mim, seja uma coisa que, uma finalidade da literatura. Você alcançar todas as camadas sociais, de conseguir penetrar nos lares dos menores até os maiores né, porque muita gente que já leu o meu livro que é empregada doméstica que fala assim: nossa eu gostei demais daquele negócio, tal, bom né?

E2 Edival Lourenço:

As ideias que defendo, ainda que sejam vista diretamente por poucas pessoas, acabam disseminando na sociedade e influenciando um número maior de pessoas ao

longo do tempo. Sem maiores pretensões, veja o caso de Platão ou Shakespeare ou Camões. Poucos de nós os leram. Mas muito da forma que pensamos advém desses escritores.

E3 Eguimar:

Uma importância mínima e não desejo que seja mais do que isso. Talvez as pessoas enxerguem nos meus textos uma alegria, uma motivação. É essa a importância. Não é uma importância visceral. Mas eu não acredito também em transformações de uma hora pra outra. As transformações são sutis. Não estou descontente com a intervenção dos meus textos, mas não tenho altas pretensões.

E4 Geraldo Coelho:

Eu procuro escrever, principalmente dentro da história e da pesquisa, para que as pessoas possam futuramente preservar a memória daquelas pessoas, da história e dentro da poesia, tem muitas poesias, tem até um livro “O Diário de Tropeiro”, já esta indo para a 4ª edição, ele traduz o tropeirismo no Estado de Goiás, é mais ou menos aquilo que eu achei que deveria escrever e que é tudo dentro de uma poética, como também o livro de poesias “Goiânia 69”, que é uma alusão a Goiânia quando fez 69 anos. Eu fiz um livro erótico, nada de pornográfico, só erotismo dentro do livro.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

A literatura feita em Goiás ainda não alcança a comunidade leitora de forma determinante. O que se vende é na noite de autógrafos em que a metade dos que nos prestigiam o fazem por questões pessoais. Não temos editoras que se impõem no mercado, não há um trabalho de divulgação nem de distribuição. Os meus livros que circulam de uma forma mais dinâmica são infanto-juvenis adotados pela rede pública de ensino. Quem não alcança não é importante. Eu diria que a literatura que se produz em Goiás (embora de qualidade) ainda não chegou e não tem importância nem para os goianos.

E6 Otílio Paiva:

Eu, eu, eu, escrevo com muita sinceridade e eu me encaro com um escritor da vertente do romance de crítica social, então eu acho que a importância do meu trabalho eh essa, a crítica social que eu faço faz as pessoas refletirem, e como o meu conteúdo eh bem intencionado não eh, não eh engajado, não eh vaidoso, eu acho que eu passo uma porção de ideias que faz com que as pessoas meditem, e que cresçam, e cresçam, logico não todo texto, o conjunto inteiro do texto, mas que pensem e meditem e se deixem influenciar como eu fui influenciado por muitos grandes escritores e cresci, mudei muito, mudei muito minha maneira de pensar, de ver o mundo em função de obras realmente excepcionais, eu naturalmente que guardadas as devidas proporções, de uma maneira mais modesta.

E7 Ubirajara Galli:

Tenho dado uma boa contribuição à produção cultural e na literatura.

E8 W. Bariani Ortêncio

Acredito que seja minha contribuição na literatura, na música e na cozinha goiana.

E9- José Mendonça Teles:

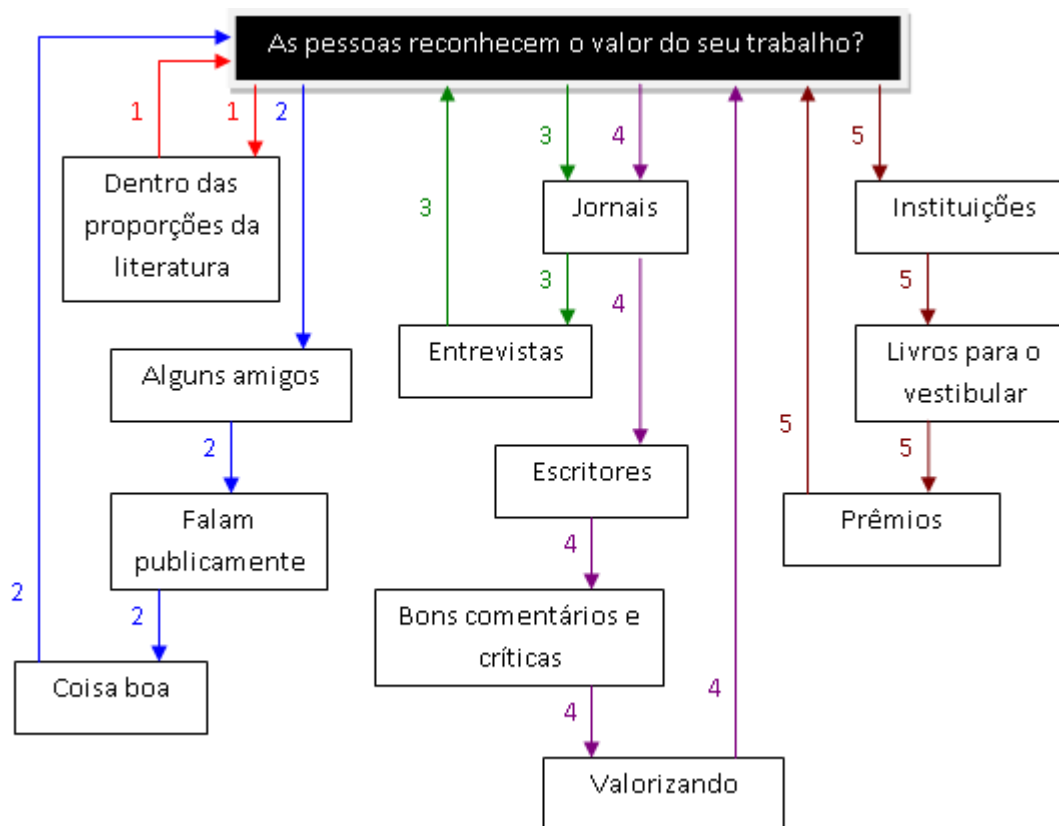
Minha contribuição literária aos leitores.

Nos discursos dos escritores eles têm consciência do papel e da contribuição social do trabalho deles para a sociedade como nessa fala “você alcançar todas as camadas sociais, de conseguir penetrar nos lares dos menores até os maiores” ou então outra fala “as ideias que defendo, ainda que sejam vista diretamente por poucas pessoas, acabam disseminando na sociedade e influenciando um número maior de pessoas ao longo do tempo”... veja o caso de Platão ou Shakespeare ou Camões. Poucos de nós os leram. Mas muito do que pensamos advém desses escritores. Também em outro discurso “Tenho dado uma boa contribuição à produção cultural e na literatura.”

O que demonstra o nível de conscientização dos escritores com relação ao seu papel social que participa dos movimentos sociais, culturais, políticos e literários. Na teoria da psicodinâmica do trabalho de Dejours, é possível agregar, na profissão artística do escritor, que o ambiente de trabalho em si não motiva para uma mobilização social, ficando quase que exclusivamente por conta do escritor essa percepção de sua contribuição social. Dejours explica que a estrutura de ego do sujeito vai ser o marcador entre prazer e sofrimento no mundo trabalho.

O Gráfico 22 a seguir representa a resposta sobre o que lhe faria sentir reconhecido profissionalmente?

GRÁFICO 22 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?”, emergiram do discurso às categorias: Dentro das proporções da literatura, Alguns amigos, Jornais e Entrevistas e Instituições. A categoria Dentro das proporções da literatura os escritores tem um discurso mais fechado e de poucas expectativas. Já Alguns amigos o reconhecimento é expresso publicamente como sendo uma coisa boa. Na categoria Jornais e Entrevistas o reconhecimento pelos escritores com bons comentários e crítica e valorizando o trabalho do escritor. Na última categoria Instituições a própria UBE como instituição literária promove os livros dos escritores para participar de premiações e ser indicada para vestibular.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Eu acho que reconhecem. As pessoas que eu conheço e que são sinceras, aí eu sei se elas reconhecem ou não, né, por exemplo, o Geraldo eu sei que ele reconhece, alguns amigos eu sei que reconhecem, até porque já falaram publicamente do meu trabalho, né? Já escreveu nos jornais daqui, Bariani, diversos né, que já escreveram sobre o meu trabalho, assim uma coisa boa, densa e me valorizando muito e eu acreditei porque não tinha sentido nenhum eles quererem falar aquilo sem razão, né?

E2 Edival Lourenço:

Dentro das proporções que a Literatura alcança na sociedade atual, acho que meu trabalho é reconhecido, pois já recebi vários prêmios locais e nacionais e já tive livro adotado para o vestibular da Universidade Federal e PUC Goiás. Meu romance A Centopeia de Neon já vai para a 6ª edição, sempre alcançando bons comentários e boas críticas.

E3 Eguimar:

Reconhecem nesta escala que eu disse que não é grande, não precisa ser muito grande, tanto é que to no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, to na União Brasileira de Escritores, to na Academia Trindadense de Letras... Esse é um reconhecimento institucional, mas não é o mais importante. E estou te dando entrevista. Eu, por exemplo, acho que você é uma pessoa muito inteligente e sábia... Estou te dando uma entrevista... Isso é um reconhecimento muito grande. Se eu disse que não é um reconhecimento, é um erro na avaliação que eu faço de você.

E4 Geraldo Coelho:

Olha tem muita gente que reconhece e muita gente que desce a lenha. Eu tenho pessoas que uma vez em um dos meus livros, que foi um livro que publiquei em São Paulo pela editora NANKIN que chama "Poemas Reunidos", então tem uma fortuna crítica de nomes consagrados que falaram bem do meu livro, mas tem muita gente também que menospreza que muitas vezes tinham vontade de fazer aquilo e não dão conta e isso aí é normal dentro da natureza humana.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Minha literatura é mais acadêmica, não é meu propósito atingir massas, não é uma obra de leitura fácil, não é linear, trabalho geralmente com narrador em primeira e terceira pessoa o que requer uma atenção redobrada. Minha obra é objeto de estudo e tenho um reconhecimento maior fora de Goiás. Nunca tive uma página em O Popular, mas já me deram este espaço No Jornal do Brasil RJ, No Rascunho de Curitiba, No Primeiro de Janeiro do Porto de Portugal. Aqui em Goiás há uma cortina de silêncio em relação os autores que não se submete ao compadrio. Graças a Deus estou entre eles.

E6 Otílio Paiva:

Poucas pessoas, poucas pessoas me dizem poucas elogiaram pra mim, no conjunto de Catalão, por exemplo, poucas pessoas, diga-se algumas dezenas, elogiaram pra mim a violação o jornada incerta, o meu livro de contos foi mais elogiado, mas também mesmo assim não chega a ser muita gente né, o Di Processo também muitas pessoas elogiaram, mas também proporcional muito pouco. ? Estou distribuindo agora, então não sei, mas eu considerando as pessoas, eu acho o seguinte, eu acho que não fica só nisso, mais gente admira, mais gente gosta, não sei ate que ponto né, porque a verdade é a seguinte, as pessoas tem dificuldade muito grande de elogiar não eh, e se for pra criticar, falar que o livro é ruim, o livro tem um defeito, que ele achou um problema, que ele não gostou por causa disso e daquilo, pior ainda né.

E7 Ubirajara Galli:

Acredito que sim marcos porque eu tenho tido uma agenda bem cheia, bem completa, às vezes eu tenho q agradecer por falta de espaço na agenda p q eu possa escrever mais um livro porque poderia comprometer a qualidade na produção.

E8 W. Bariani Ortêncio:

Sabe o que é? Eu faço o que eu gosto. Não tenho padrão, não tenho nada, então eu tenho toda liberdade de ir, só sinto... Tem gente que fala: você tem medo de morrer? Porque eu já estou com 87, eu não tenho medo de morrer, eu tenho medo de morrer e não fazer as coisas que eu tenho que fazer, eu estou trabalhando, hoje mesmo eu vou levar esse livro aqui para a editora Saraiva, chama “Deus fez tudo certo”, para editar vou levar La, aí já tem os três exemplares e outras edições e isso aqui tudo é CD meu que eu estou montando de música minha, então meu tempo é todo consumido aí e eu estou realizando minha vida, ninguém aqui tem empregado, eu não preciso ganhar dinheiro, eu trabalho desde os sete anos, então hoje se o dinheiro vier tudo bem, correr atrás dele eu não vou mais não, porque eu já fiz meu pé de meia e dá para eu fazer as coisas. Só que eu nunca paguei em livro, a não ser o primeiro que eu te contei que o jornal foi para a falência e o livro estava quase montado então eu e esse Luis Frantiesquine, que ele tinha vencido 10 contos e eu 14, juntamos nós dois naquela época e pagamos baratinho o livro já estava quase pronto. Então a minha vida é essa aí, é fazer o que eu gosto escrever, ouvir música, dar umas pescadas, já fui goleiro do atlético aqui dez anos, naquele tempo só assistia futebol na televisão e minha vida é essa aí. Todo mundo gosta de mim, em que eu vou sou bem recebido.”

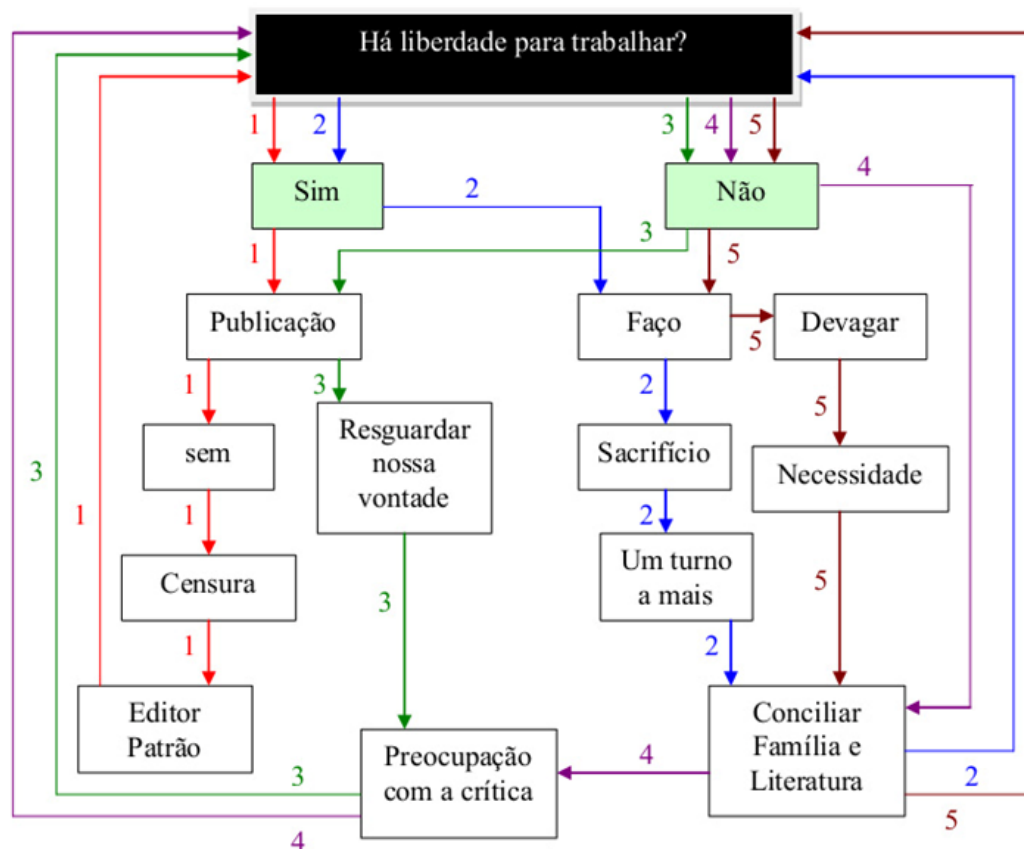
Entrevistado: E9- José Mendonça Teles:

Após muito trabalho o escritor consegue ter seu reconhecimento.

Escrever para alcançar o sucesso e o reconhecimento do leitor, do mercado e dos pares é realizar um desejo que é forte. Brito (1999, p.109) diz que “é uma fatalidade, uma vocação. O ato de escrever é um ato que me realiza, independentemente se o trabalho tenha ou não tenha sucesso: não me interessa mais isso. Escrevendo, eu me realizo”. O reconhecimento parte dos amigos, da crítica na imprensa, da família. O reconhecimento institucional também é muito importante porque bate portas aos escritores especialmente os que estão iniciando na carreira.

O Gráfico23, a seguir, representa a resposta dos participantes sobre você sente que tem liberdade para fazer o seu trabalho?

GRÁFICO 23 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você sente que tem liberdade para fazer o seu trabalho?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “*Há liberdade para trabalhar*”? - emergiram do discurso as categorias: *Sim e Não*. A categoria *Sim* eles percebem a liberdade para publicação sem censura com autonomia para apresentar seus projetos literários aos editores que representam os padrões informais dos escritores, uma vez que cada escritor representa uma organização do tipo mais informal que as organizações empresariais de mercado. Nessa mesma categoria emerge o *Não*, eles têm liberdade para fazer, mas com sacrifício trabalhando em turnos devido à ausência de retorno financeiro e precisam fazer devagar, conciliar além dos dois turnos, sendo um na atividade econômica tradicional e a segunda como escritor conciliar com a família e o mundo literário.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

Alcione:

Ahhh eu tenho. Eu só não tenho mais porque agente tem que dedicar alguns problemas familiares né, que te faz assim fugir daquilo, mas é uma coisa que te dá

prazer também porque a vida sem essas coisas não tem sentido, né? Então, eu concilio as duas coisas. Esta dando para fazer alguma coisa bem devagar, mas faço.

Edival.

É uma liberdade com sacrifício. Porque o escritor tem que criar um turno a mais em sua vida, em sua rotina para desenvolver sua obra. Mas, superado o sacrifício pela carência de remuneração, o escritor de província tem muita liberdade para criar. Hoje em dia sem censura (houve tempo em que nossos autores tinham livros confiscados pela Ditadura; não tive esse problema) e sem um editor para querer intrometer em sua obra, a liberdade é total.

Eguimar

Não, não. Ninguém tem. Eu gostaria de ter mais coragem pra fazer. Procuro em mim mais coragem. O nosso trabalho, a própria energia que gasto no trabalho fora, o meu cansaço, já não é um condicionamento. E mesmo aquilo que eu escrevo, se a gente faz uma crônica pra um jornal... Ou a gente faz de maneira que resguarde a nossa vontade, a nossa autenticidade e caiba naquele instrumento ou não vai ser publicada. Não há liberdade literária sem o homem, do mundo e das pessoas. Na literatura... O Mia Couto diz que na vida há duas portas. A primeira é a do outro... A gente sai e encontra com a luz do sol, com a cultura, com a história. A segunda é a nossa porta com a liberdade. Na literatura também.

Geraldo:

Sinto muito. Não só a minha liberdade, como também a minha liberdade dentro de casa. Minha mulher é compreensiva, me deixa trabalhar sem me atrapalhar e não só ela, como meu filho que também é poeta e meus netos. Só os netos que às vezes me atrapalham.

Maria Luiza

Liberdade é uma conquista interior. Escrevo com liberdade sim porque não me preocupo com críticas. Não escrevo para a família, sei que minha literatura não é presa à moral e aos bons costumes que é muito avessa ao trabalho feito por mulheres. Meus trabalhos mais recentes são muito densos e intensos, a carga psicológica impressa é relevante, gosto de trabalhar a psicopatologia, desvios, e até mesmo demonologia. Fazer abordagens assim é Goiás é trabalhar com liberdade.

Otilio

Sinto, sinto liberdade para fazer e para publicar, publiquei todos os meus livros.

Ubirajara Gali

Às vezes quando você está escrevendo na ficção plena e total e na poesia com total liberdade, principiante quando você trabalha a historiografia bibliográfica, algum caso, ou acontecimento, que fosse explorado mais, mas pode acontecer às pessoas q estão envolvidas num projeto pessoal n permita q essa liberdade seja plena, mas nunca aconteceu em meus livros que me satisfizessem não me sinto frustrado, poderia avançar um pouco mais.

Bariani:

Sabe o que é? Eu faço o que eu gosto. Não tenho patrão, não tenho nada, então eu tenho toda liberdade de ir, só sinto... Tem gente que fala: você tem medo de morrer? Porque eu já estou com 87, eu não tenho medo de morrer, eu tenho medo de morrer e não fazer as coisas que eu tenho que fazer, eu estou trabalhando, hoje mesmo eu vou levar esse livro aqui para a editora Saraiva, chama "Deus fez tudo certo", para editar vou levar La, aí já tem os três exemplares e outras edições e isso aqui tudo é CD meu que eu estou montando de música minha, então meu tempo é todo consumido aí e eu estou realizando minha vida, ninguém aqui tem empregado, eu não preciso ganhar dinheiro, eu trabalho desde os sete anos, então hoje se o dinheiro vier tudo bem, correr atrás dele eu não vou mais não, porque eu já fiz meu pé de meia e dá para eu fazer as coisas. Só que eu nunca paguei em livro, a não ser o primeiro que eu te contei que o jornal foi para a falência e o livro estava quase montado então eu e esse Luis Frantiesquine, que ele tinha vencido 10 contos e eu 14, juntamos nós dois naquela época e pagamos baratinho o livro já estava quase pronto. Então a minha vida é essa aí, é fazer o que eu gosto escrever, ouvir música, dar umas pescadas, já fui goleiro do atlético aqui dez anos, naquele tempo só assistia futebol na televisão e minha vida é essa aí. Todo mundo gosta de mim, aonde eu vou sou bem recebido.

J.Mendonça

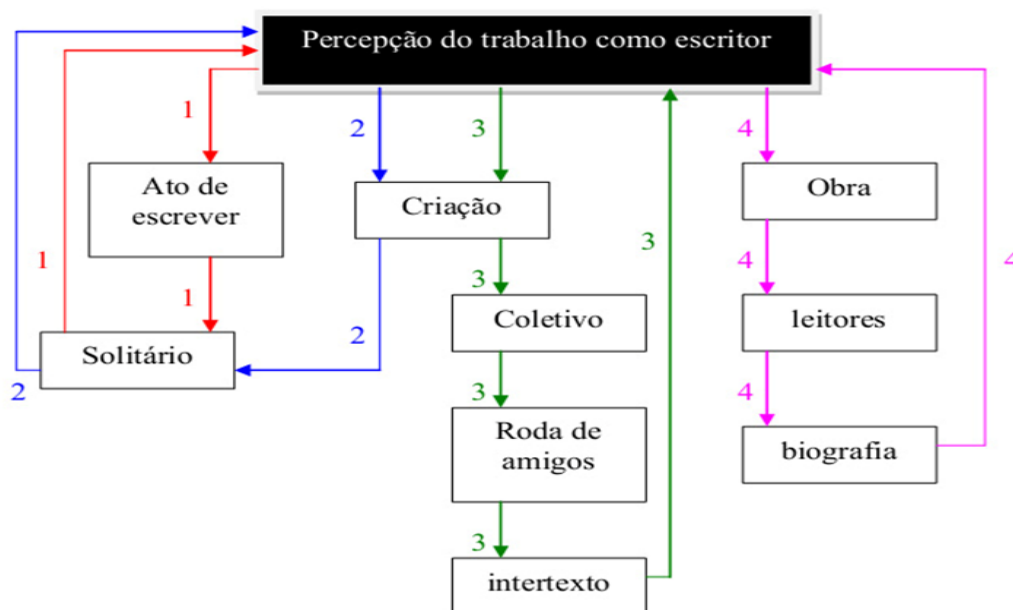
Sim sinto que tenho liberdade para escrever o desejo.

É consenso do grupo de escritores que há liberdade e autonomia para desenvolverem o trabalho literário. De acordo com Dias (2007), as vantagens de trabalhar em organizações de entretenimento devem-se à flexibilidade de horário. Os escritores preferem montar um pequeno escritório em casa, que eles denominam de oficina literária, para poderem trabalhar próximo à família, cuidar dos afazeres da casa, fazer tarefas domésticas com a família, e como trabalham normalmente no turno da noite e em fins de semana, conseguem conciliar família, literatura e lançamento. Só não conseguem conciliar o aspecto remuneratório.

Destaca-se que a organização de trabalho dos escritores não segue o padrão tradicional de mercado com normas, regras, horários, estrutura hierárquica, comando, etc. Cada escritor funciona como uma organização autônoma, independente e muito informal. Dejours (1992) afirma que é importante que o trabalhador consiga conciliar as demandas do trabalho com as necessidades pessoais, o que pode ser alcançado por meio de uma adequação desse trabalhador a um horário que melhor o atenda. Para alguns escritores, é praticamente impossível fazer essa adequação, o que provoca assim vivências de sofrimento em função de precisar conciliar necessidades formais de uma atividade fora da economia formal. A realidade social, econômica e cultural dos escritores deve ser considerada para essa adequação na teoria da psicodinâmica do trabalho que está mais focada em organizações que seguem padrões da economia formal.

O Gráfico24, a seguir, representa como você percebe o trabalho coletivo do escritor. Se ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações e seu processo de criação e de produção é coletivo.

GRÁFICO 24 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como você percebe o trabalho coletivo do escritor? Ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações e seu processo de criação e de produção é coletivo?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Percepção do trabalho como escritor” - emergiram do discurso as categorias: Ato de escrever, criação e obra. Sendo que na categoria Ato de escrever e de criação é um ato solitário. No entanto a Criação tem uma ação coletiva, roda de amigos e produção de intertexto e categoria Obra depende dos leitores e tem escritor que é especialista em biografias. Os escritores precisam fazer chegar seu produto o livro para a coletividade e precisam dela para criar e produzir a partir de seus imaginários, seus devaneios como citou Freud em seu ensaio sobre os escritores criativos e devaneio (1907 /1908). Pergunta Freud (1908)

[...] em saber de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo, retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e despertar-nos emoções das quais talvez nem nos julgássemos capazes. Nosso interesse intensifica-se ainda mais pelo fato de que, ao ser interrogado, o escritor não nos oferece uma explicação, ou pelo menos nenhuma satisfatória; e de forma alguma ele é enfraquecido por sabermos que nem a mais clara compreensão interna (insight) dos determinantes de sua escolha de material e da natureza da arte de criação imaginativa em nada irá contribuir para nos tornar escritores criativos (FREUD, 1907-1908, p.172).

Na categoria Criação aparece nos discursos como sendo um processo criativo solitário e coletivo que se desenvolve também nas rodas de amigos e no intertexto e como resultado do ato de escrever e da criação nasce à obra, o livro, o texto para o leitor e também deseja biografias para conhecer autores e personagens importantes da literatura.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Bom, eu acho que o trabalho do escritor é um trabalho muito solitário, mais tem aquela finalidade de levar aquilo pra coletividade né? Pra um mundo. Agente pensa o mundo seria tão bom se fosse o mundo mesmo iguais muitos escritores conseguiram né? Mas assim, agente tem essas limitações aqui de Goiás, que agente não tem essa condição de levar muito adiante, mais eu acho que é importante porque você, até pela receptividade das pessoas. Eu tenho recebido cartas, duas crianças do Paraná e que eu respondo, entendeu? Eu respondo, fala assim que elas querem ser que... Quero que você seja minha madrinha na literatura e tal e tal, sabe? Porque o livro chega lá, né? O livro chega lá, mais é uma cidade desses tamanhizim e a e a professora depois até me agradeceu, até porque, que estava coordenando o trabalho, porque ela faz esse trabalho literário com as crianças de lá dessa escola, então é essa coisa que agente espera atingir e isso talvez me fosse uma coisa que me deu mais prazer do que muitas outras mais importantes sabe? Não. Eu, eu geralmente eu trabalho o meu trabalho literário é um trabalho que é feito muito... É solitário o trabalho literário é solitário, mas eu tenho algumas pessoas com quem eu converso sobre o trabalho que eu acho isso importante. Que eu tenho um amigo, por exemplo, que foi o primeiro amigo que me incentivou a publicar o livro de poemas. Se eu não tivesse esse entrosamento, talvez eu até hoje tivesse com o poema na gaveta, né? Mas ela leu um poema falou assim, mas escuta o que você está fazendo que você ainda não publique isso? Você tem que publicar e aí surgiu à ideia de por meio dessa conversa de fazer um quadro sobre aquele poema que foi que me desprende um pouco mais de certa escravidão que eu tinha com a figura configurativa.

E2 Edival Lourenço:

A prática tem me mostrado que normalmente o autor escreve sozinho. No entanto cada autor tem uma roda de amigos de confiança que ele mostra seu trabalho antes de levá-lo a público. Nesse momento normalmente o autor aceita sugestões, as mais diversas possíveis.

E3 Eguimar:

Primeiro que a, eu tenho uma concepção que está na boca de outras pessoas, que a gente não deve mitificar e nem idolatrar a arte e a literatura como componente dela, a religião, ou a Filosofia, ou a ciência, esses grandes troncos da subjetividade mais institucionalizadas, reconhecidas e formalizadas, elas se disputam no seu interior, elas tem divergência no seu interior, por ex, pode ter uma literatura boa e uma literatura não tão boa, pode ter pintores vendilhões e charlatões, como pode ter pintores muito bons, o fato é não podemos mistificar e idolatrar a arte e dizer que é uma atividade mais suntuosa que qualquer outra no ser humano, ela carrega conflito, ela carrega contradição. No segundo, é que de alguma maneira, o trabalho do escritor este ligado a grande sentido histórico, por ex, as pessoas dito agora nos estamos em uma literatura confessional, às biografias e autobiográficas, se nos

pegarmos todo mundo, a biografia do jogador túlio, a jogador etc., ora se nos pegarmos a chamada literatura confessional, nos vamos ver que esta ligada por ex a uma força de uma subjetividade narcísica, esse tipo de literatura tem uma conexão com o sentido histórico que reina agora, agora nos temos dito que a literatura de autoajuda e esotérica cresce muito, a gente vai às livrarias e agente abre a porta da livraria e a gente vê um monte de livro de autoajuda e livros esotéricos, e alguns melhores outros não tão bons, alguns mais simplórios, outros mais sérios, etc., de repente o esoterismo e a autoajuda e as conexões com física quântica, neurolinguística tem a ver com o sentido histórico, até a organização da prateleira dos livros tem a ver, e de repente as capas e as cores, a gente vê as figuras ali, tem um sentido histórico, então nessa segunda parte, tem uma ligação de alguma maneira do trabalho do escritor consciente ou inconscientemente com seus temas, com seu estilo, com sua forma de narrativa, com uma conexão histórica, eu tenho consciência ou ele não tendo Consciência, às vezes é indicado que ele não tem consciência, ou seja, o trabalho do escritor ele é em si, coletivo, ele tem um enredamento coletivo, embora a narrativa, o personagem, as situações, os temas que geram os enredos, etc. sutil, íntima e profunda da sua vida. Então há que se ver o que é coletivo e o que não é o sentido histórico são sempre coletivos. Você me fazendo essa pergunta eu me lembro de Otavio paz, o Otavio paz diz o seguinte, olha a gente vê nos grandes períodos históricos, também grandes estilos literários, a gente, se estamos vivendo num tempo mais estilizado, se nos vivemos à aceleração do tempo, e daí se nos vivemos à ansiedade, se nos vivemos certa precariedade, é da alma do sujeito, nos temos um leitor igualmente fragmentado, apressado, o leitor ele não escapa do mundo, assim como o escritor não se escapa do mundo, em tudo que ele faz o que é íntimo, e o que é mais ao contrário disso? O trabalho de escritor, de qualquer outro artista, ele contribui se ele é capaz de expor aquilo que é mais singular, que é intraduzível, que é inalienável, que é irrepetível na boca do outro, porque ao ele expor a singularidade, ele mostra a riqueza da vida, ele mostra a riqueza do mundo, porque ninguém é o Brasigóis Felício, ninguém é o Edival Lourenço, ninguém é o marcos Bueno, é da roda do milagre de desistir (?) as pessoas serem singulares, daí a vida rica em si, se a obra dele, ele vai à singularidade, essa é a contribuição dele, o Otavio Manuel da Paz, ele ajuda a aumentar o mundo.

E4 Geraldo Coelho:

Bom, o trabalho coletivo que você diz... É porque o escritor ele tem tido um trabalho solitário, mas esse trabalho solitário também não deixa de ter uma conotação coletiva, já que o próprio interesse dele, a divulgação do livro é coletivo. Bom, eu acho que nós escrevemos para o público, ninguém escreve para si próprio, quem escreve para si próprio desaparece. Você escreve para o público, o público, cada público tem uma forma especial de gostar de determinados gêneros e determinados temas, então você escreve para o público e o livro é seu enquanto você está? Enquanto você está moldando, enquanto você está corrigindo, mas desde a hora que você lança o livro ao público para a sociedade, ele deixa de ser seu, ele passa a ser da coletividade, ele passa a ser da sociedade, aí é em que ele sofre críticas e também recebe muitos elogios, depende do ângulo e da forma que a pessoa lê o livro e a capacidade de discernimento do livro do trabalho do escritor. Nesse sentido, ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações o seu processo de criação é produto desse coletivo? Não eu não penso muito que seja do coletivo não, eu acho que é mais uma coisa íntima que você escreve que você pesquisa que você lê bastante, porque a pessoa tem que ler, pois sem a leitura você não faz nada e é uma coisa muito solitária, a pessoa escreve e escreve dentro daquele seu sentimento que está sentindo, tem a inspiração que muita gente fala que vem a inspiração, eu não sei se é inspiração, se é um dedo de Deus, ou se é o dedo de Alá, ou de quem determinar o nome de um ser sobrenatural. Eu acho que isso tem muito haver com aquilo que você escreve, porque tem poema que você escreve, inicia, tem início, meio e fim e sem você perceber ele está completo, tem poema que você vê que tem início, mas não tem meio, não tem fim ou tem início, mas não tem fim, o início

sempre tem e eu acho que a inspiração, ou a musa como dizem os antigos, os gregos da nossa história universal, então Eu acho que é uma inspiração, mas podemos dizer que talvez seja um dom de Deus ou uma inspiração porque existe um provérbio que O orador faz, o poeta nasce eu não sei até em que isso pode ser verdade, mas eu entendo que isso acontece.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Vejo a produção literária em si como um trabalho essencialmente solitário”. O trabalho coletivo realizado na literatura é a partir da criação e na maioria das vezes tem caráter didático. Existem sim parcerias como no caso de novelas, mas com um apelo mais comercial. O meu olhar sobre o ficcionista é de um ser que tira, no momento da criação, o máximo do que a solidão pode lhe proporcionar.

Mais solitário sim. Mas isto não quer dizer que o escritor não convive coletivamente. No entanto que se percebe é uma tendência natural de conviver com seus pares.

E6 Otílio Paiva:

Eu é o seguinte, li tempos atrás, se não me engano num M. Moises, ele fala de cosmovisão, e mundivivência, quer dizer mundivivencia que estamos vivenciando no mundo, quer dizer, vi vivencia mil coisas, aquilo ali são informações, que vi vai acumulando coisas que aconteceu com vc, ou você presenciou, ou você participou de uma forma ou de outra, ajudando, aconselhando não é, enfim, vai gerando a mundivivencia, você vai tendo uma visão de mundo, de mundo que é ao mesmo tempo uma visão sua e uma experiência sua Tb, coisa sua Tb, pra você ler, você pesquisa, você investiga, você observa, e aí você tem a sua visão do mundo, completamente diferente do outro, e não necessariamente a visão certa, normalmente não é visão certa, porque o mundo é multifacetadíssimo, porque se você, veja essa mesa assim, eu to vendo essa mesa desse lado aqui, eu to vendo uma realidade, se eu chegar nesse canto aqui é outra visão que eu tenho, nesse canto é outra visão dessa mesa, e é a mesma mesa, tanto é que, por exemplo, Fernando Pessoa costumava dizer o seguinte, isso eu não sei se é um poema dele, é um poema dele, em que ele diz assim, mais ou menos assim, de repente não é bem assim, mas ele diz assim, eu me lembro dessa passagem, diz assim: ver todas as coisas, ver de todas as formas, sentir de todos os lados para você realmente estar preparado, quer dizer essa cosmovisão e essa mundivivencia você realmente construiu uma obra que tem um conteúdo que tem um significado, não é uma coisa banal, uma coisa simples, uma coisa que todo mundo escreve, que todo mundo, repetidamente a mesma coisa, por causa disso, falta originalidade... Então respondendo a sua coisa, como é a sua pergunta? O coletivo do escritor é isso mesmo, então é isso mesmo, cosmovisão e mundivivencia dele, em minha opinião. Eu acho que existem os dois tipos, existe escritor solitário que é tímido, não conversa com ninguém, mas gosta de ler, é exímio observador, e aí ele é capaz então de realmente perceber coisas inusitadas e dizê-las de formas inusitadas, como por ex é o caso do próprio Fernando pessoa, não é? “O Fernando pessoa que inclusive tinha tantas visões de uma mesma coisa, que ele pra não se contradizer, ele criou os heterônomos, essa é a minha opinião.”

E7 Ubirajara Galli:

“Escrever por natureza nos sabemos Marcos é um ato individual, é um ato individual, é um ato solitário, claro que para que isso aconteça, esse ato solitário, você deve ter tido, e é impossível você fazer um bom trabalho que não tenha tido alguma convivência, uma elaboração para construção do seu potencial intelectual

para que você possa produzir um bom trabalho, mas é um ato individual, é como nascer, nos nascemos nos morreremos sozinhos, assim eu vejo o ato de escrever.

O escritor literário produz sozinho ou coletivamente? Todo processo de escrita, eu falo isso mais assim da minha experiência como produtor literário, é aquilo, é um processo individual, que após público, aí sim ele cria o seu Orkut, a sua comunidade, vai pro mundo de uma forma integrada, mas são duas etapas.

E8- W. Bariani Ortêncio:

Ahhh, não tem. Aqui é assim, o Rio Paranaíba é muito largo para as nossas produções pularem lá para o eixo, eixo é Rio / São Paulo, então tudo acontecia lá. Aí, nossa produção não pulava de lá para cá, de lá para cá o Rio ficava estreito para pular daqui para lá, então foi, mas os livros premiados pela bolsa Hugo de Carvalho Ramos, administrado pela UBE era feita na Revista dos Tribunais em São Paulo, então eu, por exemplo, como fui Presidente três vezes, esse concurso da União Brasileira dos Escritores, da Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, as comissões não veio, uma vez foi para Belo Horizonte, outra vez foi para o Rio, outra vez para São Paulo, sabe? Não fazia aqui porque aqui conhecia todo mundo e tal, as facilidades que vão aparecendo e sempre são mais dificuldades do que facilidades e depois em 1988/89 o Kleber Adorno que é Presidente da Secretaria da Educação, da cultura, primeiro foi do Estado, ele publicou 11 livros, a primeira vez saiu com 11 livros, depois ele já na Municipal publicou setenta e tantos e agora ultimamente ele publicou cento e trinta e tantos livros de uma vez. Até nós estamos querendo entrar no Guines porque não teve uma publicação, um lançamento igual nós chegamos de cento e tantos livros até hoje no mundo não teve isso, então nós vendo até entrar no livro dos Recordes. E tem saído algumas antologias, eu, por exemplo, sou colunista no Jornal O Popular desde 1991, já faz 20 anos, então todo ano eu aproveito essa publicação da Secretaria Municipal da Cultura e publico meus livros de crônicas que eu já tenho três, Crônicas 1, Crônicas 2 e Crônicas 3, então são esses os trabalhos coletivos que agente faz. Mas de um modo geral aqui nós não temos assim... Porque tudo que fala assim é Rio/São Paulo, é Rio/São Paulo, é Rio/São Paulo, nem o Rio Grande do Sul e o Pernambuco que são bem adiantados é Rio/São Paulo, e nós Aqui, eu já tenho uma editora fora, muitos autores e editoras estão editando fora porque falam que o Rio Paranaíba é muito largo, agora nós já estamos transportando para cá, então eu acho que assim relativamente, proporcionalmente nós temos mais produções que Rio/São Paulo, mais que o eixo (Proporcionalmente). Aqui é uma produção louca, a editora aqui faz 4/5 livros todos os dias. Todo dia é de 4 a 5, não existe isso... Eles fazem muita confusão entre gráfica e editora, a Editora é aquela que publica o livro por conta, pago direitos autorais, distribui e divulga agora a Gráfica o autor paga tudo e depois pega e leva... Distribui o total e aqui também tem uma turminha de poeta aí que vem lutando, vendendo os próprios livros em bares, sentando na mesa, as vezes a pessoa tomando uma cerveja, os rapazes chega e falam, olha querem comprar meu livro e não sei o que, tal, tal, tal, tal, tal e começou por aí, aquele ataque, porque se fosse editora tinha promoção, tinha divulgação, tudo, distribuição e tal. Então de um modo hoje até é assim, porque aqui em Goiás é assim se você não conseguir colocar seu livro no vestibular, adotar nas escolas e tal, só vende naquele dia do lançamento e no lançamento se você for vender o livro não dá para pagar o coquetel que você te que dar lá. Então é aquela luta danada, aí o. Eu, por exemplo, tenho várias editoras. Minhas editoras são do Rio, São

Paulo tem a Ática, tenho a José Olimpio Editora, Saraiva então para você conseguir entrar lá e ser editora é muito fácil.

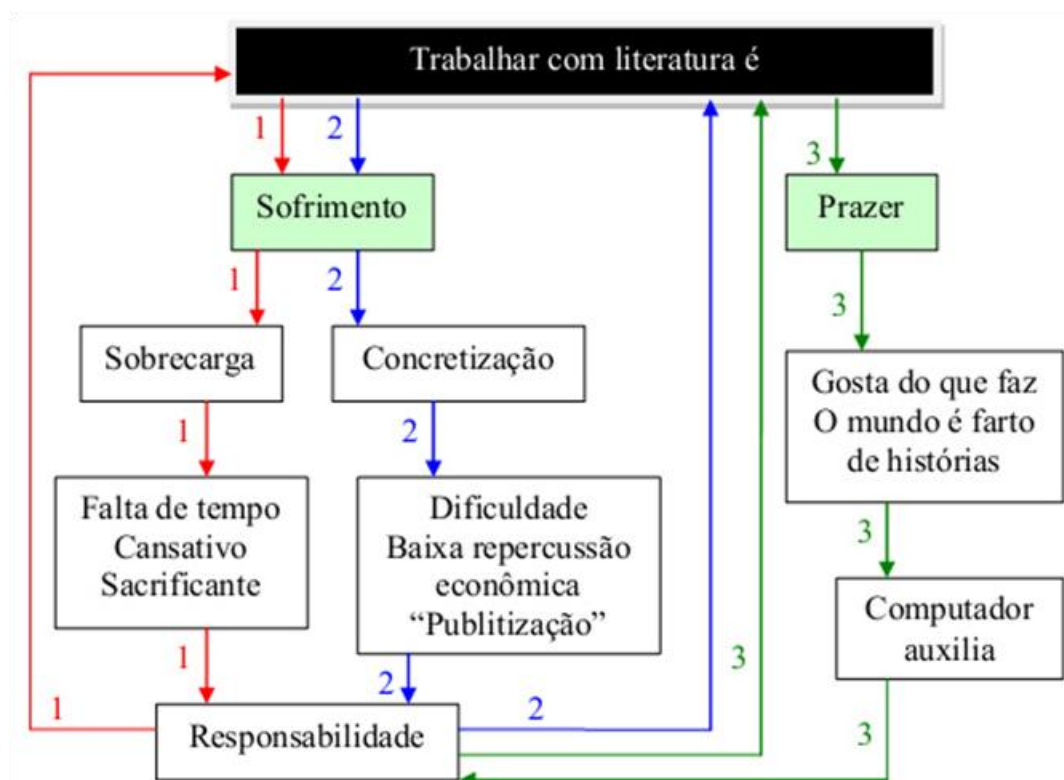
O trabalho e o processo criativo do escritor é eminentemente solitário, mas nem por isso deixa de ser também coletivo. Apesar de sempre escrever e produzir sozinho, ele tem um forte engajamento grupal e sociopolítico. Gostam de se reunir nos bares, encontros literários, feiras literárias, lançamento de livros, nesses momentos acontece o coletivo. No entanto a organização do trabalho não acontece da forma como propõe Dejours (1994) que compreende a divisão, a descrição de cargos, bem como a “divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, cadência e, enfim, o modo operatório prescrito e a divisão das pessoas: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle etc.” (DEJOURS, 1994, p. 125).

Pelos discursos dos escritores percebe-se esse labor solitário, estabelece um permanente estado de equilíbrio e tensão, em que buscam se adequar às situações que a organizações nas quais é dependente isto é editoras, gráficas, empresários culturais e literários, jornais, TVs, etc., lhes impõe, e/ou oferece, sendo que as condições de trabalho, bem como a sua organização, desencadeiam consequências no corpo e no funcionamento psíquico dos trabalhadores (1994).

O escritor espera obter o reconhecimento esforços para conseguir controlar a angústia e o seu sofrimento, em seguida o mesmo vai procurar outras formas de superar o ressurgimento do mesmo, desenvolvendo novas estratégias de enfrentamento.

O Gráfico 25, a seguir, representa o sentimento dos escritores com relação a UBE enquanto uma organização literária.

GRÁFICO 25 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Como é trabalhar com literatura? Quais as dificuldades e facilidades?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Trabalhar com literatura é...” - emergiram do discurso as categorias: Prazer e Sofrimento. A categoria Sofrimento está voltada para a sobrecarga, falta e tempo cansativo e sacrificante que é uma das preocupações centrais de Dejours (2004) que afirma que a dinâmica da vida moderna metaforizada por Chaplin em tempos modernos de fato está acontecendo e tem levado a precarização do trabalho nos mais diversos segmentos da economia e aqui na atividade literária não é diferente, os efeitos nocivos podem intensificar o sofrimento subjetivo que acontece no silêncio e no cair da noite no mundo do trabalho e que pode neutralizar a mobilização subjetiva e coletiva e que, nesse caso dos escritores, pode acentuar-se, pois trabalham na solidão do seu lugar e não se sabe se as estratégias defensivas do silêncio e do adoecimento sejam eficazes.

Dejours (2004) descreve que há um crescimento das patologias decorrente desse novo e precarizado mundo do trabalho muito normótico, o que Dejours (2004) chama de patologias da solidão. Nessa mesma categoria aparece a necessidade da concretização do trabalho, o livro que sofre com as dificuldades da baixa repercussão do mundo literário e da publitação, uma política literária pouco saudável a maioria dos escritores e a responsabilidade se torna um fardo pesado a carregar para colocar a obra a lume.

Também é cansativa e sacrificante, à medida que se tem que tirar tempo da família, dos amigos e de outros afazeres para ser exercida. Já na categoria prazer o ato literário torna-se sublimatório, gostam do que fazem, sentem prazer intenso, criam estratégias de enfrentamento peculiares e singulares para enfrentar o baixo retorno financeiro, o mundo dos escritores é povoado de muitas histórias e na atualidade o uso do computador é um excelente recurso e que alivia muito a revisão e reconstrução contínua de seus trabalhos, pois muitos são perfeccionistas, o que gerava um cansaço enorme com as máquinas de escrever manuais e mesmo as elétricas.

Para lidar com o tempo para escrever, para estudar, pesquisar, para a família, para o social, o encontro com os amigos, é preciso saber conciliar tudo isso para não sofrer porque não é possível multiplicar o tempo, multiplicam-se as angústias e os sofrimentos. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Dificuldade é tempo, que eu acho o tempo muito complicado né? E a facilidade é o prazer de fazer aquilo que você mais gosta então a facilidade é essa, que não é tão fácil também porque é muito trabalhoso, mas assim pelo menos é um lado mais prazeroso e facilidade, facilidade mesmo não existe, né? Eu acho que não existe facilidade. Eu sinto mil coisas. Eu sinto é, dificuldades às vezes, né, responsabilidade demais e finalização também da coisa bem feita eu acho trabalhoso e complicado, mas tudo isso prazeroso. Que responsabilidade de ser tanta coisa complicada e prazerosa.

E2 Edival Lourenço:

A literatura, como é uma profissão que você se apega com grande prazer, então é uma profissão prazerosa, ainda que tenha baixa repercussão econômica. Por outro lado é cansativa e sacrificante, à medida que você tem que tirar tempo da família, dos amigos e de outros afazeres para ser exercida.

E3 Eguimar:

Uma dificuldade é publicização, são os canais, como divulgam. A facilidade é que o mundo é farto de situação. Todo indivíduo, se tiver sensibilidade, arranca de sua história, elemento magnético autêntico. O coração humano é um infinito armazém de signos, a memória humana também. E isso não precisa de idioma, viajar, de se rico etc. Precisa ajustar a possibilidade para que a sensibilidade seja capaz de reconhecer... A realidade é farta de situações que abastecem a literatura, essa é uma facilidade. Outra facilidade é que se não tiver grandes pretensões, eu e você podemos, nesse momento, fazer um projeto pra daqui dez anos. Há pessoas que fizeram isso e se deram bem... Não é um projeto muito ruim escrever um livro devagarzinho, olhando, revendo, reescrevendo as frases, ou seja, a gente pode sair do tempo da fábrica pra fazer um romance.

E4 Geraldo Coelho:

As dificuldades até pouco tempo eram a publicação do livro, hoje já não sinto tanto essa dificuldade, mesmo aqui em Goiânia eu tenho a editora Kelps que é quem publica meus trabalhos e sempre vou. Converso, eles também tem uma pequena distribuição em Goiás, Mato Grosso, parece quem em São Paulo, Distrito Federal e no Tocantins e distribuem meus livros. E tem algumas editoras que distribuem também. Eu acho que é por aí mesmo. As facilidades que tenho são para a publicação do livro, que antes não tinha que era difícil. Hoje você já faz um acerto com eles dando a eles certa quantidade de livros, eles te passam os dividendos da parte financeira.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Ah eu, em minha opinião, trabalhar com literatura pra mim é prazeroso, e pra mim é fácil, porque eu tiro tempo pra fazer isso, sou disciplinado, me organizo, nunca tive problema.

E6 Otilio Paiva:

Ah eu, em minha opinião, trabalhar com literatura pra mim é prazeroso, e pra mim é fácil, porque eu tiro tempo pra fazer isso, sou disciplinado, me organizo, nunca tive problema.

E7 Ubirajara Galli:

A literatura ela é a opção que encontrei na minha vida, colocou na minha vida nos meus gestos de existir, as dificuldades que eu vejo, Goiás é maior que muitos países, faltam aqui essa oportunidade de distribuição de comercial daquilo q você produz, ou seja, que o livro saia daqui e passe a frequentar livrarias q são referencias em todo pais, então a dificuldade do escritor goiano aqui é realmente a distribuição do seu livro.

E8 W. Bariani Ortêncio

Eu não sei se você esta me perguntando coisas que eu já respondi e eu já te falei minha vida é esse aí trabalhar é hora que eu vou ali, bola uma coisa eu venho cá e escrevo bolo outra aqui e tal, então meu trabalho é continuo e primeiro eu escrevia a mão, bolava na cabeça e escrevia a mão, depois eu ia bater na máquina, hoje não, hoje eu já estou batendo direto no computador. A maior ferramenta de um escritor é o computador. O Coelho Neto escreveu 101 livros e naquele tempo nem na máquina não era, era na mão e os outros que batiam para ele, então já pensou se o cara tivesse um computador naquela época quantos livros ele teria feito, então o computador é uma ferramenta sim. O Zé Mendonça Teles e o Carmo Bernardes tinha uma frescura assim: ahhh eu tenho uma Olivettizinha, não quero saber dessa coisa não, aí eu chamei ele aqui, tanto o Zé Mendonça quanto Carmo Bernardes e falei bate aí um negócio assim, naquele tempo o computador para bater sinal, assim como o til não era igual é, ele bateu tudo e disse agora vamos consertar, aí falei assim, agora vamos aumentar a letra, agora vamos tirar essa parte daqui e passar para cá, vamos... Aí ele falou: Vou comprar um trem desses. Todos os dois sabe! Então hoje tem um poeta aí chama Gabriel Nascente, uma produção doida, ele bate os dois dedos na máquina, diz que não quer saber de computador não.

No caso do trabalho dos escritores, a organização do trabalho é diferenciada em relação ao conceito de organização tradicional proposto por Dejours (1994), quando aborda que a organização do trabalho compreende a divisão, a descrição de cargos, bem como a “divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, cadência e, enfim, o modo operatório prescrito e a divisão das pessoas: repartição das responsabilidades, hierarquia, comando, controle etc.” (DEJOURS, 1994, p. 125).

Os escritores, em sua maioria, são profissionais autônomos que fazem do trabalho literário um trabalho não remuneratório porque recebem muito pouco, ou quase nada pelo que produzem. Um dos escritores entrevistados disse que recebe um salário mínimo por mês para escrever uma crônica semanal a um grande jornal de circulação em Goiás, isso após mais de 50 anos como escritor e ter escrito nada menos que 40 livros todos publicados e esgotados.

Nos discursos dos escritores fica evidenciado que há mais sofrimento devido à ausência remuneratória e reconhecimento socioeconômico pela profissão do que pelo trabalho em si. No entanto cabe uma reflexão sobre as vivências de sofrimento.

De acordo com Ferreira e Mendes (2001) e Mendes e Morrone (2010) e Mendes e Araújo (2011), as vivências de sofrimento aparecem associadas à divisão e à padronização de tarefas, com subutilização do potencial técnico e da criatividade; à rigidez hierárquica, com excesso de procedimentos burocráticos, ingerências políticas, centralização de informações, faltam de participação nas decisões e não reconhecimento; e a pouca perspectiva de crescimento profissional.

Observa-se que no caso dos escritores as vivências de sofrimento se relacionam com a falta de reconhecimento do potencial intelectual e criativo, política cultural e pouca ou nula perspectiva de crescimento profissional que nesse caso é dada pelos leitores, pelo mercado e por instituições literárias como no caso da UBE.

O discurso de um dos escritores sintetiza as vivências de sofrimentos dos demais:

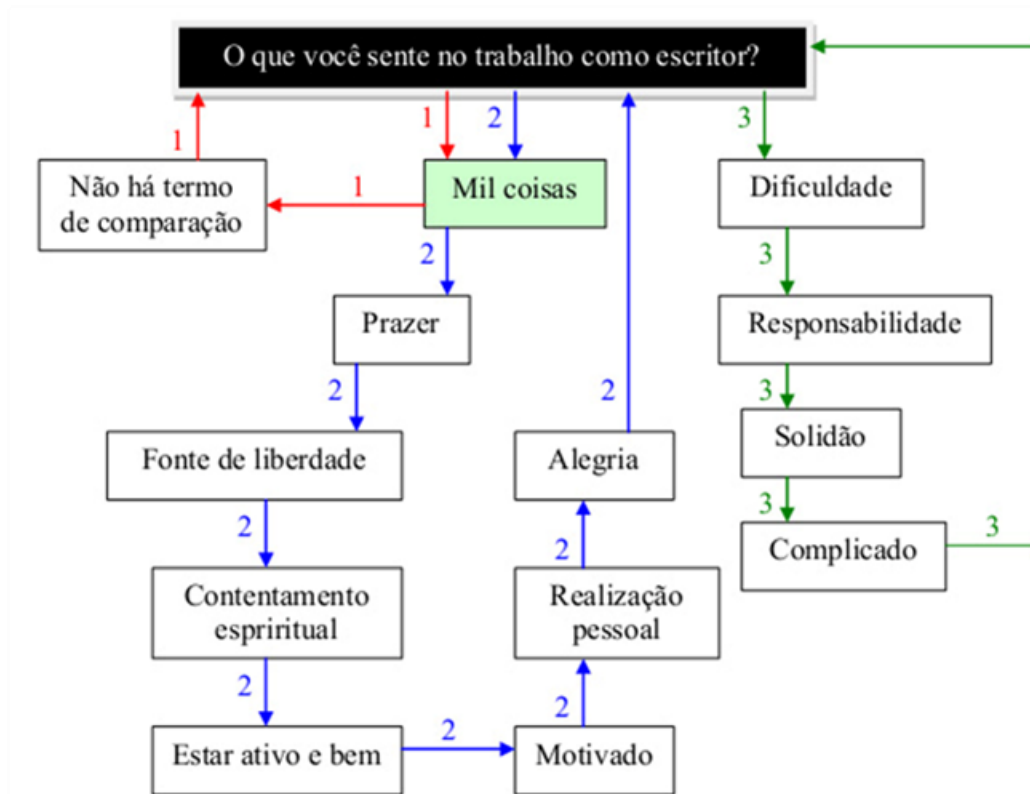
A literatura, como é uma profissão que você se apegar com grande prazer, então é uma profissão prazerosa, ainda que tenha baixa repercussão econômica. Por outro lado é cansativa e sacrificante, à medida que você tem que tirar tempo da família, dos amigos e de outros afazeres para ser exercida (EDIVAL).

Nas vivências de prazer está focada em fazer com paixão o que gosta de captar as histórias do mundo. O computador veio dar uma grande ajuda no trabalho deles, ainda que alguns fiquem presos à escrita manual ou a máquina de escrever, um dos entrevistados, o mais

velho com quase 90 anos é o que mais utiliza e é apaixonado pelo computador e critica os colegas que não usam.

O Gráfico 26, a seguir, representa o trabalho como Escritor Literário, o que você sente.

GRÁFICO 26 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados No trabalho como Escritor Literário, o que você sente?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “O que você sente no trabalho como escritor?” - emergiram do discurso as categorias: “*Mil coisas*” e afirmam não há termo de comparação que gera prazer, fome de liberdade, contentamento espiritual, estar vivo e motivado para produzir obtendo com isso a realização pessoal e alegria de um trabalho bem feito e reconhecido pelos leitores.

No entanto, aparece a categoria *Dificuldade*, que expressa e é porta voz da responsabilidade de atender os desejos dos leitores e da crítica e dos empresários literários e culturais, vivem na solidão do mundo do trabalho e precisam se habituar a esse lugar que sentem como um fazer complicado e precisam desenvolver suas estratégias defensivas e de enfrentamento para produzir um produto de qualidade para consumido pelos leitores.

Os escritores não demonstram sofrimento no trabalho literário, mas, sim, solidão, trabalho complicado, mil coisas, certa dificuldade em conseguir realizar seus projetos diante dos poucos recursos que recebem para produzir. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Eu sinto mil coisas. Eu sinto é, dificuldades às vezes, né, responsabilidade demais e finalização também da coisa bem feita eu acho trabalhoso e complicado, mas tudo isso prazeroso. Que responsabilidade de ser tanta coisa complicada e prazerosa.

E2 Edival Lourenço:

No momento da criação é um grande prazer. Não há termos de comparação com outras profissões ditas ganha-pão. A falta de canais de distribuição (editoras, livrarias etc. que demandem por sua obra) às vezes é um pouco frustrante. Mas como já disse, esse aspecto é também uma fonte de liberdade.

E3 Eguimar:

O meu amigo me revelou. O meu amigo faz rai-kai maravilhoso e, às vezes, a gente faz um pequeno verso, uma pequena frase e aquilo dá um contentamento espiritual. Por quê? Por estar contente é estar bem com o mundo, estar contente é estar bem consigo mesmo. Porque nós devotamos ao próprio espírito à capacidade de ação e transformação. O espírito humano não gosta da omissão, não gosta da repetição e não gosta do medo. Produzir qualquer coisinha é estar ativo, ter coragem e não repetir.

E4 Geraldo Coelho:

Sinto prazer. Sinto alegria, eu acho bom, é um trabalho prazeroso. Eu não sinto aquele parto de dor que muita gente fala, eu acho isso aí uma... Comigo nunca aconteceu isso. Eu nunca sofri por causa de literatura não, ao contrário, literatura sempre me deu alegria, portas abertas, muitos lugares as pessoas reconhecem, sabem quem sou eu, em muitos lugares eu levo até um livro para presentear, e quero viver até o último dia por conta da literatura.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Sinto-me adotada pela literatura.

E6 Otílio Paiva:

Eu sinto prazer, eu sinto prazer, mesclado com a preocupação de não ficar bom, de não ficar bom, de repente não vai ficar bom quando terminar, se bem que como já disse antes, terminei tudo, tudo.

E7 Ubirajara Galli:

É uma realização pessoal, se efetivamente publicada um referencial a mais de sua produção um compromisso uma responsabilidade a mais que vi tem de tudo que foi realizado até então, e no meu caso algo extremamente motivador, aquilo que é do meu trabalho se possível se esforçar para isso uma qualidade de resultado melhor que o anterior.

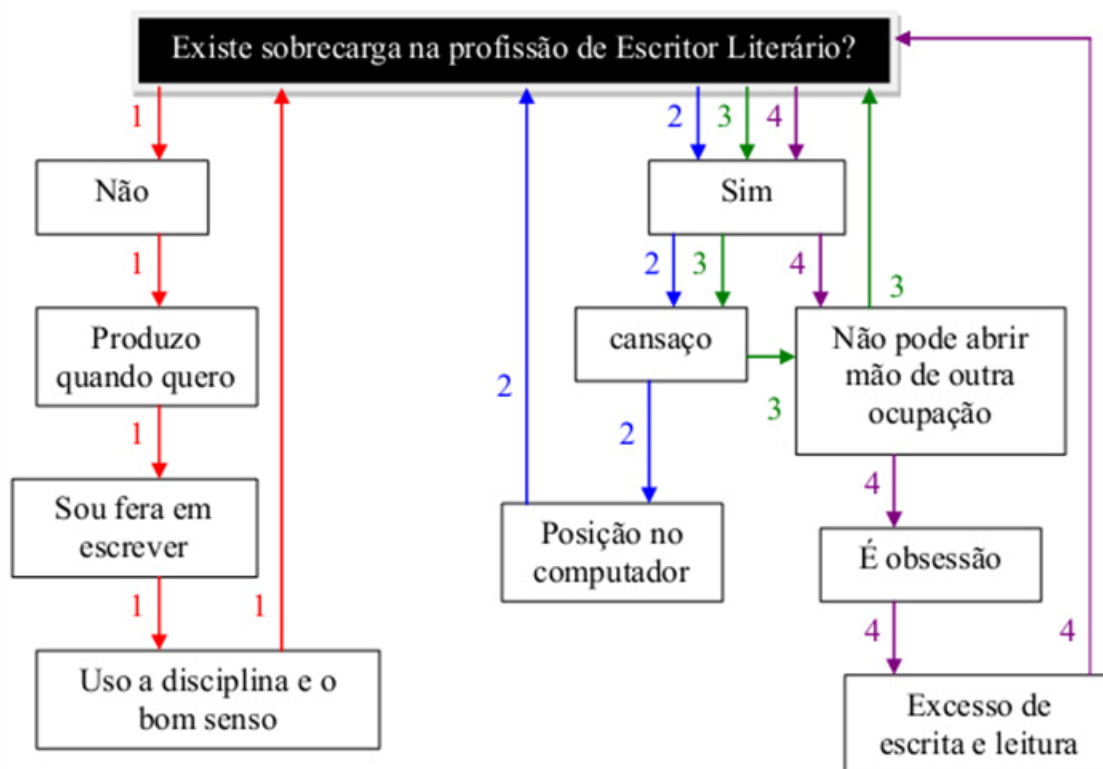
Os escritores vivem o conflito de um trabalho aparentemente leve como na insustentável leveza do ser preconizado por Milan Kundera (1984) na obra na companhia de muitos personagens e de Nietzsche, Parmênides de Eléia, Sartre e o mais maravilhoso: vez por outra o próprio escritor lhes faz companhia no livro, conduzindo-nos sabiamente pela Filosofia, explicando-nos a realidade sinistra de sua história, que se passa em 1968 na cidade de Praga (invasão russa em Tchecoslováquia).

Nos discursos dos escritores, fica evidente a forte emoção, os sentimentos que irradiam quando falam sobre o que sentem, dizer do prazer ,da paixão, do encantamento, do deslumbramento da escrita que percorre as histórias, as poesias, contos, crônicas, romances. Realizam-se pela produção literária. Sentem-se adotados pela literatura e pela preocupação constante do trabalho bem feito e de ser lido, lido reconhecido.

Buscam uma constante harmonia entre equilíbrio e tensão criativa, buscando adequar-se às mais diversas situações que o trabalho impõe e/ou oferece; as condições de trabalho podem desencadear consequências no corpo e no funcionamento psíquico dos escritores trabalhadores em decorrência desse desequilíbrio entre o prazer de produzir com qualidade, alegres, motivados e as dificuldades do trabalho em si, a solidão e as complicações oriundas do trabalho em si com o mercado. Ferreira e Mendes (2001) comentam que o sujeito, ao agir direta ou indiretamente (mediação instrumental) sobre o meio pela atividade de trabalho, é, ao mesmo tempo, transformado por ele em função dos efeitos e resultados de sua ação. Como num dos discursos “O espírito humano não gosta da omissão, não gosta da repetição e não gosta do medo. Produzir qualquer coisinha é estar ativo, ter coragem e não repeti.” Eguimar.

O Gráfico 27, a seguir, representa se existe sobrecarga de trabalho na profissão do escritor literário.

GRÁFICO 27 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você acredita que existe sobrecarga de trabalho na profissão de Escritor literário? Você sente cansaço ou fadiga por causa do trabalho? Por quê?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Existe sobrecarga na profissão de Escritor Literário?” - emergiram do discurso as categorias: “Não” e “Sim”. A categoria Não os participantes disseram que produzem quando quer, isto é tem autonomia e liberdade para trabalhar, são feras em escrever e usam da disciplina e do bom senso.

Já na categoria Sim, afirmam que há cansaço e a posição de trabalho no computador, ergonomia acaba gerando desconforto a saúde, até por que a maioria dos escritores entrevistados está com idade acima de 60 anos.

Essa sobrecarga no trabalho é potencializada pela necessidade de serem obrigados a ter outra ocupação para garantir a parte financeira deles e da família e poder sustentar a profissão de escritores quase como um sacerdócio, uma profissão que se parece com uma ONG, isto é sem fins lucrativos.

A própria condição de escritor é uma sobrecarga, já que você não pode abrir mão de outra profissão que lhe dê condição financeira para viver normalmente. Também eles veem

como uma obsessão pela literatura e o excesso de leituras e de escrever acaba gerando uma sobrecarga de trabalho podendo trazer sofrimentos e até adoecimentos.

Nas entrevistas, emergiu diante dessa situação aspectos de estratégias de enfrentamento individual e coletiva. Na estratégia individual, sinais de sentimentos e expressões riso, lembrança de situações com carga emocional, confiar no talento e ser determinado sempre, sempre. Na forma coletiva os encontros com grupos de escritores para partilharem sonhos, sofrimentos, decepções, a abertura para a palavra livre e sem censura e discussão em grupo.

A pressão por resultados depende de cada escritor, alguns convivem bem outros se sentem mais tensos a cobrança maior é deles mesmos e é algo positivo e faz parte do mundo do trabalho segundo os participantes da pesquisa. Percebe-se nas entrevistas que todos demonstraram ter boa estrutura de ego e desenvolveram ao longo da vida eficientes estratégias de enfrentamento e aprenderam a sublimar suas angústias escrevendo. Alguns trechos das entrevistas falam da sobrecarga no trabalho. Confira-se:

E1 Alcione Guimarães:

No meu caso não, porque eu escrevo quando eu quero, eu não tenho nenhum compromisso com a editora, talvez esses escritores grandes né, que tem que produzir para fazer... Quando eu pintava eu tinha sofrimento porque aí eu tinha que produzir aquela quantidade de quadro determinada época porque eu tinha que fazer tal exposição, aí eu falava meu Deus do céu, não esta saindo e eu ainda precisamos fazer tantos quadros, mas literatura comigo não te problema, eu não acho que é uma profissão.

E2 Edival Lourenço:

A própria condição de escritor é uma sobrecarga, já que você não pode abrir mão de outra profissão que lhe dê condição financeira para viver normalmente.

E3 Eguimar:

Eu acho que o que há é o perigo da obsessão. Toda obsessão é ruim e é muito interessante porque tenho amigos escritores e alguns ficam muito obsessivos. Às vezes, é bom ficar um tempo sem escrever. Eu tinha uma amiga que dizia: “Eguimar para de ler”, ou seja, ler obsessivo. Toda obsessão é demais. Quem escreve demais talvez atrapalhe a produzir de maneira diferente, a tomar outro rumo etc. e é muito interessante esta pergunta por que há perigo também no processo de escrever e de ler. Não há vida sem sofrimento e não há vida sem perigo. O processo de criação pode ser perigoso. Algumas pessoas enlouquecem. Há obsessão é um pontapé para o enlouquecimento. O alcoolismo, por exemplo, é o exagero de quem bebe e escrever com obsessão é um exagero de quem escreve isso mostra um pouco da sobrecarga.

E4 Geraldo Coelho:

Não. Comigo não, agora para o escritor e outras pessoas eu não sei. Como eu estava dizendo para você tem muitos escritores que falam que sofrem para escrever, eu acho que se tiver sofrimento não deve nem escrever porque eu acho que a vida não é de sofrimento, é de paz, alegria, felicidade, eu sou uma pessoa muito otimista, todo mundo acha que eu tenho até excesso de otimismo e na realidade eu sou otimista, eu acho que aquilo que me faz mal eu afasto aquilo que eu não gosto eu afasto, então eu sou uma pessoa feliz dentro da minha profissão, eu escrevo e sou feliz em escrever, gosto de escrever.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Como não tenho uma pauta a cumprir, trabalho no meu ritmo. Às vezes passo uma semana sem escrever nada. De repente o texto pede passagem varo a noite escrevendo. Meu caso é diferente de escritores que escrevem por encomenda. Fora alguns prefácios, participação em bancas de concursos literários e palestras, não tenho sobrecarga.

E6 Otilio Paiva:

Não, porque o a menos que eu seja profissional, ha uma sobrecarga, eu tenho que entregar um trabalho dentro de certo período, mas se ele é autônomo e tem independência, que é o meu caso inclusive, eu não trabalho sobre pressão de nenhuma editora, não trabalho sobre pressão de nenhum empresário, não eh, então eu não tenho esse problema.

E7 Ubirajara Galli:

Você tem que fazer realizar seu trabalho de tal forma que você também tem a disciplina e o bom senso, a sensibilidade de produzir de seu estado físico e mental para que você possa realizar da melhor forma a transposição dessas ideias a materialização dessa ideia o desenvolvimento dessa ideia o bom senso, se você estiver estressado não vaia fazer coisas boas e assim creio que as coisas da melhor forma.

E8 W. Bariani Ortêncio:

A minha saúde é de ferro, graças a Deus, não tenho preguiça, não tenho nada, não tenho hora, e eu quando... As minhas músicas ou outros CDS também hora que eu viajo eu sempre ponho no carro para ouvir, porque aqui eu não tenho tempo, então quando eu vejo já escureceu, quando eu vejo já é hora de dormir, minha vida é dedicada totalmente, por intuição né?

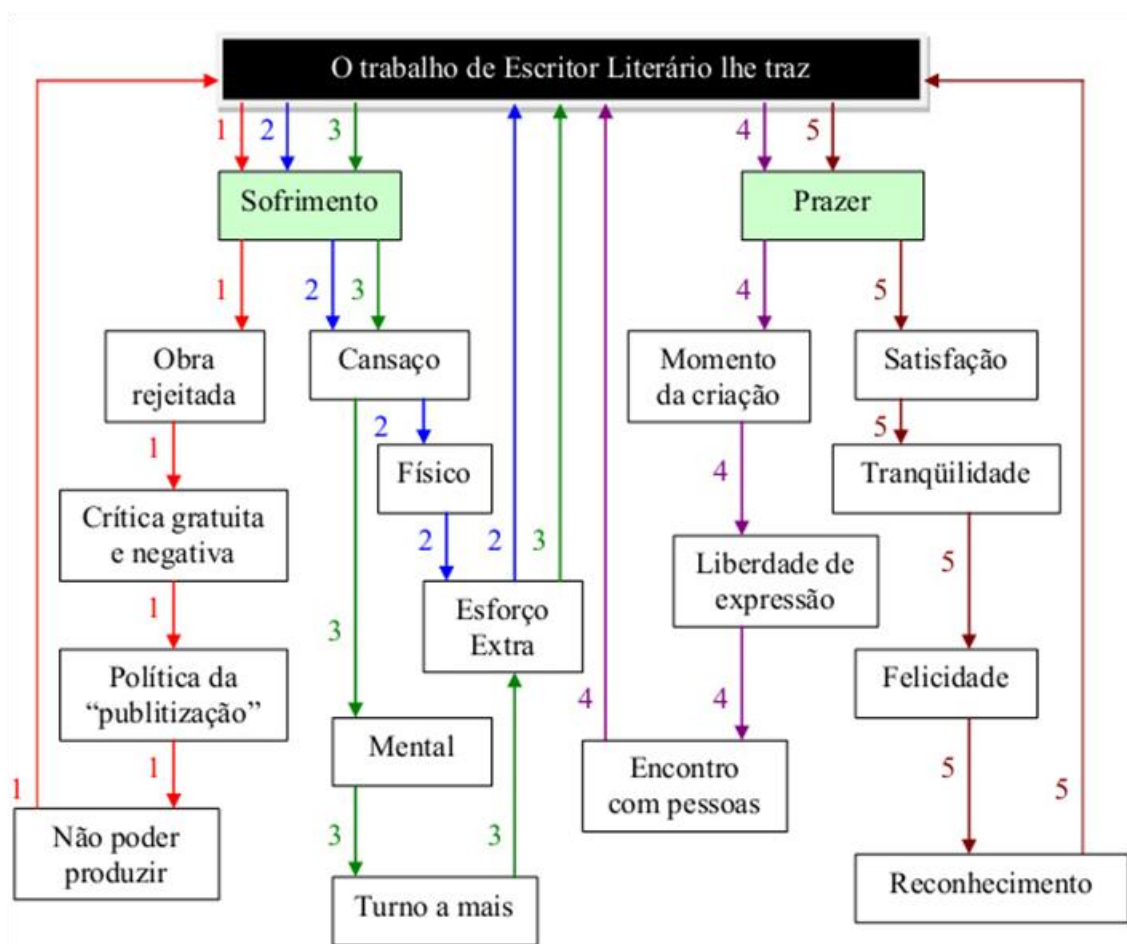
Visando a equilibrar o sofrimento advindo do sofrimento do trabalho, os escritores utilizam estratégias defensivas. Hernandez (2003) cita que, a pessoa na busca pela construção de sua identidade existencial, o trabalhar o fazer, o produzir algo reconhecido socialmente e utilizado permite um reconhecimento de si próprio como alguém que existe e tem importância para a existência dos outros, ao transformar o trabalho em um meio para essa construção. No entanto nem todos conseguem vivenciar a relação com o trabalho desta forma saudável e prazerosa.

Para Dias (2007), Santos e Macêdo (2010), Assis (2008), Brasileiro (2008), Sousa (2010) e Pires (2011) confirmam que entre alguns aspectos semelhantes nas organizações pesquisadas se encontra a sobrecarga no trabalho, que prevalece em todos os depoimentos dos profissionais.

Em termos de realização do trabalho, Dejours (1992) comenta que existe um sentimento permeando a relação entre os profissionais. Há aqueles que trabalham por encomenda para uma editora, ou um concurso ou as biografias que são todas demandadas pelos leitores, porque precisam ter um retorno financeiro. No entanto os demais preferem ter as produções próprias e que muitas vezes não conseguem vender a edição de seus livros e acabam por distribuí-los entre outros escritores, bibliotecas e leitores interessados. O trabalho sonhado e realizado com sucesso, muitas vezes, não é aquele esperado pelos escritores que vivem o ano todo fazendo palestras em escolas, institutos culturais, academias de letras, livrarias e lançamentos para divulgar seus livros uma vez que raramente tem esse apoio das editoras, razão da pressão e do sofrimento.

O Gráfico28, a seguir, representa quais as dificuldades que o escritor encontra para exercer o seu trabalho.

GRÁFICO 28 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados: Quais são as dificuldades que você encontra para exercer o seu trabalho e se você se sente ou se sentiu cansado ou fadigado por causa do trabalho? Como percebe este cansaço e se você acha que o trabalho de escritor pode levar a algum tipo de adoecimento? O que do seu trabalho poderá lhe trazer de sofrimento? Ou prazer?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “Quais são as dificuldade que o trabalho de Escritor Literário lhe traz” - emergiram do discurso as categorias: Prazer e Sofrimento. A categoria Sofrimento tem relação se a obra for rejeitada, recusada por uma editora ou por críticas gratuitas e negativas que nesse meio são muito comuns, pois é sabido que no meio artístico há muito narcisismo, muito ego exacerbado e muita inveja pelos bons trabalhos. Há também a questão da publicização a política literária de produzir ou não dependendo das redes de contato, do poder e do marketing literário. O fato de poder e não conseguir produzir

normalmente trás um grande sofrimento e frustrações aos escritores, pois vivem desse ideal de produzir e de esperar serem lidos.

O cansaço físico e mental é outro inimigo silencioso que vai tomando conta da energia criadora, somado ao esforço extra e um turno a mais em trabalhar no texto literário quando a maioria está descansando ou no seu lazer e entretenimento os escritores estão trabalhando arte para divertir os outros como cita Macêdo (2009).

Já a categoria Prazer é aquela em que conseguem sublimar suas angústias, cansaço, falta de reconhecimento financeiro e dificuldades na publicação pelo momento da criação, o momento em que o processo criativo se abre, expande-se e se revela-se pela liberdade e autonomia de expressão de escrever o que o desejo se apresenta e se manifesta nos livros e nos encontros com as pessoas. Também gera satisfação, tranquilidade e felicidade pelo reconhecimento do trabalho feito. O trabalho literário é muito prazeroso. Escrever para mim é vital. Não conseguiria viver sem cuidar de palavras. Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Não a única coisa que eu sinto cansaço é da minha posição no computador, mental nenhuma.

E2 Edival Lourenço:

Às vezes o trabalho de literatura é até uma forma de descanso, porque a gente sai de um trabalho sem muito prazer para um trabalho prazeroso. Mas no mais das vezes a gente cansa também no trabalho literário porque a gente quer sempre alcançar um nível de qualidade, realizar uma experiência estética, produzir um volume de obra e como a gente já vem cansada de outros afazeres, aí, bate um cansaço extra.

E3 Eguimar:

Às vezes, fico com vontade de ficar um mês sem ler. Devem ter uns trinta anos que não fico um mês sem ler, sem escrever, apaziguar muito o olhar, a própria mente e, lógico, faço exercícios bioenergéticos pra acalmar um pouco, sinto muito cansaço.

E4 Geraldo Coelho:

Não, não sinto. Eu sinto assim sono, na hora que me do sono eu vou dormir. Mas é porque ultimamente eu tenho trabalhado mais pela noite.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Não, claro que não. O trabalho literário é muito prazeroso. Escrever para mim é vital. Não conseguiria viver sem cuidar de palavras.

E6 Otilio Paiva:

Não, cansaço, cansaço, talvez sim, fadiga não, num certo momento eu penso assim, não eu vou descansar disso aqui um pouquinho, mas também dou uma volta, tomo um café, e aí já volto com a mesma disposição, não eh, porque eu tirei aquele tempo na minha historia, na minha coisa eu tirei aquele tempo pra fazer aquele serviço, eu não sou aquele que, por exemplo, eu gosto de escrever de manha, eu levanto mais cedo pra poder escrever, por exemplo, eu acredito que uma pessoa que escreva a noite, é a hora em que tem tempo, depois que trabalho, depois do jantar, depois de brigar com a mulher, de corrigir os filhos, aí hora que todo mundo dormindo, ninguém esta em cima dele, aí ele vaza, vara a madrugada escrevendo, esse talvez tenha a fadiga né.

E7 Ubirajara Galli:

Interessante, acho muito relativo estar cansado, fatigado, eu o que eu sinto é o que eu gostaria de produzir c mais intensidade, seria a plena dedicação à produção literária em duas perguntas anteriores, n é possível até então, mas quero afirmar q isso n é manifestação de tristeza, ainda q de forma parcial, mais eu estou feliz com o meus estagio e do jeito q estou levando a literatura.

O trabalho na arte literária não se identifica com a rotina do trabalho convencional, exige uma continua renovação de ideias, criatividade e dedicação a serviço do mundo do imaginário do escritor e dos leitores em que ele busca referências. É um processo de ligação e de interligação entre o Eu e o mundo e entre a subjetividade do autor e a intersubjetividade de seus grupos de convivência, exige muita determinação e paixão pela arte, evolução continua em se aprimorar na escrita, muita leitura e ser um bom observador do mundo, conforme cita Coli (1998). Para concluir uma obra, os escritores dedicam-se meses e até anos, um dos pesquisados disse trabalhou na produção de um livro por quinze anos, surge então a pergunta que tipo de trabalho sem remuneração daria motivação suficiente para que um trabalhador pudesse ter essa dedicação por tanto tempo apenas em um produto, para que o público pudesse sentir o prazer dessa leitura.

Dejours (1994, p.59) consegue responder a indagação acima: “O prazer do trabalhador resulta da descarga de energia psíquica que a tarefa autoriza o que corresponde a uma diminuição da carga psíquica do trabalho”. Isso significa que, quanto mais o trabalhador está sobrecarregado, menos prazer ele sentirá no trabalho e quanto mais motivado e mais sublimado o trabalho mais prazer ele obterá.

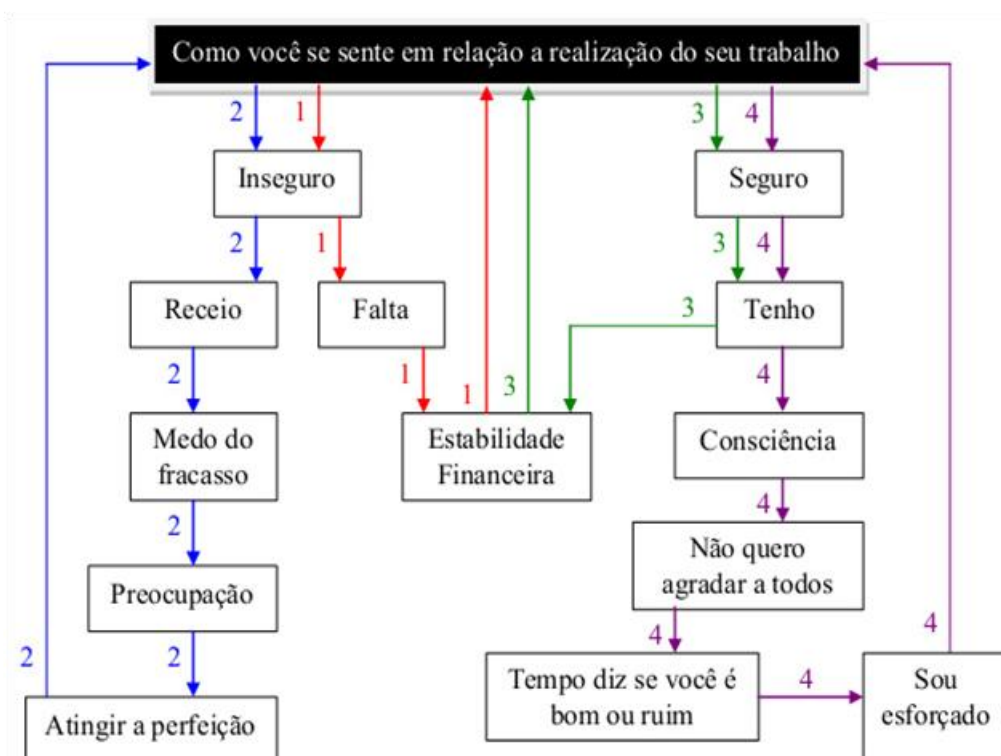
Na categoria mobilização subjetiva do trabalhador, ficou evidente pelos discursos dos escritores uma predominância por vivencias de prazer em detrimento das vivências de sofrimento.

O fato de ter que desempenhar várias funções, como trabalhar como advogado, professor, gerente, além de exercer atividades paralelas, nas quais o escritor, faz com que os trabalhadores do grupo pesquisado sintam cansaço físico (dores no corpo), cansaço mental

(*estresse e frustração*) e, ao mesmo tempo, sintam-se sobrecarregados, desencadeando sentimentos como choro, riso, teimosia e frio da barriga.

O Gráfico29, a seguir, representa Você se sente seguro ou inseguro ou com medo de fracassar na realização seu trabalho literário? Poderá lhe trazer algum sofrimento? Ou prazer?

GRÁFICO 29 Discurso dos escritores literários ao serem perguntados Você se sente seguro ou inseguro ou com medo de fracassar na realização seu trabalho literário? Poderá lhe trazer algum sofrimento? Ou prazer?



Fonte: O pesquisador

Diante do núcleo induzido: “*Como você se sente em relação à realização do seu trabalho*” - emergiram do discurso as categorias: “Inseguro” e “Seguro”. A categoria Insegura é a falta da estabilidade financeira é o principal fator, todos afirmaram que literatura não dá dinheiro e é necessário ter um emprego em outra atividade para garantir as finanças pessoais. Gera receio, o medo do fracasso até por que os escritores investem tempo e dinheiro e ausência na família o que acaba gerando uma cobrança por resultados e a preocupação constante em atingir a perfeição. Na categoria Seguro, a maioria dos entrevistados possui certa estabilidade financeira o que lhes permitem o exercício da literatura, também ele tem consciência que não vão conseguir agradar a todos e o tempo vai dizer se o escritor é bom ou ruim, mas é necessário ser esforçado para alcançar resultados.

Alcione diz que não, algum receio sim, mas supera pelo esforço e pela determinação no trabalho. Edival diz que já teve medo de fracassar, mas com o passar do tempo aprendeu a ter confiança no que faz. O tempo é o grande juiz.

Alguns trechos dos discursos destacam esses aspectos:

E1 Alcione Guimarães:

Não, agente tem algum receio, mas assim, eu não sinto tanto assim porque eu sou esforçada demais e sempre quando eu chego para finalizar uma coisa eu demoro demais, eu tenho que ter muita segurança para fazer aquilo sabe? Mas agente sente certa insegurançazinha, fala será que isso vai ser bem lido? Tem dia que eu leio uma coisa que eu escrevo que eu acho que esta ótima, aí eu leio a mesma coisa no dia seguinte e acho que não este tão bom, então é relativa.

E2 Edival Lourenço:

Já tive medo de fracassar. Hoje não. Não porque eu tenha adquirido confiança de que eu seja um bom escritor. É que compreendi que não adianta se preocupar com isso. O que vai dizer se você é bom ou ruim é o tempo. Isso só vai acontecer quando você não estiver mais aqui. Compreendi que isso está fora de minha área de atuação. Só me resta então desenvolver minha obra. O resto é com o senhor da razão: o tempo.

E3 Eguimar:

Não, de jeito nenhum.

E4 Geraldo Coelho:

Não, inseguro não, eu tenho muitas vezes receio daquilo que eu estou terminando de fazer porque eu acho que a minha obrigação hoje, é cada livro que eu publico tem que ser melhor do que aquele tem que ser mais perfeito, então muitas vezes essa perfeição é que me põe com certa preocupação, mas também depois que eu lanço um livro eu não vejo, não quero saber do livro, durante um ano, dois anos, três anos, porque daí é que eu vou ler o livro novamente para ver até as falhas.

E5- Maria Luíza Ribeiro:

Não sinto nenhum tipo de insegurança. Tenho consciência do que faço, faço com seriedade, profissionalismo e não tenho pretensão de agradar a todos. Quando releio meus livros (12 publicados) constato que meu texto cresceu, amadureceu e continua melhorando. Não disputo espaço, cada um tem o seu leitor. Então nem penso em fracasso.

E6 Otilio Paiva:

“Não, não sinto, porque, bom me deixa pensar melhor aqui, medo de fracassar, não, porque eu tenho completado meus trabalhos, vamos colocar do ponto de vista de escrever uma coisa ruim, as pessoas criticarem, também não eu acho que eu ganho, eu aprendo se alguém diz assim você escrevi mal, eu quero escrever bem, então me ajuda, entendeu, agora, por exemplo, no caso fracasso financeiro, se fosse minha profissão, minha única maneira de ganhar dinheiro, o que não tem sido mesmo

porque eu não tenho ganhado dinheiro nenhum, então, tirei dinheiro do bolso pra fazer isso.”

E7 Ubirajara Galli:

Não, me sinto muito bem no meu trabalho, a experiência que obtive me faz deixar seguro no que eu faço.

E8 W. Bariani Ortêncio

Não tudo que escrevo a Kelps e a Saraiva publicam.

E9 J.Mendonça

Já passei essa fase na minha vida de se sentir inseguro e hoje me sinto seguro para escrever e me dedicar aos livros e a literatura.

Dejours (1992) afirma que é saudável que o trabalhador consiga conciliar as demandas oriundas do trabalho com as necessidades pessoais, o que pode ser alcançado pela experiência e competência do trabalhador as exigências do próprio trabalho. No caso dos escritores, é difícil de adequar o padrão normal do mundo trabalho em função serem autônomos e poucos têm uma demanda contratada com datas e prazos fixos e horários de trabalho. Exceção aqui para os escritores que escrevem crônicas, ensaios e poesias para jornais e revistas e biografias pessoais; nesses casos, eles têm um contrato com datas para entrega do trabalho literário, ou seja, textos ou livros. Essa pressão por produzir com prazos fixos e na maioria das vezes como afirmam os pesquisados com pouca remuneração e não raro escreverem para jornais e revistas sem remuneração o que provoca assim vivências de sofrimento. A realidade social, cultural e econômica dos escritores deve ser considerada nesse contexto de trabalho e vida.

O que mais se destaca nos discursos dos escritores pesquisados é que já superaram essa fase da insegurança característica do início da carreira que pode ter trazido algum sofrimento, no entanto a instabilidade financeira de trabalhar como escritor literário é fator crítico e mesmo que indiretamente traz algum sofrimento que é atenuado por outra atividade econômica para poderem exercer a literatura com certa tranquilidade e não deixa de ter uma sobrecarga o que pode causar sofrimento para o trabalhador conforme destaca Dias (2007). O prazer de poder escrever com liberdade e buscar realizar um trabalho de qualidade e se superando ao longo do tempo até obter o reconhecimento da crítica é fator decisivo na vida dos escritores.

Com relação às Estratégias de Enfrentamento do Sofrimento decorrentes das dores, das angústias vividas no trabalho, Dejours (1999), influenciado pelo legado da Psicanálise,

propõe uma escuta atenta à fala dos trabalhadores. Não só a fala individual, mas principalmente a coletiva. No trabalho literário, o trabalho é solitário, mas eles se reúnem frequentemente para dar voz ao produto do trabalho buscando sempre o reconhecimento financeiro e simbólico.

Visando a reduzir os impactos do sofrimento do trabalho Dejours (1999) apresenta uma estratégia que é a de chamar a atenção para a dimensão coletiva e desenvolver novas abordagens para a análise e a avaliação da cooperação. Na Clínica Psicodinâmica do Trabalho, se o sofrimento é da ordem do singular, sua solução é coletiva. Para tanto, é fundamental que se crie o que o autor chama de espaço público de discussão coletiva.

6.5 Devolutiva e Validação dos Dados

Na sessão de devolutiva e nas destinadas ao espaço público de discussão coletiva foram apresentados os dados encontrados, distribuídos de acordo com as categorias da Psicodinâmica do Trabalho, com destaque *a posteriori* tendo em vista que as *a priori* foram estudadas no Estudo 1 com os escritores listados nos Cadernos de Literatura Brasileira CLBs do Instituto Morei Salles e no livro de Chiodetto (2002). Essa análise deu subsídios para o Estudo 2 com escritores da UBE-GO. Nas sessões coletivas, foi dada a palavra a todos os escritores para ampliarem suas respostas dadas durante as entrevistas individuais. Na entrevista de validação dos dados, foram apresentadas as conclusões acerca das categorias da Clínica Psicodinâmica. As sessões coletivas apresentadas não têm aqui um propósito de definir uma identidade para o grupo de escritores pesquisados, mas sim expor a fotografia do momento (Mendes; Araújo; Merlo, 2011).

Na **categoria 1 “identidade profissional e arte”** detectou-se que trabalhar na literatura e pertencer a UBE é um trabalho gratificante, porque é criativo, formador de opinião, exige constantes leituras e participação nos eventos literários e, notou-se que é pouco gratificante, porque é pouco remunerado. Ficou evidente que o trabalho de escritor mesmo na solidão do seu recanto consolida sua identidade, tendo como *locus* privilegiado a situação de trabalho. Na arte estimula a criatividade e traz a possibilidade de se transmitir nos livros, textos e palestras a arte literária por meio da sublimação.

Quanto à **categoria 2 “organização do contexto de trabalho”**, na entrevista de validação dos dados, foi consenso de todos que praticamente não existem normas formais, como disciplina, pontualidade, carga horária exaustiva e muitas vezes sem folga e, o que há

são normais informais, como o trabalho autônomo e a flexibilidade de horário e o compromisso de entregar um livro para publicação ou um texto para um jornal ou revista. No que diz respeito à remuneração todos estão muito insatisfeitos, pois não há recebimento de honorários ou gratificações. Só há o reconhecimento do público leitor como recompensa.

Quanto às condições e relações de trabalho, todos concordaram que são boas, porque trabalham em casa com ambiente arejado, climatizado, de boa higiene, destaca-se, no entanto que todo o investimento é por conta dos escritores. Aqui, nesse aspecto, o trabalho dos escritores literários apresenta diferenças substanciais do trabalho comparado com outras organizações da economia formal. A organização é mais informal e individual, cada faz sua organização segundo seu estilo pessoal, as condições de trabalho também dependem dos recursos de cada escritor, mas normalmente trabalham em suas casas e criam um pequeno local que denominam de oficina literária. Há alguns poucos, como José Mendonça Teles e Bariani Ortêncio que, após mais de 40 anos dedicados à literatura, criaram institutos culturais com o nome deles. Com relações as relações de trabalho eles vivem e trabalham na solidão para ativar seus processos criativos na produção literária, mas tem boa convivência social.

Na **categoria 3 – “mobilização subjetiva do trabalho”**, no que diz respeito às vivências de prazer, sofrimento e às estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho, foi validado o seguinte: quanto às vivências de prazer, foi validado que o trabalho do escritor literário é desafiador, apaixonante, tem significado e sentido existencial e importante; liberdade e autonomia no trabalho. Há reconhecimento social do trabalho, mas não remuneratório, o que os obriga a ter um segundo trabalho para arcar com suas necessidades econômicas.

Trabalhar como escritor e pertencer à UBE é um trabalho que gera prazer, pois e se sentem apoiados e realizados, trabalham mais por paixão do que por obrigação e remuneração se sentem felizes na profissão de escritor.

Quanto às vivências de sofrimento, o destaque foi para a ausência de remuneração, precisar trabalhar em dois turnos, todos foram unânimes em concordar com o turno extra e cobranças de produzir um trabalho de qualidade e sem recursos financeiros para esse trabalho literário o que acaba gerando desgaste físico e mental. Precisam dividir o tempo livre com a literatura.

Os escritores utilizam como estratégias de defensivas e de enfrentamento do sofrimento a sublimação no trabalho literário, o apoio afetivo da família e amigos e da UBE.

Visando a fazer a devolutiva dos achados nas entrevistas e fazer uma aproximação com a Clínica Psicodinâmica do Trabalho foi realizado o Espaço Público de Discussão Coletiva dividimos a apresentação em cinco categorias de análise, a saber:

Categorias de análise no espaço público de discussão coletiva

Categoria 1: Identidade profissional e arte

Categoria 2: Organização do contexto de trabalho (organização, condições e relação de trabalho).

Categoria 3: Mobilização subjetiva: vivências de prazer – vivências de sofrimento e Estratégias de enfrentamento e sublimação

Categoria 4 Espaço de discussão coletiva

As categorias foram definidas tomando como base os resultados das entrevistas individuais.

Categoria 1: identidade e arte/ processo criativo

Trajetória e atuação profissional

Identidade é o que nos distingue dos outros, é o estilo pessoal na relação com a tarefa e reconhecimento pelo outro (DEJOURS, 1990). O individuo precisa ser útil, sentir-se capaz, ser seu produto final, saber a sua história no trabalho, ter prazer no que faz não se mecanizar, participar. Ter uma identidade é não se alienar.

Categoria 2 : Organização do trabalho

Controle, trabalho repetitivo, horários fixos, trabalho prescrito x trabalho real, rigidez hierárquica. Não se aplica nessa pesquisa como previsto pela psicodinâmica do trabalho de Dejours (1992, 2004^a), devido à peculiaridade de organizações literárias, entende-se o trabalho como possibilidade de promover a saúde mental de homens e mulheres, mas como uma constante luta entre as condições, que geram sofrimento e prazer, provenientes da organização do trabalho.

Categoria 3: Mobilização subjetiva (vivências de prazer-sofrimento, Estratégias de enfrentamento)

A mobilização subjetiva permite a transformação do sofrimento a partir de uma operação simbólica: e uma ação concreta sobre o resgate do sentido do trabalho. Esse sentido depende de outro: do coletivo de trabalho. O coletivo é construído com base em regras que não são apenas técnicas, o que é denominado de coletivo de regras. Elas se reportam também aos valores, pelo julgamento da estética e da beleza (qualidade) do trabalho.

Dejours *et al.* (1994) definem as estratégias defensivas coletivas como o mecanismo pelos quais o trabalhador busca modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que o faz sofrer. A atividade profissional constitui fonte de satisfação, se for livremente escolhida, isto é, por meio de sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) persistentes ou constitucionalmente reformados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. A grande maioria das pessoas só trabalha sob pressão da necessidade, e esta aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis.

Categoria 4: Espaço Público de discussão coletiva

6.6 Resumo das transcrições das falas durante as sessões (devolutivas) com os escritores

Nesta seção, apresentamos um resumo das falas ocorridas durante a sessão devolutiva.

Marcos Bueno cumprimenta a todos e agradece a participação na pesquisa e explica como será o formato das sessões. Foi apresentada uma síntese das análises dos discursos dos escritores (entrevistas) e criado o espaço público de discussão coletiva, local e espaço destinado às falas livres dos escritores em que puderam concordar discordar ou acrescentar ou sugerir novas intervenções ou ações que tiveram início no dia 27 de abril de 2012. O pesquisador disse também que a reunião seguiria um formato acadêmico em função da pesquisa, no entanto com mais liberdade e autonomia de comunicação que é a característica do grupo de escritores, podendo ter intervenções durante a apresentação e/ou no final. A apresentação dos resultados seguirá a ordem das categorias da psicodinâmica do trabalho.

O Presidente da UBE Edival também falou e concordou com as colocações do pesquisador.

O pesquisador abriu a apresentação dos achados na pesquisa. Assim, como o nosso público de escritores de certa forma é um público mais informal, apesar de ser assim uma apresentação que é uma exigência da academia, da universidade, mais já eu separei três blocos para ser mais didático e menos cansativo. O pesquisador explicou que foram vinte horas de gravação e mais de 200 páginas transcritas sobre o trabalho literário dos nove escritores da UBE-GO e disse:

Também estamos contando com a presença de Ana Luiza secretária executiva da UBE e escritora com vários livros publicados que nos ajudou nessa organização desse evento que nos ajuda muito nesse trabalho. Então eu quero aqui destacar o meu agradecimento, não só meu como a minha orientadora, a Profa. Dra. Kátia Barbosa Macêdo que durante esses três anos, tem me ajudado muito nesse trabalho e não está aqui por estar em aula nesse momento. E homenagear vocês escritores liberais, que participaram dessa pesquisa. Então a todos os escritores eu sou grato, pela a disponibilidade, pela generosidade, paciência, estar participando dessa pesquisa pioneira do Brasil. Esse é um trabalho pioneiro do Brasil. Nesse tempo comigo, em letras de forma, palavras impressas, e espero apos a defesa da tese

tornar à tese um livro, pela editora da PUC e da UBE! É com os escritores literários que estão contribuindo e que foi gerado duzentas paginas. Então pelo trabalho literário, vocês constroem as suas identidades, criadores de sonhos, escritores da palavra, criador de textos memoráveis, vocês mobilizam relações sociais, inspiram e captam o mundo imaginável, seu e o do outro, e sublimam os seus sofrimentos.

Então aqui, é base da construção da tese. Como é que esse processo começou? Inicialmente a escolha da temática que foi falar sobre o mundo do trabalho dos escritores né. Então a minha orientadora a professora Kátia Barbosa, é ela me orientou o seguintes; bom Primeiro, ela passou dois livros para minha leitura inicial, do Ramon Pesquero sobre a Cora Coralina nossa grande poetisa goiana, e o livro do Eder Chiodetto, jornalista e também repórter e fotógrafo “O lugar do escritor.” Ele fez uma pesquisa com 33 grandes nomes da literatura brasileira. Esses grandes ícones da literatura brasileira. Jorge Amado, o Ferreira Goulart. E desse livro, eu tirei já uma fundamentação viável para pesquisa uma raiz, para entender sobre o assunto. Dois livros que me deram uma base para eu entender esse mundo dos escritores. Como é que eles trabalham? Como é que é seu processo criativo? Como é suas vivencias? E aí veio uma terceira fonte, foi um contato com a professora Dra. Kênia M. de Almeida Pereira de literatura da Universidade Federal de Uberlândia, que me indicou alguns caminhos possíveis para pesquisa nos Cadernos de Literatura Brasileira do Instituto Moreira Salles, daí eu comecei fazer contato. Com o pessoal de fora, tanto os escritores, quanto os professores de literatura, psicanálise. As três fontes de contato, Escritores.

Categoria 1 Identidade profissional e arte/ processo criativo

MB faz apresentação de quem está na reunião: o Edival Presidente da UBE, o Geraldo, a Alcione, a Ana Luiza secretária executiva da UBE e escritora com livros publicados foi convidada para essas reuniões também. Para amanhã está confirmada a presença do Ubirajara, o Eguimar está em bancas da UFG e não poderá vir, o Otílio está viajando e a Maria Luiza (Malu) vai chegar de viagem amanhã e virá a nossa reunião aqui na UBE. O Jose Mendonça devido ao estado de saúde vamos entregar os resultados para ele em seu Instituto cultural assim como vamos fazer a devolutiva ao Bariani em seu Instituto cultural. O nosso colega, o professor Sólton também faz parte do Doutorado e está aqui participando desse espaço como professor assistente de pesquisa.

Começam os cumprimentos... Falam todos ao mesmo tempo. O colega que faz parte do doutorado explica o motivo de ter chegado atrasado, por isso quero dar um obrigado a vocês.

MB (pesquisador) Bom, então vamos começar aqui apresentação! Em primeiro lugar, eu quero agradecer à presença de vocês. O Eguimar, não vai poder estar presente ele já me avisou porque ele está em duas bancas, hoje e amanhã na UFG. E o Bariani, amanhã a reunião será no instituto Bariani Ortêncio na casa dele, fica uma devolução mais fácil e mais rápida pra ele. O Jose Mendonça, devido a dificuldade dele de saúde, também fará com ele a devolutiva talvez se der no lançamento de mais um livro dele hoje à noite. O Ubirajara Galli vem na reunião de amanhã! Também a Marilu, a Malu virá amanhã. Então eu espero estar em contato com vocês amanhã para darmos seguimento às discussões. Aqui tem a, o titulo provisório da tese, com a relação às vivencias dos escritores em relação ao seu trabalho.

Então sim inicialmente qual foi o objetivo? Falar sobre a questão do trabalho para os escritores? Será que os escritores trabalham ou ele faz lazer? E dentro desse

enfoque? Olhando pela ótica que o escritor trabalha é um trabalho que ele Buscou um referencial teórico, psicodinâmica do trabalho, Christophe Dejours médico do trabalho Frances, também psicanalista, trabalha quase quarenta anos na área da medicina do trabalho, ele por ser psicanalista, ele levou a psicanálise pra dentro do mundo do trabalho, foi isso que ele chamou de psicodinâmica.

Durante a apresentação, eu vou abordar os resumos, na verdade os slides são os resumos das falas de vocês. Eu organizei no final de cada bloco, abrir um debate de discussões, mas vocês quiserem podem interromper, já que somos um grupo pequeno fique a vontade.

Categoria 2: Organização do contexto de trabalho (organização, condições e relações de trabalho)

[...] é singular e cada escritor tem a sua própria organização de trabalho que envolve organização, condições, relações de trabalho, mobilização subjetiva e estratégias defensivas ou de enfrentamento em decorrência da especificidade do seu trabalho. A construção dos espaços públicos de discussão, cooperação e reconhecimento é realizado pela UBE – União Brasileira de Escritores Seção Goiás, pois essa instituição é nominada por eles de “A voz do escritor” que cria esses espaços e momentos em que a fala é livre e a escuta considerada por eles como autêntica.

A **organização do trabalho**. Isto é como que você organiza o trabalho de vocês? Tem-se uma estrutura, se tem horários, se tem uma hierarquia, se tem divisão de tarefas, chegou uma conclusão que não tem nada disso! Não tem nada disso... Risos... MB continua o mundo do trabalho com **organização do trabalho** do escritor ela é uma organização totalmente atípica. Das organizações convencionais, que nós conhecemos né. Até por, que pra ser muito criativo, fica difícil ser muito engessado né. Vocês concordam né? As organizações convencionais já são muito engessadas né. Já enquanto o escritor não, o escritor ele se adaptam a situação que ele vive né. Ele abre um escritório na casa dele, uma mesa próxima da sala né, enfim. E assim por diante ele faz sua **organização do trabalho**, de uma forma diferenciada né. O trabalho do escritor. E com muito trabalho, como ele percebeu que na realidade, que muita gente trabalha porque precisa, ou porque necessita como diz o Geraldo. Mais também sofre! É muito trabalho em certos momentos, pode trazer algum sofrimento como cita Dejours para o trabalhador. E por ser psicanalista, ele passou a fazer uma análise desse mundo do trabalhador. O trabalhador tem sempre um desejo que nem sempre pode ser expresso, muitas vezes é que proibido, não pode fazer o que quer, não pode falar, não pode. Tem uma série de, não pode! Não pode! Não pode! E isso vai muitas vezes vai ocasionar no trabalhador o que ele chamou de sofrimento do trabalho. A psicanálise com esse trabalho veio trazer a luz no mundo das organizações. Mais o escritor tem uma organização? Tem! Ele tem. Primeiro que ele sendo escritor as maiorias dos escritores são autônomas, então ele é a sua própria organização. Ele é sua organização, condições e relações de trabalho. E ele é o caso aqui em especial da tese. A UBE funciona também como esta organização, a em que ele se abastece, aonde ele se encontra no coletivo, a em que ele troca ideias, busca apoio e reconhecimento. Todos falam, então confere suas sugestões, recebe ideias. MB, fala exatamente. Então ela é uma organização, que ela não tem um contrato jurídico como conhecemos as organizações tradicionais de mercado, com uma designação jurídica, que tem uma intimidade com o mundo dos escritores. Então a psicodinâmica do trabalho busca então compreender qual a finalidade desse referencial teórico do Dejours, é compreender os aspectos psíquicos, psicológicos, emocionais, afetivos né, e no caso são subjetivos. Que são mobilizados a partir das relações e da **organização do trabalho**.

A **organização trabalha** e qualquer organização exerce sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é um aparelho em psíquico no psicológico humano né, em certas condições emerge um sofrimento, que pode ser atribuído ao choque, entre uma historia individual, portadora de projetos, esperanças, desejos e de uma

organização ao trabalho que eu sigo ordem. Então, você vai trabalhar em uma organização, cheios de sonhos, desejos, e muitas vezes você não pode realizar esses sonhos na organização porque ela não apoia você.

Categoria 3 : Mobilização subjetiva (vivências de prazer e de sofrimento, estratégias defensivas e de enfrentamento).

A terceira categoria é chamada mobilização subjetiva, isso aqui já é um conceito também do Dejours. O que é isso mobilização subjetiva? É como você mobiliza os seus recursos suas defesas, vivenciar prazer, sofrimento e reconhecimento né. É uma questão de autonomia e da sobre carga. A maioria dos escritores, em uma forma direta como ele é, fala muito da sobre carga. Por quê? Normalmente os escritores têm duas jornadas de trabalho. Que tem a jornada oficial que é o ganho pão dele, que é a em que ele consegue manter a sua família e o trabalho literatura e a literatura em si. Alguém fala ainda tem a jornada da boemia né! Risos...

Comentam que no caso dos escritores por não terem contratos de trabalho, não terem uma organização para prestar contas, tudo é feito de livre e espontânea vontade o único sofrimento que percebem é da falta de remuneração e do reconhecimento social da profissão.

Aqui voltamos ao problema da pesquisa, toda tese tem um problema ou questões que devem nortear a pesquisa. Buscar uma resposta para esse problema teórico é uma pesquisa o caso do trabalho e das vivências dos escritores. Qual é o nosso problema em pesquisa? Quais as vivências dos escritores literais filiados ao UBE de Goiás, em relação ao seu trabalho e o seu processo científico? Então espera! As **vivências dos escritores em termos de sofrimento ou prazer** ou ambas? E como é que a relação dele com o trabalho e é um processo criativo? Então vivência, trabalho e criatividade dos escritores é um processo integrado. Isso é o programa de pesquisa né. E o objetivo geral é analisar as vivências dos escritores em relação ao seu trabalho, e os processos criativos. A parte psíquica no seu trabalho e o específico é analisar a organização o seu trabalho literário, seja enquanto indivíduo trabalhando solitariamente, que as maiorias dos escritores trabalham solitário! Ou em organizações. Em certo momento, o escritor presta um trabalho, a um jornal, a uma editora. Escrever as vivências dos trabalhadores literários, em relação às condições, em relações de trabalho que eles têm. Levantar dados sobre quais as estratégias e enfrentamento de sofrimento, que é autorizado pelo os escritores em gerais em Goiás né. Isto é! Todo o escritor ele pra enfrentar o seu sofrimento, ou um momento que ele tem por um dia de sofrimento né. Ele desenvolve uma estratégia. Porque se ele não desenvolver essa estratégia de defesa ou de enfrentamento ele pode não consegue produzir e pode sofrer e até adoecer. Como o escritor faz então? Ele sublima suas dores, suas angústias pela literatura. Então esse é um aspecto importante que buscamos entender. Aqui é assim na tese. O que estamos buscando nesse trabalho? É demonstrar que a sublimação, no processo criativo no escritor literário. Constituem-se com que **estratégia do enfrentamento**, do sofrimento e fator de constituição e identidade. O que significa? Aqui gera um pouco da teoria da psicanálise, será a seguinte. Todos nós temos uma pulsão inconsciente né! Que se transforma isso em desejo, como esse desejo não é realizado, no caso da psicanálise a pulsão e prova sexual, na energia sexual é a energia da vida! É no caso da psicodinâmica do trabalho, o desejo é com realização do trabalho. Para ele poder se realizar no trabalho. Então a sublimação atua no trabalho do escritor. O escritor muitas vezes tem os seus sofrimentos! Como é que ele descarrega o seu sofrimento? Produzindo, fazendo poesia, conto, romance né. Então aí, a sublimação é isso! É o sublime é você transformar um desejo que está difícil de realizar, num projeto que você consegue transformar em um livro. Todos concordam. O trabalho precisa ser sublime. MB diz Se você não faz isso, você corre o risco de a manha em ter um sofrimento, que se pode tornar em um aborrecimento. Então a tese é essa. Que a sublimação, para os escritores é uma estratégia de enfrentar suas dores, seus sonhos, desejos. Que nem sempre consegue realizá-los. Alguém interrompe e pergunta, e aí? Marcos Bueno continua. O trabalho do escritor contribui para construir sua

identidade como pessoa e com suas estratégias defensivas ou de enfrentamento ou pela sublimação ele reduz seu sofrimento e consegue produzir para obter o reconhecimento de seu trabalho bem feito. Todos concordam. Porque você se sente uma pessoa? Porque sou um escritor? Eu sou uma pessoa. O escritor para produzir e obter sucesso no meio literário precisa construir sua identidade como escritor, sua marca pessoal, sua diferença como trabalhador da palavra. O trabalho literário como todos afirmaram é arte, isso aqui inclusive faz parte das perguntas que vocês responderam nas entrevistas. Arte e criação literária são trabalho ou dom? Cada um de vocês deram respostas algumas parecidas e outras bem diferentes. Mas de forma geral todos afirmaram que o trabalho com a literatura possibilita a superação e alienação isso ficou evidente nas respostas de vocês. O trabalho tem sentido por meio da sublimação. Geraldo, Alcione e Edival falam, quer dizer! Nós falamos anteriormente. À medida que o escritor se envolve na poesia, no conto, no romance, ele consegue superar, se ele não fizer isso, ele pode se alienar. Então ele se isola do mundo né. Geraldo, fala vida solitária do escritor. Geraldo, Alcione e Edival falam quer dizer isso aí eu acredito que no trabalho é um trabalho solitário. Continua Geraldo, Sozinho! A solidão dele. Que muitas vezes as pessoas confundem acha que a solidão do escritor é essa solidão que as pessoas vivem preocupado sem aquela qualidade. Bem, agora eu acho que o escritor por si já é solitário ele não acredita que para ele conseguir alguma coisa ele tem de ser solitário. Tanto que muitas vezes isso acontece comigo Que você está escrevendo o telefone toca você acha horrível, ou então muitas vezes você está escrevendo ou lendo porque você tem esta lendo alguma coisa que você pode ter algum aproveitamento daquela leitura. E La dentro da sua própria casa alguém te chama o fulano olha isso aí, a lâmpada queimou, o café está pronto eu acho que a o escritor é um ser humano, um ser solitário. Não Por fazer literatura, mas por sua própria natureza o escritor precisa ser um solitário e conviver bem com ela, um amante de sua solidão, pois dela ele cria e produz. Como muita gente não consegue dar conta dessa solidão, porque ficar na solidão. O escritor para ele é um mundo de ideias, de sonhos de lidar com seu imaginário, então ele precisa desse espaço solitário e criativo. Geraldo fala, é eu conheço amigos, colegas, escritores, que gostam de escrever em uma mesa de bar, muitas vezes sozinho. Aliás, o Brasigóis, ele tem essa presença ele gosta de escrever só em uma mesa de bar no meio daquela multidão. Quer dizer, eu acho que é uma forma solitária, quer dizer não vejo aquela multidão que ele só incomoda, incomodando. Eu conheço também um recém-poeta! Que só escrever quando ele está na mesa de bar, junto com os colegas dele, e quando ele já bebeu alguma coisa. Não é o caso do filho da Alcione! O Paulo Sergio! O nosso filho. Só gosta de escrever quando esta bebendo. Edival concordou. Quem é assim é o Rubão! Geraldo continua, quanto ao nosso colega também, aquele menino que está Academia de Catalão? Ah sim o Lobão, Vicente Lobo Cruz, um grande poeta, escreveu muitas poesias ótimas entre elas o livro Paralelas e Rosa hepática. Formado em engenharia de minas e Letras. Continua o escritor Geraldo tentando lembrar. Geraldo lembra o nome. O Lobão. MB diz que ele foi Presidente da Academia de Letras de Catalão e fez grandes movimentos literários lá e levou grandes escritores e poetas de Goiás lá, movimento chamado poesia na rua. MB continua muito bom! Escritor Geraldo fala muito bom! MB continua excelente trabalho! Falam todos juntos...

Categoria 4: Estratégias defensivas e de enfrentamento

MB, na categoria quatro, é são as a estratégia e enfrentamento e sublimação né, é como ele enfrenta esse mundo de desafios né, de sofrimentos, Para ele poder sobreviver? Ele sublima. Como é que ele faz isso né? E a categoria quatro, basicamente é essa de hoje e de amanhã que é esse espaço aqui que Dejours denomina de espaço de discussão coletiva. Quer dizer a gente esta discutindo aqui a literatura. E o trabalho dos escritores, e uma fala coletiva. O escritor precisa sempre de um emprego, de uma renda para f=poder sobreviver e manter sua família. É raro algum escritor conseguir uma remuneração descente, fazer o trabalho como escritor literário. Não e fácil! A gente conhece bem esse mundo da arte. Alguém fala, eu não conheço nenhuma pessoa que tem uma que possa escrever literatura, não pessoalmente eu não conheço ninguém.

MB, fala talvez o Paulo Coelho! Alguém fala, eu ia falar... Falam todos ao mesmo tempo...Geraldo fala, talvez tenha os que vivem de literatura, e que de jornalismo de uma vez tem, tem alguém escritores que vivem da publicação dos seus livros, também como jornalista né e também têm outros que são e que são e que fazem parte da academia brasileira. Sem contar que eles já estão um pouco cansados, etc., etc. etc. Geraldo fala, é mais vivem também dos filhos de elite né, no caso do Ubirajara já é aposentado. Alguém fala, então não é... Geraldo continua, sem contar os livros dele. Porque ele deve receber um razoável dinheiro da publicação de vendas. Porque ele é profissional. Geraldo continua, e bem pesado. MB fala, é pesado nos dois sentidos! Geraldo fala não é... Excelente produção... Geraldo, inclusive, inclusive ele tenho um. Alguém responde não sei eu não conheço o livro. Falam todos juntos... Geraldo fala, o Gabriel tem na Saraiva. Falam juntos... MB, fala, esse é um livro bom para alguém integrar. Geraldo fala aí tem, devem ter na edição doze ou quinze de escritores goianos. A escritora pergunta para o escritor Geraldo. Como é o nome do livro Geraldo? Escritor Geraldo responde é! Eu posso ver depois eu te falo, Alcione e Malu perguntam o nome do livro. MB responde História da literatura Brasileira de Carlos Nejar da Academia Brasileira de Letras. Outro livro bom é 501 Grandes Escritores. Alcione responde, então encontra na biblioteca... Geraldo, fala é! MB, muito bom o livro. Bom! Alguém pergunta você tem? MB, responde eu tenho. Bom, profissionalmente, desculpa eu falar né, profissão não é reconhecida no Brasil né.

Escritor fala, é engraçada essa questão de profissão, eu estava lá com um projeto em andamento na... Para patrocinar um livro. Aí logo o pessoal falou não nos vamos patrocinar e tal, mais você precisa de uma declaração do INSS da sua profissão, você precisa ir pegar uma declaração do INSS profissão de escritor. Eu fui ao INSS, à moça ria, ela fala não aqui não existe profissão de escritor! Aí ela falou não o que eu posso dizer para poder atender o indivíduo para do próprio governo, aí ela diz você coloca artista e abnegado. Não, eu não sou nem artista, e nem abnegado! Eu sou escritor. Eles vão aceitar. Aí eles me deram uma ficha uma declaração que eu era que eu era artista e abnegado. Aí eles me deram uma declaração de escritor. E aí aceitou as escritoras falam encabulada gente! MB, então, no Brasil né a profissão não é reconhecida no Brasil. O escritor continua falando, então a receita federal não tem um item, que você possa dizer sou profissional e escritor. Geraldo fala, não existe é aquilo eu falei tem de ser honesto, não existe um sindicato. Que a primeira coisa que, quando foi criado aqui em Goiás. Continua o Geraldo, a vinte e trinta anos, associação dos escritores, aliás, quem iniciou foi até o Moura é o Moura. Geraldo fala, a não, ABDE foi antes da UBE. MB, fala foi em quarenta e cinco. Geraldo continua, é mais foi agora vinte anos atrás, foi criado para mais tarde se tornar sindicato. Porque para ser sindicato, tinha de ter uma associação. Então eu fui chegando aos escritores aí na época eu sei que eu participei, teve então diretoria, na época dos servidores, mas também ficou por isso mesmo, desapareceu... Murmúrios! MB é no Brasil não reflete a arte, enquanto formação de criação estética, enquanto profissão. Então no Brasil de uma forma geral, especialmente na instituição no caso como o INSS... Eles vêm à da profissão do escritor como uma profissão do escritor ligado como uma criação estética. Não é valorizada pelo trabalho econômico. É por isso que não tem esse valor. Como escritor! O que o ele falam o que o Brasil produz termo de economia? Geraldo, fala e isso e muito bom, como nós como escritor, quando aposentamos que as pessoas perguntam uai você é escritor? O que você está fazendo? Não eu estou escrevendo. Uai então você não está fazendo nada? Quer dizer! Com quem diz que a o fato de escrever como escritor não representa nada, porque ele não é um profissional. Eles acham que literalmente. Por isso inicialmente eu falei eu conheço um escritor que eu não lembro o nome morreu agora recentemente. Ele falando sobre o Kelvin. O escritor praticamente não é. Mais todo mundo acha que é. Inclusive poeta! A poesia, no Brasil quase todo mundo é poeta. Porque rimou amor com dor, já é poeta. Geraldo continua, não é? Quer dizer esquece que a poesia já vem. De um longo processo vivencial, .MB, cita que o Bariani falou muito sobre isso né. Ele tinha uma crítica. Bem fundamentada com a relação a isso. A vulgarização da poesia, da literatura. Vulgarizou-se a poesia, se vulgarizou. Vulgarizou a literatura com esses livros de autoajuda.

Vulgarizou a arte de interpretar. Geraldo, fala de repente uma pessoa simples fala a, virou poeta! Eu sou poeta! Então na realidade não é isso. MB, fala então a profissão do escritor no Brasil ainda é vista como se fosse hobby, um passatempo. Como o Geraldo comentou a pouco. Falta patrocínio, faltam incentivos financeiros. A dependência financeira é a queixa constante e causa sofrimento. Aqui analisando o sofrimento. O escritor literário é o trabalhador da palavra. Ele trabalha às vezes varando noite. É isso que diferencia o escritor do escrevente como diz o Bariani e outros escritores. O escritor trabalha a palavra como se limpa uma joia. O escrevente usa a palavra apenas para outros meios. Para vender outras ideias, para vender outros produtos. E vender outras coisas e não a palavra em si. MB, fala inclusive sobre o escritor chileno, Pablo Neruda, o Geraldo conhece bem. Ele fala do escrevinhador. Geraldo fala o escrevinhador! Alcione fala, mais tem mais outra coisa que causa sofrimento do escritor. Principalmente do poeta! Porque hoje nós, poetas escrevemos para outros poetas só. MB fala, é verdade. Alcione continua e fala bom é impressionante isso. Geraldo interrompe e fala, nós estivemos até em uma editora em São Paulo, famosa. E que ele foi taxativo. Falou olha poesia! A pessoa só compra poesia para dar de presente e não vende. Os editores também querem. Alcione fala, eles podem. Geraldo fala, eles são capitalistas, interessa o retorno, eles têm de pensar, pois se eles quebram. Então pode e é muito difícil vender poesia e literatura no Brasil. As pessoas gostam de livros até cem, cento e cinquenta páginas. Eu acho que parece que eu vi um negócio aí que é falta de patrocínio e incentivo dos financeiros. É! Uma das coisas que eu acho hoje, eu acho que o escritor, o artista em si, ele fica sempre querendo depender do poder público. E que eu acho que hoje dentro da oposição, o poder público, pouco pode fazer para muitos. Quem pode fazer mais, eu acho que são as grandes empresas. Empresa, que tem já, já tem uma mente olhando com mais carinho, projetos, projeto e nessa altura também, nos que já convivemos com governo federal nós não depende de incentivos fiscais né. MB fala, é aí tem as bolsas também né! Que a UBE, uma das que foi uma das pioneiras aqui. Geraldo fala. Têm as bolsas. Brasil Central foi àquela pioneira. MB pioneira existe desde 1944. Geraldo fala desde 1944, MB, fala eu tive uma entrevista com o Bariani ele falou assim que o número de livros né que foi publicado. É uma coisa impressionante. Geraldo, fala mais teve um período aí de dez anos, que não utilizaram nada. Não houve teve dificuldade, depois entrou no ritmo, mais agora não tem nem como eles deixarem. Geraldo e Edival falam mais essa questão do, do é patrocínio de estado, e de poder tomar iniciativa privada né, é um negócio assim, bem controvertido. Porque veja só, as empresa hoje, na realidade elas não patrocinam se não tiver aprovado um projeto. E de isenção de estado. Que dizer na realidade elas não as patrocina apenas indica aquilo que já foi que o governo vai liberar dinheiro para ela. Quer dizer ela vai, ela vai mover uma ação, na verdade, na verdade, o dinheiro que era para cultura, esta sendo utilizado para as grandes empresas. Fazerem suas publicidades com produtos que leva ao rumo o meio artístico né. Aí o que acontece é o seguinte. Você vai nessas leis definitiva leis federais e consegue aprovar um projeto, aí vai se seu projeto não tem apelo comercial um apelo de massa e o evento que vai levar muita gente, aonde possa aquela empresa possa mostrar o seu produto, mostrar sua marca. Eles na escalam aquele projeto, pra ser é pra receber o dinheiro. Então é assim você aprova o projeto com o governo, mais as empresas que vale não escala seu projeto, se não tiver apelo comercial. Isso causa no meu ponto de vista, isso causa um desvirtuamento na finalidade dos recursos públicos para arte. Porque se uma arte se ela tem apelo comercial, no princípio ela não precisaria de dinheiro público, porque o próprio mercado poderia bancá-lo. Então o que precisa de dinheiro público são aqueles projetos, que tem um conteúdo de informação, de identidade pessoal, social e nacional muito forte, que encontra ainda no mercado alguém que esteja disposto e importa e quer bancar no mercado Algum projeto. Então daí que eu acho que há uma distorção muito grande nessa questão dos projetos, com recursos públicos e solução de recursos públicos. Na realidade ele esta funcionando mais para o empresário fazer o marketing dele. Do que os artistas fazem os seus serviços. MB fala, é aqui não tem aquele patrocinador que tem na Europa em outros países. E que se encontra uma pessoa com um bom poder aquisitivo, patrocina. Um escritor, um artista plástico, então valoriza isso. Infelizmente aqui nem o patrocinador individual

e nem o patrocinador organizacional. Com relação com um pouco de pegar a identidade surgiu também nas entrevistas nê.

Considerações finais da sessão no Instituto Bariani Ortêncio

MB, você gostaria de acrescentar alguma coisa? Fazer algum comentário?

Escritor Bariani Ortêncio, falar não é muito que isso! Muito bem feito! Só que eu sou quando eu falo eu acho que escrever ainda escrever, escrever livro não é profissão ainda em Goiás, somos diletantes. Porque ninguém aqui ganha dinheiro com livro. Eu sou o único aqui, eu sou o único que ganha um dinheirinho, também não é muito não, o que eu ganho na televisão, nos jornais o que meus direitos autorais, não dão para pagar, eu tenho três funcionários, empregados aqui, não dá para pagar eles. Cozinheira, Arrumadeira, e secretária. Bariani Ortêncio, se o livro não for o livro não é indicado se ele não for adotado na escola ele também não vai. Porque o livro adotado é como receita do medico, ele vai à farmácia e compra. Livro adotado, mais o livro adotado na escola particular e publica não é ruim pra todo mundo e a escola particular é que agora sim na prefeitura na câmara vão premiar as escolas.

Considerações sobre a devolutiva e o espaço público de discussão

A clínica do trabalho é um método de pesquisa e ação e consiste num espaço de escuta qualificada e discussão sobre o trabalho e a relação do sujeito com esse trabalho. Apesar de a psicodinâmica ter sua origem na década de 80 do século passado, a clínica do trabalho ainda está dando seus primeiros passos no Brasil e na área dessa pesquisa é totalmente inédita e necessita de mais pesquisas.

Para Dejours o espaço de discussão coletiva só acontece se a palavra for autêntica. O trabalho ocupa posição central na sociedade. Segundo Dejours (2004a, p. 18), “[...] o trabalho desempenha um papel essencial de formação do espaço público, pois trabalhar não é tão-só produzir: trabalhar é ainda viver junto”. O autor parte do pressuposto de que o trabalho deve sempre ser pensado como social.

Foram realizadas quatro sessões com os escritores, além da sessão de devolução, em três encontros, com duração aproximada de 2 horas cada sessão, durante o horário de trabalho, em sala de reunião da UBE e do Instituto Cultural Bariani Ortêncio com sede em Goiânia-GO. Participaram das sessões sete escritores dos nove que participaram das entrevistas, todos tem escolaridade superior. Os sete participantes se revezaram ao longo das sessões, estando presente em cada uma delas uma média de cinco escritores. As sessões foram gravadas e transcritas e submetidas à Análise Clínica do trabalho – ACT. Quatro temas foram tratados: 1- Identidade e arte, 2- organização do trabalho, 3- Mobilização subjetiva (vivências de prazer e de sofrimento), 4- Estratégias defensivas e de enfrentamento.

Devido à profissão de escritor ser uma categoria diferenciada no campo da arte e não enquadrada na economia formal como profissão pode-se fazer uma análise preliminar e identificou-se neste grupo vivências de sofrimento criativo e uso da sublimação como estratégias defensivas/enfrentamento.

Considerações sobre os trechos dos discursos dos escritores no espaço coletivo público de discussão coletivo.

A proposta da clínica psicodinâmica do trabalho segundo Mendes e Araújo (2011) visa criar um espaço promotor da fala do sujeito e busca intervir no discurso, dando condições de ressignificar vivências como foi possível perceber nas sessões com os escritores tiveram uma oportunidade única como falar, de poder se expressar sobre seu trabalho, situação inédita no meio deles. Uma reflexão diferente que não estão acostumados. O ato de criar esse espaço proporciona grandes mudanças, seja pela oportunidade de falar, expressar seus pensamentos, sentimentos, angústias, desejos, pela sensação de escutar o outro de maneira aberta para realizar a escuta para interagir no que foi vivido quando em contato com o trabalho individual na solidão do fazer literário e no coletivo da escuta solidária.

Os escritores perceberam que podem a partir dessa devolutiva no espaço público de discussão dar continuidade nesse formato de falar e ouvir de uma forma mais crítica, aberta e consciente.

Deixaram como sugestões:

- 1- Enviar um ofício em nome da UBE-Goiás ao Instituto Moreira Salles indicando o nome da poetisa goiana Cora Coralina para ser contemplada com um caderno de literatura brasileira.
- 2- Desejam os escritores que seus discursos após a revisão final possam ser publicados em livro sob selo da UBE-GO para servir de inspiração e fonte de pesquisa aos interessados em saber como é o trabalho e as vivências de prazer e de sofrimento dos escritores de Goiás filiados a UBE-GO, fruto dessa pesquisa.
- 3- Seria interessante criar esse espaço público na UBE para futuros encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese é o resultado do trabalho do escritor literário a partir da lente da Clínica Psicodinâmica do Trabalho. O trabalho literário é uma forma de expressão artística que utiliza o processo criativo como estratégia para lidar com o sofrimento, e que possibilita a superação (ainda que parcial) da alienação; o reconhecimento e a identificação do artista no resultado de seu trabalho ou sua criação. Ainda possibilita a emancipação e autonomia.

A abordagem teórica da clínica psicodinâmica do trabalho mostrou-se adequada em termos de dar uma sustentação teórica na temática vivências dos escritores em relação ao seu trabalho. O trabalho dos escritores é um trabalho que envolve prioritariamente a subjetividade e a intersubjetividade dois eixos centrais da abordagem da psicodinâmica do trabalho. A psicodinâmica procura dar visibilidade ao trabalho invisível do trabalhador procura os sentidos do trabalho para que o trabalhador encontre prazer no seu labor. Outro ponto central no trabalho dos escritores é com relação à utilização da sublimação e do sofrimento criativo que aliado ao reconhecimento produz a energia pulsional necessária para a produção literária enquanto uma obra de arte. A abordagem teórica desenvolvida e ampliada por Dejours permitiu através do uso das categorias a priori e a posteriori e da utilização da análise discursiva entender e clarificar os discursos dos escritores que são amplificados, complexos, singulares e metafóricos.

Trata-se de dois estudos, um estudo de pesquisa documental com base nos Cadernos de Literatura Brasileira e no livro de Eder Chiodetto e outra de caráter descritivo exploratório, desenvolvido com nove escritores literários filiados a União Brasileira de Escritores, seção Goiás com sede na cidade de Goiânia, Goiás.

Teve como objetivo geral analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho e ao processo criativo, a partir da psicodinâmica do trabalho. Os objetivos foram alcançados, uma vez que os dados encontrados nas duas pesquisas confirmaram a identificação profissional com a arte dos escritores, podem-se identificar as condições do contexto de trabalho e das vivências de prazer e de sofrimento, assim como a utilização da sublimação como estratégia de enfrentamento utilizada pelos escritores, para transformar o sofrimento em prazer, apesar da ausência quase total da remuneração.

As questões norteadoras do trabalho foram: (a) Arte e criação literária são trabalho ou dom?; (b) O trabalho com a literatura possibilitaria a superação da alienação, do trabalho monótono, repetitivo? (c) O Escritor Literário poderia reconhecer-se em seu trabalho, ser autônomo? Sua identidade e sua autonomia; (d) Há prazer e reconhecimento em se ver no seu trabalho literário?

Foram agrupados os dados coletados das pesquisas em três grandes categorias: 1) identidade profissional e arte; 2) organização do contexto do trabalho (organização do trabalho, condições de trabalho, relações de trabalho); e 3) mobilização subjetiva do trabalhador (vivências de prazer-sofrimento, estratégias defensivas ou de enfrentamento).

Na primeira categoria, os achados puderam evidenciar e confirmar a identificação com a profissão e com a arte. Os escritores demonstraram nos achados que se sentem orgulhosos e felizes em serem escritores. Ficou evidenciada também a utilização a sublimação como estratégia defensiva e os processos criativos relacionados à sublimação. Confirmou-se que os escritores tem profunda identificação com o trabalho literário e também se percebem como artistas e que mobilizam ações sociais pelo seu trabalho. Eles têm uma relação de intenso prazer pela literatura, pois só dessa forma conseguem produzir sem remuneração.

A segunda categoria se relaciona com a organização do contexto do trabalho, que envolve as subcategorias organização do trabalho, condições de trabalho e relações de trabalho. Os achados apresentaram resultados semelhantes nas subcategorias de organização do trabalho e relações de trabalho: indicam que, cada escritor é sua própria organização, não há um contrato de trabalho, carteira assinada, salário, benefícios, garantias trabalhistas e muito menos o seguro desemprego criado pelo governo. Na realidade os achados comprovou que conseguem fazer literatura graças à outra profissão que prove o sustento econômico para eles e famílias.

A organização do contexto de trabalho dos escritores não condiz com a ideia e o conceito de organização formal na economia, que exige regras claras, legais, formais, objetivas, manuais de trabalho, organograma, estrutura organizacional com divisão do trabalho, departamentos divididos por funções e cargos definidos e, além disso, formalização e funcionamento de acordo com a legislação. A organização do contexto de trabalho dos escritores é totalmente informal e autônoma.

Com relação à subcategoria de condições do trabalho, são adequadas, tendo em vista que trabalham em suas casas que denominam de oficinas literárias ou em dois casos de Instituto cultural o local é sempre limpo, arejado, acolhedor, agradável; iluminação apropriada, temperatura regulável, ventilação e higiene local. Não há riscos de acidentes de

trabalho, podem ter problemas relacionados com a LER/DORT devido a problema ergonômicos de trabalho.

A terceira e última categoria, abordou a mobilização subjetiva dos trabalhadores, por meio de vivências de prazer, de sofrimento e de suas estratégias defensivas, ficou confirmado a prevalências das vivências de prazer em detrimento das vivências de sofrimento, por se tratar de um trabalho que apresenta forte identificação e uso da sublimação e processos criativos no trabalho. O trabalho é considerado gratificante e com forte paixão pelo que fazem. Os escritores esperam de seu trabalho pelo menos reconhecimento simbólico, haja vista que, praticamente, não há remuneração, mas consideram ser o trabalho literário muito prazeroso.

Como estratégias de enfrentamento, individuais e coletivas, os achados das pesquisas apresentam que os escritores utilizam prioritariamente estratégias individuais e muito pouco coletivas tendo em vista que seu trabalho é solitário, no entanto, há momentos de encontro do coletivo em que se solidarizam e se apoiam e lutam por melhorias de trabalho como premiações, apoios de editoras ou da secretaria de cultura.

A pesquisa realizada por ser pioneira em Goiás e a segunda no Brasil com escritores literários permitiu compreender o trabalho dos escritores com as lentes da clínica psicodinâmica do trabalho e pode responder ao problema de pesquisa: **Quais as vivências dos escritores literários filiados à UBE-GO em relação ao seu trabalho e ao processo criativo?** E atender ao objetivo proposto, ou seja, analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho e ao processo criativo, a partir da psicodinâmica do trabalho.

Foram encontradas semelhanças entre outros estudos realizados na abordagem da Psicodinâmica do Trabalho, como os de Dias (2007a), Assis (2008), Santos (2008), Brasileiro (2008) Souza (2010), Pires (2011) e o presente trabalho sobre os escritores literários. Pode-se afirmar que essas semelhanças têm relação com as vivências de prazer com o trabalho literário, reconhecimento, satisfação e orgulho, identificação e sobrecarga de trabalho. Há também aspectos diferentes encontrados naquelas pesquisas, como o trabalho praticamente solitário, trabalho individualizado, sacrifício da família, ausência de remuneração, o que acaba comprometendo a renda familiar no trabalho literário e exigindo muita compreensão da família, entre outros. Há sobrecarga de trabalho tendo em vista que trabalham dois ou até três turnos para produzir literatura e praticamente sem remuneração e não é raro ter que pagar para trabalhar, isto é publicar e distribuir seus livros. Os patrocínios são poucos e não chegam a cobrir os custos básicos do trabalho,

No trabalho dos escritores pesquisados, a organização do trabalho é percebida como informal e autônoma, existe autonomia, as regras são praticamente informais, exceto quando se reúnem na sede da UBE-GO para eventos, lançamento de livros e reuniões, nesses casos há regras, horários e compromissos individuais e coletivos. No que tange às relações de trabalho eles trabalham muito de forma solitária e individual, porém quando se reúnem as relações são saudáveis e há respeito entre os escritores mais novos com os mais velhos. As condições de trabalho mostram-se satisfatórias, até porque trabalham em suas residências. Podem ser observadas algumas semelhanças com relação aos trabalhos que seguiram a mesma linha dessa pesquisa, como nos estudos de Santos (2008), Brasileiro (2008), Silva (2009), Souza (2010) e Pires (2011).

Esses resultados encontraram consonância com dados advindos dos estudos de Macêdo (2010); Assis (2010); Bueno (2010); Souza (2010) Pires (2011) e Maherie (2001). Como toda forma de expressão artística, o trabalho do escritor literário gera vivências de prazer e também condiz com a origem etimológica da palavra trabalho, ou seja, *tripalium*, instrumento de tortura, fazendo assim alusão ao sofrimento advindo do trabalho. Ele gera prazer, ligado a autonomia, liberdade principalmente no processo criativo, mas também sofrimento, ligado a falta de reconhecimento e sobrecarga. O fato de grande parte dos escritores também ter outras atividades laborais de em que adquirem recursos financeiros também é comum aos artistas que trabalham com dança, teatro, música, artistas plásticos, conforme configurado nas obras acima citadas.

Sábato (2003) afirma que o maior problema dos escritores literários talvez seja o de evitar a tentação de juntar palavras para fazer uma obra. O escritor é a voz de seu tempo. No livro “O lugar do escritor”, Chiodetto (2002) apresenta dados coletados ao longo de cinco anos, feito pelo autor que visitou 36 escritores brasileiros: de Adélia Prado a João Cabral de Melo Neto, de Haroldo de Campos a Lygia Fagundes Telles, de Ariano Suassuna a Paulo Lins. Além de colher seus depoimentos, o fotógrafo captou detalhes dos ambientes de trabalho em que esses escritores literários produzem suas obras e realizam seus sonhos, desejos, projetam na tela do computador ou na folha branca de papel seus inconscientes, seus imaginários. O citado autor penetrou no território de suas bibliotecas, na maioria dos casos uma desorganização ou um caos para os leigos e leitores e compôs um retrato sensível de cada um deles.

Chiodetto (2002) apresenta os registros de espaços físicos e psicológicos, que certamente os ultrapassam as fronteiras da mente humana, do imaginário humano, dos olhares sem fronteiras e sem limites no horizonte utópico da realidade humana. Quando falamos sobre

o sentido do trabalho para os escritores literários, estamos fazendo uma pergunta: Qual é o lugar do escritor? Qual seu lugar em nossa mente, no coletivo social, na história, na subjetividade humana?

Os escritores produzem suas obras literárias, no entanto, para eles, o objetivo da literatura não é o de atuar sobre o real, mas sobre a construção do imaginário. Quando o escritor sai do mundo imaginário e entra no mundo real passa pelos mesmos conflitos que outros trabalhadores, ao vivenciarem sofrimento quando percebem o distanciamento entre o trabalho prescrito e o trabalho real.

Barthes (2002, p28) afirma que muitos escritores ainda poderão tentar encontrar uma “tese” para o prazer de um texto, “sobre o prazer do texto, nenhuma tese é possível; apenas uma inspeção (uma introspecção) que acaba depressa”. O prazer do texto assim nos parece algo intangível, transcendental, algo além do real, como algo que paira sobre determinado texto; e o autor ao referir-se ao texto, não fala apenas sobre textos escritos, fala do mundo da arte.

Cabe aqui destacar que o trabalho artístico também gera sobre carga, fadigas e frustrações pela ausência de reconhecimento, como nos demais campos da atividade laboral, pela falta de apoio e reconhecimento.

Qual é o papel esperado pela sociedade do escritor literário? Seria o escritor um mero artista da palavra? Seu trabalho poderia ser medido por qual tipo de instrumento ou moeda? O que se espera trabalho do escritor? Quais seriam os benefícios de um trabalho literário? É possível definir um indicador de produtividade?

Percebe-se que o que falta ao meio literário é a organização do contexto de trabalho proposto por Dejours como pode ser observado pelos discursos dos escritores.

Nas limitações da pesquisa destacaram-se a agenda e as viagens dos escritores para a realização das entrevistas e, nas devolutivas. A pesquisa permitiu na fase final após a devolutiva uma aproximação com a proposta de Dejours (1990) da clinica psicodinâmica do trabalho com a construção de espaço de discussão coletiva.

O trabalho permitiu também conclusões, tais como: os escritores literários apesar de terem uma organização forte que é a UBE-GO ainda não constituem em uma categoria profissional sindicalizada, mobilizada; acreditam no trabalho que realizam como fonte de prazer, apesar da dupla ou tripla jornada de trabalho com carga horária exaustiva, acúmulo de funções e falta de incentivo financeiro.

As vivências de sofrimento em que os escritores acumulam jornadas de trabalho sofrem com a falta de tempo e, principalmente, com a falta de incentivo financeiro, ou seja, com a baixa remuneração ou até na maioria dos casos a ausência de remuneração.

Podemos afirmar que o escritor literário trabalha e muito, normalmente não tem contrato de trabalho, não tem limites de horas, nem garantias de salário ou lucros, mas vive do sonho, da ilusão, da utopia, nas crenças do seu imaginário, do fugaz que o alimenta e o satisfaz nesse mundo tão difícil de ser decodificado, que é o mundo da arte, que pode causar prazer e sofrimento para quem trabalha e também para quem lê afinal autor e leitor criam uma relação simbiótica.

Ao finalizar, percebe-se uma preocupação neste campo do conhecimento, por meio dos grupos de pesquisa que estão surgindo nessa abordagem em muitas universidades brasileiras, especificamente com os escritores. Como resultado do espaço público de discussão coletiva os escritores deixaram uma solicitação de transformar em livro os seus discursos e as conclusões do espaço público espera-se que futuras pesquisas, deem continuidades ao trabalho com os escritores em nível de Brasil.

A agenda para os próximos estudos com base na devolutiva e da aproximação com o espaço público de discussão a organização do livro com os discursos na integra dos escritores literários, a produção de artigos científicos e como previstos no projeto da tese a publicação em livro dessa tese para deixar uma contribuição aos interessados no estudo entre psicologia, psicanálise e psicodinâmica assim como o fez Dante de Oliveira Leite em 1957 ao defender e publicar sua tese de livre docência na USP.

REFERÊNCIAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas **NBR 14724**. 3. Ed. 17.03.2011. Válida a partir de 17.04.2011 Informação e documentação. Trabalhos acadêmicos. Brasília, 2011
- ABRAHÃO, I. J. **Organisation du Travail, representation et regulation du système de production. étude anthropotecnologique de deux distilleries situees dans deux tissus industriels differents du Brésil**. Tese de Doutorado. Paris: CNAM, 1986.
- ABREU, Márcia. **Histórias da literatura e sua História**, 2000. Disponível em <<http://www.unicamp.br/iel/histlist/ensaios /htm>>
- ALBORNOZ, S. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ALDERSON, M.. La psychodynamique du travail: objet, considerations épistémologiques et premisses théoriques. **Santé mentale au Québec**, 29 (1), 243 260, 2004.
- ALMEIDA, L. + **Escrita e leitura: a produção da subjetividade na experiência literária**. Curitiba: Juruá, 2009.
- ALMEIDA, L. literatura e a experiência do escrever: algumas reflexões sobre a resistência no seio da linguagem. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009. Licenciado sob uma Licença Creative Commons.
- ALMEIDA, L. **O problema da autoria: internet, literatura e ontologia**. 2002. 349 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Subjetividade) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro: 2002.
- ALMEIDA, Manuel Pires de. **Discurso sobre o poema heróico**. Manuscrito depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa), cota: Casa do Cadaval, vol.1, fls.629-37, (1597-11655), 1963.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. Pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 2001.
- AMORIM, Arnaud Carlos de. **Leitores no Brasil**. Publicado no Recanto das Letras em 31/05/2008. <http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/1013802>.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Procura da poesia. **In A rosa do povo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1973.
- ANJOS, Felipe Burle dos. **Trabalho prescrito, real e mediação do sofrimento: o caso dos jornalistas de um Órgão Público**. 107 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTLOGA, Carla Sabrina Xavier. **Estilos de contato da organização com o funcionário e prazer-sofrimento no trabalho: estudo de caso em empresa de material de construção**. 135 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2003.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2000.

- ARAÚJO, Robson Luis de. **O trabalho dos professores de ginástica de uma academia: entre o divertir e o sofrer.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2008.
- ARENDETT, H. A vita activa e a condição humana. In: **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo.** São Paulo: Martins Fontes: 1993.
- ASSIS, Daniela Tavares Ferreira de. **O trabalho em uma banda de Blues: uma abordagem Psicodinâmica.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2008.
- BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- BACHELARD, Gastón. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética.** São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARBOSA, J.A. **A literatura nunca é apenas literatura.** In. Barbosa, J.A.; 1993.
- BARROS, Paloma Castro da Rocha. Prazer e sofrimento dos trabalhadores terceirizados da construção civil do Distrito Federal. 179 f. Dissertação de Psicologia, UnB, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Regina B.; BARROS, Maria E. **Da dor ao prazer no trabalho.** Artigo PNH\MS, 2008.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto.** 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. P. 9.
- BARTUCCI, Giovanna. (org.). **Psicanálise, arte e estéticas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- BEDANI, Marcelo. **Valores, práticas e criatividade organizacional: Estudo do perfil cultural de uma instituição bancária.** 2008. F. Tese de Doutorado em Psicologia pela UnB,
- BECK, U; BECK, GERNSHEIM, E. **Individualization: institutionalized individualismo and its social and political consequences.** SAGE Publications: London, 2002.
- BENDASSOLLI, P., SOBOL, L.A.P. (2010) **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade.** São Paulo, Atlas.
- BENDASSOLLI, Pedro. **Indústrias criativas no Brasil: cinema, teatro, TV, música, artesanato, software (org).** São Paulo: Atlas, 2010.
- BENDASSOLLI, Pedro. **Psicologia e trabalho.** São Paulo: Cengage, 2010.
- BENDASSOLLI, Pedro. Reconhecimento no trabalho: perspectivas e Questões contemporâneas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 37-46, jan./mar. 2012.
- BENJAMIM, W. **Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e História da cultura. Obras escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1990. V. 1.
- BENJAMIM, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Lescov. In: _____ . **Magia e técnica, arte e política – obras escolhidas.** 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETIOL S. I. M. **Psicodinâmica do Trabalho - Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

BETTELHEIM, BRUNO. **Freud e a alma humana**. São Paulo: Cultrix, 1982.

BIRMAN J. Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos! In: Kehl MR, organizadora. **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2000.p. 171-208.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **O Livro por vir**. Lisboa. Martins Fontes. São Paulo: 2005.

_____. **A Parte do Fogo**. Rio Janeiro. Rocco. 1997

_____. **A Conversa Infinita: a palavra plural..** São Paulo. Escuta 2001.

BORGES, L.O.; FERREIRA, M.C. (org). **Trabalho em transição, saúde em risco**. Brasília, p. 26-42, 2002.

BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 1999.

BOTON, Alain de. **Os prazeres e desprazeres do trabalho**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Ensaio: Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: “O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador”. **Rev. Bras. Saúde Ocup**, São Paulo, 35 (122): 249-259 2010.

BRANDÃO, Ruth Silviano. A vida escrita: os impasses do escrever. In **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 157.

BRANT Luiz Carlos. **Sujeito e sofrimento entre trabalhadores que ocupam cargo**. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à Psicodinâmica do Trabalho. **Ciênc. saúde coletiva** [on-line], v. 9, n. 1,2004.

BRANT, Luiz Carlos; GOMEZ, Carlos Minayo. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à Psicodinâmica do Trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro: v.9 n.1. P. 213-223, 2004. Disponível em: Acesso em: 09 de maio 2012.

BRASILEIRO, Juliana Evangelista. **A vida no circo: psicodinâmica e sentidos do trabalho**. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2008.

BRASIL, Hórus Vital. **Dois ensaios entre Psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BRASILEIRO, Juliana Evangelista. A vida no circo: uma abordagem Psicodinâmica do Trabalho. In: MACÊDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros, 2009**.

_____. **A vida no circo: Psicodinâmica e sentidos do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

BRENER, C. **Noções básicas de Psicanálise:** introdução à Psicologia Psicanalítica. 5 ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

BRITO J.D. (org.) **Por que escrevo?** São Paulo: Escrituras, 1999.

BRITO R. O moderno e o contemporâneo: arte brasileira contemporânea. In: _____ **Experiência crítica.** São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BROZE, Elizabeth R. Z. E FERREIRA, Ana Paula, Charão Cardosinho. **Leitura e literatura.** Goiânia: PUC, 2009.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Lazer e ciências sociais:** diálogos pertinentes. São Paulo, Chronos, 2002.

BUENO, Marcos e MACÊDO, Kátia Barbosa. **O sentido do trabalho para o escritor literário:** uma análise Psicodinâmica. Trabalhos Completos do XV Encontro Nacional da ABRAPSO. Goiânia: 2009.

BUENO, Marcos. O trabalho dos escritores literários que cria, transforma, lê e escreve: uma análise Psicodinâmica. IN: MACÊDO, Kátia Barbosa (Org). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros.** Goiânia: PUC, 2009.

BUENO, Marcos; MACÊDO, Kátia Barbosa; Heloani, Roberto. A sublimação e o processo criativo do escritor literário: um olhar psicodinâmico. IN: FERREIRA, M.C.; ARAUJO, J.N.G.; ALMEIDA, C.P.; MENDES, A.M. (Org) **Dominação e Resistência no contexto trabalho-saúde.** São Paulo: Mackenzie, 2011.

CABRAL, A. C. A. A análise do discurso como estratégia de pesquisa no campo da administração: um olhar inicial. ENAMPAD-23º ANPAD, 1999.

CABRAL, Marina. **As escolas literárias no Brasil.** Equipe Brasil Escola. São Paulo: artigo (2012).

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA- CLB. **PRADO, Adélia.** São Paulo: Instituto Moreira Sales- IMS, literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária número 09, 2000.

_____. **AMADO, Jorge.** São Paulo: Instituto Moreira Salles. Literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária. Número 3: (mar. 1997).

_____. **FERREIRA Gullar.** São Paulo: Instituto Moreira Salles. Literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária. Número 6 de setembro de 1998.

_____. **LISPECTOR, Clarice.** Instituto Moreira Salles. Literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária. Números 17 e 18: (dez. 2004).

_____. **MELO NETO, João Cabral de.** São Paulo: Instituto Moreira Salles, literatura Brasileira-Teoria e crítica Literária, No 1 (mar. 1996).

_____. **QUEIROZ, Rachel de.** São Paulo: Instituto Moreira Salles. Literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária. Número 4- setembro de 1997.

_____. **QUINTANA, Mário.** Salles literatura. Número 25. (ago. 2009).

_____. **RIBEIRO João Ubaldo.** São Paulo: Instituto Moreira Salles. Literária. Número 7: (mar. 1999)

_____. **SUASSUNA, Ariano.** São Paulo: Salles - literatura. Número 10-novembro de 2000.

_____. **TELLES, Lygia Fagundes.** São Paulo: Instituto Moreira Salles- literatura Brasileira - Teoria e Crítica Literária. Número 5- março de 1998.

CAILLÉ, A. Reconhecimento e Sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 23 (66), 151-210, 2010.

CAIXETA, Cássia Maria Moura. **A Psicodinâmica do Trabalho em uma organização comercial com contexto de qualidade de vida no trabalho.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2003.

CAMPOS, Augusto de. In: CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor.** Cosac & Naifa. São Paulo: 2002,70.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos 1750-1880.** 10ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006 a.

CANDIDO, Antônio. Estímulos da Criação Literária e A literatura e a vida social. **In: literatura e Sociedade.** 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006b.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 4. Ed., 2004.

CARDOSO, Lúcio. **Diário completo.** Rio de Janeiro: José Olímpio / Instituto Nacional do Livro, 1970. Citado no artigo de Ruth Silviano Brandão: **A vida escrita: os impasses do escrever.** In **Psicanálise, literatura e estética de subjetivação.** Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 43.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura Ocidental** (Coleção 4 vol.). Brasília: Senado Federal, 1990.

CARRERO, Raimundo. **A preparação do escritor.** São Paulo: Iluminuras, 2009.

CARVALHO, Ana Cecília. Psicologia: ciência e profissão: O processo de criação na produção literária: um depoimento. **Psicol. Cienc. Prof.** v.14 n.1-3 Brasília1994.

CARVALHO, Ana Cecília. Pulsão e simbolização: limites da escrita. In **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.** Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CARVALHO, Fabiana **Os gestores do ensino superior e suas vivências em relação ao trabalho: uma abordagem Psicodinâmica.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO Qualificou em setembro/12 e defesa prevista para dezembro/2012.

CASTELO, Filho Cláudio. **O processo criativo: transformação e ruptura.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

CASTRO-SILVA, Leonardo Monteiro. **Casos de afastamento por LER/DORT e retorno ao trabalho bancário: uma análise psicodinâmica.** 99 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2006.

CASTELLO. **José Clarice na cabeceira** – Romances. Imagem de Clarice \Lispector. http://www.claricelispector.com.br/2011_Claricenacabeceira_romances. Aspx

- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. *et al.*. **A pesquisa qualitativa: enfoques Epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa oficial do estado, 1999.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros, leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- CHARTIER, R. **Do livro à leitura**. In CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de leituras**. São Paulo: (1996).
- CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. Cosac & Naify. São Paulo: 2002.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Vozes, 1995.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLOT, Y. Clinique du travail, clinique du réel. **Le Journal des Psychologues** 2001; 85:48-51.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C.; HITOMI, Alberto H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (em) experiência – Florianópolis: NUP UFSC, 2006. Cortez, 1995 (Biblioteca da Educação. Série 1. Escola: v.16).
- COSTA, Lígia Militz da, **A poética da Aristóteles: mimese e verossimilhança**. São Paulo: Ática, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. P. 9-10.
- COUTINHO, Carlos Nelson. O significado de Lima Barreto na literatura brasileira In: **Vários Autores, Realismo e anti-realismo na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974, pp.1-56..
- D' ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1 – Prolegômenos e Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- DANTON, Robert. **A questão dos livros**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- DAROS, Silvia Zanatta, MAHEIRIE, Kátia, ZANELLA, Andréa Vieira. **Relações estéticas, atividades criadoras e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. NUP/CED/UFSC, 2006. Florianópolis.
- DAROS, Silvia Zanatta, MAHEIRIE, Kátia, ZANELLA, Andréa Vieira. **Relações estéticas, atividades criadoras e imaginação: sujeitos e (em) experiência**. NUP/CED/UFSC, 2006. Florianópolis.
- DE MASI, D. **Desenvolvimento sem trabalho**. 4. ed. São Paulo: Esfera, 1999.

DIAS, Fabiana Ramos. **As vivências dos trabalhadores de uma organização de entretenimento: uma abordagem psicossociológica e psicodinâmica.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2008.

DEJOURS, C. & Abdoucheli, E. Itineraire theorique en psychopathologie du travail. Paris: **Revue Prevenir**, 1990, 20, 1º semestre. (até aqui)

_____ (2004b). **Subjetividade, trabalho e ação.** Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.

_____ **Conferências Brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho.** São Paulo: Fundap: EAESP, 1999.

_____ **A banalização da injustiça social.** 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

_____;ABDOUCHELLI, E; JAYET, C. **Psicodinâmica do Trabalho –** contribuições da escola Dejouriana à análise de prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994;

_____Aspects en psychopathologie du travail. In C. Lévy-Leboyer & J. C. Sperandio (Orgs.), **Traité de psychologie Du travail** (pp. 729-747). Paris: PUF, 1987b.

_____Entrevista **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica. Ágora**, Rio de Janeiro: (2001), vol.4 no. 2 Rio de Janeiro July/Dec

_____In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, LAERTE IDAL (Orgs.). **Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho.** Rio de Janeiro: Fio cruz, Brasília: Paralelo 15, 2004 a.

_____ **O fator humano.** Rio de Janeiro: FGV, 1997.

DEJOURS, C. Por um conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Brasil, n. 54, p. 7-11, abr./jun. 1986.

_____Pour une clinique de La médiation entre psychanalyse et politique: la psychodynamique du travail. **Revue Trans.** Montreal, Canadá, p. 131-156, 1993.

_____ **Psicodinâmica do Trabalho.**São Paulo: Atlas, 1994.

_____Psychologie clinique du travail et tradition compréhensive. In: CLOT, Y. (Org). **Les histoires de La psychologie du travail: approche pluri-disciplinaire.** Paris: Octares, 1996. P. 195-219.

_____Sofrimento, prazer e trabalho. In: Conferências Brasileiras: **identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**, pp. 15-33. São Paulo: FGV, 1999.

_____Subjetividade, trabalho e ação. **Prod.,14**, 3,27-34, 2004b.

_____ **Travail:** usure mental (reedition). Paris, 1992.

_____ **Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações.** O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. 2. ed. São Paulo: Atlas, v. 1, 1993, p. 149-173.

_____DESSORS, Dominique; DESRIAUX, François. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 33, n.3, p. 98-104, 1993,

_____. **A Loucura do Trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez. 1987a.

_____. *et al...* Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Revista de Administração de Empresas. São Paulo**, v. 33, n. 3, p. 98-104, maio./jun. 1993.

_____. Le concepte Du travail: Le point de vue de La psychodynamique Du travail. “In: **Actes Du Colloque Interdisciplinaire**” travail: Recherche Et Prospective”. Lyon: 1992.

_____. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? **Cult**, São Paulo, n. 139, p. 49-53, set. 2009.

_____.; Cardoso, Marta Rezende. Entrevista Christophe Déjours. *Ágora* (Rio J.) Vol.4 no. 2 Rio de Janeiro July/Dec. 2001, **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982001000200007> ,baixado em 23/07/2012.

_____. Trabalho vivo, sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. 2. ed. Rio de Janeiro: 2011.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34,1993.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELOURS, C. **Conferências brasileiras, identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: Fundape, 1999.

DEMAZIÈRE, D.; DUBAR, C. Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In: GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. (Orgs.). **Desemprego**: trajetórias, identidades, mobilizações. São Paulo: SENAC, 2006.

DIAS, Fabiana Ramos. **As vivências dos trabalhadores de uma organização de entretenimento: uma abordagem Psicossociologia e Psicodinâmica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

DIMATOS, A. M. M. **Prazer no trabalho**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

DISSANAYAKE, Ellen. **What is art for?** University of Washington Press, 1990, p. 34-39.

DUBAR, C. **A Crise das Identidades**: a interpretação de uma mutação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

DUBET, F. A formação dos indivíduos: a desinstitucionalização. **Revista Contemporaneidade e Educação**, ano 3, vol.3, p. 27-33, 1998.

DUFRENNE, M. **A estatística e as ciências da arte**. Lisboa: Bertrand, 1982.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 1-22.).

ECO, Umberto e CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. São Paulo: Recorde, 2010.

ECO, Umberto. **Historia de la beleza**. Barcelona: Lúmen, 2004, pp. 329-333.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

ENRIQUEZ E. O papel do sujeito humano na dinâmica social. In: Lèvy A, Nicolai A, ENRIQUEZ E, Dubost J, organizadores. **Psicossociologia: análise social e intervenção**. Petrópolis: Vozes; 1994. p. 24-40.

ENRIQUEZ, E.A **organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ENRIQUEZ, E. (1999). **Perda do trabalho, perda da identidade**. Cad. Esc. Legis., 5 (9), 53-73.

FACAS, Emílio Peres. **Estratégias de mediação do sofrimento no trabalho automatizado: estudo exploratório com pilotos de trem de metrô do Distrito Federal**. 116 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2009.

FENICHEL, O. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. Atheneu. 2000.

FERNANDES, Janete Capel. **As vivências de prazer e de sofrimento: um estudo exploratório com trabalhadores de um hotel em Goiânia**. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2003.

FERREIRA, J.B. **Do poema nasce o poeta; criação literária, trabalho e subjetivação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

FERREIRA, João Batista. **Trabalho, sofrimento e patologias sociais - Estudo com trabalhadores bancários e anistiados políticos de uma empresa pública**. 159 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2007.

FERREIRA, João Batista. **O poder constituinte do trabalho vivo: análise Psicodinâmica da criação literária**. 203 f. Tese de Doutorado em Psicologia pela UnB, 2011.

FERREIRA, Mário César; MENDES, Ana Magnólia. **Trabalho e riscos de adoecimento: o caso dos auditores-fiscais da receita federal**. Brasília: Ler, Pensar e Agir, 2003.

FERREIRA. M. C.; MENDES, A.M.B. Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade de atendimento ao público e prazer – sofrimento no trabalho. **Estudo de Psicologia**, v. 6, n.1, p. 93-104, 2001.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis, 2007.

FIGUEIREDO, Rubens. In: CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. Cosac & Naify. São Paulo: 2002, p. 66.

FILHO, Cláudio Castelo. **O processo criativo: transformação e ruptura**. São Paulo: Casa da Psicóloga, 2004.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da Arte**. São Paulo: Zahar, 1966.

FLEURY, M. T. L. **O simbólico nas relações do trabalho**. In: FLEURY, M. T; Fluminense, Rio de Janeiro: 2002.

FONSECA, Juarez. **O humor de Mário Quintana**: ora bolas. Porto Alegre: Coleção L&PM Pocket. 4. ed 2011.

FOUCAULT, M. A loucura, a ausência da obra. In: _____. **Ditos e escritos I**. Problematização do sujeito: Psicologia, psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999 a. p. 190-198.

_____. **A ordem do discurso**: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, 2 ed., Edições Loyola: São Paulo, 1996.

_____. Linguagem e literatura. In: MACHADO, R. **Foucault, a Filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: JZE, 2000.p. 137-174(trabalho originalmente publicado em 1964).

_____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

_____. Literatura e a experiência do escrever. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 87-106, jan./jun. 2009.106

FOUCAULT, M.. **Loucura, literatura, sociedade**. In: _____. Ditos e escritos I. Problematização do sujeito: Psicologia, psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b. P. 210-134.

FRANÇA, Maria Inês. **Psicanálise, estética e ética do desejo**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FRAGONARD, Jean Honoré (1732-1806). Figura 1:A leitora. Data cerca de 1770 a 1772.Localização atual National Gallery of Art.Fonte/Fotógrafo:
<http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/fragonard/reader.jpg>

FRASER, N. Redistribución y reconocimiento: hacia una visión integrada de justicia del género. **Revista Internacional de Filosofía Política**, 8, 18-40, 1996.

FREIRE, José Célio. Literatura e Psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. V.60, n 2,2008.

FREITAS, LEDA GONÇALVES. **Saúde e processo de adoecimento no trabalho dos professores em ambiente virtual**.245 f. Tese de Doutorado em Psicologia pela UnB,2006.

FREITAS, Maria Ester de. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 6-15, abr./jun. 2000.

FREUD, Anna, **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FREUD, S. **Dostoiévski e o parricídio**. (1927). Vol. XXI. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

_____. **O prêmio Goethe**. (1930). Vol. XXI. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

_____. **Totem e tabu**. (1913). Vol. XIII. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. 1969.

_____. **Delírios e sonhos na Gradiva de W.Jansen**, v. IX 1909. In Obras completas, v. IX. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____ **Escritores criativos e devaneio (1908).Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1970, vol. IX ps. 135-143.

_____ **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1915-1920).** Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 135-136.

_____ **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.** In S. Freud, Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 53-124) Rio de Janeiro: Imago, 1970 (trabalho original publicado em 1910).

_____ **O futuro de uma ilusão/ O mal-estar na civilização (1927-31) Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1974, XXI. PP. 174.

_____ **O Moisés de Michelangelo (1914).** op. cit., vol. XIII, ps. 249-280.

_____ **O poeta e o fantasiar (1907, 1908)** traduzido, no Brasil, por **Escritores Criativos e Devaneio,** (1925). in Obras Completas, v.IX, Buenos Aires Amorrortu, 1996

_____ **A Interpretação dos Sonhos I 1900 - Vol. IV.** -"Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud" com comentários e Notas de James Strachey, colaboração de Anna Freud, Brochura, 363 páginas. Imago,1977.

_____ **Além do princípio de prazer.** In: Obras psicológicas de Sigmund.

_____ **Pulsões e destinos da pulsão.** In:**Obras psicológicas de Sigmund Freud-** escritos sobre a Psicologia do inconsciente(**1915-1920**). Trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. 2, p. 148.

_____ **O estranho (1919).** Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVII p. 299.

_____ **O Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, v. XIV 1980.

GALI, Ubirajara. **Os Anhangueras em Goiás.** Goiânia: Kelps, 2010.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais In: GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GASPAR, R.C. **As fronteiras do possível: trabalho, lazer e civilização.** São Paulo: Germinal, 2003.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity.** New York: Polity Press, 1990.

GILL, R. Análise de Discurso. In: BAUER, W. M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 244-270.

GIOVINAZZO, Renata A. **Focus group em pesquisa qualitativa** fundamentos e reflexões, FEA USP, http://www.fecap.br/adm_online/art24/renata2.htm,baixado em 08-10-08. Goiânia: PUC Goiás, 2010.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. **Educação & Sociedade,** ano XX, nº 66, Abril/1999.

GORZ, A. **Metamorfose do trabalho**. Crítica da razão econômica. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007, p. 58.

GREENSON, R. R., *A Técnica e a Prática da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

GUIGNON Charles. "Meaning in the Work of Art: a hermeneutic perspective". In: French, Peter A. e Wettstein, Howard K. **Meaning in the arts**. Wiley-Blackwell, 2003, pp. 26-27.

GUIDIN, Márcia Lúcia. **Modernismo no Brasil - a 3ª geração**. Crítica social e metalinguagem. <http://educacao.uol.com.br/literatura/critica-social-e-metalinguagem.jhtm>, baixado em 04 de julho de 2012.

GUILLON J.J. *Psychopathologie du travail*. In: FRIEDMANN, G. & NAVILLE, P. (org.). **Traité de Sociologie du Travail**. Paris: Armand Colin, 1992: 158-169.

GUIMARÃES, Edward. **O empreendedorismo a partir de uma visão Psicodinâmica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela POUÇ-GO. Qualificou em setembro/12 e defesa prevista para dezembro/2012.

HABERMAS, J. (2002). **A inclusão do outro** (G. Sperber & P. A. Soethe, trads.). São Paulo: Loyola (Original publicado em 1996)

_____ **Consciência moral e agir comunicativo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____ **De l'éthique de la discussion**. Paris: CERF, 1992. A edição original em alemão é de 1991. 202 pp.

_____ **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HEINICH, Nathalie. **Être écrivain. Création et identité**. Paris : La Découverte, 2000, 368 p.

HELMAN, Cecil G. **Cultura, Saúde e Doença**. 4. Ed. Porto Alegre, Artmed, 2003.

HELOANI, R. **Gestão e organização no capitalismo globalizado: história da manipulação psicológica no mundo do trabalho**. São Paulo, Atlas, 2003.

HELOANI, R. Lancman, S. **Psicodinâmica do Trabalho: o método clínico de intervenção e investigação**. Scielo, 2004. Prod, 14 (3), pp. 77-86. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300009&lng=en&nrm=iso>. Baixado em 21/07/2012.

HELOANI, R. **Organização do trabalho e administração: uma visão multidisciplinar**. São Paulo, Cortez, 1996.

HERNANDES, Janete Capel. **Vivências de prazer-sofrimento: um estudo exploratório com trabalhadores de um hotel de Goiânia**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002

HONNNETH, A. **Luta por reconhecimento** (L. Repa, trad.). São Paulo: 34 (Original publicado em 1992), 2003.

JANSON, Horst Woldemar. Introdução. In: **História Geral da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 11-34.

JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JESUS, Carlos Souza de. União Brasileira de escritores – UBE. <http://www.ube.org.br/espaco-do-autor-detalle.asp?ID=491> baixado em -8 de julho de 2012.

JOHANSON, I. Bérqson. **Em busca metódica do tempo perdido**. Revista Trans/Form./Ação, Marília, v.27, n. 2, p. 21-29, 2004.

JOHANSON, Izilda. **Arte e intuição: a questão estética em Bergson**. São Paulo: Associação Humanitas/FFLCH/USP, FAPESP, 2005.

JUNIOR, Nelson da Silva. A ficcionalidade da Psicanálise a partir do inquietante em Fernando Pessoa. **In Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001,2006.

KALLAS, Marília Lemos de Moraes. **Psicanálise e contemporaneidade**. São Paulo: Biblioteca24horas, 2010.

KARAN, Helite. Desafio para a Psicodinâmica no Brasil. In: MENDES, A. M.; MERLO, A. R. C.; MORRONE, C. F.; FACAS. **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**. Curitiba: E.P., 2010.

KEHL, M. R. **A constituição literária do sujeito moderno**. 2001. Disponível em: <HTTP://www.geocities.com/Hotsprings/Villa/3170/kehl6.htm>. Acesso em 2 de maio 2007.

KEHL, M. R. Minha vida daria um romance. **In Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KLEE, Paul. **Tagebucher Von Paul Klee 1898 - 1918**. Publicado e prefaciado por Klee, Félix. Cologne: s/ed., 1957, p. 1081. Citado por KON, Noemi Moritz. De Poe a Freud - O gato preto. In **Psicanálise, literatura e estética de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001

KON, Noemi Moritz. De Poe a Freud – O gato preto. In **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001

KREUGER, R. A. **Focus Group: a practical guide for applied research**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1994.

KUPSTAS, Márcia, & CAMPOS. **Literatura, arte e cultura**. São Paulo: Ática, 1988.

LACAN, J, citado por BRASIL, Hórus Vital. **Dois ensaios entre Psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 25.

LAJOLO Marisa. **Literatura: leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LANCMAN, S.; e SZNELWAR, LAERTE IDAL (Orgs.). Cristophe Dejours: **Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo15, 2004.

LANCMAN, S.; UCHIDA S. Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. V. 6, p. 79-90, 2003.

LANCMAN, S.; UCHIDA S.; HELOANI, R. Psicodinâmica do Trabalho: O método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 77-86, 2004.

- LANDSMANN, L.T. **Aprendizagem da linguagem escrita: processos evolutivos e implicações didáticas.** São Paulo: Ática, 1995.
- LANE, S. T. M. Uma técnica de análise do discurso. In: XX Congresso Interamericano de Psicologia, Caracas, 1985. **Anais...** Caracas, 1985.
- LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise** (2000), Martins Fontes S.P.
- LAPLANCHE, Jean. **Teoria da Sedução Generalizada.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, p. 108-125.
- LE GUILLANT, L. **Quelle psychiatrie pour notre temps?** Paris: Èrés, 1984.
- LEITE, Dante de Oliveira. **Psicologia e literatura.** São Paulo: UNESP, 2002.
- LIMA, Suzana Canez da Cruz. **Coletivo de trabalho e reconhecimento: uma análise psicodinâmica dos cuidadores sociais.** 216 f. Tese de Doutorado pela UnB, 2011.
- LIMA, Alceu Amoroso. **A estética literária e o crítico.** 2. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1954. (p 54-5.).
- LIMA, Heloisa Pires; BROSE, Elizabeth R.Z. FERREIRA, Ana Paula C.S. **Leitura e literatura: teoria e prática.** Goiânia: 2009.
- LIMA, Marcia Mello de e SABER Antônio Coutinho Jorge; COUTINHO, Marcos Antônio Coutinho Jorge. **Saber fazer com o real: diálogos entre Psicanálise e arte.** São Paulo: Cia. Ed.de Freud, 2010.
- LIMA, Márcia Mello, JORGE, Marco A. Coutinho. **Saber fazer com o real: diálogos entre Psicanálise e arte.** Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.
- LIMA, Maria Elizabeth Antunes. A Psicopatologia do trabalho. **Psicol. Cienc. prof.** [online]. 1998, vol.18, no.2 [citado 30 Maio 2009], p. 10-15. Disponível na World Wide Web: . ISSN 1414-9893.
- LIMA, Vinicius Sena de. **Vida de artista: análise Psicodinâmica do prazer e do enfrentamento do sofrimento no trabalho em grupo de comediantes.** Instituto de Psicologia Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações da UnB, 2009.
- LIMA, Vinicius Sena de. **Vida de Artista: Análise Psicodinâmica do Prazer e do Enfrentamento do Sofrimento no Trabalho em Grupo de Comediantes.** 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília. Orientador: Ana Magnólia Bezerra Mendes.
- LIMA, Vinicius Sena de; MENDES, Ana Magnólia. Prazer, sofrimento e estratégias de enfrentamento de artistas cênicos do DF. In: **I Congresso Brasileiro de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho,** 2009, Brasília - DF.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsações).** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LUFT, Lya. LUFT, Lya. **Em outras palavras.** Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LUNARDI, W. D. F.; MAZZILLI, C. O processo de trabalho na área de trabalho na área de enfermagem: uma abordagem psicanalítica. **Revista de Administração de Empresas,** v. 3, n.3, p. 63-71, jul./set. 1996.

LITERATURA BRASILEIRA. **Movimentos literários, escritores e obras.**
http://www.suapesquisa.com/temas/literatura_brasileira.htm. Baixado em 20/08/2012.

MACÊDO, K. B. **Psicodinâmica nas organizações: poder, cultura e decisão na empresa familiar.** Tese (Doutorado em Psicologia Social), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros.** Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

MACEDO, Goiacira Nascimento Segurado. **A Construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional.** Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2003.

MAHEIRIE, K. E Zanella, Andrea Vieira. **Diálogos em Psicologia social e arte.** Florianópolis: CRV, 2010.

MAHEIRIE, K. **Sete mares em uma ilha: a mediação do trabalho acústico na construção da identidade coletiva.** 2001. 196p. Tese de Doutorado não publicada. Psicologia Social- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

MALVEZZI, S. **A construção da identidade profissional no modelo emergente de carreira. Organização** e <www.unicamp.br/iel/histlist/ensaios/htm>. Acesso em 21 maio de 2012. 1999.

MALVEZZI, S. **El Agente Económico Reflexivo.** Desarrollo y Capacitación, 49, 16/19. Bueno Aires, ADCA,

MARTINS, José Clerton de Oliveira, O Sofrimento no Trabalho, **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor**, v. 7, nº 1, p. 79-85, Jan./Jun. 2006. Disponível em. <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v7n1/v7n1a10.pdf>. Acesso em 09 de março de 2009

MARX, K. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2006.

_____. **O capital: crítica da economia política.** 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, l.1, v.1, 1988.

_____. **Revista Crítica Marxista.** Extraído de "Zur Kritik der Politischen Okonomie (Manuskript 1861-1863)", MEGA, 11, 3.6, Berlim, 1982, pp. 2053-59. Traduzido do original alemão por Jesus I. Ranieri. Transcrição: Diego Grossi Pacheco. HTML: Fernando A. S. Araújo, Agosto 2008.

MAYAKÓVSKY, **Vladimir. Poética como fazer versos.** 4. ed. São Paulo: Global, 1984.

MELO NETO, João Cabral de. **Caderno Mais da Folha de São Paulo,** 1996.

MELO Patrícia. CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor.** Cosac & Naify. São Paulo: 2002,38.

MENDES, Ana Magnólia Bezerra. **Prazer e sofrimento no trabalho qualificado: Um estudo com engenheiros de uma empresa pública de telecomunicações.** Orientação da Prof.Drª Julia Issy Abrahão. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela UnB, 1994.

_____. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional.** 306 f. Tese (Doutorado em Psicologia) sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Tamayo. Tese de Doutorado em Psicologia pela UnB, 1999.

_____ ; ABRAHÃO, J. I. A influência da organização do trabalho nas vivências de prazer-sofrimento dos trabalhadores: uma abordagem Psicodinâmica. **Revista Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 179-184, 1996.

_____ Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações. **Revista Estudos em Psicologia**, v.7, n. especial, p. 89-96, 2002.

_____ *et al...* (Orgs.). **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2010.

_____ **O poeta e o fantasiar**. In Reverso, n. 50, Belo Horizonte, 2003. Publicação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

_____ **Psicodinâmica do Trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

_____.; MERLO, A.R.C.; MORRONE, C.F.; FACAS, E.P. **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**. Curitiba, Juruá Psicologia, 2010.

_____.; ARAUJO, Luciane Kozicz Reis. **Clínica Psicodinâmica do Trabalho**: práticas brasileiras. Brasília: 2011.

_____.; BORGES, L. O e FERREIRA M C. (orgs). **Trabalho em transição, Saúde em Risco**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

_____.; MORRONE, C. F. **Vivências de prazer-sofrimento e saúde psíquica no trabalho**: trajetória conceitual e empírica. In: _____ **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**. (org) e outros. Curitiba; Juruá, 2010.

_____, COSTA, Viviane Paz, BARRO, Paloma Castro da Rocha. **Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário**. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. Artigo 4 aceito em 27/07/2003. Disponível em <http://www.revipsi.uerj.br/v3n1/artigos/artigo4v3n1.html>>, acesso 10 de setembro de 2011.

_____.; BARROS, Paloma Castro da Rocha; MOREIRA, Tatiana Farias; XAVIER, Maria Tereza Palmerston. Vida de Peão é braba, é pra sofrer mesmo: estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico dos operários terceirizados da construção civil. In: **III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia**, 2003, João Pessoa - PB. Livro de Resumos, 2003. v. I. p. 401-401.

_____.; Costa, Sérgio Henrique Barroca; Cardoso, Simone Alves. Prazer com um dos sentidos do trabalho: o caso dos trabalhadores do carnaval. In: **XXXI Congresso Interamericano de Psicologia**, 2007, México., 2007.

MENGER, P. M. **Le travail createur**. Paris: Gallimard, 2009.

MERCER, K. Welcome to the jungle, in: RUTHERFORD, J. (org). **identity**: community, culture, difference/Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

MERLO, A. R. C. (2002). **Psicodinâmica do Trabalho**. In M. G. Jacques & W. Codo (Eds.), **Saúde mental & trabalho – Leituras** (pp. 130-142). Petrópolis, RJ: Vozes.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo, TRAESEL, Elisete Soares A **Psicodinâmica do reconhecimento no trabalho de enfermagem**. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 1, pp. 102-109, jan./mar. 2009.

MILANESI K, COLLET N, VIERA CS, OLIVEIRA BRG. Sofrimento psíquico em Dejours. **Seminário Nacional: Estado e Políticas Sociais no Brasil**. Cascavel: Edunioeste. 2008.

MINAYO-GOMES, Carlos e THEDIM, Sonia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percursos e dilemas. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro: 1997.

MOISÉS, Massaud A **Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 1966.

MONTEIRO, Ana Maria F. da Costa. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MORAES, Rosângela Dutra de. As estratégias de defesa e o enfrentamento do sofrimento no trabalho com automação no Polo Industrial de Manaus. In MENDES, A. M. AMEIDA, Cleverson P. , ARAÚJO, J. N. G. de, FERREIRA, M. C. **Dominação e Resistências: no contexto trabalho-saúde**. São Paulo: Mackenzie, 2011.

MORAES, Rosângela Dutra de. As estratégias de defesa e enfrentamento do sofrimento no trabalho com automação no polo industrial de Manaus. In FERREIRA, M.C.; ARAÚJO, J.N.; ALMEIDA, C.P. ; MENDES, Ana. M. **Dominação e Resistência** São Paulo, 2011.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. A ética trágica da Psicanálise via As Bacantes, de Eurípidas. In **Reverso**, n. 45, Belo Horizonte, 1998. Publicação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

_____Psicanálise, arte e literatura. In **Reverso**, n. 46, Belo Horizonte, 2010. Publicação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais. Baixado em 10 de maio de 2012.

MORRONE, C. F. Só **para não ficar desempregado** – ressignificando o sofrimento psíquico no trabalho: estudo com trabalhadores em atividades informais. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

MOTTA, Ednacele Abreu Damasceno. **O escritor e seu outro**. In PRADO, Guilherme do Val Toledo. Campinas: Alínea, 2007.

NAPOLI, Lucas. Sublime. <http://lucsnapoli.com/2009/12/16/o-que-e-sublimacao/> acessado em 20 de maio de 2012.

NASCIMENTO, Marcelo Magno Rocha. **Organização do trabalho bancário de suporte e atendimento e vivências de sofrimento**. 122 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2012

NASSIF, L.F., A. Origens e desenvolvimento da Psicopatologia do Trabalho na França (século XX): uma abordagem histórica. **Memorandum**, 8, 79-87, 2005. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/nassif01.htm>> Acesso em: 01/03/2006.

NEJAR, C. O escritor é a linguagem e essa, o mundo. **O Popular**, Goiânia: 23 de março de 1992, Caderno 2.

_____ **História da literatura brasileira: da carta de caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011. In: NEJAR, 2011; LIMA, 1954;

O melhor da Roda Viva. Paulo Markun (org). São Paulo: Cultura, 2005.

OLIVEIRA, Cláudio. **Literatura (e) Psicanálise: (Dep. de Filosofia; Especialização em Psicanálise e Laço Social, UFF) e Eduardo Vidal (Escola Letra Freudiana)**. Colóquio do

programa de pós-Graduação de Ciências da literatura, Rio de Janeiro. 2005.
<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/entrelugares/baixado> em 18 de março de 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAGÈS, M. *et al.*. **O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos**. Tradução de Maria Cecília Pereira Tavares e Sônia Simas Favati. São Paulo: Atlas, 1987.

PAULA, Patrícia Pinto. **Saúde mental na atenção básica: política, trabalho e subjetividade**. 203 f. Tese de Psicologia pela UnB, 2011.

PASSERON, René. Por uma poianálise. In **Correio da APPOA**. Psicanálise e ato criativo. Porto Alegre, ano IX, (78), abr. 2000.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. **Escrever rima com sofrer ou com prazer?**

PEREIRA, Janice Aparecida de Souza. **Prazer-sofrimento na atividade gerencial de uma empresa estratégica: impacto dos valores organizacionais**. 135 f. Dissertação de Mestrado em Psicoplogia, Unb, 2003.

PEREIRA, Sulena Werneck. **Desamparo e sublimação: uma proposta matapsiquicológica**. Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. 2007

PEREIRA. , João A. Frayze- Freud e a arte. **Revista Cult**, edição 101.
<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/freud-e-a-arte/baixado> em 23 de julho de 2012.

PERES, Fabio de Faria, BODSTEIN, Regina, RAMOS, Célia Leitão *et al.*. Lazer, esporte e cultura na agenda local: a experiência de promoção da saúde em Manguinhos. **Ciênc. Saúde Coletiva**, jul./set. 2005, vol.10, nº .3, p. 757-769. ISSN 1413-8123.

PESSOA, Fernando. **Autopsicografia in obra poética**. Biblioteca Luso-Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 164.

PEYON, Eduardo Rodrigues. **Poesia, psicanálise e a construção do conhecimento: reverberações**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: 2008.

PINHEIRO, Teresa. **A Arte da sublimação**. <http://psiqueativa.blogspot.com.br/2009/06/arte-da-sublimacao.html>. baixado em 25 de outubro de 2011.

PINTO, Manuel da Costa. **Literatura Brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2ed 2010.

PIRES, Roseli Vieira. **Eu suporto tudo só para me sentir artista** As vivências dos profissionais de uma companhia de teatro em relação ao seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

POLATO, T. H. P. **Por um lazer potencialmente transformador: um estudo sobre as apropriações conceituais do lazer**. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____ **Por um lazer potencialmente transformador: um estudo sobre as apropriações conceituais do lazer**. Tese de livre-docência – Unicamp - Campinas, SP: (s.n.), 2004.

- POUND, Ezra. **ABC da literatura**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer História: revelações, subversões, superações**. Campinas: Alínea, 2007.
- QUINTANA, Mario **Cadernos de Literatura Brasileira**. Salles literatura. (2009).
- RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Carta a Aninha-Cora Coralina**. Goiânia: 2. ed. UCG, 2006.
- _____. **Cora Coralina: a metafísica do contato com o cotidiano**. **Revista Goiana de Artes**, Goiânia: v.4n. 2, 1983.
- REGO, Vitor Barros. **Organização do trabalho e vivências de prazer e de sofrimento em profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva: um estudo comparativo entre hospitais com e sem certificado de qualidade**. 130 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2009.
- RESENDE, Sônia. **Prazer-sofrimento no trabalho bancário: impacto dos valores individuais e de variáveis demográficas**. 130 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2003.
- REIS, Alexandre H **A vida imortal do escritor**. Goiânia: O Popular, (2007).
- REY, F. L.G. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.
- REY, F. L.G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.
- REY, Jean Michel. **O nascimento da poesia: Antonin Artaud**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- RIBEIRO, Nívia Chaves. **O trabalho das prostitutas que residem em casas noturnas: uma abordagem Psicodinâmica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2010.
- RIBEIRO, M. A. Estratégias micropolíticas para lidar com o desemprego: contribuições da Psicologia Social e do Trabalho. **Revista de Psicologia Política**, 9 (18), 331-346, 2009.
- RIBEIRO, M. A.; UVALDO, M. Possibilidades identitárias em um mundo do trabalho flexibilizado. **Revista Polis e Psique**, 1 (1), 55-79, 2011.
- RICOEUR, P. **Parcours de la reconnaissance**. Paris: Stock, 2004.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. **Elegias do Duíno**. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, p. 3.
- RIVERA, Tânia. **Arte e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- ROCHA, Sandra Regina Ayres. **O pior é não ter mais profissão, bate uma tristeza profunda: sofrimento, distúrbios osteomulculares relacionados ao trabalho e depressão em bancários**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Angústia pânico e desamparo. Uma contribuição de Freud à psicopatologia. **TRIEB Nova série-psicanálise Agora**-Vol.VII (no 1 e 2), e 21, 13-27, junho/dezembro, 2008.

ROMERO, Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos. **História da literatura brasileira** (Edição comemorativa). Organização Luiz Antônio Barreto. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 2v.

ROSSI, Elisabeth Zulmira. Método de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho. In: ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeirno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROSSI, Elisabeth Zulmira. **Reabilitação e reinserção no trabalho de bancários portadores de LER/DORT: Análise Psicodinâmica**. 2008. 270 f. Tese de Doutorado em Psicologia pela UnB, 2008.

RUTHERFORD, J.(org). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

SABATO, Ernesto. **O escritor e seus fantasmas**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SAMPAIO, J. R., Psicologia do Trabalho em três faces In: GOULLART, I. B.; SAMPAIO, **Psicologia do Trabalho e Gestão de Recursos Humanos: Estudos contemporâneos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SANTOS JÚNIOR, Adalberto Vital dos. **Prazer e estratégias de mediação do sofrimento no trabalho em saúde mental em um centro de atenção psicossocial do Distrito Federal**. 179 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2009.

SANTOS, Elise A. **O trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva Psicodinâmica**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008.

_____; MACÊDO, Kátia Barbosa. O trabalho dos bailarinos profissionais de uma companhia de dança contemporânea: uma perspectiva Psicodinâmica. In: MACÊDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2010.

_____. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, n.1, fev./jul., 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Trad. de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1999.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; Almeida, Cristóvão e Guindani, Domingos de Joel Felipe. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009. www.rbhcs.com. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas

SCHULTZ, Duane P. ; SCHULTZ, Sidney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1981.

SCHWARTZ, Adriano (org.). **Memórias do presente: 100 entrevistas do “Mais”: 1992-2002: Conhecimento das artes**. São Paulo: Publifolha, 2003.

SCLIAR, Moacyr. In: CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. Cosac & Naify. São Paulo: 2002, 24.

SEGABINAZZI, C. **Identidade e trabalho na sociedade capitalista**. Rio Virtual Textos e Contextos. Porto Alegre, n. 7, ano VI, jul. 2007.

SEGAL, Hanna. Freud e arte. In: _____. **Sonho, fantasia e arte**. Tradução de Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SEGNINI, Liliana R. P. CBO – Classificação Brasileira de Ocupações: por quê? para quê? **Com Ciência**, Revista eletrônica de jornalismo científico, Campinas, v. 54, p. 01-15, 2004.

SELIGMANN S. E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

SELIGMANN-SILVA, E. **Saúde mental e trabalho, Escola de Administração de Empresas de São Paulo**, São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

SILVA, Kássia Kely Gomes. **O trabalho para o atleta profissional de futebol: uma perspectiva Psicodinâmica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2010.

SILVA, Kássia Kely Gomes. O trabalho para os atletas profissionais de futebol: uma análise Psicodinâmica. In: MACÊDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: PUC Goiás, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: 2000.

SMIERS, Jost. Artes sob pressão. **Democracia cultural**, 3. Ed. Inst. Pensante Sociedade, UFBA, v. 7, n. 17, p. 137-143, 2000.

SILVA, Rogério Rodrigues Da. **Profissão pastor: prazer e sofrimento**. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais. 190 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2003.

SOUSA, Cleide Maria. **A dinâmica prazer-sofrimento na ocupação de Catadores de material reciclável: estudo com duas cooperativas do Distrito Federal**. 116 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia, UnB, 2007.

SOUSA, Edson Luiz André. Totumcalmum. A condição de exílio da escrita. **In Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SOUZA, Eneida Maria. Madame Bovary somos nós. **In: Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Org. Giovanna Bartucci. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

SOUZA, Lúcia Kratz. **As vivências dos designers de moda em relação ao seu trabalho: uma abordagem psicodinâmica**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

SOUZA, Roberto Acízelo. "**Perspectiva Científica**". In: SOUZA, Roberto Acízelo *Formação da teoria da literatura*. Niterói: Editora Universitária, 1987. p. 56-124.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Cortez, São Paulo: SP, 1999.

STEEN, Edla Van. **Viver & Escrever**. Depoimentos de grandes escritores brasileiros. Porto Alegre: LP&M, 2008.

Sznelwar, Laerte e MASCIA, Fausto Leopoldo. Trabalho, **Tecnologia e Organização: avaliação do trabalho submetida à prova do real**. São Paulo: Blucher, 2008.

Taylor, C. **Philosophical Arguments**. Harvard University Press: Cambridge, 1997.

TELES Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Ed. UCG, 2007.

_____. **A cidade do ócio**. Goiânia: Kelps, 2010.

TFOUNI(ORG). Leda Verdiani. Múltiplas faces da tutoria. **Análise do discurso, Psicanálise, literatura, modernidade e enunciação**. Ijuí: Unijui, 2008.

TOMAZINI, Talita. **As vivências dos trabalhadores de um Shopping Center em relação ao seu trabalho**: uma abordagem Psicodinâmica. Dissertação de Mestrado em Psicologia pela PUC-GO, 2009.

_____. Os trabalhadores de um *shopping center*: o prazer e o sofrer por detrás da vitrine. In: MACÊDO, Kátia Barbosa (Org.). **O trabalho de quem faz arte e diverte os outros**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2010.

TONELLI. M. J. A vida na terra. **RAE Light**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 8-12, abr./jun., 2001

TOURAINÉ, A. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRIGO, G. G. **Entretenimento**. Uma crítica aberta. São Paulo: SENAC, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. 4. ed., São Paulo: Atlas, 1994.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, F. C. de; KIRSCHBAUM C. **A arte da inovação**. Rio de Janeiro: GV - Executivo, 2005.

VEIGA, J.J. In: CHIODETTO, Eder. **O lugar do escritor**. Cosac & Naify. São Paulo: 2002, p. 34.

VERÍSSIMO, J. **História da literatura brasileira**. 1ª edição 1916. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1963.

VIEIRA, A. P. **Prazer, Sofrimento e Saúde no Trabalho de Teletendimento**. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

VIEIRA, Roseli. **Os sentidos do trabalho para os atores de teatro: uma abordagem Psicodinâmica**. Tese de Doutorado em Psicologia pela PUC-GO, 2011.

WILLEMART. Philipp. **Os processos de criação na escritura, na arte e na Psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

YIN, Robert. **Estudo de casos: planejamento e métodos**. São Paulo: Bookmann. 2001.

ZANELLI et.al. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZAVATTARO, Hely Aparecida e BENZONI Paulo Eduardo. **A relação do homem com o trabalho e as organizações**. Texto desenvolvido com o envolvimento e participação dos docentes da área de Psicologia organizacional para as disciplinas de Psicologia organizacional I e II DA UNIP.

ANEXOS

Apêndice A Carta-convite



Goiânia, 23 de junho de 2010.

Sr.

Presidente da União Brasileira de Escritores – UBE -GO

Prezado Senhor Edival Lourenço,

Apresento o projeto de pesquisa: AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA (anexo), de autoria de Marcos Bueno, professor do curso de Administração do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás - UFG, orientado pela Prof. Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, com o objetivo de convidar a UBE-GO para participar da referida pesquisa com campo de pesquisa. O referido projeto está cadastrado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em que sou professora e pesquisadora há dezoito anos.

Caso haja aceitação do convite, é importante comentar que se espera que a UBE-GO forneça informações acerca dos dados de seus escritores para compormos a amostra a ser entrevistada.

É importante salientar que os resultados serão apresentados em primeira versão para as organizações participantes, que terão seu nome divulgado apenas se houver autorização expressa para tal, e que serão resguardados todos os princípios éticos na relação entre equipe de pesquisadores e organização pesquisada.

Aguardando um pronunciamento de sua parte, antecipo agradecimentos.

Atenciosamente,

Doutorando
Marcos Bueno

Prof^a. Dr^a. Kátia Barbosa Macêdo
Coordenadora do Projeto

De acordo _____ em ____/____/_____.



Apêndice B Termo de Consentimento Livre e esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final desse documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você poder procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC Goiás pelos telefones (62)3946-1071.

Informações sobre a pesquisa:

Título do Projeto: AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA

Pesquisador Responsável: Marcos Bueno

Telefone para contato: 64 3442-3148

Pesquisadores participantes: Marcos Bueno

Telefones para contato: 64 3442-3148

A pesquisa prevê entrevistar sete (07) escritores filiados a UBE-GO. O presente projeto tem como objetivo pesquisar o trabalho e o processo de criação do escritor literário, partindo de uma abordagem Psicodinâmica. Participarão escritores associados a UBE-GO. O desenvolvimento desse trabalho constituiu-se em um leque de indagações referentes ao processo do trabalho dos escritores literários, e a compreensão da subjetividade existente entre o sofrimento psíquico e o prazer vivenciado por esses trabalhadores, visando identificar qual a relação entre trabalho e saúde mental dos trabalhadores da literatura.

Objetivo geral é Analisar as vivências dos escritores literários em relação ao seu trabalho e ao processo criativo, a partir da Psicodinâmica do Trabalho.

Objetivos específicos

Analisar a organização do trabalho literário;

Analisar as vivências dos trabalhadores literários em relação às condições e relações de trabalho;

Descrever o processo criativo do escritor literário

Avaliar as vivências de prazer e de sofrimento;

Levantar dados sobre quais as estratégias de enfrentamento do sofrimento é utilizado pelos trabalhadores de literatura.

Os procedimentos de coleta de informações serão por meio de entrevista individual conforme questionário semiestruturado para ser aplicado a sete escritores da UBE-GO.

Os riscos apesar de serem mínimos, caso ocorram, tais como: algum desconforto psicológico ou algum constrangimento decorrente da entrevista o pesquisador e o Departamento de Psicologia da PUC-Goiás por meio do Centro de Atendimento Psicológico da PUC - Goiás se coloca a disposição dos sujeitos.

No caso de possibilidade de ocorrer formas de indenização ou ressarcimento de despesas, essas deverão seguir o trâmite das leis em vigor no Brasil e o pesquisado acatará as decisões judiciais.

Os benefícios decorrentes dessa pesquisa por ser pioneira em Goiás e no Brasil vão gerar conhecimentos sobre as condições de trabalho e o processo de criação dos escritores e ao final a produção de um livro sobre a tese.

Atualmente não há procedimentos conhecidos, intervenções, tratamentos ou métodos alternativos aplicados nesse segmento por ser ainda pouco pesquisado.

O período de participação na pesquisa: consta de uma entrevista individual no mês de janeiro/11 e três coletivas no período de fevereiro a abril/11 com sete (07) escritores filiados à UBE-GO, e o sigilo está garantido e com o direito dos participantes em se retirar da pesquisa a qualquer tempo sem prejuízo dos mesmos.

Atividades que o sujeito realizará: Os sujeitos entrevistados vão realizar apenas uma atividade, isto é serão convidados a responder as questões conforme modelo em anexo no Roteiro de Entrevista pag.69.

- Nome do pesquisador: Marcos Bueno
- Assinatura do pesquisador: _____
- Data:25/09/2010



Apêndice C Consentimento para entrevista

Eu, Marcos Bueno, doutorando do curso de Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, núcleo de estudos Psicossociológicos, orientado pela Professora Prof. Dr^a Kátia Barbosa Macêdo, convido-o (a) a participar da pesquisa “AS VIVÊNCIAS DOS ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA” como entrevistado. Visando a sua devida informação e esclarecimento sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, informo que lhe é garantido que pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem e que isto me cause qualquer prejuízo.

O referido projeto está cadastrado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em que sou professora e pesquisadora há dezoito anos, e também recebe financiamento parcial do CNPq em forma de bolsas de iniciação científica. Seu objetivo é o de levantar dados sobre a Psicodinâmica do Trabalho dos ESCRITORES LITERÁRIOS EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO: UMA ABORDAGEM PSICODINÂMICA e levantar sua percepção sobre seu papel como artista.

Todas as informações analisadas com o preenchimento do questionário virtual serão utilizadas unicamente para o presente projeto de pesquisa e posterior publicação, sendo que seus dados de identificação serão preservados. A participação voluntária consistirá unicamente no preenchimento do questionário com informações verdadeiras. Dessa forma, a participação nessa pesquisa não oferece nenhum risco legal e moral, como também não acarretando qualquer despesa aos participantes desse projeto.

Os dados propostos com o preenchimento do questionário serão analisados, e estarão à disposição dos participantes desse estudo, após a conclusão do mesmo.

Para tanto o presente estudo utilizando como instrumento a entrevista individual, gravada e/ou filmada, como também dos dados de identificação no campo de validação e desse termo de consentimento livre e esclarecido, que deverá estar devidamente preenchido.

Contatos para qualquer esclarecimento à pesquisa com a orientadora do estudo – Telefone: 62-9611-1155 ou email: mlbueno@gmail.com ou (64)9949-1999.

Responsáveis pela pesquisa:

Orientadora: Kátia Barbosa Macêdo

Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (1985), Mestre em Master En Psicología Aplicada a Las Organizaciones - Escuela de Administración de Empresas de Barcelona (1988), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1994) e Doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Atualmente é professora titular, atuando na Graduação dos cursos de administração e Psicologia e no Mestrado e Doutorado de Psicologia da Universidade Católica de Goiás. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Fatores Humanos no Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: organizações, trabalho, Psicologia social, cultura e gestão ambiental.

Pesquisador: Prof. Msc. Marcos Bueno

Graduado em Psicologia pela Universidade Guarulhos/SP (1980), Especialista em Administração Pública pela Fundação Getulio Vargas (1988), Especialista em Administração: criatividade, inovação e oportunidade de negócios pela Universidade Federal de Uberlândia em convênio internacional com a Université Du Quebec a Trois Rivières/ Canadá, Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2002), Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2010). Professor e coordenador de Curso de Pós-Graduação em Gestão de Pessoas e Marketing na Universidade Federal de Goiás - UFG/CAC. Professor há mais de 20 anos na Graduação e pós-Graduação em Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas. Experiência na área de Psicologia clínica organizacional e educacional, com ênfase em Fatores Humanos no Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: organizações, trabalho, comportamento, cultura organizacional, gestão da qualidade e ambiental, consultor de Recursos Humanos, Auditor Líder pela ABNT/INMETRO/Stat-a-Matrix.

Apêndice D Termo de consentimento da participação da pessoa como entrevistado



Departamento de Psicologia
Núcleo de Estudos Psicossociológicos

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO ENTREVISTADO

Eu, _____, RG nº. _____ CPF nº. _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo / pesquisa “As vivências no trabalho dos escritores literários: uma abordagem Psicodinâmica”, como entrevistado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Marcos Bueno sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem e que isto me cause qualquer prejuízo.

Local/data: _____

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar:

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Observações complementares:.....

Apêndice D Termo de autorização para gravação das entrevistas individuais e coletivas da participação da pessoa comoentrevistado



Pontifícia Universidade Católica de Goiás PUC Goiás
Departamento de Psicologia
Núcleo de Estudos Psicossociológicos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMOENTREVISTADO

Eu, _____, RG nº. _____ CPF nº. _____, abaixo assinado, concordo em Autorizar a gravação da entrevista no estudo / pesquisa “As vivências no trabalho dos escritores literários: uma abordagem Psicodinâmica”, como entrevistado. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Marcos Bueno sobre a pesquisa, os procedimentos da gravação, transcrição e armazenagem de dados nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem e que isto me cause qualquer prejuízo.

Local/data: _____

Nome do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar:

Testemunhas (não ligada à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Observações complementares:

Contatos para qualquer esclarecimento à pesquisa com a orientadora do estudo –
Telefone: 62-9611-1155 ou email: mlbueno@gmail.com ou (64)9949-1999.

Apêndice E Roteiro de entrevista

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA – PUC GOIÁS
DOUTORADO EM PSICOLOGIA –2010
FORMULÁRIO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Título: As vivências dos escritores literários em seu trabalho: uma abordagem Psicodinâmica

Orientadora: Profa Dr^a Kátia Barbosa Macêdo

Orientando: Marcos Bueno

Apêndice roteiro geral de entrevista: semiestruturada individual

Trajetória profissional – constituição da vida do profissional

Identificação

Nome:.....

Idade:.....3- sexo: m()f ()

Tempo de trabalho como escritor literário:.....

Formação escolar:.....

Tempo como membro da UBE-GO:.....

Categoria 1: Constituição da vida –Trajetória profissional

- 1- Qual a sua profissão? Você poderia falar um pouco mais sobre a ube? Sobre reuniões, encontros, lançamento de livros, como é o comparecimento dos escritores nesses eventos.
- 2- Como você percebe o trabalho coletivo do escritor? Ele sempre escreve e produz sozinho ou em determinadas situações esse processo de criação e de produção é coletivo? Na sua percepção o escritor é um solitário ou ele vive e convive mais coletivamente?
- 3- Você vê relação de sua profissão com a arte? Você se sente um artista?
- 4- Você se encontra com outros escritores? Quando? Em que? Como? Você frequenta reunião de escritores? Com quem?
- 5- Como você avalia a UBE como uma organização? Mesmo o escritor trabalhando e produzindo mais solitário, deve haver momentos de relações com outras pessoas, colegas, escritores. Poderia comentar?

- 6- Em sua opinião o trabalho do escritor precisa de técnica? O escritor precisa de uma divisão de tarefas, hierarquia, comando, relações de poder e de responsabilidade para produzir? Precisa de horários e ritmos de trabalho e pausas?
- 7- O seu trabalho como escritor mobiliza as relações sociais?
- 8- O que é literatura para você? Desde quando sente vontade de escrever até conseguir fazer ou produzir? Como você se sente quando não consegue produzir o que você planejou? Sente medo ao não conseguir atingir o que tinha previsto?
- 4- Quando você pensa na profissão de escritor o que sente?
- 5- Por que escolheu essa profissão? Por que trabalhar com literatura?
- 6- Você tinha algum tipo de contato com a literatura antes de se torna escritor? Como ocorreu?

Categoria: 2 – Identidade

- 7- Como você define o mercado profissional do escritor literário?
- 8- quais características são mais importantes para que se tenha sucesso profissional na sua área de trabalho?
- 9- Você se identifica com algum profissional da literatura? Se sim, como ele influencia o seu trabalho?
- 10- O que lhe faria sentir reconhecido profissionalmente?
- 11- Qual a importância do seu trabalho para a sociedade?

Roteiro de entrevista parte 2

Sobre o processo criativo

Categoria 3: Arte como processo criativo

- 12- Você considera a literatura um tipo de arte?
- 13- O que é arte para você?
- 14- Você pode descrever como ocorre o processo o seu processo criativo?
- 15- como você trabalha?
- 16- você sente que tem liberdade para fazer o seu trabalho?
- 17- As pessoas reconhecem o valor do seu trabalho?

Categoria 4: organização do trabalho

Organização do trabalho/ relações de trabalho

- 18- Como é trabalhar com literatura? Quais as dificuldades e facilidades?
- 19- No trabalho como escritor literário, o que você sente?

Condições de trabalho

- 20- Como é o seu local de trabalho?
- 21- você acredita que existe sobrecarga de trabalho na profissão de escritor literário?
- 22- você sente cansaço ou fadiga por causa do trabalho? Por quê?
- 23- Como é seu horário de trabalho? Você tira férias?
- 24- Como você organiza seu tempo para trabalhar?
- 25- O escritor literário precisa viajar? Se sim, por que e qual frequência?
- 26- Como sua família irá reagir em relação ao seu trabalho

Categoria 5: mobilização subjetiva do trabalho**5.1- prazer no trabalho**

- 27- O que seu trabalho significa para você?
- 28- O que você mais gosta no seu trabalho?
- 29- Você acha que seu trabalho é importante? Por quê? Para quem?

5.2- sofrimento no trabalho/ estratégias defensivas (sublimação como estratégias defensivas e de enfrentamento)

- 30- Quais as dificuldades que você encontra para exercer o seu trabalho?
- 31- Você se sente ou se sentiu cansado ou fadigado por causa do trabalho? Como percebe esse cansaço?
- 32- Você acha que o trabalho de escritor literário pode levar a algum tipo de adoecimento? Qual?
- 33- Qual o tempo que você acredita que teria ter para a família e lazer? E é suficiente para vocês?
- 34- Você se sente inseguro ou com medo de fracassar na realização seu trabalho literário? Por quê?
- 35- Você se sente seguro (com estabilidade) em trabalhar como escritor literário? Por quê?
- 36- O que do seu trabalho poderá lhe trazer de sofrimento? Ou prazer?
- 37- Você gostaria de dizer alguma coisa que eu não perguntei?

Pauta da reunião devolutiva

Espaço público de discussão coletiva

Título: As Vivências dos Escritores Literários em relação ao seu Trabalho: uma análise Psicodinâmica

Data: 27 e 28 de março de 2012

Horário das reuniões do EDC: das 16 às 18h

Encontros: tivemos quatro encontros de, aproximadamente, duas horas cada

Local: sede da UBE-GO, Goiânia/GO.

Agenda das reuniões do espaço público de discussão coletiva com os escritores

Reunião	Dia	Hora	Local	Tema
Primeira	27/03/12	15h*	Sede da UBE	Identidade e Arte
Segunda	27/03/12	18h*	Sede da UBE	Organização do Trabalho do escritor.
Única	28/03/12	11h	Instituto Cultural Bariani Ortêncio	Identidade e arte. Organização do Trabalho do escritor. Vivências de Prazer e Sofrimento do escritor e Estratégias de Enfrentamento.
Terceira Quarta	28/03/12 28/03/12	15h* 17h	Sede da UBE	Vivências de Prazer e Sofrimento do escritor e Estratégias de Enfrentamento.
Encerramento	28/03/12	18:30h	Sede da UBE	Fechamento das discussões

Local da pesquisa e dos encontros (EDC): União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás (UBE-GO), à Rua 21 n.º 262, Centro, em Goiânia, tel. (62) (062) 3225-7402 - FAX: (062) 3224 -7400.

Contatos: ubegoias@gmail.com

Presidente: Edival Lourenço edivallourenco@gmail.com

Pesquisador: Marcos Bueno – doutorando da PUC-GO/professor na UFG –(64) 9949-1999 – mlbueno@gmail.com – Orientadora Prof.Dra. Kátia Barbosa Macêdo, PUC-Goiás.

Pesquisador assistente: Sólon Bevilacqua – doutorando da PUC-GO/professor na UFG/CAC, "Sólon Bevilacqua" <solbev@gmail.com>>, fone (64) 8145-5976.